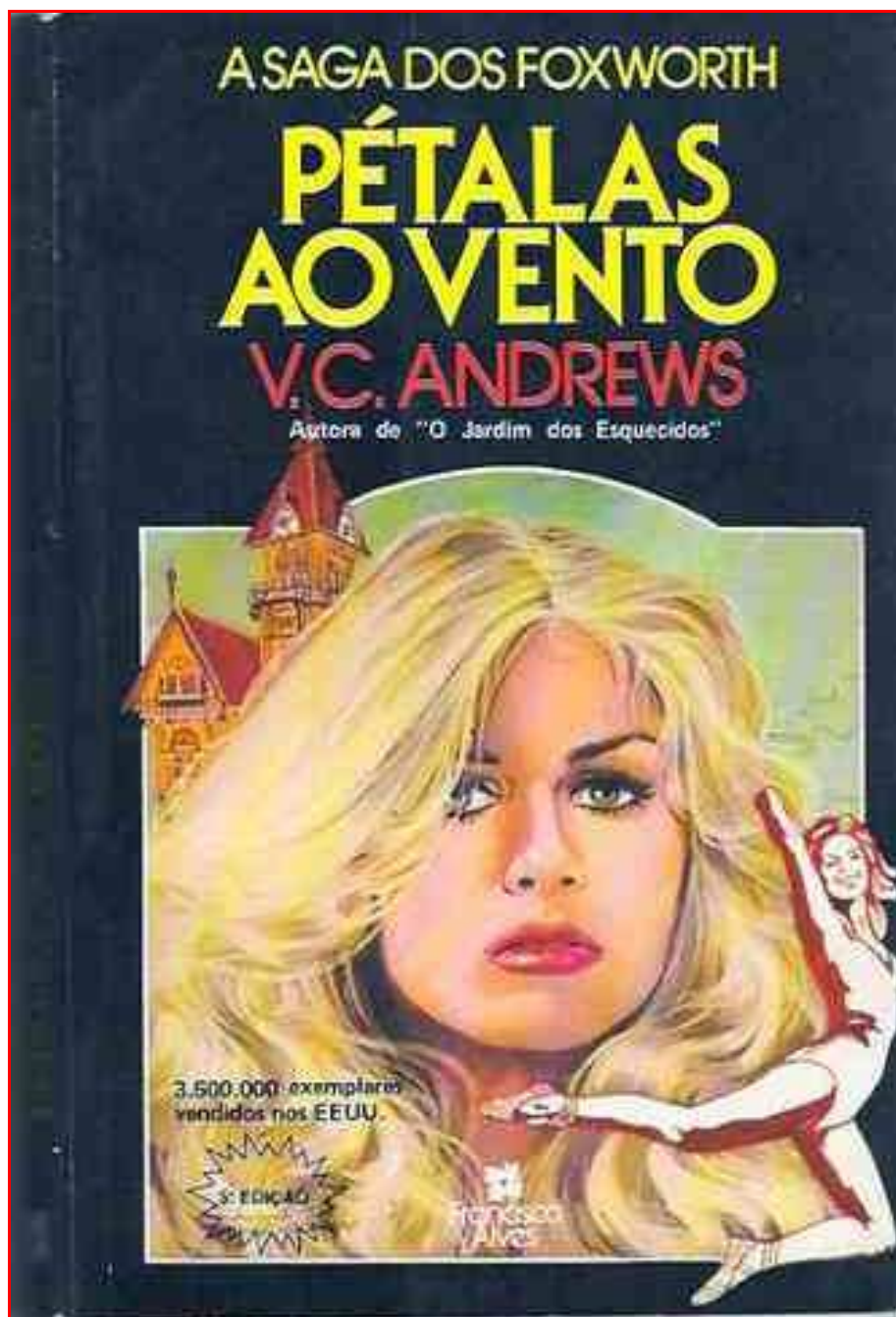




A SAGA DOS FOXWORTH 2 PÉTALAS AO VENTO

V. C. ANDREWS

<http://groups.google.com/group/digitalsource>





PRIMEIRA PARTE

Livres, afinal!

Como éramos jovens no dia em que fugimos! Como nos deveríamos sentir exuberantes por estarmos livres, finalmente, de um lugar tão sombrio, solitário e abafado! Quão lamentavelmente satisfeitos deveríamos estar por viajarmos num ônibus que rumava vagarosamente para o sul! Entretanto, se estávamos alegres, não o demonstrávamos. Ficamos os três calados, pálidos, olhando pelas janelas, muito amedrontados por tudo que víamos.

Livres! Haveria palavra mais maravilhosa que esta? Não, mesmo que as mãos frias e esqueléticas da morte se estendessem para arrastar-nos de volta, caso Deus não estivesse em algum lugar lá em cima, ou talvez até no interior do ônibus, viajando conosco e zelando por nós. Em alguma época de nossa vida tínhamos que acreditar em alguém.

As horas se passaram com os quilômetros. Nossos nervos se tornaram sensíveis porque o ônibus fazia freqüentes paradas para embarcar e desembarcar passageiros. Fazia paradas para descanso, para o café da manhã e, então, para embarcar uma enorme senhora preta que o aguardava no ponto em que uma estrada de terra desembocava no piso de concreto da rodovia interestadual. A mulher levou uma eternidade para subir no ônibus e, depois, puxar para dentro as muitas trouxas que trazia consigo. Quando, afinal, ela se sentou numa poltrona, cruzamos o limite estadual entre a Virgínia e a Carolina do Norte.

Oh! Que alívio sairmos do estado onde fôramos prisioneiros! Pela primeira vez em muitos anos, comecei a relaxar um pouco. Éramos os três passageiros mais jovens no ônibus. Chris tinha dezessete anos, notavelmente bonito, com cabelos longos e ondulados que lhe tapavam os ombros e se curvavam para cima. Seus olhos azuis orlados por cílios escuros rivalizavam com a cor do céu de verão e sua personalidade era como um cálido dia ensolarado; tinha no rosto uma expressão corajosa, a despeito de nossa situação desanimadora. O nariz reto e de conformação fina adquirira força e maturidade que prometiam fazer dele tudo o que nosso pai fora: o tipo de homem que fazia o coração de todas as mulheres palpar quando ele as olhava, e mesmo quando não olhava. Tinha uma expressão confiante; parecia quase feliz. Se ele não olhasse para Carrie, poderia até mesmo ser feliz. Entretanto, quando lhe viu o rosto pálido e doentio, franziu a testa e seus olhos se toldaram de preocupação. Começou a dedilhar o violão que trazia a tiracolo. Chris tocou “Oh, Suzana”, cantando baixinho numa voz doce e melancólica que me tocou o coração. Entreolhando-nos, entristecemos-nos com as lembranças evocadas pela melodia. Éramos como um só, ele e eu. Não podia fitá-lo por muito tempo, pois tinha medo de chorar.

Encolhida em meu colo, estava minha irmãzinha. Não aparentava mais que três anos, tão miúda, tão penosamente miúda e enfraquecida, embora já tivesse oito. Em seus grandes olhos azuis, marcados por olheiras, havia mais sofrimentos e segredos sombrios do que uma criança de sua idade deveria conhecer. Os olhos de Carrie eram idosos, muito idosos. Ela nada esperava: nem felicidade, nem amor, nada, pois tudo o que houvera de maravilhoso em sua vida lhe fora tomado. Enfraquecida pela apatia, parecia disposta a passar da vida para a morte. Magoava-me vê-la tão sozinha, tão terrivelmente solitária, agora que Cory se fora.

Eu tinha quinze anos. Estávamos em novembro de 1960. Eu queria tudo, precisava de tudo, e sentia um medo horrível de que jamais em minha vida conseguisse encontrar o bastante para compensar tudo o que perdera. Sentia-me tensa, pronta para gritar se mais alguma coisa ruim acontecesse. Como um estopim enrolado e ligado a uma bomba-relógio, sabia que mais cedo ou mais tarde eu explodiria e derrubaria todos os que viviam em Foxworth Hall!

Chris pousou a mão na minha, como se pudesse ler-me os pensamentos e soubesse que eu já planejava o modo de trazer o inferno a todos os que nos tinham tentado destruir. Disse em voz baixa:

— Não fique assim, Cathy. Tudo dará certo. Estaremos bem.

Continuava a ser o eterno e incorrigível otimista, acreditando, a despeito de tudo, que as coisas que aconteciam só podiam ser para o melhor? Oh! Deus! Como podia ele pensar assim quando Cory estava morto? Como isso poderia ser para o melhor?

— Cathy — sussurrou. — Precisamos aproveitar ao máximo o que nos resta, isto é, um ao outro. Temos que aceitar o que aconteceu e partirmos daí. Temos que acreditar em nós mesmos, em nossos talentos; se acreditarmos, havemos de conseguir o que desejamos. É assim que funciona, Cathy, pode crer. Tem que dar certo!

Ele desejava ser um médico insípido e sério, que passava os dias em consultórios, cercado pelas misérias humanas. Eu desejava algo muito mais fantasioso... e uma montanha disso! Queria realizar todos os meus sonhos estrelados de amor e romance no palco, onde eu seria a “*prima ballerina*” mais famosa do mundo; nada menos que isso me satisfaria! Isso mostraria a Mamãe!

Maldita seja, Mamãe! Espero que Foxworth Hall queime até os alicerces! Espero que você jamais consiga dormir uma noite tranqüila naquela grandiosa cama de cisne; nunca mais! Espero que seu jovem marido arranje uma amante mais jovem e bonita que você! Espero que ele lhe dê o inferno que você merece!

Carrie virou-se para murmurar:

— Cathy, não me sinto bem... Estou com uma coisa engraçada no estômago...

Fui dominada pelo medo. O rostinho miúdo de minha irmã parecia doentivamente pálido; seus cabelos, antes sedosos e brilhantes, escorriam em mechas sem vida. Sua voz estava reduzida a um débil sussurro.

— Querida, querida — reconfortei-a, beijando-a. — Agüente firme. Logo nós a levaremos a um médico. Não demoraremos a chegar à Flórida e lá nunca mais ficaremos trancados.

Carrie relaxou em meus braços, enquanto eu olhava desoladamente para o musgo espanhol pendente das árvores que indicava encontrarmos agora na Carolina do Norte. Ainda tínhamos que atravessar a Geórgia. Seria uma longa viagem até chegarmos a Sarasota. Carrie teve um sobressalto violento, passando a engasgar-se e ter ânsias de vômitos.

Precavidamente, eu enchera os bolsos de guardanapos em nossa última parada, de modo que pude limpar Carrie. Passei-a para os braços de Chris, de modo a poder ajoelhar-me no chão do ônibus e limpar o resto. Chris escorregou pelo assento até a janela e tentou abri-la a fim de jogar fora os guardanapos sujos. Por mais força que ele usasse para puxá-la e empurrá-la a janela não se moveu. Carrie começou a chorar.

— Enfie os guardanapos no espaço entre a poltrona e a parede do ônibus — sussurrou Chris.

Mas o atento motorista devia estar observando pelo retrovisor, pois gritou:

— Vocês aí atrás, garotos! Livrem-se dessa porcaria de outra maneira!

Que outra maneira poderia haver senão esvaziar o estojo da máquina Polaroid de Chris, que eu estava usando como bolsa, e enfiar nele os fedorentos guardanapos?

— Desculpem-me — soluçou Carrie, desesperadamente agarrada a Chris. — Eu não queria vomitar. Agora, vamos para a cadeia?

— Não, claro que não — disse Chris com seu jeito paternal. — Em menos de duas horas estaremos na Flórida. Tente agüentar firme até lá. Se saltarmos agora, perderemos o dinheiro que pagamos pelas passagens e não temos muito para desperdiçar.

Carrie começou a choramingar e tremer. Apalpei-lhe a testa: estava úmida. Agora, o rosto não estava apenas pálido, mas branco! Como o de Cory antes de morrer.

Orei a Deus para que, pelo menos uma vez, tivesse piedade de nós. Já não suportáramos o suficiente? Aquilo precisava continuar, interminavelmente? Enquanto eu hesitava, sentindo também um melindroso desejo de vomitar, Carrie começou tudo outra vez. Eu simplesmente não podia acreditar que ela ainda tivesse dentro de si algo para vomitar. Apoiei-me de encontro a Chris enquanto Carrie ficou inerte nos braços dele, parecendo estar angustiosamente próxima da inconsciência.

— Creio que ela está entrando em estado de choque — sussurrou Chris, quase tão pálido quanto Carrie.

Foi quando um passageiro mesquinho e sem coração começou a reclamar em altos brados, de modo que os mais bondosos pareciam embaraçados e indecisos quanto ao que fazer para ajudar-nos. O olhar de Chris procurou o meu, numa indagação muda: “*que fazer em seguida?*”

Eu começava a entrar em pânico. Então, ao longo do corredor, balançando de um lado para outro ao avançar em nossa direção, surgiu a enorme mulher negra, exibindo um sorriso reconfortante. Trouxe sacos de papel e os segurou enquanto eu jogava dentro deles os malcheirosos guardanapos. Com gestos, mas sem palavras, deu-me palmadinhas no ombro. Acariciou o queixo de Carrie e entregou-me um punhado de trapos tirados de uma das suas trouxas.

— Muito obrigada — murmurei, sorrindo desajeitadamente enquanto me limpava da melhor maneira possível.

Depois fiz o mesmo com Carrie e Chris. A mulher pegou os trapos, enfiou os num saco de papel e recuou um pouco, como se para proteger-nos.

Cheia de gratidão sorri para a mulher imensamente gorda que enchia o corredor do ônibus com seu corpanzil coberto pelo berrante vestido estampado. Ela piscou para mim e sorriu também.

— Cathy — disse Chris, parecendo ainda mais preocupado que antes. — Precisamos levar Carrie a um médico, e depressa!

— Mas pagamos a passagem até Sarasota!

— Eu sei. Mas trata-se de uma emergência!

A nossa benfeitora sorriu animadoramente e depois debruçou-se para examinar o rosto de Carrie. Pousou a grande mão preta na testa úmida da menina e depois tomou-lhe o pulso. Fez com as mãos alguns gestos que me intrigaram, mas Chris disse:

— Creio que ela é muda, Cathy. Esses são gestos usados pelos surdos-mudos.

Sacudi os ombros, para indicar que não a compreendia. Ela franziu a testa e depois tirou do bolso sob o pesado suéter vermelha um bloco de folhas de papel multicolor. Rabiscou muito depressa um bilhete que me entregou em seguida. Escrevera: “*Meu nome é Henrietta Beech. Posso ouvir, mas não falar. A menininha está muito doente mesmo e precisa de um bom médico.*”

Li o bilhete e tornei a olhar para ela, esperando que tivesse mais informações.

— Conhece algum bom médico? — indaguei.

Ela meneou vigorosamente a cabeça em afirmativa e logo rabiscou outro rápido bilhete: “*Vocês têm sorte porque estou no ônibus e posso levá-los ao meu filho, que é ótimo médico.*”

— Puxa vida! — murmurou Chris, quando lhe passei o bilhete. — Devemos ter mesmo uma boa estrela para encontrarmos alguém que nos indique tal médico!

— Escute aqui, motorista! — gritou o mais malvado dos passageiros do ônibus. — Leve essa criança para um hospital! Macacos me mordam se paguei meu bom dinheiro para viajar num ônibus fedendo a vômito!

Os demais passageiros fitaram-no com ar de reprovação e pude ver, pelo retrovisor, que o rosto do motorista ficou rubro de raiva ou, talvez, de humilhação. Nossos olhos se encontraram no espelho. Então ele me disse, encabulado:

— Sinto muito, mas tenho mulher e cinco filhos. Se eu não cumprir os horários, minha mulher e meus filhos ficarão sem comida, porque perderei o emprego.

Calada, implorei-lhe com o olhar, ouvindo-o murmurar com seus botões:

— Malditos domingos! Os dias de semana correm muito bem. Então chegam os domingos, malditos domingos!

Foi então que Henrietta Beech pareceu ter escutado o suficiente. Tornou a pegar o lápis e escreveu no bloco outro bilhete que logo passou a mim.

“Muito bem. O moço ao volante detesta os domingos. Se ele continuar ignorando a menininha doente, os pais dela processarão os chefões da empresa de ônibus por uma indenização de dois milhões de dólares!”

Mal Chris teve tempo de ler o bilhete e Henrietta se afastou pelo corredor, até enfiar o papel sob o nariz do motorista. Com um gesto impaciente, o motorista afastou o braço da negra, mas esta voltou a insistir e, desta vez, ele fez uma tentativa para ler enquanto mantinha a atenção voltada para o tráfego.

— Oh! Deus! — suspirou o motorista, cujo rosto eu podia ver pelo espelho. — O hospital mais próximo fica a trinta quilômetros fora de meu itinerário!

Chris e eu observamos enquanto a gigantesca senhora negra fazia gestos e sinais que deixaram o motorista tão frustrado quanto havíamos ficado. Mais uma vez, Henrietta foi obrigada a escrever um bilhete. E o conteúdo deste, qualquer que fosse, levou o motorista a tirar o ônibus da larga rodovia e tomar uma estrada lateral que ia a uma cidade chamada Clairmont. Henrietta Beech permaneceu ao lado do motorista, obviamente dando-lhe instruções, mas voltava-se para nós a intervalos, exibindo um brilhante sorriso, para mostrarnos que tudo correria bem.

Em breve percorríamos ruas largas e tranqüilas, orladas de árvores cujas copas se curvavam graciosamente para formar uma espécie de toldo. As casas que vi eram grandes, aristocráticas, com pórticos e elevadas cúpulas.

Embora nas montanhas da Virgínia já tivesse nevado uma ou duas vezes, aqui o outono ainda não pousara sua mão gelada. Os bordos, faias, carvalhos e magnólias ainda mantinham a maioria das folhas de verão e algumas flores continuavam vivas.

O motorista julgava que Henrietta Beech não o orientava corretamente e, para falar com franqueza, eu era da mesma opinião. Na realidade, não se instalavam hospitais naquele tipo de ruas residenciais. Entretanto, exatamente quando eu começava a preocupar-me, o ônibus parou bruscamente diante de uma grande casa branca que se erguia no topo de uma colina baixa e arredondada, cercada por espaçosos gramados e canteiros floridos.

— Vocês aí, garotos! — gritou o motorista, virando-se para nós. — Peguem sua tralha e entreguem as passagens para devolução do dinheiro, ou tratem de utilizá-las antes que o prazo expire!

Então saltou rapidamente do ônibus e abriu o bagageiro na parte interior da carroceria, tirando cerca de quarenta malas antes de chegar às nossas duas. Pendurei a tiracolo o violão e o banjo de Cory, enquanto Chris, muito devagar e com extrema ternura, erguia Carrie nos braços.

Como uma gorda galinha protegendo seus pintinhos, Henrietta Beech conduziu-nos ao longo da comprida alameda de tijolos que levava à varanda da frente. Ali eu hesitei, olhando para a casa e para as duplas portas pretas. À direita, um pequeno aviso impresso dizia: EXCLUSIVO DOS PACIENTES. Tratava-se, evidentemente, de um médico que tinha consultório na própria residência. Nossas duas malas foram deixadas na sombra, perto da calçada de concreto, enquanto eu examinava a varanda até avistar um homem adormecido

numa cadeira de vime branca. Nossa boa samaritana aproximou-se dele com um largo sorriso antes de tocar-lhe de leve no braço. Como o homem continuasse a dormir, ela fez sinal para que avançássemos e falássemos por nós mesmos. Em seguida, apontou para a casa e fez sinais para indicar que entraria a fim de preparar algo para comermos.

Eu teria preferido que ela ficasse para apresentar-nos ao homem e explicar-lhe o motivo de nossa presença em sua varanda num domingo. Enquanto Chris e eu avançávamos nas pontas dos pés, sentindo-me dominada pelo medo, eu aspirava o ar carregado pelo perfume das rosas e tinha a impressão de que já estivera ali e conhecia o local. O ar fresco com perfume de rosas não era o tipo de ar que eu me acostumara a esperar que alguém como eu merecesse.

— É domingo, maldito domingo — sussurrei para Chris. — Aquele médico pode não gostar de estarmos aqui.

— Ele é um médico — replicou Chris. — Está acostumado a que lhe roubem os momentos de lazer... mas você pode tratar de acordá-lo.

Aproximei-me vagarosamente. Era um homem grande, usando um terno cinza claro com um cravo branco na lapela. Tinha as pernas compridas esticadas e apoiadas no topo da balaustrada da varanda. Parecia um tanto elegante, apesar de escarrapachado como estava, com as mãos pendentes dos braços da poltrona de vime. Dava a impressão de estar tão acomodado que me pareceu uma grande pena acordá-lo e arrastá-lo de volta ao trabalho.

— É o Dr. Paul Sheffield? — indagou Chris, que lera a placa com o nome do médico.

Carrie jazia nos braços de Chris, o pescoço arqueado para trás, os olhos fechados, os compridos cabelos dourados balançando-se à brisa suave e cálida.

Relutantemente, o médico acordou. Fitou-nos durante longo intervalo, como se não conseguisse acreditar nos próprios olhos. Eu sabia que tínhamos uma aparência estranha, em nossas muitas camadas de roupas. Ele sacudiu a cabeça, como se tentasse focalizar os olhos; eram olhos castanhos, muito bonitos, matizados por tons azuis, verdes e dourados sobre o fundo castanho claro. Aqueles olhos notáveis me beberam, engolindo-me em seguida. O homem parecia atordoado, levemente ébrio e por demais sonolento para afivelar a máscara profissional que o impediria de baixar os olhos do meu rosto para meus seios e descer até minhas pernas, antes de refazer lentamente o mesmo trajeto em direção inversa. Mais uma vez, ficou como que hipnotizado por meu rosto, meus cabelos. Eu sabia que os cabelos estavam compridos demais, mal cortados no alto da cabeça, desbotado e frágil nas pontas.

— O senhor é o médico, não é? — quis saber Chris.

— Sim, é claro. Sou o Dr. Sheffield — disse o homem finalmente, passando a prestar atenção em Chris e Carrie.

Com surpreendente graça e rapidez, ergueu as pernas da balaustrada, postou-se de pé à nossa frente, muito mais alto que nós, passou os dedos esguios pelo cabelo escuro e depois se aproximou para examinar com atenção o rostinho miúdo e branco de Carrie. Usou o polegar e o indicador para afastar-lhe as pálpebras fechadas e fitou por um instante o que lhe revelava aquele olho azul.

— Há quanto tempo essa criança está inconsciente?

— Há alguns minutos — disse Chris, que quase já era um médico de tanto estudar enquanto ficamos trancados no sótão. — Carrie vomitou três vezes no ônibus e depois começou a tremer e suar. Havia no ônibus uma senhora chamada Henrietta Beech. Foi ela quem nos trouxe para cá.

O médico meneou a cabeça e explicou que a Sra. Beech era sua governanta e cozinheira. Em seguida, fez-nos entrar pela porta reservada exclusivamente aos pacientes, conduzindo-nos a uma parte da casa onde havia um consultório e duas saletas de exames, não parando de desculpar-se por não ter disponível a sua enfermeira de costume.

— Tire todas as roupas de Carrie, menos as calcinhas — ordenou-me ele.

Enquanto eu obedecia, Chris correu de volta à calçada para pegar nossas malas.

Invadidos por mil e uma ansiedades, Chris e eu nos encostamos à parede e observamos enquanto o médico verificava a pressão, o pulso e a temperatura de Carrie, auscultando-lhe o coração pela frente e por trás. A essa altura, Carrie já recobrava os sentidos, de modo que ele lhe pediu que tossisse. Tudo o que eu conseguia fazer era indagar-me por que tudo de ruim nos acontecia. Por que o destino se mostrava tão persistentemente contra nós? Éramos tão ruins quanto afirmava a avó? Carrie morreria também?

— Carrie — disse jovialmente o Dr. Sheffield, depois que terminei de vesti-la outra vez. — Vamos deixá-la neste quarto por algum tempo, a fim de que você possa descansar — explicou, agasalhando-a com um cobertor leve. — Agora, não tenha receio. Estaremos aí ao lado, no meu consultório. Sei que essa mesa não é muito macia, mas tente dormir enquanto converso com seus irmãos.

Ela o fitava com olhos muito abertos e inexpressivos, sem realmente importar-se com o fato de a mesa ser ou não macia.

Poucos minutos mais tarde, o Dr. Sheffield estava sentado à sua grande e impressionante mesa de trabalho, com os cotovelos apoiados sobre o mata-borrão. Então começou a falar com muita seriedade e alguma preocupação:

— Vocês dois me parecem embaraçados e pouco à vontade. Não temam estarem interrompendo minhas folias dominicais, pois não sou muito dado a elas. Sou viúvo e, para mim, o domingo é um dia como qualquer outro...

Oh! Sim! Ele podia dizer aquilo, mas parecia cansado, como se trabalhasse durante muitas horas a fio. Eu estava nervosamente sentada na beirada do macio sofá de couro marrom ao lado de Chris. O sol que se filtrava pelas janelas incidia diretamente em nossos rostos, enquanto o médico permanecia à sombra. Minhas roupas causavam-me uma sensação úmida e desconfortável. De repente, lembrei-me do motivo. Levantei-me depressa e abri o fecho da saia externa. Fiquei bastante satisfeita ao ver o médico sobressaltar-se. Como saíra da sala quando eu começara a despir Carrie, não percebera que eu usava dois vestidos por baixo da saia. Quando tornei a sentar-me ao lado de Chris, estava usando apenas um vestido azul, estilo princesa, que me caía bem e estava limpo.

— Sempre usa mais de um vestido aos domingos? — perguntou ele.

— Só nos domingos em que fujo — respondi. — E temos apenas duas malas, de modo que precisamos de espaço para guardar os objetos valiosos que poderemos empenhar mais tarde, quando houver necessidade.

Chris deu-me uma cotovelada rápida, numa advertência muda de que eu estava falando demais. Contudo, eu sabia a respeito de médicos, principalmente por intermédio dele. Aquele médico sentado à mesa era digno de confiança; estava escrito em seus olhos. Poderíamos contar-lhe qualquer coisa, tudo mesmo.

— Então, estão fugindo — comentou o Dr. Sheffield. — Fugindo de quê? De pais que os ofenderam por negar-lhes alguns privilégios?

Oh! Se ele soubesse!

— É uma longa estória, Doutor — respondeu Chris. — E, no momento, só desejamos saber a respeito de Carrie.

— Sim, tem razão — concordou ele. — Portanto, falaremos a respeito de Carrie — acrescentou, assumindo uma atitude profissional. — Não sei quem vocês são, de onde vêm ou por que julgam que devem fugir. Mas aquela garotinha está muito, muito doente. Se hoje não fosse domingo, eu a internaria num hospital para fazer outros exames que não tenho condições de fazer aqui. Sugiro que entrem imediatamente em contato com seus pais.

Exatamente as palavras certas para me causarem pânico!

— Somos órfãos — disse Chris. — Mas não se preocupe quanto a receber seus honorários. Podemos pagar.

— É bom terem dinheiro — disse o médico. — Vão precisar dele.

Lançou-nos um prolongado olhar observador, avaliando-nos.

— Duas semanas num hospital seriam suficientes para descobrirmos o fator na doença de sua irmã que não consigo perceber neste momento.

E enquanto prendíamos a respiração, atordoados por sabermos que Carrie estava tão doente, o médico fez uma previsão aproximada da quantia que aquilo custaria. Ficamos perplexos. Oh! Meu bom Deus! Nosso tesouro roubado não daria para pagar uma semana de hospital, muito menos duas.

Meu olhar deparou com a expressão apavorada nos olhos azuis de Chris. O que faríamos agora? Não podíamos pagar tanto dinheiro!

O médico percebeu prontamente nossa situação.

— Ainda são órfãos? — indagou suavemente.

— Sim, ainda somos órfãos — declarou Chris em tom de desafio; em seguida, olhou firme para mim, indicando que eu deveria manter a boca fechada. — Uma vez órfãos, assim permanecemos. Agora, diga-nos o que suspeita haver de errado com nossa irmã e o que pode fazer para curá-la.

— Calma lá, meu rapaz. Antes, terá que responder algumas perguntas — disse o médico com voz suave, mas firme o suficiente para nos mostrar que ele comandava a situação. — Em primeiro lugar qual o seu sobrenome?

— Sou Christopher Dollanganger e esta é minha irmã, Catherine Leigh Dollanganger, e Carrie tem oito anos, quer o senhor acredite ou não!

— Por que não haveria de acreditar? — replicou tranquilamente o médico, embora poucos minutos antes, na pequena sala de exames, se mostrasse chocado ao ser informado sobre a idade de Carrie.

— Compreendemos que Carrie é muito franzina para a idade que tem — disse Christopher, na defensiva.

— Certamente é muito franzina.

O médico olhou para mim ao dizer isso e depois fitou Chris. Debruçou-se sobre os braços cruzados, numa atitude amistosa e confidencial que me tornou tensa de expectativa.

— Agora, ouçam. Vamos parar de desconfiar uns dos outros. Sou um médico e tudo o que me confidenciarem permanecerá confidencial. Se desejam realmente ajudar sua irmã, não podem ficar aí sentados, inventando mentiras. Precisam falar a verdade, do contrário estarão desperdiçando meu tempo e colocando em risco a vida de Carrie.

Ficamos ambos calados, de mãos dadas, ombro a ombro. Senti Chris estremecer e estremeci também. Estávamos com medo, mortos de medo de contar a verdade nua e crua, pois quem acreditaria em nós? Confiáramos antes em quem era supostamente honrado; portanto, como poderíamos confiar outra vez? Não obstante, aquele homem sentado à mesa... parecia-me tão familiar, como se eu já o tivesse visto antes.

— Está bem — disse ele. — Se é difícil para vocês, deixem-me fazer mais perguntas. Digam-me o que todos três comeram na última refeição.

Chris suspirou, aliviado.

— Nossa última refeição foi o café da manhã, hoje mesmo. Comemos todos três a mesma coisa: cachorros-quentes com todos os molhos, batatas fritas com molho de tomate, milk-shake de chocolate. Carrie comeu apenas um pouco da sua porção. É enjoada para comer, mesmo nas melhores circunstâncias. Eu diria que nunca teve um apetite saudável.

Franzindo a testa, o médico anotou tudo.

— E todos três comeram exatamente as mesmas coisas no café da manhã? Mas só Carrie teve náuseas?

— Certo. Só Carrie.

— Carrie costuma ter náuseas?

— Ocasionalmente, mas não com frequência.

— Como ocasionalmente?

— Bem... — Disse Chris, devagar. — Carrie vomitou duas vezes na semana passada e cerca de cinco vezes no último mês. Isso me tem preocupado muito: os ataques de vômito parecem tornar-se mais violentos e surgem com maior frequência.

Oh! A maneira evasiva como Chris relatava a situação de Carrie fez-me ficar realmente furiosa! Ele protegia nossa mãe até mesmo agora, depois de tudo o que ela fizera. Talvez fosse minha expressão que traiu Chris e levou o médico a debruçar-se em minha direção, como se soubesse que escutaria de mim um relato mais completo.

— Ouçam: vieram procurar-me em busca de auxílio e estou disposto a fazer o possível, mas não me darão uma oportunidade justa se não me fornecerem todos os fatos. Se Carrie sofre de algum mal interno, não posso olhar dentro dela para verificar o que é; ela precisa me dizer, ou vocês terão que contar. Preciso de informações para trabalhar, informações completas. Já sei que Carrie é subnutrida, sub-exercitada e franzina demais para sua idade. Percebi que vocês três têm pupilas dilatadas! Vejo que todos estão pálidos, magros e com aparência cansada. Não consigo compreender por que razão hesitam em questão de dinheiro quando usam relógios que me parecem muito caros e alguém escolheu suas roupas com bom gosto e considerável dispêndio, embora esteja além de minha capacidade imaginar o motivo pelo qual elas não se lhes ajustem bem ao corpo. Ficam aí sentados, com relógios de ouro e brilhantes, usando roupas elegantes e surrados sapatos de tênis, dizendo-me meias-verdades. Portanto, agora vou-lhes dizer algumas verdades inteiras! — sua voz se tornou mais forte e dominadora. — Desconfio de que sua irmãzinha esteja perigosamente anêmica. E por estar anêmica, é suscetível a uma infinidade de infecções. Sua pressão arterial está perigosamente baixa. E existe algum fator fugidio que não consegui identificar. Portanto, amanhã Carrie será internada num hospital, quer vocês chamem ou não seus pais, e tratem de empenhar seus valiosos relógios para pagar pela vida dela. Agora... se a internarmos no hospital esta noite, podemos começar os exames amanhã cedo.

— Faça o que julgar necessário — disse Chris num tom inexpressivo.

— Espere um minuto! — gritei, erguendo-me de um salto e chegando à mesa do médico. — Meu irmão não lhe contou tudo!

Lancei por cima do ombro um olhar duro a Chris, enquanto ele me fixava com a feroz expressão que me proibia revelar toda a verdade. Pensei amargamente: *“Não se preocupe, protegerei o máximo possível nossa preciosa mãe!”*

Creio que Chris percebeu, pois vieram-lhe lágrimas aos olhos. Oh! Quanto aquela mulher fizera para magoá-lo, para ferir todos nós, e ele ainda conseguia chorar por ela! Suas lágrimas arrancaram-me lágrimas do coração, não por ela, mas por ele, que a amava tanto, e por mim, que o amava tanto; lágrimas por tudo o que havíamos compartilhado e sofrido...

Ele meneou a cabeça como se concordasse e me mandasse prosseguir. Então, comecei a contar ao médico o que lhe deve ter parecido uma estória inacreditável. A princípio, percebi que ele julgava que eu estava mentindo ou, ao menos, exagerando. Por que todos os dias os jornais publicavam as coisas horríveis que pais amorosos faziam aos filhos?

— E assim, depois que Papai morreu naquele acidente, Mamãe veio contar-nos que estava muito endividada e não tinha meios de ganhar o sustento de nós cinco. Começou a escrever cartas aos pais, que moravam na Virgínia. No início, eles não responderam; afinal, certo dia, chegou uma carta. Ela nos disse que os pais moravam numa bela mansão luxuosa, na Virgínia, e eram fabulosamente ricos; todavia, ela se casara com um meio-tio e fora deserdada. Agora, íamos perder tudo o que possuíamos. Tivemos que deixar nossas bicicletas

na garagem e ela nem mesmo nos deu tempo de nos despedirmos dos amigos. Naquela mesma manhã, partimos de trem para as montanhas Blue Ridge.

— Estávamos felizes por irmos morar numa bela mansão luxuosa, mas não muito alegres por termos que enfrentar um avô que nos parecia cruel. Nossa mãe nos disse que precisaríamos permanecer escondidos até que ela recuperasse a afeição do pai. Mamãe afirmou que seria apenas uma noite; talvez duas ou três, no máximo. Então, poderíamos descer para conhecermos o pai dela. Ele estava morrendo de uma doença cardíaca e nunca subia escadas, de modo que estaríamos seguros lá em cima desde que não fizéssemos muito barulho. Então nossa avó permitiu que usássemos o sótão para brincar. Era enorme e sujo, cheio de aranhas, camundongos e insetos. E era lá que brincávamos até que Mamãe conseguisse recuperar a boa vontade do pai e pudéssemos descer e começar a gozar a vida de crianças ricas. Todavia, logo descobrimos que nosso avô jamais perdoaria Mamãe por ter-se casado com o meio-irmão dele e que permaneceríamos “*frutos do Demônio*”. Teríamos que viver lá em cima até que ele morresse!

A despeito da expressão de dolorida incredulidade nos olhos do médico, prossegui:

— Como se não fosse bastante ruim vivermos trancados num quarto, com o sótão servindo de *playground*, logo descobrimos que nossa avó também nos odiava! Ela nos deu uma longa lista do que podíamos e não podíamos fazer. Jamais deveríamos espiar pelas janelas ou mesmo abrir as pesadas cortinas para deixar entrar alguma luz.

— A princípio, as refeições que nossa avó nos levava numa cesta de piquenique eram razoáveis, mas pioraram até constarem apenas de sanduíches, salada de batatas e galinha frita. Nunca tínhamos sobremesa, pois estragaria nossos dentes e não podíamos ir ao dentista. Naturalmente, quando chegavam nossos aniversários, Mamãe contrabandeava sorvetes e um bolo de padaria, além de dar-nos muitos presentes. Oh! Pode apostar que ela nos comprava de tudo para compensar o que nos fazia, como se livros, jogos e brinquedos pudessem compensar tudo o que estávamos perdendo: nossa saúde, a confiança em nós mesmos. E, pior que tudo, começamos a perder a confiança nela!

— Chegou um ano novo e, naquele verão, Mamãe nem mesmo nos visitou! Então, tornou a aparecer em outubro para dizer-nos que se casara pela segunda vez e passara o verão viajando pela Europa em lua-de-mel! Tive ímpetos de matá-la! Ela devia ter-nos contado, mas partira sem uma palavra de explicação! Trouxe-nos presentes caros, roupas que não se ajustavam, imaginando que isso nos compensava por tudo, quando, na verdade, não compensava nada! Afinal, consegui convencer Chris de que precisávamos encontrar uma maneira de fugir daquela casa e esquecer a herança da fortuna. Chris não queria fugir, pois julgava que nosso avô podia morrer de um dia para outro e ele queria ir para a universidade cursar a faculdade de medicina, tornando-se médico como o senhor.

— Um médico como eu... — disse o Dr. Sheffield, suspirando, os olhos cheios de simpatia e toldados por algo mais sombrio. — É uma estória estranha, Cathy, difícil de acreditar.

— Espere um minuto! — exclamei. — Ainda não terminei. Não lhe contei o pior! Nosso avô morreu e incluiu nossa mãe no testamento, para que ela herdasse a imensa fortuna, mas acrescentou um codicilo estipulando que ela jamais poderia ter filhos. Se algum dia ficasse provado que ela tivera filhos do primeiro casamento, seria obrigada a abrir mão da herança e de tudo o que tivesse comprado com aquele dinheiro!

Fiz uma pausa. Lancei um olhar a Chris, que permanecia sentado, parecendo muito pálido e fraco, fitando-me com olhos magoados e suplicantes. Mas ele não precisava preocupar-se; eu não pretendia falar de Cory. Virei-me novamente para o médico:

— Agora, quanto ao misterioso e fugidio fator que o senhor não consegue identificar, o mal que aflige Carrie, fazendo-a vomitar e a nós também, às vezes, na verdade, é muito simples. Compreenda: quando nossa mãe percebeu que jamais poderia reconhecer-nos

como filhos e, ao mesmo tempo, conservar a herança, resolveu livrar-se de nós. A avó começou a colocar rosquinhas açucaradas na cesta de comida. E nós praticamente as devorávamos, sem saber que estavam cobertas de arsênico.

Portanto, eu revelara.

Rosquinhas envenenadas para adoçar nossos dias de prisão, enquanto saíamos furtivamente do quarto usando a chave de madeira fabricada por Chris. Dia a dia, durante nove meses, enquanto nos esgueirávamos até o grandioso apartamento de nossa mãe e surrupiávamos todas as notas de um e de cinco dólares que podíamos encontrar. Ao longo de quase um ano, percorremos os corredores compridos e escuros, entrando no quarto dela para roubar quanto dinheiro pudéssemos.

— Naquele único quarto trancado, doutor, nós vivemos três anos, quatro meses e dezesseis dias.

Quando terminei minha longa estória, o médico ficou muito calado, fitando-me com compaixão, choque e preocupação.

— Como vê, Doutor — disse eu, para concluir — o senhor não nos pode obrigar a procurar a polícia e contar nossa estória! Talvez jogassem a avó e nossa mãe numa cela, mas nós também sofreríamos! Não só pela publicidade, mas por nos separarem. Mandar-nos-iam para lares adotivos, ou nos colocariam sob a custódia de um tribunal e juramos permanecer juntos para sempre!

Chris fitava o chão. Falou sem erguer os olhos.

— Cuide de nossa irmã. Faça o que for necessário para curá-la. Cathy e eu daremos um jeito de saldar nossas obrigações.

— Calma, Chris — disse o médico, com seu jeito vagaroso e paciente. — Você e Cathy também ingeriram arsênico e terão que passar por alguns dos mesmos exames a que será submetida Carrie por minha ordem. Olhe só para vocês dois: magros, pálidos, debilitados. Necessitam de boa alimentação, repouso, muito ar livre e sol. Talvez eu possa fazer algo para ajudar.

— É um estranho para nós, senhor — disse Chris num tom respeitoso. — E não esperamos ou queremos a piedade ou caridade de ninguém. Cathy e eu não estamos tão doentes ou debilitados. Carrie é a mais afetada.

Cheia de indignação, girei nos calcanhares para olhar Chris com expressão furiosa. Seríamos imbecis se rejeitássemos a ajuda daquele homem bondoso só para salvar um pouco de nosso orgulho que tantas derrotas sofrera no passado. Que diferença poderia fazer mais uma vez?

—... Sim — continuou o médico, como se eu e Chris já tivéssemos concordado com sua generosa proposta de auxílio. — As despesas não são tão elevadas para um paciente de “fora” quanto para um internado — não há diárias a pagar. Agora, escutem bem: é apenas uma sugestão, que vocês têm liberdade para recusar e viajar para onde bem entenderem... A propósito, para onde estão indo?

— Para Sarasota, na Flórida — disse Chris, em tom débil. — Cathy e eu costumávamos balançar-nos nas cordas quando estávamos no sótão, de modo que imaginamos poder tornar-nos acrobatas, com alguma prática.

Parecia tolice ouvi-lo dizer aquilo em voz alta. Esperei que o médico risse, mas não o fez. Simplesmente pareceu ainda mais entristecido.

— Francamente, Chris, eu detestaria ver você e Cathy arriscarem a vida dessa maneira e, como médico, creio que não devo permitir que partam nas condições em que se encontram. Tudo em minha ética pessoal e profissional me impede de deixá-los partir sem o tratamento médico adequado. O bom senso me aconselha a manter-me distante e não dar a mínima importância ao que acontece com três garotos sozinhos. Pelo que sei, essa estória horrenda talvez não passe de um monte de mentiras destinadas a captar minha simpatia — o

Dr. Sheffield sorriu bondosamente para atenuar a rudeza das palavras. — Não obstante, minha intuição me induz a acreditar no que me contaram. Suas roupas caras, os relógios e os sapatos de tênis, a palidez da pele e a expressão assediada do olhar, tudo isso testemunha em favor da verdade.

Sua voz era impressionante, hipnótica, suave e melodiosa, com um leve sotaque sulino.

— Vamos — insistiu ele, encantando-me, senão a Chris. — Esqueçam o orgulho e a caridade. Venham morar em minha casa de doze cômodos solitários. Deus deve ter colocado Henrietta naquele ônibus para conduzi-los a mim. Henny é uma excelente trabalhadora e mantém a casa imaculada, mas reclama constantemente de que doze quartos e quatro banheiros são demais para uma mulher cuidar sozinha. Lá atrás, tenho dois hectares de jardins. Pago dois jardineiros para ajudarem, pois não posso dedicar à jardinagem todo o tempo necessário.

Nesse ponto, ele fixou diretamente em Chris os olhos brilhantes.

— Você pode ajudar a pagar a hospedagem aparando os gramados, podendo as sebes, preparando os canteiros para o inverno. Cathy pode cuidar da casa.

Lançou-me um olhar indagador e brincalhão, os olhos faiscando.

— Sabe cozinhar?

Cozinhar? Estaria ele brincando? Passáramos mais de três anos trancados naquele quarto do último andar e nem mesmo tínhamos uma torradeira para esquentar o pão de manhã, nem manteiga ou margarina.

— Não! — repliquei com rispidez. — Não sei cozinhar. Sou bailarina. Quando me tornar uma *prima ballerina* famosa, contratarei uma cozinheira, como o senhor faz. Não quero ficar prisioneira na cozinha de um homem, lavando louça para ele, tendo seus filhos, preparando sua comida! Isso não é para mim.

— Compreendo — disse ele, com o rosto inexpressivo.

— Não quero parecer ingrata — expliquei. — Farei o possível para ajudar a Sra. Beech. Até mesmo aprenderei a cozinhar para ela... e para o senhor.

— Ótimo — disse ele, os olhos risonhos lançando faíscas, sorrindo ao apoiar o queixo nas mãos. — Você vai ser uma *prima ballerina* e Chris um médico famoso... e vão conseguir tudo isso fugindo para a Flórida e trabalhando num circo? Naturalmente, pertença a uma geração mais insípida e não consigo acompanhar-lhes o raciocínio. Isso faz realmente algum sentido para vocês?

Agora, que estávamos longe do quarto trancado e do sótão, à forte luz da realidade, não, aquilo não fazia sentido; parecia mais uma fantasia tola, infantil e afastada da realidade.

— Entendem que seriam obrigados a enfrentar acrobatas profissionais? — indagou o médico. — Teriam que competir com pessoas treinadas desde a infância, descendentes de longas linhagens de artistas circenses. Não seria fácil. Ainda assim, admito que exista algo nesses olhos azuis que me diz que vocês são dois jovens muito decididos e não há dúvida de que conseguirão tudo o que desejarem, desde que realmente desejem muito. Contudo, e a escola? E quanto a Carrie? O que fará ela enquanto vocês dois ficam pendurados nos trapézios? Não precisam responder — interpôs rapidamente, quando meus lábios se entreabriram para falar. — Tenho certeza de que apresentarão argumentos para convencer-me, mas devo dissuadi-los. Em primeiro lugar; precisam cuidar da própria saúde e de Carrie. A qualquer momento, um de vocês dois pode adoecer tão repentinamente quanto Carrie e ficar tão mal quanto ela. Afinal, não viviam os três juntos nas mais miseráveis condições?

“*Nós quatro, não três*”, sussurrou uma voz aos meus ouvidos. Mas não mencionei Cory.

— Se falou sério a respeito de acolher-nos enquanto Carrie se recupera, ficamos extremamente gratos — disse Chris, com os olhos brilhando de desconfiança. —

Trabalharemos com afinco e, quando pudermos, partiremos depois de pagar-lhe cada centavo que o senhor gastar conosco.

— Falei sério. E não precisam pagar-me, exceto trabalhando na casa e no jardim. Portanto, como podem ver, não se trata de piedade ou caridade, mas apenas de um acerto comercial em benefício de todos.

Um Novo Lar

Foi assim que começou. Ingressamos tranqüilamente na casa do doutor e em sua vida. Nós o encampamos, compreendo agora. Tornamo-nos importantes para ele, como se nunca tivesse vivido antes de nossa chegada; isto eu também entendo agora. Ele dava a impressão de que lhe fazíamos um favor ao aliviá-lo de uma vida solitária e enfadonha com nossa presença juvenil. Fazia-nos sentir que nós éramos generosos ao compartilhar de sua vida; oh! desejávamos tanto acreditar em alguém!

Ele destinou a Carrie e a mim um quarto grandioso, com duas camas gêmeas e quatro altas janelas voltadas para o sul, duas janelas para leste e oeste. Chris e eu olhávamos com uma terrível mágoa dividida entre nós. Pela primeira vez há tanto tempo dormiríamos em quartos diferentes. Eu não queria afastar-me dele e enfrentar a noite sozinha com Carrie, a quem eu nunca poderia proteger como ele protegia. Creio que nosso médico pressentiu algo que o aconselhou a deixar-nos a sós, pois pediu licença e afastou-se na direção da outra extremidade do corredor. Só então Chris falou:

— Precisamos tomar cuidado, Cathy. Não queremos que ele desconfie...

— Não há o que desconfiar. Tudo está acabado — repliquei, mas não o encarei, adivinhando mesmo então que jamais acabaria.

Oh! Mamãe! Veja o que você começou ao colocar-nos, os quatro, num único quarto trancado e deixar-nos crescer lá dentro, sabendo como seria! Você, dentre todas as pessoas neste mundo, deveria saber!

— Não — sussurrou Chris. — Dê-me um beijo de boa-noite. Não haverá percheijos em nossas camas.

Ele me beijou, eu o beijei, dissemo-nos boa-noite e isto foi tudo. Com lágrimas nos olhos, observei meu irmão recuar ao longo do corredor, ainda olhando para mim.

Em nosso quarto, Carrie gritou bem alto:

— Não consigo dormir numa caminha pequena só para mim! — chorou. — Vou cair da cama! Cathy, por que esta cama é tão pequena?

Tudo terminou com a volta do médico e Chris ao quarto, retirando a mesinha de cabeceira que separava as camas. Então, juntaram as duas camas de solteiro, que passaram a parecer uma larga cama de casal. Isto agradou imensamente a Carrie, mas com o passar das noites, a fenda entre as duas camas foi-se alargando cada vez mais até que eu, que tinha sono agitado, acabei por acordar com uma perna e um braço enfiados na brecha, arrastando Carrie comigo para o chão.

Adorei o quarto que Paul reservara para nós. Era lindo, com papel de parede azul claro e cortinas combinando no mesmo tom. O tapete era azul, também. Cada uma de nós tinha uma poltrona com almofadas amarelo-limão e todos os móveis eram brancos, em estilo antigo. Nada sombrio. Nenhuma gravura do inferno nas paredes. Todo o inferno que eu tinha estava na mente, por recordar demais o passado. Mamãe poderia ter encontrado outra solução, se realmente desejasse! Não precisava trancar-nos naquele quarto! Foi ambição, avareza, aquela maldita herança... e Cory estava sepultado por causa da fraqueza de Mamãe!

— Esqueça, Cathy — disse Chris, quando nos despedimos outra vez.

Eu sentia um medo horrível de contar-lhe o que suspeitava. Baixei a cabeça, colando-a ao seu peito.

— Chris, cometemos um pecado, não foi?

— Não acontecerá novamente — replicou ele.

Em seguida, afastou-se de mim e saiu quase correndo pelo corredor, como se eu o perseguisse. Eu desejava levar uma vida boa, sem magoar ninguém, especialmente Chris. Mesmo assim, tive que levantar-me da cama e ir para junto de Chris. Enquanto ele dormia, esgueirei-me para a cama, deitando-me a seu lado. Chris acordou ao ouvir o rangido das molas da cama.

— Cathy, que diabo está fazendo aqui?

— Está chovendo lá fora — sussurrei. — Deixe-me ficar deitada perto de você um momento. Depois, irei embora.

Nenhum de nós dois se mexeu, ou mesmo ousou respirar. Então, sem que chagássemos a perceber como aconteceu, estávamos abraçados e ele me beijava. Beijos tão ardentes e fervorosos que me obrigaram a corresponder, embora não quisesse. Era mau e pecaminoso! Mesmo assim, eu não queria que Chris parasse. A mulher adormecida dentro de mim despertou e assumiu o comando, desejando o que Chris sentia que precisava ter; e eu, a parte pensante, calculista, empurrei-o para longe de mim.

— Que está fazendo? Pensei que você tivesse dito que isto nunca mais aconteceria.

— Você veio... — disse ele, engasgado.

— Não para isto!

— De que acha você que sou feito? De aço? Cathy, não torne a fazer isto.

Voltei para meu quarto e chorei na cama, pois ele estava na outra extremidade do corredor e não perto de mim, para acordar-me se eu tivesse um pesadelo. Ninguém para me reconfortar. Ninguém para me dar forças. Então, as palavras de minha mãe voltaram a perseguir-me com uma idéia horrível: seria eu tão igual a ela? Crescera para ser uma mulher fraca, do tipo parasita, que necessita sempre de um homem para protegê-la? Não! Eu era auto-suficiente!

Creio que foi no dia seguinte que o Dr. Paul me trouxe quatro quadros para pendurar no quarto. Bailarinas em quatro posições diferentes. Para Carrie, ele trouxe uma jarra de vidro fosco cheia de delicadas violetas plásticas. Já tomara conhecimento da paixão de Carrie por roxo e vermelho.

— Façam o que quiserem para deixar o quarto a seu gosto — disse ele. — Se não gostam das cores, mudaremos tudo na primavera.

Fitei-o, espantada. Na primavera não mais estaríamos ali.

Carrie ficou sentada, segurando sua jarra de violetas, enquanto eu me obriguei a dizer o que devia.

— Dr. Paul, não estaremos mais aqui na primavera, de modo que não nos podemos dar ao luxo de nos apegarmos demais aos quartos que o senhor nos destinou.

Ele estava junto à porta, prestes a sair, mas parou e virou-se para me olhar. Era alto, com um metro e oitenta e cinco, ou mais; tinha ombros tão largos que quase ocupavam toda a porta.

— Julguei que gostassem daqui — disse num tom tristonho, os olhos escuros desolados.

— Eu gosto daqui! — respondi depressa. — Todos nós gostamos daqui, mas não devemos abusar para sempre da sua bondade.

Ele meneou a cabeça, sem responder, e saiu. Virei-me e percebi que Carrie me fitava com uma boa dose de animosidade.

O doutor levava diariamente Carrie consigo ao hospital. No início, ela chorava e se recusava a ir a menos que eu a acompanhasse. Inventava histórias fantásticas a respeito do que lhe faziam no hospital e reclamava da quantidade de perguntas que lhe faziam.

— Carrie, você bem sabe que nunca mentimos. Nós três sempre dizemos a verdade uns aos outros, mas não contamos a todo mundo nossa vida naquele quarto. Entendeu?

Ela me encarou com os grandes olhos assustados.

— Não contei a ninguém que Cory foi embora para o céu e me abandonou. Não contei a ninguém, a não ser ao Dr. Paul.

— Contou a ele?

— Não pude deixar de contar, Cathy — disse Carrie, enterrando o rosto no travesseiro e começando a chorar.

Portanto, agora o Dr. Paul sabia a respeito de Cory e de como este morrera no hospital, supostamente de pneumonia. Seus olhos estavam cheios de profunda tristeza naquela noite, quando ele interrogou Chris e a mim, desejando conhecer todos os detalhes da doença de Cory, que resultara em sua morte.

Chris e eu estávamos aconchegados um de encontro ao outro no sofá da sala de visitas quando Paul disse:

— Fico muito feliz por comunicar-lhes que o arsênico não causou qualquer dano permanente aos órgãos de Carrie, como temíamos a princípio. Ora, não fiquem assim. Não revelei o segredo de vocês, mas tive que dizer aos técnicos do laboratório o que deveriam pesquisar. Inventei uma estória a respeito de vocês terem ingerido o veneno acidentalmente; disse também que seus pais eram meus amigos e que eu estava pensando seriamente em assumir a responsabilidade legal de tutor de todos três.

— Carrie ficará boa? — sussurrei, sufocada de alívio.

— Sim, ela ficará boa — desde que não se pendure em trapézios — respondeu ele com um sorriso. — Marquei hora para vocês dois serem examinados amanhã por mim, a menos que tenham alguma objeção.

Oh! Eu tinha objeções! Não estava disposta a despir-me e permitir que ele me apalpassem, mesmo que houvesse uma enfermeira na sala. Chris me afirmara ser tolice pensar que um médico de quarenta anos tivesse algum prazer erótico ao olhar para uma garota da minha idade. Mas, ao fazer tal afirmativa, estava olhando para o outro lado. Portanto, como poderia eu saber o que ele realmente pensava a respeito?

Talvez Chris tivesse razão, pois quando fiquei deitada na mesa de exames, nua e coberta com um roupão de papel, o Dr. Paul não parecia o mesmo homem que me olhava quando estávamos na parte residencial da casa. Fez comigo o mesmo que fizera com Carrie, mas insistiu num número ainda maior de perguntas. Perguntas embaraçosas.

— Já ficou sem menstruação por mais de dois meses?

— Na verdade, nunca fui regular! Comecei aos doze anos e duas vezes fiquei sem menstruação de três a seis meses. Preocupava-me com isso, mas Chris leu a respeito num dos livros de medicina que Mamãe comprara para ele e me explicou que excesso de ansiedades e de tensões podem acarretar essa irregularidade. O senhor não acha... quero dizer... não há nada errado comigo, não é?

— Não que eu possa perceber. Você me parece bastante normal. Apenas magra demais, muito pálida e ligeiramente anêmica. Chris também, embora, por ser do sexo masculino, menos que você. Vou receitar vitaminas especiais para todos três.

Fiquei aliviada quando tudo terminou e pude vestir-me e escapar daquele consultório onde as mulheres que trabalhavam para o Dr. Paul me olhavam de modo tão esquisito. Corri de volta à cozinha. A Sra. Beech estava preparando o jantar. Seu sorriso brilhou amplamente quando entrei, iluminando a cara de lua coberta por uma pele tão negra e lisa como borracha lubrificada. Os dentes que ela exibia eram os mais alvos e perfeitos que eu já vira.

— Puxa vida! Graças a Deus, terminou! — exclamei, deixando-me cair numa cadeira e pegando uma faca para descascar batatas. — Não gosto de ter médicos me cutucando. Gosto mais do Dr. Paul quando ele é apenas um homem como os outros. Quando ele veste aquele

comprido avental branco, parece colocar também uma viseira sobre os olhos. Então, não posso perceber o que está pensando. E sou muito boa leitora de olhares, Sra. Beech.

Ela sorriu para mim com fingida malícia e tirou um bloquinho cor-de-rosa do grande bolso quadrado do avental branco engomado. Com o avental amarrado em torno do corpo, parecia mais um acolchoado de penas de ganso enrolado, vagando mudamente de um lado para outro. A essa altura, eu já sabia que ela sofria de mudez congênita. Embora estivesse procurando ensinar-nos sua linguagem de mímica, nenhum de nós ainda aprendera o suficiente para conversar com rapidez. Creio que eu gostava demais dos bilhetes que ela redigia, escritos com a rapidez do raio, num estilo muito abreviado.

— O Doutor diz que jovens precisam de muitas frutas e legumes frescos, bastante carne magra, mas devagar com amidos e sobremesas. Quer que ganhem músculos e não banha.

Já havíamos ganho um pouco de peso nas duas semanas em que comemos os deliciosos quitutes da Sra. Beech, até mesmo Carrie, que era tão malditamente cheia de “*não-me-toques*”. Agora, comia com entusiasmo, o que era algo notável para uma criança como ela.

Então, enquanto eu continuava a descascar as batatas, a Sra. Beech redigiu outro bilhete, quando seus sinais fracassaram em mais uma tentativa de comunicação.

“Menina-Fada, de agora em diante sou apenas Henny. Nada de Sra. Beech.”

Ela era a primeira pessoa de cor que eu conhecera e, embora a princípio eu me sentisse pouco à vontade e levemente temerosa em sua presença, duas semanas de intimidade me haviam ensinado muito. Tratava-se apenas de um ser humano de outra raça e cor diferente, com as mesmas sensibilidades, esperanças e temores que todos nós.

Eu adorava Henny, seus largos sorrisos, seus amplos e esvoaçantes vestidos estampados com flores de cores berrantes, e, acima de tudo, adorava a sabedoria que suas pequenas folhas de papel colorido transmitiam. Eventualmente, aprendi a compreender sua linguagem de mímica, embora nunca me tenha aperfeiçoado nela tanto quanto “*o filho médico*” de Henny.

Paul Scott Sheffield era um homem estranho. Frequentemente parecia triste quando não havia motivo aparente para entristecer-se. Então, sorria:

— Sim, Deus prestou um grande favor a Henny e a mim quando colocou vocês três naquele ônibus. Perdi uma família, chorei muito por ela, mas o destino foi muito bondoso ao enviar-me outra família, feita sob medida.

— Chris — disse eu naquela noite, quando nos separamos com relutância. — Quando vivíamos trancados, você era o homem, o chefe da casa... Às vezes sinto uma coisa esquisita ao ver o Dr. Paul por perto, observando o que fazemos e escutando o que dizemos.

Chris corou.

— Eu sei; ele está tomando meu lugar. Para ser sincero, — aqui ele fez uma breve pausa e ficou ainda mais vermelho — não me agrada vê-lo tomar meu lugar em sua vida, Cathy, mas sou muito grato pelo que ele fez em favor de Carrie.

De certo modo, tudo o que nosso “doutor” fizera por nós tornava Mamãe mil vezes pior. Dez mil vezes pior!

O dia seguinte foi aniversário de Chris; jamais conseguirei esquecer. Surpreendi-me ao verificar que o médico planejava uma festa com muitos presentes ótimos, que trouxeram um novo brilho aos olhos de Chris, mas logo os toldaram com o sentimento de culpa que nos dominava. Já tínhamos aceitado demais. Já fazíamos planos para partir dentro em breve. Simplesmente não podíamos permanecer, aproveitando-nos da bondade do Dr. Paul, agora que Carrie já estava bem e podia viajar.

Depois da festa, Chris e eu nos sentamos na varanda dos fundos, ruminando o assunto. Um olhar ao rosto de meu irmão bastou-me para perceber que ele não desejava abandonar o

único homem que podia e haveria de ajudá-lo a alcançar seu objetivo de formar-se em medicina.

— Realmente não me agrada o modo como ele não pára de olhar você, Cathy. O olhar dele a acompanha por toda parte. Aqui está você, tão disponível, e homens da idade dele acham garotas da sua idade irresistíveis.

Era mesmo? Que fascinante saber disso!

— Mas os médicos têm muitas enfermeiras a seu dispor — respondi sem muita convicção, sabendo que seria capaz de qualquer coisa, menos matar alguém, para ver Chris atingir seu objetivo. — Lembra-se do dia em que aqui chegamos? Ele falou no tipo de competição que enfrentaríamos no circo. E está com a razão, Chris: não podemos trabalhar num circo. Isso não passa de um sonho tolo.

Chris franziu a testa, fitando o espaço.

— Sei de tudo isso.

— Chris, ele é apenas solitário. Talvez olhe para mim apenas porque não tem algo mais interessante para observar.

Não obstante, fascinava-me saber que homens de quarenta anos eram suscetíveis aos encantos de garotas de quinze. Como era maravilhoso exercer sobre eles o mesmo poder que minha mãe!

— Chris, se o Dr. Paul disser a coisa certa... quero dizer, se ele real e sinceramente nos quizer aqui, você ficará?

Ainda com a testa franzida, ele olhou para as sebes que aparara tão recentemente. Depois de refletir bastante, respondeu devagar:

— Vamos testá-lo. Se lhe dissermos que vamos partir e ele não levantar objeções, será um modo delicado de nos dar conhecimento de que realmente não se importa.

— Acha justo testá-lo dessa maneira?

— Sim. É uma ótima forma de dar-lhe a oportunidade de livrar-se de nós sem sentir remorsos. Você sabe, gente como ele muitas vezes pratica boas ações porque se acha no dever disso e não porque realmente deseja agir assim.

— Oh!...

Não éramos dados a procrastinar. Na noite seguinte, depois do jantar, o Dr. Paul veio juntar-se a nós na varanda dos fundos. Eu já o chamava simplesmente de Paul em meus pensamentos, tornando-me íntima, gostando dele cada vez mais por mostrar-se tão naturalmente elegante, limpo, educado, ao sentar-se na predileta cadeira de balanço de vime pintada de branco, usando um suéter vermelho tricotado à mão, calças esporte cinzentas, e tirando baforadas sonhadoras do cigarro. Nós três também usávamos suéteres, pois a noite estava fria. Chris sentou-se a meu lado, empoleirado na balaustrada, enquanto Carrie permanecia agachada no último degrau da escada. Os jardins de Paul eram fabulosos. Rasos degraus de mármore, com três metros de largura, levavam a um nível inferior, de onde outros degraus subiam para um local mais elevado. Havia uma pequena ponte japonesa laqueada de vermelho, arqueando-se sobre um pequeno riacho. Estátuas de mulheres e homens nus colocadas a esmo davam aos jardins uma atmosfera de sedução, de sensualidade. Eram nus clássicos, graciosos e em poses elegantes, mas, ainda assim... ainda assim... eu sabia muito bem para que servia aquele jardim, pois já estivera ali muitas vezes, anteriormente, em meus sonhos.

Enquanto o vento se tornava mais frio e começava a soprar as folhas mortas de um lado para outro, o médico nos contou que viajava para o exterior em anos alternados, a fim de procurar as lindas estátuas de mármore e despachá-las para casa, aumentando a coleção. Na última vez, tivera a sorte de encontrar uma cópia em tamanho natural de O Beijo, de Rodin.

Suspirei com o vento. Não desejava partir. Gostava de ficar ali com Paul, com Henny, com os jardins que me encantavam e faziam-me sentir fascinante, linda, desejável.

— Portanto, todas as minhas rosas são de espécies antigas, que não tiveram o aroma deturpado pelos cruzamentos e enxertos — disse o Dr. Paul. — Para que ter rosas se não possuírem perfume?

À luz esmaecida e purpúrea do crepúsculo, seus olhos cintilantes encontraram os meus. Minhas pulsações se aceleraram, obrigando-me a suspirar outra vez. Imaginei como teria sido a esposa de Paul e como seria sentir-se amada por alguém como ele. Com um sentimento de culpa, desviei os olhos de seu olhar prolongado e perscrutador, temerosa de que ele percebesse meus pensamentos.

— Parece perturbada, Cathy. Por quê?

A pergunta parecia zombar de mim, como se ele já conhecesse meus segredos. Chris virou a cabeça para lançar-me um duro olhar de advertência.

— Estava observando seu suéter vermelho — respondi tolamente. — Foi Henny quem o fez?

Paul riu baixinho, baixando os olhos para o belo suéter.

— Não, não foi Henny. Minha irmã mais velha o tricotou como presente de aniversário e o enviou pelo correio. Ela mora no outro lado da cidade.

— Por que enviou o presente pelo correio, em vez de trazê-lo pessoalmente? — perguntei. — E pior, por que não nos contou que fez aniversário? Nós também lhe daríamos presentes.

— Bem — começou ele, acomodando-se na cadeira e cruzando as pernas. — Meu aniversário foi pouco antes de vocês chegarem. Fiz quarenta anos, caso Henny ainda não lhes tenha contado. Faz treze anos que estou viúvo e minha irmã, Amanda, não fala comigo desde o dia em que minha esposa e filho morreram num acidente.

Sua voz foi sumindo aos poucos e ele fitou o espaço com ar pensativo, solene, distante.

Folhas mortas corriam pelo gramado, subiam pelo alpendre e vinham parar aos meus pés, como patinhos escuros e ressecados. Tudo aquilo me levou de volta a uma certa noite proibida, em que Chris e eu rezamos tão desesperadamente, encolhidos nas telhas frias de ardósia, sob uma lua que parecia o olho irado de Deus. Haveria um preço a pagar por apenas um terrível pecado cometido? Haveria? A avó se apressaria em responder: *“Sim! Vocês merecem o pior dos castigos! Filhos do Demônio, eu já sabia!”*

E enquanto eu me debatia interiormente, Chris tomou a palavra:

— Doutor, Cathy e eu estivemos conversando e achamos que agora, que Carrie já melhorou, devemos seguir nosso caminho. Agradecemos profundamente tudo o que o senhor fez por nós e pretendemos pagar-lhe cada centavo, embora isto talvez nos leve alguns anos...

Os dedos de Chris apertaram os meus, prevenindo-me para não dizer algo diferente:

— Um momento, Chris — interrompeu o Dr. Paul, empertigando-se bruscamente na cadeira e plantando solidamente os pés no chão. Era óbvio que levava a sério a situação.

— Não julguem, por um segundo sequer, que eu não percebi que este momento estava prestes a chegar. Tenho temido cada amanhecer, receoso de acordar e verificar que vocês se foram. Estive pesquisando as possibilidades de assumir a tutela de vocês três. E verifiquei que não é tão complicado quanto eu imaginava. Ao que parece, a maioria das crianças que fogem de casa alegam ser órfãs, de modo que vocês precisam fornecer-me provas de que seu pai morreu realmente. Se ele estiver vivo, necessitarei do seu consentimento, bem como do de sua mãe.

Sufoquei-me! O consentimento de minha mãe! Isso significava que teríamos que vê-la outra vez! Eu não a queria ver, nunca mais!

Ele prosseguiu, com olhar suave ao perceber meu constrangimento:

— O tribunal intimaria sua mãe a comparecer a uma audiência. Se ela residisse neste estado, teria que cumprir a intimação num prazo de três dias, mas como mora na Virgínia terá

prazo de três semanas. Se ela não comparecer, ao invés de conceder-me a tutela temporária de vocês, o tribunal me garantirá a tutela permanente, mas só se vocês estiverem dispostos a declarar que tenho feito um bom trabalho como seu guardião.

— Tem sido maravilhoso! — exclamei. — Mas ela não virá! Se alguém descobrir que existimos, ela perderá toda aquela fortuna. Portanto, quer manter-nos em segredo! O marido também poderia ficar contra ela se soubesse que nos escondeu dele. Pode apostar o que quiser como conseguirá a tutela permanente, se assim desejar e talvez termine arrependido disso!

A mão de Chris apertou ainda mais a minha e Carrie ergueu os olhos grandes e amedrontados.

— Dentro de poucas semanas, chegará o Natal. Vão permitir que eu passe mais um feriado solitário, sozinho nesta casa? Já faz quase três semanas que estão aqui e expliquei a todos que perguntaram, que vocês são filhos de um parente meu que faleceu há pouco tempo. Não estou mergulhando às cegas nesta situação. Henny e eu pensamos muito sobre o assunto. Ela acha, assim como eu, que vocês são um grande benefício para nós. Queremos ambos que vocês três permaneçam aqui. Ter gente jovem na casa faz com que esta se assemelhe mais a um verdadeiro lar. Sinto-me mais saudável do que me sentia há anos; e mais feliz, também. Desde a morte de minha esposa e filho, tenho sentido falta de uma família. Durante todo este tempo, nunca me acostumei novamente a ser solteiro — seu tom persuasivo tornou-se tristonho. — Sinto que o destino quer que eu tenha a custódia de vocês. Sinto que Deus planejou a presença de Henny naquele ônibus, a fim de que pudesse trazê-los para mim. E quando o destino se intromete e assume as decisões, quem sou eu para recusar? Aceito o fato de que vocês três são um auxílio enviado por Deus para que eu compense os erros que cometi no passado.

Puxa! Enviados por Deus! Eu estava praticamente convencida. Sabia que as pessoas sempre conseguem encontrar a motivação que justifique seus desejos; oh! como eu sabia bem disso! Mesmo assim, as lágrimas me assomaram aos olhos quando fitei Chris numa interrogação muda. Ele enfrentou meu olhar e sacudiu a cabeça, confuso, sem saber ao certo o que eu desejava. Sua mão apertou a minha como uma garra de aço enquanto ele disse, olhando para mim e não para o Dr. Paul:

— Sentimos muito que tenha perdido a esposa e o filho, senhor. Mas não podemos substituí-los e não sei se estaríamos agindo certo ao sobrecarregá-lo com as despesas de três crianças que não são seus filhos.

Então, fitando o médico diretamente nos olhos, acrescentou:

— E existe algo mais em que o senhor deve pensar; será muito difícil conseguir outra esposa quando assumir nossa tutela.

— Não pretendo casar-me outra vez — disse o Dr. Paul num tom estranho, prosseguindo com ar abstrato: — Minha esposa se chamava Júlia e meu filho Scotty. Tinha apenas três anos quando morreu.

— Oh! — sussurrei. — Como deve ser horrível perder um filho tão pequeno, além da esposa, também!

O evidente remorso e sofrimento do Dr. Paul me tocaram; eu sintonizava perfeitamente com os que sofriam.

— Morreram num acidente, um acidente de automóvel, como nosso pai? — indaguei.

— Num acidente — respondeu ele bruscamente. — Mas não de automóvel.

— Nosso pai tinha apenas trinta e seis anos quando morreu; tínhamos preparado uma festa surpresa de aniversário, com bolo, presentes... mas ele não chegou... apenas dois patrulheiros rodoviários...

— Sim, Cathy — disse ele suavemente. — Você me contou. Os anos de adolescência não são fáceis para ninguém. Ser jovem e sozinho, sem instrução adequada, com pouco dinheiro, sem família, sem amigos...

— Temos um ao outro — declarou Chris em tom firme, como se para testá-lo ainda mais. — Portanto, nunca ficaremos verdadeiramente sozinhos.

Paul prosseguiu:

— Se não me querem e o que tenho para lhes oferecer não é o bastante, sigam para a Flórida com as minhas bênçãos. Jogue fora todas as longas horas que passou estudando, Chris, justamente quando está quase atingindo sua meta. E você, Cathy, pode esquecer o sonho de tornar-se uma *prima ballerina*. E não julguem, por um segundo que seja, que será uma vida saudável e feliz para Carrie. Não estou procurando persuadi-los a ficar, pois farão o que desejam e o que têm de fazer. Portanto, decidam: ou ficam comigo e a oportunidade de realizarem suas aspirações, ou partem para enfrentar um mundo cruel e desconhecido.

Fiquei sentada na balaustrada, o mais perto possível de Chris, minha mão na dele. Eu queria ficar. Queria o que o médico poderia proporcionar a Chris, para não falar em Carrie e em mim.

As brisas do sul continuavam a soprar, acariciando-me o rosto, sussurrando de modo mais que convincente que tudo daria certo. Eu podia escutar os movimentos de Henny na cozinha, preparando massa fresca para os pães que comeríamos na manhã seguinte, dourados com manteiga derretida. Manteiga era uma das coisas que nos tinham sido negadas e o luxo do qual Chris sentia maior falta.

Tudo ali me encantava: o ar, o brilho suave e cálido nos olhos do médico. Até mesmo o barulho que Henny fazia com as panelas tinha um efeito mágico em meu coração que, de tão sobrecarregado durante tão longo tempo, começou a parecer mais leve. Talvez a perfeição existisse fora dos contos de fadas. Talvez fôssemos suficientemente bons para andar eretos e orgulhosos sob o céu azul criado por Deus; talvez não fôssemos brotos contaminados, produzidos pela semente errada plantada em solo errado.

E, mais do que tudo que o médico dissera, mais do que insinuavam seus olhos cintilantes, creio que foram as roseiras ainda em flor, apesar de estarmos no inverno, que me provocaram uma sensação de tonteira com a avassaladora doçura de seu perfume.

Mas não fomos Chris e eu que decidimos. Foi Carrie. De repente, ergueu-se de um salto do último degrau e voou para os braços estendidos do médico. Jogou-se contra ele, enlaçando-lhe o pescoço com os bracinhos magros.

— Não quero ir! Eu amo o senhor, Dr. Paul! — gritou, quase frenética. — Não quero nada de Flórida! Não quero nada de circo! Não quero ir para lugar nenhum!

Então, começou a chorar, desabafando sua dor por causa de Cory, reprimida por tanto tempo. O Dr. Paul ergueu-a, segurando-a no colo, beijando-lhe o rosto molhado de lágrimas antes de usar o lenço para enxugá-las.

— Eu também amo você, Carrie. Sempre desejei uma garotinha de cachos dourados e grandes olhos azuis, como os seus.

Mas ele não olhou para Carrie. Falou olhando para mim.

— E quero ficar aqui para o Natal — soluçou Carrie. — Nunca vi Papai Noel, nem uma vez.

Claro que vira, havia anos, quando nossos pais levaram os gêmeos a uma grande loja de departamentos e Papai tirou uma fotografia dos dois no colo de Papai Noel. Mas talvez Carrie tivesse esquecido.

Como era possível um desconhecido entrar tão facilmente em nossas vidas, dando-nos tanto amor, quando nossos próprios parentes consangüíneos tinham procurado dar-nos a morte?

A segunda oportunidade da vida

Carrie decidira. Ficamos. Mesmo que ela não tivesse decidido, ficaríamos. Como poderíamos deixar de fazê-lo?

Tentamos dar ao Dr. Paul o dinheiro que nos restava. Ele recusou:

— Guardem o dinheiro para vocês. Tiveram muito trabalho para consegui-lo, não foi? E acho melhor saberem que já falei com meu advogado: ele redigirá as petições para que sua mãe seja intimada a vir até Clairmont. Sei que vocês acreditam que ela não virá, mas nunca se pode ter certeza. Se eu tiver a sorte de receber a custódia permanente de vocês, darei a cada um uma mesada, que será dividida em parcelas semanais. Ninguém consegue ficar livre e feliz sem algum dinheiro no bolso. A maioria de meus colegas dá aos filhos adolescentes cinco dólares por semana. Três dólares devem bastar para uma menina da idade de Carrie.

O Dr. Paul tencionava comprar todas as nossas roupas e tudo o que precisássemos para freqüentarmos a escola. Só conseguimos fitá-lo, boquiabertos, perplexos por ser ele tão generoso conosco outra vez.

Poucos dias antes do Natal, ele nos levou a um centro comercial atapetado de vermelho; o teto era uma cúpula de vidro; gente fervilhava por toda parte, enquanto o sistema de alto-falantes tocava músicas natalinas em estilo “pop”. Era como um conto de fadas! Eu estava fascinada; o mesmo acontecia a Chris, Carrie e ao nosso Doutor, cuja mão enorme segurava a minúscula mão de Carrie, enquanto eu e Chris andávamos de mãos dadas. Percebi que ele nos observava, saboreando nossos olhares espantados. Ficamos encantados, atônitos, impressionados, desejando muitas coisas e temerosos de que ele, ao perceber, tentasse satisfazer todos os nossos anseios.

Chegando ao departamento que vendia roupas para moças adolescentes, passei a andar em círculos. Atordoada e esfuziada por tanta coisa, olhava isso e aquilo, incapaz de decidir o que comprar quando tudo era tão bonito e eu jamais tivera anteriormente uma oportunidade de fazer compras para mim mesma. Chris riu de minha indecisão.

— Vá em frente — disse-me ele. — Agora que tem a oportunidade para vestir-se bem, experimente tudo que gostar.

Eu sabia o que ele estava pensando, pois era meu costume reclamar de que Mamãe nunca comprava roupas que me caíssem corretamente.

Com extremo cuidado, selecionei parcimoniosamente as roupas que julguei adequadas para a escola, cujas aulas se iniciariam, para nós, em janeiro. Além disso, eu precisava de um casaco, sapatos de verdade, uma capa e chapéu de chuva, bem como um guarda-chuva. Tudo que aquele homem generoso e bem intencionado me permitia comprar causava-me sentimento de culpa, como se nos estivéssemos aproveitando dele.

A fim de recompensar minha lentidão e relutância em comprar exageradamente, Paul declarou num tom impaciente:

— Pelo amor de Deus, Cathy! Não julgue que faremos compras assim todas as semanas. Quero que vocês façam hoje as compras para todo o inverno. Chris, enquanto terminamos aqui, corra ao departamento juvenil masculino e comece a escolher o que deseja. Enquanto você faz isso, Cathy e eu podemos escolher para Carrie as roupas de que ela necessita.

Percebi que todas as adolescentes na loja se voltavam a fim de olhar para meu irmão quando este se encaminhou ao departamento juvenil masculino.

Afinal, seríamos crianças normais. Então, quando eu já começava a me sentir relativamente segura, Carrie soltou um grito capaz de rachar todos os palácios de cristal em Londres! Seus berros abalaram as balconistas, assustaram os fregueses, e uma senhora esbarrou com o carrinho de bebê contra um manequim, que caiu fragorosamente. O bebê no carrinho juntou seus berros aos gritos de Carrie!

Chris veio correndo para ver quem tentava assassinar sua irmãzinha. Esta se mantinha ereta, com os pés afastados um do outro, a cabeça atirada para trás, lágrimas de frustração escorrendo pelo rosto.

— Meu Deus! Que aconteceu agora? — indagou Chris, enquanto o nosso médico permanecia estático, perplexo.

Homens... o que sabiam eles, afinal? Obviamente, Carrie sentia-se injuriada pelos lindos vestidinhos em tons pastéis que lhe apresentavam para aprovação. Roupas de bebês, eis o problema. Mesmo assim, todos eram grandes demais para ela e, além disso, nenhum tinha cor vermelha ou roxa; estavam absolutamente fora do estilo de Carrie!

— Tentem no departamento de bebês — sugeriu a loura impiedosa e petulante, com o cabelo penteado em forma de casa de marimbondos.

Sorriu graciosamente para o nosso doutor, que pareceu encabulado.

Carrie tinha oito anos! A simples menção de “roupas de bebê” era insultuosa! Ela franziu o rosto até parecer uma ameixa murcha.

— Não posso ir à escola com roupas de bebê! — continuou a chorar, com o rosto comprimido em minha coxa e agarrando-se às minhas pernas. — Cathy, não me obrigue a usar vestidinhos rosa ou azuis de bebê! Todo mundo vai zombar de mim! Sei que vai! Quero roxo, vermelho, nada de cores de bebês!

O Dr. Paul procurou consolá-la.

— Querida, eu adoro garotas loiras de olhos azuis com roupas em tons pastéis. Portanto, por que não espera até crescer mais um pouco para usar cores brilhantes?

Tom meloso como aquele era coisa que alguém tão teimoso quanto Carrie simplesmente não conseguia engolir. Seus olhos faiscaram e ela cerrou os punhos, preparando-se para desferir pontapés e aprontando as cordas vocais para berrar, quando uma senhora gorda que devia ter uma neta com o gênio de Carrie sugeriu calmamente que esta podia ter roupas feitas sob medida. Carrie hesitou, insegura, olhando alternadamente de mim para o Dr. Paul, depois de Chris para a balconista.

— Uma solução perfeita! — exclamou o Dr. Paul entusiasticamente, parecendo aliviado. — Vou comprar uma máquina de costura e Cathy poderá fazer roupas roxas, vermelhas e azuis brilhantes. Você ficará arrasadora!

— Não quero ficar arrasadora! — quero apenas cores brilhantes.

Carrie fez beicinho e eu fiquei boquiaberta. Eu era uma bailarina, não uma costureira! (Algo que não escapou à observação de Carrie).

— Cathy não sabe fazer boas roupas — declarou ela. — Cathy só sabe dançar.

Quanta lealdade! A mim, que ensinara Cory e Carrie a escrever, com pouco auxílio por parte de Chris!

— O que há com você, Carrie? — indagou rispidamente Chris. — Porta-se como um bebê. Cathy é capaz de fazer tudo o que lhe der na cabeça — nunca se esqueça disso!

O médico concordou prontamente. Permaneci calada enquanto fomos procurar uma máquina de costura elétrica.

— Enquanto isso, porém, que tal comprarmos alguns vestidos amarelos, azuis e cor-de-rosa, heim, Carrie? — sorriu o Dr. Paul, com ar zombeteiro. — E Cathy poderá economizar-me muito dinheiro fazendo roupas para ela, também.

A despeito da costura que eu teria de aprender, aquele dia foi celestial para nós. Voltamos para casa, carregados de presentes, após nos embelezarmos em barbeiros e salões de cabeleireiros. Cada um de nós usava sapatos novos, com solas de couro. Eu ganhara meu primeiro par de sandálias de salto alto e uma dúzia de pares de meias de nylon! Minhas primeiras meias de nylon, meu primeiro sutiã e, além de tudo isso, uma sacola de compras cheia de cosméticos! Eu levava uma eternidade para escolher os artigos de maquilagem, enquanto o Dr. Paul se mantinha de lado, observando-me com a mais estranha das expressões.

Chris resmungara que eu não precisava de ruge ou batom, nem de sombra ou delineador, nem de base.

— Você nada sabe a respeito de ser uma garota — repliquei com ar de superioridade.

Era minha primeira expedição para compras e, por Deus!, pretendia aproveitar-me ao máximo dela! Tinha que comprar tudo o que vira na fabulosa penteadeira de Mamãe. Até mesmo o tipo de creme contra rugas que ela usava, bem como um preparado de lama para firmeza da pele.

Mal saltamos do carro e terminamos de descarregar os presentes, Chris, Carrie e eu corremos ao andar de cima para experimentarmos todas as nossas roupas novas. Engraçado como anteriormente ganhávamos roupas novas com tanta facilidade e não nos sentíamos tão felizes como agora. Naquela época não havia ninguém para apreciá-las. Não obstante, sendo eu o que era, lembrei-me de Mamãe quando vesti o vestido de veludo azul com minúsculos botões na frente. Quanta ironia eu sentir vontade de chorar pela mãe que perdêramos e a quem eu estava decidida a odiar para sempre! Sentei-me na beirada da cama e refleti sobre o assunto. Mamãe nos dava roupas novas, jogos e brinquedos, movida pelo remorso do que nos estava fazendo, privando-nos de uma infância normal. Uma infância que jamais teríamos oportunidade para recuperar. Anos perdidos, alguns dos melhores anos da vida e Cory numa sepultura, sem roupas novas.

O violão de Cory estava no canto, onde Carrie podia acordar e vê-lo ao lado do banjo. Por que éramos sempre nós quem sofriamos? Por que não nossa mãe? Então, tive uma súbita lembrança! Bart Winslow era da Carolina do Sul! Desci correndo à biblioteca do nosso médico e tomei emprestado seu grande Atlas geográfico. Voltei correndo ao quarto e procurei o mapa da Carolina do Sul. Encontrei Clairmont... mas mal acreditei em meus olhos ao verificar que era uma cidade vizinha a Greenglenna! Não, era coincidência demais... ou não seria? Ergui os olhos e fitei o espaço. Deus nos levara a morar ali, perto de Mamãe, se ela alguma vez visitasse a cidade natal do marido. Deus quisera dar-me a oportunidade de também causar sofrimento. Tão logo me fosse possível, eu iria a Greenglenna colher todas as informações disponíveis a respeito de Bart Winslow e sua família. Eu ganhava cinco dólares semanais, dava para fazer uma assinatura do jornal comunitário que relatava todas as atividades sociais das pessoas ricas que residiam nas proximidades de Foxworth Hall.

Sim, eu fugira de Foxworth Hall, mas tomaria conhecimento de cada movimento feito por nossa mãe e, quando ela viesse à Carolina do Sul, eu saberia! Mais cedo ou mais tarde, Mamãe ouviria falar de mim e ficaria sabendo que eu nunca, jamais esqueceria ou perdoaria. De algum jeito ou maneira, ela sofreria dez vezes mais do que havíamos sofrido!

Tendo chegado a essa decisão, fiquei livre para juntar-me a Chris e Carrie na sala de visitas, a fim de desfilar todas as nossas roupas novas diante do Dr. Paul e de Henny. O sorriso de Henny brilhava como o sol de verão. Observei os olhos bonitos de nosso benfeitor e percebi neles uma sombra. Olhava-nos com a testa franzida, pensativo, sem demonstrar admiração ou aprovação. De repente, levantou-se e saiu da sala, apresentando a esfarrapada desculpa de precisar tratar de alguns papéis.

Logo Henny tornou-se minha mentora em todos os assuntos domésticos. Ensinou-me a fazer biscoitos, inclusive a massa, e tentou conseguir que eu fizesse pães leves e fofos. *Bum!* O punho de Henny batia na massa. Então, limpou a farinha de trigo das mãos e rabiscou um bilhete: *“A vista de Henny está fraca para enxergar coisas pequenas, como buracos de agulha. Você tem boa vista. Pregue os botões que faltam nas camisas do filho médico, está bem?”*

— Claro — concordei sem entusiasmo. — Consigo enxergar buracos de agulha e também sei fazer tricô, crochê, bordado de crivo e de lã. Minha mãe me ensinou a fazer todas essas coisas para manter-me ocupada.

De repente, não consegui mais falar. Tive vontade de chorar. Vi o lindo rosto de minha mãe. Vi Papai. Vi Chris e eu quando crianças, correndo ao voltarmos da escola, entrando em casa com neve nos ombros e encontrando Mamãe a tricotar roupinhas de bebê para os gêmeos. Não pude deixar de encostar a testa no colo de Henny e chorar, chorar de verdade. Henny não podia falar, mas sua mão suave no meu ombro demonstrou que ela compreendia. Quando ergui os olhos, percebi que ela também chorava. Grandes lágrimas lhe escorriam pelo rosto, pingando no berrante vestido vermelho.

— Não chore, Henny. Será um prazer pregar os botões nas camisas do Dr. Paul. Ele nos salvou a vida e não existe nada que eu não seja capaz de fazer por ele.

Henny lançou-me um olhar estranho e depois foi buscar um monte de roupas para costurar e cerca de doze camisas nas quais faltavam botões.

Chris passava cada momento disponível em companhia do Dr. Paul, que lhe dava lições para que ele pudesse ingressar num curso especial de preparação para a faculdade de Medicina, no meio do ano letivo. Carrie era nosso maior problema. Sabia ler e escrever, mas era muito franzina. Como se daria numa escola pública, onde as crianças nem sempre são bondosas?

— Pretendo matricular Carrie numa escola particular — explicou o nosso médico. — Uma ótima escola para meninas, dirigida por uma excelente equipe. Já que faço parte da junta diretora, creio que Carrie receberá uma atenção especial e não será submetida a qualquer espécie de tensão.

Lançou-me um olhar significativo.

Aquele era meu maior temor: que Carrie fosse ridicularizada e se sentisse envergonhada da cabeça grande e do corpo miúdo. Em certa época, Carrie fora tão bem proporcionada, tão perfeita. Todos aqueles anos perdidos, durante os quais o acesso ao sol nos fora negado, haviam-na tornado tão franzina. Fora isso, eu tinha certeza!

Eu sentia um medo mortal que Mamãe aparecesse no dia marcado para a audiência no tribunal. Contudo, tinha quase certeza de que ela não viria. Como poderia comparecer? Tinha muito a perder e nada a ganhar. Que éramos nós, senão pesadas cargas, difíceis de suportar? Além disso, havia a cadeia, uma acusação de homicídio...

Sentamo-nos muito calados ao lado de Paul, usando nossas melhores roupas para comparecer perante o juiz, e esperamos. Esperamos uma eternidade. Por dentro, eu parecia uma corda de violino, tão esticada e tensa a ponto de estourar e começar a chorar a qualquer momento. Ela não nos queria. Ao não aparecer, mostrava-nos mais uma vez quão pouco se importava conosco! O juiz nos olhou com grande piedade, fazendo-me sentir pena de todos nós e muita raiva dela! Oh! Que ela fosse para o inferno! Trouxera-nos ao mundo, afirmava ter amado nosso pai! Como podia fazer isto com os filhos dele, seus próprios filhos? Que tipo de mãe era ela? Eu não queria a piedade daquele juiz nem a de Paul. Mantive a cabeça erguida, mordendo a língua para não gritar. Atravi-me a olhar para Chris e vi-o sentado, o rosto inexpressivo, embora eu soubesse que seu coração se despedaçava tanto quanto o meu. Carrie estava enroscada como uma bola no colo do médico, que a tranqüilizava com carícias, murmurando-lhe algo ao ouvido. Creio que ele disse:

— Não importa, tudo está bem. Agora, vocês me têm por pai e Henny por mãe. Enquanto eu viver, nunca lhes faltará nada.

Naquela noite chorei. Molhei o travesseiro com lágrimas derramadas por uma mãe que eu amara tanto a ponto de me causar dor lembrar os dias em que Papai ainda era vivo e a nossa vida no lar era perfeita. Chorei por todas as coisas boas que ela nos proporcionara naquela época e, sobretudo, por todo o amor que ela nos dedicara então. Chorei mais por Cory, que era como meu próprio filho. E foi então que parei de chorar e voltei-me para pensamentos amargos e cruéis de vingança. Quando se deseja derrotar alguém, o caminho mais certo é pensar da mesma maneira que a pessoa. O que a magoaria mais? Ela não

desejaria lembrar-se de nós. Tentaria esquecer nossa existência. Bem, não esqueceria. Eu providenciaria para que não esquecesse. Naquele mesmo Natal, eu lhe enviaria um cartão assinado com as seguintes palavras: “*Das quatro Bonecas de Dresden vivas que você rejeitou*”. Mas precisei mudar para: “*Das três Bonecas de Dresden vivas que você rejeitou e também da morta, que você levou e nunca mais trouxe de volta*”. Pude imaginá-la olhando para o cartão e dizendo com seus botões: Fiz apenas o que tinha de fazer.

Tínhamos baixado a guarda e nos permitido sermos vulneráveis outra vez. Deixamos que a fé, a esperança e a confiança viessem dançar como confeitos em nossas mentes.

Os contos de fadas podiam tornar-se realidade.

Estavam acontecendo conosco. A rainha malvada saía de nossas vidas e Branca de Neve assumiria o trono algum dia. Não comeria a maçã envenenada. Mas todo conto de fadas tem um dragão a ser morto, uma bruxa a ser vencida, ou algum obstáculo para dificultar as coisas. Durante todo o tempo eu sabia quem era a bruxa e esta era a parte mais triste de mim mesma.

Levantei-me e saí para a varanda do andar superior, a fim de olhar a lua. Vi Chris postado junto à balaustrada, olhando também para a luz. Pela atitude curvada de seus ombros normalmente tão orgulhosos e eretos, compreendi que ele sangrava interiormente, assim como eu. Avancei nas pontas dos pés, tencionando surpreendê-lo. Quando me aproximei, porém, ele se voltou e estendeu os braços para mim. Sem pensar, lancei-me neles, abraçando-lhe o pescoço. Ele usava o roupão quente que Mamãe lhe dera de presente no Natal anterior, embora já estivesse pequeno demais. Quando procurasse sob a árvore na manhã de Natal, ele encontraria um roupão novo, com seu monograma bordado no bolso do peito, CFS, pois nunca mais desejava ser chamado de Foxworth, mas de Sheffield.

Seus olhos azuis buscaram os meus. Olhos tão cheios de vida. Eu o amava tanto quanto amava o meu lado melhor, o lado mais alegre e mais feliz.

— Cathy — sussurrou ele, os olhos brilhando, e acariciou-me as costas. — Se tem vontade de chorar, não hesite. Eu entenderei. Chore bastante por mim, também. Eu estava esperando, rezando, que Mamãe viesse e, de algum modo, apresentasse uma explicação razoável para ter feito o que fez.

— Uma explicação razoável para assassinato? — repliquei amargamente. — Como poderia ela inventar uma desculpa bastante inteligente para isso? Não é tão esperta a esse ponto.

Chris pareceu tão desolado e magoado que apertei ainda mais os braços em torno de seu pescoço. Enfiei os dedos em seus cabelos, enroscando-os. Baixei a outra mão para acariciar-lhe o rosto. Amor, uma palavra de sentido tão amplo, diferente de sexo e dez vezes mais irresistível. Senti-me transbordar de amor quando Chris encostou o rosto em meus cabelos e começou a soluçar. Murmurava meu nome repetidamente, como se eu fosse a única pessoa no mundo capaz de ser real, sólida, digna de confiança.

De algum modo, os lábios dele encontraram os meus e nos beijamos com tamanha paixão que ele ficou excitado e tentou puxar-me para seu quarto.

— Quero apenas abraçá-la, Cathy, só isso. Nada mais. Quando eu for para a faculdade, precisarei de algo a que me agarrar... Dê-me um pouquinho mais, Cathy, por favor.

Antes que eu pudesse responder, ele tornou a me abraçar, beijando-me com lábios tão ardentes que fiquei aterrorizada e excitada também.

— Não! Pare com isso! — exclamei, mas ele insistiu, tocando-me os seios e afastando-me a camisola para poder beijá-los. Furiosa, sibilei: — Chris! Não me ame, Chris. Quando você se for, o que sente por mim desaparecerá como se nunca tivesse existido. Obrigar-nos-emos a amar outras pessoas, a fim de nos sentirmos limpos. Não podemos ser como nossos pais em duplicata. Não podemos cometer o mesmo erro.

Ele me abraçou com mais força e ficou calado. Compreendi que estava refletindo. Jamais haveria outros. Ele não permitiria que isto acontecesse. Uma mulher o magoara profundamente demais, traindo-o de modo terrivelmente monstruoso quando ele era jovem e muito, muito vulnerável. Só conseguia confiar em mim.

Recuou, com duas lágrimas brilhando nos cantos dos olhos. Cabia-me romper o laço, ali e agora. Para o bem dele. Todo mundo sempre fazia algo pelo bem de alguém.

Não consegui adormecer. Ouvia-o chamar-me, desejando-me. Levantei-me da cama e esgueirei-me pelo corredor, deitando-me mais uma vez na cama de Chris, que me aguardava deitado.

— Você jamais se livrará de mim, Cathy. Jamais. Enquanto você viver, será você e eu.

— Não!

— Sim!

— Não!

Mas eu o beijei. Depois, pulei da cama e corri de volta a meu quarto, batendo a porta e trancando-a. O que havia comigo? Jamais deveria ter ido ao quarto de Chris e me deitado em sua cama. Seria eu tão pecaminosa quanto afirmava nossa avó?

Não, não era.

Não podia ser!

SEGUNDA PARTE

Visões de confeitos

Era Natal. A árvore tocava o teto de três metros e sessenta de altura e, espalhados sob ela, havia presentes suficientes para dez crianças! Carrie estava eletrizada por cada coisa que Papai Noel lhe trouxera. Chris e eu utilizamos o que nos restava do dinheiro roubado para comprar um delicioso *robe de chambre* vermelho para Paul e um brilhante vestido de veludo vermelho-rubi para Henny, tamanho cinqüenta e oito! Estonteada e satisfeita, Henny segurou o vestido na frente do corpo, depois rabiscou um bilhete de agradecimento: “*Dará ótimo vestido de ir à igreja. Todas as amigas ficarão com inveja.*”

Paul experimentou o luxuoso *robe de chambre* novo. Ficou divino naquela cor que lhe caía maravilhosamente bem.

Então veio a maior de todas as surpresas. Paul se encaminhou para mim e acorrou-se nos calcanhares. Tirou da carteira cinco grandes bilhetes amarelos. Se ele nada fizesse durante um ano inteiro senão imaginar um meio de me causar o maior prazer possível, não alcançaria mais sucesso. Ali, abertas em leque na sua mão grande e bem feita, estavam cinco entradas para o Quebra-nozes, apresentado pela Escola de Ballet Rosencoff!

— Ouvi dizer que é uma companhia de balé muito profissional — explicou ele. — Não entendo muito de balé, mas andei indagando por aí e fui informado de que é uma das melhores. Também dão aulas a alunos principiantes, médios e adiantados. Em que nível você está?

— Adiantado! — proclamou Chris, enquanto eu só conseguia fitar Paul, emudecida de felicidade. — Cathy era principiante quando fomos morar no sótão. Mas algo maravilhoso lhe ocorreu lá em cima: o espírito de Anna Pavlova encarnou em seu corpo. E Cathy aprendeu sozinha como fazer *pointe*.

Naquela noite, todos nós, inclusive Henny, sentamo-nos, encantados, no centro da terceira fila da platéia. Os bailarinos no palco não eram apenas bons, eram soberbos! Especialmente o belo homem chamado Julian Marquet, que dançou o papel principal. Como

num sonho, acompanhei Paul aos bastidores no intervalo, pois ia ser apresentada aos bailarinos!

Paul conduziu-me até um casal que estava perto do palco.

— Madame, Georges — disse ele a uma mulherzinha lustrosa como uma foca e não muito mais alta que o homem a seu lado. — Esta é minha tutelada, Catherine Doll, de quem lhes falei. Este é o irmão dela, Chris. E esta beleza mais jovem é Carrie. Vocês já conhecem Hennetta Beech...

— Sim, naturalmente — disse a dama que parecia uma bailarina, falava como bailarina e usava o cabelo preso à nuca, como é costume das bailarinas: penteado para trás e amarrado num grande coque.

Sobre a malha preta, usava um esvoaçante vestido de *chiffon* preto e, por cima de tudo isso, um bolero de pele de leopardo. Seu marido, Georges, era um homem calado, magro mas robusto, de rosto pálido e cabelos espantosamente negros, com lábios tão vermelhos que pareciam feitos de sangue coagulado. Formavam realmente um par, pois os lábios da mulher também estavam pintados de escarlate e seus olhos pareciam pintados a carvão num rosto de gesso branco. Dois pares de olhos negros examinaram-me e, depois, estudaram Chris.

— Você também é bailarino? — perguntaram a meu irmão.

Oh! Deus! Será que falavam sempre ao mesmo tempo?

— Não! Não danço — respondeu Chris, aparentemente embaraçado.

— Ah! Que pena — suspirou tristemente a madame. — Que par glorioso vocês formariam no palco! As pessoas lotariam os teatros só para ver uma beleza como a que você e sua irmã possuem.

Lançou um rápido olhar à pequena Carrie, temerosamente agarrada à minha mão, e ignorou-a com a maior naturalidade.

— Chris pretende ser médico — explicou o Dr. Paul.

— Ah! — exclamou Madame Rosencoff, como se Chris tivesse perdido o juízo.

Tanto ela como o marido voltaram os olhos de ébano para mim, concentrando-se com tamanha intensidade que comecei a sentir-me quente, suada e encabulada.

— Já estudou dança? (Ela sempre dava à palavra "dança" uma pronúncia peculiar, como se tivesse um "u": "daunça").

— Sim — respondi com voz sumida.

— Que idade tinha ao começar?

— Quatro anos.

— E agora tem...?

— Farei dezesseis em abril.

— Bom. Muito, muito bom — disse ela, esfregando as palmas das mãos compridas e ossudas. — Mais que onze anos de aprendizado profissional. Com que idade fez *pointe*?

— Doze;

— Maravilhoso! — exclamou ela. — Nunca permito que as meninas façam *pointe* completa antes dos treze anos, a menos que sejam excelentes.

Então, franziu a testa, desconfiada:

— Você é excelente, ou apenas medíocre?

— Não sei.

— Quer dizer que nunca ninguém lhe disse?

— Exato.

— Então, deve ser apenas medíocre,

Esboçou uma expressão desdenhosa, voltou-se para o marido e: dispensou-nos com um gesto arrogante da mão.

— Ora, espere um momento! — explodiu Chris, parecendo vermelho e muito zangado. — Não vi naquele palco, esta noite, uma só bailarina que se compare a Cathy!

Nenhuma! Aquela garota que dança o papel principal de Clara às vezes sai do compasso da música. Cathy nunca perde o compasso! Seu ritmo é perfeito; seu ouvido é perfeito! Mesmo quando dança a mesma melodia, Cathy sempre varia um pouco, de modo que nunca duplica uma dança, improvisando sempre para aperfeiçoar-se e torná-la mais bonita, mais emocionante. Vocês teriam sorte se possuíssem uma bailarina como Cathy na sua companhia!

Os olhos negros e oblíquos voltaram-se para Chris, saboreando-lhe a intensidade do relato.

— Você é uma autoridade em balé? — indagou a madame com algum desdém. — Você sabe como separar as bailarinas bem dotadas da horda medíocre?

Chris parecia imerso num sonho, com os pés pregados no chão, e até mesmo sua voz tinha um tom rouco que lhe traía os sentimentos:

— Só sei o que vejo e as emoções que Cathy me faz sentir quando dança. Só sei que quando a música se inicia e ela começa a dançar meu coração pára de bater. Só sei que quando a dança termina eu chego a sentir dor porque toda aquela beleza desaparece. Ela não apenas dança um papel, ela é o personagem; faz-nos acreditar, porque ela acredita. E não existe na sua companhia uma só bailarina que me alcance, agarre meu coração e o aperte até fazê-lo latejar. Portanto, tratem de rejeitar Cathy e deixem que alguma outra companhia se beneficie com os lucros da sua estupidez!

Os olhos negros de Madame fixaram-se prolongada e penetrantemente no rosto de Chris, como os de nosso médico. Então, lentamente, Madame Rosencoff se voltou para mim; fui medida, pesada e avaliada dos cabelos às pontas dos pés.

— Amanhã, há uma hora em ponto, você dançará para mim no meu estúdio.

Não era um pedido, mas uma ordem que não admitia desobediência. Por algum motivo, fiquei furiosa quando deveria sentir-me feliz.

— Amanhã é cedo demais — repliquei. — Não tenho roupas, nem malhas, nem sapatilhas.

Tudo aquilo fora deixado para trás, no sótão de Foxworth Hall.

— Ninharias — rejeitou ela com um gesto petulante da mão. — Dar-lhe-emos todo o necessário. Trate apenas de estar lá e não se atrase, pois exigimos que nossos bailarinos sejam disciplinados em tudo, inclusive em pontualidade.

Fomos dispensados com um gesto majestoso e Madame Rosencoff se afastou graciosamente, rebocando o marido, deixando-me atordoada. Boquiaberta e emudecida, percebi que estava sendo atentamente observada por Julian Marquet, o bailarino, que deveria ter escutado cada palavra de nossa conversa. Seus olhos brilhavam de interesse e admiração.

— Sinta-se lisonjeada, Catherine — disse ele. — Normalmente, ela e Georges não aceitam bailarinos que não tenham aguardado meses, ou até mesmo anos, para fazer um teste.

Naquela noite chorei nos braços de Chris.

— Estou destreinada — soluzei. — Sei que vou fazer papel de tola amanhã. Não é justo ela me recusar um prazo maior para me preparar! Preciso recuperar a agilidade. Estarei rígida, desajeitada, e eles me rejeitarão. Sei que rejeitarão!

— Ora, deixe disso, Cathy — disse ele, abraçando-me com mais força. — Já vi você nesta casa, segurando o poste do pé da cama e fazendo seus *pliés* e *tendus*. Você não está rígida ou destreinada, está apenas amedrontada. Sofre simplesmente um ataque de nervosismo muito comum aos artistas antes de pisarem o palco. Só isso. E não tem necessidade de preocupar-se: é magnífica. Eu sei e você também sabe.

Deu-me um leve beijo de boa noite nos lábios, deixou cair os braços ao longo do corpo e recuou em direção à porta.

— Esta noite, vou ajoelhar-me e rezar por você. Pedirei a Deus que você os deixe tontos amanhã. E lá estarei para gozar-lhes as caras de espanto, pois ninguém vai acreditar na maravilha que você é quando dança.

Com isso, retirou-se do quarto. E fui deixada cheia de ânsia e desejo. Enfiei-me sob as cobertas e permaneci bem acordada, dominada por mil e uma trepidações.

Amanhã seria meu grande dia, minha oportunidade de provar o que eu era e se possuía aquele algo especial que é preciso ter quando se deseja atingir o topo. Eu tinha que ser a melhor; nada menos que isto me serviria. Tinha que mostrar a Mamãe, à avó, a Paul, a Chris, a todo mundo! Eu não era má, ou corrupta, ou filha de Demônio. Era apenas eu, a melhor bailarina do mundo!

Debati-me, virei-me na cama, mergulhei e emergi de pesadelos, enquanto Carrie continuava a dormir placidamente. Em meus sonhos eu fazia tudo errado durante o teste e, o que era pior, fazia tudo errado pelo resto de minha vida inteira! Terminava como uma velhinha encarquilhada, mendigando nas ruas de uma grande metrópole. No escuro, passava por minha mãe e lhe implorava uma esmola. Ela continuava jovem e bonita, elegantemente trajada, coberta de jóias e peles, acompanhada pelo sempre jovem e fiel Bart Winslow.

Acordei. Ainda era noite. Que noite comprida! Desci as escadas e encontrei as luzes da árvore de Natal acesas. Chris, deitado no chão, fitava os galhos da árvore. Era o que costumávamos fazer quando crianças. Embora eu devesse saber que não estava correto, sentime irresistivelmente atraída para ele, deitei-me a seu lado. Olhei para a árvore cintilante, que parecia irreal.

— Pensei que você tivesse esquecido — murmurou Chris sem me olhar. — Lembre-se: quando estávamos em Foxworth Hall, a árvore de Natal era pequena e ficava em cima de uma mesa, de modo que não nos podíamos deitar sob ela como agora. E veja o que aconteceu. No futuro, mesmo que nossas árvores tenham menos de meio metro de altura, nós as penduraremos bem alto, para podermos deitar-nos embaixo.

O modo como ele disse aquilo preocupou-me. Virei lentamente a cabeça a fim de ver-lhe o perfil. Chris era tão lindo, ali deitado, com os cabelos louros mudando constantemente de cor. Cada mecha parecia captar uma tonalidade diferente do arco-íris e, quando ele virou a cabeça para fitar-me, seus olhos também brilhavam.

— Você parece... tão divino — disse com voz tensa. — Vejo doçura em seus olhos e as jóias da coroa da Inglaterra também.

— Não... isso é o que vejo nos seus, Cathy. Está linda nessa camisola branca. Adoro quando usa camisolas brancas com fitas de cetim azul. Adoro a maneira como seus cabelos se abrem em leque e você vira a cabeça, descansando o rosto num travesseiro de cetim dourado.

Aproximou-se de mim, de modo que também seu rosto repousou em meus cabelos. Aproximando-se ainda mais, até que nossas testas quase se tocaram. Seu hálito cálido me acariciou o rosto. Movi a cabeça para trás, arqueando o pescoço. Não me senti totalmente real quando seus lábios quentes me beijaram a curva do pescoço, permanecendo ali. Prendi a respiração. Por longos, intermináveis momentos esperei que ele se afastasse. Queria afastar-me dele, mas não conseguia. Uma doce paz me invadiu, estremecendo-me a pele com uma sensação deliciosa e arrepiante.

— Não me beije outra vez — sussurrei, agarrando-me mais a ele, comprimindo-lhe a cabeça contra meu pescoço.

— Eu a amo — sufocou ele. — Nunca haverá ninguém para mim, a não ser você. Recordarei esta noite com você, sob a árvore de Natal, e me lembrarei de como você foi bondosa ao me permitir abraçá-la assim.

— Chris, você tem mesmo que ir embora e tornar-se médico? Não pode ficar aqui e decidir-se por alguma outra profissão?

Ele levantou a cabeça para fitar-me nos olhos.

— Cathy... você precisa perguntar? Foi a única coisa que eu realmente quis em toda a minha vida, mas você...

Recomecei a soluçar. Não queria que ele fosse! Fiz-lhe cócegas no rosto com as pontas do meu cabelo até que ele soltou um grito e me beijou os lábios, um beijo tão suave, que desejava tornar-se mais ousado, mas temia que eu me afastasse caso isto acontecesse. Quando o beijo terminou, Chris disse uma porção de loucuras a respeito de minha beleza angelical.

— Cathy... olhe para mim! Não vire a cabeça para fingir que não sabe o que estou fazendo e dizendo! Veja o tormento que me causa! Como poderei encontrar outra pessoa, se você faz parte de meus ossos, de minha carne? Suas pulsações se aceleram quando as minhas o fazem! Seus olhos ardem quando os meus também ardem, não negue!

Seus dedos trêmulos começaram a abrir os pequenos botões cobertos de renda que fechavam minha camisola até a cintura. Fechei os olhos e vi-me outra vez no sótão, quando Chris me ferira acidentalmente o flanco com a tesoura e, agora, eu sangrava e sentia dor, necessitando beijar-lhe os lábios para aliviar o sofrimento.

— Como são lindos os seus seios! — suspirou ele, esfregando de leve o nariz nos bicos eriçados. — Lembro-me de como seu peito era chato e, depois, começou a crescer. Você era tão tímida com relação a eles, sempre querendo usar suéteres largos para que eu não os percebesse. Por que se envergonhava?

Tive a impressão de pairar acima da cena, observando-o beijar-me os seios e, bem no íntimo, estremei. Por que lhe permitia fazer aquilo? Meus braços lhe puxaram o corpo com mais força contra mim e, quando meus lábios tornaram a encontrar os seus, talvez tenham sido meus próprios dedos que abriram os botões do seu pijama, de modo a sentir-lhe o peito nu de encontro ao meu. Mesclamo-nos numa massa ardente de desejo insatisfeito, antes que eu gritasse de repente:

— Não! Seria pecado!

— Então, vamos pecar!

— Então, não me deixe nunca mais! Esqueça a medicina! Fique comigo! Não vá embora e me deixe sozinha! Tenho medo de mim mesma, sem você! Às vezes, cometo loucuras! Por favor, Chris, não me deixe sozinha! Nunca estive sozinha, por favor, fique!

— Tenho que ser médico — gemeu ele. — Peça-me para desistir de qualquer outra coisa e concordarei. Mas não me peça para abrir mão da única coisa que nos manteve juntos. Você não desistiria da dança... não é mesmo?

Eu não sabia, enquanto correspondia a seus beijos cada vez mais exigentes, o fogo entre nós aumentando, dominando-nos e arrastando-nos à beira do inferno.

— Eu a amo tanto que, às vezes, nem sei o que fazer! — exclamou ele. — Se ao menos pudesse possuí-la uma única vez e você não sentisse dor, só prazer...

O inesperado abrir de seus lábios quentes, a língua que obrigava meus lábios a se abrirem também, percorreram-me o corpo como um choque elétrico!

— Eu a amo! Oh! como eu a amo! Sonho com você! Penso em você o dia inteiro!

E continuou a dizer coisas assim, respirando mais depressa até ficar ofegante, enquanto eu era dominada por meu corpo pronto e ansioso por ser satisfeito. Enquanto meus pensamentos queriam rejeitar Chris, meu corpo o desejava! Sufoquei-me de vergonha!

— Aqui não — disse ele entre beijos. — Lá em cima, no meu quarto.

— Não! Sou sua irmã... e seu quarto fica perto demais do de Paul. Ele nos escutaria.

— Então, usaremos o seu quarto. Carrie é capaz de dormir durante uma batalha.

Antes que eu me desse conta do que acontecia, Chris pegou-me nos braços, subiu correndo a escada dos fundos, entrou em meu quarto e caiu comigo na cama. Tirou minha camisola e o seu pijama; então, deitado junto a mim, recomeçou o que iniciara. Eu não queria aquilo. Não queria que se repetisse!

— Pare! — protestei, rolando na cama para sair de baixo dele.

Caí no chão. Numa fração de segundo, Chris estava no chão comigo, lutando. Rolamos interminavelmente, dois corpos nus que, de repente, bateram em algo sólido. Foi o que deteve Chris. Ele fitou a caixa de doces, um pão, maçãs, laranjas, meio quilo de queijo, várias latas de atum, ervilhas, suco de tomate, mais um abridor de latas, pratos, copos e talheres.

— Cathy! Por que rouba comida de Paul e a esconde sob a cama?

Sacudi a cabeça, sem saber ao certo por que motivo roubara a comida e a escondera. Então, sentei-me e, recatadamente, peguei a camisola que ele arrancara e segurei-a em frente do corpo.

— Vá embora! Deixe-me em paz! Amo você apenas como irmão, Christopher!

Ele se aproximou, abraçando-me e pousando a cabeça no meu ombro.

— Sinto muito. Oh! Querida! Sei por que razão pegou a comida: tem necessidade de manter alimentos ao alcance da mão, sente medo de sermos castigados novamente. Não sabe que sou a única pessoa que compreenderá? Cathy, deixe-me amá-la apenas mais uma vez, só mais uma vez, para durar pelo resto de nossas vidas. Deixe-me ao menos uma vez proporcionar-lhe o prazer que não lhe dei antes; só uma vez, para durar até o final de nossas vidas.

Esbofeteei-lhe o rosto!

— Não! — bradei furiosa. — Nunca mais! Você prometeu e julguei que fosse cumprir a promessa! Se tem que ser médico, ir embora e deixar-me sozinha, então a resposta será sempre não!

Calei-me. Não desejava dizer aquilo.

— Chris... não me olhe assim, por favor!

Ele vestiu vagarosamente o pijama. Depois, lançou-me um olhar magoado.

— Não haverá vida para mim se eu não for médico, Cathy.

Tapei a boca com ambas as mãos, para não gritar. O que havia de errado em mim? Não tinha o direito de exigir-lhe que abandonasse o seu sonho. Eu não era como minha mãe, que fazia todo mundo sofrer para satisfazer suas vontades. Solucei nos braços de Chris. Em meu irmão, eu já encontrara o amor eterno, sempre vivo, primaveril, que jamais poderia florescer.

Mais tarde, deitada de olhos abertos em minha cama, compreendi pelo modo desesperançado e inerte como me sentia, que até mesmo num vale sem montanhas o vento ainda era capaz de soprar.

O teste

Era o dia seguinte ao Natal. À uma hora da tarde eu precisava estar em Greenglenna, terra natal de Bart Winslow e sede da Escola de Ballet Rosencoff. Embarcamos todos no automóvel do Dr. Paul e chegamos lá cinco minutos antes da hora.

Madame Rosencoff disse-me que, se fosse aceita, eu deveria chamá-la de Madame Marisha. Se fracassasse, nunca mais deveria dirigir-me a ela, por qualquer nome. Usava apenas uma malha preta que realçava todos os contornos de seu corpo soberbo, ágil e esguia apesar de estar beirando os cinqüenta anos de idade. Os bicos dos seios empurravam as malhas do tecido negro, duros como pontas de metal. O marido, Georges, também usava malha preta para mostrar o corpo magro mas musculoso, que já revelava sinais de idade nas pequenas protuberâncias da barriga. Vinte moças e três rapazes deviam fazer testes.

— Que música escolhe? — indagou ela.

(Tive a impressão de que o marido jamais falaria, embora me observasse constantemente com os negros olhos brilhantes).

— “A Bela Adormecida”, — respondi timidamente, pois julgava o papel da Princesa Aurora a melhor de todas as obras do repertório clássico.

Portanto, por que escolher uma peça menos exigente?

— Sou capaz de dançar sozinha o Adágio da Rosa — gabei-me.

— Maravilhoso — disse ela, sarcástica, acrescentando com desdém ainda maior: — Só por sua aparência, adivinhei que escolheria A Bela Adormecida.

Seu tom me fez desejar ter escolhido algo mais fácil.

— Que cor de malha prefere?

— Rosa.

— Foi o que presumi.

Jogou-me uma desbotada malha cor-de-rosa e depois, com a mesma indiferença, escolheu a esmo um par de sapatilhas numa fileira tripla com dúzias delas. Por mais incrível que pareça jogou-me um par que se ajustou com perfeição aos meus pés. Após despir-me e vestir a malha e as sapatilhas, sentei-me a uma longa penteadeira com um espelho do mesmo comprimento e comecei a prender o cabelo. Ninguém precisou dizer-me que Madame desejaria ver-me o pescoço e qualquer *épaulement* que eu fizesse certamente lhe desagradaria. Isso, eu já sabia.

Mal terminei de vestir-me e prender o cabelo, com um bando de garotas soltando risadinhas ao meu redor, quando Madame Marisha enfiou a cabeça pela porta entreaberta, a fim de verificar se eu já estava pronta. Seus olhos negros me estudaram criticamente.

— Nada mau. Venha comigo — ordenou, afastando-se.

Tinha pernas fortes e musculosas. Como permitira que aquilo acontecesse? Eu jamais ficaria tanto em *pointe* até que minhas pernas se tornassem masculinas como as dela.

Nunca!

Madame levou-me a um amplo salão cujo assoalho polido não era tão liso quanto aparentava. Ao longo das paredes havia cadeiras para os espectadores e vi Chris, Carrie, Henny e o Dr. Paul ali sentados. Agora arrependia-me de tê-los convidado. Se eu fracassasse, eles assistiriam à minha humilhação. Havia também outras oito ou dez pessoas, mas não lhes prestei muita atenção. As moças e rapazes da companhia agruparam-se num canto para assistirem. Eu estava mais amedrontada do que presumi que ficasse. Claro que praticara um pouco desde que fugira de Foxworth Hall, mas não com a mesma dedicação que empregava no sótão. Deveria ter passado a noite inteira fazendo exercícios e chegado à escola de madrugada, para aquecer-me melhor. Então, talvez não me sentisse tão nervosa a ponto de querer vomitar.

Desejava ser a última, a fim de observar todas as outras, ver os erros que cometessem e tirar lições deles, ou assistir às bem sucedidas e aproveitar-me disso. Dessa forma, poderia avaliar o que eu deveria fazer.

O próprio Georges sentou-se ao piano. Engoli em seco, para aliviar o nó que me apertava a garganta; tinha a boca seca e borboletas em pânico esvoaçavam-me dentro do peito enquanto meus olhos buscavam entre os espectadores a pedra-ímã de que eu necessitava: os olhos azuis de Chris. E como sempre, lá estava ele para sorrir, telegrafando-me seu orgulho, confiança e imorredoura admiração. Meu querido, meu amado Christopher como sempre presente quando eu precisava dele, sempre me dando algo e tornando-me melhor do que seria sem ele. “*Oh! Deus!*” Rezei. “*Ajude-me a ser boa! Permita-me corresponder às expectativas de Chris!*”

Não consegui olhar para Paul. Este desejava ser meu pai, não minha pedra ímã. Se eu fracassasse e o embaraçasse, certamente passaria a encarar-me de uma maneira diferente. Eu perderia o encanto que tinha para ele. Deixaria de ser uma pessoa especial.

Um toque em meu braço sobressaltou-me. Girando nos calcanhares, deparei com Julian Marquet.

— Quebre uma perna — sussurrou ele, sorrindo para mostrar dentes muito alvos e perfeitos.

Seus olhos escuros brilhavam travessamente. Era mais alto que a maioria dos bailarinos, com quase um metro e oitenta, e eu logo saberia que tinha dezenove anos. Tinha a pele clara como a minha, embora, em contraste com os cabelos escuros, parecesse muito pálida. O queixo forte tinha uma cova central; uma covinha no lado direito do rosto parecia brincar de aparecer e desaparecer à vontade. Agradei-lhe os votos de boa sorte, muito impressionada com sua beleza física.

— Puxa! — exclamou quando lhe sorri. Tinha uma voz grave. — Você é muito bonita. Pena que seja uma garotinha.

— Não sou garotinha!

— O que é, então, uma senhora de dezoito anos?

Sorri, muito satisfeita por aparentar aquela idade.

— Talvez sim, talvez não.

Ele sorriu, como se conhecesse todas as respostas. Pelo modo como se gabava de ser um dos melhores bailarinos de uma companhia de Nova York, talvez conhecesse realmente todas as respostas.

— Estou aqui apenas durante as festas do final de ano, para dar uma ajuda à Madame. Logo voltarei a Nova York, que é o meu lugar. Olhou em torno, como se as “províncias” o matassem de tédio. Meu coração deu uma cambalhota. Rezei para que ele fosse um dos bailarinos com quem eu trabalharia. Trocamos mais algumas palavras, então souou a minha “deixa” musical. De repente, eu estava sozinha no sótão, com flores coloridas de papel penduradas em barbantes compridos; ninguém senão eu e aquele amante secreto que dançava à pequena distância de mim, nunca permitindo que eu me aproximasse o suficiente para ver-lhe o rosto.

Comecei a dançar, tímida a princípio, mas depois fazendo as coisas certas, todos os *entrechats*, movimentos de braços e piruetas. Tive o cuidado de manter os olhos abertos e o rosto sempre voltado para os espectadores que eu não conseguia ver. Então a magia chegou e tomou conta de mim. Não precisei planejar o movimento nem contar o compasso, pois a música me dizia o que fazer e como fazer; eu era a sua voz e, portanto, infalível. E como sempre, aquele homem surgiu para dançar comigo — só que desta vez eu lhe vi o rosto! Um rosto lindo, pálido, com olhos escuros e faiscantes, cabelos negros como a noite e lábios de rubi. Julian! Eu o vi como num sonho, estendendo os braços fortes, apoiando um joelho no chão, a outra perna esticada graciosamente para trás. Com os olhos, fez-me sinal para correr e pular nos braços que me aguardavam. Encantada por vê-lo ali, um verdadeiro profissional, estava a meio caminho do ponto onde deveria iniciar o salto quando senti uma dor lancinante no abdome! Dobrei-me, gritando! A meus pés, uma grande poça de sangue! O sangue me escorria pelas pernas, manchando a malha e as sapatilhas cor-de-rosa. Escorreguei e caí ao chão, sentindo-me tão fraca que só consegui permanecer deitada, imóvel, e escutar os gritos. Os gritos não eram meus, mas de Carrie. Fechei os olhos, sem me importar em saber quem veio socorrer-me.

À distância, escutei as vozes de Paul e Chris. O rosto preocupado de meu irmão debruçou-se, revelando nitidamente todo o seu amor por mim; senti-me simultaneamente reconfortada e temerosa, pois não queria que Paul percebesse. Chris disse-me algo a respeito de não ter medo. Então, a escuridão chegou e carregou-me para um lugar muito remoto, onde ninguém me queria. E minha carreira de bailarina, ainda nem iniciada, estava terminada. Terminada.

Emergi de um sonho povoado por bruxas e vi Chris sentado na cama de hospital, segurando-me a mão inerte... e aqueles olhos azuis... Oh! Meu Deus! Aquelles olhos...

— Olá — disse ele suavemente, apertando-me os dedos. — Estava esperando que voltasse a si.

— Olá.

Ele sorriu, debruçando-se para beijar-me o rosto.

— Uma coisa eu lhe digo, Catherine Doll: você realmente sabe dar um final dramático à dança!

— Sim, isso é talento. Verdadeiro talento. Acho melhor dedicar-me ao teatro.

Ele sacudiu os ombros, indiferente.

— Creio que seria uma ótima atriz, mas duvido que tente.

— Oh! Chris! — protestei com voz sumida. — Você sabe que estraguei toda e qualquer possibilidade! Por que sangrei daquela maneira? Sabia que meu olhar estava carregado de medo, medo de que ele percebesse e adivinhasse a causa. Chris inclinou-se para me abraçar e estreitar contra o peito.

— A vida oferece mais que uma oportunidade, Cathy, como você bem sabe, Você precisou fazer uma D & C. Amanhã, estará boa e de pé.

— O que é uma D & C?

Ele sorriu, acariciando-me ternamente o rosto, sempre esquecido de que eu não era tão esclarecida quanto ele em questões médicas.

— Abreviatura de dilatação e curetagem, um processo no qual uma mulher é dilatada e o médico emprega um instrumento chamado cureta para raspar a parede interna do útero. Aqueles períodos em que você não ficou menstruada devem ter provocado coágulos, que se soltaram de repente.

— Quem fez a curetagem? — sussurrei, com medo de que fosse Paul.

— Um ginecologista chamado Dr. Jarvis, amigo do nosso doutor. Paul afirma que é o melhor ginecologista da região.

Nossos olhares se encontraram.

— Foi só isso, Cathy... nada mais.

Recostei-me nos travesseiros, sem saber o que pensar. De todas as ocasiões para acontecer algo assim... diante de todas as pessoas que eu tentava impressionar! Oh! Meu Deus! Por que a vida era tão cruel para mim?

— Abra os olhos, minha dama Catherine — disse Chris. — Está fazendo tempestade num copo de água, quando, na verdade, não faz diferença nenhuma. Dê uma olhada naquela cômoda e veja todas as flores lindas que recebeu. Flores reais, não de papel. Espero que não se importe de eu ter lido os cartões.

Naturalmente, eu não me importava que ele lesse. Chris foi à cômoda e logo voltou, colocando em minha mão flácida um pequeno envelope branco. Olhei para o enorme ramallete de flores, julgando que fosse lembrança de Paul. Só então olhei para o envelope. Meus dedos trêmulos tiraram dele um pequeno cartão que dizia: *“Espero que se recupere depressa. Aguardo-a na próxima segunda-feira, às três em ponto. Madame Marisha.”*

Marisha! Eu fora aceita!

— Chris, os Rosencoff me querem!

— Claro que querem — disse ele suavemente. — Do contrário, seriam imbecis. Mas aquela mulher me mata de medo! Apesar de ser miúda, eu não desejaria tê-la controlando minha vida. Todavia, creio que você saberá muito bem como lidar com ela; de todo modo, sempre poderá ter outra hemorragia.

Sentei-me na cama para abraçá-lo.

— Tudo vai dar certo para nós, não vai, Chris? Acha realmente que poderá ser assim? Será que teremos tanta sorte?

Chris meneou a cabeça, sorrindo, e apontou para outro buquê. Fora enviado por Julian Marquet, acompanhado de um rápido bilhete: *“Tornarei a vê-la quando vier de Nova York. Portanto, Catherine Doll, não se esqueça de mim.”*

Vi por cima do ombro de Chris, enquanto este me estreitava nos braços, Paul entrar no quarto e hesitar junto à porta ao observar-nos. Em seguida, exibiu um sorriso e avançou. Chris e eu nos separamos depressa.

Voltam os tempos de escola

Chegou o dia de janeiro em que tivemos que separar-nos. Tínhamos prestado exames para avaliar nossa capacidade e para nosso grande espanto recebêramos todos notas excelentes. Classifiquei-me para a décima série, Carrie para a terceira e Chris para o curso preparatório para a faculdade de Medicina. Mas o rosto de Carrie não demonstrava satisfação quando ela berrou:

— Não! Não! — preparou-se para desferir pontapés e cerrou os punhos para combater quem tentasse forçá-la. — Não quero escola particular para garotinhas esquisitas! Não irei! Não podem me obrigar! Vou contar ao Dr. Paul, Cathy!

Tinha o rosto rubro de fúria e sua voz chorosa parecia o uivo de uma sirene. Não fiquei eufórica com a idéia de enviar Carrie a um colégio interno situado a dezesseis quilômetros da cidade. Chris também partiria, no dia seguinte à ida de Carrie. Eu ficaria sozinha para freqüentar o ginásio e tínhamos feito a solene promessa de jamais nos separarmos. (Eu me obrigara a devolver a comida roubada e ninguém tinha conhecimento do fato, exceto Chris). Peguei Carrie no colo para explicar-lhe que o Dr. Paul escolhera aquela escola muito especial e já pagara uma enorme quantia de matrícula.

Ela fechou os olhos com força, tentando não escutar.

— E não é uma escola para garotinhas esquisitas, Carrie — acrescentei em tom tranquilizador, beijando-lhe a testa. — É uma escola para meninas ricas, cujos pais podem pagar pelo melhor. Deve sentir-se muito orgulhosa e afortunada por termos o Dr. Paul como nosso responsável legal.

Consegui convencê-la? Alguma vez conseguira convencê-la de alguma coisa?

— Mesmo assim, não quero ir — chorou ela, obstinada. — Por que não posso ir para a sua escola, Cathy? Por que tenho que ir sozinha, sem ninguém comigo?

— Ninguém? — repeti, rindo para esconder que sentia um temor semelhante ao dela. — Não estará sozinha, querida. Ficarão com centenas de outras meninas da sua idade. A sua é uma escola primária; eu tenho que freqüentar o ginásio.

Embalei-a em meus braços, alisando-lhe a comprida e brilhante cascata de cabelos dourados, depois voltei seu provocante rostinho de boneca para o meu. Era uma coisinha linda. Como seria bela caso o corpo crescesse em proporção com a cabeça!

— Carrie, você tem quatro pessoas que a amam muito: o Dr. Paul, Henny, Chris e eu. Todos nós desejamos o que é melhor para você e, mesmo que alguns quilômetros nos separem, você permanecerá em nossos corações e pensamentos. Além disso, poderá vir passar todos os fins de semana em casa. E, acredite se quiser, a escola não é um lugar tão ruim; na verdade, é divertida. Você compartilhará um belo quarto com uma menina da sua idade, terá ótimas professoras e, melhor que tudo, estará em companhia de meninas que a acharão a coisa mais linda que já tiveram oportunidade de ver. E deve ter a companhia de outras crianças; é necessário. Sei que estar com muitas meninas é um bocado divertido. A gente joga, tem sociedades secretas, dá festas, troca segredos e ri a noite inteira. Você vai adorar.

Sim. Claro. Ela adoraria. Carrie só aquiesceu depois de derramar uma torrente de lágrimas, os olhos suplicantes dizendo-me que ela só iria para agradar a mim e ao Dr. Paul, a quem ela queria muito bem. E, para ela, aquele internato de meninas seria uma cama de pregos que ela se via obrigada a suportar. Paul e Chris entraram bem a tempo de ouvi-la perguntar:

— E terei que ficar lá por muito, muito tempo?

Ambos tinham-se trancado na biblioteca de Paul durante muitas horas, com Paul ensinando a Chris a parte de química que este não estudara no sótão enquanto lá estivemos presos. Paul lançou um rápido olhar a Carrie, percebeu-lhe o sofrimento e se encaminhou para o armário embutido no corredor. Voltou logo depois com uma grande caixa embrulhada em papel roxo e amarrada com uma fita de cetim vermelho de dez centímetros de largura.

— Isto é para a minha loura predileta — anunciou.

Os olhos grandes e assustados de Carrie o fitaram antes que ela exibisse um leve sorriso.

— Oh! — exclamou, deliciada ao abrir o presente e deparar com o conjunto de malas vermelhas, completo, de couro, tendo até mesmo uma frasqueira com pente de ouro, escova de cabelo, espelho e uma série de frascos para cosméticos. Havia igualmente uma pasta de couro vermelho para papéis, a fim de que ela pudesse escrever cartas para nós.

— É lindo! — exclamou Carrie, imediatamente conquistada pela cor vermelha e excelente qualidade do presente. — Eu não sabia que faziam malas vermelhas com espelhos de ouro dentro!

Tive que olhar para Paul, que certamente não julgava que uma garotinha precisasse de maquilagem. Como se lesse meus pensamentos, ele disse:

— Sei que é um presente um tanto adulto, mas desejava dar à Carrie algo que ela pudesse usar durante muitos e muitos anos. Quando ela olhar para essas malas, daqui a anos, vai lembrar-se de mim.

— São as malas mais lindas que já vi — declarei alegremente. — Você poderá colocar na frasqueira suas escovas de dentes, pasta dentifrícia, talco e água de colônia.

— Não vou botar água de colônia fedorenta nas minhas malas!

Todos nós tivemos que rir. Então, levantei-me e subi correndo a escada para buscar uma caixinha, que levei para Carrie. Segurei a caixa com extremo cuidado, indecisa se devia entregá-la à Carrie e despertar velhas lembranças.

— Dentro desta caixa estão alguns velhos amigos seus, Carrie. Quando estiver na Escola Para Moças Bem Educadas da Srta. Emily Dean Calhoun e se sentir solitária, basta abrir a caixinha e ver o que há dentro dela. Não mostre o conteúdo a qualquer pessoa, mas apenas às suas amigas mais íntimas.

Carrie arregalou os olhos ao ver as minúsculas pessoas de porcelana e o bebê de quem ela tanto gostava, roubadas por mim daquela enorme e fabulosa casa de bonecas com a qual ela passara tantas horas brincando no sótão. Eu trouxera até mesmo o berço.

— O Sr. e a Sra. Parkins — murmurou Carrie, com lágrimas de felicidade nos grandes olhos azuis. — E Clara, a nenenzinha! De onde vieram eles, Cathy?

— Você sabe de onde vieram.

Ela olhou para mim, segurando a caixa cheia de algodão para proteger os frágeis bonecos e o berço de madeira feito à mão, uma herança inestimável.

— Cathy, onde está Mamãe?

Oh! Deus! Exatamente o que eu não desejava que ela perguntasse!

— Carrie, você bem sabe que devemos dizer a todo mundo que nossos pais morreram.

— Mamãe morreu mesmo?

— Não... mas precisamos fingir que morreu.

— Por quê?

Mais uma vez, tive que explicar a Carrie o motivo pelo qual jamais poderíamos revelar nossa verdadeira identidade e o fato de nossa mãe ainda estar viva: seríamos trancados de volta naquele quarto horrível. Carrie permaneceu sentada no chão, perto das lindas malas de couro vermelho, segurando no colo a caixa com os bonecos de porcelana, a fitar-me com o olhar assustado, sem compreender.

— Falo sério, Carrie! Você nunca falará na nossa família a não ser com Chris, o Dr. Paul, Henny e eu. Compreende?

Ela assentiu com a cabeça, mas não compreendeu. Seus lábios trêmulos e expressão tristonha revelavam claramente: ela ainda queria Mamãe! Então, chegou o dia terrível em que fizemos de automóvel o trajeto de dezesseis quilômetros até a elegante escola particular para filhas de gente rica. O prédio era grande, pintado de branco, tendo na frente o pórtico e as colunas características de arquitetura da região. Uma placa de bronze ao lado da porta principal anunciava: FUNDADA EM 1824.

Fomos recebidos num escritório aquecido e acolhedor por uma descendente do fundador da escola, a Srta. Emily Dean Dewhurst. Uma mulher bonita e imponente, com cabelos espantosamente brancos e nem uma só ruga que lhe traísse a idade.

— É uma linda criança, Dr. Sheffield. Naturalmente faremos o possível para mantê-la feliz e confortável enquanto estuda.

Curvei-me para abraçar e beijar Carrie, que estremecia, e sussurrei-lhe ao ouvido:

— Anime-se e faça um esforço para divertir-se. Não se sinta abandonada. Todos os fins-de-semana viremos buscá-la para irmos juntos para casa. Será tão ruim?

Carrie animou-se e forçou um sorriso:

— Sim, posso fazer isso — murmurou com voz sumida.

Não foi fácil irmos embora, deixando Carrie naquela mansão bonita pintada de branco.

No dia seguinte foi a vez de Chris partir para o curso preparatório. Oh! Como doeu vê-lo arrumar as bagagens! Observei mas não consegui falar. Chris e eu não suportávamos olhar um para o outro.

A escola de Chris ficava ainda mais afastada. Paul dirigiu quarenta e oito quilômetros antes de chegarmos ao campus com prédios de tijolos cor-de-rosa e, mais uma vez, as indefectíveis colunas brancas. Sentindo que precisávamos ficar a sós, Paul apresentou uma desculpa esfarrapada de querer inspecionar os jardins. Chris e eu não ficamos realmente a sós, mas numa alcova com grandes portas para o exterior. Rapazes passavam constantemente lá fora para espiar-nos. Eu desejava ficar nos braços de Chris, com o rosto colado ao seu. Queria que aquilo fosse um adeus ao amor, um adeus tão completo que nos desse a certeza de que o amor se fora para sempre, ao menos o amor que estava errado entre nós.

— Chris — gaguejei, à beira das lágrimas. — O que farei sem você?

Seus olhos azuis mudavam constantemente de tonalidade, acompanhando lhe o caleidoscópio de emoções.

— Nada mudará, Cathy — sussurrou ele com voz embargada, segurando-me as mãos. — Quando nos encontrarmos outra vez, ainda sentiremos a mesma coisa. Eu a amo. Sempre a amarei, seja certo ou errado. Não consigo evitar. Estudarei com tanto afinho que nem terei tempo de pensar em você, ou sentir saudades, ou imaginar o que estará acontecendo em sua vida.

— E acabará sendo o mais jovem médico diplomado na história da humanidade — zombei, embora minha voz estivesse tão embargada quanto a sua. — Poupe um pouquinho de amor para mim e guarde-o bem no fundo do coração, da mesma forma como guardarei meu amor por você. Não podemos cometer o mesmo erro que nossos pais.

Chris suspirou pesadamente e baixou a cabeça, observando o chão a seus pés. Ou talvez observasse meus pés, calçados em sapatos de salto alto que tornavam minhas pernas muito mais bonitas.

— Cuide-se bem.

— É claro. E você também. Não estude demais. Divirta-se e escreva-me ao menos uma vez por dia, pois acho que não devemos engordar a conta de telefone do Dr. Paul.

— Cathy, você é muito bonita. Talvez bonita demais. Olho para você e revejo nossa mãe em seu modo de gesticular e de tombar a cabeça para um lado. Não encante demais o

nosso médico. Quero dizer: afinal, ele é um homem. Não tem esposa e você estará morando na mesma casa que ele.

Ergueu a cabeça, com uma súbita expressão penetrante no olhar.

— Não cometa erros ao tentar fugir do que sente por mim. Falo sério, Cathy.

— Prometo comportar-me.

Era uma promessa tão fraca, quando ele despertara em mim aquele anseio primitivo, que deveria ser contido até que eu tivesse idade suficiente para enfrentá-lo. Agora, tudo o que eu desejava era ser amada e satisfeita por alguém com quem me sentisse bem.

— Paul é um grande sujeito — disse Chris, hesitante. — Eu gosto dele. Carrie o ama. O que sente você por ele?

— Gosto dele, como você e Carrie. Sinto gratidão. Isso não é errado.

— Ele não fez nada fora do certo?

— Não. É honrado e decente.

— Eu o vejo sempre olhando para você, Cathy. É tão jovem, tão bela, tão necessitada de amor... — fez uma pausa e corou, desviando culposamente o olhar antes de acrescentar: — Sinto-me mesquinho ao lhe dizer isso, quando ele fez tanta coisa por nós, mas às vezes penso que nos aceitou apenas... bem... apenas por causa de você. Porque deseja você!

— Chris, ele é vinte e cinco anos mais velho que eu! Como pode pensar uma coisa dessas?

Chris pareceu aliviado.

— Tem razão — disse ele. — Você é tutelada de Paul e moça demais para ele. Nesses hospitais devem existir muitas beldades que ficariam felizes se pudessem estar com ele. Creio que você estará segura.

Sorrindo, puxou-me para si e baixou os lábios até os meus. Apenas um beijo leve e terno, uma despedida temporária.

— Perdoe-me pela noite de Natal — disse ele quando terminou o beijo.

Meu coração era uma ruína dolorosa quando recuei para deixá-lo. Como viveria sem ele a meu lado? Mais uma das coisas que ela nos fizera: querermo-nos demais, quando nunca deveríamos amar-nos daquela forma. Culpa dela, sempre culpa dela! Tudo que houvera de errado em nossas vidas podia ser atribuído a ela!

— Não estude demais, Chris, ou logo precisará usar óculos.

Chris riu, fazendo um gesto de adeus com evidente relutância. Nenhum de nós conseguiu pronunciar a palavra “adeus”. Girei nos calcanhares, as lágrimas queimando-me os olhos enquanto corri pelos compridos corredores, e saí para o sol brilhante. No carro branco de Paul, derreei-me no assento e soluzei de verdade, como Carrie quando chorava. De repente, Paul pareceu surgir do nada e sentou-se, calado, ao volante. Ligou o motor, fez a manobra e partiu em direção à estrada. Não mencionou meus olhos inflamados nem o lençinho úmido que eu tinha na mão para enxugar as lágrimas que continuavam a brotar. Não me indagou por que razão eu permanecia tão calada, quando geralmente brincava, provocava ou tagarelava coisas sem sentido só para não escutar o silêncio. Quietude, silêncio. Ouça as penas caírem, escute a casa estalar. Era a escuridão do sótão. As mãos fortes e bem cuidadas de Paul dirigiam o automóvel com uma habilidade tranqüila e natural, enquanto ele se mantinha relaxado no assento. Estudei-as, pois, em seguida aos olhos, as mãos eram a primeira coisa que eu notava num homem. Depois, baixei os olhos para suas pernas: coxas bem torneadas, que as calças de malha azul mostravam muito bem, talvez bem demais, pois de repente já não me senti triste ou deprimida, mas dominada por uma onda de sensualidade.

Árvores gigantescas orlavam a estrada larga e negra, troncos retorcidos e escuros, grossos e velhos.

— Magnólias Buli Bay — disse Paul. — é uma pena não estarem floridas nesta época. Mas não demorarão muito a florir, pois nossos invernos são curtos. Uma coisa que você não

deve esquecer: jamais cheire ou toque numa flor de magnólia; se o fizer, murchará e morrerá com ela.

Lançou-me um olhar provocante, de modo que não pude perceber se dizia ou não a verdade.

— Antes de você chegar com seus irmãos, eu costumava ter medo de entrar com o carro na minha rua. Estava sempre tão solitário! Agora, volto para casa cheio de felicidade. É gostoso ser feliz outra vez. Obrigado, Cathy, por terem vindo para o Sul e não para o Norte ou o Oeste.

Logo que chegamos em casa, Paul foi para o consultório e eu subi, a fim de tentar afugentar a solidão exercitando-me na barra. Paul não veio jantar em casa e isto piorou ainda mais a situação. Também não apareceu após o jantar, de modo que fui deitar-me cedo. Sozinha. Carrie se fora. O meu fiel Christopher também. Pela primeira vez, dormiríamos sob tetos separados. Eu precisava de alguém; sentia-me mal, amedrontada. O silêncio da casa e o profundo negrume da noite pareciam gritar ao meu redor: Sozinha! Sozinha! Você está sozinha e ninguém se importa, ninguém se importa! Pensei em comida. Preocupei-me por não manter um grande suprimento ao alcance da mão. Então, lembrei-me de que devia tomar um pouco de leite quente. Diziam que leite quente ajudava a dormir e dormir era o de que precisava.

Sedutora, eu?

A luz suave da lareira iluminava a sala de visitas. As achas cinzentas tinham se transformado em cinzas e Paul, envolto no quente robe vermelho, estava sentado numa poltrona de braços, tirando lentas baforadas do cachimbo.

Olhei para aquela cabeça envolta num halo de fumaça e vi uma pessoa cálida, necessitada, triste e ansiosa, como eu. E, como a tola que eu era com tanta frequência, aproximei-me dele com pés descalços e silenciosos. Que bom vê-lo usar nosso presente tão depressa. Eu estava usando um presente dele: um leve *pegnoir* azul-turquesa de tecido vaporoso, que esvoaçava sobre uma camisola da mesma cor. Paul sobressaltou-se ao ver-me ali, tão perto de sua poltrona, altas horas da noite. Contudo, ficou calado para não quebrar o encanto que, de algum modo, nos unia numa necessidade mútua. Havia muita coisa que eu não conhecia a respeito de mim mesma, do mesmo modo que não compreendi o impulso que me levou a erguer a mão para acariciar-lhe o rosto. Tinha a pele áspera, como se precisasse fazer a barba. Recostou a cabeça na poltrona e virou o rosto para o meu.

— Por que me toca, Catherine?

A pergunta, feita numa voz tensa e fria, poderia fazer-me sentir rejeitada e magoada, mas seus olhos eram poças límpidas e suaves de desejo; eu já vira desejo anteriormente, só que em olhos diferentes dos dele.

— Não gosta que o toquem?

— Não uma jovem sedutora, com roupas transparentes, vinte e cinco anos mais moça que eu.

— Vinte e quatro anos e sete meses mais moça — corrigi. — E minha avó materna se casou com um homem de cinquenta e cinco anos, quando tinha apenas dezesseis.

— Ela era uma tola e ele também.

— Minha mãe disse que ela foi boa esposa para ele — acrescentei, sem jeito.

— Por que não está deitada, dormindo? — indagou Paul, ríspido.

— Não consigo dormir. Acho que estou por demais excitada ante a perspectiva de iniciar as aulas amanhã.

— Então, acho melhor voltar para a cama, para acordar bem descansada.

Comecei a obedecer, de verdade, pois a idéia do leite quente ainda não me saíra da cabeça; por outro lado, tive também outras idéias, mais sedutoras.

— Dr. Paul...

— Detesto quando você me chama assim! — interrompeu ele. — Use meu primeiro nome ou não fale comigo.

— Acho que devo tratar o senhor com o respeito que merece.

— Que se dane o respeito! Não sou diferente dos outros homens. Um médico não é infalível, Catherine.

— Por que me chama de Catherine?

— Por que não deveria chamá-la de Catherine? É o seu nome e me parece um tratamento mais adulto que Cathy.

— Há pouco, quando lhe toquei o rosto, olhou-me com raiva, como se não quisesse que eu fosse adulta.

— Você é uma feiticeira. Em um segundo, transforma-se de uma garota ingênua numa mulher sedutora e provocante; uma mulher que parece saber exatamente o que está fazendo quando coloca a mão no meu rosto.

Meus olhos se desviaram ante a investida. Senti-me corada, nervosa, arrependida de não ter ido diretamente para a cozinha. Olhei para os valiosos livros nas estantes e os pequenos objetos de arte que ele parecia adorar. Para onde eu olhasse, havia algo que me recordava que a coisa de que ele mais necessitava era beleza.

— Catherine, vou-lhe fazer agora uma pergunta sobre um assunto que não me diz respeito, mas que sinto necessidade de indagar. O que realmente existe entre você e seu irmão?

Meus joelhos começaram a chocalhar nervosamente. Oh! Meu Deus! Será que nossas fisionomias revelavam? Por que ele tinha que perguntar? Não era da sua conta. Não tinha o direito de fazer tal pergunta. O bom senso e a capacidade de julgamento deveriam ter-me colado a língua no céu da boca, impedindo-me de responder, envergonhada e sem jeito:

— Ficaria chocado se soubesse que quando estávamos trancados num quarto, sempre juntos, os quatro irmãos, quando cada dia equivalia a uma eternidade, Chris e eu nem sempre nos encarávamos como irmãos? Chris fixou uma barra no sótão, a fim de que eu pudesse manter os músculos ágeis e continuar a sonhar que poderia ser, algum dia, uma grande bailarina. E enquanto eu dançava naquele assoalho de madeira macia e apodrecida, ele estudava na sala de aulas do sótão, passando horas e horas a ler velhas enciclopédias. Escutava a música de meus bailados e vinha observar-me, oculto nas sombras...

— Prossiga — instou ele, quando fiz uma pausa.

Fiquei de cabeça baixa, recordando o passado, esquecendo-me de Paul. Então, este se inclinou repentinamente, agarrou-me e sentou-me em seu colo.

— Conte-me o resto.

Eu não queria contar, mas seus olhos brilhavam, exigentes, fazendo-o parecer uma pessoa diferente. Engolindo em seco, continuei com relutância:

— A música sempre me causou uma sensação especial, mesmo quando era criança. Apodera-se de mim, animando-me, e me faz dançar. E quando me enlevo dessa maneira, não existe outro modo de voltar à realidade senão sentindo amor por alguém. Se voltar a sentir os pés no chão, com ninguém ali para amar, fico vazia e perdida. E não me agrada ficar vazia e perdida.

— Então, você dançava no sótão, deixando-se levar pela imaginação fantasiosa, e ao voltar à realidade constatava que a única pessoa ali presente a quem você podia amar era o seu irmão? — perguntou ele com gélida veemência, os olhos queimando os meus — Correto? Você tinha outra espécie de amor que reservava para os pequenos gêmeos, não é mesmo? Para eles, você era mãe. Eu sei. Vejo isto a cada vez que você olha para Carrie ou fala de

Cory. Mas que tipo de amor nutre por Christopher? Maternal? Fraternal? Ou é... — fez uma pausa, corando, e sacudiu-me. — O que fez com seu irmão quando estavam trancados lá em cima, sozinhos?

Dominada pelo pânico, sacudi a cabeça e empurrei suas mãos de meus ombros.

— Chris e eu fomos decentes! Fizemos o melhor possível!

— “O melhor possível”? — bradou ele, com olhar duro e belicoso, como se o homem bondoso e gentil que eu conhecera não passasse de um disfarce. — Que diabo quer dizer isso?

— Tudo o que você precisa saber! — reagi com violência, os olhos ardendo de raiva tão grande e brutal quanto a dele. — Acusa-me de seduzi-lo. Mas é você quem faz isso: observa cada movimento que faço! Despe-me com os olhos. Leva-me para a cama com o olhar. Fala em aulas de balé e em enviar meu irmão para a faculdade de medicina, mas durante todo o tempo insinua que, mais cedo ou mais tarde, exigirá o pagamento em troca disso; e eu sei que tipo de pagamento você tem em mente!

Libertei as mãos e rasguei a frente do *peignoir*, deixando à mostra o diáfano corpete da camisola azul-turquesa.

— Veja o tipo de presente que me deu! É a camisola adequada a uma mocinha de quinze anos? Não! É o tipo de camisola que a noiva usa na noite de núpcias! E você me fez presente dela, viu Chris franzir a testa, e nem mesmo teve a decência de corar!

O riso dele zombou de mim. Senti o cheiro do forte vinho tinto que ele gostava de tomar antes de deitar-se. Seu hálito quente em meu rosto, seu rosto muito próximo ao meu, de modo que via cada fio de cabelo que brotava da pele. Era o vinho que lhe provocava aquele comportamento, refleti. Só o vinho. Qualquer mulher em seu colo serviria, qualquer mulher! Provocadoramente, ele tocou os bicos de meus seios, passando de um para outro. Então, teve a audácia de enfiar a mão por baixo de meu corpete, para poder acariciar os seios jovens, inflamados de calor pelas inesperadas carícias. Os bicos se enrijeceram e passei a respirar tão depressa e profundamente quanto ele.

— Quer despir-se para mim, Catherine? — indagou com aquele seu ar zombeteiro. — Quer sentar-se nua em meu colo e deixar-me fazer tudo a meu modo? Ou prefere pegar aquele cinzeiro de cristal veneziano e quebrá-lo em minha cabeça?

Olhou-me fixamente. Então, de repente, chocado ao perceber onde estava sua mão, cobrindo meu seio esquerdo, puxou-a bruscamente, como se o contato com minha pele o queimasse. Procurou recompor o frágil tecido de meu *peignoir*, escondendo o que antes seus olhos devoravam avidamente. Olhou-me os lábios levemente entreabertos que esperavam ser beijados; julgo que planejava beijá-los antes de recuperar o controle e afastar-me de si com um empurrão. Naquele momento, um trovão ribombou no céu e um raio desceu, iluminando a noite e provocando fogo ao atingir um fio telefônico lá fora. Dei um pulo! Gritei! Tão repentinamente quanto retirara a mão de meu seio, Paul emergiu da névoa mental, transformando-se outra vez no que costumava ser: um homem solitário e introspectivo, decidido a manter-se distante. O quanto fui sábia, em minha inocência, para compreender isto antes que ele dissesse bruscamente:

— Que diabo está fazendo sentada em meu colo, seminua? Por que me permitiu fazer o que fiz?

Permaneci calada. Paul estava envergonhado; agora, eu o percebia à luz fraca do fogo que morria na lareira e à claridade dos relâmpagos intermitentes. Tinha a respeito de si mesmo todos os tipos de pensamentos condenatórios, punitivos, reprobatórios, açoitando-se com eles, e eu sabia que a culpa era minha; como sempre, a culpa era minha.

— Sinto muito, Catherine. Não sei o que me possuiu para me fazer agir dessa maneira.

— Eu o perdôo.

— Por que me perdoa?

— Porque o amo.

Mais uma vez, Paul virou a cabeça de perfil e não lhe pude ver os olhos e ler o que neles havia.

— Você não me ama — replicou calmamente. — Apenas sente gratidão pelo que fiz.

— Eu o amo e sou sua quando, ou se, você me quiser. E pode dizer que não me ama, mas estará mentindo, pois vejo isso nos seus olhos cada vez que você olha para mim.

Aproximei-me e virei-lhe o rosto para o meu.

— Quando fui trancada por Mamãe, jurei que ao ficar livre abriria a porta para o amor se este chegasse e exigisse de mim. No primeiro dia em que aqui cheguei, encontrei amor em seus olhos. Não precisa casar comigo; basta amar-me quando precisar de mim.

Paul me abraçou e observamos a tempestade. O inverno lutou contra a primavera e terminou vencendo. Agora, caía apenas granizo; os trovões e raios tinham sumido e eu me sentia tão... tão bem! Éramos muito semelhantes, Paul e eu.

— Por que não tem medo de mim? — perguntou ele, em voz baixa, enquanto suas mãos grandes e delicadas acariciavam-me as costas e os cabelos. — Sabe que não deveria estar aqui, permitindo que eu a abrace ou a toque.

— Paul... — comecei, hesitante. — Não sou má, nem Chris. Quando estávamos trancados, fizemos o melhor possível, juro. Mas ficamos fechados num único quarto e estávamos crescendo. A avó tinha uma lista de regras que nos proibiam até mesmo de olhar um para o outro; agora, creio que entendo o motivo. Nossos olhares se cruzavam com muita frequência e, sem dizer uma só palavra, Chris conseguia reconfortar-me. E dizia que meus olhos lhe faziam o mesmo efeito. Isto não era sermos maus, era?

Eu não deveria perguntar. Além disso, é claro que tinham de olhar um para o outro. É para isso que possuímos olhos.

— Vivendo como vivemos por tanto tempo, não sei muito a respeito das moças de minha idade, mas desde que tinha apenas a altura da mesa, qualquer espécie de beleza me ilumina por dentro. Apenas o sol incidindo nas pétalas de uma rosa, ou o modo como a luz atravessa as folhas das árvores e destaca as nervuras, ou a forma como a chuva na estrada torna o óleo iridescente, tudo isto me faz sentir bela. Mais do que qualquer outra coisa, quando a música está tocando, o meu tipo de música, de bailado, não preciso de sol, flores ou ar livre. Acendo-me interiormente e o local onde me encontro se transforma, num passe de mágica, em palácios de mármore, ou num bosque verdejante onde fico em total liberdade. Eu costumava fazer isso no sótão e sempre um homem de cabelos escuros dançava perto de mim. Jamais lhe vi o rosto, embora desejasse. Certa vez, pronunciei-lhe o nome, mas, quando acordei, não consegui lembrar-me de qual fosse. Portanto, creio que estou realmente apaixonada por ele, embora não saiba quem seja. Toda vez que vejo um homem de cabelos escuros que se movimenta graciosamente, desconfio de que seja ele.

Paul riu baixinho e enfiou os dedos compridos em meus cabelos soltos.

— Ora, como você é romântica!

— Você zomba de mim. Acha que não passo de uma criança. Julga que beijar-me não seria excitante.

Paul sorriu, aceitou o desafio e lentamente, muito lentamente, inclinou a cabeça até seus lábios encontrarem os meus. Oh! Então era assim, o beijo de um desconhecido! Arrepios elétricos subiram e desceram loucamente ao longo de meus braços e todos os nervos que uma “criança” da minha idade ainda não deveria possuir arderam em fogo! Afastei-me bruscamente, amedrontada. Eu era má, pecaminosa, filha do Demônio! E Chris ficaria chocado!

— Que diabo estamos fazendo? — bradou Paul, livrando-se do encantamento que eu lhe lançara. — Que tipo de diabinho é você para deixar-me tocá-la com tanta intimidade e beijá-la? Você é muito linda, Catherine, mas não passa de uma criança.

Alguma compreensão toldou-lhe o olhar quando ele adivinhou em parte meus motivos.

— Agora, meta bem uma coisa na sua cabecinha: você nada me deve, nada! O que faço por você, seu irmão e sua irmã é por livre e espontânea vontade, por prazer, sem esperar qualquer retribuição de qualquer espécie. Entendeu?

— Mas... mas... — gaguejei. — Sempre detestei quando chove forte e o vento sopra à noite. Esta é a primeira vez em que me sinto aquecida e protegida, aqui, com você, perto do fogo.

— E segura? — brincou ele. — Acha que está segura comigo, sentando-se em meu colo e beijando-me daquela maneira? De que pensa que sou feito?

— Da mesma coisa que os outros homens, Só que melhor.

— Catherine — disse Paul, com voz mais suave e bondosa. — Já cometi tantos erros na vida e vocês três me ofereceram uma oportunidade para redimir-me deles. Se eu ousar encostar um dedo em você, quero que grite por socorro. Se não houver outra pessoa em casa, fuja para seu quarto ou quebre-me alguma coisa na cabeça.

— Ohhh! — Sussurrei. — Pensei que me amava!

As lágrimas me escorreram pelo rosto. Senti-me outra vez uma criança, punida por excesso de presunção. Quanta tolice acreditar que o amor já estivesse batendo à minha porta! Amuei-me quando Paul me afastou de si. Então, ajudou-me a levantar, mas manteve as mãos em minha cintura ao fitar-me o rosto.

— Meu Deus! Como você é bonita e desejável — comentou com um suspiro. — Não me tente demais, Catherine... para seu próprio bem.

— Não precisa amar-me — repliquei, baixando a cabeça para esconder o rosto e verificando que o cabelo comprido era um bom esconderijo. Respondi desavergonhadamente: — Basta usar-me quando quiser e isso será o bastante para mim.

Paul recostou-se na poltrona, retirando as mãos de minha cintura.

— Catherine, jamais permita que eu volte a escutá-la fazendo semelhante oferta. Você vive num país de fadas, não na realidade. As meninas se machucam quando brincam de adultas. Poupe-se para o homem com quem se casará, mas, pelo amor de Deus, espere crescer primeiro! Não tenha pressa de se entregar ao sexo com o primeiro homem que a desejar.

Recuei, com medo dele. Paul levantou-se, para manter-me ao alcance dos braços.

— Linda criança, os olhos de Clairmont estão fixos em você e em mim, imaginando, especulando. Não gozo de uma reputação imaculada. Portanto, para a saúde de minha clínica médica e o bem de minha alma e consciência, mantenha-se afastada de mim. Sou apenas um homem, não um santo.

Mais uma vez, recuei amedrontada, subi as escadas correndo como se ele me perseguisse. Pois, afinal, Paul não era o tipo de homem que eu queria. Não ele, um médico, talvez um mulherengo, a última espécie de homem que poderia preencher meus sonhos de amor fiel, devotado, eterno e romântico! A escola para a qual Paul me enviou era grande e moderna, com uma piscina interna. Meus colegas me achavam bonita e diziam que falava engraçado, como uma nortista. Riam do modo como eu pronunciava todas as palavras com “a” aberto. Não me agradava ser alvo de risos. Não me agradava ser diferente. Queria ser como as outras, mas, por mais que me esforçasse, verifiquei que era diferente. Como poderia ser de outra forma? Ela me tornara diferente. Eu sabia que Chris também se sentia solitário em sua escola, pois era um estranho num mundo que continuara a existir sem nós. Eu temia por Carrie na sua escola, sozinha, também tornada diferente. Maldita fosse Mamãe por fazer tanto no sentido de alienar-nos dos outros, a ponto de não podermos mesclar-nos na multidão, falar como eles falavam, acreditar no que acreditavam. Eu era uma forasteira e minhas colegas faziam tudo para que eu o sentisse de todas as formas possíveis.

Só um lugar me deixava à vontade. Eu saía diretamente do ginásio para pegar um ônibus que me levasse às aulas de balé, carregando comigo a sacola com as malhas, sapatilhas e uma bolsinha. No camarim, as moças compartilhavam todos os segredos. Contavam piadas

ridículas, histórias de sexo, algumas até mesmo pornográficas. O sexo pairava no ar, cercandonos por todos os lados, bafejando cálida e exigentemente em nossas nuças. Ao modo tolo das mocinhas, elas discutiam se deviam ou não preservar o corpo para os eventuais maridos. Se deviam namorar inteiramente vestidas ou despidas, se deviam ir “até o final”, ou como conter um rapaz depois de excitá-lo “inocentemente”. Uma vez que me sentia tão mais sábia que as outras quanto ao assunto, abstinha-me de dar palpites. Podia imaginar como esbugalhariam os olhos se eu ousasse falar de meu passado, dos anos em que vivera “em lugar nenhum”; da maneira como o amor brotara num solo estéril! Não poderia censurá-las.

Não censurava ou culpava ninguém, exceto a única pessoa que fizera tudo aquilo acontecer: Mamãe! Um dia, corri do ponto de ônibus para casa e redigi uma carta longa e venenosa à minha mãe e depois não soube para onde enviá-la. Deixei-a de lado até que descobrisse o endereço em Greenglenna. Uma coisa era certa: não queria que ela soubesse onde morávamos. Embora ela houvesse recebido a intimação, esta não mencionava o nome ou endereço de Paul, mas apenas o endereço do tribunal. Mais cedo ou mais tarde, porém, ela teria notícias minhas e muito sofreria com isso.

Todos os dias começávamos usando pesados agasalhos tricotados para aquecer as pernas e fazíamos exercícios na barra até acelerar as pulsações, aquecer os músculos e, ao começarmos a suar, retirávamos os agasalhos de lã. Nossos cabelos, enrolados como os das mulheres que esfregam assoalhos, também ficavam molhados de suor. Assim, tomávamos dois a três banhos de chuveiro por dia, em especial aos sábados, quando trabalhávamos de oito a dez horas. Fazíamos *pliés*, *tendus*, *glissés*, *fondus* e *ronds de jambe à terre* e nada disso era fácil. Às vezes, a dor de imprimir rotação aos quadris nos rodopios quase me arrancava gritos. Então, vinham os *frappes* em três quartos de *pointe*, os *ronds de jambe en l'air*, os *petit* e grande *battements*, os *developpés* e todos os exercícios de aquecimento que nos tornavam os músculos mais compridos, fortes e ágeis. Em seguida, deixávamos a barra e passávamos ao centro do salão, para repetir tudo aquilo sem o auxílio da barra.

E o início era a parte mais fácil, porque dali em diante o trabalho aumentava de dificuldade, exigindo habilidades técnicas espantosamente dolorosas de conseguir. Ouvir dizer que eu era boa, até mesmo excelente, elevavam-me às alturas... de modo que houvera benefícios produzidos por dançar no sótão, ao dançar mesmo quando estava morrendo; assim refletia eu, fazendo *pliés*... *un, deux*... interminavelmente, enquanto Georges continuava a martelar o velho piano. Além disso, havia Julian. Algo o trazia freqüentemente de volta a Clairmont. Julguei que suas visitas tivessem como objetivo saciar o ego, de modo que pudéssemos ficar sentadas no chão, formando um círculo no centro do qual ele se apresentava, exibindo seu virtuosismo superior, seus rodopios que pareciam mais velozes que a vista. Sua incrível elevação nos saltos desafiava a gravidade e, partindo desses *grand jetés*, ele pousava os pés de volta ao chão com a leveza de uma pluma. Encurralou-me num canto para afirmar que era a “sua” maneira de dançar que adicionava tanta sensação ao espetáculo.

— Na verdade, Cathy, você jamais terá visto balé antes de assistir a um espetáculo em Nova York.

Bocejou, simulando enfado, e voltou os atrevidos olhos negros na direção de Norma Belle, que usava uma justa malha transparente. Perguntei depressa por que ele voltava com tanta freqüência a Clairmont se Nova York era o melhor lugar para se estar.

— Para visitar meus pais — disse ele, com certa indiferença. — Como deve saber, Madame é minha mãe.

— Oh! eu não sabia.

— Claro que não. Não gosto de me gabar do fato — disse ele com um devastador sorriso de malícia. — Você ainda é virgem?

Repliquei que isso não era de sua conta e ele riu outra vez.

— Você é boa demais para este lugar provinciano, Cathy. Você é diferente. Não sei definir exatamente, mas faz as outras garotas parecerem desajeitadas e sem graça. Qual é o seu segredo?

— Qual é o seu?

Ele sorriu e colocou a mão espalmada em meu peito.

— Sou grande, eis aí o meu segredo. Sou o melhor que existe. Em breve, o mundo inteiro saberá.

Raivosa, afastei-lhe a mão com um tapa, pisei-lhe no pé e me afastei, dizendo:

— Pare com isso!

De repente, com a mesma rapidez com que me encurralou, ele perdeu totalmente o interesse por mim e foi embora, deixando-me de olhos arregalados.

Na maior parte das vezes, eu voltava para casa direto da aula de balé e passava o resto do tempo com Paul. Este era ótima companhia quando não estava cansado. Falava-me de seus pacientes, sem mencionar nomes, e relatava casos de sua infância e de como sempre desejara ser médico, como Chris. Tinha que sair logo depois do jantar para fazer a ronda em três hospitais das redondezas, inclusive um em Greenglenna. Eu tentava ajudar Henny após o jantar, enquanto aguardava que Paul regressasse. Às vezes, assistíamos a programas de TV, outras vezes ele me levava ao cinema.

— Antes de vocês chegarem, eu nunca ia ao cinema.

— Nunca? — indaguei.

— Bem, quase nunca — disse Paul. — Tive alguns encontros antes de você chegar, mas, depois disso, parece que meu tempo disponível desapareceu. Não sei o que some com ele.

— Falar comigo — repliquei, provocando-o ao correr-lhe o dedo pelo rosto bem barbeado. — Acho que sei mais a seu respeito do que sobre qualquer outra pessoa neste mundo, com exceção de Chris e Carrie.

— Não — declarou ele com voz tensa. — Eu não lhe conto tudo.

— Por que não?

— Você não precisa conhecer todos os meus segredos sombrios.

— Já lhe revelei todos os meus segredos sombrios e você não se afastou de mim.

— Vá deitar-se, Catherine!

Ergui-me de um salto, corri até ele e beijei-lhe o rosto, que estava muito corado. Então, saí correndo para a escada. Quando cheguei ao topo, virei-me e deparei com ele parado junto ao pilar do corrimão, olhando para cima como se a visão de minhas pernas abaixo da curta camisola *baby-doll* cor-de-rosa o fascinasse.

— E não ande pela casa com essas roupas! — advertiu. — Trate de usar um roupão!

— Foi o senhor quem me deu esta camisola, Doutor. Não imaginei que desejasse ver-me coberta do pescoço aos tornozelos. Pensei que queria ver-me com ela.

— Você pensa demais.

De manhã, levantava-me muito cedo, antes das seis, a fim de poder tomar café da manhã com Paul. Este gostava de minha companhia à mesa, embora não o dissesse. Não obstante, eu percebia. Eu conseguira encantá-lo, enfeitiçá-lo. Aprendia a ser cada vez mais como Mamãe. Creio que Paul tentava evitar-me, mas eu não permitia. Era o homem adequado para me ensinar o que eu necessitava saber. Seu quarto ficava perto do meu, mas nunca ousei procurá-lo à noite, como fazia com Chris. Sentia falta de Chris e de Carrie. Quando acordava, doía-me não vê-los no mesmo quarto, sofria ainda mais por não tê-los à mesa do café e, se Paul ali não estivesse, creio que todos os meus dias se iniciariam com lágrimas em vez de sorrisos forçados.

— Sorria para mim, minha Catherine — disse-me Paul certa manhã, quando eu fitava meu prato de canjica, ovos mexidos e toucinho.

Ergui os olhos, despertada por algo que ouvi em sua voz: um tom tristonho, como se ele precisasse de mim.

— Jamais diga meu nome desta maneira outra vez — adverti com voz embargada. — Chris costumava chamar-me de sua Lady Catherine e não gosto de ouvir qualquer outra pessoa dizer que sou sua Catherine.

Paul não disse mais nada, limitando-se a deixar de lado o jornal, levantar-se da mesa e sair para a garagem. De lá, iria aos hospitais e depois voltaria ao consultório em casa; eu só tornaria a vê-lo à hora do jantar. Não o via o suficiente; jamais via o suficiente as pessoas de quem eu gostava. Só nos fins de semana, quando Chris e Carrie estavam em casa, Paul parecia ficar realmente à vontade comigo. Ainda assim, quando Chris e Carrie retornavam às respectivas escolas, algo se interpunha entre nós, uma espécie de centelha sutil que revelava estar Paul tão atraído por mim quanto eu por ele. Tentei adivinhar se seu verdadeiro motivo era o mesmo que o meu. Estaria procurando fugir às lembranças de sua Júlia, deixando-me penetrar em seu coração? Exatamente como eu tentava fugir de Chris? Contudo, minha vergonha era maior que a sua ou, pelo menos, era o que eu pensava na época. Julgava ser a única com um passado feio e sombrio. Nunca pude sonhar que alguém tão bom e nobre como Paul tivesse máculas na vida.

Apenas duas semanas se passaram e Julian tornou a voar de Nova York para Clairmont. Desta feita, deixou bem claro que viera apenas para ver-me. Senti-me lisonjeada e um tanto embaraçada, pois ele já atingira o sucesso, enquanto eu ainda me limitava a alimentar esperanças. Julian tinha um velho calhambeque de fundo de quintal, alegando que o carro lhe custara apenas o tempo gasto para montá-lo, pois todas as peças vinham de ferros-velhos.

— Depois de dançar, o que mais gosto de fazer é mexer em automóveis — explicou-me ele, ao dar-me carona da aula de balé para casa. — Algum dia, quando eu for rico, terei carros de luxo: três ou quatro. Ou talvez até sete, um para cada dia da semana.

Ri, pois aquilo me soou por demais extravagante e ostensivo.

— Dançar é tão remunerativo?

— Será, quando eu atingir o topo da carreira — replicou Julian confidencialmente.

Tive que virar a cabeça para fitar-lhe o belo perfil. Examinando separadamente as feições, uma a uma, era possível encontrar falhas nelas, pois o nariz poderia ser melhor, a pele necessitava de mais cor e talvez os lábios fossem por demais cheios, vermelhos e sensuais. Em conjunto, porém, o resultado era sensacional.

— Cathy — começou ele, lançando-me um prolongado olhar enquanto o calhambeque seguia tossindo e espirrando. — Você adoraria Nova York. Lá existe tanta coisa para se fazer, para se ver, para se experimentar. Aquele médico com quem você mora não é seu verdadeiro pai; não deve ficar presa a este fim de mundo só para agradá-lo. Pense em Nova York o mais breve possível.

Passou o braço por meus ombros, puxando-me para perto de si.

— Que dupla formaríamos, você e eu — comentou suavemente.

E, num tom persuasivo, pintou em cores vivas um quadro do que seria nossa vida em Nova York. Deixou bem explícito que eu ficaria sob sua proteção e compartilharia de sua cama.

— Eu não o conheço — respondi, movendo-me para ficar o mais longe possível dele. — Não lhe conheço o passado, nem você conhece o meu. Nada temos de semelhante e, embora eu me sinta lisonjeada por sua atenção, também tenho medo de você.

— Por quê? Não tenciono violentá-la.

Detestei-o por dizer aquilo. Não era estupro que me amedrontava. Na verdade, eu não sabia o que me causava medo nele, a menos que sentisse mais medo de mim mesma quando estava a seu lado.

— Diga-me quem é você, Julian Marquet. Conte-me a respeito de sua infância, de seu país. Diga-me por que motivo se julga uma dádiva divina ao mundo do balé e a todas as mulheres que o conhecem.

Com a maior naturalidade, ele acendeu um cigarro, embora não devesse fumar.

— Saia comigo esta noite e lhe darei todas as respostas que deseje.

Chegamos à grande casa em Bellefair Drive. Julian estacionou em frente e olhei para as janelas suavemente iluminadas ao brilho rosado do crepúsculo. Mal consegui discernir a sombra escura de Henny, que espiou para ver quem estacionava o carro à sua porta. Pensei em Paul, mas, acima de tudo, lembrei-me de Chris, a minha outra metade. Chris aprovaria Julian? Julguei que não aprovaria, mas, não obstante, aceitei o convite para sair com Julian naquela noite. E que noite ela se revelou!

Meu primeiro encontro

Hesitei em abordar com Paul o assunto de Julian. Era noite de sábado; Chris e Carrie estavam em casa e, na verdade, eu preferiria ir a um cinema com eles e Paul. Foi com grande relutância que mencionei o fato de ter um encontro marcado com Julian Marquet.

— Esta noite, Paul, se você não se importar. Está bem?

Paul lançou-me um olhar cansado e um sorriso amarelo.

— Acho que já é tempo de você começar a sair com rapazes. Ele não é muito mais velho que você, é?

— Não — murmurei, um tanto desapontada por ele não levantar objeções.

Julian chegou pontualmente às oito horas. Estava bem arrumado, com terno novo, sapatos engraxados, os cabelos revoltos bem penteados e maneiras tão perfeitas que nem parecia a mesma pessoa. Apertou a mão de Paul, curvou-se para beijar Carrie. Chris o fitava raivosamente. Meus irmãos estavam andando de bicicleta quando eu falara com Paul a respeito de meu primeiro encontro com um rapaz e, mesmo enquanto Julian me ajudava a vestir um casaco leve, senti a desaprovação de Chris.

Julian levou-me a um restaurante muito elegante, onde luzes coloridas rodopiavam e música de rock enchia o ambiente. Com surpreendente segurança, Julian examinou a lista de vinhos e depois provou a bebida trazida pelo garçom, meneando a cabeça em aprovação. Tudo aquilo era total novidade para mim e senti-me nervosa, temendo cometer uma gafe. Julian entregou-me um cardápio. Minhas mãos tremiam tanto que o devolvi a ele, pedindo-lhe que escolhesse por mim. Eu não sabia ler francês, mas Julian, a julgar pela rapidez com que selecionou nossos pratos, sabia muito bem. Quando a salada e o prato principal chegaram, estavam tão deliciosos quanto ele prometera. Eu usava um vestido novo, bem decotado na frente e por demais adulto para uma garota da minha idade. Desejava parecer sofisticada, embora não o fosse.

— Você é linda — disse Julian, quando eu pensava a mesma coisa a seu respeito, sentindo-me esquisita, como se traísse alguém. — Linda demais para permanecer enfiada aqui nesta aldeia de matutos anos a fio, enquanto minha mãe explora seu talento. Ao contrário do que lhe disse antes, Cathy, não sou primeiro bailarino; apenas faço parte do corpo de baile. Queria impressioná-la. Todavia, tenho absoluta certeza de que se formássemos um par, alcançaríamos grande sucesso. Existe entre nós uma certa magia que jamais encontrei com outra bailarina. Naturalmente, você teria que começar no corpo de baile, mas logo Madame Zolta perceberia que seu talento ultrapassa em muito sua idade e experiência. Ela é uma gralha velha, Cathy, mas nada tem de tola. Tive que dançar como um louco para chegar onde estou, mas poderia facilitar as coisas para você. Com meu auxílio, você progrediria mais depressa que eu. Juntos, formaríamos um par sensacional. Seu tipo louro complementaria o meu moreno: a combinação perfeita.

E prosseguiu naquele tom, quase me convencendo de que eu já era grande bailarina, ao mesmo tempo em que outra parte de mim, bem no fundo, sabia que eu não era sensacional nem estava perto de poder apresentar-me em Nova York. Além disso, havia Chris, a quem eu não poderia ver se fosse para Nova York, Carrie que precisava de mim nos fins de semana. E Paul, que de algum modo tinha um lugar em minha vida; disso eu tinha absoluta certeza. O problema era: que tipo de lugar?

Depois do vinho e do jantar, Julian levou-me para a pista de dança. Logo dançávamos *rock* como nenhum dos presentes seria capaz. Todos se afastaram para observar e, depois, aplaudir. Eu estava zozza com a proximidade de Julian e a quantidade de vinho que consumira. A caminho de casa, Julian estacionou numa alameda retirada, onde os namorados costumavam parar. Eu jamais fizera aquilo e não estava preparada para alguém tão avassalador quanto Julian.

— Cathy, Cathy, Cathy — murmurava ele, beijando-me o pescoço, as orelhas, enquanto a mão procurava acariciar a parte superior de minha coxa.

— Pare! — gritei — Não faça isso! Não o conheço bem! Está avançando depressa demais!

— Porta-se como uma criança — disse ele, aborrecido. — Tomei um avião em Nova York só para vê-la e nem mesmo permite que eu a beije.

— Julian! — esbravejei. — Leve-me para casa!

— Uma criança — resmungou ele raivosamente, ligando o motor. — Não passa de uma maldita criança linda que tenta e seduz, mas não satisfaz. Cresça, Cathy, pois não estarei por perto pelo resto da vida.

Ele fazia parte do meu mundo, do encantador mundo da dança; de repente tive medo de perdê-lo.

— Por que se chama Marquet quando o sobrenome de seu pai é Rosencoff? — indaguei, estendendo a mão para desligar o motor.

Julian sorriu, recostou-se no banco e virou-se para mim.

— Está bem, se prefere conversar. Creio que você e eu somos muito parecidos, por mais que se recuse a admitir. Madame e Georges são meus pais, mas nunca me encararam como um filho. Especialmente meu pai, que vê em mim uma continuação de si mesmo. Na sua opinião, se eu for um grande bailarino, não será por meu próprio mérito, mas porque sou seu filho e tenho o seu nome. Portanto, resolvi pôr fim a tal idéia e troquei de sobrenome. Inventei um, como faz qualquer artista que resolve mudar de nome. Sabe quantas partidas de beisebol eu já joguei? Nenhuma! Eles nunca permitiram. Futebol estava fora de quaisquer cogitações. Além disso, mantinham-me tão ocupado ensaiando posições de balé que eu estava sempre cansado demais para fazer qualquer outra coisa. Georges nunca me permitiu chamá-lo de “Pai”, mesmo quando eu era pequeno. A partir de uma certa época, eu não o chamaria assim mesmo que ele se prostrasse de joelhos e me implorasse. Sempre me esforcei ao máximo para agradá-lo e nunca consegui. Ele sempre encontrava alguma falha, algum pequeno detalhe que impedia que minhas apresentações fossem perfeitas. Portanto, quando eu me tornar um grande bailarino, será por minha própria conta e ninguém saberá que ele é meu pai! Ou que Marisha é minha mãe. Assim, trate de não espalhar a novidade entre seus colegas. Nenhum deles sabe. Não é engraçado? Tenho um ataque de nervos toda vez que Georges ousa mencionar que tem um filho; então, recuso-me a dançar. Isto quase o mata, de modo que ele permitiu que eu partisse para Nova York, pois julgava que seria incapaz de vencer sem usar o seu nome. Mas venci sem a sua ajuda. E creio que isto também o mata. Agora, fale-me a respeito de você. Por que mora com um médico e não com seus pais?

— Meus pais morreram — declarei, aborrecida com a pergunta. — O Dr. Paul era amigo de meu pai e nos acolheu em sua casa. Teve pena de nós e não quis que fôssemos para um orfanato.

— Vocês tiveram sorte — comentou ele com certa amargura. — Eu nunca tive essa felicidade.

Então, aproximou-se até que nossas testas se tocaram e as bocas ficaram bem próximas. Pude sentir-lhe o hálito quente em meu rosto.

— Cathy, não desejo dizer ou fazer qualquer coisa errada com você. Quero transformá-la na melhor coisa que já surgiu em minha vida. Sou o décimo-terceiro membro de uma linhagem de bailarinos que se casaram, na maioria dos casos, com grandes bailarinas. Como supõe que isso me faça sentir? Não muito afortunado, pode apostar. Fui para Nova York quando tinha dezoito anos e completei vinte em fevereiro passado. Dois anos e ainda não sou um astro. Com você, eu poderia ser. Tenho que provar a Georges que sou o melhor, muito melhor do que ele conseguiu ser. Jamais contei isto a alguém, mas machuquei as costas, na adolescência tentando erguer um motor pesado demais. Sinto dores constantes, mas, mesmo assim, continuo a dançar. E não se trata apenas de você ser pequena e leve. Conheço outras bailarinas menores e mais leves, mas você possui algo em suas proporções que parece proporcionar o equilíbrio certo quando eu a levanto. Ou talvez seja porque seu corpo se ajusta às minhas mãos... Seja lá o que for, o fato é que você foi feita sob medida para mim. Por favor, Cathy, venha comigo para Nova York.

— Não se aproveitaria de mim, se eu aceitasse?

— Seria o seu anjo da guarda.

— Nova York é tão grande...

— Conheço-a como a palma de minha mão. Logo você a conhecerá tão bem quanto eu.

— Há meu irmão e minha irmã. Não quero deixá-los ainda tão cedo.

— Eventualmente, será obrigada a deixá-los. Quanto mais tempo permanecer aqui, mais difícil será afastar-se. Cresça, Cathy, torne-se independente. É impossível ser independente em casa, deixando-se dominar pelos outros.

Fitou o espaço, a testa franzida numa expressão de amargura. Senti pena dele e fiquei emocionada.

— Talvez. Deixe-me pensar um pouco mais no assunto.

Quando entrei no quarto para me despir, Chris estava na varanda, perto da minha porta. Quando o avistei lá fora, de pijama, senti-me atraída para ele pela atitude de seus ombros encurvados.

— Como foi? — indagou sem me encarar.

Gesticulei nervosamente.

— Muito bem, creio. Tomamos vinho no jantar. Julian ficou um pouco tocado, acho. Talvez eu também tenha ficado.

Chris se voltou para me fitar nos olhos.

— Não gosto dele, Cathy! Seria melhor que ficasse em Nova York e deixasse você em paz! Pelo que ouvi seus colegas de balé comentarem, Julian arrogou-se o direito de exclusividade sobre você, de modo que nenhum dos outros bailarinos a convidará para sair. Ele é de Nova York, Cathy. Aqueles caras agem depressa e você tem apenas quinze anos!

Avançou para tomar-me nos braços.

— Com quem você tem saído? — indaguei, sufocando um soluço. — Não me diga que não tem saído com garotas.

Ele manteve o rosto colado ao meu quando replicou pausadamente:

— Ainda não conheci uma garota que se comparasse a você.

— Como vão os estudos? — perguntei, tentando desviar-lhe o pensamento de mim.

— Muito bem Quando não estou pensando em tudo o que serei obrigado a estudar no primeiro ano de medicina, anatomia geral, micro-anatomia e neuro-anatomia, consigo preparar-me para o exame de ingresso à faculdade.

— O que faz nas horas vagas?

— Que horas vagas? Não me sobra tempo quando paro de me preocupar com o que possa estar acontecendo com você! Gosto do curso, Cathy. Realmente teria prazer em fazê-lo se não passasse o tempo todo pensando em você. Vivo à espera dos fins-de-semana, quando posso rever Carrie e você.

— Oh! Chris... precisa esquecer-me e tentar encontrar outra pessoa.

Mas um simples olhar à sua expressão torturada foi-me suficiente para compreender que o que se iniciara há tanto tempo atrás não seria fácil de deter. Eu precisava tratar de encontrar outra pessoa, pois só assim Chris perceberia que tudo acabara para sempre. Meus pensamentos se voltaram para Julian, que tanto lutava para provar que era melhor bailarino que o pai. Como era semelhante a mim, que tinha a necessidade de mostrar-me melhor que minha mãe em todos os sentidos!

Da outra vez que Julian veio de Nova York, eu estava preparada. Não negaceei quando ele me convidou para sair. Era melhor que fosse ele; afinal tínhamos os mesmos objetivos. Então, após um cinema e uma visita a um clube para tomarmos um refrigerante e uma cerveja, ele tornou a levar o carro para a alameda dos namorados que, aparentemente, existia em todas as cidades. Desta feita, permiti que ele fosse um pouco além de beijar-me. Logo ele se tornou ofegante, tocando-me com tanta perícia que em breve comecei a corresponder, mesmo involuntariamente. Julian deitou-me de costas no assento. De repente, percebi o que ele pretendia fazer. Agarrei minha bolsa e comecei a bater-lhe com ela no rosto.

— Pare! Já lhe disse antes: vamos mais devagar!

— Foi você quem pediu! — esbravejou ele. — Não pode acender-me e depois apagar-me. Detesto garotas deste tipo!

Lembrei-me de Chris e comecei a chorar.

— Por favor, Julian. Gosto de você, palavra de honra, mas não me dá oportunidade de amá-lo. Por favor, pare de agir com tanta pressa!

Julian agarrou-me o braço e torceu-o impiedosamente para as costas até que gritei de dor. Julguei que pretendesse quebrá-lo, mas ele me soltou quando eu já estava prestes a berrar de pavor.

— Ouça. Cathy. Já estou meio apaixonado por você, mas garota nenhuma pode tratar-me como um matuto. Existem muitas garotas dispostas a se entregarem. Portanto, não preciso de você tanto quanto imagina; não em troca de nada!

Naturalmente Julian não precisava de mim. Ninguém precisava de mim, exceto Chris e Carrie, embora Chris necessitasse de mim de um modo errado. Mamãe o perturbara e distorcera, empurrando-o para mim; agora, ele não conseguia afastar-se. Mamãe tinha que pagar por tudo que nos causara de errado. Se Chris e eu tínhamos pecado, ela nos obrigara a isso.

Naquela noite pensei muito em uma maneira de poder fazer Mamãe pagar e encontrei a resposta exata, o preço que lhe causaria maior sofrimento. Não seria dinheiro, pois isto ela tinha de sobra. Teria que ser alguma coisa que ela prezasse mais que dinheiro. Duas coisas: sua honrada reputação, um tanto prejudicada pelo fato de haver-se casado com seu meio-tio, e seu jovem marido. Ela perderia ambas, quando eu desse minha tarefa por terminada.

Então chorei. Por Chris, por Carrie que não crescia e por Cory que, provavelmente, não passava de um monte de ossos na sepultura. Virei-me na cama, querendo abraçar Carrie e estreitá-la contra mim. Mas Carrie estava no internato para meninas, a dezesseis quilômetros do perímetro urbano. A escola de Chris ficava a cinqüenta quilômetros. Chovia forte. O matraquear das gotas no telhado era como o rufar de tambores militares que me levavam a sonhar e voltar exatamente para onde eu não desejava. Vi-me jogada de volta num quarto trancado, abarrotado de brinquedos, jogos e grandes móveis escuros, com gravuras do inferno nas paredes. Sentada numa velha cadeira de balanço prestes a desmontar-se, eu segurava no

colo um frágil irmãozinho que me chamava de “Mamãe”, acalentando-o enquanto as tábuas do assoalho rangiam, o vento uivava, a chuva batia com força e, por cima, por baixo e em torno de nós, a enorme mansão com incontáveis aposentos aguardava o momento de devorarmos.

Detestei a chuva que caía logo acima de minha cabeça, como costumava cair quando éramos prisioneiros. Como nossa vida piorava quando chovia e o quarto se tornava úmido e frio, quando no sótão só havia uma escuridão deprimente e rostos mortos ao longo das paredes. Faixas como tecido cinza de nossa avó vieram apertar-me a cabeça, esmagando-me os pensamentos, confundindo-me e aterrorizando-me. Não conseguindo dormir, saí da cama e vesti um *negligé* transparente. Por algum motivo peculiar, esgueirei-me até o quarto de Paul e abri cautelosamente a porta. O despertador na mesinha de cabeceira marcava duas horas e ele ainda não estava em casa! Ninguém na casa exceto Henny, que ficava tão longe, na outra extremidade da casa, em seu quarto adjacente à cozinha. Sacudi a cabeça e tornei a olhar para a cama perfeitamente arrumada de Paul. Oh! Chris era louco ao desejar ser médico! Jamais teria uma noite inteira de repouso. E estava chovendo. Ocorriam muitos acidentes em noites chuvosas. Se Paul morresse? O que seria de nós? “*Paul, Paul!*” gritei com meus botões ao correr para a escada, descendo-a depressa e indo espiar pelas vidraças da sala. Rezei para ver um carro branco estacionado na alameda de acesso ou chegando ao portão. “*Meu Deus!*” Implorei. “*Não permita que ele sofra um acidente! Por favor, não o leve como levou Papai! Por favor!*”

— Cathy, por que não está deitada?

Girei nos calcanhares. Lá estava Paul, confortavelmente sentado em sua poltrona predileta, fumando um cigarro no escuro. A luz mal dava para perceber que ele usava o roupão vermelho que lhe tínhamos dado de presente no Natal. Fui invadida por um grande alívio ao vê-lo em segurança e não estendido, morto, sobre uma mesa de necrotério. Pensamentos mórbidos. Papai, mal consigo lembrar-me de sua fisionomia ou do som de sua voz. E aquele seu cheiro característico desapareceu.

— Há algo errado, Catherine?

Errado? Por que ele me chamava de Catherine à noite; quando estávamos sozinhos, e só Cathy durante o dia? Tudo estava errado! Os jornais de Greenglenna e o da Virgínia que eu assinara e recebia na escola de balé falavam a respeito das providências tomadas pela Sra. Bartholomew Winslow para instalar sua segunda casa “de inverno” em Greenglenna. Mandara realizar uma extensa reforma para que o lar do marido ficasse restaurado exatamente como quando fora construído. Minha mãe só se satisfazia com o melhor! Por algum motivo que nem mesmo eu conhecia, ataquei Paul como uma megera:

— Há quanto tempo está em casa? — bradei. — Preocupei-me tanto com você que nem consegui dormir! E você estava aqui, o tempo todo! Não veio jantar hoje. Também não veio jantar ontem; devia levar-me ao cinema, mas esqueceu completamente! Terminei os deveres de casa, vesti as melhores roupas e fiquei sentada, esperando que você aparecesse, mas esqueceu-se! Por que permite que os pacientes lhe façam tantas exigências que o impedem de ter sua própria vida?

Paul passou muito tempo sem responder. Então, quando tornei a abrir a boca para falar, ele disse num tom suave:

— Parece mesmo perturbada. A única desculpa que posso apresentar é dizer que sou médico e o tempo de um médico nunca lhe pertence. Sinto muito ter esquecido o cinema. Peço-lhe desculpas por não ter telefonado para explicar que houve uma emergência e não pude voltar a tempo.

— Esqueceu-se... como pôde esquecer-se? Ontem, esqueceu-se de trazer as coisas da lista que lhe entreguei, de modo que após esperar horas a fio por você, fiquei sentada na esperança de que talvez trouxesse o xampu que lhe pedi. Mas você não trouxe!

— Mais uma vez, peço-lhe desculpas. Às vezes, tenho algo na cabeça além do cinema e do xampu que você pediu.

— Está sendo sarcástico?

— Estou tentando controlar a raiva. Seria ótimo se você pudesse controlar a sua.

— Não estou com raiva! — berrei.

Paul era tão semelhante a Mamãe, tão controlado, tão seguro, quando eu jamais conseguia sê-lo! Não se importava. Por este motivo, conseguia permanecer sentado, olhando para mim daquela forma! Realmente não se importava de fazer promessas e não as cumprir, como ela! Avancei para agredi-lo, mas ele me segurou os pulsos, fitando-me totalmente surpreso.

— Seria capaz de me bater, Catherine? Será que ir ao cinema significa tanto para você que não consegue compreender como pude esquecer-me? Agora peça desculpas por ter gritado comigo, da mesma forma que lhe pedi desculpas por desapontá-la.

O que me torturava era algo mais que simples desapontamento! Em lugar nenhum existia alguém em quem eu pudesse confiar, à exceção de Chris, que era território proibido para mim. Só Chris jamais se esqueceria de algo que eu desejasse ou necessitasse. Estremeci. Oh! que tipo de pessoa era eu? Seria tão semelhante a Mamãe a ponto de ter que conseguir tudo o que queria, quando queria, sem me importar com o que pudesse custar aos outros? Pretenderia obrigar Paul a pagar pelo mal que ela me causara? Ele não tinha a menor culpa.

— Paul, desculpe-me ter gritado. Eu o compreendo.

— Deve estar muito cansada. Talvez leve as aulas de balé a sério demais. Talvez deva relaxar um pouco.

Como poderia eu explicar-lhe que era impossível relaxar? Eu tinha que ser a melhor e ser a melhor em qualquer atividade significava horas e horas de trabalho insano. Eu estava disposta a abrir mão totalmente de todos os divertimentos aproveitados pelas moças da minha idade. Não queria um namorado que não fosse bailarino. Não queria amigas que não dançassem. Não queria coisa nenhuma que pudesse constituir obstáculo à minha carreira e, não obstante... não obstante... ali sentado, encarando-me, estava um homem que declarava necessitar de mim e ficara magoado com a maneira detestável pela qual eu o tratara.

— Hoje, li a respeito de minha mãe — declarei, sem jeito. — Está remodelando e redecorando uma casa. Ela sempre consegue o que quer. Eu nunca consigo alguma coisa. Portanto, sou malcriada com você e me esqueço de tudo o que fez por nós.

Recuei alguns passos, com uma vergonha que chegava a doer.

— Há quanto tempo está em casa? — indaguei.

— Desde onze e meia — respondeu Paul. — Comi a salada e o bife que Henny deixou para mim no forno. Mas não consigo dormir bem quando estou fatigado demais. E não gosto do barulho da chuva no telhado.

— Porque a chuva o isola do resto do mundo, causando-lhe solidão?

Paul sorriu de leve.

— Sim, algo mais ou menos desse tipo. Como adivinhou?

O que ele sentia estava estampado no rosto tão sombrio quanto a espaçosa sala de estar. Paul pensava nela: em Júlia, sua falecida esposa. Sempre apresentava um semblante triste quando se lembrava dela. Aproximei-me da poltrona e, impulsivamente, estendi a mão para tocar-lhe o rosto.

— Por que continua a fumar? Como pode aconselhar os pacientes a deixarem o vício, se você mesmo não o faz?

— Como sabe o que digo aos meus pacientes? — indagou ele naquela voz macia que me provocava arrepios na espinha.

Soltei um riso nervoso, replicando que nem sempre ele fechava bem a porta do consultório e, se eu estivesse no corredor dos fundos, às vezes escutava certas coisas, embora

involuntariamente. Ele replicou que eu devia ir para a cama e deixar de perambular pelo corredor dos fundos, que não era meu lugar. Acrescentou que continuaria a fumar enquanto desejasse.

— Às vezes, porta-se como uma esposa, fazendo perguntas dessa espécie e zangando-se porque me esqueci de comprar algo para você na farmácia. Tem certeza de que está tão desesperadamente necessitada de xampu?

Sentindo-me tola, tornei a zangar-me.

— Só lhe pedi que me trouxesse as coisas daquela lista porque você costuma passar por uma drogaria onde tudo é mais barato! Minha intenção era apenas economizar seu dinheiro! De agora em diante, nunca mais lhe pedirei para comprar algo de que eu necessite! Quando você me convidar para jantar fora ou ir a um cinema, estarei preparada para ser desapontada e, assim, não me desapontarei. Acho melhor estar pronta para esperar o pior de todo mundo.

— Catherine! Pode odiar-me, se é o que deseja. Pode fazer-me pagar por tudo o que sofreu. Então, talvez consiga dormir à noite, em vez de se debater na cama, chorar dormindo e chamar por sua mãe como uma criança de três anos.

Aturdida, arregalei os olhos.

— Eu chamo por ela?

— Sim. Muitas e muitas vezes eu a ouvi chamar por sua mãe — respondeu ele, com os olhos cheios de pena. — Não se envergonhe de ser humana, Catherine. Todos nós esperamos o melhor de nossas mães.

Eu não queria falar a respeito dela. Portanto, aproximei-me outra vez da poltrona.

— Julian está de volta à cidade. Já que você me deu o bolo ontem, saí com ele esta noite. Julian acha que estou pronta para enfrentar Nova York. Acredita que sua professora de balé, Madame Zolta, poderá desenvolver-me mais depressa que sua mãe. Julga que, juntos, formaremos um par brilhante.

— E o que pensa você?

— Acho que ainda não estou pronta para enfrentar Nova York — murmurei. — Mas Julian fala com tanto entusiasmo que às vezes me faz acreditar, porque parece tão convicto.

— Vá devagar, Catherine. Julian é um jovem bonito, com arrogância suficiente para dez homens maduros. Trate de usar o seu bom senso e não se deixe influenciar por alguém que talvez deseje apenas usá-la.

— Toda noite sonho que estou em Nova York, no palco. Vejo minha mãe na platéia, observando-me cheia de incredulidade. Ela quis me matar. Eu quero que ela me veja dançar e compreenda que tenho muito mais que ela a dar ao mundo.

Paul franziu a testa, como se tivesse levado uma punhalada.

— Por que sente tanta necessidade de vingar-se? Julguei que acolhendo vocês três e fazendo o melhor possível em seu favor, você encontraria a paz e perdoaria tudo. Não consegue perdoar e esquecer? A única possibilidade que nós, pobres seres humanos, temos de alcançar a santidade é aprendendo a perdoar e esquecer.

— Você e Chris — atalhei com amargura. — Para você, é fácil falar em perdoar e esquecer, porque não foi vítima. Mas eu fui. Perdi meu irmão mais moço, que era como um filho para mim. Eu amava Cory e ela lhe roubou a vida. Eu a odeio por isso! Odeio por dez milhões de motivos, portanto, não me venha falar em perdoar e esquecer, pois ela terá que pagar pelo que fez! Mentiui para nós, traindo-nos da pior maneira possível! Não nos disse uma só palavra que nos informasse da morte de nosso avô e continuou a manter-nos trancados durante nove longos meses e nesses nove meses intermináveis, alimentou-nos com doces envenenados! Assim, não se atreva a falar em perdoar e esquecer! Não sei como perdoar ou esquecer! Só sei odiar! E você nem imagina o que seja odiar como eu odeio!

— Não, mesmo? — replicou ele num tom inexpressivo.

— Não. Você não sabe.

Quando comecei a soluçar, com as lágrimas escorrendo-me pelo rosto, Paul sentou-me em seu colo. Reconfortou-me como um pai, com beijinhos suaves e mãos caridosas que me acariciavam.

— Catherine, também tenho minha estória para contar. Talvez, sob certos aspectos, se iguale ao horror da sua. Talvez, se eu lhe contar, você consiga tirar proveito de algo que aprendi.

Observei-lhe o rosto. Paul afrouxou os braços em torno de mim, recostando-se na poltrona.

— Vai contar-me a respeito de Júlia e Scotty?

— Sim — a voz dele assumiu um tom duro. Com os olhos fixos nas vidraças banhadas pela chuva, apertou-me a mão com força. — Você julga que apenas sua mãe cometeu crimes contra as pessoas que ama. Pois está enganada. Isso acontece todos os dias. Às vezes, no intuito de ganhar dinheiro. Contudo, existem outros motivos.

Fez uma pausa, suspirou e prosseguiu:

— Espero que você, após escutar minha estória, consiga voltar para a cama e esquecer a vingança. Se não conseguir, causará mais mágoa a si mesma que a qualquer outra pessoa.

Eu não acreditei naquilo porque não desejava acreditar, mas estava bastante ansiosa para saber como Júlia e Scotty haviam morrido no mesmo dia. Quando Paul começou a falar de Júlia, tive medo do final. Fechei os olhos com força, desejando então que meus ouvidos não fossem obrigados a escutar, pois não necessitava de mais nada para acrescentar à angústia que já sentia por um menino morto. Mas Paul falou por minha causa, para salvar-me; como se isto fosse possível!

— Júlia e eu éramos namorados de infância. Ela nunca teve outro namorado; eu nunca tive outra namorada. Júlia me pertencia e eu fazia questão de deixar o fato bem evidente para todos os outros meninos. Nunca proporcionei a mim mesmo, nem a ela, a oportunidade de experimentar como eram os outros e isto foi um erro terrível. Fomos bastante tolos para acreditarmos que nosso amor duraria para sempre. Namorávamos firmes e trocávamos cartas, embora morássemos apenas a alguns quarteirões de distância um do outro. Com o decorrer do tempo, Júlia tornou-se cada vez mais bela. Eu me julgava o sujeito mais afortunado do mundo e Júlia me achava perfeito. Colocamo-nos mutuamente em pedestais. Ela seria a esposa perfeita para um médico e eu seria o marido ideal; teríamos três filhos. Júlia era filha única, mimada pelos pais. Ela adorava o pai e costumava dizer que eu era como ele.

Neste ponto, a voz de Paul se tornou mais profunda, como se o que tinha a dizer fosse muito doloroso.

— Coloquei um anel de noivado no dedo de Júlia no dia em que ela completou dezoito anos. Na época, eu tinha dezenove. Quando fui para a universidade, lembrava-me dela aqui e imaginava que homem a estaria cobiçando. Tinha medo de perdê-la para outro, se não nos casássemos logo. Portanto, casamo-nos quando Júlia tinha dezenove anos e eu vinte.

Sua voz assumiu um tom amargo, os olhos ficaram inexpressivos e seus braços me estreitaram.

— Júlia e eu nos beijáramos muitas vezes e andávamos sempre de mãos dadas, mas ela jamais permitiu que eu fizesse algo mais íntimo; isto teria que esperar até que ela tivesse uma aliança no dedo. Eu tivera algumas experiências sexuais, não muitas. Júlia era virgem e julgava que eu também fosse. Não levei meus votos matrimoniais na brincadeira e estava decidido a ser exatamente o tipo de marido capaz de fazê-la feliz. Amava-a muito. Assim, na nossa noite de núpcias, Júlia levou duas horas para despir-se no banheiro. Entrou no quarto usando uma longa camisola branca e tinha o rosto tão branco quanto a camisola. Percebi que estava aterrorizada. Convenci-me de que me portaria com tanta ternura e amor que ela feria prazer em ser minha esposa. Júlia não sentia prazer no sexo, Cathy. Fiz o possível para excitá-

la, enquanto ela se encolhia com os olhos arregalados e cheios de pavor; gritou quando tentei despir-lhe a camisola. Depois que ela me implorou que lhe desse mais tempo, parei e decidi tentar outra vez na noite seguinte. Entretanto, na noite seguinte tudo se repetiu, só que pior. Ela indagou, lacrimosa: “*Ora, por que não pode ficar aqui deitado e apenas me abraçar? Por que tem que ser tão feio?*” Eu também era apenas um menino e não sabia como enfrentar uma situação daquelas. Amava Júlia, desejava-a e, afinal, terminei por possuí-la à força ou, pelo menos, era o que ela não se cansava de repetir. Não obstante, eu a amava. Amara-a durante a maior parte de minha vida e simplesmente não conseguia acreditar que fizera a escolha errada. Portanto, passei a ler todos os livros sobre relações sexuais que consegui encontrar, tentando todas as técnicas para excitá-la e fazer com que me desejasse, mas só lhe causei repulsa. Comecei a beber depois que me formei na universidade e, quando sentia vontade, procurava alguma outra mulher que tivesse prazer em minha companhia na cama. Os anos se passaram enquanto Júlia se mantinha distante, tratando de conservar a casa limpa e arrumada, lavar minhas roupas, passar minhas camisas e pregar os botões que caíam. Era tão linda, tão desejável e estava tão próxima de mim que eu ocasionalmente a forçava, embora ela sempre chorasse depois. Então Júlia descobriu que estava grávida. Fiquei eufórico e creio que ela também. Nunca uma criança foi tão amada e mimada como meu filho e, felizmente, era o tipo de menino que não se deixa estragar por excesso de amor.

A voz de Paul passou para um tom ainda mais grave, enquanto me aninhei melhor em seus braços, temendo o que estava por vir, pois sabia que era algo terrível.

— Após o nascimento de Scotty, Júlia disse-me sem maiores rodeios que já cumprira o seu dever, dando-me um filho, e que daquele momento em diante eu deveria deixá-la em paz. Não me incomodei com ter de deixá-la em paz, mas fiquei profundamente magoado. Conversei com a mãe dela a respeito de nosso problema e minha sogra insinuou que havia um sombrio segredo no passado de Júlia, algo a respeito de um primo que lhe fizera certas coisas quando ela tinha apenas quatro anos de idade. Jamais fiquei sabendo ao certo o que fez o primo, mas, fosse lá o que fosse, inibiu para sempre o sexo de minha esposa. Sugerir a Júlia que fôssemos ambos consultar um conselheiro matrimonial ou um psicólogo, mas ela se recusou terminantemente, alegando que seria por demais embaraçoso e querendo saber por que motivo eu não podia deixá-la em paz.

— Depois disso, deixei-a realmente em paz — prosseguiu Paul. — Sempre havia por perto mulheres dispostas a satisfazer os desejos de um homem e eu tinha no consultório uma linda recepcionista que não fazia, segredo de estar mais do que disponível a qualquer hora e em qualquer lugar. Tivemos um caso que durou vários anos. Julguei que éramos ambos muito discretos e que ninguém tinha conhecimento de nossas relações. Então, certo dia, ela me procurou para dizer que estava esperando um filho meu. Não pude acreditar, pois ela me dizia que tomava pílulas anticoncepcionais. Nem mesmo pude acreditar que a criança fosse minha, pois sabia que ela possuía vários amantes. Portanto, recusei-me a pedir divórcio de minha esposa e arriscar-me a perder Scotty para servir de pai a um filho que talvez nem fosse meu. Ela perdeu a calma. Naquela noite, voltei para casa e encontrei uma esposa que eu jamais tivera oportunidade de conhecer. Júlia acusou-me furiosamente de infidelidade conjugal, argumentando que fizera o melhor possível e dera-me o filho que eu tanto desejava. Agora, eu a traía, quebrando meus votos matrimoniais e transformando-a em alvo de zombaria da cidade inteira! Ameaçou matar-se. Tive pena dela quando gritou que me faria pagar caro, que me faria sofrer! Já ameaçara matar-se antes, mas nunca tentara o suicídio. Julguei que aquela explosão serviria para purificar a atmosfera entre nós. Júlia nunca mais me falou no caso. Na verdade, parou de falar comigo, a não ser quando Scotty estava por perto, pois desejava que nosso filho tivesse um lar normal, com pais ostensivamente felizes. Eu lhe dera um filho que ela amava de forma quase irracional.

— Então, chegou o mês de junho e o aniversário de Scotty, que completava três anos. Júlia planejou para ele uma festa de aniversário e convidou seis outras crianças que, naturalmente, viriam com as respectivas mães. Foi num sábado. Eu estava em casa e, a fim de ajudar a acalmar Scotty, que estava por demais excitado com a perspectiva da festa, dei-lhe um veleiro de brinquedo para combinar com a roupa de marinheiro que ele usaria naquele dia. Júlia, vestindo *voile* azul, desceu a escada com Scotty. Seus belos cabelos escuros estavam amarrados para trás com uma fita de cetim azul. Scotty segurava a mão da mãe e trazia sob o outro braço o veleiro que eu lhe dera. Júlia me disse que temia não ter comprado balas suficientes para a festa e, já que fazia um dia tão lindo, iria a pé com Scotty até a confeitaria mais próxima, a fim de comprar mais balas. Ofereci-me para levá-los no carro, mas ela recusou, pois queria que eu permanecesse em casa para a eventualidade de algum convidado chegar antes da hora. Sentei-me na varanda da frente e esperei. Dentro de casa, a mesa da sala de jantar estava arrumada para a festa, com bolas penduradas no lustre, línguas-de-sogra, chapéus de palhaço e outros brindes para as crianças. Henny preparara um bolo enorme.

— Os convidados começaram a chegar por volta das duas horas. Júlia e Scotty ainda não tinham voltado. Comecei a ficar preocupado, de modo que peguei o carro e fui à confeitaria, esperando vê-los no caminho. Mas não os vi. Na confeitaria, perguntei se tinham comprado balas, mas ninguém os vira lá. Foi então que comecei a sentir-me realmente amedrontado. Rodei pelas ruas a procurá-los, parando para indagar dos transeuntes se tinham visto uma senhora vestida de azul e um menino com roupa de marinheiro. Acho que interroguei cinco ou seis pessoas antes que um rapaz de bicicleta me desse uma resposta positiva: vira uma senhora de azul e um menino carregando um veleiro de brinquedo. Apontou a direção que haviam tomado. Dirigiam-se ao rio! Segui com o carro até onde me foi possível. Então, saltei e corri a pé ao longo da trilha de terra, temendo chegar lá tarde demais. Tentei acalmar-me, dizendo com meus botões que Scotty apenas desejava colocar o bote e flutuar no rio, como eu costumava fazer quando criança. Corri tão depressa que meu coração chegou a doer. Então, cheguei à margem gramada do rio. Lá estavam eles: ambos flutuavam na água, de rosto para cima. Júlia mantinha os braços apertados em torno de Scotty, que obviamente lutara para libertar-se dela. O pequeno veleiro vagava ao sabor da correnteza. A fita azul se soltara do cabelo de Júlia e também flutuava. As mechas de longos cabelos escuros estendiam-se para enroscar-se nas plantas aquáticas. O rio era raso, chegando apenas à altura dos joelhos de uma pessoa adulta.

Sentindo a terrível angústia de Paul, produzi um som sufocado, mas ele não escutou. Prossegui:

— Num piscar de olhos, tomei-os nos braços e os trouxe de volta à margem. Júlia ainda vivia, mas Scotty parecia morto. Portanto, tentei tratar dele, num esforço inútil para fazê-lo recobrar os sentidos. Fiz todo o possível para bombear-lhe a água dos pulmões, mas meu filho estava morto. Então, repeti o processo com Júlia, que tossiu, engasgou-se e vomitou a água. Não abriu os olhos, mas, pelo menos, ainda respirava. Coloquei-os ambos no carro e os levei ao hospital mais próximo onde os médicos lutaram desesperadamente para reviver Júlia. Mas não conseguiram, da mesma forma que eu não conseguira reviver Scotty.

Paul fez uma pausa e me fitou no fundo dos olhos.

— Eis a minha história para uma garota que julga ser a única pessoa que sofreu, a única que perdeu alguém, a única que tem saudade e tristeza. Oh! Eu tenho saudade e tristeza como você, mas também carrego comigo o remorso. Deveria ter percebido quão instável era Júlia. Assistimos à Medéia na TV, poucos dias antes do aniversário de Scotty, e Júlia demonstrara um interesse desusado, embora não gostasse de televisão. Fui estúpido por não perceber o que ela estava pensando e planejando fazer. Não obstante, mesmo agora ainda não consigo compreender como ela foi capaz de matar nosso filho, a quem tanto amava. Poderia ter-se

divorciado de mim e eu não lhe tiraria Scotty. Contudo, isso não seria vingança suficiente para Júlia. Ela teve que matar a pessoa que eu mais amava: meu filho.

Não consegui falar. Que espécie de mulher fora Júlia? Semelhante à minha mãe? Minha mãe matara para ganhar uma fortuna. Júlia matara por vingança. Faria eu a mesma coisa? Não, não, claro que não. Minha maneira seria melhor, muito melhor, pois ela continuaria viva para continuar sofrendo interminavelmente.

— Sinto muito — declarei com voz embargada, com tanta pena que tive necessidade de beijar o rosto de Paul. — Mas você pode ter outros filhos. Pode casar-se novamente.

Abracei-o quando ele sacudiu a cabeça.

— Esqueça Júlia! — exclamei, abraçando-lhe o pescoço e estreitando-me contra ele. — Não vive me dizendo para perdoar e esquecer? Perdoe-se e esqueça o que aconteceu a Júlia.

Lembrei-me de meu pai e minha mãe; estavam sempre acariciando-se e beijando-se. Desde pequenina, sei que os homens precisam ser amados e acariciados. Costumava observar minha mãe para ver como ela amansava Papai se este ficava zangado. Fazia-o por meio de beijos, olhares ternos e pequenas carícias. Joguei a cabeça para trás e sorri para Paul como vira Mamãe sorrir para Papai.

— Diga-me como uma esposa deve agir na noite de núpcias. Não quero desapontar meu noivo.

— Não lhe direi tal coisa!

— Então eu apenas fingirei que você é meu noivo e que acabo de sair do banheiro, depois de me despir. Ou acha melhor despir-me na sua frente? Que tal?

Ele pigarreou e tentou afastar-me de si, mas agarrei-me como visgo.

— Acho que você deve ir para a cama e esquecer essa brincadeira de fingir.

Permaneci onde estava. Beije-o repetidamente e logo ele começou a corresponder. Senti-lhe a carne esquentar, mas, de repente, seus lábios se contraíram numa linha firme sob os meus e ele passou os braços por baixo de meus joelhos e ombros. Levantou-se comigo nos braços e se encaminhou para a escada. Julguei que me levava a seu quarto a fim de fazermos amor e me senti amedrontada, envergonhada, mas também ansiosa e excitada. Entretanto, Paul foi direto ao meu quarto e, parando ao lado de minha cama estreita, hesitou. Apertou-me contra o coração por um tempo dolorosamente prolongado, enquanto a chuva fustigava as vidraças. Paul deu a impressão de esquecer-se de quem eu era e roçou o rosto áspero no meu, acariciando-me sem usar as mãos. Mais uma vez, como sempre, tive que falar e estragar tudo.

— Paul...

Minha voz tímida arrancou-o de um devaneio que, se eu ficasse calada, talvez me conduzisse mais cedo ao êxtase sempre adiado pelo qual meu corpo tanto ansiava.

— Quando estávamos trancados no quarto, nossa avó nos chamava de filhos do Demônio. Dizia que éramos sementes daninhas plantadas no solo errado e jamais produziríamos algo de bom. Tornou-nos inseguros a respeito do que éramos, fazendo-nos duvidar de que tínhamos direito de viver. Foi tão terrível o que Mamãe fez: casar-se com seu meio-tio, que era apenas três anos mais velho que ela? Nenhuma mulher que tivesse um coração dentro do peito seria capaz de resistir a ele. Tenho certeza de que eu não resistiria. Ele era como você. Nossos avós julgavam que nossos pais haviam cometido um pecado mortal e, por isso, éramos desprezados, até mesmo os gêmeos, tão pequenos e adoráveis. Chamavam-nos de corruptos. Tinham razão? Estavam certos ao desejarem matar-nos?

Eu pronunciara exatamente as palavras certas para trazer Paul de volta à realidade. Largou-me depressa e virou a cabeça para o lado, a fim de que eu não lhe visse os olhos. Eu detestava quando as pessoas ocultavam os olhos e eu não podia ler neles a verdade sobre o que pensavam.

— Creio que seus pais estavam muito apaixonados e eram muito jovens — disse Paul numa voz tensa e estranha. — Tão apaixonados que não pararam a fim de analisar o futuro e as conseqüências.

— Oh! — exclamei, ultrajada. — Acha que os avós tinham razão; que somos frutos do mal!

Ele girou para me encarar, os lábios cheios e sensuais entreabertos, uma expressão furiosa no rosto.

— Não torça o que digo para satisfazer sua necessidade de vingança. Nunca existe motivo suficiente para justificar homicídio, a menos que seja em legítima defesa. Vocês não são maus. Seus avós eram tolos preconceituosos que deveriam ter aprendido a aceitar a realidade e aproveitá-la da melhor forma possível. E tinham muito de que se orgulharem dos quatro netos que seus pais lhes deram. E, caso seus pais tenham assumido um risco calculado quando resolveram ter filhos, eu diria que acertaram em cheio. Deus e as probabilidades tomaram seu partido e deram a vocês muita beleza, o dom de saber apreciá-la e, talvez, até mesmo um excesso de talentos. Não há dúvida de que tenho à minha frente uma garota fervilhante de emoções adultas, grandes demais para seu tamanho e idade.

— Paul...?

— Não me olhe assim, Catherine.

— Não sei como estou olhando.

— Vá dormir, Catherine Sheffield, imediatamente!

— Como me chamou? — perguntei, enquanto ele recuava em direção à porta. Paul sorriu.

— Não foi uma falha freudiana, se é isso que está pensando. Dollanganger é um nome comprido demais. Sheffield seria uma escolha bem melhor. Podemos providenciar para que seu nome seja mudado legalmente.

— Oh! — murmurei, doente de desapontamento.

— Escute aqui, Catherine — disse ele da porta, tão volumoso que bloqueava a luz do corredor. — Está jogando um jogo perigoso. Tenta seduzir-me; é muito linda e difícil de resistir. Mas seu lugar em minha vida é o de filha, nada mais que isso.

— Estava chovendo naquele dia de junho em que você sepultou Júlia e Scotty?

— Que diferença faz? Qualquer dia em que enterramos entes queridos é chuvoso!

E se afastou de minha porta, caminhando depressa para seu quarto, onde entrou e bateu a porta com força. Portanto, eu tentara duas vezes e ele me rejeitara outras tantas. Agora, eu estava livre para prosseguir meu alegre e destrutivo caminho, para dançar cada vez mais, até chegar ao topo. E isto seria uma lição para Mamãe, que só sabia bordar e tricotar, ensinando-lhe quem era mais inteligente e talentosa. Ela veria quem era capaz de ganhar uma fortuna por seus próprios meios, sem precisar vender o corpo, sem apelar para assassinato a fim de herdá-la! O mundo inteiro tomaria conhecimento de mim! Comparar-me-iam com Anna Pavlova e me considerariam melhor. Minha mãe compareceria a uma festa em minha homenagem, acompanhada pelo marido. Estaria velha, abatida, cansada, enquanto eu seria fresca e jovem: seu marido Bart viria diretamente a mim, embevecido, para beijar-me a mão.

“É a mulher mais linda e talentosa do mundo” diria ele.

E bastaria seu olhar para demonstrar que me amava, dez vezes mais do que jamais amara minha mãe. Então, quando eu possuísse Bart e ela estivesse sozinha, abandonada, eu revelaria a ele minha verdadeira identidade. A princípio, ele não acreditaria. Depois, acabaria acreditando. E odiaria minha mãe! Tomar-lhe-ia todo o dinheiro. Para onde iria a fortuna? Parei, confusa. Que seria feito do dinheiro se fosse tomado de Mamãe? Voltaria à avó? Certamente não viria para nós, Chris, Carrie e eu, pois não existíamos como membros da família Foxworth. Então sorri com meus botões ao lembrar-me das quatro certidões de nascimento que eu encontrara costuradas sob o forro de uma das nossas velhas maletas.

Comecei a rir. Oh! Mamãe! Quantas coisas estúpidas você fez! Imaginem: esconder as certidões de nascimento! Com aqueles documentos, eu podia provar que Cory existira; sem eles, seria a minha palavra contra a dela, a menos que a polícia decidisse ir a Gladstone e encontrasse o médico que fizera o parto dos gêmeos. E havia também nossa antiga babá Sra. Simpson... e Jim Johnston. Oh! Eu esperava que nenhum deles se tivesse mudado da cidade e que todos ainda se lembrassem das quatro “*Bonecas de Dresden*”. E eu sabia que era má, nascida para ser má, como dissera minha avó desde o início. Fora castigada antes de cometer qualquer ato mau; portanto, por que não permitir que o castigo correspondesse a um crime que ainda estava por ser cometido? Não havia motivo pelo qual eu devesse ser perseguida e desgraçada pelo simples fato de haver, numa ocasião de sofrimento e miséria, procurado refúgio nos braços de meu irmão. Apenas me voltara para o homem que mais necessitava de mim. Se isso era pecado, dar o que suas palavras recusavam e seu olhar implorava, então, que me deixassem ser má! À medida que ficava sonolenta, comecei a planejar tudo. Ele não se afastaria, rejeitando-me, porque eu tornaria tal coisa impossível. Ele não desejaria magoar-me. Possuir-me-ia e pensaria consigo que fora obrigado a isso; não teria o mínimo remorso.

A culpa seria toda minha. E Chris me odiaria; seria obrigado a procurar outra pessoa.

Mais suave que todas as rosas

Completei dezesseis anos em abril de 1961. Encontrava-me na idade florescente e propícia em que todos os homens, jovens e velhos, principalmente os que já passavam dos quarenta anos, viravam-se na rua para olhar-me. Quando eu esperava o ônibus na esquina, os carros diminuía a velocidade porque os motoristas não podiam deixar de fitar-me com olhos esbugalhados e cobiçosos. E se eles ficavam maravilhados, mais ainda ficava eu. Pavoneava-me diante dos muitos espelhos da casa de Paul e via, às vezes, surpresa, uma jovem linda, cuja beleza chegava a tirar o fôlego. E aquela visão gloriosa era eu! Era espantosamente bela e tinha consciência do fato. Julian vinha freqüentemente de Nova York deleitar em mim o olhar desejoso, declarando saber o que queria, embora eu não soubesse o que eu queria. Via Chris apenas nos fins-de-semana e sabia que ele ainda me desejava, continuando a amar-me mais do que chegaria a amar outra pessoa. Chris e Carrie vieram para casa no fim de semana de meu aniversário e rimos, abraçamo-nos e falamos tão depressa como se nunca dispuséssemos de tempo para dizer tudo o que queríamos, especialmente Chris e eu. Tive vontade de dizer a Chris que Mamãe em breve viria morar em Greenglenna, mas temi que ele me impedisse de fazer o que planejava, de modo que não mencionei o assunto. Após algum tempo, Carrie afastou-se para sentar-se num canto e observar com seus olhos grandes e tristes o nosso benfeitor, aquele homem grande e bonito que me mandara vestir minhas melhores roupas.

— Por que não usa aquele vestido que vem reservando para uma ocasião especial? Para festejar seu aniversário, pretendo oferecer-lhe um festim de *gourmet* no meu restaurante favorito: The Plantation House.

Tive que subir imediatamente e começar a preparar-me. Pretendia aproveitar ao máximo meu aniversário. Meu rosto não precisava de maquilagem, mas coloquei-a assim mesmo, o serviço completo, incluindo máscara preta como nanquim nos cílios, dando-me ao trabalho de usar o curvex. Minhas unhas brilhavam como pérolas e o vestido de gala era cor-de-rosa. Oh! Como me senti linda ao arrumar-me diante do espelho triplo colocado sobre minha penteadeira.

— Minha Lady Catherine — disse Chris da porta aberta. — Está muito linda, mas é profundo mau gosto admirar-se tanto a ponto de beijar a própria imagem no espelho. No duro, Cathy, deve esperar elogios dos outros e não fazê-los a si mesma.

— Tenho medo de que ninguém me elogie — repliquei na defensiva. — Portanto, elogio-me a fim de ficar mais confiante em mim. Estou linda ou apenas bonita?

— Está linda, sim — disse Chris numa voz engasgada e esquisita. — Duvido que encontre outra garota tão linda como você está agora.

— Diria que estou melhorando com a idade?

— Não lhe farei mais elogios! Não é de espantar que nossa avó tenha quebrado todos os espelhos! Sinto vontade de fazer o mesmo. Quanta vaidade e convencimento!

Franzi a testa, não gostando de ser lembrada da velha.

— Você está fantástico, Chris! — repliquei comum largo e ardoroso sorriso. — Não sinto vergonha ou embaraço de fazer elogios quando são merecidos. Você é tão bonito quanto Papai.

Cada vez que vinha para casa da escola, Chris parecia mais maduro e bonito. Não obstante, quando eu o observava com mais atenção percebia que a sabedoria emprestava-lhe ao olhar uma característica estranha, algo que o fazia parecer muito, muito mais velho que eu. Parecia também mais triste e mais vulnerável que eu, uma combinação extremamente atraente.

— Por que não é feliz, Chris? — perguntei. — A vida o decepciona? Está aquém do que você imaginava quando estávamos presos e tínhamos tantos sonhos para o futuro? Arrepende-se, agora, de ter resolvido ser médico? Em vez disso, preferiria ser bailarino, como eu?

Eu me aproximara para observar seus olhos tão reveladores, mas Chris baixou-os para ocultá-los. Tentou circundar minha cintura com as mãos, mas a circunferência não era tão pequena, nem suas mãos tão grandes. Ou estaria apenas arranjando uma desculpa para tocar-me? Transformando em brincadeira algo muito sério. Seria isso? Abaixei-me para fitar-lhe o rosto e nele encontrei o amor que procurava. De repente, desejei não ter tomado conhecimento.

— Não me respondeu, Chris.

— O que perguntou?

— A vida, os estudos de medicina, estão correspondendo às suas expectativas?

— O que corresponde às nossas expectativas?

— Isso me parece cinismo. É o meu estilo, não o seu.

Chris ergueu a cabeça e exibiu um brilhante sorriso. Oh! Meu Deus!

— Sim — disse ele. — A vida aqui fora é o que eu imaginava que fosse. Fui realista, ao contrário de você. Gosto da escola e das amizades que fiz. Entretanto, ainda sinto saudades de você; é difícil viver longe, sempre a imaginar o que você estará aprontando.

Desviou outra vez os olhos, que se toldaram com um desejo impossível de satisfazer.

— Feliz aniversário, minha Lady Catherine — disse baixinho, roçando de leve os lábios nos meus, num leve beijo que não ousava passar desse ponto. Então, tomou-me a mão: — Vamos. Todos estão prontos, menos a vaidosa e convencida aniversariante.

Descemos a escada de mãos dadas. Paul e Carrie já estavam prontos, aguardando. Henny também. A casa parecia esquisita, tão silenciosa e carregada de expectativa, tão fantasmagoricamente escura, com todas as luzes apagadas, menos as do vestibulo. Que gozado! Então, de repente, um coro berrou no escuro:

— Surpresa! Surpresa!

As vozes continuaram a berrar quando todas as luzes se acenderam e meus colegas da aula de balé cercaram Chris e a mim. Henny trouxe um bolo de aniversário com três camadas, cada uma menor que a inferior, declarando orgulhosamente tê-lo preparado e decorado pessoalmente. “*Que eu consiga sempre sucesso em tudo o que tentar*”, desejei de olhos fechados, apagando as velas. Estou ganhando terreno sobre você, Mamãe, tornando-me mais velha e esperta a cada dia. Quando chegar a hora, estarei pronta para derrotá-la!

Soprei com tanta força que a cera cor-de-rosa derretida respingou as delicadas rosas de açúcar que repousavam entre folhas de glacê verde claro. Em frente a mim estava Julian,

cujos olhos negros, pregados nos meus, repetiam mudamente a mesma pergunta. Sempre que eu procurava o olhar de Chris, ele desviava o rosto para o lado ou baixava os olhos para fitar o chão. Carrie mantinha-se colada a Paul, que se sentara a alguma distância dos ruidosos festejos e tentava não parecer severo. Tão logo terminei de abrir todos os presentes, Paul se ergueu, pegou Carrie no colo e desapareceu com ela na escada.

— Boa noite, Cathy — disse Carrie, o rostinho feliz e corado cheio de sono. — É a melhor festa de aniversário que já vi.

Quase chorei de dor ao escutar aquelas palavras, pois Carrie já tinha quase nove anos e as festas de aniversário de que podia lembrar-se, com exceção da festa de Chris, em novembro passado, foram meras tentativas de transformar pouco em muito.

— Por que parece tão triste? — quis saber Julian, que se aproximara para me abraçar. — Alegre-se, pois agora tem-me a seus pés, pronto para incendiar-lhe o coração e o corpo.

Na verdade, eu o detestava quando se comportava assim, tentando demonstrar de todos os modos possíveis que eu era sua propriedade exclusiva. Seu presente fora uma sacola de couro para carregar meu material de balé: malhas, sapatilhas, etc. Afastei-me dele com uma pirueta, pois não desejava ser dominada por ninguém naquela noite. Todas as garotas que ainda não estavam vidradas em Julian gamaram por Chris de imediato, o que nada contribuiu para fazer com que Julian detestasse menos meu irmão. Não sei o que ateou fogo à lenha, mas, de repente, Chris e Julian estavam num canto, discutindo e prestes a se engalfinharem.

— Não me importa o que você pensa! — bradou Chris, com sua característica frieza nos momentos de maior raiva. — Minha irmã é jovem demais para ter um amante e ainda não está pronta para enfrentar Nova York!

— Você! Seu... — retrucou Julian, furioso. — Que sabe você a respeito de balé? Não sabe nada! Nem mesmo é capaz de mover os pés sem pisar nos próprios calos!

— Talvez seja verdade — disse Chris num tom gelado. — Mas possuo outras habilidades. Além disso, estamos falando de minha irmã e do fato de ela ainda ser menor de idade. Não permitirei que você a convença a acompanhá-lo a Nova York quando ela nem mesmo ainda terminou o ginásio!

Minha cabeça se movia de um lado para outro, observando um de cada vez; era difícil dizer qual o mais bonito dentre os dois. Senti-me doente por eles demonstrarem publicamente a hostilidade que sentiam um pelo outro e porque eu desejava tanto que se gostassem mutuamente. Estremeci, prestes a gritar para que parassem de discutir. Mas fiquei calada.

— Cathy — chamou Chris, sem desviar por um instante os olhos de Julian, que parecia pronto a desferir um murro ou pontapé. — Você acredita francamente que está preparada para estrear em Nova York?

— Não... — respondi, quase num sussurro.

Julian lançou-me um olhar raivoso, pois vivia insistindo a cada minuto que estávamos juntos, tentando convencer-me a acompanhá-lo a Nova York para ser sua amante e par de balé. Eu sabia por que razão ele me desejava: meu peso, altura e equilíbrio adequavam-se com perfeição à sua capacidade. É imprescindível encontrar o par ideal quando se deseja impressionar a platéia num *pas de deux*.

— Que todos os seus aniversários sejam um inferno na terra! — bradou Julian, dirigindo-se à porta e batendo-a com força atrás de si.

E assim terminou minha festa de aniversário, com todos indo embora parecendo embaraçados. Chris subiu para seu quarto sem me dizer boa-noite. Com lágrimas nos olhos, comecei a catar as migalhas que haviam caído no tapete da sala de visitas. Encontrei um buraco no luxuoso tapete verde, produzido por um cigarro que alguém deixara cair. Alguém quebrara uma das valiosas peças de Paul, uma cintilante e transparente rosa de cristal. Segurei os pedaços do objeto, pensando em comprar a cola adequada para restaurá-lo e até mesmo

imaginando um meio, pois tinha que haver algum, de tapar o buraco no tapete e eliminar as manchas circulares deixadas pelos copos nos móveis envernizados.

— Não se preocupe com a rosa — disse Paul às minhas costas. — Não passa de uma quinquilharia barata. Sempre posso comprar outra.

Voltei-me para encará-lo. Paul postara-se com a maior naturalidade junto ao arco que levava ao vestíbulo. Enfrentou meu olhar lacrimoso com seus olhos suaves e bondosos.

— Era uma linda rosa — declarei, engasgada. — E sei que custou caro. Comprar-lhe-ei outra, se encontrar a duplicata. E também lhe darei algo melhor quando...

— Esqueça.

— Mais uma vez, muito obrigada pela linda caixinha de música — disse eu, levando nervosamente a mão ao profundo decote e tentando esconder o sulco entre meus seios. — Certa vez, meu pai me deu uma caixinha de música com uma bailarina, mas fui obrigada a abandoná-la...

Minha voz se embargou e não consegui continuar, pois a lembrança de meu pai sempre me deixava em ruínas, desolada e sem esperanças.

— Chris me falou da caixinha de música que seu pai lhe deu e procurei uma igual para comprar. Acertei?

— Sim — respondi, embora não fossem iguais.

— Ótimo. Agora, vá dormir. Esqueça a desordem: Henny limpará tudo. Parece sonolenta.

Logo subi para meu quarto, onde verifiquei, espantada, que Chris me aguardava.

— O que está havendo entre você e Julian? — indagou ele com ar feroz.

— Nada!

— Não minta para mim, Cathy! Ele não vem de avião de Nova York até aqui sem um objetivo!

— Meta-se com sua vida, Christopher! — repliquei furiosa. — Não tento dizer o que você deve fazer; portanto, exijo que proceda da mesma forma em relação a mim! Você não é santo e eu não sou anjo! O problema é que você não passa de um homem como os outros, pensando que pode fazer o que bem entender, enquanto eu devo ficar quietinha de lado, muito recatada e pura, à espera de que apareça alguém que se case comigo! Pois não sou esse tipo de mulher! Ninguém vai me obrigar a fazer o que não quero, nunca mais! Nem Paul! Nem Madame! Nem Julian! Nem você também!

Chris ficou muito pálido, contendo-se para não me interromper.

— Quero que se mantenha fora de minha vida, Christopher! Farei o que tiver que fazer, qualquer coisa que for preciso, para chegar ao topo!

Seus celestiais olhos azuis lançaram-me diabólicas centelhas elétricas.

— Presumo que seja capaz de dormir com qualquer homem, se julgar necessário.

— Farei o que for preciso! — retruquei raivosa, embora não tivesse pensado no assunto.

Chris pareceu prestes a esbofetear-me e o esforço que fez para controlar-se obrigou-o a cerrar os punhos ao longo do corpo. Uma faixa branca circundou-lhe os lábios contraídos.

— O que deu em você Cathy? — começou num tom magoado. — Jamais imaginei que se transformasse em outra oportunista.

Enfrentei-lhe amargamente o olhar. O que ele julgava estar fazendo? Tivéramos a felicidade de topar com um homem solitário, infeliz, e o estávamos usando; mais cedo ou mais tarde, teríamos que pagar um preço por isso. Nossa avó sempre nos dizia que ninguém faz nada em troca de nada. Mas, de todo modo, eu não podia dizer algo mais para magoar Chris e também não podia pronunciar uma só palavra contra Paul, que nos acolhera e fazia por nós tudo o que lhe era possível. Na realidade, sobravam-me razões para saber que ele não esperava qualquer tipo de retribuição ou recompensa.

— Cathy — implorou Chris. — Detesto cada palavra que você acaba de dizer. Como pode falar comigo dessa maneira quando sabe o quanto a amo e respeito? Não se passa um único dia sem que eu sinta sua falta. Vivo em função dos fins de semana, quando posso estar com você e Carrie. Não se afaste de mim, Cathy; eu preciso de você. Sempre precisarei. Morro de medo quando penso que, nem de longe, sou tão necessário em sua vida.

Segurou-me os braços e ter-me-ia puxado de encontro ao peito, mas libertei-me com um arranco e dei-lhe as costas. Como poderia discernir entre o certo e o errado quando ninguém parecia mais incomodar-se com isso?

— Chris — respondi com voz embargada. — Desculpe-me ter falado com você daquela forma. Importo-me muito com o que você pensa, mas estou dilacerada por dentro. Acho que preciso ter imediatamente tudo o que desejo, a fim de compensar tudo o que perdi e sofri. Julian quer que eu vá com ele para Nova York. Julgo que ainda não estou suficientemente preparada e não possuo a disciplina necessária. Madame sempre me diz isso e acho que está certa. Julian diz que me ama e que cuidará de mim. Entretanto, não tenho certeza do que seja o amor, ou de que ele realmente me ame; talvez deseje apenas utilizar-me para atingir seu objetivo. Por outro lado, o objetivo de Julian é também o meu. Portanto, diga-me como posso saber se ele me ama ou se deseja apenas usar-me.

— Você permitiu que ele lhe fizesse amor? — indagou ele friamente, com uma expressão morta.

— Não! Claro que não!

Seus braços me envolveram, apertando-me.

— Aguarde ao menos mais um ano, Cathy. Confie em Madame Marisha, não em Julian. Ela sabe mais que ele.

Fez uma pausa, obrigando-me a erguer o rosto. Estudei-lhe a fisionomia bonita e tentei adivinhar por que motivo ele hesitava em prosseguir. Eu era um instrumento de desejo, cheia de uma insaciável necessidade de satisfação. Tinha medo, também, do que existia dentro de mim. Medo de ser como Mamãe. Quando me olhava no espelho, via o rosto de minha mãe começando a surgir de modo mais definido em minhas feições. Sentia-me exultada por parecer fisicamente com ela, mas, paradoxalmente, detestava-me por ser seu reflexo vivo. Não, eu não era como ela por dentro, mas apenas por fora. Minha beleza não era simplesmente superficial.

Não parei de repetir isso para mim mesma ao fazer o trajeto até o centro da cidade de Greenglenna. Na prefeitura local arranjei uma desculpa esfarrapada para procurar a certidão de nascimento de minha mãe, a fim de poder examinar a certidão de nascimento de Bart Winslow. Constatei que ele era oito anos mais moço que minha mãe e descobri também o seu endereço exato. Percorri a pé quinze quarteirões, até chegar a uma tranqüila rua orlada de olmos, onde as velhas mansões se apresentavam em mau estado de conservação. Todas, exceto a casa de Bart Winslow! Estava cercada de andaimes. Dúzias de operários colocavam novas esquadrias nas janelas de uma mansão de tijolos recém-pintada, com ornatos brancos em volta das portas e janelas, e o indefectível pórtico branco. Em outro dia, fui à biblioteca pública de Greenglenna, onde pesquisei a respeito da família Winslow. Para meu grande deleite, revendo os jornais antigos, encontrei uma colunista social que parecia dedicar a maior parte de sua coluna a Bart Winslow e sua esposa de origem aristocrática, fabulosamente rica e muito linda. “*A herdeira de uma das maiores fortunas do país.*” Recortei furtivamente a coluna e levei comigo para mostrar a Chris. Não queria que ele soubesse que Mamãe viria morar em Greenglenna. Chris ficou um tanto contrariado ao ler a coluna.

— Onde encontrou isto, Cathy?

Sacudi os ombros.

— Oh! Num jornal da Virgínia, que encontrei numa banca da cidade.

— Ela está novamente na Europa — comentou ele num tom esquisito. — Gostaria de saber por que motivo viaja tanto pela Europa.

Pousou em mim os olhos azuis e suas feições se suavizaram numa expressão sonhadora.

— Lembra-se do verão em que ela foi para a lua-de-mel?

Se me lembrava? Como poderia esquecer? Como se eu me pudesse permitir esquecer! Um dia, quando eu também fosse rica e famosa, Mamãe teria notícias minhas. Então, seria melhor ela estar bem preparada, pois, pouco a pouco, eu estava estabelecendo minha estratégia.

Julian não vinha a Greenglenna com a mesma frequência que antes da minha festa de aniversário. Calculei que Chris o tivesse afugentado. E não sabia se o fato me tornava feliz ou infeliz. Quando vinha visitar os pais, Julian me ignorava. Passou a dar alguma atenção a Lorraine Du Val, minha melhor amiga. Por algum motivo, fiquei magoada e ressentida, não apenas com ele, mas também com Lorraine. Escondida num canto, observei-os dançar um apaixonado *pas de deux*. Foi ali que me decidi a estudar balé com o dobro do afinho, pois também mostraria algo a Julian! Haveria de mostrar a todos do que eu era feita! Aço recoberto com malha fina e saíotes de tule!

Coruja no telhado

Agora, narrarei um episódio na vida de Carrie, pois esta é também a estória dela, tanto quanto minha e de Chris. Atualmente, revendo o passado, reflito sobre o que a vida se tornou para Carrie e acredito com a máxima convicção, que o ocorrido a Carrie na Escola para Moças Bem Educadas da Srta. Emily Dean Calhoun teve profunda influência na maneira pela qual ela passou a encarar-se no futuro. Oh! Seria preciso fazer uma piscina para eu encher com minhas lágrimas antes de começar o relato, pois eu a amava tanto que padecia todos os seus sofrimentos, até mesmo hoje.

Pelas peças do quebra-cabeça que recolhi da própria Carrie e da Srta. Dewhurst, bem como de várias outras alunas daquela escola, procurarei narrar do modo mais franco possível o pesadelo que Carrie foi obrigada a suportar. Carrie passava os fins-de-semana conosco, mas voltara a ser a mesma criaturinha calada, um tanto apática, que tanto sofrera com a morte do irmão gêmeo. Tudo em Carrie me preocupava. Embora eu a interrogasse, ela insistia em afirmar que tudo estava bem e se recusava a dizer uma só palavra contra a escola, as colegas ou as professoras. Disse apenas uma coisa, uma única coisa, para expressar seus sentimentos e foi uma pista muito evidente:

— Gosto do tapete; parece grama colorida.

Só isso. Deixou-me pensativa, preocupada, tentando adivinhar o que a perturbava. Eu tinha certeza de que alguma coisa estava errada, mas Carrie não me dizia o que era. Todas as sextas-feiras, por volta das quatro da tarde, Paul ia de carro buscar Carrie e Chris, a fim de trazê-los para casa. Fazia o possível para tornar nossos fins-de-semana memoráveis. Embora Carrie parecesse feliz em nossa companhia, raramente ria. Por mais que tentássemos, tudo o que conseguíamos arrancar dela era um sorriso amarelo.

— O que há de errado com Carrie? — indagava Chris.

Eu só podia encolher os ombros. Em algum ponto dos acontecimentos, perdera a confiança de Carrie. Agora, seus grandes olhos azuis viviam pregados em Paul, implorando-lhe mudamente. Mas Paul olhava para mim, não para Carrie. À medida que se aproximava a hora de partir de volta à escola, Carrie se tornava muito calada; seu olhar ficava inexpressivo e resignado. Dávamos beijos de despedida, recomendávamos que se portasse bem e fizesse amizades, acrescentávamos: “*Se precisar de nós, basta telefonar.*”

— Sim — dizia ela, com os olhos baixos.

Eu a abraçava com força, dizendo-lhe mais uma vez que a amava muito e que se estivesse infeliz devia contar-nos.

— Não estou infeliz — respondia ela, com os olhos fixos em Paul.

Era realmente uma escola linda. Eu adoraria estudar numa escola como aquela. Cada menina tinha o direito de decorar uma das paredes do quarto a seu gosto. A Srta. Dewhurst só impunha uma restrição: cada jovem tinha que escolher atividades “adequadas e dignas de uma dama”. No Sul, dava-se grande ênfase a uma feminilidade suave, passiva. Roupas macias, *chiffon* esvoaçante, vozes bem moduladas e discretas, olhos tímidos e baixos, mãos frágeis e gesticulantes para expressarem necessidade de proteção, e absolutamente nenhuma opinião que conflitasse com os pontos de vista masculinos, pois nunca, jamais, uma moça deveria permitir que um homem percebesse que ela talvez tivesse um intelecto superior ao seu. Aliás, pensando melhor, creio que não seria realmente a escola adequada para mim.

Carrie tinha uma cama de solteiro, coberta com uma brilhante colcha cor de púrpura. Sobre a cama, colocara almofadas cor-de-rosa, vermelhas, roxas, violetas e verdes. Ao lado da cama, uma mesinha de cabeceira com a jarra branca cheia de violetas plásticas que Paul lhe dera de presente. Sempre que possível, Paul levava flores de verdade para Carrie. Esta, porém, por estranho que pudesse parecer, adorava aquela jarrinha de violetas plásticas, preferindo-as às flores reais, que logo murchavam e morriam. Já que Carrie era a menor dentre as cem alunas da escola, tinha como companheira de quarto a segunda menor aluna, que se chamava Sissy Towers. Sissy tinha cabelos cor de tijolo, olhos rasgados e estreitos cor de esmeralda, pele branca como papel, além de um temperamento vingativo e mesquinho, que jamais exibia diante dos adultos. Pior ainda: apesar de ser a segunda menor aluna da escola, era quinze centímetros mais alta que Carrie!

Carrie comemorara seu nono aniversário com uma festa na semana anterior ao início de sua provação. Estávamos em maio e tudo começou numa quinta-feira. Os dias escolares encerravam-se às três da tarde e as alunas dispunham de duas horas para brincarem ao ar livre antes do jantar às cinco e meia. Todas elas usavam uniformes de cores correspondentes às classes de que faziam parte. Carrie estava na terceira série; seu uniforme era de tecido inglês amarelo, com um gracioso avental de organdi por cima. Carrie tinha grande aversão pela cor amarela. Para ela, assim como para Chris e para mim, o amarelo representava a cor de todas as melhores coisas que não pudemos ter enquanto permanecemos prisioneiros, fazendo-nos sentir perniciosos, indesejáveis e detestados. O amarelo era também a cor do sol que nos fora negado por tanto tempo. O sol era o que Cory mais desejava ver e agora, que todas as coisas amarelas nos eram tão facilmente acessíveis e a Cory não, aquela cor se tornara detestável para nós.

Sissy Towers adorava o amarelo. Tinha inveja dos longos cabelos louros e cacheados de Carrie, desprezando os próprios cabelos grossos e cor de ferrugem. Talvez invejasse também a beleza do rosto de boneca de Carrie e aqueles grandes olhos azuis de cílios compridos e recurvados, bem como os lábios vermelhos como morangos maduros. Oh! Sim, a nossa Carrie era uma boneca de rosto exótico, sensacionais cabelos louros e, o que era de causar uma pena infinita, aquela beleza coroava um corpo magro e pequeno demais, com um pescoço por demais delicado para suportar a cabeça que parecia pertencer a alguém de maior robustez e estatura.

O amarelo dominava a parte do quarto pertencente a Sissy: a colcha da cama e o forro das poltronas eram amarelos; as bonecas eram louras e usavam roupas amarelas; até o papel que encapava os livros e cadernos era amarelo. Sissy até mesmo usava saias e suéteres amarelos quando ia para casa. O fato de que as roupas amarelas faziam-na parecer doentivamente pálida não diminuía sua determinação no sentido de aborrecer Carrie com aquela cor, qualquer que fossem as consequências. E naquele dia, por algum motivo fútil que jamais foi elucidado, Sissy começou a perseguir Carrie de um modo mesquinho e vingativo.

— Carrie é anã... anã... anã... — cantava ela num refrão.

— Carrie devia estar no circo... circo... circo... — insistia Sissy, sem parar.

Então, pulou para a tampa de sua escrivaninha e, imitando a voz alta e metálica de um apregoador de circo que procura atrair a atenção do público para a exibição de fenômenos e monstros, passou a gritar:

— Venham logo! Venham todos! Paguem um quarto de dólar para verem a irmã viva do Pequeno Polegar! Venham ver a menor mulher do mundo! Compre entrada e venham ver a anãzinha com os olhos enormes como os de uma coruja! Venham ver a cabeça enorme no pescocinho fino! Compre entrada e venham ver a nossa monstrinha nua!

Dúzias de meninas se acotovavam no quarto para fitarem Carrie agachada num canto do chão, com a cabeça baixa e os cabelos compridos ocultando o rosto envergonhado e apavorado. Sissy abriu a bolsinha para receber as moedas que as colegas ricas lhe pagavam de bom grado.

— Agora, dispa-se, anãzinha — ordenou Sissy. — Mostre ao público o que ele pagou para ver!

Trêmula, começando a chorar, Carrie encolheu-se ainda mais, puxando os joelhos de encontro ao peito e rezando para que Deus abrisse no chão um buraco por onde ela pudesse desaparecer. Entretanto, o chão jamais se abre para nós quando desejamos sumir de algum lugar. O assoalho permaneceu sólido e duro, enquanto a voz impiedosa de Sissy continuava sem cessar:

— Vejam como ela treme... Vejam como chocalha... Vai provocar um terremoto!

Todas as alunas soltavam risadinhas, exceto uma menina de dez anos, de tamanho normal, que olhou para Carrie com piedade e simpatia.

— Acho-a bonitinha — declarou Lacy St. John. — Deixe-a em paz, Sissy! O que você está fazendo não é bonito.

— Claro que não é bonito! — replicou Sissy com uma risada. — Mas é tão divertido! Ela é uma ratinha tímida! Sabe, ela nunca diz nada. Acho que nem sabe falar!

Sissy pulou da mesa e correu para onde estava Carrie, cutucando-a com a ponta do pé.

— Você tem língua, anãzinha? Vamos, garotinha dos olhos grandes, conte-nos como ficou parecendo tão esquisita! O gato lhe comeu a língua? Você não tem língua? Bote-a para fora!

Carrie baixou ainda mais a cabeça.

— Estão vendo? Ela não tem língua! — proclamou Sissy, pulando no mesmo lugar. Depois, fez uma pirueta e abriu os braços. — Vejam o que me deram como colega de quarto: uma coruja sem língua! Que podemos fazer para obrigá-la a falar?

Lacy aproximou-se de Carrie, numa atitude protetora.

— Vamos, Sissy. Isto já basta. Deixe-a em paz.

Girando sobre si mesma, Sissy pisou com força o pé de Lacy.

— Cale a boca! Este quarto é meu! Quando estiver no meu quarto, faça o que eu mandar! E sou do mesmo tamanho que você, Lacy St. John! Além disso, meu pai é mais rico que o seu!

— Acho que você é mesquinha, maldosa e ruim, atormentando Carrie desta maneira! — replicou Lacy.

Sissy ergueu os punhos como um boxeador profissional, dançando em torno de Lacy para desferir-lhe rápidos murros.

— Quer brigar comigo? Vamos, arregace as saias! Tente pegar-me antes que lhe feche os olhos!

E antes que Lacy pudesse erguer as mãos para proteger-se, Sissy desferiu-lhe um golpe de direita que lhe atingiu em cheio o olho esquerdo. Então, o punho esquerdo de Sissy acertou o belo nariz reto de Lacy! O sangue espirrou para todos os lados! Foi então que Carrie

ergueu os olhos e viu a única menina que lhe demonstrara alguma consideração e bondade levar uma surra implacável. Foi o bastante para que Carrie colocasse em ação sua arma mais formidável: a voz. Começou a gritar. Jogando a cabeça para trás e empregando até a última gota de sua energia vocal, Carrie começou a gritar a plenos pulmões!

Em seu escritório no andar térreo, a Srta. Emily Dean Dewhurst sobressaltou-se, manchando de tinta a página do livro de registros. Correu para o corredor a fim de dar o alarme que chamaria às pressas todas as professoras. Eram oito horas da noite. A maior parte do corpo docente já se retirara para seus aposentos. Usando roupões de banho, *negligés* e até mesmo uma delas, aparentemente prestes a sair sorrateiramente da escola, num vestido de gala vermelho, as professoras correram em direção ao tumulto. Entrando no quarto que Carrie compartilhava com Sissy, depararam com uma cena apavorante. Uma dúzia de alunas engalfinhavam-se numa batalha, enquanto as outras se mantinham afastadas, observando. Uma delas, como Carrie, limitava-se a gritar; as outras gritavam, davam pontapés, rolavam atracadas pelo chão, puxando cabelos, mordendo, rasgando roupas e acima de todo aquele barulho, ressoava a trombeta metálica de um pequeno ser humano dominado pelo pavor.

— Onde está o homem... o homem? — quis saber a Srta. Longhurst, a professora que usava o vestido de gala vermelho, com o busto prestes a saltar do generoso decote.

— Controle-se, Srta Longhurst! — ordenou a Srta. Dewhurst, que avaliou prontamente a situação e planejou sua estratégia. — Não há homem algum aqui dentro.

Erguendo a voz tonitruante, comandou:

— Meninas! Parem imediatamente com esta bagunça, ou ficarão todas de castigo na escola durante o fim-de-semana!

Então, acrescentou em voz baixa para a sensual Srta. Longhurst:

— Você compareça a meu gabinete quando isto aqui estiver sob controle.

Cada menina naquele quarto que estava prestes a ter os cabelos puxados, o rosto arranhado por unhas, ficou repentinamente imóvel e calada. Horrorizadas, as alunas olharam em torno e viram o quarto cheio de professoras e, pior que tudo, a Srta. Dewhurst, famosa por não ter complacência em casos de tumulto, que não eram raros. Todas se calaram. Todas menos Carrie, que continuou a berrar, os olhos fechados com força, as pequenas mãos pálidas contraídas em punhos cerrados.

— Por que essa criança está gritando? — quis saber a Srta. Dewhurst, enquanto a Srta. Longhurst, com ar de culpada, se esgueirava para fora do quarto a fim de desfazer-se das provas que a incriminavam, pois em algum lugar havia um homem escondido à sua espera.

Naturalmente, foi Sissy Towers quem se recobrou primeiro.

— Foi ela quem começou tudo, Srta. Dewhurst. Tudo foi culpa de Carrie. Ela é como um neném. A senhorita precisa me arranjar uma nova colega de quarto, ou acabarei morrendo por ter que morar com um bebê.

— Repita o que acaba de dizer, Srta. Towers. Diga-me o que preciso fazer.

Intimidada, Sissy sorriu nervosamente.

— Quero dizer: eu gostaria de ter uma nova colega de quarto; não me sinto bem morando com alguém tão excepcionalmente pequena.

A Srta. Dewhurst encarou friamente Sissy Towers.

— Srta. Towers, você é excepcionalmente cruel. De agora em diante, ficará alojada no andar térreo, no quarto ao lado do meu, onde poderei mantê-la sob vigilância — declarou a diretora, correndo o olhar pelo quarto. — Quanto ao resto de vocês, notificarei seus pais de que suas saídas no fim de semana estão canceladas! Agora, cada uma se apresente à Srta. Littleton, para que seus deméritos sejam lançados nas fichas.

As alunas soltaram gemidos e, uma por uma, saíram do quarto para terem seus nomes anotados e devidamente marcados. Só quando a Srta. Dewhurst avançou até onde ela estava

de gatinhas no chão, Carrie reduziu os berros a uma lamúria. Não obstante, continuou balançando a cabeça de um lado para outro, numa atitude histérica.

— Srta. Dollanganger, agora já está bastante calma para me contar o que aconteceu?

Carrie não conseguia falar. O pavor e a visão de sangue tinham-na levado de volta ao quarto trancado, ao dia faminto em que ela fora obrigada a beber sangue para não morrer de fome. A Srta. Dewhurst ficou emocionada e confusa. Fazia quarenta anos que via meninas chegarem e partirem; portanto, sabia que meninas podem ser tão devastadoramente mesquinhas e cruéis quanto meninos.

— Srta. Dollanganger, a menos que me responda, não visitará sua família neste fim-de-semana. Sei que passou por um grande aperto e desejo ser bondosa com você. Por favor, não pode explicar o que aconteceu?

Agora estendida ao comprido no chão, Carrie ergueu os olhos. Viu a idosa mulher postada a seu lado como uma torre, usando uma saia azul de tonalidade quase cinzenta. Cinza era a cor que nossa avó sempre usava. E nossa avó fazia coisas terríveis; de algum modo, ela causara a morte de Cory e agora vinha buscar Carrie, também!

— Eu a odeio! Eu a odeio! — berrou Carrie, sem parar, até que finalmente a Srta. Dewhurst se viu forçada a sair do quarto e mandar a enfermeira da escola ministrar sedativos a Carrie.

Na sexta-feira, atendi o telefone quando a Srta. Dewhurst ligou para informar que doze de suas alunas haviam transgredido as regras e desobedecido suas ordens, sendo Carrie uma delas.

— Sinto muito, realmente, mas não posso conceder privilégios à sua irmã e, ao mesmo tempo, castigar as outras. Ela estava no quarto e se recusou a calar-se quando mandei.

Esperei até a hora do jantar para discutir o assunto com Paul.

— É um erro terrível manter Carrie na escola durante o fim-de-semana, Paul. Sabe que lhe prometemos que ela poderia vir passar todos os fins-de-semana conosco. É pequena demais para poder causar algum problema e, portanto, não é justo castigá-la também.

— Francamente, Cathy — disse ele, pousando o garfo no prato. — A Srta. Dewhurst me telefonou logo após ter falado com você. Ela estabeleceu as normas da escola e se Carrie as desobedeceu deve ser punida como o resto das meninas. E, embora você não concorde, eu respeito a Srta. Dewhurst.

Chris, que chegara para passar o fim de semana em casa, tomou a palavra para concordar com Paul.

— Claro, Cathy. Sabe tão bem quanto eu o que Carrie é capaz de fazer quando cisma. Mesmo que se limite a gritar, pode deixar qualquer pessoa maluca... e surda.

O fim-de-semana sem Carrie foi um fiasco. Não consegui afastá-la do pensamento. Enervei-me, temi, preocupei-me por causa de Carrie. Tinha a impressão de escutá-la chamar por mim. Quando fechava os olhos, via-lhe o rostinho pálido com os grandes olhos azuis arregalados de medo. Ela estava bem! Tinha que estar, não é mesmo? O que poderia acontecer a uma menina numa escola tão cara e famosa, controlada por uma mulher responsável e respeitável como a Srta. Emily Dewhurst?

Quando Carrie estava sofrendo e às turras consigo mesma e o resto do mundo, não tendo a seu lado alguém que a amasse, retrocedia ao passado e refugiava-se no seguro conforto das minúsculas bonecas de porcelana que ocultava tão cuidadosamente por baixo de todas as suas roupas. Agora, era a única aluna da escola que tinha um quarto exclusivamente seu. Nem uma só vez em seus nove anos de vida Carrie passara a noite sozinha num quarto.

Agora estava sozinha e consciente do fato. Todas as alunas da escola se haviam voltado contra ela, inclusive a bonita Lacy St. John. Carrie retirava as bonecas de seu esconderijo muito secreto, o Sr. e a Sra. Parkins, bem como seu lindo e querido bebê, Clara, e conversava com elas como costumava fazer quando era prisioneira no sótão.

— E, Cathy — disse-me ela mais tarde — pensei que Mamãe talvez estivesse no céu de Deus, passeando nos jardins com Cory e Papai. Então, tive raiva de você e Chris por deixarem o Dr. Paul levar-me para aquele lugar, apesar de saberem o quanto eu gostava de estar com todos vocês. E odiei você, Cathy! Odiei todo mundo! Odiei Deus por fazer-me tão pequena e permitir que os outros zombassem de minha cabeça grande e corpo pequeno!

Nos pequenos *halls* e compridos corredores acarpetados de verde, Carrie escutava as meninas sussurrarem. Desviavam furtivamente os olhos quando Carrie as fitava.

— Eu dizia comigo mesma que não me importava — sussurrou-me Carrie com voz embargada. — Mas importava-me muito. Eu dizia com meus botões que era capaz de ser corajosa, como você, Chris e o Dr. Paul desejavam. Insistia em fazer-me sentir corajosa, mas, na realidade, não o era. Não gosto do escuro. E dizia comigo que Deus escutaria minhas preces e me faria crescer muito, pois todos crescem à medida que ficam mais velhos e o mesmo aconteceria comigo.

— Estava tão escuro, Cathy, e o quarto parecia tão grande e ameaçador. Você sabe que não gosto da noite e da escuridão sem uma lâmpada acesa. E eu ali sozinha. Até mesmo desejei ter Sissy de volta, pois ela seria melhor que ninguém. Algo se mexeu nas sombras e quase morri de medo. Embora não devesse fazê-lo, acendi uma lâmpada. Queria pegar todas as minhas bonecas para me fazerem companhia na cama. Tomaria cuidado para não me mexer dormindo e quebrá-las.

— Eu sempre guardava o Sr. e a Sra. Parkins à direita e à esquerda, com Clara entre eles, na última gaveta da minha cômoda. Peguei primeiro o chumaço de algodão do meio e senti algo duro dentro dele. Mas quando olhei, Cathy... quando olhei não encontrei o bebê, mas um graveto! Desembrulhei também o Sr. e a Sra. Parkins, mas só encontrei gravetos maiores! Doeue-me tanto não encontrá-los que comecei a chorar. Todas as minhas bonequinhas desapareceram, transformando-se em paus. Assim, fiquei sabendo que Deus nunca me faria crescer, já que transformara minhas lindas bonecas em pedaços de pau. Então, aconteceu-me uma coisa esquisita, como se eu também tivesse virado madeira. Senti-me rígida, sem conseguir enxergar direito. Fui para um canto e agachei-me lá, à espera de que algo de ruim acontecesse. A avó prometera que algo de ruim aconteceria se eu quebrasse alguma das bonecas, lembra-se?

Carrie nada mais me disse a respeito, mas, através de outras pessoas, tomei conhecimento do que aconteceu a seguir.

No escuro, muito depois de meia-noite, as doze meninas ricas cujas saídas no fim de semana foram canceladas pela Srta. Dewhurst esgueiraram-se até o quarto de Carrie. Foi Lacy St. John quem teve a integridade de revelar-me a verdade, mas só quando a Srta. Dewhurst estava fora do alcance de sua voz. Doze meninas, todas elas usando as longas camisolas brancas exigidas pelos regulamentos da escola, entraram no quarto de Carrie. Cada uma delas trazia uma vela acesa, segurando-a de forma a iluminar o rosto por baixo do queixo. Tal iluminação transformava-lhes os olhos em negras e fundas cavidades vazias, além de emprestar-lhes aos rostos juvenis uma aparência horrível, fantasmagórica, o suficiente para aterrorizar a menininha que continuava encolhida no canto, já mergulhada num transe de pavor.

Formaram um semicírculo diante de Carrie, olhando-a fixamente enquanto cada uma enfiava pela cabeça uma fronha com buracos no lugar dos olhos. Depois, veio o ritual de movimentarem as velas formando intrincados desenhos de luz, enquanto entoavam cânticos como feiticeiras de verdade. Procuravam exorcizar a pequenez de Carrie. Tentavam “libertar” Carrie e elas mesmas dos malefícios que tinham sido levadas a praticar em legítima defesa contra alguém “tão excepcionalmente miúda e esquisita”.

Uma voz aguda erguia-se acima das outras e Carrie percebeu que pertencia a Sissy Towers. Para Carrie, todas aquelas meninas de camisolas compridas, encapuzadas por fronhas

com buracos no lugar dos olhos, eram demônios saídos diretamente do inferno! Ela começou a choramingar e estremecer, tão apavorada quanto se a avó estivesse novamente no quarto, só que, desta feita, multiplicada uma dúzia de vezes!

— Não chore, não tema — disse a voz sepulcral sob o capuz sem boca. — Se sobreviver a esta noite, passando por esta iniciação, você, Carrie Dollanganger, tornar-se-á parte de nossa sociedade ultra-secreta e muito exclusiva. Se for bem sucedida, desta noite em diante compartilhará de nossos rituais secretos, de nossas festas secretas, de nossos tesouros secretos.

— Ohhh! — gemia Carrie. — Vão embora! Deixem-me em paz! Vão embora! Deixem-me em paz!

— Cale-se! — ordenou a voz aguda da “bruxa” invisível. — Não terá oportunidade de tornar-se uma de nós a menos que sacrifique suas posses mais queridas e preciosas. Ou faz isso ou será submetida a julgamento!

Encolhida no canto, Carrie só conseguia olhar para as sombras que se movimentavam por detrás das feiticeiras brancas que a ameaçavam. As chamas das velas deram a impressão de crescer cada vez mais, transformando o mundo de Carrie num universo de fogo amarelo e vermelho.

— Entregue-nos o que mais preza, ou terá que sofrer, sofrer, sofrer!

— Não tenho nada! — murmurou Carrie, com toda a franqueza.

— As bonecas: entregue-nos as lindas bonecas de porcelana — ordenou a voz austera. — Suas roupinhas de criança não nos servirão; não as queremos. Entregue-nos as bonecas: o homem, a mulher e o lindo bebê.

— Desapareceram! — gritou Carrie, temendo que lhe atuassem fogo. — Foram transformadas em pedaços de vau!

— Ah! Ah! Uma bela invenção! E mentira! Portanto, agora terá que sofrer, corujinha, para tornar-se uma de nós... ou morrer! Escolha.

Foi uma decisão fácil. Carrie meneou afirmativamente a cabeça e tentou não fungar.

— Muito bem. Desta noite em diante, você, Carrie Dollanganger, nome esquisito para um rosto esquisito, será uma de nós.

Dói-me relatar como elas pegaram Carrie, vendaram-lhe os olhos, ataram-lhe os pulsos atrás das costas e a empurraram para o corredor, galgando em seguida uma íngreme escada. De repente, emergiram ao ar livre. Carrie sentiu o ar fresco da noite, a inclinação sob seus pés descalços e deduziu, corretamente, que as meninas tinham-na levado para o telhado! Só existia uma coisa que Carrie temia mais que nossa avó: o telhado, qualquer telhado! Prevendo os gritos lancinantes de Carrie, as meninas tinham-na amordaçado.

— Agora, deite-se ou sente-se quietinha, como uma coruja bem comportada — ordenou a mesma voz ríspida. — Fique aqui pousada no telhado, perto da chaminé, à luz do luar, e de manhã será uma de nós.

Debatendo-se, já frenética, Carrie tentou resistir a tantas mãos que a obrigavam a sentar-se. Então, o que foi ainda pior, as mãos se afastaram e Carrie foi abandonada pelas meninas na escuridão do telhado, sozinha! Ouviu a distância as risadinhas que se afastavam e o estalido de um trinco se fechando.

— Cathy, Cathy! — berrou Carrie, sem produzir som. — Chris! Venham salvar-me! Dr. Paul, por que me colocou aqui? Será que ninguém me quer?

Soluçando, emitindo leves gemidos, amordaçada, manietada e com os olhos vendados, Carrie atreveu-se a enfrentar a íngreme inclinação daquele vasto telhado desconhecido e começou a avançar na direção de onde viera o estalido do trinco do alçapão. Progredia centímetro por centímetro, sentada e deslizando sobre as nádegas, rezando a cada movimento para não cair lá de cima. Pelo relato entrecortado que me fez do episódio, muito mais tarde, parece que não foi guiada apenas pelo instinto: escutava a voz de Cory, Vinda do alto e

dominando o ruído da tempestade primaveril que se aproximava, uma voz suave e distante, que cantava enquanto Cory dedilhava no violão sua melancólica canção sobre encontrar um lar e rever o sol.

— Oh! Cathy, foi tudo tão estranho lá em cima! O vento soprava, a chuva começou a cair, os trovões ribombavam e os relâmpagos rasgavam o céu com uma claridade que eu podia divisar através da venda nos olhos e Cory continuou a cantar o tempo todo, guiando-me até o alçapão que se abriu quando usei os pés para empurrá-lo. Então, dei um jeito de esgueirar-me para dentro. Em seguida, rolei pela escada! Caí no escuro e escutei um osso quebrar-se. Senti uma dor terrível, que dava a impressão de me morder. Não conseguia ver ou sentir nada; nem mesmo escutava o barulho da chuva. E Cory se foi.

O domingo amanheceu. Paul, Chris e eu nos sentamos à mesa para um desjejum reforçado. Chris tinha na mão um pão caseiro coberto de manteiga e abriu a boca para arrancar pelo menos a metade com uma única dentada quando o telefone tocou no corredor. Paul gemeu ao pousar o garfo. Gemi também, pois acabava de preparar meu primeiro *soufflé* de queijo, que devia ser comido imediatamente.

— Incomoda-se de atender, Cathy? — indagou Paul. — Quero realmente provar seu *soufflé*. Tem uma aparência deliciosa e um cheiro celestial.

— Pois trate de comê-lo — respondi, levantando-me de um salto e correndo para o telefone. — Farei o possível para protegê-lo da chata da Sra. Williamson...

Paul riu baixinho, lançando um olhar divertido ao pegar novamente o garfo.

— Talvez não seja a minha viúva solitária com mais uma de suas mazelas.

Chris continuou a comer, sem fazer comentários. Peguei o telefone, dizendo com minha voz mais adulta e graciosa:

— Residência do Dr. Paul Sheffield.

— Aqui fala Emily Dean Dewhurst — disse a voz ríspida na outra ponta da linha. — Por favor, chame imediatamente o Dr. Sheffield ao telefone!

— Srta. Dewhurst! — exclamei, já alarmada. — Aqui fala Cathy, a irmã de Carrie. Ela está bem?

— Você e o Dr. Sheffield devem vir aqui imediatamente!

— Srta. Dewhurst...

Mas ela não me deixou terminar.

— Parece que sua irmã desapareceu de modo um tanto misterioso. Aos domingos, as meninas que tiveram como castigo o cancelamento da saída no fim-de-semana devem comparecer à capela, para os serviços dominicais. Fiz pessoalmente a chamada e Carrie não respondeu.

Meu coração ficou aos pulos, temendo o que viria em seguida. Mesmo assim, não esqueci de apertar o botão que ligava a voz da Srta. Dewhurst ao sistema de som adaptado ao telefone, de modo que Paul e Chris pudessem escutar a conversa enquanto comiam.

— Onde estava ela? — indaguei com voz sumida, sentindo-me aterrorizada.

A diretora replicou com calma:

— Um silêncio estranho reinou esta manhã quando sua irmã foi chamada, não respondeu, e eu perguntei onde ela estava. Enviei uma professora ao quarto de Carrie, mas esta não se encontrava lá. Então ordenei uma busca completa nos terrenos e no prédio da escola, do porão ao sótão. Ainda assim, sua irmã não foi encontrada. Se Carrie tivesse um caráter diferente, eu presumiria que fugiu e estava a caminho de casa. Mas algo no ambiente indica que pelo menos doze das meninas sabem o que aconteceu a Carrie e se recusam a falar e incriminar-se.

Esbugalhei os olhos.

— Quer dizer que ainda não conhece o paradeiro de Carrie?

Paul e Chris tinham parado de comer. Ambos me fitavam com crescente inquietação.

— Sinto muito, mas devo dizer que não sabemos onde ela está. Carrie não foi vista a partir das nove horas da noite de ontem. Mesmo que percorresse a pé todo o caminho até em casa, já teria chegado aí há esta hora, pois é quase meio-dia. Se ela não está aí nem aqui, ou está perdida, ferida... ou sofreu algum acidente...

Mal consegui conter um grito de aflição. Como podia ela falar com tanta indiferença? Por que motivo, sempre que algo terrível acontecia em nossas vidas, recebíamos a notícia num tom indiferente, inexpressivo?

O carro branco de Paul percorria velozmente a Rodovia Overland em direção à escola de Carrie. Eu estava sentada no banco dianteiro, espremida entre Paul e Chris. Meu irmão trouxera sua mala, a fim de poder pegar o ônibus de volta à faculdade após inteirar-se do que acontecera a Carrie. Segurava-me a mão com força, a fim de garantir-me que aquela de nossas crianças sobreviveria!

— Pare de ficar tão preocupada, Cathy — disse ele, passando-me o braço pelos ombros e puxando-me a cabeça de encontro ao peito. — Você conhece bem Carrie. Provavelmente, está escondida e não quer responder. Lembra-se de como ela se portava no sótão? Não ficava conosco, nem mesmo quando Cory desejava. Tinha sempre que se afastar para agir sozinha. Ela não fugiu. Tem muito medo do escuro. Alguém fez algo que a magoou e ela está se vingando, causando-lhes preocupações. Seria incapaz de enfrentar o mundo na calada da noite.

Na calada da noite! Oh! Deus! Eu gostaria que Chris não tivesse mencionado o sótão, onde Cory quase morrera num baú antes de partir deste mundo para encontrar-se no céu com Papai. Chris beijou-me o rosto, enxugando-me as lágrimas.

— Agora, vamos; não chore. Eu disse tudo errado. Carrie está bem.

— Como vem dizer que não sabe onde está a menina? — quis saber Paul num tom feroz, encarando friamente a Srta. Dewhurst. — Deu-me a entender que as alunas desta escola eram devidamente supervisionadas vinte e quatro horas por dia!

Estávamos no luxuoso gabinete da Srta. Emily Dean Dewhurst. Esta não se sentara à grande e impressionante mesa de trabalho, mas andava de um lado para outro, inquieta.

— Na verdade, Dr. Sheffield, jamais aconteceu antes algo semelhante. Nunca perdemos uma aluna. Verificamos os quartos todas as noites, a fim de nos certificarmos de que todas as meninas estejam acomodadas em suas camas e com as luzes apagadas. E Carrie estava na cama. Verifiquei-a pessoalmente, desejando reconfortá-la caso ela permitisse, mas Carrie se recusou a olhar para mim ou falar comigo. Naturalmente tudo começou com aquele tumulto no quarto de Carrie e os conseqüentes deméritos, que resultaram no cancelamento das licenças para as meninas saírem durante o fim-de-semana. Todas as professoras me auxiliaram na busca e interrogamos as meninas, que afirmam nada saberem a respeito. Imagino que saibam, mas se não quiseram falar, o que posso eu fazer?

— Por que não me notificou logo que deu pela falta de Carrie? — quis saber Paul.

Então tomei a palavra, pedindo para ser levada ao quarto de Carrie. A Srta. Dewhurst voltou-se ansiosamente para mim, aliviada por escapar à fúria do médico. Enquanto subíamos a escada, ela desfiou prolongadas escusas para que entendêssemos como era difícil controlar tantas meninas travessas. Quando, afinal, chegamos ao quarto de Carrie, várias alunas vinham em nosso rastro, sussurrando comentários a respeito do quanto Chris e eu nos parecíamos com Carrie, embora não fôssemos “*tão excepcionalmente pequenos*”.

Chris virou-se para fitá-las com uma carranca.

— Não é de espantar que ela deteste a escola se vocês são capazes desse tipo de comentários!

Em seguida, assegurou:

— Nós a encontraremos, nem que tenhamos que permanecer aqui a semana inteira e torturar cada uma dessas bruxinhas para obrigá-las a contar o que sabem.

A Srta. Dewhurst explodiu:

— Meu caro jovem, ninguém tortura minhas meninas, a não ser eu!

Eu conhecia Carrie melhor que qualquer outra pessoa e procurei acompanhar o funcionamento de seu raciocínio. Ora, se eu tivesse a idade de Carrie, tentaria fugir de uma escola que, de modo injusto, me impedisse de passar o fim-de-semana em casa? Claro! Eu faria exatamente isso. Mas eu não era Carrie; ela não fugiria vestindo apenas uma camisola de dormir. Todos os pequenos uniformes de Carrie, feitos sob medida por Henny, lá estavam guardados com os suéteres, saias, blusas, vestidos bonitos; tudo. O que ela trouxera para a escola estava meticulosamente arrumado em seu lugar adequado. Só faltavam as bonecas de porcelana.

Ainda ajoelhada diante da cômoda de Carrie, sentei nos calcanhares e olhei para Paul, mostrando-lhe a caixinha que continha apenas chumaços de algodão e alguns gravetos.

— As bonecas não estão aqui — declarei atordoada, não entendendo a presença dos gravetos. — Até onde consigo perceber, a única peça de roupa que está faltando é uma das camisolas. Carrie jamais sairia ao ar livre vestindo apenas uma camisola. Tem que estar aqui: em algum lugar onde ninguém procurou.

— Procuramos em toda parte! — declarou a Srta. Dewhurst, impaciente, como se eu não tivesse voz ativa no assunto e valesse apenas a palavra do guardião, Dr. Paul Sheffield, cujo favor ela procurava ganhar até mesmo quando ele continuou a encará-la de modo severo e irritado.

Por algum motivo que não sei explicar, virei a cabeça a tempo de surpreender uma expressão de “gato que comeu o canário” no rosto pálido e doentio de uma garotinha ruiva e magricela a quem eu detestava pelo pouco que ouvira Carrie contar a seu respeito: a colega de quarto. Talvez fosse apenas o olhar, ou a maneira pela qual ela passava a mão na borda do grande bolso do avental de organdi, que me fez encará-la fixamente, procurando penetrar-lhe até o fundo do pensamento. A ruiva ficou ainda mais branca e desviou os olhos verdes para a janela; mexeu nervosamente os pés e retirou apressadamente a mão do bolso. Este era forrado e apresentava um volume suspeito.

— Você aí — disse eu. — É a colega de quarto de Carrie, não é?

— Era — murmurou a garota.

— O que tem no bolso?

Ela virou bruscamente a cabeça para mim, com os olhos verdes faiscando e os músculos dos lábios tremendo.

— Não é da sua conta!

— Srta. Towers! — advertiu severamente a Srta. Dewhurst. — Responda à pergunta da Srta. Dollanganger!

— É minha bolsa — disse Sissy Towers, encarando-me raivosamente com ar desafiador.

— Uma bolsa bem grande — comentei.

Num gesto repentino, curvei-me para a frente e agarrei Sissy Towers, abraçando-a pelos joelhos. Enquanto ela gritava e resistia, usei a mão livre para retirar do bolso dela um lenço azul. Do lenço caíram o Sr. e Sra. Parkins e o bebê, Clara. Segurando as três bonecas, indaguei:

— O que está fazendo com as bonecas de minha irmã?

— As bonecas são minhas! — disse a ruiva, apertando raivosamente os olhos penetrantes.

As meninas reunidas no quarto começaram a dar risadinhas e trocar comentários sussurrados.

— Suas? Pertencem à minha irmã!

— É mentira! — explodiu Sissy. — Está me roubando e meu pai pode mandar você para a cadeia!

A diabinha estendeu a mão para pegar as bonecas e ordenou:

— Srta. Dewhurst, mande essa criatura me deixar em paz! Não gosto dela, como não gosto de sua irmã anã!

Levantei-me, postando-me diante dela em atitude ameaçadora. Protegi as bonecas, colocando a mão atrás das costas. Para pegá-las, ela teria que passar sobre o meu cadáver!

— Srta. Dewhurst! — berrou a moleca, agredindo-me. — Meus pais me deram essas bonecas no Natal!

— Sua diabinha mentirosa! — respondi, louca para esbofetear-lhe o rosto atrevido. — Roubou estas bonecas e o berço do bebê. E por isso Carrie se encontra agora em extremo perigo! Eu sentia. Tinha certeza. Carrie precisava de auxílio, e depressa.

— Onde está minha irmã? — perguntei, quase fora de mim.

Olhei duro para a garota ruiva chamada Sissy, sabendo que ela conhecia o paradeiro de Carrie, mas nunca o revelaria. Estava escrito em seus olhos mesquinhos e maldosos. Foi então que Lacy St. John tomou a palavra e nos contou o que tinham feito a Carrie na noite anterior. Oh! Deus! Para Carrie não existia local mais terrível que um telhado, qualquer telhado! Voltei ao passado, quando Chris e eu tentamos levar os gêmeos para o telhado de Foxworth Hall, onde poderíamos segurá-los para tomarem banho de sol e respirarem ar puro, a fim de crescerem normalmente. E como crianças desvairadas, enlouquecidas pelo medo, eles tinham esperneado e berrado. Cerrei as pálpebras com força, concentrando-me totalmente em Carrie. Onde, onde, onde? Então, mentalmente, avistei-a encolhida num canto escuro do que parecia ser um profundo *canyon* que se erguesse em ambos os lados dela.

— Quero procurar pessoalmente no sótão — disse eu à Srta. Dewhurst.

Ela replicou rapidamente que já tinham revistado meticulosamente o sótão chamando interminavelmente por Carrie. Contudo, não conheciam Carrie tanto quanto eu. Não sabiam que minha irmãzinha era capaz de isolar-se num mundo remoto, onde não existiam sons, quando entrava em estado de choque. Chris, Paul, eu e todas as professoras galgamos a escada que levava ao sótão. Era muito semelhante ao que nos servira de prisão: um lugar vasto, empoeirado e escuro. Entretanto, não estava entulhado de móveis velhos cobertos com sujas capas cinzentas ou outros remanescentes do passado. Só havia pilhas e pilhas de pesados caixotes de madeira.

Carrie estava ali. Eu podia sentir isso. Sentia-lhe a presença como se ela estendesse a mão e me tocasse, embora eu só conseguisse ver as pilhas de caixotes.

— Carrie! — chamei, o mais alto possível. — Sou eu, Cathy! Não se esconda nem fique calada porque está com medo! Peguei suas bonecas! O Dr. Paul e Chris estão comigo! Viemos levá-la para casa e nunca mais você terá que ir para uma escola!

Chamei a atenção de Paul com uma leve cotovelada.

— Agora, chame-a você também.

Paul abandonou seu tom suave e assumiu uma voz tonitruante:

— Carrie, se consegue escutar-me, saiba que sua irmã diz a verdade. Queremos levá-la definitivamente para casa. Desculpe-me, Carrie. Pensei que você fosse gostar daqui. Agora, entendo que não poderia ser feliz na escola. Carrie, venha por favor! Precisamos de você!

Tive a impressão de ouvir uma leve lamúria. Corri naquela direção, com Chris nos calcanhares. Conhecíamos sótãos: como buscar, como encontrar. Estaquei de súbito e Chris esbarrou-me nas costas. Bem à nossa frente, nas sombras criadas pelas pilhas de pesados caixotes de madeira, avistei Carrie ainda de camisola, toda rasgada, suja e ensangüentada. Também ainda estava vendada e amordaçada. Os cabelos louros brilhavam na luz difusa. A perna de Carrie estava torcida sob o corpo, num ângulo grotesco.

— Meu Deus! — sussurraram Chris e Paul a um só tempo. — A perna parece quebrada.

— Espere um minuto — acautelou Paul em voz baixa, segurando-me pelos ombros quando eu, sem pensar, fiz menção de correr em socorro de Carrie. — Veja aqueles caixotes. Um movimento brusco de sua parte e eles cairão sobre você e Carrie.

Em algum lugar atrás de mim, uma professora gemeu e começou a rezar. Era incrível que Carrie, vendada e manietada, conseguisse arrastar-se por aquela estreita passagem. Uma pessoa adulta não o conseguiria. Mas eu poderia chegar até ela, pois ainda era suficientemente pequena. Enquanto falava, planejei o modo de agir.

— Carrie, faça exatamente o que digo. Não se incline para a direita ou para a esquerda. Cole-se de braços no chão e rasteje na direção da minha voz. Rastejarei até aí, a fim de segurá-la por baixo dos braços. Mantenha a cabeça erguida, de modo a não arranhar o rosto. O Dr. Paul me agarrará pelos calcanhares e puxará nós duas para fora daí.

— Diga-lhe que a perna vai doer.

— Carrie, escutou o que disse o Dr. Paul? Sua perna doerá; portanto, faça o favor de não debater-se quando sentir a dor. Tudo acabará em questão de segundos e o Dr. Paul tratará de sua perna.

Tive a impressão de levar horas para arrastar-me lentamente pelo túnel, enquanto os caixotes tremiam e balançavam. Quando segurei Carrie pelos ombros, escutei o Dr. Paul gritar:

— Agora, Cathy!

Então, ele puxou depressa e com força. Os caixotes desabaram! A poeira voou para todos os lados. Em meio à confusão, fiquei junto a Carrie, retirando-lhe a venda e a mordaca, enquanto o Dr. Paul desatava os nós que a manietavam. Em seguida, Carrie agarrou-se a mim, piscando porque a luz lhe feria os olhos, chorando de dor na perna, aterrorizada de ver as professoras e a posição torta da própria perna.

Chris e eu viajamos na ambulância que veio buscar Carrie para levá-la ao hospital. Sentamo-nos no mesmo banquinho, cada um de nós segurando uma das mãos de Carrie. Paul nos seguiu em seu carro branco, a fim de estar presente para supervisionar o ortopedista que cuidaria da perna fraturada de Carrie. Deitados de costas no travesseiro ao lado da cabeça de Carrie, com sorrisos fixos e corpos rígidos, estavam as três bonecas de porcelana. Foi então que me lembrei: agora o berço do bebê também estava faltando, exatamente como o berço de Carrie desaparecera anos atrás.

A perna quebrada de Carrie estragou a longa viagem de férias de verão que o Dr. Paul planejava para todos nós. Mais uma vez, odiei violentamente Mamãe. A culpa era dela; sempre éramos castigados pelo que ela causava! Não era justo que Carrie fosse obrigada a ficar de cama, impedindo-nos de viajar para o Norte, enquanto nossa mãe vagabundeava por toda parte, comparecendo a festas, convivendo com o *jet set* e astros do cinema como se nós nem mesmo existíssemos! Agora, estava na Riviera francesa. Recortei a notícia da coluna social do jornal de Greenglenna e coleí-a em meu grande álbum de vingança. Houve um artigo que mostrei a Chris antes de colá-lo no álbum. Não lhe mostrava todos os recortes, pois não queria que ele soubesse que eu tinha uma assinatura do jornal da Virgínia que noticiava tudo o que os Foxworth faziam.

— Onde arranjou isto? — quis saber ele, erguendo os olhos do recorte e devolvendo-o a mim.

— No jornal de Greenglenna. Preocupa-se mais com a alta sociedade que o Daily News de Clairmont. Nossa mãe é uma notícia quente, você sabia?

— Ao contrário de você, procuro esquecer! — replicou ele, irritado. — Não estamos tão mal, não é mesmo? Temos sorte de morarmos com Paul e a perna de Carrie voltará inteiramente ao normal. E haverá outros verões em que poderemos visitar a Nova Inglaterra.

Como ele podia ter certeza? Nada se oferece duas vezes. Talvez chegassem outros verões em que estivéssemos todos ocupados demais para viajar.

— Naturalmente, sendo “quase” médico, você deve saber que a perna de Carrie talvez não cresça enquanto estiver no aparelho de gesso, não é mesmo?

Chris me pareceu estranhamente inquieto.

— Se ela crescesse como uma criança normal, creio que poderia existir esse risco. Entretanto, Cathy, ela não cresce muito, de modo que há poucas probabilidades de que uma perna fique mais curta que a outra.

— Ora, vá enterrar o nariz num compêndio de anatomia! — repliquei furiosa, porque ele sempre dava pouca importância quando eu afirmava que Mamãe era a causadora de alguma coisa ruim.

No entanto, ele sabia tão bem quanto eu por que motivo Carrie não crescia. Privada de amor, de sol e de liberdade, era um milagre ela ter sobrevivido! Sem falar no arsênico! Maldita Mamãe, que sua alma ardesse no fogo do inferno!

Dia a dia, meticulosamente, eu aumentava minha coleção de recortes de notícias e fotografias tiradas de muitos jornais. Nelas enterrava quase todas as minhas economias. Embora olhasse as fotografias de Mamãe com ódio e aversão, admirava as de seu marido. Como era tão belo e forte seu jovem marido, alto, esbelto e bem bronzeado! Observei uma foto na qual ele erguia uma taça de champanhe para brindar a esposa no segundo aniversário de casamento.

Naquela noite, resolvi enviar um curto bilhete a Mamãe:

Cara Sra. Winslow,

Como me recordo de sua lua-de-mel. Foi um verão maravilhoso nas montanhas, tão refrescante e agradável, trancados num quarto cujas janelas nunca eram abertas.

Parabéns e meus melhores votos de felicidades, Sra. Winslow. E espero que todos os seus futuros verões, invernos, primaveras e outonos sejam assombrados pela lembrança do tipo de verões, invernos, primaveras e outonos que tiveram suas “Bonecas de Desdren”.

*Dos que já não lhe pertencem,
o boneco médico,
a boneca bailarina,
a boneca que reza para crescer
e o boneco morto.*

Corri para colocar a carta na caixa postal e mal a deixei cair pela fenda arrependi-me, desejando tê-la de volta. Chris me odiaria por fazer aquilo. Choveu naquela noite e levantei-me da cama para observar a tempestade. As lágrimas me escorriam pelo rosto como a chuva escorria pela vidraça. Era sábado e Chris estava em casa. Estava lá fora, na varanda, deixando que a chuva soprada pelo vento lhe molhasse o pijama, colando-lhe o tecido à pele.

Avistou-me quase no mesmo instante em que o vi e entrou em meu quarto sem dizer uma palavra. Abraçamo-nos; eu chorava por mais que me esforçasse para não fazê-lo. Ele mal conseguia conter as lágrimas. Eu queria que se fosse e, ao mesmo tempo, agarrava-o com força, chorando-lhe no ombro.

— Ora, Cathy, por que as lágrimas? — indagou, enquanto eu continuava a soluçar.

Quando consegui falar, perguntei:

— Chris, você não a ama mais, não é mesmo?

Ele hesitou, o que me fez o sangue ferver de raiva.

— Você a ama! — exclamei. — Como consegue, depois de tudo o que ela fez a Cory e Carrie? Chris, o que há de errado com você que lhe permite continuar a amá-la, quando deveria odiá-la tanto quanto eu?

Ele permaneceu mudo. E seu próprio silêncio constituiu uma resposta. Continuava a amá-la porque precisava fazê-lo para continuar me amando. Toda vez que olhava para mim, via nossa mãe e a imagem dela quando jovem. Chris era exatamente como Papai, que fora tão vulnerável ao tipo de beleza que eu possuía. Contudo, era apenas uma semelhança superficial. Eu não era fraca! Não era desprovida de talentos! Eu seria capaz de imaginar mil e uma maneiras diferentes de ganhar a vida sem precisar trancar meus quatro filhos num quarto miserável e abandoná-los aos cuidados de uma velha malvada que desejava vê-los sofrer por pecados que eles não tinham cometido!

Enquanto eu ruminava meus pensamentos vingativos e fazia planos para arruinar-lhe a vida na primeira oportunidade que surgisse, Chris beijava-me com ternura. Eu nem mesmo notara o fato.

— Pare com isso! — exclamei ao sentir a pressão de seus lábios nos meus, — Deixe-me em paz! Você não me ama como quero ser amada, por ser o que sou. Você me ama porque meu rosto é igual ao dela! Às vezes odeio meu rosto!

Chris pareceu profundamente magoado ao recuar na direção da porta.

— Estava apenas procurando reconfortá-la — declarou com voz embargada. — Não se transforme num monstro.

Meus temores de que a perna de Carrie saísse do aparelho de gesso mais curta que a outra foram infundados. Pouco tempo depois que o gesso foi retirado, ela recomeçou a andar tão bem quanto antes. Quando o outono se aproximou, Chris, Paul e eu tivemos uma conferência sobre o assunto e decidimos que, afinal, a melhor solução para o problema de Carrie seria uma escola pública, de onde ela voltasse para casa todos os dias. Tudo o que ela teria a fazer era tomar o ônibus escolar a três quarteirões de casa; o mesmo ônibus a traria de volta às três da tarde. Então, ela ficaria com Henny na ampla e gostosa cozinha de Paul até que eu voltasse da aula de balé.

Logo setembro chegou. Depois, passou-se novembro. E Carrie ainda não fizera uma só amizade. Desejava desesperadamente integrar-se a um grupo, mas sempre ficava de fora. Queria encontrar alguém que a tratasse como irmã, mas só topava com desconfiança, hostilidade e ridículo. Tudo indicava que Carrie passaria o resto da vida percorrendo os longos corredores daquela escola primária sem encontrar uma única amiga.

— Cathy — dizia-me ela. — Ninguém gosta de mim.

— Gostarão. Mais cedo ou mais tarde, perceberão o quanto você é delicada e maravilhosa. E você tem a nós todos, que a amamos e admiramos. Portanto, não se preocupe com os outros. Não dê importância ao que eles pensam!

Carrie fungou, pois dava importância, e muita!

Carrie dormia na sua cama de solteiro encostada à minha e todas as noites eu a via ajoelhar-se junto à cama, com as mãos unidas sob o queixo, e rezar de cabeça baixa.

— E, por favor, meu Deus! Permita que eu torne a encontrar minha mãe. Minha mãe de verdade. Acima de tudo, Senhor Deus, permita-me crescer um pouco mais. Não precisa tornar-me tão alta como Mamãe; basta eu ficar quase tão alta como Cathy. Por favor, meu Deus, por favor, por favor!

Deitada na cama ouvindo aquilo, eu fitava o teto e odiava Mamãe, realmente a desprezava e detestava! Como podia Carrie ainda querer uma mãe que fora tão cruel para ela? Teríamos, Chris e eu, agido corretamente ao ocultarmos dela a sinistra verdade sobre a maneira como nossa mãe tentara matar-nos? Sobre como ela era a causa de Carrie ser tão raquítica? Carrie atribuía à pequenez toda a sua infelicidade e solidão. Tinha consciência de possuir um rosto lindo e um cabelo sensacional, mas de que lhe adiantava isso se o rosto e o

cabelo estavam numa cabeça desproporcionalmente avantajada em relação ao corpinho magro e miúdo? A beleza de Carrie em nada contribuía para angariar-lhe amizade e admiração. Muito pelo contrário.

“Cara de Boneca, Cabelo de Anjo. Ei, você aí, baixinha, ou será que é anã? Por que não vai trabalhar num circo e ser a maior atração?”

E Carrie corria de volta para casa, três quarteirões inteiros desde o ponto do ônibus, amedrontada e chorosa, mais uma vez atormentada por crianças desprovidas de sensibilidade.

— Eu não presto, Cathy! — chorava ela com o rosto enterrado em meu colo. — Ninguém gosta de mim! Não gostam do meu corpo porque é pequeno demais; não gostam de minha cabeça porque é grande demais. E nem mesmo gostam do que tenho de bonito, pois acham que está sendo desperdiçado em alguém tão raquítico como eu!

Eu fazia o possível para consolá-la, mas sentia-me impotente. Sabia que Carrie observava meus menores movimentos, comparando minhas proporções físicas com as suas. Ao fazê-lo, ela percebia o quanto eu era bem proporcionada e o quanto ela era grotesca. Se eu lhe pudesse dar uma parte de minha estatura, certamente o faria de bom grado. Em lugar disso, dava-lhe minhas preces. Noite após noite eu também me ajoelhava e pedia a Deus:

— Por favor, faça Carrie crescer! Por favor, meu Deus! Ela é tão jovem, magoa-se tanto, já sofreu tanta coisa! Seja bondoso. Olhe para baixo. Veja-nos aqui, Deus! Escute nossas preces!

Uma tarde, Carrie procurou a única pessoa capaz de lhe dar quase tudo. Portanto, por que não lhe daria estatura? Paul estava sentado na varanda dos fundos, bebericando vinho, mastigando iscas de queijo e bolachas salgadas. Eu estava na aula de balé, de modo que tomei conhecimento apenas da versão narrada por Paul.

— Carrie se aproximou de mim, Cathy, e indagou se eu não tinha uma máquina de esticar, para torná-la mais comprida.

Suspirei, enquanto ele prosseguia:

— Eu lhe respondi que, se tivesse tal máquina, seria um processo muito doloroso.

Eu tinha certeza de que ele respondera com amor, bondade e compreensão, sem zombaria.

— *“Tenha paciência querida. Você está mais alta que quando chegou a esta casa. Com o tempo, crescerá mais. Ora, vi muitas crianças mais baixas que você crescerem de repente quando atingiram a puberdade.”* Ela me encarou com aqueles medrosos olhos azuis e percebi que ficou desapontada. Eu lhe falhara. Compreendi isso pelo modo como ela se afastou, de ombros caídos e cabeça baixa. Suas esperanças devem ter atingido o auge quando seus malvados colegas de escola zombaram dela, sugerindo que procurasse uma “máquina de esticar”.

— A medicina moderna não dispõe de algum recurso para fazê-la crescer? — perguntei a Paul.

— Estou procurando — replicou ele com voz tensa. — Venderia minha alma para conseguir que Carrie tivesse a altura que deseja. Ceder-lhe-ia parte da minha altura, se fosse possível.

A sombra de mamãe

Fazia um ano e meio que estávamos com o nosso “doutor”. Que dias eufóricos e espantosos foram aqueles! Eu era como uma toupeira emergindo da escuridão para descobrir que os dias brilhantes eram muito diferentes do que eu supunha que fossem. Outrora, eu julgava que, uma vez livres de Foxworth Hall e eu já quase adulta, a vida me conduziria por um caminho largo e reto à fama, riqueza e felicidade. Tinha talento; percebia o fato nos olhares admirados de Madame e Georges. Madame, em especial, vigiava como uma águia as

menores falhas de técnica e controle. E cada crítica recebida dizia-me que eu valia todos os seus esforços no sentido de transformar-me não apenas numa bailarina excelente, mas sensacional.

Durante as férias de verão, Chris arranhou emprego como garçom num café, das sete da manhã às sete da noite. Em agosto, tornaria a partir para a Universidade de Duke, onde cursaria o segundo ano preparatório para a faculdade de medicina. Carrie gastava o tempo andando no balanço, brincando com suas bonequinhas de porcelana, embora já tivesse dez anos e devesse estar abandonando brincadeiras com bonecas. Eu passava cinco dias da semana e metade dos sábados na aula de balé. Quando estava em casa, minha irmãzinha se grudava a mim como se fosse minha sombra. Quando eu saía, ela se tornava a sombra de Henny. Necessitava de uma companheira de sua idade, mas não conseguia encontrá-la. Agora, tinha apenas as bonequinhas de porcelana com quem confidenciar, pois já se sentia idosa demais para bancar o bebê com Chris e comigo. De repente, parou de reclamar do próprio raquitismo. Mas seus olhos, aqueles grandes olhos azuis, muito tristes e desolados, revelavam que ela ansiava por ser tão alta quanto as meninas que via na rua.

A solidão de Carrie doía-me de tal maneira que eu tornava a me lembrar de Mamãe, maldizendo-a com todas as minhas forças! Esperava que ela fosse pendurada pelos calcanhares sobre o fogo do inferno e atormentada por demônios armados com agudos tridentes. Com uma frequência cada vez maior eu enviava bilhetes a Mamãe, no intuito de atormentar sua vida onde quer que ela estivesse. Ela jamais se demorava num só lugar o tempo suficiente para receber minhas cartas ou, se as recebia, preferia não respondê-las. Aguardei que os envelopes me fossem devolvidos com o carimbo DESTINATÁRIO NÃO ENCONTRADO, mas isto não ocorreu.

Todas as noites, eu lia cuidadosamente o jornal de Greenglenna, tentando descobrir o que minha mãe fazia e onde se encontrava. Às vezes, tinha notícias.

“A Sra. Bartholomew Winslow deixou Paris com destino a Roma, a fim de visitar o novo papa da alta costura internacional.”

Recortei aquelas linhas e coleí-as no meu álbum. Oh! O que eu faria quando a encontrasse! Mais cedo ou mais tarde, ela regressaria a Greenglenna para residir na casa de Bart Winslow, recém-reformada, redecorada e mobiliada. Recortei também esta notícia e fitei prolongadamente a foto, que não lhe fazia justiça, o que era raro, pois em geral ela conseguia exibir um sorriso brilhante para mostrar ao mundo inteiro o quanto se sentia feliz e satisfeita com a vida que levava.

Chris partiu para a universidade em agosto, duas semanas antes de se reiniciarem minhas aulas no ginásio. Minha formatura seria no final de janeiro. Impaciente para terminar logo o ginásio, eu estudava como uma louca.

Os dias de outono se escoaram com rapidez, ao contrário de outros outonos em que o tempo parecia arrastar-se monotonamente enquanto eu ficava cada vez mais velha e a juventude me era roubada. O simples fato de me manter atualizada quanto às atividades de minha mãe era suficiente para ocupar-me o tempo livre. Então, quando realmente farejei o rastro da história da família de Bart, passei a gastar uma parte ainda maior de meu precioso tempo.

Em Greenglenna, passei horas a fio lendo velhos livros escritos sobre as famílias que haviam fundado a cidade. Os ancestrais de Bart Winslow tinham chegado aos Estados Unidos na mesma época em que os meus, no século XVIII; vieram também da Inglaterra, estabelecendo-se na parte da Virgínia que era atualmente a Carolina do Norte. Ergui os olhos da página e fitei o espaço. Seria mera coincidência que os ancestrais de Bart e os meus fizessem parte daquela “Colônia Perdida”? Alguns dos maridos tinham viajado de volta à Inglaterra para buscar suprimentos e só regressaram muito mais tarde, encontrando a colônia abandonada, sem um único sobrevivente para explicar o motivo. Depois da Revolução, os

Winslow se transferiram para a Carolina do Sul. Que estranho! Atualmente os Foxworth também estavam na Carolina do Sul.

Nem um só dia se passava sem que eu esperasse topar com Mamãe enquanto fazia compras ou trafegava pelas movimentadas ruas de Greenglenna. Eu olhava para todas as louras que avistava na rua; entrava nas lojas elegantes para procurá-la. Vendedoras pernósticas se aproximavam silenciosamente por detrás de mim e indagavam se podiam ajudar-me em alguma coisa. É claro que não podiam. Eu procurava minha mãe e esta, certamente, não estava pendurada num cabide. Mas estava na cidade! A coluna social dera-me tal informação. Qualquer dia eu a encontraria!

Um sábado ensolarado, eu me apressava em fazer um favor a Madame Marisha quando, de repente, avistei na calçada, à minha frente, um homem e uma mulher tão familiares que meu coração quase parou de bater! Eram eles! Bastou-me o fato de vê-la caminhando com tanta naturalidade ao lado dele, evidentemente satisfeita, para que eu entrasse em pânico! Bólis amarga subiu-me à garganta. Ousei aproximar-me, de modo a ficar bem atrás deles. Se ela virasse a cabeça, certamente me avistaria, e o que faria eu, então? Cuspir-lhe-ia no rosto? Sim, gostaria de fazê-lo. Poderia também passar-lhe uma rasteira, fazendo-a cair, e observá-la perder a pose e a dignidade. Seria gostoso. Mas nada fiz senão tremer e sentir-me doente ao escutá-los conversar.

A voz dela era doce e suave, tão cultivada e aristocrática. Maravilhei-me ao constatar o quanto ainda se mantinha esbelta e elegante, os lindos cabelos louros e brilhantes levemente ondulados para trás, deixando o rosto inteiramente à mostra. Quando ela virou a cabeça para falar outra vez com o homem a seu lado, vi-lhe o perfil. Suspirei. Oh! Meu Deus! Minha mãe, naquele caro costume cor-de-rosa. A linda mãe a quem eu tanto amara. Minha mãe assassina, que ainda conseguia apoderar-se de meu coração e espremê-lo até secar, pois outrora eu a amara tanto, confiara tanto nela... e, bem no fundo de mim ainda existia aquela menininha, como Carrie, que ainda desejava uma mãe para amar. Por que, Mamãe? Por que tem que gostar mais do dinheiro que de seus próprios filhos?

Abafei um soluço que ela poderia ter escutado. Minhas emoções turbilhonavam descontroladas. Tive ímpetos de correr até ela e berrar-lhe acusações diante do marido, chocando-o e deixando-a aterrorizada! Ao mesmo tempo tive vontade de correr para ela, abraçá-la chamar-lhe o nome, implorar-lhe que voltasse a me amar como antes. Contudo, todas as minhas emoções ficaram submersas num maremoto de ódio e desejo de vingança. Não a abordei, pois ainda não me sentia preparada para fazê-lo. Ainda não era rica ou famosa. Ainda não era ninguém especial e ela continuava a ser uma grande beldade. Era uma das mulheres mais ricas da região e, também, uma das mais afortunadas.

Naquele dia, ousei arriscar-me muito, mas eles não se voltaram para ver-me. Minha mãe não era do tipo que olha para trás ou fita os transeuntes. Estava acostumada a ser o centro de atração dos olhares admirados. Avançava como uma rainha por entre os plebeus, como se as únicas pessoas na rua fossem ela e seu jovem marido. Quando me fartei de olhá-la, volvei a atenção para o marido, absorvendo seu tipo especial de beleza viril e felina. Já não usava o basto bigode escuro. Tinha os cabelos escuros suavemente ondulados para trás, num corte moderno. Lembrou-me um pouco Julian. As palavras trocadas por minha mãe e o marido não foram especialmente reveladoras. Discutiam o restaurante onde deviam jantar e ela queria saber se os móveis que tinham comprado naquela tarde poderiam ser melhores caso fizessem a compra em Nova York.

— Adorei aquele aparador que escolhemos — disse ela, num tom de voz que me levou de volta à infância. — Lembra-me muito um que comprei pouco antes da morte de Chris.

Oh! Sim. Aquele aparador custara dois mil e quinhentos dólares e era necessário para dar equilíbrio a um dos lados da sala. Então, Papai morrera no desastre e tudo que não fora pago nos foi tomado, inclusive o aparador. Acompanhei-lhes os passos, desafiando o destino a

permitir que me avistassem. Estavam em Greenglenna, morando na casa de Bart Winslow. Enquanto os seguia, cheia de planos de vingança, odiando minha mãe e admirando seu marido, eu imaginava a maneira de fazê-la sofrer mais. E o que fiz? Acovardei-me! Não fiz nada, absolutamente nada! Furiosa comigo mesma, voltei para casa e esbravejei diante do espelho, odiando minha imagem por ser uma duplicata dela! Maldita fosse Mamãe! Peguei um pesado prendedor de papéis em cima da elegante escrivaninha em estilo provincial francês que Paul comprara para mim e atirei-o com força contra o espelho! Tome, Mamãe! Agora, está desfeita em pedaços! Sumiu, sumiu, sumiu! Então, comecei a chorar.

Posteriormente, um homem veio colocar outro espelho na moldura. Tola, eis o que eu era! Não fizera mais que gastar parte do dinheiro que vinha economizando para dar um belo presente a Paul em seu quadragésimo-segundo aniversário. Algum dia, eu me desferraria de uma maneira que não seria prejudicada. Seria mais que um simples espelho quebrado. Mais, muito mais!

Um presente de aniversário

As convenções médicas, assim como os pacientes, estragaram muitos dos meus planos. Naquele dia especial, faltei à aula de balé a fim de voltar correndo para casa direto do ginásio. Encontrei Henny na cozinha, trabalhando como uma escrava para preparar o jantar de gourmet que eu planejara: todos os pratos prediletos de Paul. Uma *jambalaia crioula* com camarão, carne de siri, arroz, pimentões verdes, cebolas, alho, cogumelos e tantos outros ingredientes que tive a impressão de que jamais acabaria de medir porções disto ou daquilo. Então era preciso refogar todos os cogumelos e outros legumes. Um prato complicado, que eu provavelmente não tornaria a preparar. Tão logo aquele foi para o forno, comecei outro bolo. O primeiro era úmido e macio, com um furo no meio. Enchi o buraco com glacê e dei-o às crianças das redondezas. Henny movimentava-se atarefadamente, sacudindo a cabeça e olhando-me com ar crítico.

Eu estava terminando de confeitar o segundo bolo quando Chris entrou pela porta dos fundos, carregando seu presente.

— Cheguei atrasado? — indagou ofegante. — Só poderei ficar até as nove horas. Preciso voltar à universidade antes da chamada noturna.

— Chegou bem a tempo — respondi afobada, ansiosa por subir para tomar banho e me vestir. — Arrume a mesa enquanto Henny termina a salada.

Naturalmente, arrumar a mesa era algo ofensivo à sua dignidade; contudo, para variar, ele obedeceu sem protestar.

Lavei o cabelo, enrolei-o, pinteí as unhas dos pés e das mãos com um esmalte rosa prateado e poli-as esmeradamente. Maquilei-me com a habilidade resultante de horas de prática e longas consultas com Madame Marisha e as maquiladoras das grandes lojas de departamentos. Quando terminei, ninguém seria capaz de adivinhar que eu tinha apenas dezessete anos. Desci a escada sentindo-me elevada aos píncaros pela admiração que brilhava nos olhos de meu irmão, a inveja estampada no rosto de Carrie e o largo sorriso que dividia o rosto de Henny de uma orelha à outra.

Caprichei nos retoques finais da arrumação da mesa, ajeitando os apitos, línguas-de-sogra e os ridículos chapéus coloridos de palhaço. Chris encheu alguns balões e pendurou-os no lustre. Então, sentamo-nos todos, a fim de esperar que Paul chegasse para a sua “festa de surpresa”. Quando as horas se passaram e Paul não chegou, levantei-me e fiquei andando de um lado para outro, como fizera Mamãe na festa de trigésimo-sexto aniversário de Papai, quando ele nunca mais voltou para casa.

Afinal, Chris teve que ir embora. Em seguida, Carrie começou a bocejar e reclamar. Demos-lhe comida e permitimos que subisse para dormir. Agora Carrie dormia sozinha em

seu próprio quarto, especialmente decorado em vermelho e roxo. Então, restamos apenas Henny e eu, assistindo à televisão, enquanto o prato crioulo esquentava e secava no forno, a salada começava a murchar. A certa altura, Henny bocejou e foi deitar-se. Fiquei sozinha, andando pela sala, preocupando-me, minha festa estragada.

Às dez horas, escutei o carro de Paul entrar na alameda de acesso. Ele veio pela porta da cozinha, carregando as malas que levava consigo para Chicago. Cumprimentou-me distraidamente antes de notar minhas roupas elegantes.

— Ei!... exclamou, lançando um olhar desconfiado à sala de jantar e vendo a decoração para a festa. — Por acaso consegui estragar algo que você planejava fazer?

Mostrou-se tão despreocupado com o fato de estar atrasado três horas que eu seria capaz de matá-lo se não o amasse tanto. Como as pessoas que sempre procuram ocultar seus sentimentos, ataquei-o raivosamente:

— Em primeiro lugar, por que teve que comparecer àquela convenção médica? Devia ter adivinhado que tínhamos planos especiais para seu aniversário! Além disso, telefonou para dizer-nos a que horas voltaria para casa, mas chega agora, com três horas de atraso!

— Meu vôo atrasou... — começou ele a explicar.

— Trabalhei como uma escrava para preparar um bolo tão gostoso como o que fazia a sua mãe — interrompi. — E você não apareceu em casa!

Afastei-o bruscamente e tirei o prato do forno.

— Estou faminto — disse Paul em tom humilde, como se pedisse desculpas. — Se você ainda não comeu, poderíamos aproveitar da melhor forma possível o que poderia ser uma ocasião muito festiva e feliz. Tenha piedade de mim, Cathy! Não posso controlar as condições atmosféricas.

Meneei rigidamente a cabeça para mostrar ao menos uma partícula de compreensão. Paul sorriu e acariciou-me o rosto com as costas da mão.

— Está com uma aparência absolutamente exótica — murmurou. — Portanto, trate de desfranzir a testa e preparar as coisas. Descerei dentro de dez minutos.

Em dez minutos ele tomou banho, fez a barba e vestiu roupas limpas. À luz de quatro velas, sentamo-nos à comprida mesa de jantar; tomei lugar à esquerda de Paul. Eu preparara a refeição de modo a não ter necessidade de levantar-me para servi-lo. Tudo o que era preciso fora arrumado num carrinho de servir. Os pratos a serem servidos quentes estavam sobre aquecedores elétricos e o champanhe gelava num balde de prata.

— O champanhe é presente de Chris — informei. — Ele tomou gosto por esse tipo de bebida.

Paul tirou a garrafa do balde de gelo e examinou o rótulo.

— Uma boa safra; deve ter custado caro. Seu irmão está adquirindo gostos de *gourmet*.

Comemos devagar. Tive a impressão de que sempre que erguia a cabeça meus olhos encontravam os dele. Paul chegara em casa parecendo cansado e mal arrumado; agora, mostrava-se completamente refeito. Estivera fora de casa durante duas semanas longas, muito longas. Semanas mortas, que me fizeram sentir falta da sua presença à porta aberta de meu quarto enquanto eu me exercitava na barra, aquecendo os músculos antes do café da manhã, ao som da maravilhosa música que me elevava a alma às nuvens.

Terminada a refeição, corri à cozinha e deslizei de volta com um lindo bolo de coco, decorado com pequenas velas verdes enfiadas em rosas vermelhas feitas de glacê. Em cima do bolo, eu escrevera com a maior arte que a bisnaga de glacê me permitira: “*Parabéns, Paul.*”

— O que acha? — indagou Paul, depois de soprar as velas.

— A respeito de quê? — redargüi pousando cuidadosamente sobre a mesa o bolo com vinte e seis velas — pois aquela era a idade que ele aparentava para mim, a idade que eu queria que ele tivesse.

Sentia-me como uma adolescente atolada num mundo adulto de areia movediça. Meu vestido curto e formal era de *chiffon* cor de fogo, alças finas e um decote que deixava à mostra o profundo vale entre meus seios. Entretanto, se minha tentativa de parecer sofisticada alcançara sucesso, por dentro eu me sentia atordoada ao tentar desempenhar o papel de sedutora.

— Do meu bigode... é claro que você notou. Faz meia hora que não tira os olhos dele.

— É bonito — gaguejei, ficando vermelha como meu vestido. — Fica bem em você.

— Ora, desde que chegou a esta casa você vem insinuando que eu seria muito mais bonito e atraente se usasse bigode. E agora, que me dei ao trabalho de deixá-lo crescer, você diz que me fica bem. É uma expressão muito fraca, Catherine.

— É porque... porque você fica tão bonito que só consigo encontrar expressões fracas — gaguejei outra vez. — Temo que Thelma Murkel já tenha encontrado todas as expressões fortes para elogiá-lo.

— Como, diabo, sabe a respeito dela? — quis saber Paul, apertando as pálpebras dos olhos bonitos.

Ora, ele deveria saber: mexericos. Portanto, respondi:

— Fui àquele hospital onde Thelma Murkel é a enfermeira-chefe do terceiro andar. Sentei-me perto do posto das enfermeiras e a observei durante cerca de duas horas. Na minha opinião, ela não chega a ser bonita, mas é atraente e pareceu-me terrivelmente autoritária. E flerta com todos os médicos, caso você ainda não tenha conhecimento do fato.

Deixei-o a rir, com os olhos brilhando. Thelma Murkel era enfermeira-chefe de um dos pavimentos do Hospital Clairmont Memorial e todos lá sabiam que estava decidida a tornar-se a segunda Sra. Paul Scott Sheffield. Entretanto, não passava de uma enfermeira num estéril uniforme branco, a quilômetros de distância de Paul, enquanto eu estava bem sob o nariz dele, com meu embriagador perfume novo a lhe despertar os sentidos (como dizia o anúncio: um aroma enfeitiçante, cheio de encanto e sedução, ao qual homem nenhum consegue resistir). Que possibilidades tinha Thelma Murkel, com vinte e nove anos de idade, contra alguém como eu?

Eu já estava zonzinha com três taças do champanhe importado trazido por Chris, mal conseguindo manter-me alerta, quando Paul começou a abrir os presentes que Chris, Carrie e eu tínhamos comprado para ele com nossas economias. Eu bordara para Paul uma tapeçaria mostrando a linda casa branca com as árvores aparecendo acima do telhado e parte do muro lateral com pequenas flores brilhantes. Chris riscara o desenho para mim e eu trabalhara como escrava durante muitas horas a fim de produzir um serviço perfeito.

— Que linda obra de arte! — exclamou Paul, espantado e impressionado.

Não pude deixar de relembrar a avó e o modo cruel pelo qual rejeitara nosso gesto dedicado e esperançoso de angariar-lhe a amizade.

— Muito obrigado, Catherine, por considerar-me tanto. Vou pendurá-la na parede do consultório, onde todos os clientes possam vê-la.

As lágrimas transbordaram-me dos olhos, manchando a maquiagem. Tentei enxugá-las furtivamente antes que Paul percebesse que não era apenas a luz de velas que me tornava tão bonita, mas três horas de cuidadosos preparativos. Ele não notou as lágrimas, nem o lenço que retirei do decote do vestido. Continuava a admirar os minúsculos pontos de bordado que eu fizera com tanto esmero. Então, deixando o presente de lado, captou-me o olhar com seus olhos faiscantes e ergueu-se para ajudar-me.

— A noite está bela demais para irmos dormir — declarou, lançando um olhar ao relógio. — Sinto vontade de passear no jardim ao luar. Já teve ímpetos dessa espécie?

Vontade? Ímpetos? Desejos? Eu era feita deles, grande parte dos quais por demais adolescentes e fantasiosos para se tornarem realidade. Não obstante, atravessando ao lado de Paul a magia do jardim japonês com a pequena ponte laqueada e subindo, de mãos dadas com

ele, os degraus de mármore, tive a impressão de que penetrávamos juntos num país de sonhos. A mágica impressão era causada, naturalmente, pelas estátuas de mármore em tamanho natural, muito belas em sua fria e perfeita nudez.

A brisa fazia balançar o musgo espanhol nas árvores, obrigando Paul a abaixar-se enquanto eu podia permanecer ereta e sorrir, pois a estatura causava alguns problemas dos quais eu estava livre.

— Está zombando de mim, Catherine — disse Paul, exatamente como Chris costumava brincar comigo, dividindo-me o nome em sílabas lentas e distintas. Minha Lady Ca-the-ri-ne...

Corri à frente de Paul, descendo os degraus de mármore que levavam ao centro do jardim, onde “O Beijo”, de Rodin, dominava o panorama. Tudo me parecia azul-prateado e irreal; a lua grande e brilhando, cheia e sorridente, com longas mechas de nuvens encobrindo-a a intervalos, dando-lhe alternadamente um aspecto sinistro e alegre. Suspirei, pois fora exatamente assim naquela estranha noite em que Chris e eu estivemos juntos no telhado de Foxworth Hall, temerosos de termos que passar o resto da eternidade assando sobre o fogo do inferno.

— É uma pena você estar aqui comigo e não com aquele rapaz com quem costuma dançar — disse Paul, trazendo-me bruscamente de volta do passado.

— Julian? — indaguei espantada. — Está em Nova York esta semana... mas creio que voltará na próxima.

— Oh! — disse Paul. — Então, a próxima semana pertencerá a ele e não a mim.

— Tudo isso depende...

— De quê?

— Às vezes desejo a companhia dele, às vezes não. Às vezes ele parece apenas um menino e eu quero um homem. Por outro lado, às vezes ele é muito sofisticado e me impressiona. E quando danço com ele, apaixono-me loucamente pelo príncipe que ele representa. Fica esplêndido naquelas roupas...

— É — concordou Paul. — Já reparei nisso.

— Tem cabelos negros e brilhantes, enquanto você os tem num tom mesclado de castanho esfumado.

— Devo supor que negro brilhante seja mais romântico que mesclado de castanho esfumado? — provocou Paul.

— Depende.

— Catherine, você é totalmente feminina... Pare de dar respostas enigmáticas.

— Não sou enigmática; estou apenas dizendo que amor ou romance não são suficientes. Desejo talentos que me ajudem a viver sem ter que trancar meus filhos numa prisão para herdar uma fortuna que nada fiz para merecer. Quero saber como ganhar nossa vida e sustento, mesmo que não tenhamos um homem para amparar-nos.

— Catherine, Catherine — disse Paul, baixinho, tomando-me as mãos nas suas e apertando-as. — O quanto deve ter sido magoada por sua mãe! Fala de forma tão adulta, tão empedernida. Não permita que lembranças amargas lhe roubem uma de suas maiores qualidades: seu jeito suave e amoroso. Um homem gosta de cuidar da mulher que ama e dos filhos. Uma mulher agressiva e dominadora é uma das mais terríveis criaturas de Deus.

Libertei-me dele, corri para o balanço e sentei-me. Comecei a balançar-me, cada vez mais rápido e mais alto, retrocedendo ao sótão e aos balanços que eu lá usava nas noites longas e abafadas. Agora, estava aqui, livre no mundo normal, mas balançando-me como uma louca, para voltar ao sótão! O fato de rever Mamãe e seu marido deixava-me desesperada, fazendo-me desejar de imediato algo que precisava ser adiado para quando eu fosse mais velha.

Balancei-me tão alto, com tanta violência e abandono, que minha saia se ergueu com o vento, tapando-me o rosto e deixando-me cega. Tonta, caí bruscamente! Paul correu para mim, ajoelhando-se a fim de tomar-me nos braços.

— Machucou-se? — indagou, beijando-me antes que eu pudesse responder.

Não, eu não me machucara. Era bailarina e sabia cair. Paul começou a murmurar palavras de amor que eu tanto desejava ouvir; seus beijos se tornaram mais vagarosos e prolongados. A expressão de seus olhos causou-me uma embriaguez muito mais forte e gostosa do que qualquer champanhe importado poderia provocar.

Meus lábios se entreabriram sob seu demorado beijo. Prendi a respiração quando sua língua tocou a minha. Os beijos de Paul tornaram-se quentes e úmidos em minhas pálpebras, rosto, queixo, pescoço, ombros e colo, enquanto suas mãos procuravam e exploravam incessantemente minhas partes mais íntimas.

— Catherine — disse ele, ofegante, afastando-se um pouco e fitando-me com os olhos cheios de fogo. — Você é apenas uma criança. Não podemos permitir que isto aconteça. Eu jurei que nunca mais tornaria a acontecer; não com você!

Palavras inúteis, que eliminei envolvendo-lhe o pescoço com os braços. Mergulhei os dedos em seus cabelos escuros e murmurei com voz embargada:

— Eu queria lhe dar um lindo Cadillac novo como presente de aniversário, mas não tive dinheiro suficiente. Portanto, resolvi dar-lhe o segundo melhor presente: eu.

Paul gemeu baixinho.

— Não posso deixar que faça isso: você nada me deve!

Ri e beijei-o. Sem a menor vergonha, beijei-o demorada e profundamente na boca.

— Paul, quem me deve é você! Lançou-me muitos olhares compridos, cheios de desejo, para dizer-me agora que não me quer. Se disser tal coisa, estará mentindo. Pensa em mim como se eu fosse uma criança, mas faz muito tempo que cresci. Não precisa amar-me, eu não me importo, pois eu o amo e isto me basta. Sei que você me amará como desejo ser amada, porque, mesmo que se recuse a confessar, você me ama e me deseja.

O luar iluminou-lhe os olhos, fazendo-os brilhar. E enquanto ele me dizia que eu era uma tola por pensar que aquilo daria certo, sua expressão desmentia-lhe as palavras.

No meu modo de pensar, o próprio fato de controlar-se mostrava exatamente o quanto ele realmente me amava. Se me amasse menos, não teria hesitado em aproveitar-se ansiosamente, há muito tempo, daquilo que eu certamente não lhe negaria. Portanto, quando Paul fez menção de levantar-se para sair dali e acabar com a tentação, peguei-lhe a mão e coloquei-a onde ela me causaria maior prazer. Ele gemeu. E eu gemi ainda mais alto quando coloquei minha mão onde causaria maior prazer a ele. Eu sabia que estava agindo sem o mínimo sinal de recato ou vergonha. Afastei do pensamento o que pensaria Chris, o fato de que minha avó me julgaria uma prostituta desavergonhada. Oh! Seria uma felicidade, ou justamente o contrário, o livro que Mamãe guardava na mesinha de cabeceira haver-me ensinado o que fazer para dar prazer a um homem e satisfazer meus apetites?

Cheguei a pensar que Paul me possuiria ali mesmo no gramado, sob as estrelas, mas ele me ergueu no colo e carregou-me de volta à casa. Subiu cuidadosamente a escada. Nenhum de nós falava, embora meus lábios lhe cobrissem de beijos o pescoço e o rosto. À distância, no quarto ao lado da cozinha, a televisão de Henny ainda estava sintonizada num programa de entrevistas. Paul colocou-me sobre sua cama e, apenas com o olhar, começou a fazer-me amor. E eu mergulhei em seus olhos, afogando-me neles. As coisas perderam a nitidez à medida que minhas emoções cresciam cada vez mais, engolfando-nos como uma onda de maremoto. Juntamos nossas peles; a princípio, apenas nos tocávamos, abraçados, sentindo a exaltação de compartilhar o que o outro tinha a oferecer. A cada toque dos lábios e das mãos de Paul eu era percorrida por sensações eletrizantes, até que, afinal, fiquei

desesperada para senti-lo penetrar-me, já sem ternura, mas dominada pelo feroz ardor da necessidade que exigia dele atingir os mesmos píncaros que eu buscava.

— Catherine! Agora! Depressa! Venha!

De que falava ele? Ali estava eu, sob seu corpo, fazendo o que me era possível. Vir para onde? Paul estava escorregadio de suor. Minhas pernas erguidas envolviam-lhe a cintura e pude sentir o terrível esforço que ele fazia para conter-se enquanto me pedia para vir, vir, vir! Então gemeu e não resistiu mais. Jorros de líquido morno aqueceram-me as entranhas por cinco ou seis vezes, provocando uma sensação agradável. Então tudo acabou e Paul saiu de dentro de mim. E eu não alcançara o cume de nenhuma montanha, ou ouvira sinos tocarem, ou sentira-me explodir, como ele sentira. Estava tudo estampado em seu rosto, agora relaxado e pacífico, vagamente marcado pela satisfação. Como era fácil para os homens, refleti enquanto desejava mais. Chegara à beira do foguetório e tudo acabara. Tudo exceto as mãos sonolentas de Paul que me percorriam o corpo, explorando todas as colinas e vales antes que ele adormecesse. Então, sua perna pesada se apoiou na minha. Fiquei acordada, fitando o teto com lágrimas nos olhos. Adeus, Christopher Doll, agora, você foi libertado!

A luz do sol entrando pela janela acordou-me cedo. Paul, apoiado num cotovelo, observava-me com ar sonhador.

— Você é tão bela, tão jovem, tão desejável. Não está arrependida, está? Espero que não deseje, agora, ter agido de forma diferente.

Aninhei-me de encontro à sua pele nua.

— Explique-me uma coisa, por favor. Por que me pediu tanto que viesse?

Ele explodiu numa gargalhada.

— Catherine, meu amor — conseguiu dizer, afinal. — Eu quase morri tentando conter-me até que você pudesse chegar ao orgasmo. E agora, você fica aí deitada, com esses inocentes olhos azuis, a perguntar o que eu queria dizer! Pensei que seus colegas bailarinos já lhe tivessem explicado tudo. Não me diga que existe um assunto a respeito do qual você ainda não leu nos livros!

— Bem, havia um livro, que encontrei na mesinha de cabeceira de Mamãe... mas limitei-me a ver as fotografias. Nunca cheguei a ler o texto, embora Chris o lesse. Por outro lado, Chris ia àquele quarto com muito mais frequência que eu.

Paul pigarreou.

— Eu poderia explicar o que quis dizer com aquilo, mas demonstrar na prática seria bem melhor. Falando sério: você não faz a mínima idéia?

— Faço — respondi, na defensiva. — Claro que faço! Creio que devo ser estonteada por raios, ficar rígida e perder os sentidos; depois serei pulverizada em átomos que flutuam no espaço e tornam a reunir-se, provocando-me arrepios e trazendo-me vagorosamente de volta à realidade, com os olhos sonhadores vendo estrelas, como os seus.

— Por favor, Catherine, não me faça amá-la demais — disse Paul muito sério, como se tivesse medo de que isso acontecesse.

— Tentarei amá-lo da maneira que você desejar.

— Em primeiro lugar, vou fazer a barba — disse ele, afastando as cobertas e começando a levantar-se da cama.

Estendi os braços para puxá-lo de volta.

— Gosto de você como está agora, tão moreno e perigoso.

Entreguei-me entusiasticamente a todos os desejos de Paul. Inventamos modos delicados de ocultar nossos encontros à percepção de Henny. Nos dias de folga de Henny eu lavava as roupas de cama, que eram duplicatas dos lençóis sujos, que eu escondia até que pudessem ser lavados. Carrie era tão pouco observadora que bem poderia estar num mundo diferente do nosso. Todavia, quando Chris estava em casa tínhamos que ser mais discretos e nem mesmo nos olhávamos, para não nos traírmos.

Agora, eu me sentia esquisita em relação a Chris, como se o houvesse traído. Eu não tinha idéia de quanto tempo perduraria o encantamento existente entre Paul e eu. Ansiava por paixão perene, por êxtase imorredouro. Não obstante, o meu eu desconfiado não imaginava que algo tão belo e glorioso quanto o que havia entre Paul e eu pudesse durar indefinidamente. Paul logo se cansaria de mim, uma criança cuja capacidade mental jamais poderia igualar-se à sua, e voltaria aos velhos costumes, talvez com Thelma Murkel.

Talvez Thelma Murkel o tivesse acompanhado àquela convenção médica, embora eu tivesse sabedoria suficiente para jamais perguntar a Paul o que ele fazia quando não estava a meu lado. Desejava dar-lhe tudo o que Júlia lhe negara, dar de bom grado, sem recriminações quando chegasse o momento de nos separarmos. Mas, no momento de nossa flamejante obsessão mútua eu me sentia tão grande, tão generosa, que exultava em nosso desprendido abandono. E creio que a avó, com suas arengas a respeito de malícia e pecado, tornava tudo dez vezes mais excitante, justamente por ser tão pecaminoso.

Então, eu voltava a vacilar, desorientada, por não querer que Chris me considerasse pecaminosa. Oh! Importava-me tanto o que Chris pensava de mim! Por favor, meu Deus! Faça Chris compreender por que motivo estou agindo assim. E eu amo Paul, de verdade!

Após o Dia de Ação de Graças, Chris ainda teve mais alguns dias de férias. Estávamos à mesa, com Henny por perto, quando Paul nos perguntou o que desejávamos no Natal. Seria o nosso terceiro Natal na casa de Paul. No final de janeiro, eu terminaria o ginásio. Não me restava muito tempo, pois minha próxima etapa seria, assim esperava eu, Nova York. Tomei a palavra para dizer a Paul o que desejava como presente de Natal: queria ir a Foxworth Hall. Chris esbugalhou os olhos e Carrie começou a chorar.

— Não! — exclamou Chris, peremptório. — Não tornaremos a abrir feridas cicatrizadas!

— Minhas feridas não cicatrizaram! — repliquei com igual veemência. — Jamais cicatrizarão até que seja feita justiça!

Foxworth Hall, vista de fora

Mal as palavras me saíram dos lábios e Chris gritou:

— Não! Por que não trata de esquecer o passado?

— Porque não sou como você, Christopher! Você prefere fazer de conta que Cory não morreu por envenenamento com arsênico, mas de pneumonia, porque isso lhe é mais cômodo e conveniente! Não obstante, foi você quem me convenceu de que ela envenenou Cory! Portanto, por que não podemos ir até lá e verificar se algum hospital tem o registro da morte de Cory?

— Cory pode ter morrido de pneumonia. Apresentava todos os sintomas.

Com que falta de convicção ele disse aquilo, sabendo muito bem que procurava protegê-la.

— Agora, esperem um momento — interpôs Paul, que se mantivera calado e só falou quando percebeu o fogo que me brilhava nos olhos. — Se Cathy acha que deve agir assim, por que não a contentamos, Chris? Todavia, se sua mãe registrou Cory no hospital sob um nome falso, não será fácil verificar a verdade.

— Ela também mandou colocar um nome falso no túmulo de Cory — disse Chris, lançando-me um demorado olhar carregado de raiva.

Paul refletiu sobre o assunto, pensando em voz alta num meio de podermos encontrar um túmulo sem saber o nome que fora gravado na lápide. Eu julgava que tinha todas as respostas. Se ela registrara Cory num hospital sob um determinado nome, naturalmente usaria o mesmo nome para sepultá-lo.

— E você, Paul, sendo médico, tem acesso a todos os registros dos hospitais, não é mesmo?

— Você quer mesmo fazer isso? — indagou-me Paul. — Não há dúvida de que trará de volta muitas lembranças dolorosas e, como Chris acaba de dizer, abrirá feridas cicatrizadas.

— Minhas feridas não cicatrizaram e jamais cicatrizarão! Quero levar flores ao túmulo de Cory. Creio que Carrie se sentirá reconfortada por saber onde ele está enterrado e depois poderemos visitá-lo periodicamente. Chris, já que se mostra tão contrário à idéia, não é obrigado a ir!

Apesar da oposição de Chris, Paul tentou dar-me o que eu desejava. Chris viajou conosco até Charlottesville, fazendo companhia a Carrie no banco traseiro. Paul entrou em vários hospitais e usou seu encanto pessoal para convencer as enfermeiras a lhe mostrarem os registros que ele queria examinar. Investigou durante muito tempo, enquanto eu o acompanhava e Chris esperava no carro com Carrie. Nenhum menino de oito anos morrera de pneumonia no final de outubro dois anos atrás! Não apenas isso, mas os cemitérios não tinham qualquer registro do sepultamento de uma criança daquela idade na ocasião! Ainda teimosamente decidida, percorri a pé todos os cemitérios, pensando que Mamãe poderia ter mentido e, afinal, mandado gravar o nome Dollanganger na lápide. Carrie chorava, pois Cory devia estar no céu e não sob a terra ligeiramente congelada por uma nevada recente.

Um trabalho infrutífero, um dispêndio inútil de tempo! No que dizia respeito ao resto do mundo, nenhuma criança do sexo masculino, com oito anos de idade, morrera naquela região nos meses de outubro e novembro de 1960! Chris insistiu para que voltássemos à casa de Paul, tentando convencer-me de que eu não queria realmente rever Foxworth Hall. Girei nos calcanhares, furiosa, para encarar Chris.

— Quero ir lá! E temos tempo para isso! Por que chegarmos até aqui e regressarmos sem ver a casa? Pelo menos uma vez à luz do dia, por fora; por que não?

Foi Paul quem argumentou com Chris, dizendo-lhe que eu precisava ver a casa.

— E para falar com franqueza, Chris, eu também gostaria de vê-la.

Pensativo e amuado junto a Carrie no banco traseiro, Chris cedeu. Carrie chorou quando Paul arrancou com o carro em direção às íngremes estradas nas montanhas que Mamãe e seu marido deviam ter percorrido milhares de vezes. Paul parou num posto de gasolina para pedir informações quanto ao caminho até Foxworth Hall. Nós poderíamos orientá-lo com a maior facilidade, se soubéssemos por onde passava a ferrovia e conseguíssemos encontrar a parada do correio.

— Linda região — comentou Paul enquanto dirigia o carro.

Eventualmente chegamos à grandiosa mansão isolada numa encosta.

— É aquela! — exclamei, terrivelmente excitada.

Era enorme como um hotel, com alas duplas que pareciam brotar a cada lado do corpo principal construído de tijolos rosados, com postigos pretos em todas as janelas. O telhado de ardósia escura era tão íngreme que chegava a assustar; como ousáramos andar lá em cima? Conteí as oito chaminés, as quatro séries de janelas de água-furtada no sótão.

— Veja lá, Paul — disse eu, apontando as duas janelas no último andar da ala norte, onde havíamos sido prisioneiros por tanto tempo, esperando interminavelmente pela morte de nosso avô.

Enquanto Paul olhava para as duas janelas, voltei a atenção para as janelas de água-furtada do sótão e vi que um postigo avariado fora consertado. Não encontrei marcas de fuligem ou sinais de fogo. A mansão não se incendiara! Deus não enviara uma brisa errante que soprasse a chama da vela até atear fogo a uma das flores de papel. Deus não ia punir nossa mãe ou a avó!

De repente, Carrie soltou um berro.

— Quero Mamãe! — gritou ela. — Cathy, Chris, era ali que eu morava com Cory! Deixem-me entrar! Quero Mamãe! Por favor, deixem-me ver minha mãe de verdade!

Foi assustador o modo como ela chorou e implorou. Como podia lembrar-se da casa? Estava escuro na noite de nossa chegada, com os gêmeos tão sonolentos que não poderiam ter visto nada. Na manhã de nossa fuga, tínhamos saído sorrateiramente antes do amanhecer, pela porta dos fundos. Algo dizia a Carrie que aquela mansão nos servira de prisão anos atrás! Então, percebi. Eram as outras casas, situadas mais abaixo na mesma rua. Estávamos no final de um *cul-de-sac*, numa posição bem mais elevada. Espiávamos freqüentemente pelas janelas de nosso quarto trancado e víamos as belas casas abaixo de nós. Era-nos proibido olhar pelas janelas, não obstante, ousávamos fazê-lo ocasionalmente.

Em que resultara nossa longa jornada? Nada. Absolutamente nada, exceto termos mais provas de que nossa mãe era uma mentirosa além de toda e qualquer imaginação. Ruminei o assunto, dia após dia, até mesmo quando me sentava num dos bancos embutidos no box do chuveiro e Paul me ensaboava os cabelos, lavando-os com esmero. Se eu os penteasse para cima ou os enrolasse na cabeça, eram tão compridos que jamais conseguiria desembaraçá-los. Paul lavava-os da maneira que eu lhe ensinara, passando a espuma da raiz até as pontas; quando terminava a lavagem, secava-os e escovava-os, fazendo que caíssem como um xale de seda para cobrir minha nudez, como Eva deveria ter feito há milênios.

— Paul — indaguei com os olhos baixos — o que estamos fazendo não é pecado, é? Lembro-me sempre da avó e de suas arengas sobre o mal e o pecado. Diga-me que o amor faz que tudo seja certo.

— Abra os olhos, Catherine — disse ele baixinho, usando um pano para limpar as bolhas de sabonete em minhas pálpebras. — Veja o que tem diante de si: um homem nu, como Deus o fez.

Quando olhei, Paul virou meu rosto para cima e, em seguida ergueu-me para poder abraçar-me. Estreitando-me contra si, começou a falar e cada uma de suas palavras dizia-me que nosso amor era lindo e certo. Não consegui falar. Chorei silenciosamente por dentro, pois seria tão fácil terminar a vida como a ferrenha pudica que minha avó desejava que eu fosse.

Como uma criança pequena, permiti que Paul me enxugasse o corpo e escovasse o cabelo, fazendo o que queria com seus lábios e carícias, até que as brasas sempre acesas entre nós produzissem fogo. Então ele me pegou no colo e levou para a cama. Após saciarmos nossa paixão, fiquei deitada nos braços dele e pensei em tudo que fora capaz de fazer. Coisas que me chocariam quando criança. Coisas que antes eu consideraria grosseiras, obscenas, pois então só levava em conta os atos e não os sentimentos de dar e receber. Como era estranho que as pessoas nascessem tão sensuais e vivessem reprimidas por tantos anos. Lembrei-me da primeira vez que a língua de Paul me tocara lá e do choque eletrizante que senti.

Oh! Eu podia beijar Paul todinho e não sentir vergonha, pois amá-lo era melhor que sentir o aroma de rosas num dia ensolarado de verão, melhor que dançar ao som da música mais linda, com o mais sensacional bailarino. Assim era para mim amar Paul, quando eu tinha dezessete anos e ele quarenta e dois. Paul me restaurara, fazendo-me sentir completa. Eu enterrava mais fundo o remorso que sentia por Cory. Havia esperança para Chris, pois estava vivo. Havia esperança para Carrie, que ainda poderia crescer e encontrar o amor. E, talvez, se tudo corresse bem, havia esperança para mim, também.

A caminho do topo

Julian não vinha de Nova York com a mesma freqüência de antes e seus pais se queixavam disso. Quando ele aparecia, dançava melhor que nunca, mas nem uma só vez eu o vi olhar na minha direção. Desconfiava porém, que ele me olhava muito quando sabia que eu não poderia vê-lo. Eu dançava melhor, com mais técnica, disciplina e controle; e estudava.

Oh! Quanto eu estudava! Desde o princípio, eu fora colocada no grupo profissional da Companhia de Baile Rosencoff, mas apenas como membro do *corps de ballet*. Naquele Natal, deveríamos alternar a apresentação do Quebra-nozes e de Cinderela.

Numa tarde de sexta-feira, muito depois que todos os outros se retiraram, fiquei sozinha no salão de dança e me perdi no mundo encantado da Fada Madrinha, tentando dar ao papel uma interpretação algo diferente e nova. De repente, Julian estava dançando comigo. Era como minha sombra, fazendo tudo que eu fazia, até mesmo as piruetas, zombando de meu desempenho. Então, franziu a testa e pegou uma toalha para enxugar o rosto e os cabelos. Tirei as sapatilhas, mexi os artelhos e me encaminhei ao camarim. Ia sair para jantar com Paul naquela noite.

— Cathy, espere! — chamou Julian. — Sei que não gosta de mim...

— É verdade.

Julian sorriu maliciosamente. Roçou os lábios no meu rosto quando tentei me afastar dele; então prendeu-me com os braços, espalmando as mãos na parede a fim de evitar que eu fugisse.

— Sabe de uma coisa? Acho que você deveria dançar o papel de Clara ou de Cinderela — declarou, fazendo-me cócegas no queixo e depois beijando-me a orelha. — Se for boazinha para mim, poderei providenciar para que lhe dêem os dois papéis.

Esquivei-me e corri.

— Deixe disso, Julian! — esbravejei. — Exige pagamento em troca de seus favores... e não me interesse por você!

Dez minutos mais tarde, após tomar banho e vestir-me, eu estava pronta para sair do prédio quando Julian surgiu em trajes de passeio.

— Falando sério, Cathy, acho que você deveria ser escolhida para dançar Clara ou Cinderela. Julgo que já está preparada para ir a Nova York. Marisha também acha — acrescentou com um sorriso irônico, como se a opinião de sua mãe não valesse tanto quanto a sua. — Sem imposições de minha parte. A menos, é claro, que você um dia venha a desejá-las.

Agora fiquei sem saber o que dizer e, portanto, permaneci calada. Fui escolhida para dançar ambos os papéis naquelas apresentações de final de ano. Imaginei que as outras moças ficassem invejosas e ressentidas, mas aplaudiram quando a escolha foi anunciada. Trabalhávamos bem, todas juntas, e tivemos um período alegre, quase frenético. Então, chegou minha estréia como Cinderela! Julian nem mesmo bateu antes de entrar no camarim das moças para apreciar minha fantasia de trapos rasgados.

— Pare de ficar tão nervosa. O público é composto de pessoas como nós. Você não acha que eu me daria ao trabalho de vir até aqui para dançar com uma garota que não fosse sensacional, não é mesmo?

Nos bastidores, Julian pousou o braço em meus ombros, transmitindo-me confiança, enquanto aguardávamos minha deixa para entrar no palco. Ele só entraria muito depois. Não consegui avistar Paul, Chris, Carrie ou Henny na platéia escura. Tremi ainda mais quando as *gambiaras* diminuíram de intensidade e a orquestra tocou a abertura. Então a cortina se abriu. Minha crescente ansiedade desapareceu de um momento para outro, levando consigo toda a minha insegurança, quando uma espantosa lembrança sinestésica assumiu o comando e permiti que a música me controlasse e guiasse.

Eu não era Cathy ou Catherine, não era ninguém senão Cinderela! Varri as cinzas da lareira e observei invejosamente minhas duas detestáveis meias-irmãs se prepararem para o baile, convencida de que o amor e o romance jamais surgiriam em minha vida. Se cometi erros, se minha técnica não foi perfeita, eu não sei dizer. Estava apaixonada pela dança, por apresentar-me perante um grande público, por ser jovem e bela e, acima de tudo, apaixonada pela vida e por tudo que esta podia oferecer fora de Foxworth Hall.

Rosas vermelhas, amarelas e brancas vieram-me encher os braços. Fiquei eletrizada quando o público se ergueu para aplaudir-nos de pé, numa grande ovação. Três vezes eu entreguei a Julian uma rosa de cor diferente; a cada vez, nossos olhares se encontraram e cruzaram-se prolongadamente. “*Veja*”, diziam-me mudamente os olhos dele, “*juntos criamos magia! Somos um par perfeito!*” Julian tornou a encurralar-me na recepção após o espetáculo.

— Agora, já provou o sabor do palco — disse em tom suave e persuasivo, implorando-me com os olhos negros. — Conseguirá desistir dos aplausos? Conseguirá permanecer aqui, numa cidadezinha caipira, quando Nova York está à sua espera? Cathy, se formarmos um par seremos sensacionais! Fomos feitos sob medida um para o outro. Danço melhor com você que com qualquer outra bailarina. Oh, Cathy! Juntos poderíamos chegar ao topo muito mais depressa. Juro cuidar bem de você. Cuidarei de você e jamais permitirei que se sinta solitária.

— Não sei — repliquei miseravelmente, embora estivesse acesa por dentro. — Primeiro, tenho que terminar o ginásio. Você acha realmente que sou suficientemente boa? Em Nova York, o público exige o máximo.

— Você é o máximo! Confie em mim, acredite em mim. A companhia de balé de Madame Zolta não é a maior ou melhor, mas tem o necessário para ombrear-se com as maiores e mais antigas, desde que consiga um par de bailarinos fantásticos como nós!

Indaguei-lhe como era a tal Madame Zolta. De algum modo, a pergunta levou Julian a acreditar que eu já aceitara a sua proposta e, depois de rir, ele conseguiu beijar-me os lábios.

— Você vai adorar Madame Zolta! É russa; a velhinha mais suave, bondosa e delicada que você já conheceu. Será como sua mãe. (Deus me livre!) Ela conhece tudo a respeito de dança. É nossa médica e, às vezes, nossa psicóloga; na verdade, ela é tudo de que precisamos. Comparada com isto aqui, a vida em Nova York é como a de Marte: um outro mundo, muito melhor. Você logo se apaixonará pela cidade. Vou levá-la a restaurantes famosos, onde você comerá pratos que nunca provou antes. Vou apresentá-la a astros e estrelas do cinema, celebridades da TV, atores e atrizes, escritores.

Tentei resistir à tentação, pregando os olhos em Chris, Carrie e Paul, mas Julian manobrou de modo a bloquear-me o campo de visão. A única pessoa que eu conseguia ver era ele.

— É o tipo de vida para o qual você nasceu, Cathy — prosseguiu parecendo ansioso e sincero desta vez. — Por que estudou tanto e se submeteu a tantos sacrifícios senão para alcançar o sucesso? Poderá alcançar a fama que deseja se permanecer aqui?

Não; eu não poderia. Contudo, Paul estava aqui. Chris e Carrie estavam aqui. Como poderia eu abandoná-los?

— Cathy, venha comigo para o mundo a que você pertence, às luzes da ribalta, no palco, recebendo rosas. Venha comigo, Cathy, e realize também o meu sonho.

Oh! Julian estava vencendo naquela noite. Embriagada com o sucesso da estréia, mesmo querendo dizer não, meneei afirmativamente a cabeça e respondi:

— Sim... irei, mas só se você vier buscar-me. Nunca andei de avião e, além disso, não saberia para onde ir quando pousasse em Nova York.

Julian tomou-me nos braços, abraçando-me com ternura e beijando-me os cabelos. Por cima de seu ombro, avistei Chris e Paul olhando em nossa direção, ambos parecendo espantados e bastante magoados.

Terminei o ginásio em janeiro de 1963. Não fui uma aluna particularmente brilhante, como Chris, mas consegui terminar o curso. Chris era tão inteligente que provavelmente terminaria a fase preparatória em três anos, em vez de quatro. Já conseguira várias bolsas de estudo para aliviar Paul de parte dos encargos financeiros de sua educação, muito embora Paul jamais dissesse uma só palavra quanto a reembolsarmos suas despesas de qualquer tipo. Estava entendido, porém, que Chris se associaria a Paul depois de formar-se.

Maravilhava-me o fato de Paul continuar a gastar dinheiro conosco sem fazer o menor comentário. Quando abordei o assunto, ele explicou:

— Gosto de saber que estou contribuindo para dar ao mundo um grande médico, que Chris certamente será, e a super bailarina em que você se transformará um dia. Quanto a Carrie, espero que resolva ficar em casa comigo e casar-se com um rapaz da região, a fim de que eu possa vê-la com frequência.

Parecia muito triste ao dizer isso, terrivelmente triste.

— Quando eu me for, você voltará para Thelma Murkel, não é? — perguntei com alguma amargura, pois queria que ele se mantivesse fiel a mim, não importando quantos quilômetros nos separassem fisicamente.

— Talvez — disse ele.

— Você nunca amará outra pessoa quanto me ama. Diga que não amará.

Paul sorriu.

— Claro! Como poderia eu amar alguém tanto quanto a amo? Nenhuma outra poderia entrar dançando no meu coração, como você entrou, não é?

— Não zombe de mim, Paul. Basta você dizer uma só palavra e eu não irei embora. Ficarei com você.

— Como posso dizer-lhe que fique quando você tem um destino a cumprir? Nasceu para dançar, não para ser esposa de um insípido médico do interior.

Casamento! Ele dissera “*esposa*”! Nunca antes mencionara casamento.

Foi mais que horrível comunicar a Carrie minha partida. Seus berros foram ensurdecedores e de cortar o coração.

— Você não pode ir! — gritou, com as lágrimas rolando pelo rosto. — Prometeu que todos nós ficaríamos sempre juntos! Agora, você e Chris vão embora e me abandonam! Leve-me também! Leve-me!

Esmurrou-me com os punhos minúsculos, deu-me caneladas, decidida a causar-me dor pelo sofrimento que Chris e eu lhe infligíamos, como se eu já não estivesse sofrendo muito por ter que deixá-la.

— Entenda, por favor, Carrie: eu voltarei. E Chris também voltará. Você não será esquecida.

— Eu a odeio! — berrou ela. — Detesto você e Chris, também! Espero que você morra em Nova York! Espero que ambos caiam mortos!

Foi Paul quem veio salvar-me.

— Você ainda terá a mim todos os dias. E Henny — disse ele, erguendo o corpinho leve de Carrie no colo. — Não iremos a parte nenhuma. E você será a única filha que nos restará quando Cathy se for. Vamos, enxugue as lágrimas, sorria e sinta-se feliz por sua irmã. Lembre-se de que isso foi o que ela tanto desejou durante todos aqueles anos em que vocês viveram trancados num quarto.

Senti dor no coração ao tentar saber se realmente desejava tanto fazer carreira como bailarina ou se fora apenas imaginação de minha parte. Chris lançou-me um olhar prolongado e tristonho. Depois abaixou-se para pegar minhas novas malas azuis. Caminhou depressa para a porta da frente, procurando evitar que eu percebesse as lágrimas em seus olhos. Quando saímos todos da casa, Chris estava postado junto ao carro branco de Paul, os ombros empertigados, o rosto rígido, decidido a não revelar qualquer emoção. Henny fez questão de embarcar no carro conosco, pois não queria ser deixada em casa para chorar sozinha. Seus eloqüentes olhos castanhos me falavam, desejando-me boa sorte, enquanto suas mãos se ocupavam com enxugar as lágrimas do rosto de Carrie.

No aeroporto, Julian andava de um lado para outro, consultando freqüentemente o relógio. Temia que eu desistisse e não aparecesse para o embarque. Parecia muito bonito em seu terno novo e seus olhos brilharam ao avistar-me.

— Graças a Deus! Já estava pensando que vim aqui à-toa. E não faria isso duas vezes.

Na noite anterior, eu me despedira de Paul em particular. Suas palavras ainda me ecoavam aos ouvidos, perseguindo-me mesmo quando subi a escada do avião.

— Sabíamos ambos que não duraria muito, Catherine. Preveni-a desde o início: a primavera não pode casar com o outono.

Chris e Paul acompanharam-nos até a rampa, ajudando a carregar as muitas peças de bagagem de mão que eu não quis confiar ao bagageiro do avião. Mais uma vez, tive que abraçar Paul com força.

— Obrigado, Catherine — sussurrou ele, de modo que Chris e Julian não pudessem escutar. — Obrigado por tudo. Não olhe para trás com arrependimento. Esqueça-me. Esqueça todo o passado. Concentre-se na dança e espere até apaixonar-se por alguém e deixe que seja uma pessoa de sua idade.

Engasgada, repliquei:

— E você?

Ele forçou um sorriso e, em seguida, uma risadinha.

— Não se preocupe comigo. Tenho recordações de uma linda bailarina e elas me bastam.

Rompi em prantos! Lembranças! O que eram elas? Apenas algo com que nos torturarmos, nada mais! Virei-me cegamente e vi-me envolvida pelos braços de Chris. O meu Christopher Doll, que agora tinha um metro e oitenta de estatura, o meu cavaleiro tão galante, cavalheiresco e sensível. Afinal, consegui apartar-me e ele me tomou ambas as mãos; fitamos nos olhos. Nós também compartilhamos de muita coisa; mais ainda que Paul e eu. Adeus, minha enciclopédia ambulante, alegre e também severo, meu companheiro de prisão e de esperanças... Não precisa chorar por mim. Chore por você mesmo... ou simplesmente não chore. Terminou. Aceite, Chris, como eu aceitei, como é preciso aceitar. Você é apenas meu irmão. Sou apenas sua irmã e o mundo está cheio de mulheres belas que o amariam mais do que eu posso, ou poderia amá-lo.

Eu sabia que ele escutava cada palavra que eu não dizia em voz alta; continuou a fitar-me com o coração nos olhos, fazendo-me doer da cabeça aos pés.

— Cathy — disse Chris em voz rouca, bastante alto para que Julian escutasse. — Não é que eu tema que você não consiga vencer; tenho certeza de que conseguirá se não for tão malditamente impulsiva! Por favor, não cometa imprudências de que venha a arrepender-se mais tarde. Prometa pensar antes em todas as conseqüências, sem pular de olhos fechados numa situação qualquer. Vá com calma em questões de amor e sexo. Espere até ter idade suficiente para saber o que deseja de um homem antes de escolher um.

Tenho certeza de que meu sorriso foi amarelo e forçado, pois eu já escolhera Paul. Lancei um rápido olhar, de Paul, que parecia muito sério, a Julian, que tinha a testa franzida e olhava para Chris com ar zangado. Depois olhei mais uma vez para Paul.

— Você também tenha cautela em questões de sexo — repliquei para Chris em tom brincalhão, certificando-me de que todos perceberam tratar-se de um comentário despreocupado.

Abraçei-o mais uma vez. Doía-me ter que deixá-lo.

— Escreva-me sempre. E venha a Nova York com Paul, Carrie e Henny sempre que puder. Ou venha sozinho. Mas venha... promete?

Chris prometeu solenemente. Nossos lábios se tocaram rapidamente e, em seguida, embarquei para tomar meu lugar junto à janela. Desde que era a minha primeira viagem de avião, Julian cedera-me cortesmente o privilégio de sentar-me à janela. Acenei como louca para minha família, que eu nem mesmo enxergava pela janela do avião.

Julian, tão controlado e elegante no palco, ficou sem saber o que fazer quando precisou lidar com uma garota que lhe chorava no ombro, trêmula, já sentindo saudades de casa, desejando não partir antes mesmo que o avião subisse quinhentos metros do solo.

— Você me tem — disse em tom suave. — Não prometi que cuidaria de você? E o farei, juro por Deus. Farei todo o possível para torná-la feliz.

Sorriu para mim, beijando-me de leve.

— E, meu amor, creio que exagerei um pouco ao lhe falar sobre os encantos de Madame Zolta, como você logo terá ocasião de verificar.

Esubugalhei os olhos.

— Que quer dizer com isso?

Julian pigarreou e, sem o menor sinal de embaraço, relatou-me seu primeiro encontro com a outrora famosa bailarina russa.

— Não desejo estragar a surpresa que lhe está reservada para quando conhecer a grande beleza russa; portanto deixarei o assunto de lado, a fim de que você verifique por si mesma. Todavia, previno-a de que Madame Zolta é uma apalpadora. Uma bolinadora. Gosta de tocar as pessoas, apalpando os músculos para ver como são duros e firmes. Acredita que colocou a mão diretamente sobre a abertura de minhas calças, a fim de descobrir o tamanho do que havia em baixo da roupa?

— Não! Não acredito!

Ele riu alegremente e passou o braço pelos meus ombros.

— Oh! Catherine! Que vida levaremos, você e eu! Que paraíso teremos nas mãos quando você descobrir que tem direitos exclusivos de propriedade neste mundo! — exclamou, puxando-me para mais perto de si e sussurrando-me ao ouvido: — E eu ainda não lhe disse uma palavra a respeito de meus talentos de amante...

Eu também ri e o empurrei para longe de mim.

— Certamente é a pessoa mais arrogante e convencida que já conheci. E desconfio de que também seja bastante impiedoso quando se trata de conseguir o que quer.

— Acertou na mosca! — disse ele, rindo. — ou isso tudo e mais ainda, como você logo descobrirá. Afinal, não me mostrei implacavelmente decidido em trazer você para onde a quero?

Nova York, Nova York

Nevava muito quando nosso avião pousou em Nova York. O frio em minhas narinas atordoou-me. Eu já me esquecera de invernos rigorosos como aquele. O vento uivava ao longo das estreitas ravinas formadas pelos edifícios, parecendo querer arrancar-me a pele do rosto. O gelo dava a impressão de penetrar-me os pulmões, murchando-os com um aperto doloroso. Engasguei-me, ri, olhei para Julian que pagava o motorista do táxi e tirei do bolso do casaco o cachecol de tricô vermelho que Henny fizera para mim. Julian pegou-o e ajudou-me a enrolá-lo na cabeça e pescoço, de modo a abrigar parte do rosto. Então, surpreendi-o ao tirar do outro bolso um cachecol vermelho que eu tricotara para ele.

— Ora, muito obrigado. Nunca imaginei que se incomodasse.

Pareceu-me muito satisfeito ao proteger as orelhas e o pescoço. Naquele dia, o frio tornava-lhe o rosto tão corado quanto os lábios; com o cabelo negro-azulado que se encrespava logo acima do colarinho e os brilhantes olhos negros, sua beleza física era o bastante para tirar o fôlego de qualquer mulher.

— Muito bem — disse ele. — Componha-se e prepare-se para conhecer a personificação do balé: minha doce, delicada, deliciosa professora de dança, que você positivamente adorará.

O simples fato de estar ali deixava-me nervosa, de modo que me mantive o mais perto possível de Julian, olhando espantada para todas as pessoas que se atreviam a enfrentar um inverno tão feroz. A bagagem que trouxéramos foi deixada numa sala de espera do enorme prédio e a preocupação de não me afastar de Julian não me deu tempo para reparar em coisa alguma até estarmos no gabinete de nossa professora de balé, Madame Zolta Korovenskov. Sua postura e arrogância lembraram-me imediatamente Madame Marisha. Entretanto, esta mulher era muito mais velha, se todas aquelas rugas pudessem ser contadas como anéis de um tronco de árvore para computar-lhe a idade.

Com uma rigidez majestosa, levantou-se de trás de uma mesa de trabalho impressionante pela largura. Friamente, com ar inteiramente profissional, veio até nós e estudou-nos com olhos negros e pequenos como os de um rato. O pouco cabelo que tinha estava puxado para trás rente ao couro cabeludo; era branco e deixava totalmente à mostra o rosto seco e enrugado. Embora sua estatura não ultrapassasse um metro e meio, ela irradiava um metro e oitenta de autoridade. Os óculos com lentes em meia-lua equilibravam-se precariamente na extremidade de um nariz fino e espantosamente comprido. Espiou-nos por cima das meias lentes, com as pálpebras apertadas, de modo que os olhos minúsculos quase desapareciam entre os pés-de-galinha. Julian teve a pouca sorte de merecer sua atenção inicial. Os lábios da velha, murchos como uma passa de uva, franziram-se como uma sacola com o cordão puxado. Observei e aguardei que um sorriso surgisse para quebrar aquela pele semelhante a um pergaminho antigo. Imaginei que sua voz seria áspera e rouca como a de uma feiticeira.

— Então! — disse ela a Julian com ar de quem cuspiu. — Você some quando bem entende, volta quando quer e espera que eu lhe diga que tenho prazer em revê-lo! Bah! Faça isso mais uma vez e pode sumir daqui! Quem é essa pequena?

Julian exibiu um sorriso encantador à velha megera e abraçou-a depressa.

— Madame Zolta Korovenskov, permita-me apresentar-lhe a Srta. Catherine Doll, a maravilhosa bailarina de quem tanto lhe tenho falado há muitos meses; e ela é o motivo pelo qual me ausentei sem a sua permissão.

Os olhos de verruma de velha me observaram com grande interesse.

— Também veio do nada? — indagou em tom áspero. — Aparenta vir de outra região, como este demônio de cabelos pretos. Ele é muito bom bailarino, mas não tanto quanto se julga. Posso acreditar no que diz a seu respeito?

— Creio, Madame, que precisará ver-me dançar e julgar por si mesma.

— Sabe dançar?

— Como disse antes, Madame, espere o julgue por si mesma.

— Está vendo, Madame? — indagou Julian, entusiasmado. — Cathy tem espírito fogoso! Devia vê-la jogando as pernas ao fazer *fouettés*. É tão rápida que a gente nem vê direito!

— Ha! — fungou a velha.

Em seguida, rodeou-me e observou meu rosto tão detidamente que me senti corar. Apalpou-me os braços, o peito, até mesmo os seios. Depois, colocou as mãos ossudas no meu pescoço e sentiu os tendões. Aquelas mãos audaciosas exploraram-me o corpo enquanto eu tinha vontade de gritar que não era uma escrava exposta à venda no mercado da cidade. Fiquei aliviada por ela não me tocar a virilha, como fizera a Julian. Permaneci imóvel e suportei a inspeção, sentindo-me o tempo todo quente e ruborizada. Ela ergueu os olhos para examinar-me o rosto e exibiu um sorriso sarcástico.

Quando terminou de examinar-me e avaliar-me fisicamente, fitou-me o fundo dos olhos, a fim de absorver minha essência. Senti que ela tentava beber-me a juventude com os olhos, drenando-a de mim. Então, tocou-me os cabelos.

— Quando pretende casar-se? — indagou bruscamente.

— Talvez por volta dos trinta anos, talvez nunca — respondi, nervosa. — Mas certamente esperarei até ficar rica e famosa, depois de tornar-me a maior *prima ballerina* do mundo.

— Ah! Tem muitas ilusões a seu próprio respeito. Geralmente, caras bonitas não pertencem a grandes bailarinas. A beleza julga não precisar de talento e alimenta-se de si própria, de modo que morre cedo. Olhe para mim. Houve uma época em que fui jovem e muito bela. O que vê agora?

Era hedionda! E jamais poderia ter sido bela, ou restaria algum vestígio. Como se pressentisse minha dúvida a respeito de sua afirmação, ela apontou com arrogância para todas as fotografias que havia nas paredes, em cima das mesas e nas prateleiras das estantes. Todas mostravam a mesma jovem bailarina.

— Eu — anunciou com evidente orgulho.

Não pude acreditar. Eram fotos antigas, amareladas, em tons pardos, as roupas fora de moda e, não obstante, a bailarina era bonita. A velha me lançou um largo sorriso divertido, deu-me uma palmadinha no ombro e disse:

— Muito bem. A idade chega para todos e iguala as pessoas.

De repente, mudou de assunto:

— Com quem estudou antes de Marisha Rosencoff?

— Com a Srta. Denise Danielle.

Hesitei, temendo dizer-lhe a verdade sobre todos os anos em que eu dançara sozinha, sendo minha própria professora.

— Ah! — suspirou ela, parecendo muito triste. — Vi Denise Danielle dançar muitas vezes: uma bailarina brilhante, mas cometeu o velho erro e se apaixonou. Final de uma carreira promissora. Agora, ela só ensina.

Sua voz aumentava e diminuía de volume, vibrando, ganhando força e depois perdendo-a. Tinha um sotaque estranho, dando às palavras um som tolo, estrangeiro.

— O convencido Julian afirma que você é uma grande bailarina, mas preciso vê-la dançar antes de acreditar nele. Só então decidirei se a sua beleza é a própria desculpa para existir.

Suspirou outra vez e perguntou:

— Você bebe?

— Não.

— Por que tem a pele tão pálida? Nunca toma sol?

— Sol em demasia me queima.

— Ah!... você e seu amante têm medo do sol.

— Julian não é meu amante! — declarei com os dentes trincados, lançando a Julian um olhar furioso, pois ele deveria ter dito à velha que éramos amantes.

Nem o menor elemento de nossas expressões faciais escapou à aguda percepção daqueles olhinhos negros.

— Julian, você me disse ou não que estava apaixonado por esta garota?

Julian corou, baixou os olhos e teve a decência de parecer encabulado, para variar.

— Madame, o amor é todo de minha parte, envergonho-me de confessar. Cathy nada sente por mim... mas sentirá, mais cedo ou mais tarde.

— Ótimo! — disse a velha bruxa, meneando a cabeça como um passarinho. — Você tem uma enorme paixão por ela e ela nada sente por você — isso fará com que dançam maravilhosamente, de modo sensacional. Nossa receita de bilheteria vai estourar. Já posso até ver!

Naturalmente, foi esse o motivo pelo qual ela me aceitou, sabendo que Julian tinha um desejo insatisfeito por mim e eu era dominada por um ardente anseio de encontrar alguém fora do palco. No palco, ele era tudo o que existia de belo, romântico e sensual: o amante dos meus

sonhos. Se pudéssemos passar todos os nossos dias e noites dançando, teríamos ateado fogo ao mundo. Na realidade, porém, quando Julian era apenas ele mesmo, com sua língua solta e por vezes pornográfica, eu fugia dele. Deitava-me todas as noites pensando em Paul a andar sozinho pelos jardins e recusava-me a sonhar com Chris.

Em breve me abriguei num pequeno apartamento a doze quarteirões da escola de balé. Duas outras bailarinas compartilhavam comigo dos três pequenos cômodos e minúsculo banheiro. Dois andares acima, Julian dividia com dois bailarinos um apartamento do mesmo tamanho que o nosso. Os companheiros de Julian eram Alexis Tarrel e Michael Michelle, ambos com vinte e poucos anos e tão decididos quanto Julian a se tornarem, cada um deles, o melhor bailarino de sua geração. Espantei-me ao descobrir que Madame Zolta considerava Alexis o melhor dos três, Michael o segundo e Julian o terceiro. E logo fiquei sabendo do motivo pelo qual ela fazia restrições a Julian: ele não lhe respeitava a autoridade. Queria fazer tudo a seu próprio modo e por isso ela o punia.

Minhas colegas de apartamento eram tão diferentes quanto o dia da noite. Yolanda Lange era meio inglesa, meio árabe; a estranha combinação de raças fazia dela uma das belezas mais exóticas que eu já vira, com cabelos escuros e olhos de gazela. Era alta para uma bailarina: tinha um metro e setenta, a mesma altura de minha mãe. Quando lhe vi os seios, percebi que eram pequenas protuberâncias rijas, com grandes bicos, mas ela não se envergonhava do tamanho deles. Deliciava-se com andar despida pelo apartamento, exibindo a nudez, e logo descobri que seus seios espelhavam-lhe a personalidade: pequena, dura, mesquinha. Yolanda queria o que queria quando queria e era capaz de fazer tudo para consegui-lo. Fez-me mil e uma perguntas em menos de uma hora e nesse mesmo espaço de tempo contou-me a história de sua vida. Seu pai era um diplomata inglês que se casara com uma bailarina especializada na dança do ventre. Vivera em toda parte e fizera de tudo. Antipatizei imediatamente com Yolanda Lange.

April Summers era de Kansas City, no Missouri. Tinha macios cabelos castanhos e olhos azuis esverdeados; tínhamos ambas a mesma altura, um metro e sessenta e um centímetros e meio, era tímida e raramente erguia a voz acima de um sussurro. Quando a loquaz e barulhenta Yolanda estava por perto, April parecia não ter voz alguma. Yolanda gostava de barulho: o toca-discos ou a televisão tinham que permanecer ligados o tempo todo. April falava da família com amor, respeito e orgulho, ao passo que Yolanda professava ódio aos pais, que a colocavam em internatos e deixavam-na sozinha nos feriados. April e eu nos tornamos amigas íntimas antes do final de nosso primeiro dia juntas. Tinha dezoito anos e era bastante bonita para contentar qualquer homem, mas, por algum estranho motivo, os rapazes da academia de balé não lhe davam uma migalha de atenção. Era Yolanda quem os tornava ardorosos e ofegantes. Logo fiquei conhecendo a razão: Yolanda ia para a cama com eles.

Quanto a mim, os rapazes me viam, pediam para marcar encontros, mas Julian deixou bem claro que eu não estava disponível: pertencia a ele. Embora eu negasse o fato com a maior persistência, Julian falava com os rapazes em caráter particular, explicando-lhes que eu era antiquada e me envergonhava de admitir que “vivíamos em pecado”. Costumava dizer na minha presença:

— É aquela antiga tradição das boas moças do Sul. As garotas sulinas gostam que os rapazes as considerem meigas, tímidas e recatadas, mas por baixo dessa aparência externa de frias magnólias, são taradas sexuais todas elas!

Claro que os rapazes acreditavam nele e não em mim. Por que haviam de acreditar na verdade, quando a mentira era muito mais excitante? Mesmo assim, eu estava bastante satisfeita. Adaptei-me em Nova York como se lá tivesse nascido e crescido, andando sempre às pressas como qualquer nova-iorquino: é preciso chegar lá depressa, sem desperdiçar um minuto, pois há muito que provar antes que outra pequena com um rosto bonito e mais talento apareça para assumir o lugar. Todavia, enquanto eu estava levando vantagem no jogo, foi uma

vida selvagem e embriagadora, exaustiva e exigente. O quanto eu me sentia agradecida a Paul pelo cheque semanal que me enviava, pois o que ganhava na companhia de balé mal daria para pagar os cosméticos.

Nós três, moradoras no apartamento 416, precisávamos de pelo menos dez horas de sono diárias. Levantávamo-nos de madrugada a fim de nos exercitarmos na barra, em casa, antes do café da manhã. O desjejum, bem como o almoço, tinham que ser bem leves. Só durante a última refeição do dia, após um espetáculo, podíamos realmente satisfazer nossos apetites devoradores. Eu tinha a impressão de estar sempre com fome, de nunca ter comido o suficiente. Em uma única apresentação do *corps de ballet* perdia de dois e meio a três quilos.

Julian fazia-me constante companhia, parecendo uma sombra a seguir-me cada movimento, evitando que eu saísse com outros rapazes. Dependendo de minha disposição de espírito ou estado de exaustão, eu me irritava com tal procedimento ou, em algumas ocasiões, sentia-me grata por ter a companhia de alguém que não me fosse totalmente desconhecido.

Certo dia, em junho, Madame Zolta declarou:

— Seu nome é ridículo! Mude-o! Catherine Doll, isso é nome para uma bailarina? Um nome insípido, sem graça não se aplica a você!

— Ora, espere um minuto, Madame! — protestei raivosa, abandonando minha posição de balé. — Escolhi esse nome quando tinha sete anos e meu pai gostou dele. Papai julgava que o nome se aplicava muito bem a mim de modo que pretendo continuar a usá-lo, seja ele insípido ou não!

Tive ímpetos de lhe dizer que Madame Naverena Zolta Korovenskov também não era o que eu considerava um nome lírico!

— Não discuta comigo, moça: mude o nome! — disse ela, batendo com a bengala de marfim no assoalho.

Entretanto, se eu mudasse de nome, como poderia minha mãe saber quando eu chegasse ao topo da carreira? E ela precisava saber! Não obstante, aquela bruxa velha e mirrada, com suas roupas antiquadas, fitava-me com os ferozes olhinhos negros e brandia a bengala de marfim, indicando que eu seria obrigada aceitar ou...!

Julian observava-me com ar displicente, sorrindo. Concordei em mudar a grafia de meu sobrenome de Doll para Dahl.

— Assim fica melhor — disse a velha em tom azedo. — Um pouco melhor.

Madame Zolta vivia em cima de mim. Ralhava. Criticava. Reclamava quando eu inovava e se queixava quando eu não o fazia. Declarou não gostar da maneira como eu usava o cabelo e achou que eu tinha cabelo demais.

— Corte-o! — ordenou.

Contudo, recusei-me a cortar um só milímetro de cabelo, pois julgava que mantê-lo comprido dar-me-ia a aparência ideal para o papel da Bela Adormecida. Madame Zolta fungou quando eu disse isso. (Fungar era um de seus meios prediletos de expressão). Se ela não fosse uma professora tão eficiente e talentosa, todos nós a odiaríamos. Sua própria natureza azeda forçava-nos a dar o melhor de nós, pois desejávamos muito vê-la sorrir. Madame também era coreógrafa, mas tínhamos um outro coreógrafo que vinha supervisionar os trabalhos quando não estava em Hollywood, na Europa ou isolado em algum canto remoto a imaginar novos balés.

Uma tarde, depois da aula, quando nós todos aproveitávamos a folga para fazermos brincadeiras tolas, levantei-me de um salto e comecei a dançar uma melodia popular. Madame apanhou-me em flagrante e explodiu:

— Aqui, dançamos clássico! Não quero danças modernas aqui dentro!

Seu rosto seco e enrugado assumiu a aparência de uma cabeça mumificada quando ela acrescentou:

— Você, Dahl, explique a diferença entre clássico e moderno.

Julian piscou para mim e recostou-se, apoiando-se nos cotovelos e cruzando elegantemente os tornozelos, deleitado com o meu desconforto. Procurei imitar a pose de minha mãe e comecei:

— Sucintamente, Madame, a forma moderna de balé consiste principalmente em rastejar pelo chão e assumir determinadas posturas, enquanto o bailarino clássico dança nas pontas dos pés, gira, faz piruetas e jamais se mostra demasiado sedutor ou desajeitado. E a dança conta uma estória.

— Quanta razão você tem — disse a velha num tom gelado. — Agora, volte para sua cama, em casa, e lá rasteje e assuma as posturas que quiser, caso sinta necessidade de expressar-se de tal maneira. Nunca mais permita que eu a pegue fazendo isso diante de meus olhos!

O moderno e o clássico podiam ser mesclados e tornados lindos. A intransigência da enrugada megera enraiveceu-me e eu gritei em resposta:

— Eu a detesto, Madame! Desprezo seus costumes cinzentos como ratos, que já deveriam ter sido atirados no lixo há trinta anos! Detesto seu rosto, seu andar, sua voz, seu sotaque! Trate de procurar outra bailarina. Vou voltar para casa!

Corri para o camarim, deixando todos os outros alunos boquiabertos no salão. Arranquei minhas malhas de ensaio e as roupas de baixo. Pela porta do camarim entrou raivosamente a velha bruxa de cara sinistra, os olhos malvados, os lábios comprimidos.

— Se for para casa, nunca mais volte aqui!

— Não pretendo voltar!

— Você vai murchar e morrer!

— É idiota por pensar assim! — repliquei sem ligar para sua idade ou respeitar-lhe o talento. — Posso viver minha vida sem dançar e ser muito feliz. Portanto, vá para o inferno, Madame Zolta!

Como se o encanto se quebrasse, a velha megera sorriu suavemente para mim.

— Ah!... você tem espírito! Eu já começava a duvidar. Mande-me para o inferno; é gostoso ouvir isso. De qualquer forma, o inferno é melhor que o céu. Agora, Catherine, falemos sério — acrescentou num tom bondoso que eu jamais a ouvira usar. — Você é uma bailarina maravilhosamente talentosa, a melhor que possuo, mas é tão impulsiva que abandona o clássico e mistura o que lhe vem à cabeça. Eu apenas tento ensiná-la. Invente o quanto quiser, mas seja sempre clássica, elegante, bela.

Lágrimas lhe brilharam nos olhos.

— Você é meu deleite, sabia? Acho que é a filha que nunca tive; faz-me recuar até a época em que era jovem e pensava que a vida não passava de uma grande aventura romântica. Tenho tanto medo que a vida lhe roube seu olhar de encanto, o seu espanto infantil. Agarre-se com unhas e dentes a essa expressão e logo terá o mundo a seus pés.

Referia-se ao meu rosto do sótão, aquela expressão de encantamento que tanto enfeitiçava Chris.

— Desculpe-me, Madame — disse eu com humildade. — Fui grosseira. Errei em gritar, mas a senhora exige tanto de mim e eu estou cansada. E também sinto saudades de casa.

— Eu sei, eu sei — disse ela num tom carinhoso, aproximando-se para abraçar-me e embalar-me. — Ser jovem numa metrópole desconhecida é duro para os nervos e para a confiança em si mesma. Mas lembre-se de uma coisa: eu tinha necessidade de saber o que você tem por dentro. Uma bailarina sem espírito, sem fogo interior, não é bailarina.

Eu já morava em Nova York há sete meses, trabalhando, mesmo nos fins de semana até cair na cama morta de cansaço, quando Madame Zolta decidiu que eu deveria ter uma oportunidade de dançar um papel principal com Julian como par. Madame tinha por norma alternar os bailarinos que dançavam os papéis principais, de modo a não haver estrelas ou

astros na companhia; embora ela tivesse insinuado muitas vezes que me queria para dançar o papel de Clara no Quebra-Nozes, eu julgava que se tratava apenas de um engodo, que ela me exibía diante do nariz uma bela fruta que eu jamais teria oportunidade de provar. Então, tornou-se realidade. Nossa companhia de balé competia com outras muito maiores e mais famosas; portanto, foi um absoluto rasgo de gênio por parte de Madame Zolta convencer um produtor de televisão de que as pessoas que não tinham recursos para comprar entradas de balé poderiam ser alcançadas através da TV.

Fiz uma chamada interurbana para Paul a fim de contar-lhe a sensacional novidade.

— Paul, vou aparecer na TV dançando o Quebra-nozes. Serei Clara!

Ele riu, congratulando-me.

— Creio que isso significa que não virá para casa neste verão — comentou, um pouco tristonho. — Carrie sente muita falta de você, Cathy. Só nos fez uma rápida visita desde que partiu.

— Sinto muito. Quero ir, mas preciso aproveitar esta oportunidade de dançar como estrela da companhia, Paul. Faça o favor de explicar a Carrie, a fim de que não se sinta magoada. Ela está em casa?

— Não; afinal, arranjou uma amiga e foi “dormir fora”. Mas telefone outra vez amanhã à noite, a cobrar, e conte-lhe pessoalmente a novidade.

— E Chris como vai? — indaguei.

— Ótimo, ótimo. Só tira notas máximas e se conseguir manter-se assim será admitido num programa acelerado e poderá terminar o quarto ano preparatório cursando simultaneamente o primeiro ano da faculdade de medicina.

— Ao mesmo tempo? — perguntei, maravilhada de que alguém, mesmo que fosse Chris, pudesse mostrar tanta inteligência e progredir tão depressa.

— Claro, é possível.

— E você, Paul? Está bem? Tem trabalhado muito, por tempo demasiado?

— Estou bem de saúde e sim, tenho trabalhado tempo demais, como qualquer médico. E já que você não pode vir para visitar-nos, creio que seria ótimo para Carrie irmos visitar você.

Oh! Era a melhor idéia de que eu tinha notícia havia muitos meses.

— Traga Chris — pedi. — Ele adorará conhecer todas as lindas bailarinas que lhe poderei apresentar. Quanto a você, Paul, acho melhor não olhar para ninguém exceto para mim.

Ele produziu um ruído estranho na garganta antes de dar uma risadinha.

— Não se preocupe, Catherine. Não se passa um único dia sem que eu veja seu rosto diante de mim.

A produção para televisão do Quebra-nozes foi gravada em tape no início de agosto, para exibição na época do Natal. Julian e eu sentamo-nos muito juntos para assistirmos as gravações antes da montagem final do programa. Quando terminou, Julian tomou-me nos braços e, pela primeira vez, disse-me com o tipo de sinceridade em que eu conseguia acreditar:

— Eu a amo, Cathy, Por favor, pare de me levar tão na brincadeira!

Mal descansáramos do Quebra-nozes, Yolly levou um tombo e torceu o tornozelo. April estava visitando os pais. Assim, tive a oportunidade de dançar também A Bela Adormecida! Uma vez que Julian dançara dois papéis principais no especial de TV, tanto Alexis como Michael julgavam que seria sua vez de dançar comigo. Madame Zolta franziu a testa, olhou para Julian e depois para mim.

— Alexis, Michael, prometo-lhes os próximos papéis principais, mas permitam que Julian dance este com Catherine. Os dois juntos possuem uma rara magia que enfeitiça o

público. Quero ver como se saem numa produção realmente luxuosa como *A Bela Adormecida*.

Oh! Os pensamentos que tive deitada imóvel no sofá de veludo vermelho, à espera de que meu amante chegasse para depositar em meus lábios o beijo que me despertaria, fazendo-me reviver. A música linda e gloriosa fazia-me sentir mais real naquele sofá do que quando era eu mesma, sem sangue azul. Senti-me encantada, envolta numa aura de beleza, plácida e graciosamente deitada com os braços cruzados sobre o peito, o coração pulsando ao ritmo da música. Na platéia escura, Paul, Chris, Carrie e Henny assistiam pela primeira vez a um espetáculo de balé em Nova York. Com efeito, eu sentia na medula dos ossos ser a mística princesa medieval. Avistei-o sonhadoramente por entre pálpebras quase cerradas: o meu príncipe. Dançou ao redor de mim e, então, pousou um joelho no chão para fitar-me o rosto com imensa ternura antes de se atrever a depositar um beijo hesitante em meus lábios cerrados. Acordei, tímida, desorientada, piscando, tão virginalmente virtuosa que ele foi obrigado a cortejar-me dançando a minha frente, convidando-me a dançar também. E, no mais apaixonado *pas de deux*, sucumbi-lhe aos encantos; conquistador vitorioso, ele me ergueu bem alto e, sobre a mão espalmada que tão bem conhecia o ponto exato para equilibrar perfeitamente o meu peso, fui carregada para fora do palco.

O último ato chegou ao fim: os aplausos trovejaram e ecoaram pelo teatro, enquanto a cortina subia e descia repetidamente. Julian e eu tivemos que receber sozinhos os aplausos, enquanto o público exigia que a cortina tornasse a abrir-se oito vezes! Montes de rosas vermelhas eram colocadas em meus braços e mais flores eram jogadas no palco. Baixei os olhos e vi uma flor que se destacava entre as outras: um único botão-de-ouro, preso a uma tira de papel dobrada. Abaixei-me para pegá-lo e adivinhei que era de Chris antes mesmo de ter oportunidade de ler o bilhete. Nós éramos os quatro “*botões-de-ouro*” de Papai e ali estava a flor, guardada numa geladeira para não perder o frescor até ser jogada para mim num tributo ao que tínhamos sido.

Olhei cegamente para os rostos indistintos do público, à procura das pessoas que eu amava; mas só consegui ver o sótão escuro e assustadoramente imenso com suas flores de papel e no canto, perto da escada, Chris se postara nas sombras, entre o sofá e o grande baú, o veemente desejo estampado no rosto enquanto me observava dançar interminavelmente. Chorei e o público adorou! Aplaudiram-me de pé. Virei-me para entregar uma rosa vermelha a Julian e, mais uma vez, a ovação estrondosa ecoou pelo teatro. Então, Julian beijou-me! Ousou beijar-me diante de milhares de pessoas e não foi um beijo respeitoso, mas possessivo!

— Maldito seja por isso! — sibilei furiosa, sentindo-me humilhada.

— Maldita seja você por não me querer! — sibilou ele em resposta.

— Não sou sua!

— Mas será!

Minha família veio aos bastidores para afogar-me em elogios. Chris ficara ainda mais alto, mas Carrie continuava praticamente a mesma, talvez um pouquinho mais alta, mas não muito. Beije o rosto redondo e firme de Henny. Só então pude dar atenção a Paul. Nossos olhares se encontraram prolongadamente. Ainda me amava, desejava, precisava de mim? Paul não respondera minha última carta. Magoando-me com facilidade, eu escrevera apenas a Carrie, para falar dos próximos espetáculos e só então Paul telefonara informando que traria minha família a Nova York.

Após o espetáculo, houve a recepção que nos ofereciam os ricos patrocinadores cultivados por Madame Zolta.

— Usem as roupas de balé — instruíra Madame. — Os aficionados ficarão eletrizados ao verem os bailarinos de perto, com as roupas que usaram no palco. Não se esqueçam de retirar a maquilagem de palco e usar o que costumam aplicar todos os dias para ficarem

sensacionais. Não deixem o público perceber por um só instante que vocês não são belos e encantadores!

Havia música e Chris me tomou nos braços para uma valsa, a dança que eu lhe ensinara havia tantos anos.

— Você continua a dançar assim? — reprovei.

Ele exibiu um sorriso modesto.

— Nada posso fazer se você ficou com todo o talento para dançar e eu fiquei com toda a inteligência da família.

— Comentários desse tipo talvez me levem a pensar que você não tem cérebro.

Ele tornou a rir e puxou-me para mais perto de si.

— Além disso, não preciso dançar e fazer pose para conquistar as garotas. Veja só a sua amiguinha Yolanda. É bem bonita e não tirou os olhos de mim a noite inteira.

— Ela olha para todos os rapazes bonitos. Portanto, não se sinta tão lisonjeado. Se você quiser, Yolanda lhe fará companhia na cama esta noite. E amanhã dormirá com outro.

— Você também é como ela? — retrucou ele, apertando as pálpebras.

Sorri maliciosamente para Chris, pensando com meus botões que eu não era igual a Yolanda, mas igual a Mamãe: suave, fria, sabendo lidar com os homens; pelo menos, eu estava aprendendo. A fim de provar isto, pisquei para Paul, desejando verificar se ele viria interromper nossa valsa. Paul ergueu-se de imediato, atravessando graciosamente a pista de danças para tirar-me dos braços de Chris. Os lábios de meu irmão se apertaram e ele foi direto de mim para Yolanda. Em poucos minutos, sumiram do salão.

— Depois de dançar com Julian, você deve achar que tenho pés de chumbo — disse Paul, que dançava melhor que Chris.

Mesmo quando a música mudou para um ritmo mais rápido, com uma marcação afro-cubana, Paul acompanhou-a com facilidade, surpreendendo-me ao mostrar-se capaz de abandonar sua dignidade e sacudir-se com o mesmo abandono de um rapaz de ginásio.

— Você é maravilhoso, Paul!

Ele riu, respondendo que eu o fazia sentir-se jovem outra vez. Era tão divertido vê-lo assim, relaxado, que exagerei um pouco em minha dança. Carrie e Henny pareciam cansadas e deslocadas.

— Estou com sono — queixou-se Carrie, esfregando os olhos. — Não podemos ir dormir agora?

Era meia-noite quando deixamos Carrie e Henny no hotel. Depois, Paul e eu sentamo-nos num tranqüilo café italiano e nos fitamos. Ele ainda usava bigode, não aparado, de almofadinha, mas um espesso escovão acima dos lábios sensuais. Ganhara alguns quilos, mas isso não lhe diminuía a boa aparência e atração pessoal. Estendeu as mãos sobre a mesa para pegar as minhas e levá-las ao rosto até poder roçá-las na pele. Enquanto o fazia, seus olhos interrogavam-me com veemência, levando-me a perguntar:

— Encontrou outra pessoa, Paul?

— E você?

— Perguntei primeiro.

— Não estou procurando ninguém.

Foi uma resposta que me acelerou o coração, pois estávamos separados há muito tempo e eu o amava muito. Ele pagou a conta, segurou meu casaco para mim e, depois, eu segurei o dele. Nossos olhares se encontraram e saímos quase correndo do restaurante para o hotel mais próximo, onde ele nos registrou como Sr. e Sra. Paul Sheffield. Num quarto pintado de vermelho escuro, Paul despiu-me com sedutora lentidão e fiquei pronta antes mesmo que ele se ajoelhasse para beijar-me o corpo todo. Então, ele me abraçou com força, acariciando-me, adorando-me, beijando-me, causando-me prazer, até que voltamos a unir-nos

num só corpo e alma. Quando nos exaurimos, Paul traçou com o dedo o contorno de meus lábios, olhando-me com grande ternura.

— Catherine, agi com seriedade quando escrevi aquilo no registro do hotel — declarou, beijando-me suavemente.

Esubugalhei os olhos, incrédula.

— Não zombe de mim, Paul.

— Não estou zombando, Catherine. Quase morri de saudades desde que você partiu. Compreendi que fui um tolo ao negar a nós dois a oportunidade de encontrarmos a felicidade. A vida é curta demais para admitir tantas dúvidas. Agora você está encontrando o sucesso em Nova York; desejo compartilhar tudo com você. Não quero agir às escondidas de Chris, não quero ser obrigado a preocupar-me com as mexeriqueiras do interior. Quero estar com você, desejo-a para sempre, quero que seja minha esposa.

— Oh! Paul! — exclamei, abraçando-lhe o pescoço. — Eu o amarei para sempre, juro!

Meus olhos se encheram de lágrimas com o alívio de ele, afinal, ter-me pedido em casamento.

— Serei para você a melhor esposa que um homem já teve!

Falava com sinceridade.

Não dormimos naquela noite. Permanecemos acordados, planejando como viveríamos depois de casados. Eu permaneceria na companhia de balé e daríamos um jeito de conciliar tudo. A única sombra que toldava nossa alegria era Chris. Como contaríamos a ele? Resolvemos esperar até o Natal, quando eu iria a Clairmont. Até então, eu manteria minha felicidade em segredo, ocultando-a do mundo, de modo que ninguém desconfiasse de que eu iria tornar-me em breve a Sra. Paul Scott Sheffield.

Uma oportunidade para lutar

Aquele foi o outono de minha felicidade, de meu estrondoso sucesso, de meu amor por Paul. Eu julgava ter o destino inteiramente sob controle; desafiava-o a deter-me, pois estava livre e seguindo firme o meu rumo. Agora, quase no topo. Nada mais tinha a temer, absolutamente nada. Mal podia esperar para berrar aos quatro ventos a notícia de meu noivado com Paul.

Entretanto, protegia furtivamente meu segredo. Nada revelei a ninguém, nem mesmo a Julian ou a Madame Zolta, pois havia muito em jogo e eu precisava aguardar a hora exata, certificando-me de que tudo continuaria a correr como eu desejava. No momento, eu ainda precisava de Julian para meu par, tanto quanto ele precisava de mim. Por outro lado, precisava contar com a total confiança de Madame Zolta. Se descobrisse que eu tencionava casar-me, algo que ela certamente não aprovava, Madame talvez não me desse todos os papéis principais, talvez considerando-me um caso perdido com o qual não valia a pena gastar seu tempo. Além disso, eu ainda precisava ficar famosa, precisava mostrar a Mamãe o quanto eu era melhor que ela.

Agora que Julian e eu já íamos ficando conhecidos da crítica e do público, Madame Zolta passou a pagar-nos melhores salários. Um sábado de manhã, Julian correu para agarrar-me, terrivelmente excitado, girando-me até meus pés descreverem um círculo no ar.

— Adivinhe uma coisa, Cathy! A velha bruxa me disse que eu poderia comprar seu Cadillac a prestação! O carro só tem dois anos e meio de uso, Cathy! — Julian assumiu um ar sonhador. — Naturalmente, sempre esperei que meu primeiro Cadillac fosse zero quilômetro, mas quando uma determinada professora de balé morre de medo de que um de seus bailarinos possa ingressar noutra companhia de danças e levar consigo a melhor bailarina do grupo, como pode negar-se a ceder seu próprio Cadillac?

— Chantagem! — exclamei.

Julian riu, tomou-me a mão e corremos para ver o carro estacionado em frente ao prédio de apartamentos onde morávamos. Prendi a respiração: o carro parecia tão novo!

— Oh! Julian, adorei! Seria impossível chantageá-la se ela não quisesse entregar a você uma de suas mascotes prediletas. Ela sabe que você mimará o carro e nunca o venderá.

— Oh! Cathy! — os olhos de Julian brilhavam com lágrimas que eu nunca vira neles. — Será que não entende por que eu a amo tanto? Somos iguais; por que não consegue me amar só um pouquinho?

Num gesto orgulhoso, abriu a porta para conceder-me o raro privilégio de ser a primeira garota a andar em seu Cadillac novo.

Dali em diante, tivemos um dia selvagem e louco. Atravessamos o Central Park e percorremos todo o trajeto através do Harlem até a Ponte George Washington, de onde voltamos. Chovia, mas não me importei. O interior do carro era aquecido e acolhedor.

Então, Julian recomeçou:

— Cathy... você nunca vai me amar, vai?

Era uma pergunta que ele me fazia ao menos uma ou duas vezes por dia sob uma ou outra forma. Tive vontade de contar-lhe a respeito de meu noivado com Paul, a fim de terminar de uma vez por todas com aquelas perguntas. Mas guardei fielmente meu segredo.

— É por ser virgem, não é? Prometo ser muito cuidadoso e delicado, Cathy... dê-me uma oportunidade, por favor!

— Por Deus, Julian! Só consigo ter isso na cabeça?

— Sim! — rosnou ele. — Pode ter certeza de que sim! E já estou cansado desse joguinho que você vem fazendo comigo! — disse ele, entrando com o carro num intenso fluxo de tráfego. — Você é uma tentadora; flerta comigo enquanto dançamos e depois chuta-me o saco!

— Leve-me para casa, Julian! Este tipo de conversa me causa nojo!

— Está bem! Pode apostar que vou levá-la para casa! — esbravejou, enquanto eu me encolhia contra a porta direita, que Julian trancara.

Lançando-me um olhar feroz e contrariado, pisou fundo no acelerador! Percorremos velozmente as ruas estreitas e escorregadias de chuva e, a freqüentes intervalos, Julian olhava para mim a fim de dar-me a perceber o prazer que lhe causava a aterradora viagem! Riu alto, violento, e freou tão depressa que fui atirada para diante, batendo com a testa no pára-brisas! Em seguida, Julian arrancou-me a bolsa do colo, debruçou-se para destrancar a minha porta e empurrou-me para a chuva torrencial!

— Vá para o inferno, Catherine Dahl! — berrou enquanto permaneci imóvel sob a chuva, negando-me a implorar. Os bolsos do meu casaco estavam vazios. Eu não tinha dinheiro. — Deu o seu primeiro e último passeio em meu carro! Espero que conheça o caminho de volta para casa!

Fez-me continência, com um sorriso maldoso.

— Vá para casa como puder, santa puritana, se conseguir!

Partiu com o carro, deixando-me sob a chuva numa esquina do Brooklin, onde eu nunca estivera antes. Eu não tinha um centavo. Nem mesmo poderia telefonar, ou tomar o metrô. A chuva caía com força. Meu casaco leve estava ensopado. Eu sabia estar num bairro perigoso, onde tudo poderia acontecer... e Julian me deixara ali; ele, que prometera cuidar bem de mim! Comecei a andar, sem ter idéia de onde ficavam norte ou sul, leste ou oeste. Quando avistei um táxi que passava vazio, fiz-lhe sinal. Debrucei-me nervosamente no banco para observar o taxímetro marcar os quilômetros e os dólares. Maldito seja, Julian, por me deixar tão longe! Finalmente, chegamos ao prédio de apartamentos, ao preço de quinze dólares!

— Quer dizer que não tem dinheiro? — explodiu o motorista. — Vou levar você direto para a delegacia!

Discutimos por longo tempo, enquanto eu tentava explicar que ele não poderia receber o dinheiro se não me deixasse saltar para pegá-lo em casa. Enquanto isso, o taxímetro continuava a funcionar. Afinal, o motorista concordou:

— Está certo, garota. Mas é melhor você voltar em cinco minutos, do contrário...!

Uma raposa perseguida por uma matilha de cem cães não teria corrido mais que eu. O elevador demorou-se uma eternidade, rangendo durante todo o trajeto. Sempre que entrava naquela peça de museu, eu tinha medo de ficar presa entre dois andares. Por fim, a porta do elevador se abriu e saí correndo pelo corredor para esmurrar nossa porta, rezando para que April ou Yolanda lá estivessem para abrir. O louco Julian tomara-me a bolsa com a chave dentro!

— Calma! — berrou Yolanda. — Já vou abrir. Quem é?

— Cathy! Deixe-me entrar depressa! O motorista está esperando com o taxímetro ligado!

— Se pensa que vai me dar uma facada, pode esquecer! — replicou ela, abrindo a porta. Usava apenas calcinhas de nylon e trazia o cabelo recém-lavado enrolado numa toalha vermelha. — Você parece algo devolvido pelo mar — comentou animadamente.

Eu nunca dava muita importância a Yolanda. Empurrei-a para o lado e corri ao local onde escondia o dinheiro que economizava. Então, desanimei. A chavinha de minha pequena arca do tesouro estava na bolsa que ficara em poder de Julian, caso este não a tivesse jogado fora.

— Por favor, Yolly, empreste-me quinze dólares para a corrida e um para gorjeta.

Yolanda fitou-me astuciosamente enquanto retirava a toalha vermelha e começava a escovar os cabelos.

— O que tem você para dar em troca de pequenos favores como este?

— Dar-lhe-ei o que você quiser. Empréstimo-me o dinheiro.

— Está bem... mas não se esqueça de cumprir a promessa — disse ela, retirando lentamente uma nota de vinte dólares de uma carteira bem recheada. — Dê cinco pratas de gorjeta ao motorista; isso servirá para acalmá-lo. E fica me devendo o que eu quiser... certo?

Concordei e tornei a sair correndo.

Tão logo segurou os vinte dólares, o motorista começou a sorrir, levando os dedos à pala do boné num gesto amistoso.

— Até à vista, garota.

Desejei que ele caísse morto! Sentia tanto frio, que a primeira coisa que fiz ao voltar para casa foi encher a banheira de água quente, tendo antes o cuidado de lavar a orla de espuma suja deixada pelo banho de Yolly.

Meus cabelos ainda estavam úmidos quando me vesti com a intenção de procurar Julian e exigir a devolução de minha bolsa. Mas Yolly barrou-me a passagem.

— Vamos, Cathy... quero que cumpra sua parte do trato. Fará o que eu quiser, não é mesmo?

— Certo — respondi, repugnada. — O que deseja?

Ela sorriu, recostando-se provocadoramente numa parede.

— Seu irmão... quero que você o convide para passar conosco o próximo fim-de-semana.

— Não seja ridícula! Chris está na universidade. Não pode vir aqui quando lhe der na cabeça.

— Trate de trazê-lo aqui de qualquer maneira. Diga que está doente, que necessita desesperadamente dele, mas traga-o aqui! Então, poderá ficar com os vinte dólares!

Parei para encará-la com hostilidade.

— Não! Tenho dinheiro para pagar-lhe o empréstimo... Não permitirei que Chris se envolva com garotas da sua espécie!

Ainda usando apenas as calcinhas de nylon, ela aplicou batom nos lábios sem usar um espelho.

— Cathy, meu amor, seu querido e precioso irmão já está envolvido com garotas da minha espécie.

— Não acredito! Você não é o tipo dele!

— Nãããooo — ronronou ela como uma gata, apertando as pálpebras para observar-me terminar de vestir-me. — Pois deixe que eu lhe diga uma coisa, carinha de boneca: não existe um sujeito neste mundo que não caia pelo meu tipo. Incluindo o seu querido irmão e o seu amante Julian!

— É mentira! — gritei. — Chris não tocaria em você com uma vara de três metros! Quanto a Julian, pouco me importa que durma com dez prostitutas como você!

De repente, o rosto de Yolly ficou muito rubro; ela ficou rígida e, em seguida, avançou contra mim com as mãos erguidas e os dedos transformados em garras com longas unhas vermelhas!

— Puta! — rosnou. — Não se atreva a me chamar de prostituta! Não recebo pagamento em troca do que dou porque quero, e seu irmão gosta do que eu dou! Pergunte a ele quantas vezes...

— Cale-se! — berrei, impedindo que ela terminasse. — Não acredito numa só palavra do que você diz! Chris é esperto demais para fazer outra coisa exceto usar você para satisfazer-lhe as necessidades físicas... Tirando isso, você não passaria de lixo para ele!

Yolly me agarrou e eu a esmurrei com força suficiente para atirá-la ao chão.

— Você não passa de uma vagabunda mesquinha e barata. Yolanda Lange! — gritei furiosa. — Não serve nem como capacho para meu irmão limpar os sapatos! Vai para a cama com todos os bailarinos da companhia! Não me importa o que você faça... trate apenas de deixar-me em paz! E deixe meu irmão em paz!

O nariz de Yolly sangrava... Oh! eu não sabia que batera com tanta força... seu nariz já começava a inchar, também. Levantou-se rapidamente, mas, por algum motivo, recuou para longe de mim.

— Ninguém fala assim comigo sem receber troco... Vai arrepender-se, vai lamentar este dia, Catherine Dahl! Pegarei seu irmão! E ainda mais: tomarei Julian de você, também! E quando ele for meu, você descobrirá que sem ele não é nada! Não passa de uma bailarina caipira que Madame Zolta poria no olho da rua se Julian não insistisse em conservá-la porque é tarado por virgens!

Tudo que ela gritou bem poderia ser verdade. Talvez tivesse razão e sem Julian eu nada fosse de especial. Senti-me enjoada e a odiei, odiei-a por macular Chris e a imagem que eu fazia dele. Comecei a guardar minhas roupas nas malas, resolvida a regressar a Clairmont antes de viver mais uma hora perto de Yolanda!

— Vá em frente! — sibilou ela com os dentes trincados. — Fuja, garotinha pudica!... Como é idiota! Não sou uma prostituta! Simplesmente, não sou uma provocadora como você e, entre as duas, eu escolheria a minha espécie!

Sem dar importância ao que ela dizia, terminei de arrumar minhas coisas e fechei as correias de minhas três malas, passando um cinto pelas alças a fim de poder arrastá-las para o corredor. Levei sob o braço uma sacola de couro macio, cheia até a boca. Parei junto à porta a fim de olhar para Yolanda, que se estendera na cama como uma grande gata.

— Você me causa realmente muito medo, Yolanda. Estou tão amedrontada que chego a ter vontade de rir. Já encarei gente maior e melhor que você e continuo viva... portanto, não se atreva a chegar novamente perto de mim, ou será você quem se arrependerá deste dia!

Pouco depois de fechar a porta com força, cheguei ao andar onde morava Julian. Arrastando minhas malas atadas umas às outras, esmurrei a porta do apartamento de Julian com ambos os punhos!

— Julian! — chamei. — Se estiver aí, abra a porta e devolva minha bolsa! Abra essa porta ou nunca mais dançará comigo!

Ele abriu bem depressa, usando apenas uma toalha de banho enrolada nos quadris estreitos. Antes que eu me desse conta do que acontecia, puxou-me para dentro do quarto e atirou-me sobre a cama. Olhei freneticamente em volta, esperando ver Alexis ou Michael, mas, para minha infelicidade, Julian estava sozinho no apartamento.

— Claro! — bradou ele. — Pode levar de volta sua maldita bolsa depois que responder a algumas perguntas!

Dei um salto, levantando-me da cama, mas Julian tornou a empurrar-me para trás e, desta feita, ajoelhou-se sobre mim, cavalcando meu corpo e impedindo-me de escapar!

— Solte-me, animal! — berrei. — Andei seis quarteirões na chuva e quase morri gelada... Agora, quer me deixar levantar e devolver minha bolsa?

— Por que não consegue me amar? — redargüiu ele, segurando-me com ambas as mãos quando tentei libertar-me. — Por estar apaixonada por outro? Quem é ele? Aquele médico grandalhão que acolheu vocês, não é?

Sacudi a cabeça, com um medo terrível de Julian. Não podia contar a verdade. E Julian parecia quase enlouquecido de ciúmes. O cabelo ainda molhado do banho que ele acabara de tomar respingava água sobre mim.

— Cathy, já aturei de você tudo o que é possível! Conhecemo-nos há quase três anos e não consegui qualquer progresso com você. Não posso estar errado, portanto, tem que ser você! Quem é o outro?

— Ninguém! — menti. — E você não serve para mim! A única coisa de que gosto em você, Julian Marquet, é sua maneira de dançar!

O sangue lhe subiu ao rosto.

— Julga que sou cego e estúpido, não é? — perguntou, tão furioso que parecia prestes a explodir. — Mas não sou cego, nem estúpido, e percebi o modo como você olha para aquele médico e Deus me perdoe se não a vi olhar da mesma forma para seu irmão! Portanto, não me venha bancar a moralista imaculada, Catherine Dahl, pois nunca em minha vida vi um irmão e uma irmã tão fascinados um pelo outro!

Esbofetei-o! Ele revidou com o dobro da força! Tentei lutar contra ele, mas Julian parecia uma enguia ao arrastar-me para o chão, onde eu temia que ele em breve me rasgasse as roupas e me estuprasse, mas não o fez. Limitou-se a prender-me sob seu corpo e respirar com força até recobrar parte do controle sobre suas emoções tumultuadas. Só então ele falou.

— Você é minha, Catherine, quer saiba ou não... pertence a mim! E se algum homem se interpuser entre nós, eu o matarei e matarei você também! Portanto, trate de lembrar-se bem disto antes de olhar para qualquer outro homem que não seja eu!

Em seguida, entregou-me a bolsa e mandou-me contar o dinheiro para verificar que ele não me roubara um centavo. Eu tinha quarenta e dois dólares e sessenta e oito centavos e tudo estava na bolsa. Levantei-me com as pernas trêmulas, quando Julian me permitiu, e, tremendo da cabeça aos pés, recuei para a porta, abri-a e saí para o corredor, agarrando a bolsa. Só então atrevi-me a dizer o que pensava:

— Existem instituições especiais para loucos como você, Julian! Não pode dizer a quem devo amar, nem obrigar-me a amá-lo. Se você tivesse a intenção definida de tornar-se repugnante para mim, não poderia ter imaginado um meio melhor que este. Agora, não consigo nem mesmo gostar de você: e quanto a dançarmos juntos novamente, trate de esquecer!

Bati-lhe a porta na cara e afastei-me depressa. Todavia, quando cheguei ao elevador, ele tornou a abrir a porta, pronunciando pragas tão terríveis que não posso repeti-las aqui. Concluiu dizendo:

— Maldita seja, Catherine!... eu já disse isto antes e vou dizer novamente... e você pedirá a Deus para estar no inferno antes de ver-se livre de mim!

Depois daquela cena terrível com Yolanda e, em seguida, com Julian, procurei Madame Zolta e lhe disse que simplesmente não poderia continuar morando no mesmo apartamento que uma garota decidida a destruir-me a carreira.

— Ela tem medo de você, Catherine; nada mais que isso. Yolanda era a *superstar* de minha pequena companhia de balé antes de você chegar. Agora sente-se ameaçada. Faça as pazes com ela... Seja boazinha; vá procurá-la e dizer-lhe que se arrepende do que houve.

— Não, Madame. Não gosto dela e recuso-me a morar no mesmo apartamento. Portanto, se a senhora não me der mais dinheiro, terei que procurar outra companhia e ver se consigo um salário melhor; se não conseguir terei que voltar para Clairmont.

Ela gemeu, ocultou a cabeça mumificada nas mãos esqueléticas e gemeu ainda mais. Oh! Como os russos expressam grandiosamente as emoções!

— Está certo. Você faz chantagem comigo e eu aceito. Dar-lhe-ei um pequeno aumento de salário e lhe indicarei onde encontrar um apartamento barato, mas não será tão bom quanto o que você ocupava.

Ah! Aquilo era bom? Mas Madame tinha razão. O único apartamento que consegui encontrar caberia, inteiro, no menor quarto da casa de Paul. Mas era só meu... o primeiro lugar que eu tinha exclusivamente para mim, e passei alguns dias dominada pelo entusiasmo de arrumá-lo da melhor maneira possível. Então, comecei realmente a dormir mal, acordando a freqüentes intervalos para escutar os sons produzidos pelo velho prédio. Tinha saudades de Paul. Sentia falta de Chris. Escutava o vento soprar e não dispunha de alguém numa cama ao lado da minha para reconfortar-me com palavras carinhosas e faiscantes olhos azuis.

Tinha diante de mim os olhos azuis de Chris quando me levantei da cama e me sentei à mesa da pequena cozinha para escrever um bilhete à “Sra. Winslow”. Eu lhe enviara a primeira crítica entusiástica publicada pelos jornais de Nova York, com uma foto sensacional de Julian e eu dançando A Bela Adormecida. No fim da carta, acrescentara:

“Agora, não tardará, Sra. Winslow. Lembre-se todas as noites, antes de adormecer. Lembre-se de que ainda estou viva em algum lugar, pensando em você e fazendo planos.”

Colocara a carta na caixa do correio em plena noite, antes de ter uma oportunidade para reconsiderar e rasgá-la. Voltei para casa correndo, joguei-me na cama e soluzei. Oh! Deus! Eu jamais me libertaria! Nunca! E a despeito de todas as minhas lágrimas, tornei a acordar durante a noite, imaginando um modo de magoá-la de tal modo que ela nunca mais voltasse a ser a mesma. Aproveite enquanto pode, Mamãe, pois não tardará!

Comprei seis exemplares de cada jornal que fazia referência a mim. Infelizmente, na maioria das vezes meu nome estava ligado ao de Julian. Enviei cópias das críticas a Paul e Chris. As outras, eu guardava para mim, ou para Mamãe. Imaginei sua expressão ao abrir a carta, embora temesse que ela apenas jogasse tudo no lixo, depois de rasgar o envelope fechado, sem ler o conteúdo. Em ocasião nenhuma chamei-a de Mãe ou de Mamãe, mantendo sempre as saudações frias e formais. Chegaria o dia em que nos encontraríamos cara a cara; então, eu a chamaria de Mamãe, vendo-a empalidecer e, depois, estremecer.

Certa manhã, fui acordada por alguém batendo à porta.

— Cathy! Deixe-me entrar! Tenho novidades sensacionais!

Era a voz de Julian.

— Vá embora! — repliquei, sonolenta, levantando-me e vestindo um roupão antes de tropeçar na direção da porta para fazê-lo parar de bater. — Pare com isso! — gritei. — Não o perdoei! Nunca perdorei! Trate de se afastar da minha vida!

— Deixe-me entrar, ou arrombo a porta! — berrou ele.

Abri os trincos e entreabri a porta. Julian entrou como um furacão, erguendo-me nos braços e plantando-me na boca um beijo prolongado e quente enquanto eu ainda bocejava.

— Madame Zolta... ontem, depois que você saiu, ela anunciou a novidade! Vamos fazer uma *tournee* em Londres! Duas semanas em Londres! Nunca estive lá, Cathy. E Madame está encantada por terem tomado conhecimento de nossa existência em Londres!

— É mesmo? — perguntei, contaminando-me com seu entusiasmo.

Então cambaleei para a cozinha... Café... precisava tomar café antes de poder raciocinar direito.

— Meu Deus! Fica sempre tão desorientada de manhã cedo? — indagou ele, acompanhando-me à cozinha, onde montou às avessas numa cadeira, apoiando os cotovelos no encosto para observar-me todos os movimentos.

— Acorde, Cathy! Perdoe-me, beije-me, volte a ser minha amiga! Odeie-me o quanto quiser amanhã, mas, hoje, trate de me amar, pois nasci hoje. Você também. Cathy, vamos chegar ao topo! Sei que vamos! A companhia de balé de Madame Zolta nunca foi notada antes de formarmos um par! O sucesso não é dela, é nosso!

Julian merecia ser condecorado por tanta modéstia.

— Já tomou café da manhã? — indaguei, esperando que sim.

Restavam-me apenas duas fatias de toucinho e eu queria ambas para mim.

— Claro que sim; mastiguei algo antes de vir para cá. Mas posso comer de novo.

Naturalmente ele podia comer de novo! Sempre era capaz de comer mais alguma coisa. Então, dei-me conta: Londres! Nossa companhia ia a Londres! Girei nos calcanhares, chorando.

— Julian, você disse... estava falando sério? Vamos para lá todos nós?

Ele se ergueu de um salto.

— Sim, todos nós! É uma grande chance, nossa oportunidade de chegar ao topo! Faremos o mundo tomar conhecimento de nós! E você e eu seremos os astros! Juntos, somos os melhores, você sabe tão bem quanto eu!

Dividi com Julian minha refeição matinal e escutei-o recitar uma rapsódia sobre a longa e fantástica carreira que tínhamos pela frente. Ficaríamos ricos e, quando fôssemos mais velhos, lançaríamos raízes, teríamos filhos e abriríamos uma academia de balé; eu gostaria disso, não? Detestei estragar-lhe os planos, mas fui obrigada a dizer:

— Julian, eu não o amo; portanto, jamais poderemos casar-nos. Iremos a Londres, dançaremos juntos e darei o melhor de mim mesma, mas tenciono casar-me com outro. Já estou noiva. Há muito tempo.

Seu prolongado e violento olhar de descrença e puro ódio desferiu-me uma série de bofetadas imaginárias no rosto.

— É mentira! — gritou ele.

Sacudi a cabeça, negando.

— Maldita seja por me enganar! — esbravejou Julian, girando nos calcanhares e saindo do meu apartamento.

Eu jamais o enganara, exceto quando dançávamos juntos e cabia-me fingir um papel... Isto era tudo o que existia entre nós.

Sonhos de inverno

Eu passaria o Natal em casa. Os desagradáveis incidentes com Julian ficariam esquecidos na alegre expectativa de encontrar-me com Paul e dar-lhe as boas novas. Graças a Deus, eu tinha Paul para me proteger e ouvir-me as confidências. E não permitiria que Julian estragasse o prazer daquele Natal, pois, desta vez, Paul e eu tínhamos concordado em anunciar publicamente nosso noivado e, agora, a única pessoa que poderia arruinar-me a felicidade era Chris. Às duas da manhã, Paul e Chris foram buscar-me no aeroporto. Fazia um

frio de doer, mesmo na Carolina do Sul. Chris alcançou-me primeiro para me abraçar com força e tentar beijar-me nos lábios, mas virei o rosto e o beijo me acertou a bochecha.

— Salve a bailarina conquistadora! — exclamou meu irmão, abraçando-me com força e olhando-me com grande orgulho. — Oh! Cathy, você está tão linda! Cada vez que a vejo, meu coração chega a doer!

O meu coração também doía por vê-lo ainda mais bonitão que Papai. Virei-me depressa noutra direção. Livrei-me dos braços de meu irmão e corri para Paul, que nos observava a alguma distância. Estendeu a mão para pegar as minhas. Muito cuidado, advertiu-me seu demorado olhar, não devemos permitir que a novidade escape antes da hora.

Foi o melhor Natal que passamos, do princípio ao fim, ou quase até o fim. Carrie crescera um centímetro e meio e deu-me gosto vê-la sentada no chão da sala na manhã de Natal, os grandes olhos azuis brilhando de felicidade enquanto ela não parava de exclamar a respeito do vestido de veludo vermelho que eu lhe comprara, encontrando-o finalmente, após horas a fio percorrendo quase todas as lojas de Nova York. Quando experimentou o vestido, Carrie ficou parecendo uma pequena e radiante princesa. Tentei imaginar Cory, também sentado de pernas cruzadas no chão, examinando seus presentes. Era-me impossível afastar a lembrança dele em qualquer ocasião feliz. Oh! Quantas vezes eu avistava nas ruas de Nova York um menino de cachos louros e olhos azuis e saía correndo no seu encalço, esperando que, por algum milagre, fosse Cory, mas nunca era! Nunca!

Chris colocou-me nas mãos uma pequena caixa, dentro da qual estava um pequeno relicário de ouro com formato de coração, tendo no centro da tampa um brilhante verdadeiro, pequeno, mas genuíno.

— Comprado com o dinheiro ganho com o meu suor — anunciou ele, prendendo-me o cordão de ouro ao pescoço. — Servir mesas rende boas gorjetas quando a gente trabalha bem e sempre sorrindo.

Então, num gesto furtivo, escorregou-me na mão um bilhete dobrado. Uma hora depois, na primeira oportunidade, li o bilhete que me fez chorar:

*À minha Lady Catherine,
Dou-lhe ouro com um brilhante que você quase não vê,
Mas seria grande como um castelo se expressasse o que sinto por você.
Dou-lhe ouro porque é perene
E também dou-lhe amor eterno como o mar.
Apenas seu irmão,
Chris.*

Eu ainda não lera aquele bilhete quando Paul me entregara seu presente, embrulhado em papel metálico dourado e amarrado com um enorme laço de cetim vermelho. Minhas mãos trêmulas lutaram para abrir as várias camadas de tecido, enquanto Paul observava em grande expectativa. Um casaco de raposa prateada!

— O tipo de agasalho que você realmente necessita para os invernos de Nova York — disse Paul, os olhos brilhando com todo o carinho e amor que ele sentia por mim.

— É demais! — protestei, engasgada. — Mas adorei, simplesmente adorei!

Ele sorriu; era tão fácil fazê-lo feliz.

— É essencial que se recorde de mim toda vez que o usar, pois também ficará agasalhada naquele clima frio e úmido de Londres.

Repliquei que se tratava do casaco mais bonito que eu já vira, embora me sentisse nervosa. A pele me trazia a lembrança de Mamãe e de seu armário abarrotado de agasalhos de pele, que ela ganhara apenas porque tivera a inominável crueldade de manter-nos trancados

para poder herdar uma grande fortuna, agasalhos de pele, jóias e tudo o mais que o dinheiro podia comprar.

Chris virou vivamente a cabeça, a fim de captar-me no rosto algo que deve ter revelado meu amor por Paul. A testa de meu irmão se franziu tempestuosamente antes que ele lançasse um rápido olhar a Paul. Então levantou-se e saiu da sala. Em algum lugar lá em cima uma porta bateu com violência. Paul simulou não perceber.

— Veja ali no canto, Catherine: um presente para todos nós aproveitarmos.

Olhei para o enorme aparelho de TV. Carrie ergueu-se de um salto e foi ligá-lo.

— Ele o comprou só para podermos ver você dançar o Quebra-nozes em cores, Cathy. Agora, nem permite que eu chegue perto do aparelho.

— Só porque é difícil ligá-lo corretamente — desculpou-se Paul.

Durante o resto do Dia de Natal, mal avistei Chris, exceto às refeições. Ele usava o suéter azul-brilhante que eu lhe tricotara (e servira como uma luva) trazendo por baixo a camisa e a gravata que eu também lhe dera. Contudo, nenhum dos presentes dados a ele por mim podia comparar-se ao pequeno relicário ouro e brilhante, com o pequeno poema que me fizera sangrar o coração. Detestei o fato de Chris continuar gostando tanto de mim e, não obstante, quando pensei melhor, detestaria ainda mais se ele não gostasse.

Naquela noite, acomodamo-nos confortavelmente diante da nova televisão em cores. Enrosquei-me no chão, junto à perna de Paul, que ocupava uma poltrona. Carrie sentou-se perto de mim. Chris escolheu um lugar afastado, mergulhando num sombrio estado de espírito que o levava ainda mais longe que os poucos passos que nos separavam fisicamente. Portanto, eu não me sentia tão feliz quanto desejava ao ver os créditos do programa aparecerem na tela colorida. Um tape gravado em agosto, só agora seria visto em centenas de cidades através do país. Como ficavam bonitos os cenários na TV em cores; na realidade, não me tinham parecido tão etéreos. Olhei para mim mesma no papel de Clara. Tinha realmente aquela aparência? Esquecendo-me de tudo, recostei-me na perna de Paul e senti-lhe os dedos acariciarem-me os cabelos. A partir de então, perdi a noção de onde estava, vi-me no palco, com Julian transformado de um feio quebra-nozes num lindo príncipe.

Quando o programa terminou, voltei à realidade e meu primeiro pensamento foi minha mãe. Deus permita que ela esteja em casa esta noite e tenha visto. Permita que ela saiba o que tentou matar! Permita que sofra, chore, tenha remorsos... por favor! por favor!

— O que posso dizer, Cathy? — comentou Paul, espantado. — Nenhuma bailarina poderia dançar essa peça melhor que você. E Julian também esteve soberbo.

— Sim — disse Chris friamente, levantando-se para vir pegar Carrie no colo. — Foram ambos sensacionais — mas, certamente, não foi o espetáculo infantil que me lembro de ter visto quando era criança. Vocês dois apresentaram um romance. Francamente, Cathy, acho melhor você desligar aquele cara, depressa!

Com essas palavras, meu irmão saiu da sala e subiu para colocar Carrie na cama.

— Creio que seu irmão está desconfiado — comentou Paul tranqüilamente. — Não apenas a respeito de Julian, mas de mim também. Tratou-me o dia inteiro como a um rival, Não ficará satisfeito ao escutar nossa novidade.

Como tanta gente, preferi adiar o que era desagradável e sugeri que só contássemos a Chris no dia seguinte. Então, quando me aninhei no colo de Paul, abraçamo-nos e trocamos todos os beijos apaixonados que vínhamos guardando até aquele momento. Eu chegava a doer de saudades dele. Após apagarmos todas as luzes da casa, subimos furtivamente ao segundo andar e, com o zelo gerado pela privação, fizemos amor na cama dele. Depois dormimos e tornamos a acordar mais tarde, para repetirmos a dose. Ao amanhecer, dei um último beijo em Paul e vesti um roupão a fim de esgueirar-me até meu quarto. Para minha total surpresa, mal saí do quarto de Paul, Chris abriu a porta do seu e veio para o corredor! Estacou bruscamente, olhando-me com espanto e mágoa, enquanto eu recuava, encolhida, tão envergonhada que

tinha vontade de chorar! Nenhum de nós dois disse uma só palavra. Chris foi o primeiro a desviar os olhos e quebrar aquele choque de olhares gelados que nos imobilizava também os membros. Correu na direção da escada, mas, a meio caminho, parou para voltar-se e dirigir-me um olhar carregado de ultraje e repulsa. Eu quis morrer!

Fui espiar Carrie, que dormia profundamente, abraçada ao seu novo vestido de veludo vermelho. Depois estendi-me em minha cama tentando imaginar o que deveria dizer a Chris para consertar novamente as coisas entre nós. Por que sentia, em meu coração, que o estava traindo? Por quê?

O dia seguinte ao Natal foi dedicado a trocar os presentes de que não havíamos gostado, as roupas que não nos serviam. Temi aproximar-me de Chris, que estava no jardim aparando ferozmente as roseiras com um alicate de podar. Mesmo assim obriguei-me a procurá-lo.

— Chris, preciso conversar com você e explicar certas coisas.

Ele explodiu:

— Paul não tinha o direito de dar-lhe um casaco de pele! Um presente assim faz você parecer uma amante sustentada por ele! Cathy, devolva-lhe o casaco! E, acima de tudo, pare de fazer o que anda fazendo com Paul!

Em primeiro lugar, tomei-lhe das mãos o alicate de podar, antes que ele estragasse as lindas rosas de Paul.

— Chris, não é tão errado como você imagina. Compreenda... Paul e eu... bem, pretendemos casar-nos na primavera. Nós nos amamos; portanto, nada existe de errado no que fazemos. Não é um namoro que será esquecido amanhã; necessitamos mutuamente um do outro.

Aproximei-me mais quando ele me deu as costas para esconder a expressão do rosto.

— Assim também é melhor para você e eu — acrescentei baixinho.

Passei-lhe os braços pela cintura, girando-o a fim de ver-lhe o rosto. Chris parecia atordoado, como um homem saudável que é informado repentinamente de ser portador de uma doença incurável e perde bruscamente toda a esperança.

— Ele é velho demais para você!

— Eu o amo.

— Então, você o ama. E quanto à sua carreira? Pretende jogar fora todos aqueles anos de sonhos e de trabalho? Vai quebrar sua promessa? Lembre-se de que juramos um ao outro perseguirmos nossos objetivos e não permitirmos que aqueles anos perdidos interferissem.

— Paul e eu discutimos o assunto. Ele compreende. Julga que pode conciliar tudo...

— Ele julga? O que sabe um médico a respeito da vida de uma bailarina? Você jamais estará com ele. Ele permanecerá aqui, enquanto você andar só Deus sabe por onde, com homens da sua própria idade. Você nada deve a Paul, Cathy! Nada! Nós lhe pagaremos de volta cada centavo que ele gastou conosco. Dar-lhe-emos o respeito que ele merece, e todo o amor, mas você não lhe deve sua vida!

— Não devo? — indaguei num sussurro, doendo por dentro por causa de Chris. — Pois acho que devo a ele minha vida. Você sabe como eu me sentia quando aqui cheguei: julgava que ninguém merecia afeição ou confiança. Esperava que o mundo nos reservasse o pior e isso teria ocorrido se não fosse Paul. E eu não o amo apenas pelo que ele fez por nós. Amo-o por causa de quem e o que ele é. Chris, você não o vê da mesma maneira que eu.

Chris virou-se bruscamente, arrancando-me o alicate das mãos.

— E quanto a Julian? Vai casar-se com Paul e dançar com Julian? Sabe que Julian é louco por você. Está escrito nele, em cada um de seus gestos, em sua maneira de olhá-la, no modo dele tocá-la.

Recuei, chocada. Chris não falava apenas de Julian.

— Sinto muito se isto lhe estragou o feriado, mas você também arranjará outra — repliquei. — Gosta de Paul; sei que gosta. Depois de refletir melhor sobre o assunto, compreenderá que ele e eu servimos um para o outro, a despeito da diferença de idades, a despeito de tudo.

Afastei-me deixando Chris no jardim com o alicate de podar.

Paul levou-me de carro a Greenglenna enquanto Carrie ficava em casa divertindo-se com o novo aparelho de TV em cores e todos os seus novos brinquedos e roupas. Paul tagarelou alegremente a respeito da festa que planejava oferecer a todos nós naquela noite, em seu restaurante predileto.

— Gostaria de ser egoísta e deixar Chris e Carrie em casa, mas quero que estejam presentes quando eu lhe colocar no dedo o anel de noivado.

Fixei os olhos no panorama de inverno que passava lá fora, as árvores desfolhadas, o capim escurecido, as casas bonitas com decorações natalinas e luzes acesas após o escurecer. Agora eu fazia parte do espetáculo; deixara de ser uma espectadora trancada a distância. Não obstante, sentia-me tão dilacerada e infeliz.

— Cathy, está sentada ao lado do homem mais feliz do mundo!

E eu deixara no jardim da casa dele um homem que se sentia tão infeliz quanto eu.

Eu tinha na bolsa um anel que comprara para Carrie em Nova York: um pequeno rubi para um dedo muito minúsculo e, apesar disso, largo demais para todos os dedos dela com exceção dos polegares. Quando eu me encontrava no melhor departamento de joalheria da melhor loja da cidade, discutindo com o vendedor um meio de diminuir o tamanho do anel sem estragar a cravação do rubi, escutei repentinamente uma voz conhecida! Uma voz doce, grave, cultivada. Como em câmera lenta, virei cautelosamente a cabeça.

Mamãe! Em pé bem junto a mim! Se ela estivesse sozinha, talvez percebesse minha presença, mas encontrava-se tão distraída em conversar com uma acompanhante vestida de maneira tão elegante quanto ela. Eu mudara consideravelmente desde que minha mãe me vira pela última vez; mesmo assim, se ela me olhasse certamente teria que saber quem eu era. As duas falavam da festa à qual tinham comparecido na noite anterior.

— Francamente, Corrine, Elsa leva o tema festivo a um extremo ultrajante, todo aquele vermelho!

Festas! Era tudo que ela fazia: ir a festas! Meu coração começou a bater em ritmo de galope. Minha animação se desfez, esvaziada pela decepção. Uma festa, eu deveria ter previsto! Ela jamais ficava em casa para assistir à televisão! Não me vira! Oh! Como fiquei furiosa! Virei-me para obrigá-la a ver-me!

Um pequeno espelho vertical no mostruário de vidro refletia-lhe o perfil, mostrando-me o quanto ela ainda era bela. Parecia um pouco mais velha, mas, não obstante, linda. Os cabelos louros penteados para trás davam ênfase à perfeição do nariz pequeno e bem delineado, os carnudos lábios vermelhos, os cílios longos e naturalmente escuros, realçados pela maquilagem. Os olhos faiscavam como ouro e brilhantes verdadeiros... e ela falava:

— Será que poderia mostrar-me algo exatamente apropriado para uma jovem bonita? — indagou à vendedora. — Algo de bom-gosto, sem muita fantasia nem grande demais, que uma jovem possa guardar com orgulho pelo resto da vida?

Quem? A que jovem ela precisava dar presentes? Cheia de ciúmes vi-a escolher um lindo relicário de ouro muito semelhante ao que Chris me dera! Trezentos dólares! Agora, nossa querida mãe esbanjava dinheiro com presentes para uma jovem que não era sua filha, esquecendo-se de nós! Pensaria em nós, tentando adivinhar como conseguíamos viver? Como conseguiria dormir à noite, quando o mundo era tão frio, feio e cruel para crianças abandonadas à própria sorte?

Ao que pude perceber, minha mãe era completamente desprovida de remorsos ou sentimentos de culpa. Talvez milhões de dólares pudessem ter tal resultado, pregando um

sorriso de satisfação em seu rosto, a despeito do que havia por baixo da máscara. Tive ímpetos de falar e ver a pose desmoronar! Queria que aqueles sorrisos caíssem como casca velha de um tronco, revelando-a à amiga como ela realmente era: um monstro desalmado! Uma assassina! Uma fraude! Mas fiquei calada.

— Cathy — disse Paul, aproximando-se por detrás de mim e pousando as mãos nos meus ombros. — Já devolvi tudo. E você, Está pronta para irmos, agora?

Desejei desesperadamente que minha mãe me visse em companhia de Paul, um homem que nada ficava a dever, em beleza, ao seu querido “Bart”. Tive vontade de gritar: Está vendo? Também sou capaz de atrair homens inteligentes, bondosos, educados e bonitos! Olhei depressa para mamãe, a fim de verificar se ela escutara Paul dizer-me o nome, na esperança de deleitar-me com sua atordoada surpresa, seu remorso e vergonha. Entretanto, ela se afastara ao longo do balcão e, se ouviu o nome Cathy, nem virou a cabeça. Por um motivo com o qual não atinei, soluzei.

— Você está bem, querida? — indagou Paul, vendo-me no rosto algo que lhe causou espanto e preocupação. — Não está mudando de idéia a nosso respeito, está?

— Não! Claro que não! — neguei de imediato.

Contudo, estava mudando de idéia a respeito de mim. Por que não fizera alguma coisa? Por que, desta feita, não esticava o pé para fazê-la tropeçar? Então, poderia vê-la esparramar-se no chão, perdendo a pose talvez. Mamãe era bem capaz de cair graciosamente e fazer que todos os homens na loja corressem para ajudá-la, até mesmo Paul.

Estava me vestindo para a grande festa no The Plantation House quando Chris entrou no meu quarto e mandou Carrie retirar-se.

— Vá assistir à TV — ordenou ele em tom mais áspero do que eu jamais o ouvira usar com ela. — Quero conversar com sua irmã.

Carrie lançou-nos um olhar esquisito antes de sair depressa do quarto. Tão logo Carrie fechou a porta atrás de si, Chris avançou para mim, segurando-me os ombros. Sacudiu-me com violência.

— Vai continuar esta farsa? Você não o ama! Você ainda me ama! Tenho certeza! Cathy, por favor, não faça isso comigo! Sei que tenta libertar-me casando-se com Paul, mas isso não é motivo suficiente para casar-se com um homem.

Baixou a cabeça, largou-me os ombros e pareceu terrivelmente envergonhado. Falou tão baixo que fui obrigada a aguçar os ouvidos para escutar-lhe as palavras.

— Sei que é errado o que sinto por você. Sei que deveria tentar encontrar outra pessoa, como você vem fazendo... mas não consigo deixar de amá-la e desejá-la. Vivo pensando nisso, dia e noite. Sonho com você durante a noite; quero acordar e vê-la no quarto comigo. Quero ir para a cama e saber que você lá estará, bem perto, onde poderei vê-la, tocá-la.

Não pôde conter um soluço antes de continuar:

— Não consigo pensar em você com outro homem! Que diabo, Cathy, eu a quero para mim! De qualquer modo, você não pretende ter filhos, portanto, por que não pode ser eu?

Eu me afastara quando ele me largou os ombros. Quando parou de falar, corri para abraçá-lo e ele se agarrou a mim como se eu fosse a única mulher capaz de impedir que se afogasse. E se eu fizesse o que ele queria, afogar-nos-íamos ambos!

— Oh! Chris, o que posso dizer? Mamãe e Papai cometeram um erro ao se casarem e nós tivemos que pagar por esse erro. Não podemos correr o risco de repeti-lo!

— Podemos, sim! — exclamou ele com fervor. — Não precisamos manter um relacionamento sexual! Podemos apenas viver juntos, estarmos juntos, sermos apenas irmão e irmã, com Carrie, também. Por favor, por favor, eu lhe suplico: não se case com Paul!

— Cale a boca! — berrei. — Deixe-me em paz!

Agredi-o, então, desejando magoá-lo da mesma forma como cada uma de suas palavras me magoara.

— Chris, você me faz sentir tão culpada, tão envergonhada! Fiz o possível por você quando éramos prisioneiros. Talvez nos voltássemos um para o outro, mas só porque não existia mais ninguém! Se existisse, você nunca teria me desejado e eu nunca lhe teria lançado um segundo olhar! Você é apenas um irmão para mim, Chris, e faço questão de mantê-lo em seu devido lugar... que não é na minha cama!

Então ele me tomou nos braços e não pude deixar de agarrar-me a ele, apertando o rosto contra seu coração latejante. Chris tinha dificuldade para conter as lágrimas. Eu queria que ele esquecesse... mas cada segundo que ele me apertava contra si fazia crescer-lhe as esperanças, e ele ficou excitado! Ele, que julgava podermos viver juntos platonicamente!

— Largue-me, Chris. Mesmo que me ame pelo resto da vida, nunca mais me fale no assunto, pois nunca mais quero ouvir falar dele! Amo Paul e nada que você disser me impedirá de casar-me com ele!

— Está mentindo para si mesma — disse ele, engasgado, segurando-me ainda com mais força. — Percebo que você me observa antes de desviar os olhos. Você me deseja e deseja Paul. Quer tudo e todos! Não estrague a vida de Paul, pois ele já sofreu bastante! É velho demais para você e a idade faz diferença! Ele estará velho e sexualmente esgotado quando você atingir o auge! Ora, até mesmo Julian seria melhor que ele!

— Você é um grande imbecil, se acredita nisso!

— Então, sou imbecil! Sempre fui, não é mesmo? Quando lhe dei meu amor e depus em você minha confiança, cometi o maior erro de minha vida, não foi? A seu modo, é tão desalmada quanto nossa mãe! Deseja todo homem que a atrai, sem ligar para as consequências... mas eu permitiria que você tivesse quem bem entendesse, desde que sempre voltasse para mim!

— Christopher, sente ciúmes porque encontrei antes de você outra pessoa para amar! E não fique aí me fitando com esses gelados olhos azuis, pois já teve seus casos de amor! Sei que dormiu com Yolanda Lange e só Deus sabe com quantas outras. O que disse a elas? Disse-lhes também que as amava? Bem, eu não o amo agora! Amo Paul e você nada pode fazer para impedir nosso casamento!

Chris ficou imóvel, pálido e trêmulo. Então, disse num sussurro rouco:

— Posso, sim. Posso contar a ele o que fizemos... Então, ele não desejaria você.

— Você não lhe contaria. É honrado demais para isso. Ademais, ele já sabe.

Encaramo-nos por longo tempo... então, ele saiu correndo do quarto, batendo a porta com tanta força que abriu uma fenda no reboco do teto.

Apenas Carrie fez companhia a Paul e a mim no The Plantation House.

— É uma pena que Chris não esteja passando bem. Espero que não esteja gripado... Há uma epidemia na cidade.

Não respondi coisa alguma, limitando-me a ficar sentada escutando Carrie tagarelar incessantemente sobre o quanto gostava do Natal e a maneira que este fazia as coisas comuns ficarem tão bonitas.

Paul enfiou-me no dedo um anel com um brilhante de dois quilates, enquanto o fogo crepitava na lareira e a música suave enchia o ambiente. Fiz o possível para tornar a situação agradável, rindo, sorrindo, trocando prolongados olhares românticos quando tomávamos champanhe, brindando a nós mesmos e ao nosso longo e feliz futuro juntos. Dancei com Paul sob os gigantescos lustres de cristal, mantendo-me de olhos fechados e imaginando Chris sozinho em casa, enfiado em seu quarto e odiando-me.

— Seremos tão felizes, Paul — murmurei, nas pontas dos pés em minhas sandálias prateadas de salto alto.

Sim, aquela seria a nossa vida juntos. Calma. Doce. Fácil. Exatamente como a gostosa valsa antiga que dançávamos. Porque quando se ama de verdade não existem problemas que o amor não seja capaz de sobrepujar. Eu... e minhas idéias.

Primeiro de abril: Dia dos Tolos

Esforço. Dedicção. Desejo. Determinação. Os quatro mandamentos do mundo do balé, que tínhamos que seguir à risca. Se Madame Zolta fora dura conosco antes do Natal, agora submeteu-nos a um esquema tão pesado de treinamento que só fazíamos trabalhar. Ela fazia palestras sobre a perfeição do The Royal Ballet, estritamente clássico, mas nós deveríamos fazer tudo ao nosso jeito americano ímpar: clássico, mas inovativo e mais bonito.

Julian foi absolutamente impiedoso, demoníaco. Comecei realmente a desprezá-lo! Estávamos ambos encharcados de suor, com os cabelos escorridos. Minha malha grudava-se à pele. Julian usava apenas uma sunga. Berrou como se eu fosse surda:

— Desta vez, faça direito, diabo! Quer passar a noite inteira ensaiando?

— Pare de gritar comigo, Julian! Posso escutá-lo perfeitamente!

— Então, faça direito! Primeiro dê três passos e depois jogue o pé para o alto; então, pule para eu segurá-la e, pelo amor de Deus, desta vez deite-se imediatamente para trás! Não fique empertigada e rija, no instante em que eu a segurar, caia para trás e amoleça o corpo... se é capaz de fazer algo certo ou gracioso hoje!

Esse era o meu problema. Eu já não confiava em Julian. Temia que ele procurasse machucar-me intencionalmente.

— Julian, grita comigo como se eu fizesse tudo errado deliberadamente!

— É essa a impressão que tenho! Se você quisesse mesmo fazer tudo certo, conseguiria. Só precisa dar três passos, erguer o pé e saltar; quando eu a segurar, você se deixa cair para trás. Agora, vejamos se é capaz de acertar ao menos uma vez, após cinquenta tentativas!

— Acha que isto me agrada? Veja minhas axilas! — exclamei, erguendo os braços para exibi-las. — Está vendo como ficaram arranhadas onde você me esfolou a pele? E amanhã estarei cheia de manchas roxas onde você me agarrou com força!

— Então, faça certo!

Julian esbravejava não só com a voz, mas também com os olhos negros. Tive um medo terrível de que ele estivesse apenas aguardando uma boa oportunidade para deixar-me cair de propósito para vingar-se. Contudo, levantei-me e tentamos mais uma vez. E novamente fracassei, não me deixando cair para trás por não confiar nele. Desta feita ele me atirou ao chão, onde fiquei ofegante, sem fôlego, imaginando por que diabo teimava em repetir a seqüência.

— Está sem fôlego? — indagou em tom sarcástico, erguendo-se como uma torre acima de mim, os pés descalços bem afastados, as pernas formando um triângulo isósceles sobre as minhas. O peito nu brilhava de transpiração que gotejava em cima de mim.

— Eu faço todo o trabalho duro e você fica aí, deitada, parecendo exausta. O que lhe aconteceu na roça? Gastou todas as energias trepando com o médico?

— Cale-se! Estou cansada de doze horas a fio de ensaios! Só isso!

— Se está cansada, eu estou dez vezes mais. Portanto, levante-se e vamos repetir. E, desta vez, faça direito, diabo!

— Não fale assim comigo! Arranje outro par! Fez-me tomar um tombo proposital e meu joelho passou três dias doendo; portanto, como posso correr para me atirar em seus braços? Você é bastante mesquinho para aleijar-me pelo resto da vida!

— Mesmo que a odiasse, não a deixaria cair. E não a odeio, Cathy. Pelo menos, ainda não.

Após ensaiar interminavelmente ao som do piano, contando, marcando o ritmo, repetindo a mesma série de passos, finalmente acertei e até mesmo Julian foi capaz de sorrir e dar-me parabéns. Então, chegou o ensaio geral e a apresentação de Romeu e Julieta. Os cenários espetaculares e as roupas sensacionais extraíram de nós o máximo quando

combinados com uma orquestra completa. Agora, eu podia dar ao papel de Julieta todas as nuances que a tornariam uma pessoa real e não um cabo de vassoura, como parecia Yolanda naquela noite, ao fazer seus *pliés* com olhos vidrados e fora de foco. Madame Zolta aproximou-se para estudar-lhe atentamente o rosto e cheirar-lhe o hálito.

— Por Deus!... você andou fumando maconha! Nenhuma bailarina minha pisa o palco dopada e logra o público; volte para casa e vá para a cama! Catherine, prepare-se para dançar como Julieta!

Yolanda passou por mim cambaleando e tentou desferir-me um violento pontapé ao sibilar:

— Por que você tinha que voltar? Por que não ficou na roça, que é o seu lugar?

Não pensei em Yolanda e suas ameaças ao postar-me na pequena sacada e fitar sonhadoramente o rosto pálido de Julian que se erguia para mim. Parecia tão lindo à luz azulada, usando malhas brancas, os cabelos escuros brilhando, os olhos negros faiscando como as jóias de imitação de seu traje medieval. Parecia o meu amante do sótão, que sempre me escapava e nunca me permitia chegar bastante perto para distinguir-lhe as feições.

Aplausos estrondosos quando o pano baixou. E, por detrás da cortina, arquejando sem fôlego, Julian pulou para abraçar-me.

— Fomos sensacionais esta noite! Como consegue frustrar-se tanto até o início do espetáculo?

A cortina se ergueu para nossos agradecimentos e Julian beijou-me os lábios.

— Bravo! — gritava o público, pois aquele era o tipo de drama e paixão que todos os amantes do balé adoram. Era a nossa noite, a melhor que já tivéramos. Embriagada pelo sucesso, passei rapidamente por entre fotógrafos e caçadores de autógrafos, correndo para meu camarim, pois haveria uma grande festa logo em seguida; uma comemoração antes da partida de nossa companhia para Londres. Apliquei depressa o creme de limpeza para retirar a maquiagem e depois troquei o traje do último ato por um vestido curto e formal de cor azul. Madame Zolta bateu à minha porta e anunciou:

— Catherine, uma senhora aqui diz que veio de sua terra apenas para ver você dançar. Vamos, abra a porta e adiaremos o início da festa até você chegar.

Uma mulher alta e atraente entrou no camarim. Olhos e cabelos escuros, roupas caras que lhe realçavam a silhueta. Por algum estranho motivo, tive a impressão de já conhecê-la, ou de que ela me lembrava alguém. Examinou-me da cabeça aos pés e só então correu os olhos pelo minúsculo camarim abarrotado de sacolas plásticas contendo todas as roupas de balé que eu levaria comigo para Londres, cada sacola etiquetada com meu nome e o nome do balé para o qual fora desenhada a roupa. Esperei impaciente que ela dissesse logo ao que vinha e fosse embora, a fim de vestir meu casaco.

— Creio que não a conheço — comecei, no intuito de apressá-la.

Ela exibiu um sorriso retorcido e, sem ser convidada, sentou-se e cruzou as pernas bem torneadas, sacudindo ritmadamente um pé calçado numa sandália preta de salto alto.

— Claro que não me conhece, minha cara criança... mas eu conheço muito a seu respeito.

Algo em seu tom suave e adocicado demais serviu-me de advertência e coloquei-me em guarda, preparando-me para o que ela viera dizer, que só podia ser ruim, pois percebi o olhar maldoso que se escondia sob a falsa expressão suave.

— Você é muito bonita. Talvez até mesmo bela.

— Obrigada.

— Dança excepcionalmente bem; foi uma surpresa para mim, embora, é claro, que precise dançar muito bem para fazer parte desta companhia que, segundo fui informada, vem-se tornando importante.

— Obrigada, mais uma vez — disse eu, refletindo que ela jamais chegaria ao assunto.

Demorou-se a retomar a palavra, mantendo-me nervosa, em suspenso. Peguei meu casaco, procurando indicar-lhe que pretendia sair logo.

— Belo casaco de pele — comentou ela. — Suponho que seja presente de meu irmão. Ouvi dizer que ele anda jogando dinheiro fora como um marinheiro embriagado, dando tudo o que possui a três “*joãos-ninguém*” que chegaram num ônibus e tomaram-lhe conta da vida.

Riu em tom baixo e sarcástico, como sabem rir as mulheres cultas.

— Agora, vendo você, compreendo o motivo, embora já tivesse ouvido outras pessoas dizerem que você era bastante bonita para fazer qualquer homem de tolo. Ainda assim, nunca imaginei que uma criança como você pudesse parecer tão voluptuosa, sensual e magra ao mesmo tempo. É realmente uma mescla peculiar, Srta. Dahl. Toda cheia de inocência e sofisticação, também. Tal mistura deve ser fortemente intoxicante para um homem do tipo de meu irmão — disse ela, com uma risadinha divertida. — Não existe coisa alguma como a combinação de juventude, cabelos louros compridos, rosto bonito e seios bem formados para trazer à tona o animal que vive no íntimo dos melhores homens — suspirou, como se tivesse pena de mim. — Sim, eis o problema de ser jovem e bonita: os homens revelam o seu lado pior. Paul já se comportou antes como um asno, você sabe. Não é a primeira companheira de brincadeiras que ele arranja, embora ele jamais tenha dado a alguma delas um casaco de peles ou um anel de brilhante, como se realmente pudesse casar-se com você.

Então, aquela era a irmã de Paul, Amanda; a esquisita irmã que lhe tricotava suéteres e as enviava pelo correio, mas recusava-se a falar com ele na rua. Amanda se pôs de pé e começou a andar em volta de mim: uma gata caçando, prestes a saltar sobre a presa. Usava um perfume oriental, almiscarado, forte, e devia julgar-me uma presa tímida ao avançar contra mim.

— Uma pele tão imaculada, tão firme, parece porcelana — comentou, estendendo a mão pronta para tocar-me o rosto. — Não terá pele tão bonita ou tanto cabelo quando tiver cerca de trinta e cinco anos e a essa altura ele já se terá cansado de você há muito tempo. Paul gosta de mulheres jovens, muito jovens. E também bonitas, inteligentes, talentosas. Sou forçada a admitir que tem bom gosto, embora não tenha bom senso. Compreenda — exibiu mais uma vez aquele detestável sorriso — realmente pouco me importa o que ele faça, desde que se mantenha nos limites da decência e não reflita na minha vida.

— Saia daqui — consegui dizer. — Não conhece seu irmão. É honrado, generoso; de forma alguma prejudicaria a sua vida.

Ela sorriu com pena de mim.

— Minha cara criança, não entende que você está arruinando a carreira dele? Será bastante tola para pensar que o caso passou despercebido? Numa cidade do tamanho de Clairmont todo o mundo sabe de tudo. Embora a Henny não possa falar, os vizinhos têm olhos e ouvidos. Mexericos é tudo o que ouço, mexericos: Paul jogando todo seu dinheiro fora com delinquentes juvenis que se aproveitam de sua generosidade e logo estará falido, sem clientes!

Ela esquentava os motores e eu temia que, a qualquer momento, golpeasse meu rosto com as longas unhas vermelhas.

— Saia daqui! — ordenei furiosa. — Sei tudo a seu respeito, Amanda, pois os mexericos também me chegaram aos ouvidos! Seu problema é que Paul lhe deve o resto da vida dele porque você trabalhou para ajudá-lo a custear os estudos de Medicina. Mas eu fiz a escrituração das contas dele e sei que lhe pagou tudo de volta, com mais dez por cento de juros, portanto, nada deve a você! Não passa de uma mentirosa que tenta diminuí-lo aos meus olhos pois não conseguirá! Eu o amo, ele me ama, e nada que você possa dizer impedirá nosso casamento!

Ela tornou a rir, um som duro e impiedoso. Então, seu rosto assumiu uma expressão implacável, decidida.

— Não se atreva a me mandar fazer alguma coisa! Irei embora quando quiser, depois de lhe dizer o que preciso! Vim de avião a Nova York para ver o mais recente amor de meu irmão, sua boneca bailarina... e pode crer que não será a última mulher dele. Ora, Júlia costumava dizer-me que ele...

Interrompi acaloradamente:

— Saia! Não ouse dizer mais uma só palavra a respeito dele! Sei tudo sobre Júlia. Paul me contou. Se ela o empurrou para outras mulheres, eu não o censuro. Ela nunca foi uma esposa de verdade; era uma governanta, uma cozinheira não uma esposa!

Ela riu alegremente. Meu Deus, como gostava de rir! Gostava da situação, de encontrar alguém bastante competitiva para reagir, de modo que ela pudesse usar as garras.

— Menina boba! É a mesma coisa que dizem todos os homens casados à sua mais recente conquista. Júlia foi uma das mulheres mais queridas, delicadas, bondosas e maravilhosas que já existiram. Fazia tudo para agradá-lo. Sua única falha foi não lhe conseguir dar todo o sexo que ele desejava, ou o tipo de sexo que ele queria e exigia; aí sim, de certo modo, ele foi obrigado a procurar outras como você. Admito que a maioria dos homens casados tem casos extraconjugais, mas não fazem o que ele fez!

Agora, eu detestava a bruxa vingativa, realmente a odiava.

— O que fez ele de tão terrível? Júlia afogou-lhe o filho de três anos; nada neste mundo me levaria a matar uma criança! Não necessito tanto de vingança!

— Concordo — disse ela, reassumindo o tom suave. — O que Júlia fez foi uma loucura. Scotty era um menino tão belo e inteligente, mas Paul impeliu-a a fazer aquilo. Compreendo o raciocínio de Júlia. Scotty era a coisa que Paul mais amava. Quando se procura destruir emocionalmente uma pessoa, elimina-se aquilo que ela mais ama.

Oh! Que horror!

— Ele sofre, não é mesmo? — indagou ela, saboreando a ocasião, os olhos negros e bonitos brilhando de satisfação. — Ele se tortura, se culpa, deseja ter o filho de volta; então, você aparece e ele lhe põe um filho no ventre. Não pense que a cidade inteira não tem conhecimento de seu aborto! Nós sabemos! Sabemos tudo!

— É mentira! — berrei. — Não foi um aborto! Tive um D&C porque minhas menstruações não eram regulares!

— Consta dos registros do hospital — replicou ela, segura de si. — Você abortou um embrião com duas cabeças e três pernas: gêmeos que não se separaram adequadamente. Pobrezinha! Não sabe que um D&C é um processo de aborto?

Submergi em turbilhões de água escura, afogando-me, afogando-me... Com duas cabeças? Três pernas? Oh! Deus!... o bebê-monstro que eu tanto temia! Mas Paul ainda nem me tocara na época; não fora Paul.

— Não chore — consolou ela.

Dei um arranco, afastando-me da mão grande que faiscava de brilhantes.

— Todos os homens são animais e creio que ele nem lhe contou a verdade. Contudo, não entende que não pode casar com ele? Estou fazendo isto para o seu próprio bem. Você é bonita, jovem, talentosa, e viver em pecado com um homem casado é puro desperdício. Salve-se enquanto é possível.

As lágrimas toldavam-me a visão. Esfreguei os olhos como uma criança, sentindo-me uma criança num mundo adulto e louco ao fitar aquele rosto liso e tranqüilo.

— Paul não é casado. É viúvo. Júlia está morta. Suicidou-se no dia em que matou Scotty.

Ela acariciou-me o ombro com ar maternal.

— Não, minha criança. Júlia não está morta. Vive numa instituição para doentes mentais onde Paul a internou depois que ela afogou Scotty. Louca ou não, continua a ser esposa legal de meu irmão.

Enfiou-me na mão inerte vários instantâneos: fotos de uma mulher magra, de aspecto digno de piedade, deitada numa cama de hospital, cujo rosto aparecia sempre de perfil. Uma mulher arrasada pelo sofrimento. Os olhos muito abertos fixavam o espaço, inexpressivos, e os cabelos escuros espalhavam-se como cordas sobre o travesseiro. Não obstante, eu vira muitas fotografias de Júlia para não reconhecê-la, por mais mudada que estivesse.

— A propósito — disse a irmã de Paul, deixando-me as fotografias. — Gostei do espetáculo. Você é uma bailarina maravilhosa. E aquele rapaz, é sensacional. Pegue-o. Está evidentemente apaixonado por você.

Então saiu do camarim, deixando-me perdida num mar de sonhos desfeitos e afogando-me no desespero. Como conseguiria eu aprender a nadar num oceano de falsidade?

Julian acompanhou-me à grande festa oferecida em nossa homenagem. Hordas de pessoas nos rodeavam, felicitando-nos, tecendo-nos elogios rasgados. Nada significavam para mim. Eu só conseguia pensar que Paul me mentira, me enganara, tomara-me sabendo que era casado; mentiras odiosas, mentiras!

Nunca Julian se mostrara tão atencioso e delicado comigo. Colou-se a mim para dançar uma daquelas melodias lentas e antigas; apertou-me tanto que pude sentir cada músculo rijo dele, seu corpo e sua masculinidade se comprimiam com força contra mim.

— Eu a amo, Cathy — sussurrou-me ao ouvido. — Desejo-a tanto que não consigo dormir de noite. Se você não aceitar depressa, ficarei louco.

Enterrou o rosto em meu cabelo penteado para cima.

— Nunca tive uma garota novinha em folha como você. Por favor, Cathy, por favor, me ame, me ame...

Seu rosto dançou à minha frente. Parecia um sonho, perfeito como um Deus, mas, ainda assim... ainda assim...

— Julian, e se eu lhe disser que não sou novinha em folha?

— Mas é! Sei que é!

— Como pode saber? — disse eu, rindo como se embriagada. — Há algo escrito em meu rosto que afirme que ainda sou virgem?

— Sim — disse ele, convicto. — Seus olhos. Eles me dizem que você ainda não sabe o que é ser amada.

— Julian, temo que você não saiba muita coisa.

— Você me subestima, Cathy. Trata-me como um menino pequeno num minuto e, no outro, como um lobo faminto que pretende devorá-la. Permita-me fazer-lhe amor e então compreenderá que jamais foi tocada antes por um homem.

Eu ri.

— Está bem, mas apenas por uma noite.

— Se você me tiver por uma noite, nunca mais me deixará sair de perto — advertiu ele, os olhos negros brilhando e soltando centelhas.

— Julian... eu não o amo.

— Amará, depois desta noite.

— Oh! Julian — repliquei com um prolongado bocejo. — Estou cansada e meio embriagada... Vá embora. Deixe-me em paz.

— De jeito nenhum, menina. Você disse sim e exigirei o cumprimento da promessa. Esta noite serei eu. Esta noite e todas as noites pelo resto da sua vida... ou da minha.

Numa chuvosa manhã de sábado, com todas as nossas bagagens já empilhadas nos táxis que levariam a companhia até o aeroporto, Julian e eu estivemos na pretoria com nossos melhores amigos dando apoio moral, e o juiz de paz pronunciou as palavras que nos tornaram marido e mulher “*até que a morte os separe*”. Ao chegar minha vez de fazer os votos conjugais, hesitei, com vontade de fugir dali e voltar correndo para Paul. Este ficaria arrasado

ao tomar conhecimento. E havia também Chris. Mas meu irmão preferiria ver-me casada com Julian e não com Paul; fora o que ele me dissera.

Julian abraçou-me com força, os olhos negros suaves e brilhantes de amor e orgulho. Eu não podia fugir. Podia apenas dizer o que esperavam de mim e então vi-me casada com o único homem que eu jurara jamais permitir tocar-me intimamente. Não apenas Julian se mostrava feliz e orgulhoso; o mesmo fazia Madame Zolta, que sorria abertamente, dando-nos sua bênção, beijando-nos e derramando lágrimas maternas.

— Agiu certo, Catherine. Serão tão felizes juntos, um casal tão lindo... mas lembrem-se de não fazerem bebês!

— Meu bem, querida, amor da minha vida, não fique tão triste — segredou-me Julian quando o avião sobrevoava o Atlântico — É o nosso dia de alegria! Juro que jamais se arrependerá. Serei um marido fantástico. Nunca amarei outra pessoa senão você.

Encostei a cabeça no seu ombro e chorei como uma criança! Chorei por tudo que deveria ter tido no dia de meu casamento. Onde estava o canto dos pássaros e o repicar dos sinos? Onde estava a grama verdejante e o amor que eu deveria sentir? Onde estava minha mãe, a causa de tudo o que acontecera de errado? Onde? Ela chorava ao pensar em nós ou, mais provavelmente, limitava-se a rasgar meus bilhetes com os recortes de jornal? Sim, seria bem ao seu tipo: nunca assumir as patifarias que fizera. Com que facilidade partira para uma viagem de segunda lua-de-mel, deixando-nos aos cuidados de uma avó impiedosa, e voltara toda sorridente e feliz, contando-nos o quanto se divertira! Enquanto nós, trancados num quarto, fôramos brutalizados e mal nutridos, ela nem mesmo olhava para Carrie e Cory, que não cresciam por falta de cuidados. Nunca notou as olheiras que encovavam os olhos dos gêmeos, nunca reparou como eram magros e raquíticos os seus membros. Nunca notava nada que não queria ver.

A chuva continuava a cair incessantemente, prognosticando o que encontraríamos pela frente. A fria e violenta torrente de água gelada provocou a formação de gelo nas asas do avião que me levava cada vez mais longe de todas as pessoas que eu amava. Aquele gelo começou a formar-se também em meu coração. E naquela noite eu teria que dormir com um homem de quem nem gostava quando ele não estava no palco, vestindo uma fantasia e representando o papel de príncipe.

Entretanto, para fazer justiça a Julian, na cama ele era tudo o que se gabava de ser. Esqueci-me de quem ele era e fingi que fosse outra pessoa quando seus beijos me percorriam o corpo, sem deixar um centímetro quadrado inexplorado, não beijado ou não acariciado. Antes que ele terminasse, eu o desejava. Sentia-me mais que disposta a permitir que me possuísse... e tentei apagar a idéia persistente de que acabava de cometer o maior erro da minha vida. E já cometera muitos erros...

Labirinto de mentiras

Antes que nossos organismos se adaptassem à diferença de fusos horários, começamos a ensaiar sob as vistas do The Royal Ballet, que comparava nosso estilo com o deles. Madame Zolta já nos dissera que o estilo deles era estritamente clássico, mas que nós deveríamos fazer tudo à nossa maneira, não nos deixando intimidar.

— Façam como sempre, mantenham a pureza da dança, mas dêem a ela sua própria interpretação. Julian, Catherine, como recém-casados, todas as atenções estarão voltadas para vocês, portanto, tornem cada cena a mais romântica possível. Vocês dois juntos tocam-me o coração e fazem-me chorar... se continuarem dessa forma, entrarão para a história do Balé.

Sorrii e as lágrimas inundaram as profundas rugas em torno de seus olhos miúdos.

— Vamos todos provar que os Estados Unidos também são capazes de produzir o melhor!

Interrompeu-se, dando-nos as costas para impedir que lhe víssemos o rosto.

— Amo tanto vocês todos... — soluçou. — Agora, vão embora... deixem-me sozinha... e façam-me orgulhosa de vocês!

Estávamos decididos a dar o melhor de nós, a fim de tornar Madame Zolta famosa outra vez, não como bailarina, mas como professora. Ensaiávamos até cairmos exauridos na cama.

O The Royal Opera House, em Covent Gardens, compartilhava o espaço com a companhia do Royal Ballet e, quando vimos o teatro pela primeira vez, prendi a respiração e apertei com força a mão de Julian. O auditório em vermelho e dourado acomodava mais de duas mil pessoas. Sua faiscante série de balcões que se elevava até uma alta cúpula tendo no centro o desenho de um sol atordoou-me com seu esplendor de estilo antigo. Logo verificamos que as coxias e os bastidores eram muito menos opulentos, sem quaisquer encantos em seus camarins apertados e um labirinto de minúsculos escritórios e oficinas. O pior: não havia um estúdio para ensaios! Por mais que me esforçasse para ver algo admirável nos encanamentos e instalações de calefação da Inglaterra, fracassei totalmente. O frio era perene, exceto durante o esforço da dança. Eu detestava o parco suprimento de água quente nos banheiros, que me obrigava a tomar banho o mais depressa possível para não morrer enregelada.

E durante todo o tempo Julian mantinha-se grudado a mim. Privacidade era algo de que ele jamais ouvira falar e pelo que não tinha o menor respeito. Mesmo quando eu estava no banheiro ele tinha que se fazer presente, de modo que eu corria para trancar a porta e deixava-o batendo pelo lado de fora.

— Deixe-me entrar! Sei o que está fazendo! Por que tanto segredo?

Não apenas isso, mas ele queria infiltrar-se em minha mente e conhecer todo o meu passado, meus pensamentos, tudo o que eu fizera.

— Então, seus pais morreram num desastre de automóvel. O que aconteceu depois? — indagava, apertando-me num abraço de ferro.

Por que desejava escutar tudo outra vez? Engoli em seco. A essa altura, eu já inventara uma estória plausível a respeito da lei exigir que fôssemos internados num orfanato, de modo que Chris, Carrie e eu fomos forçados a fugir.

— Sabe, tínhamos economizado algum dinheiro dos aniversários, Natais, etc. Tomamos um ônibus que deveria levar-nos à Flórida, mas Carrie adoeceu e começou a vomitar. Então, uma enorme preta gorducha apareceu para conduzir-nos até seu filho médico. Creio que ele teve pena de nós. Acolheu-nos... e acho que isto foi tudo.

— Isto foi tudo — repetiu ele lentamente. — Há muito mais coisa que você não me conta! Embora eu já possa adivinhar o resto. Ele viu uma fruta apetitosa numa garota jovem e bonita, por isso mostrou-se tão malditamente generoso. Cathy, até que ponto vocês tiveram intimidades?

— Eu o amava e pretendia casar-me com ele.

— Mas não se casou, hem? — insistiu Julian. — Por que, afinal, me disse “sim”?

Tato e sutileza nunca estiveram entre as minhas virtudes. Enraiveci-me porque ele me obrigava a dar explicações quando eu não queria tocar no assunto.

— Você me perseguia o tempo todo! — respondi furiosa. — Fez-me acreditar que eu poderia aprender a amá-lo, mas não creio que possa! Cometemos um erro, Julian! Um erro horrível!

— Jamais repita uma coisa dessas, ouviu?

Julian soluçou como se eu lhe tivesse causado um ferimento horrível; lembrei-me de Chris. Eu não poderia passar o resto da vida magoando todas as pessoas que me conhecessem. Assim, minha raiva sumiu e permiti que Julian me tomasse nos braços. Baixou a cabeça para beijar-me o pescoço.

— Eu a amo tanto, Cathy. Mais do que já desejei amar qualquer mulher. Nunca ninguém me amou pelo que sou. Agradeço-lhe por tentar amar-me, embora diga que não me ama.

Doeu-me escutar o temor em sua voz. Parecia um menino pequeno implorando que o impossível acontecesse. E talvez eu lhe estivesse fazendo uma injustiça. Virei-me e abracei-o pelo pescoço.

— Eu quero amar você, Jule. Casei-me com você, estou comprometida e tentarei ser a melhor esposa que me for possível. Mas não me pressione! Não me faça exigências; deixe simplesmente que o amor venha chegando à medida que eu for conhecendo melhor você. É praticamente um desconhecido para mim, embora já nos conheçamos há três anos.

Ele fez uma careta de dor, como se o amor fosse, na verdade, impossível caso eu chegasse a conhecê-lo bem. Duvidava tanto de si mesmo! Oh! Deus! O que fizera eu? Que tipo de pessoa era eu, capaz de abandonar um homem sincero, honrado e honesto, e correr para jogar-me nos braços de alguém que eu suspeitava ser um brutamontes?

Mamãe tinha uma propensão para agir impulsivamente e arrepender-se quando já era tarde demais. No fundo, eu não era como ela, não podia ser! Eu possuía talentos demais para ser como alguém que não possuía nenhum... nenhum talento exceto fazer com que cada homem se apaixonasse por ela; e isso não era talento ou inteligência! Não, eu queria ser como Chris... e senti-me perdida mais uma vez, presa como sempre à areia movediça preparada por ela! Tudo era culpa dela, até mesmo meu casamento com Julian!

— Cathy, você terá que aprender a ignorar muitas falhas — disse Julian. — Não me coloque num pedestal; não espere perfeição. Tenho pé de barro, como você já sabe; se tentar transformar-me no Príncipe Encantado que você deseja... fracassará. Você também colocou aquele seu médico num pedestal; acho que você talvez seja o tipo de mulher que coloca todos os homens que ama numa posição tão elevada que eles acabam desmoronando lá de cima. Procure apenas amar-me e não dê importância às minhas características que não lhe agradam.

Eu não possuía o dom de ignorar as falhas alheias. Ao contrário de Chris, sempre percebera as falhas de Mamãe. Sempre virara as moedas mais brilhantes, procurando a face azinhavrada. Gozado. A falha de Paul sempre me parecera culpa de Júlia, até Amanda vir me contar aquela estória pavorosa. Mais uma razão para odiar Mamãe: fazer-me duvidar de meu instinto!

Muito depois que Julian voltou à calma, permaneci sentada em frente às janelas, observando minha imagem nos compridos rastros de gelo que marcavam as vidraças. O clima apenas me indicava o que viria pela frente. A primavera ficara para trás, nos jardins de Paul... E eu era culpada de tudo. Não precisava ter acreditado em Amanda. Deus me livre se, no final, eu fosse igual à Mamãe, tanto por dentro quanto por fora!

Nossas semanas em Londres foram movimentadas, excitantes, cansativas, mas eu temia a hora de regressarmos a Nova York. Durante quanto tempo eu poderia adiar o momento de dar a notícia a Paul? Não indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que saber.

Pouco depois do primeiro dia da primavera, viajamos de avião até Clairmont e pegamos um táxi até a casa de Paul. Era o local de nossa libertação e, aparentemente, nada mudara. Só eu, pois vinha a fim de devastar a vida de um homem que não merecia ser magoado outra vez.

Olhei para os arbustos meticulosamente aparados em cones e esferas, as glicínias que floriam, as azaléias que se espalhavam por toda parte num festival de cores vivas, as grandes magnólias prestes a florir e sobre todas as folhagens, pendia o musgo espanhol cinzento, criando nesgas de renda viva que davam ao ambiente um ar de névoa e cerração. Suspirei. Ainda não vira algo mais belo, romântico e tristemente místico que um velho carvalho

coberto por musgo espanhol, o parasita que terminaria matando o hospedeiro, como um amor que se apagasse até sufocar.

Eu pretendia levar Julian ao interior da casa para, juntos, darmos a notícia a Paul, mas não pude.

— Importa-se de esperar na varanda enquanto converso com Paul? — indaguei.

Por algum motivo, Julian simplesmente anuiu com a cabeça. Julguei que ele fosse discutir. Concordando, para variar, acomodou-se na cadeira de balanço de vime pintada de branco na qual encontráramos Paul cochilando naquela tarde de domingo, após saltarmos do ônibus. Naquela época, Paul tinha quarenta anos; agora, estava com quarenta e três.

Um tanto trêmula, avancei para abrir a porta principal com minha chave. Poderia ter telefonado antes, ou enviado um telegrama. Contudo, tinha necessidade de ver-lhe o rosto, observar-lhe os olhos, tentar ler-lhe os pensamentos. Precisava saber se realmente lhe ferira o coração ou apenas magoara-lhe o ego e o orgulho.

Ninguém me escutou abrir a porta. Ninguém ouviu-me os passos no assoalho do vestíbulo. Paul estava esparramado em sua poltrona predileta, diante do aparelho de TV em cores e da lareira. Cochilava. Suas pernas compridas apoiavam-se no banquinho, os pés descalços, os tornozelos cruzados. Carrie sentara-se de pernas cruzadas no chão, ao lado da poltrona, sempre necessitada de estar perto de alguém que a amasse. Estava profundamente absorta em brincar com suas bonequinhas de porcelana. Usava um suéter branco com punhos e gola vermelhos e, sobre ele, seu blusão vermelho de veludo piquê. Parecia uma linda bonequinha.

Meus olhos voltaram mais uma vez a Paul. Dormitando levemente, ele trazia no rosto a expressão de quem aguardava ansiosamente. Até mesmo seus pés cruzavam-se e descruzavam-se repetidamente, enquanto os dedos das mãos se distendiam e tornavam a contrair-se em punhos cerrados. A cabeça, jogada para trás a fim de descansar no espaldar alto da poltrona, também se movimentava de um lado para outro... sonhando, presumi, talvez comigo. Então virou o rosto na minha direção. Mesmo dormindo, pressentira minha presença?

As pálpebras se abriram com extrema lentidão. Ele bocejou, erguendo a mão para tapar os lábios... então, fitou-me estonteado. Como se eu não passasse de uma aparição.

— Catherine? — murmurou. — É você?

Carrie escutou a pergunta, levantou-se de um salto e correu para mim. Não parava de repetir meu nome quando a tomei nos braços, erguendo-a bem no alto. Cobri-lhe o rostinho de beijos e abracei-a com tanta força que ela protestou:

— Ai! Assim, me machuca!

Parecia tão bonita, fresca e bem alimentada.

— Oh! Cathy, por que ficou tanto tempo longe de casa? Esperávamos todos os dias e você nunca chegava! Começamos a fazer planos para o casamento, mas quando você não escreveu o Dr. Paul achou melhor esperarmos. Por que só nos enviou cartões postais? Não teve tempo para escrever cartas compridas? Chris disse que você deveria estar muito ocupada.

Livrou-se de meus braços e voltou a sentar-se junto à poltrona de Paul, fitando-me com ar de censura.

— Cathy... esqueceu-se de nós, não foi? Só quer saber de dançar. E não precisa da família quando está dançando.

— Sim, preciso de minha família, Carrie — respondi distraidamente, com o olhar fixo em Paul, tentando adivinhar o que ele pensava.

Paul ergueu-se e caminhou para mim, o olhar preso ao meu. Abraçamo-nos e beijamo-nos, enquanto Carrie permanecia calada no chão, como se estudasse a maneira pela qual uma mulher deve agir com o homem que ama. Os lábios de Paul apenas roçaram os meus. Não obstante, seu toque provocou-me arrepios que Julian era incapaz de causar.

— Você parece diferente — disse-me ele naquele seu jeito vagaroso e suave. — Perdeu peso. E parece cansada. Por que não telefonou ou telegrafou para avisar que estava a caminho de casa? Eu iria buscá-la no aeroporto.

— Você também parece mais magro — repliquei num sussurro rouco.

A perda de peso caía-lhe melhor que em mim. O bigode parecia mais escuro e espesso. Toquei-o de modo hesitante, carinhoso, sabendo que já não me pertencia o bigode que ele deixara crescer só para me agradar.

— Sofri quando parou de me escrever todos os dias. O que houve? O horário ficou apertado demais?

— Mais ou menos isso. É cansativo ter que dançar todos os dias e, ao mesmo tempo, procurar conhecer o máximo de lugares possível... Fiquei tão ocupada que nunca me sobrava tempo suficiente.

— Fiz uma assinatura da Variety.

— Oh!... — foi tudo o que consegui dizer, rezando para que a revista não tivesse mencionado meu casamento com Julian.

— Arvorei-me em seu serviço particular de recortar notícias, embora Chris também esteja compilando um álbum de recortes a seu respeito. Sempre que ele está em casa, comparamos nossos recortes; se um de nós dois tem algo que o outro ainda não possui, mandamos tirar fotocópias.

Interrompeu-se, como se intrigado por minha fisionomia, expressão, ou algo semelhante.

— As críticas são sensacionais, Catherine. Por que parece tão... tão... indiferente?

— Estou cansada, como você mesmo disse — baixei a cabeça, sem saber o que dizer ou como enfrentar-lhe o olhar. — E como estão vocês?

— Catherine, o que há? Parece tão esquisita.

Carrie me olhava com atenção... como se Paul lhe houvesse expressado os pensamentos. Corri os olhos pela espaçosa sala cheia dos belos objetos colecionados por Paul. O sol atravessava as persianas de marfim e incidia sobre as miniaturas no alto étagère com prateleiras de vidro, tendo ao fundo um espelho negro com veios de ouro, iluminado de cima a baixo. Como era fácil esconder-me olhando em volta, fazendo de conta que tudo estava bem, quando, na verdade, tudo estava errado.

— Catherine, fale comigo! — exclamou Paul. — Há algo errado!

Sentei-me, os joelhos fracos, um nó na garganta. Por que eu jamais conseguia fazer algo certo? Como fora ele capaz de mentir, iludindo-me, quando sabia que eu estava farta de mentiras e falsidades? E, não obstante, como podia parecer ainda tão digno de confiança?

— Quando Chris estará em casa?

— Na sexta-feira, para os festejos da Páscoa.

Paul lançou-me um olhar prolongado e pensativo, julgando o fato estranho, pois geralmente Chris e eu mantínhamos constante contato. Naquele momento, Henny entrou para cumprimentar-me com um grande abraço e um beijo... e não pude mais adiar... embora encontrasse um meio de fazê-lo.

— Paul, eu trouxe Julian para casa comigo... Está na varanda, esperando. Você se importa?

Ele me olhou de forma muito esquisita e depois meneou a cabeça.

— Claro que não. Mande-o entrar.

Então voltou-se para Henny:

— Ponha mais dois lugares à mesa.

Julian entrou e, segundo minhas instruções, não disse uma só palavra que revelasse nosso casamento. Havíamos ambos retirado as alianças, guardando-as nos bolsos. Foi a mais estranha e silenciosa das refeições; até mesmo quando Julian e eu distribuímos os presentes, a

atmosfera se tornou mais tensa. Carrie limitou-se a fitar a pulseira de rubis e ametistas, embora Henny sorrisse largamente ao colocar no braço a pulseira de ouro maciço.

— Muito obrigado pela bela miniatura de bailarina, Cathy — disse Paul, depositando cuidadosamente meu presente sobre a mesa mais próxima. — Julian, poderia dar-nos, a Catherine e a mim, um minuto de licença? Gostaria de conversar com ela em particular.

Pronunciou essas palavras no tom de um médico que requisita uma conversa em particular com o membro da família responsável por um paciente em estado crítico. Julian anuiu com a cabeça e sorriu para Carrie, que lhe devolveu um olhar raivoso.

— Vou recolher-me — declarou ela com ar de desafio. — Boa-noite, Sr. Marquet. Não sei por que razão precisou ajudar Cathy a comprar-me esta pulseira, mas, de todo modo, muito obrigada.

Julian foi deixado na sala, assistindo à televisão, enquanto Paul e eu saíamos para passear nos magníficos jardins. As árvores frutíferas já floresciam e as rosas de várias cores que subiam pelas treliças brancas apresentavam um belo espetáculo.

— O que há de errado, Catherine? — indagou Paul. — Você volta para minha casa em companhia de outro homem, de modo que talvez nem seja necessário explicar. Sou capaz de adivinhar.

Baixei depressa a mão para pegar a dele.

— Pare! Não diga nada!

Com voz entrecortada, muito vagarosa, comecei a relatar a visita de sua irmã. Declarei que, agora, tinha conhecimento de que Júlia continuava viva e, embora eu pudesse compreender as motivações de Paul, ele deveria ter-me contado a verdade.

— Por que me induziu a acreditar que ela estivesse morta, Paul? Julgou-me tão infantil a ponto de não conseguir suportar a notícia? Se me tivesse contado, eu compreenderia. Eu o amava, jamais tenha a menor dúvida quanto a isso! Não me entreguei a você por achar que lhe devia alguma coisa. Entreguei-me porque desejei dar-me, porque necessitava desesperadamente de você. Jamais pensei em casamento e estava muito feliz com o relacionamento que tínhamos. Seria sua amante pelo resto da vida, mas você devia ter-me contado a respeito de Júlia! Deveria conhecer-me o bastante para saber que sou impulsiva, que ajo sem pensar quando sou magoada... e fiquei terrivelmente magoada naquela noite em que Amanda veio contar-me que sua esposa ainda estava viva!

— Mentiras! — bradei. — Oh! Como detesto os mentirosos! Você, dentre todas as pessoas no mundo, mentiu para mim! Excetuando Chris, não havia ninguém em quem eu confiasse mais que em você!

Ele estacou, como eu. As estátuas nuas de mármore nos cercavam, parecendo zombar de nós. Riam do amor que fracassara. Agora estávamos como elas: imóveis e frios.

— Amanda — disse Paul, pronunciando o nome como se tivesse na boca algo amargo, que merecia ser cuspidito longe. — Amanda e suas meias-verdades. Você me pergunta por que... Então, por que não perguntou isso antes de... partir para Londres? Por que não me deu uma oportunidade de defender-me?

— Como é possível defender a mentira? — repliquei maldosamente, desejando magoá-lo tanto quanto fora magoada naquela noite, no momento em que Amanda se retirara do teatro.

Paul se afastou, encostou-se ao tronco de um velho carvalho e tirou do bolso um maço de cigarros. Tragou fundo, exalando lentamente a fumaça. Esta veio na minha direção, envolvendo-me a cabeça, o pescoço, o corpo e afugentando o aroma das rosas.

— Lembre-se de quando chegou aqui — começou Paul, sem apressar-se. — Sentia-se muito amargurada pela perda de Cory, sem falarmos no que sentia a respeito de sua mãe. Como poderia eu relatar-lhe minha sórdida história, quando você já passara por tanto sofrimento? Como poderia eu prever que nos tornaríamos amantes? A mim, você parecia

apenas uma bela criança assustada, embora me tenha tocado profundamente. Sempre me tocou de modo muito profundo. Como me toca agora, aí parada com esse olhar acusador. Não obstante, tem razão: eu devia ter-lhe contado.

Exalou um pesado suspiro.

— Eu lhe contei a respeito do dia em que Scotty completou três anos e Júlia o levou até o rio, segurando-o sob a água até matá-lo por afogamento. Mas não lhe contei que ela continuou viva... Toda uma equipe médica trabalhou nela durante horas a fio, procurando tirá-la da coma, mas não foi possível.

— Coma? — murmurei. — Ela continua viva... e ainda em coma?

Ele sorriu com grande amargura e, depois, ergueu os olhos para a lua, que também parecia sorrir sarcasticamente. Então, voltou a cabeça e encarou-me.

— Sim, Júlia permaneceu viva, o coração batendo. Antes de você e seus irmãos chegarem à minha casa, eu ia visitá-la diariamente numa instituição particular. Sentava-me ao lado de sua cama, segurando-lhe a mão, forçando-me a olhar para o rosto abatido e o corpo esquelético... Era o melhor meio de atormentar-me e tentar lavar-me do remorso que sentia. A cada dia, vi-lhe os cabelos ficarem mais ralos, as franhas, cobertas, tudo enfim, cheio de cabelos, enquanto Júlia definhava diante de meus olhos. Estava ligada a tubos que lhe auxiliavam a respiração, além de um tubo que a alimentava intravenosamente pelo braço. Suas ondas cerebrais eram nulas, mas o coração continuava a pulsar. Mentalmente estava morta; fisicamente, vivia. Se algum dia saísse da coma, nunca mais conseguiria falar, movimentar-se ou mesmo pensar. Tornara-se uma morta-viva aos vinte e seis anos de idade, a partir do dia em que levava meu filho ao rio para afogá-lo em água rasa. Era-me difícil acreditar que uma mulher que amasse tanto o filho fosse capaz de afogá-lo sentindo-o debater-se para sobreviver... e, não obstante, ela o fez apenas para vingar-se de mim.

Parou de falar, bateu a cinza do cigarro e tornou a olhar para mim.

— Júlia me lembra sua mãe: ambas são capazes de tudo, desde que se sintam justificadas.

Suspirei, Paul suspirou, as flores também suspiraram. Creio que as estátuas de mármore nos imitaram igualmente os suspiros, apesar de serem incapazes de compreender a condição humana.

— Quando viu Júlia pela última vez, Paul? Ela não tem a mínima possibilidade de recobrar-se totalmente?

Comecei a chorar. Paul tomou-me nos braços, beijando-me o alto da cabeça.

— Não chore por ela, minha bela Catherine. Tudo acabou para Júlia, agora, afinal, ela descansou. Morreu menos de um mês depois que nos tornamos amantes. Simplesmente partiu, tranqüila. Lembro-me de que, na ocasião, você me olhava como se pressentisse algo errado comigo. Não foi por amá-la menos que me senti obrigado a retrain-me e analisar-me. Foi uma mescla dolorosa de remorso e tristeza por alguém tão doce e linda como Júlia, a minha namorada de infância, ter que abandonar esta vida sem experimentar ao menos uma vez todas as coisas belas e maravilhosas que ela nos tem a oferecer.

Tomou-me o rosto entre as mãos e enxugou-me as lágrimas com beijos cheios de ternura.

— Agora, sorria e diga-me as palavras que lhe vejo nos olhos: diga-me que me ama. Quando trouxe Julian consigo para casa, julguei que tudo acabara entre nós, mas agora posso perceber que jamais acabará. Você me deu o que tem de melhor dentro de si e sei que mesmo quando estiver a milhares de quilômetros, dançando com homens mais bonitos e mais jovens que eu... será fiel a mim como eu serei a você. Faremos tudo dar certo porque duas pessoas que se amam sinceramente sempre podem superar todos os obstáculos, quaisquer que estes sejam

Oh!... como poderia eu contar-lhe agora?

— Júlia morreu? — indaguei com voz trêmula, profundamente chocada, odiando Amanda e a mim mesma. — Amanda mentiu... Ela sabia que Júlia morreria e, ainda assim, foi a Nova York contar-me uma mentira? Oh! Paul, que tipo de mulher ela é?

Ele me abraçou com tanta força que as costelas me doeram, mas, a despeito da dor, mantive-me agarrada a ele, pois sabia que aquela era a última vez que poderia fazê-lo. Beijei-o com violência e paixão, sabendo que jamais tornaria a sentir-lhe os lábios nos meus. Ele riu, cheio de júbilo, sentindo todo o amor e paixão que eu nutria por ele. Então, numa voz mais despreocupada e feliz, explicou:

— Minha irmã sabia quando Júlia morreu, pois compareceu ao enterro, embora se recusasse a falar comigo na ocasião. Agora, por favor, pare de chorar. Deixe-me enxugar-lhe as lágrimas.

Usou o lenço para secar meu rosto e os cantos dos olhos. Depois, entregou-o a mim para assoar o nariz. Agi como criança, a criança impulsiva e impaciente que Chris me advertira que não fosse, e trai Paul, que confiava em mim.

— Ainda não consigo compreender Amanda — lamuriei-me dolorosamente, continuando a adiar o momento da verdade que me sentia incapaz de enfrentar.

Paul abraçou-me, acariciando-me as costas e os cabelos, enquanto eu o enlaçava pela cintura, fitando-lhe o rosto.

— Querida Catherine, por que está com aparência tão esquisita e age de modo tão estranho? — indagou ele com a voz de volta ao normal. — Nada que minha irmã diga pode impedir-nos de gozar os prazeres que a vida nos oferece. Amanda deseja expulsar-me de Clairmont. Quer apoderar-se desta casa, a fim de dá-la ao filho. Portanto, faz o possível para arruinar-me a reputação. Desenvolve grande atividade social e enche os ouvidos das amigas com calúnias a meu respeito. E se existiram mulheres antes de Júlia afogar meu filho, isto foi lição suficiente para me fazer mudar de procedimento. Não existiu mulher nenhuma até você! Até mesmo ouvi boatos a respeito de Amanda ter espalhado pela cidade que engravidei você e que a D&C foi, na verdade um aborto. Como está vendo, aquela mulher vingativa é capaz de tudo!

Agora, era tarde, tarde demais. Paul tornou a me pedir que parasse de chorar.

— Amanda — disse eu, com esforço, prestes a perder o controle. — Ela afirmou que uma D&C era o mesmo que um aborto. Declarou que você guardara o embrião e que este possuía duas cabeças. Vi aquilo num vidro, em seu consultório. Como pôde guardar tal coisa, Paul? Por que não a enterrou? Um bebê monstruoso! Não é justo... não é... por quê?

Paul gemeu, passando a mão nos olhos para negar depressa tudo aquilo.

— Eu seria capaz de matá-la por lhe dizer isso! É mentira, Catherine! É mentira!

— É mesmo mentira? Bem sabe que o feto poderia ser meu. Em nome de Deus! Chris não sabe... ele não mentiu para mim, não é?

Paul pareceu frenético ao negar tudo e tentou abraçar-me outra vez, mas recuei de um salto e estendi os braços para mantê-lo à distância.

— Existe em seu consultório um vidro contendo um feto desse tipo! Eu vi! Oh! Paul, como foi capaz? Você, dentre todas as pessoas, guardar uma coisa como aquela!

— Não! — protestou ele, de imediato. — Deram-me aquilo há muitos anos, quando eu cursava a faculdade de medicina... uma espécie de pilhéria... Os acadêmicos de medicina estão sempre fazendo brincadeiras que as pessoas normais considerariam macabras. Digo-lhe a verdade, Catherine: você não abortou!

Então, calou-se bruscamente. Meus pensamentos rodavam num tumulto. Eu me traíra! Comecei a chorar. *“Chris, Chris, era um bebê, um monstro, como tínhamos!”*

— Não! — repetiu Paul várias vezes. — Não era seu e, mesmo que fosse, não faria a menor diferença para mim. Sei que você e Chris se amam de um modo muito especial. Sempre soube, e compreendo.

— Uma vez — murmurei por entre soluços. — Apenas uma vez, numa noite terrível.

— Sinto muito que tenha sido terrível.

Então olhei para o rosto de Paul, maravilhando-me de que ele pudesse encarar-me com tanta ternura e respeito, mesmo conhecendo a verdade toda.

— Paul — murmurei, trêmula e tímida. — Foi um pecado imperdoável?

— Não... eu diria que foi um compreensível ato de amor.

Abraçou-me, beijou-me, acariciou-me as costas e começou a falar dos planos para nosso casamento.

—... Chris levará você ao altar e Carrie será a dama de honra. Chris se mostrou muito hesitante, recusando-se a encarar-me quando discuti o assunto com ele. Declarou que não a julgava bastante amadurecida para enfrentar um casamento complicado como será o nosso. Sei que não será fácil para você, nem para mim. Você viajará pelo mundo, dançando com homens jovens e bonitos; contudo, espero ansiosamente por uma oportunidade para acompanhá-la numa dessas viagens. Será inspirador e excitante ver-me como marido de uma *prima ballerina*. Por falar nisso, eu poderia até mesmo ser o médico da companhia de balé. Sem dúvida, os bailarinos necessitam ocasionalmente dos serviços profissionais de um médico, não é mesmo?

Senti-me morta por dentro.

— Paul — comecei, atordoadas. — Não posso me casar com você.

Então, bastante fora do contexto, prossegui:

— Sabe, não foi estupidez de mamãe esconder nossas certidões de nascimento no forro daquelas malas? Ela não fez o serviço direito e os forros se rasgaram permitindo que eu encontrasse os documentos. Sem a certidão de nascimento eu não poderia requisitar um passaporte; sem ela também não conseguiria provar que tinha idade suficiente para solicitar uma licença de casamento. Compreenda: poucos dias antes de partirmos para Londres, fizemos os exames de sangue exigidos por lei, Julian e eu; a cerimônia do casamento foi muito simples, com a presença de Madame Zolta e outros membros da companhia. Até mesmo quando pronunciei os votos conjugais, jurando fidelidade a Julian, eu estava pensando em você... em você e em Chris... detestando-me e sabendo que estava agindo errado.

Paul não disse uma palavra. Recuou como se tivesse levado um golpe na cabeça e depois cambaleou até deixar-se cair num banco de mármore. Por algum tempo, limitou-se a ficar sentado imóvel. Então, apoiou a cabeça nas mãos, escondendo o rosto.

Fiquei em pé enquanto ele permanecia sentado. Paul perdeu-se em algum lugar de sua própria mente, enquanto eu aguardava que ele voltasse a si e começasse a brigar comigo. Todavia, quando falou, sua voz foi macia como um sussurro:

— Venha sentar-se perto de mim por algum tempo. Segure minha mão. Dê-me tempo para entender que está tudo acabado entre nós.

Fiz-lhe a vontade. Segurei-lhe a mão e ambos fitamos o céu estrelado, onde também havia neblinas de nuvens negras.

— Nunca mais ouvirei seu tipo de música sem me lembrar de você...

— Perdoe-me, Paul! Quem me dera ter dado ouvidos ao meu instinto, que me dizia que Amanda mentia. Mas a música também tocava no lugar onde eu me encontrava; você estava tão distante e Julian tão perto de mim, implorando, dizendo-me que me amava e que precisava de mim. Então, convenci-me de que você não gostava realmente de mim. Não suporto viver sem alguém que me ame.

— Sinto-me muito feliz por saber que Julian a ama — disse Paul.

Então levantou-se depressa e partiu em direção à casa, em passos tão longos e rápidos que eu jamais conseguiria acompanhá-lo, mesmo que corresse atrás dele.

— Não diga mais uma só palavra! Deixe-me em paz, Catherine! Não me acompanhe! Você agiu corretamente; nunca tenha a menor dúvida a respeito! Fui um velho tolo, metendo-

me a brincar com uma jovem e não precisa dizer-me que eu deveria ter mais juízo: já sei disso, muito bem!

Amores demais para perder

Surda e petrificada como uma das estátuas de mármore de Paul, sentei-me na varanda e fitei o céu noturno que se tornava tempestuoso com nuvens negras. Julian saiu da casa para sentar-se a meu lado. Em seus braços, comecei a chorar baixinho.

— Por quê? — indagou ele. — Você me ama um pouquinho, não ama? O seu doutor não pode estar realmente magoado; tratou-me de modo muito bondoso e disse-me que viesse aqui para reconfortá-la.

Naquele momento, Henny apareceu na varanda e, com sua mímica rápida como o raio, revelou que seu filho-doutor estava arrumando as malas para uma viagem e eu deveria ficar na casa.

— O que lhe diz ela? — quis saber Julian, aborrecido. — Diabo! É como ouvir alguém falar um idioma desconhecido. Sinto-me tão ignorado!

— Fique aqui e espere! — ordenei.

Então, levantei-me de um pulo e corri para dentro de casa, galgando a escada como se voasse. Entrei no quarto de Paul, onde este jogava roupas numa mala aberta em cima da cama.

— Escute! — gritei, angustiada. — Não tem motivo para partir! Esta casa é sua! Eu irei embora. Levarei Carrie comigo, de modo que você nunca mais precisará ver minha cara!

Paul virou-se para lançar-me um olhar prolongado e cheio de amargura, enquanto continuava a enfiar as camisas na mala.

— Cathy, você me tirou a esposa que eu sonhava ter um dia e agora está querendo levar minha filha. Carrie é como se fosse do meu próprio sangue. Além disso, nunca se adaptará a seu tipo de vida. Deixe-a ficar comigo e Henny. Voltarei antes de vocês partirem... E acho melhor saberem que o pai de Julian está muito, muito doente.

— Georges está doente?

— Sim. Talvez vocês não saibam que ele sofre a muitos anos de uma moléstia renal e se encontra num aparelho de diálise há vários meses. Não creio que tenha muito tempo de vida. Não é meu cliente, mas procuro visitá-lo sempre que possível, mais ou menos para saber notícias de Julian e você. Agora, Cathy, faça o favor de retirar-se e não me obrigue a dizer coisas das quais talvez eu me arrependa.

Deitei-me de bruços em minha cama e chorei com o rosto no travesseiro até que Henny entrou no quarto. Mãos escuras, fortes e maternais deram-me palmadinhas nas costas. Os úmidos olhos castanhos de Henny diziam o que sua língua não conseguia falar. Falou-me por meio de gestos e, afinal, tirou do bolso do avental um recorte do jornal local. A notícia de meu casamento com Julian!

— Henny! — lamuriei-me. — O que vou fazer? Estou casada com Julian e não posso pedir o divórcio; ele depende de mim, creia-me!

Henny sacudiu os ombros largos, indicando que as pessoas eram tão complexas para ela quanto para mim. Então, movimentou rapidamente as mãos:

— Irmã mais velha sempre criou dificuldades. Um homem já sofre; não adianta fazer dois sofrerem. Doutor homem bom, forte, sobreviverá à decepção. Mas jovem dançarino talvez não sobreviva. Enxugue as lágrimas, não chore mais. Mostre belo sorriso e desça para pegar a mão do novo marido. Tudo correrá bem. Você verá.

Segui as instruções de Henny e juntei-me a Julian na sala de estar, onde lhe disse que seu pai estava doente e prestes a morrer. Seu rosto pálido ficou ainda mais branco. Mordeu nervosamente o lábio inferior.

— É mesmo tão grave assim?

Eu sempre tivera a impressão de que Julian não ligava muito para o pai, de modo que me surpreendi com sua reação. Naquele momento, Paul entrou na sala com as malas e se ofereceu para levar-nos ao hospital.

— E não se esqueçam: minha casa tem muitos quartos e não há o menor motivo para que vocês dois cheguem a pensar em ir para um hotel. Fiquem pelo tempo que quiserem. Voltarei dentro de alguns dias.

Tirou o carro da garagem a fim de que Julian e eu pudéssemos embarcar no banco dianteiro. Quase não falamos até que Paul nos deixou à porta do hospital. Tristonha, hesitei nos degraus, observando o carro de Paul afastar-se.

Haviam instalado Georges num quarto particular e Madame Marisha lhe fazia companhia. Quando vi Georges na cama, prendi a respiração! Oh! Ficar assim! Estava tão magro que já parecia morto. O rosto tinha uma palidez acinzentada e todos os ossos se mostravam salientes, parecendo picos escarpados sob a pele fina. Madame Marisha estava encolhida ao lado do marido, fitando-lhe o rosto descarnado, implorando com os olhos, ordenando-lhe que continuasse vivo!

— Meu amor, meu amor, meu amor — repetia, como se acalentasse um bebê. — Não vá, não me deixe sozinha. Ainda temos tanto para fazer, para experimentar... Nosso filho tem que ser famoso antes de você morrer... Agüente firme, meu amor, agüente firme...

Só então Madame Marisha ergueu os olhos e nos avistou. Com a mesma autoridade de sempre, repreendeu:

— Muito bem, Julian, até que enfim você veio! Depois de todos os telegramas que lhe mandei! O que fez deles? Rasgou-os e continuou a dançar, como que nada além disso tenha importância?

Empalideci, muito espantada, e olhei de Julian para Madame.

— Minha querida mãe — replicou Julian friamente. — Estávamos cumprindo um contrato de temporada, como você bem sabe. Tínhamos assumido compromissos e, portanto, minha esposa e eu tratamos de honrá-los.

— Seu bruto desalmado! — rosnou ela, fazendo um gesto para que Julian se aproximasse. — Agora, diga algo bom e carinhoso para aquele homem na cama — sibilou ela num sussurro. — Senão, juro por Deus, farei com que deseje nunca ter nascido!

Julian encontrou grande dificuldade para fazer o esforço de aproximar-se da cama; tanto, na verdade, que fui obrigada a empurrá-lo enquanto Madame Marisha soluçava num punhado de lenços de papel cor-de-rosa.

— Olá, Papai — foi tudo que Julian conseguiu dizer, acrescentando: — Sinto muito que esteja tão doente.

Voltou depressa para junto de mim, abraçando-me com força; senti-o tremer da cabeça aos pés.

— Veja, meu amor, meu querido, minha vida — tornou a acalentar Madame Marisha, debruçando-se outra vez sobre o marido e alisando-lhe os cabelos negros lisos e úmidos. — Abra seus queridos olhos e veja quem viajou de avião milhares de quilômetros para estar a seu lado. O seu Julian e a esposa. Viajaram imediatamente de Londres quando foram informados de que você estava doente. Abra os olhos, meu coração, para vê-lo outra vez, para vê-los juntos, um belo casal de noivos... por favor, meu amor, abra os olhos, veja-os...

Sobre a cama, a caricatura pálida e esquelética de um homem entreabriu os olhos escuros, que se movimentaram devagar, procurando focalizar-se em nós. Estávamos junto aos pés da cama, mas ele pareceu não nos enxergar. Madame Marisha levantou-se a fim de empurrar-nos para mais perto do marido e depois segurou Julian, impedindo-o de recuar. Georges abriu um pouco mais os olhos e mostrou um leve sorriso.

— Ah! Julian — suspirou. — Obrigado por vir. Tenho tanto a lhe dizer... coisas que deveria ter dito antes...

Perdeu o fôlego momentaneamente e gaguejou:

— Eu deveria...

Então, interrompeu-se. Aguardei que continuasse... e fiquei aguardando. Vi seus olhos se abrirem totalmente, esgazeando-se e tornando-se vidrados. Sua cabeça ficou totalmente imóvel. Madame Marisha gritou. Um médico e uma enfermeira chegaram correndo e nos forçaram a sair do quarto. Então cuidaram de Georges.

Formamos um pequeno grupo digno de pena no corredor em frente ao quarto de Georges. Pouco tempo depois, o médico grisalho saiu para dizer que sentia muito, mas haviam feito todo o possível. Tudo terminara.

— É melhor assim — acrescentou. — A morte pode ser uma boa amiga para os que sofrem muito. Espanto-me de que ele tenha suportado tanto tempo...

Olhei fixamente para Julian. Podíamos ter regressado antes. Mas Julian assumiu um ar inexpressivo e se recusou a falar.

— Ele era seu pai! — berrou Madame Marisha, com as lágrimas correndo pelo rosto. — Sofreu durante duas semanas, esperando ver você antes de se deixar morrer e escapar do inferno da vida!

Julian girou nos calcanhares, o rosto pálido avermelhado de fúria, e replicou:

— Madame Mãe, diga apenas o que meu pai me deu! Para ele, eu era simplesmente a sua continuação! Tudo o que ele foi para mim não passou de um professor de balé! Ensaie, dance, era tudo o que ele me dizia! Jamais conversou sobre o que eu desejava além do balé; pouco ligava ao que eu desejasse ou necessitasse fora do balé! Eu queria que ele me amasse pelo que eu era; desejava que visse em mim um filho, não um bailarino! Eu o amava; queria que ele percebesse e que dissesse que retribuía meu amor... mas ele nunca o fez! Por mais que eu tentasse dançar com perfeição, ele jamais me elogiou, pois nunca fui capaz de apresentar-me como ele o fazia quando tinha minha idade! Eis o que eu era para ele: alguém que calçasse suas sapatilhas e desse continuação à sua fama! Mas, a despeito de vocês dois, tenho meu próprio nome, devidamente legalizado: Julian Marquet e não Georges Rosencoff! Portanto, o nome dele não sobreviverá para roubar-me a fama que conseguirei sozinho!

Naquela noite tomei Julian nos braços, compreendendo-o como nunca o entendera antes. Quando ele deixou de resistir e começou a chorar, chorei com ele por um pai que ele declarava desprezar, mas no fundo amava. E lembrando-me de Georges, refleti o quanto era triste que tivesse tentado, tarde demais, dizer ao filho o que já lhe devia ter dito havia muitos anos.

Assim, regressamos de uma lua-de-mel durante a qual conseguíramos uma certa dose de fama e publicidade, além de muitas e muitas horas de trabalho árduo, para comparecermos ao funeral de um pai que jamais tomaria conhecimento das realizações do filho. Toda a glória de Londres parecia-lhe agora envolta numa névoa fúnebre. Madame Marisha estendeu os braços para mim quando a cerimônia se encerrou à beira do túmulo. Tomou-me nos braços magros como outrora devia ter abraçado Julian. Ficamos enlaçadas numa espécie de transe hipnótico, ambas chorando.

— Seja boa para meu filho, Catherine — pediu-me ela, soluçando e fungando. — Tenha paciência com ele quando se portar como um selvagem. Julian não teve uma vida fácil, pois grande parte do que diz é verdade. Sempre se sentiu colocado em competição com o pai e nunca conseguiu sobrepujar a capacidade deste. Agora, vou dizer-lhe uma coisa: o meu Julian nutre por você um amor quase sagrado. Julga que você foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida e, para ele, você não tem defeitos. Se tiver, esconda-os. Num espaço de apenas poucos meses, apaixonou-se e desapaixonou-se uma centena de vezes. Você o frustrou durante anos. Portanto, agora que ele é seu marido, dê-lhe generosamente todo o amor que lhe foi negado, pois não sou uma mulher expansiva. Sempre desejei ser, mas de algum modo nunca consegui humilhar-me e ser a primeira a tocá-lo. Toque-o com frequência, Catherine. Segure-lhe a mão

quando ele fizer menção de afastar-se e emburrar-se. Compreenda por que motivo ele é instável e ame-o três vezes mais por causa disso. Dessa forma, extrairá dele o que possui de melhor, pois Julian tem qualidades admiráveis. Tem que ter, pois é filho de Georges.

Beijou-me, despediu-se e fez-me prometer visitá-la muitas vezes em companhia de Julian.

— Arranjem um cantinho para mim em suas vidas — pediu-me com um ar tristonho que lhe alongava o rosto e ensombrecia os olhos.

Entretanto, quando prometi e virei o rosto, Julian nos observava com um olhar duro.

Chris voltou para casa nos feriados da Páscoa e cumprimentou Julian sem entusiasmo. Percebi que Julian o observava com olhos semicerrados, cheios de suspeita. Tão logo Chris e eu ficamos a sós, meu irmão berrou:

— Você se casou com ele? Por que não pôde esperar? Como pôde ter tanta intuição quando estávamos presos e ser tão idiota agora, que estamos em liberdade? Eu estava errado em não querer que se casasse com Paul apenas porque ele é muito mais velho que você! E confesso que sentia ciúmes, não querendo que você se casasse com ninguém. Sonhava que você e eu... Bem, você sabe o que eu sonhava. Mas se tinha que haver uma escolha entre Paul e Julian, que fosse Paul! Foi ele quem nos acolheu, deu-nos alimentos e roupas; é ele quem nos dá tudo o que podemos desejar neste mundo. Não gosto de Julian. Ele a destruirá.

Hesitou, virando-se de costas para esconder o rosto. Tinha vinte e um anos e começava a assumir a força viril de um homem adulto. Nele eu via muito de nosso pai e também de nossa mãe. E, quando queria, eu era capaz de torcer as coisas em meu proveito, de modo que pensei que, sob certos aspectos, Chris era mais semelhante a Mamãe que a Papai. Comecei a dizer isto, mas também perdi o rumo e me calei, pois não poderia dizer tal coisa a meu irmão. Este nada tinha de semelhante à nossa mãe! Chris era forte... ela era fraca. Chris era nobre; ela não possuía o mínimo senso de honradez.

— Chris... não dificulte as coisas para mim. Sejamos amigos novamente. Julian é esquentado e arrogante, e mais uma porção de coisas que irritam a gente à primeira vista. No fundo, porém, não passa de um menino.

— Mas você não o ama — replicou Chris, sem me encarar.

Julian e eu partiríamos dentro de poucas horas. Convidei Carrie a vir morar conosco em Nova York, mas ela perdera a confiança em mim. Eu a traíra muitas vezes e ela deixou isto bem claro:

— Cathy, volte para Nova York, onde neva o tempo todo, os assaltantes atacam as pessoas no parque e os assassinos pegam suas vítimas no metrô, mas deixe-me aqui! Antes, eu queria ficar sempre perto de você; agora pouco me importo com isso! Você partiu e se casou com aquele tal Julian de olhos negros, quando poderia tornar-se esposa do Dr. Paul e ser minha mãe de verdade! Eu me casarei com ele! Se julga que ele não me aceitará porque sou muito pequena, está muito enganada. Você acha que ele é velho demais para mim, mas eu nunca conseguirei arranjar alguém para casar-se comigo, de modo que ele ficará com pena e me aceitará como esposa. Teremos seis filhos. Espere e verá!

— Carrie...

— Cale a boca! Não gosto de você, agora! Vá embora! Fique longe daqui! Dance até morrer! Chris e eu não queremos você! Ninguém aqui quer você!

Aquelas palavras, pronunciadas aos berros, me feriram! A minha Carrie, gritando-me que fosse embora, quando eu fora como uma mãe para ela durante a maior parte de sua vida. Então virei-me para olhar Chris, que se postara junto às roseiras, os ombros caídos, tendo nos olhos (Oh! aqueles olhos tão azuis...) a expressão que sempre me acompanharia. Nunca, jamais seu amor me libertaria para amar sem reservas outro homem, pelo menos, enquanto ele continuasse a amar-me.

Uma hora antes de termos que partir para o aeroporto, o carro de Paul entrou pela alameda de acesso à casa. Ele sorriu para mim como sempre costumava fazer, como se nada houvesse mudado entre nós. Contou a Julian algo a respeito de um congresso médico que o mantivera afastado de casa, acrescentando que se sentia profundamente entristecido com a notícia da morte de Georges. Apertou a mão de Chris e deu-lhe calorosas palmadas nas costas, da maneira como os homens costumam demonstrar afeição mútua. Cumprimentou Henny, beijou Carrie, dando-lhe uma caixa de balas, e só então olhou para mim.

— Olá, Cathy.

Aquilo me disse muita coisa. Eu já não era Catherine, uma mulher a quem ele era capaz de amar de igual para igual; retroagira à posição de uma filha.

— Cathy, vocês não podem levar Carrie para Nova York. O lugar dela é aqui, comigo e Henny, de modo que possa rever periodicamente o irmão. Além disso, eu não gostaria que ela trocasse de escola.

— Eu não abandonaria vocês por nada deste mundo — declarou Carrie fielmente.

Julian subiu para terminar de arrumar suas bagagens e atrevi-me a seguir Paul até o jardim, a despeito do olhar proibitivo de Chris. Paul, ainda usando o terno elegante, apoiara um joelho na terra para arrancar algumas ervas daninhas que alguém esquecera de limpar. Levantou-se depressa ao escutar meus passos e limpou as calças. Então, fitou o espaço, como se a última coisa que desejasse neste mundo fosse olhar para mim.

— Paul... hoje seria o dia de nosso casamento.

— É mesmo! Esqueci-me.

— Não se esqueceu — repliquei, aproximando-me dele. — O primeiro dia da primavera, um novo início, foi o que você disse. Sinto muito ter estragado tudo. Fui uma idiota por acreditar em Amanda. Fui duas vezes idiota por não haver esperado para conversar com você antes de me casar com Julian.

— Não falemos mais no assunto. Tudo acabou, em definitivo — disse ele com um pesado suspiro, avançando voluntariamente para tomar-me nos braços. — Cathy, parti para ficar sozinho. Quando você perdeu a fé em mim, voltou-se impulsivamente, mas com sinceridade, para o homem que a ama há alguns anos. Qualquer pateta que não seja cego seria capaz de perceber o fato. E, se é capaz de ser franca consigo mesma, admita que está apaixonada por Julian durante quase o mesmo tempo que ele a ama. Acredito que você tenha guardado seu amor por ele numa prateleira por pensar que me devia...

— Pare com isso! Amo você e não ele. Sempre amarei você!

— Está totalmente confusa, Cathy... Você me quer, mas quer Julian; deseja segurança, mas também deseja aventura. Julga que pode ter tudo, mas está enganada. Há muito tempo eu lhe disse que a primavera não combina com o outono. Fizemos e dissemos um bocado de coisas para convencer-nos de que a diferença de idade entre nós nada significa; mas ela é importante. E não se trata apenas da diferença de idade, mas também do espaço que nos separaria. Você estaria dançando em alguma parte do mundo enquanto eu permaneceria aqui, enraizado e ocupado. Ficaríamos juntos apenas algumas semanas por ano. Em primeiro lugar sou médico, depois marido. Mais cedo ou mais tarde você descobriria o fato e, eventualmente, voltar-se-ia para Julian.

Sorriu e beijou com ternura as lágrimas que eu já derramara. Em seguida, disse-me que o destino sempre distribui as cartas certas.

— E ainda nos veremos. Não nos perdemos um do outro para sempre. Além disso, ainda tenho a lembrança de como tudo foi maravilhosamente doce e excitante entre nós.

— Você não me ama! — gritei acusadoramente. — Nunca me amou, ou não estaria aceitando a situação com tanta calma!

Ele riu baixinho e acalentou-me nos braços, como um pai.

— Querida Catherine, minha bailarina de sangue quente, que homem não a amaria? Como pôde aprender tanto a respeito do amor trancada num sótão úmido e escuro?

— Nos livros — respondi.

Mas as lições que aprendera não vinham dos livros. Paul enfiou os dedos em meus cabelos, mantendo os lábios próximos aos meus.

— Jamais me esquecerei do melhor presente de aniversário, que já recebi — disse ele, com o hálito quente em meu rosto.

Fez uma pausa.

— Agora, eis como será daqui por diante — declarou em tom firme. — Você e Julian regressarão a Nova York, onde você será para ele a melhor esposa possível. Ambos farão das tripas coração para incendiarem o mundo com sua dança. E você tem que decidir nunca mais olhar para trás com arrependimento. Esqueça-se de mim.

— E você? ... O que será de você?

Ele ergueu a mão e alisou o bigode.

— Ficaria espantada se soubesse o que este bigode fez em favor do meu *sex appeal*. Nunca mais o rasparei.

Rimos. Um riso verdadeiro, sem fingimento. Então tirei do dedo o anel de brilhante de dois quilates e tentei devolvê-lo a Paul.

— Não! Absolutamente. Quero que fique com o anel. Guarde-o para empenhá-lo quando ou se vier a precisar de um pouco de dinheiro extra.

Julian e eu voltamos a Nova York e procuramos durante semanas até encontrarmos o apartamento adequado e acolhedor. Julian queria algo muito mais elegante, mas somando o que ganhávamos, não nos atrevemos a morar no apartamento de cobertura que Julian julgava apropriado para nós.

— Mesmo assim, mais cedo ou mais tarde ainda havemos de morar numa cobertura perto do Central Park, com um terraço cheio de plantas verdadeiras.

— Não temos tempo de sobra para cuidar de plantas e flores verdadeiras — repliquei, já tendo gasto muito tempo e esforço para manter flores e plantas vivas e saudáveis. — E quando formos visitar Carrie, sempre poderemos aproveitar os jardins de Paul.

— Não gosto daquele seu médico.

— Ele não é meu médico! — protestei, com uma sensação esquisita, atemorizando-me sem motivo. — Por que não gosta de Paul? Todo mundo gosta muito dele.

— Sim, eu sei — respondeu ele secamente, parando com o garfo entre o prato e os lábios e fixando-me um olhar solene. — É exatamente esse o problema, minha querida esposa: acho que você gosta demais dele, até mesmo agora. E tem mais: também não morro de amores por seu irmão. Sua irmã é legal. Pode convidá-la para visitar-nos de vez em quando. Mas não se esqueça, nem por um segundo, que agora eu ocupo o primeiro lugar em sua vida. Nem Chris, nem Carrie, nem muito menos aquele médico de quem você foi noiva. Não sou cego ou estúpido, Cathy. Eu já o vi olhar para você e, embora não saiba até que ponto de intimidade chegaram, acho melhor você esquecer o passado!

Invadida pelo pânico, baixei a cabeça. Meus irmãos eram como prolongamentos de mim mesma! Eu necessitava deles como parte ativa de minha vida e não apenas na periferia. O que fizera eu? Tive a espantosa premonição de que Julian seria meu amantíssimo guardião, meu carcereiro, com o qual eu ficaria aprisionada como estivera naquele quarto trancado de Foxworth Hall! Só que desta feita eu teria liberdade para locomover-me até onde sua corrente invisível permitisse.

— Eu a amo como um louco — declarou Julian, terminando a refeição. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Quero tê-la a meu lado o tempo todo, nunca fora de meu campo de visão. Preciso de você para me manter na linha. Às vezes bebo demais e então fico

malvado, muito malvado, Cathy. Quero você para tornar-me o que julga que sou no palco; não desejo magoá-la.

Naquele momento ele me tocou, pois compreendi que fora terrivelmente ferido como eu também fora e se desapontara tanto com o pai, da mesma forma que minha mãe me decepcionara. E Julian precisava de mim. Talvez Paul tivesse razão. O destino se utilizara de Amanda para distribuir as cartas certas, de modo que Julian e eu fôssemos ganhadores e não perdedores. Juventude clama por juventude e Julian era jovem, bonito, um bailarino talentoso e encantador, quando resolvia sê-lo. Eu sabia que ele possuía uma faceta cruel, obscura. Já tivera oportunidade de experimentar parte dela... mas era capaz de domá-lo. Não permitiria que ele fosse meu soberano e juiz, meu superior ou amo. Dividiríamos tudo pela metade, compartilhando em termos de igualdade. E, eventualmente, numa radiante manhã ensolarada, eu acordaria para deparar com seu rosto mal barbeado e descobriria que o amava. Compreenderia que o amava mais do que já amara antes qualquer outra pessoa.

TERCEIRA PARTE

Sonhos realizados

Enquanto Julian e eu trabalhávamos como escravos para chegar ao topo do mundo do balé, Chris brilhava na escola preparatória e, no quarto ano, ingressou num programa acelerado para estudantes de medicina, completando o quarto ano da escola preparatória e, simultaneamente, cursando o primeiro ano da faculdade de Medicina.

Veio de avião a Nova York, explicar-me tudo enquanto passeávamos de mãos dadas pelo Central Park. Era primavera e as aves gorjeavam, coletando alegremente os gravetos de que necessitavam para a construção de seus ninhos.

— Chris, Julian desconhece sua presença na cidade e prefiro que continue a ignorá-la. Tem um ciúme terrível de Paul e de você também. Ficaria insultado se eu não o convidasse para jantar?

— Claro que ficaria — replicou Chris, teimoso. — Vim de longe visitar minha irmã e é o que pretendo fazer. E não furtivamente, às escondidas. Você pode dizer a Julian que vim visitar Yolanda. Além disso, tenciono ficar na cidade apenas o fim-de-semana.

Julian tinha uma obsessão possessiva em relação a mim, como um filho único que necessitasse de mimos constantes; eu não me importava, exceto quando ele tentava manter-me afastada de minha família.

— Está certo. No momento Julian está ensaiando e pensa que estou em casa, cuidando das coisas antes de juntar-me a ele esta tarde. Mas trate de manter-se distante de Yolanda, Chris, pois ela só lhe poderá causar encrencas. Tudo o que ela faz com um homem é novidade para a companhia no dia seguinte.

Meu irmão fitou-me de modo estranho.

— Cathy, estou pouco ligando para Yolanda. Ela é apenas minha desculpa para ver você; sei que seu marido me detesta.

— Eu não chamaria exatamente de “detestar”...

— Está bem. Chame de ciúmes. Mas seja lá como for, ele não vai me afastar de você — replicou Chris, assumindo um tom muito sério. — Cathy, sempre que você e Julian parecem estar prestes a conquistar fama e sucesso, acontece alguma coisa que os impede de serem os astros que merecem. O que é?

Sacudi os ombros. Não sabia o que era. Na minha opinião, Julian e eu éramos tão dedicados à dança quanto quaisquer outros bailarinos, talvez ainda mais que estes. Não obstante, Chris tinha razão: apresentávamos um desempenho sensacional, colocando os

críticos em polvorosa e depois decaíamos. Talvez Madame Zolta quisesse transformar-nos em super astros, a fim de não abandonarmos seu grupo e nos juntarmos a outra companhia de balé.

— Como vai Paul? — indaguei ao nos sentarmos num banco manchado de sol e sombra.

Chris pegara a minha mão, apertando-a com força.

— Paul é Paul... nunca muda. Carrie o adora e é adorada por ele. Paul me trata como um irmão mais moço de quem se orgulhasse muito. E na verdade, Cathy, não acredito que conseguisse prosseguir tão depressa sem o auxílio e orientação que ele me deu.

— Ele ainda não encontrou outra pessoa para amar? — indaguei em voz tensa, pois não acreditava totalmente nas cartas que Paul me escrevia para dizer que não gostava de mulher nenhuma.

— Cathy — disse Chris, pegando-me o queixo com ternura e obrigando-me a encará-lo. — Como poderia Paul encontrar alguém igual a você?

A expressão de seu olhar quase me fez chorar. O passado jamais me libertaria?

Mal Julian avistou Chris e os dois começaram a discutir.

— Não quero você dormindo sob meu teto! — esbravejou Julian. — Não gosto de você; jamais gostei e jamais gostarei! Portanto, trate de cair fora daqui e esquecer que tem uma irmã!

Chris saiu para hospedar-se num hotel e encontramos-nos às escondidas uma ou duas vezes antes que ele regressasse à faculdade. Desanimada voltei para assistir à aula com Julian e depois ensaiar à tarde e apresentar o espetáculo à noite.

Às vezes, tínhamos os papéis principais, outras vezes dançávamos papéis secundários e, em certas ocasiões, como punição por algum comentário sarcástico de Julian sobre Madame Zolta, dançávamos como parte do *corps de ballet*. Chris passou três anos sem voltar a Nova York.

Quando Carrie completou quinze anos, veio passar conosco seu primeiro verão em Nova York. Hesitante e parecendo amedrontada pela longa viagem de avião que fizera sozinha, caminhou devagar por entre a multidão buliçosa e barulhenta que lotava o terminal do aeroporto. Julian foi o primeiro a avistá-la. Soltando um grito, correu para tomá-la nos braços.

— Olá, minha linda cunhada! — cumprimentou, fazendo questão de beijar-lhe o rosto. — Ora, como cresceu e ficou parecida com Cathy! Daqui a pouco, será impossível notar a diferença, portanto, tome cuidado! Tem certeza de que não quer ser bailarina?

Carrie sentiu-se feliz e segura pelo prazer que Julian mostrava em revê-la e reagiu depressa, abraçando-o pelo pescoço. Durante os três anos que Julian e eu estávamos casados, Carrie aprendera a gostar de meu marido pelo que este aparentava ser.

— Não se atreva a me chamar de Fadinha! — replicou ela, rindo.

Era uma piada que costumávamos repetir, pois Julian afirmava que Carrie tinha o tamanho exato para fazer no palco o papel de uma fada e não se cansava de repetir que ainda não era tarde demais para ela tornar-se uma grande bailarina. Se qualquer outra pessoa chegasse a fazer tal insinuação, Carrie ficaria profundamente ofendida; partindo de Julian, porém, era um elogio de alguém que ela tanto admirava, dando-lhe a capacidade de transformar-se numa fada através de simples movimentos com os membros. Carrie entendia que Julian aplicava o termo “fadinha” como lisonja e não como alusão a seu tamanho diminutivo.

Então chegou minha vez de abraçar Carrie. Eu a amava tanto que fiquei sufocada pela sensação como se estreitasse nos braços uma criança saída de minhas próprias entranhas. Entretanto, jamais houve uma ocasião em que eu fitasse Carrie sem sentir saudades de Cory, que deveria estar ao lado dela. Se Cory ainda estivesse vivo, teria crescido apenas o suficiente

para chegar a um metro e trinta e cinco de estatura? Carrie e eu rimos, choramos, trocamos novidades, até que ela me segredou, fora do alcance dos ouvidos de Julian:

— Já não uso *soutien* de treinamento; ganhei um de verdade!

— Eu sei — sussurrei em resposta. — A primeira coisa que notei foi seu busto.

— É mesmo? — perguntou Carrie, parecendo deleitada. — Conseguiu ver meus seios? Não pensei que aparecessem tanto.

— Ora, claro que aparecem — afirmou Julian, que não deveria ter chegado tão sorrateiramente para escutar aquela troca de confidências entre duas irmãs. — É a primeira coisa que meus olhos procuram depois de fitarem um rosto fabuloso. Você sabe que possui um rosto fabuloso, Carrie? Acho até que sou capaz de largar minha mulher para me casar com você.

Aquele comentário não me bateu bem nos ouvidos. Havíamos discutido muitas vezes porque Julian gostava demais de meninas pequenas. Contudo eu estava decidida a não permitir que coisa alguma estragasse as férias de Carrie em Nova York, na primeira vez que ela viera sozinha. Julian e eu tínhamos elaborado uma espécie de escala de modo a podermos mostrar tudo a Carrie. Pelo menos havia um membro de minha família que Julian aceitava.

Os meses pareceram voar e, afinal, a primavera pela qual tanto esperávamos chegou. Julian e eu estávamos em Barcelona, gozando as primeiras férias de verdade que tínhamos desde nosso casamento. Cinco anos e três meses de vida conjugal e ainda existiam ocasiões em que Julian me parecia um desconhecido. Madame Zolta sugerira as férias, julgando uma boa idéia visitarmos a Espanha a fim de estudar o estilo de dança chamado flamenco. Usando um carro alugado, viajamos de cidade em cidade, adorando o lindo panorama. Gostávamos de cear bem tarde e passar sextas sonolentas deitados no litoral rochoso da Côte d'Azur, mas, sobretudo, adoramos a música e a dança espanholas.

Madame Zolta elaborara um roteiro de nossa viagem pela Espanha, relacionando todas as aldeias que cobravam preços irrisórios. Era avarenta e fazia questão de ensinar todos os seus truques aos membros da companhia de balé. Se ocupássemos um dos pequenos bangalôs próximos ao prédio principal do hotel e cozinhassemos em casa, o preço seria ainda menor. Portanto era lá que Julian e eu nos encontrávamos no dia em que chegou o convite para a formatura de Chris. O envelope atravessara a Espanha atrás de nós, alcançando-nos em Barcelona.

Meu coração deu um salto quando avistei o grosso envelope cor de creme, sabendo o que ele continha (afinal!) a participação do sucesso de Chris: sua formatura em Medicina. Era como se eu, pessoalmente, tivesse conseguido a proeza de completar a escola preparatória e a faculdade de medicina em apenas sete anos!

Utilizei cuidadosamente um abridor de cartas, a fim de poder guardar aquilo em meu álbum de lembranças e sonhos, alguns dos quais já se tornavam realidade. Dentro do envelope estavam não só a participação formal do evento, como também um bilhete escrito por Chris com evidente modéstia:

“Sinto-me embaraçado por informar que fui o primeiro classificado numa turma de duzentos acadêmicos de medicina. Não se atreva a arranjar desculpas para não comparecer. Tem que estar presente para aquecer-me com seu entusiasmo, assim como eu me aquecerei com as radiações de sua admiração. Simplesmente não posso receber meu diploma de médico se você não estiver aqui para assistir. E pode dizer isto a Julian quando ele tentar impedi-la de vir.”

O mais aborrecido em tudo aquilo era que Julian e eu tínhamos assinado, algum tempo antes, um contrato para gravar em tape uma produção de Gisele para a TV. Estava marcado para junho, mas queriam nossa presença agora, em maio. Tínhamos absoluta certeza de que a divulgação pela televisão faria de nós os astros que tanto ansiávamos por tornar-nos.

Pareceu-me a ocasião ideal para dar a notícia a Julian. Voltáramos ao nosso bangalô após visitarmos velhos castelos. Após a refeição noturna, sentamo-nos na varanda bebendo um vinho tinto que Julian adorava, mas que me causava dores de cabeça. Só então me atrevi a abordar timidamente o assunto de voltarmos aos Estados Unidos a tempo para a formatura de Chris, em maio.

— Na verdade, teremos tempo para comparecer à cerimônia e voltarmos com bastante sobra para iniciarmos os ensaios de Gisele.

— Ora, deixe disso, Cathy! — replicou Julian, impaciente. — É um papel difícil para você. Estará cansada e precisará de tempo para repousar.

Protestei. Duas semanas era tempo suficiente... e um tape de TV não levava muito tempo.

— Por favor, querido, vamos. Eu ficaria doente se não visse meu irmão receber o diploma de médico. Você também ficaria, se seu irmão estivesse atingindo uma meta após esforçar-se por tantos anos.

— Que diabo! Não! — explodiu ele, semicerrando os olhos negros que me lançavam centelhas. — Já estou farto de tanto escutar Chris isto, Chris aquilo! E se não é o nome de Chris que me martela aos ouvidos, é Paul isto, Paul aquilo! Você não vai!

Implorei-lhe que fosse razoável:

— Chris é meu único irmão; a formatura é tão importante para mim quanto para ele! Você é incapaz de entender o quanto isso significa não só para ele, mas para mim também! Talvez pense que ele e eu levamos uma vida de luxo comparada com a sua, mas pode ter certeza de que não foi um piquenique para nós!

— Você nunca me fala do passado! — foi a resposta brusca. — Parece exatamente que nasceu no dia em que encontrou o seu precioso Dr. Paul! Agora, Cathy, você é minha esposa e seu lugar é ao meu lado! O seu Paul tem Carrie e ambos estarão lá de modo que seu irmão será aplaudido quando receber aquele maldito diploma!

— Você não pode me dizer o que devo ou não fazer! Sou sua esposa, não sua escrava!

— Não quero mais falar no assunto — disse Julian, levantando-se e pegando-me pelo braço. — Venha, vamos dormir. Estou cansado.

Sem dizer uma palavra, permiti que ele me puxasse até o quarto, onde comecei a despir-me. Todavia, Julian se aproximou para ajudar-me e, desta maneira, fui informada de que seria uma noite de amor, ou melhor, de sexo. Empurrei-lhe as mãos para longe de mim. Franzindo a testa, ele tornou a colocá-las em meus ombros e se debruçou para morder-me o pescoço; acariciou-me os seios e fez menção de abrir-me o *soutien*. Dei-lhe tapas nas mãos e gritei:

— Não!

Mas Julian insistiu em tirar-me o *soutien*. Depois, com a mesma facilidade com que trocava de máscaras, desfez-se da raiva e assumiu um ar romântico e sonhador.

Houve uma época em que Julian parecera ser o epítome de tudo quanto era sofisticado, mundano, elegante, mas em comparação com o que se tornara após a morte do pai não passava de um matuto desajeitado. Havia ocasiões em que eu realmente o detestava. E esta era uma delas.

— Eu vou, Julian! Pode vir comigo ou ir encontrar-me em Nova York quando eu voltar da cerimônia de formatura. Ou pode ficar aqui, emburrado e sozinho. De qualquer maneira eu vou! Prefiro que venha comigo e participe do regozijo da família, pois nunca participou de nada e me mantém afastada para que eu também não participe. Mas, desta vez, não me pode impedir! É importante demais!

Julian escutou calado, com um sorriso que me provocou arrepios na espinha. Oh! O quanto ele era capaz de parecer maldoso!

— Escute bem uma coisa, minha amada esposa: quando se casou comigo, tornei-me seu senhor e soberano, portanto, ficará ao meu lado até que eu a mande embora. E ainda não estou disposto a fazê-lo. Não me deixará sozinho na Espanha quando não sei falar espanhol. Talvez você consiga aprender idiomas através de discos, mas sou incapaz disso.

— Não me ameace, Julian — repliquei friamente, embora recuasse e me sentisse invadir por um pânico latejante. — Excetuando eu, não tem quem ligue para você a não ser, talvez, sua mãe. E como não quer saber dela, quem lhe resta?

Ele estendeu a mão para esbofetear-me ambos os lados do rosto. Fechei os olhos, resignada a aceitar tudo o que ele me fizesse, desde que pudesse ir à formatura de Chris. Permiti que Julian me despisse e fizesse tudo o que desejava, embora ele me agarrasse as nádegas com tanta força a ponto de machucá-las. Quando me decidia a isso, eu era capaz de sair de mim mesma e transformar-me em mera espectadora. O que ele me fez foi espantoso, mas não importou realmente, pois não tomei parte no ato, o que só acontecia quando a dor era muito forte, como ocorria ocasionalmente.

— Não tente escapar às escondidas — advertiu Julian com voz abafada, pois beijava-me o corpo todo, brincando comigo como um gato faz com o rato quando não sente fome. — Dê-me sua palavra de honra de que ficará comigo e não comparecerá à formatura de seu querido e amado irmão. Fique com o marido que precisa de você, que a adora, que não consegue viver sem a sua presença.

Zombava de mim, pois sua necessidade era a de uma criança que precisa da mãe. Eis o que eu me tornara para ele: sua mãe em tudo, exceto no sexo. Tinha que escolher seus ternos, camisas, meias e gravatas; opinar sobre as roupas que usava no palco, suas malhas de ensaio. Não obstante, recusava-se terminantemente a permitir que eu cuidasse da economia doméstica.

— Não farei um juramento tão injusto. Chris veio ver você dançar e não há dúvida de que você adorou exhibir-se para ele. Agora, dê-lhe uma oportunidade; ele merece, pois trabalhou duro para conseguir o diploma.

Então libertei-me dos braços de Julian e fui vestir uma camisola de renda preta que ele gostava que eu usasse. Eu detestava roupas íntimas e camisolas negras; lembravam-me prostitutas... e minha própria mãe, que tinha mania de lingerie preta.

— Pare de ficar ajoelhado, Julian. Parece ridículo. Nada pode fazer contra mim se eu resolver ir. Equimoses apareceriam e, além disso, está tão acostumado a meu peso e equilíbrio que nem mesmo seria capaz de levantar adequadamente outra bailarina.

Ele avançou raivosamente para mim.

— Está zangada porque não atingimos o topo da profissão, não é mesmo? Culpa-me porque nossos compromissos foram cancelados. E agora Madame Zolta concedeu-nos férias para que eu possa me acalmar e voltar refresco, completamente reffeito por passar algum tempo brincando à vontade com minha esposa. Cathy, não sei como me divertir exceto dançando; não me interessa por livros ou museus, como você. Além disso, existem maneiras de ferir e humilhar sem deixar equimoses, exceto no ego. Você já devia saber muito bem a esta altura.

Cometi a tolice de sorrir, quando devia ter juízo bastante para não desafiá-lo num momento em que não se sentia confiante em si mesmo.

— Qual é o problema, Jule? A pausa para atividade sexual não bastou para saciar sua ânsia de perversões? Por que não sai para procurar uma colegial? Pois recuso-me a cooperar com você.

Nunca antes eu lhe jogara no rosto ter conhecimento de suas farras com menininhas; A princípio, logo que descobrira a verdade, eu ficara magoada, mas agora compreendia que ele usava aquelas meninas como guardanapos de papel, para serem jogados fora quando sujos;

então Julian voltava para mim, dizendo-me que me amava, que necessitava de mim, que eu era a única.

Ele avançou devagar, com os movimentos felinos que indicavam que se comportaria impiedosamente. Contudo, mantive-me de cabeça erguida, sabendo que poderia fugir por meio de desligar-me mentalmente e que ele não se podia dar ao luxo de espancar-me e deixar marcas. Julian parou a um passo de distância. Escutei o bater do despertador da mesinha de cabeceira.

— Cathy, se sabe o que é melhor para você, fará exatamente o que eu mandar.

Naquela noite, Julian foi cruel, malvado e vingativo; forçou-me a coisas que só devem ser feitas com amor. Desafiou-me a morder a isca. E desta vez eu não teria apenas um olho inchado, mas talvez os dois, ou ainda pior.

— Direi a todo mundo que você está doente. Seu período menstrual provoca-lhe cólicas tão fortes que você nem consegue dançar. E não poderá fugir às escondidas de mim, ou mesmo dar um telefonema, porque eu a amarrarei à cama e esconderei seu passaporte.

Sorriu e esbofeteou-me de leve.

— Agora, queridinha, o que fará desta vez?

Sorridente, tendo voltado ao normal, Julian caminhou inteiramente despido até a mesa do café da manhã, deixou-se cair numa cadeira e esticou as belas pernas bem torneadas, indagando com naturalidade:

— Que temos para o café?

Estendeu os braços para que eu pudesse aproximar-me e beijar-lhe os lábios, o que fiz obedientemente. Sorri, afastei a mecha de cabelos negros que lhe caía sobre a testa, servi-lhe café e respondi:

— Bom dia querido. Para você, o mesmo café de sempre: presunto com ovos fritos. Para mim, uma omelete de queijo.

— Desculpe-me, Cathy — murmurou ele. — Por que sempre tenta ressaltar o meu lado ruim? Só uso aquelas garotas a fim de poupar você.

— Se elas não se importam, eu também não me incomodo... mas nunca mais me obrigue a fazer o que fez ontem à noite. Sou perita em odiar, Julian. Tanto quanto você é perito em obrigar. E sou uma *expert* em alimentar sonhos de vingança!

Coloquei-lhe no prato dois ovos e duas fatias de presunto frito. Nem torradas, nem manteiga. Comemos em silêncio. Sentado no lado oposto da mesa forrada com uma toalha quadriculada de vermelho e branco, recém-barbeado, limpo, cheirando a sabonete e loção de barba, Julian, à sua maneira exótica, moreno e despreocupado, era o homem mais bonito que eu já vira.

— Cathy, hoje você ainda não disse que me ama.

— Eu o amo, Julian.

Uma hora após o café da manhã, eu procurava loucamente por todas as partes do quarto o meu passaporte, enquanto Julian dormia na cama, para onde eu o arrastara da cozinha depois que ele adormecera sob o efeito de todos os sedativos que eu lhe colocara no café.

Ele não era tão bom em questão de esconder quanto eu era em achar. Encontrei o passaporte sob o tapete azul embaixo da cama. Enfiiei rapidamente roupas nas malas. Depois de arrumar as bagagens e vestir-me para sair, debrucei-me sobre Julian e dei-lhe um beijo de despedida. Ele respirava de maneira profunda e regular, com um leve sorriso; talvez as drogas lhe proporcionassem sonhos agradáveis. Embora eu o tivesse drogado, hesitei, imaginando se teria agido corretamente. Então, sacudindo os ombros para livrar-me da indecisão, encaminhei-me à garagem. Sim, eu fizera o que precisava. Se Julian estivesse acordado naquele momento, passaria o dia inteiro colado a mim, com meu passaporte no bolso. Eu lhe deixara um bilhete explicando aonde ia.

Paul e Carrie receberam-me no aeroporto, na Carolina do Norte. Eu não via Paul há três anos. Desci a rampa com os olhos pregados nos dele. Com o rosto erguido para mim, era obrigado a franzir a testa contra o sol às minhas costas.

— Alegro-me por você ter vindo — declarou. — É uma pena Julian não poder acompanhá-la.

— Ele também teve muita pena disso — repliquei, encarando-o.

Paul era o tipo de homem que melhora com a idade. O bigode que eu o convencera a deixar crescer continuava firme e duas covinhas apareciam quando ele sorria.

— Está procurando cabelos brancos? — brincou ele quando o fitei prolongadamente demais e, talvez, com demasiada admiração. — Se encontrar algum, mostre-me e mandarei o barbeiro retocá-los. Ainda não me considero pronto para ficar grisalho. Gosto de seu penteado; torna-a ainda mais bela. Todavia, está magra demais. O remédio de que precisa é bastante comida preparada por Henny. Sabe, ela está na cidade, na cozinha de um pequeno motel preparando aqueles pãezinhos caseiros que seu irmão tanto adora. É o presente de Henny por ele se tornar mais um “filho-doutor”.

— Chris recebeu meu telegrama? Sabe que estou chegando?

— Ora, claro que sim! Estava louco de nervosismo, temendo a cada instante que Julian a impedisse de afastar-se dele e sabendo que Julian não viria. Francamente, Cathy, se você não viesse, creio que Chris se recusaria a receber o diploma.

Sentar-me junto a Paul, com Henny ao lado dele e Carrie perto de mim, para ver o meu Chris percorrer o corredor central e galgar os degraus da plataforma a fim de receber o diploma e, em seguida, fazer o discurso como orador da turma, trouxe-me lágrimas aos olhos e encheu-me o coração de felicidade. Meu irmão comportou-se de forma tão linda que cheguei a chorar. Paul, Henny e Carrie também derramaram lágrimas. Nem mesmo meu sucesso no palco poderia comparar-se ao orgulho que me invadia naquele momento. E Julian também deveria estar presente, fazendo parte de minha família e não teimando em apresentar uma resistência perene.

Lembrei-me também de nossa mãe, que deveria ali estar para ver tudo aquilo. Eu sabia que ela se encontrava em Londres, pois continuava a acompanhar-lhe a movimentação pelo mundo. Esperando; sempre esperando revê-la. O que faria eu quando isso acontecesse? Tremaria de medo e permitiria mais uma vez, que ela escapasse? De uma coisa eu tinha certeza: ela seria informada de que seu filho mais velho estava formado em Medicina, pois eu tomaria a providência de comunicar-lhe, da mesma forma que a mantinha ao corrente do que Julian e eu fazíamos.

Naturalmente, a essa altura eu já conhecia o motivo pelo qual minha mãe estava sempre viajando de um lugar para outro: tinha medo de que eu a alcançasse! Ela estava na Espanha quando Julian e eu lá chegamos. A notícia de nossa chegada fora publicada em vários jornais e, pouco depois, peguei um jornal espanhol e vi o belo rosto da Sra. Bartholomew Winslow, partindo para Londres o mais depressa que lhe era possível.

Obrigando-me a afastar o pensamento dela, olhei em volta para os milhares de parentes de alunos que lotavam o imenso auditório. Quando tornei a fitar o palco, avistei Chris lá em cima, pronto para subir à tribuna. Não sei como conseguiu localizar-me na platéia, mas o fato é que o fez. Nossos olhares se encontraram e fixaram. Por sobre todas as cabeças que nos separavam, unimo-nos numa comunhão silenciosa, compartilhando de um júbilo indescritível! Havíamos conseguido! Ambos! Alcançáramos nossos objetivos, tornando-nos o que tínhamos decidido ser desde crianças. Todos aqueles anos e meses perdidos nenhuma importância teriam se Cory não morresse, se nossa mãe não nos atraísse, se Carrie atingisse uma estatura normal. E assim teria ocorrido se Mamãe tivesse encontrado uma outra solução... Talvez eu ainda não fosse uma *prima ballerina*, mas algum dia ainda seria, da mesma forma que Chris seria o melhor médico do mundo.

Observando Chris, acreditei que partilhávamos os mesmos pensamentos. Vi-o manejar um bastão de beisebol, aos dez anos de idade, para rebater a bola por cima da cerca e, em seguida, correr como um louco para tocar todas as bases no menor tempo possível, embora a rebatida lhe permitisse completar o ponto caminhando despreocupadamente. Mas não era de seu feitio fazer as coisas parecerem fáceis. Vi-o pedalando a bicicleta metros à minha frente e depois diminuir propositalmente para que eu pudesse alcançá-lo, a fim de chegarmos juntos em casa. Vi-o no quarto trancado, sua cama a um metro da minha, lançando-me um sorriso encorajador. Vi-o novamente nas sombras do sótão, quase escondido naquele espaço imenso, parecendo tão confuso e perdido ao virar as costas à mãe que amava... e voltara-se para mim. Havíamos participado indiretamente de tantos romances, deitados nos velhos colchões manchados no sótão, enquanto a chuva fustigava as vidraças e nos separava do resto da humanidade. Seria essa a causa? Era esse o motivo pelo qual Chris não conseguia ver nenhuma garota senão eu? Como era triste para ele e para mim!

A Universidade ofereceu um lauto banquete de comemoração e, em nossa mesa, Carrie tagarelava sem parar, mas Chris e eu só conseguíamos fitar-nos em silêncio, cada qual procurando as palavras adequadas.

— O Dr. Paul mudou-se para um novo edifício de consultórios, Cathy — informou Carrie, quase sem fôlego. — Eu detestaria tê-lo tão longe de casa, mas serei sua secretária! Terei uma máquina de escrever elétrica, novinha em folha, toda pintada de vermelho! O Dr. Paul julgava que uma máquina de escrever roxa, pintada por encomenda, poderia parecer extravagante no consultório, embora eu fosse de opinião contrária. De todo modo contentei-me com a segunda opção: vermelho. E ninguém jamais será uma secretária tão eficiente quanto eu! Atenderei o telefone, marcarei as consultas, manterei os arquivos em dia, cuidarei da contabilidade e ele almoçará comigo todos os dias!

Lançou a Paul um radiante sorriso de satisfação. Aparentemente Paul dera-lhe a segurança necessária para recuperar a exuberante autoconfiança que ela perdera. Infelizmente, porém, só mais tarde descobri que se tratava de uma fachada falsa que Carrie apresentava ao Dr. Paul, Chris e a mim; quando ficava sozinha, a coisa era muito diferente.

Então Chris franziu a testa e indagou por que razão Julian não viera comigo.

— Ele queria vir, Chris, realmente — menti. — Mas tem compromissos que o tornam tão ocupado a ponto de não dispor de tempo. Pediu-me que apresentasse a você suas congratulações. Trabalhamos num esquema de tempo muito rígido. Na verdade, só poderei ficar aqui dois dias. Vamos fazer um especial de Giselle para a TV no próximo mês.

Mais tarde, tornamos a comemorar num excelente restaurante de hotel. Foi nossa oportunidade de dar a Chris os presentes que tínhamos para ele. Desde pequenos, tínhamos o costume de sacudir os presentes antes de abri-los. Mas a grande caixa que Paul deu a Chris era pesada demais para ser sacudida.

— Livros! — adivinhou Chris, acertadamente.

Seis enormes e grossos livros de referência para médicos, representando uma coleção completa que devia ter custado a Paul uma fortuna.

— Não consegui carregar mais que seis — explicou Paul. — O resto da coleção será enviado para você a domicílio.

Olhei para Paul, compreendendo que seu domicílio era o único lar verdadeiro que possuíamos.

Chris reservou propositalmente meu presente para último lugar, na expectativa de que fosse o melhor e dessa forma, como fazíamos desde crianças, prolongava o prazer de recebê-lo. Era um presente muito grande e pesado para ser sacudido. Além disso, como tive o cuidado de advertir, também era frágil. Entretanto, Chris limitou-se a rir, pois sempre tentávamos enganar um ao outro.

— Não... São mais livros — disse ele. — Nenhuma outra coisa poderia pesar tanto.

Deu-me um sorriso engraçado, sonhador, que o fez parecer novamente um menino.

— Concedo-lhe apenas um palpite, Christopher Doll, e darei uma deixa. Dentro dessa caixa está a coisa que você declarou mais desejar neste mundo e que nosso pai prometeu dar-lhe no dia em que você tivesse sua maletinha preta de médico.

Por que usara aquele tom suave, que fez Paul olhar para mim com os olhos apertados e depois virar-se para ver o sangue que subiu para ruborizar o rosto de meu irmão? Jamais mudaríamos e esqueceríamos? Sempre haveríamos de sentir tão profundamente? Chris manipulou as fitas do embrulho, tomando cuidado para não rasgar o papel bonito. Suas mãos tremiam ao retirar da caixa acolchoada um estojo de mogno francês com fecho, chave e alça de bronze polido.

Chris lançou-me um olhar torturado e seus lábios tremeram: parecia não acreditar que eu me lembrara, após todos aqueles anos.

— Oh! diabo, Cathy... — murmurou, sufocado de emoção. — Nunca esperei possuir um destes. Você não devia ter gastado tanto... certamente, foi uma fortuna... e não devia!

— Mas fiz questão, Chris. E não é original, mas apenas uma cópia de um Microscópio de Coluna Lateral John Cuff. Entretanto, o homem da loja disse que é uma duplicata exata do original e uma peça de colecionador, apesar de tudo. E funciona, também.

Chris estremeceu ao manipular os sólidos acessórios de bronze e marfim, as lentes e o livro encadernado em couro intitulado "Microscópios Antigos - 1675-1840".

Declarei com voz sumida:

— Caso decida divertir-se nas horas vagas, poderá fazer suas próprias pesquisas sobre germes e vírus.

— Que belo brinquedo você me deu — disse Chris com voz áspera.

Só agora as duas lágrimas nos cantos de seus olhos começaram a escorrer pelo rosto.

— Lembrou-se do dia em que Papai prometeu dar-me um microscópio igual a este quando eu me formasse em medicina — acrescentou.

— Como poderia esquecer? Aquele pequeno catálogo foi a única coisa que você levou, além das roupas, quando fomos para Foxworth Hall. E, Paul, toda vez que Chris matava uma mosca, ou aranha, suspirava por um microscópio John Cuff. Certa vez, declarou que desejava ser o encarregado dos camundongos do sótão e descobrir sozinho por que razão os camundongos morrem cedo.

— Os camundongos morrem cedo? — indagou Paul, falando sério: — Como sabe que morrem quando jovens? Capturava os recém-nascidos para matá-los?

Chris e eu trocamos um olhar. Sim, vivêramos num mundo diferente quando crianças, mantidos numa prisão, de modo que podíamos observar os camundongos que vinham roubar e roer nossos alimentos, em especial, um camundongo chamado Mickey.

Agora eu tinha que regressar a Nova York e enfrentar a fúria de Julian. Antes, porém, precisava de um pouco de tempo a sós com meu irmão. Paul levou Henny e Carrie a um cinema enquanto Chris e eu passeamos pelo Campus da Universidade.

— Está vendo aquela janela no segundo andar, a quinta contando da esquina do prédio? Era o quarto que eu dividia com Hank. Tínhamos um grupo de estudo formado por oito alunos e nos mantivemos juntos durante todo o curso da escola preparatória e da faculdade. Estudávamos juntos e, quando saíamos com garotas, íamos juntos também.

— Oh! — suspirei. — Você saía muito?

— Só nos fins-de-semana. O programa de estudos era pesado demais para mantermos atividades sociais durante a semana. Nada foi fácil, Cathy. Tanta coisa para aprender: física, biologia, anatomia, química, e mais uma lista interminável de matérias.

— Não está respondendo à minha pergunta. Com quem você saía? Existia, ou existe, alguém especial?

Chris pegou minha mão e puxou-me para mais perto de si.

Bem, devo começar a enumerar uma por uma, pelo nome? Assim, levaria várias horas. Se houvesse alguém especial bastaria dizer o nome dela e não posso fazer isso. Eu gostava delas todas... mas não gostava de nenhuma a ponto de amá-la, se é isso que deseja saber.

Sim, era exatamente aquilo que eu desejava saber.

— Tenho certeza de que não levou uma vida de celibato, embora não se tenha apaixonado...

— Isso não é da sua conta — replicou ele em tom despreocupado.

— Creio que é. Eu teria paz se soubesse que você ama uma garota.

— Eu amo uma garota — respondeu Chris. — Conheci-a durante a vida inteira. Quando vou dormir, à noite, sonho com ela dançando acima de minha cama, chamando-me o nome, beijando-me o rosto, gritando quando tem pesadelos. Então, acordo para tirar-lhe piche dos cabelos. Às vezes, acordo sentindo o corpo inteiro doer, como o dela também dói... e sonho que beijo as marcas deixadas pelo açoitado. Sonho também com uma certa noite em que saímos para o frio telhado de ardósia e fitamos o céu; então, ela disse que a lua era o olho de Deus, observando-nos e condenando-nos pelo que éramos. Portanto, Cathy, eis a garota que me persegue e governa, que me enche de frustrações e obscurece as horas que passo com outras pequenas que são incapazes de se igualar aos padrões que ela estabeleceu. E, por Deus, espero que agora você esteja satisfeita.

Virei-me, movimentando-me como num sonho. E, naquele sonho, abracei-o e fitei-lhe o rosto, aquele rosto que também me perseguia.

— Não me ame, Chris. Esqueça-se de mim. Faça como eu fiz: acolha a primeira pessoa que bater à sua porta e deixe-a entrar.

Ele sorriu com ironia, afastando-me rapidamente de si.

— Eu fiz exatamente como você, Catherine Doll: deixei entrar a primeira que me bateu à porta e agora não consigo fazer que saia. Entretanto, é problema meu, não seu.

— Não mereço estar lá dentro. Não sou santa, nem um anjo... você bem deveria saber.

— Santa, anjo, filha do Demônio, boa ou má, você me pregou à parede e me etiquetou como seu até o dia de minha morte. E se você morrer antes de mim, não demorarei muito a acompanhá-la.

Sombras se acumulam

Tanto Paul como Chris, sem mencionar Carrie, convenceram-me a ir com eles a Clairmont e passar alguns dias com a família. Lá chegando, cercada de todo acolhimento e conforto, encantei-me novamente com a casa e os jardins. Disse com meus botões que assim teria sido minha vida se eu me casasse com Paul. Uma vida doce e fácil. Sem problemas. Então, quando me permitia imaginar como estaria passando Julian, lembrava-me de todas as maneiras mesquinhas e irritantes que ele usava para aborrecer-me, abrindo as cartas enviadas por Paul ou Chris, como se procurasse provas que me incriminassem. Sem a menor dúvida, ao regressar da Espanha deixara propositalmente minhas plantas morrerem, como meio de castigar-me.

Deve haver algo esquisito em mim, refletia eu na varanda que se abria para os magníficos jardins de Paul. Não era tão bela, tão inesquecível ou tão indispensável para qualquer homem. Permaneci onde estava, permitindo que Chris se aproximasse e passasse os braços por meus ombros. Recostei a cabeça em meu irmão e suspirei, olhando a lua. A mesma e velha lua que antes testemunhara nossa vergonha ali estava para presenciar ainda mais. Não fiz nada; juro que não fiz. Simplesmente deixei que ele ficasse com o braço passado pelos meus ombros. Talvez tenha feito movimento para ajustar meus contornos aos dele quando me abraçou com força.

— Cathy, Cathy... — gemeu Chris, com os lábios em meus cabelos. — Às vezes a vida simplesmente não tem qualquer significado sem você. Eu rasgaria o diploma e iria para uma ilha no Pacífico, se você me acompanhasse...

— E deixaria Carrie?

— Poderíamos levá-la conosco.

Julguei que ele estivesse brincando de desejar, como fazíamos quando crianças. Prosseguiu:

— Eu compraria um veleiro para fretar aos turistas e, caso se cortassem, eu teria a prática necessária para pensar-lhes os ferimentos.

Em seguida, beijou-me com o ardor de um homem enlouquecido pela recusa. Eu não queria corresponder, mas não consegui evitar. Chris prendeu a respiração, tentando conduzir-me a seu quarto.

— Pare! — gritei. — Só o quero como irmão! Deixe-me em paz! Vá procurar outra pequena!

Aturdido, parecendo magoado, ele recuou.

— Cathy, que tipo de mulher é você, afinal? Correspondeu aos meus beijos... excitou-se de todos os modos possíveis... e agora tira o corpo fora, bancando a virtuosa!

— Odeie-me, então!

— Cathy, eu jamais conseguiria odiá-la — replicou Chris com um sorriso amargo. — Às vezes, quero odiá-la; às vezes, chego a pensar que você é igual à nossa mãe, mas tente matar meu amor depois que ele começou!

Entrou em seu quarto e bateu a porta com força, deixando-me muda a olhar para a porta fechada. Não! Eu não era igual a Mamãe; não era! Só correspondera aos seus carinhos porque ainda procurava minha identidade perdida. Julian queria roubar-me o reflexo e torná-lo seu. Julian desejava tirar-me a força e aproveitar-se dela; queria que eu tomasse todas as decisões, a fim de não ser culpado quando cometíamos algum erro. Eu continuava tentando provar meu próprio valor, para que, no final, conseguisse negar a acusação feita pela avó. Veja, Avó, não sou má ou filha do Demônio! Do contrário, ele não me amaria tanto! Eu ainda era a camundonga de sótão, egoísta, faminta, exigente, que precisava estar sempre provando ter valor suficiente para viver ao sol.

Certo dia pensei no assunto quando me encontrava na varanda dos fundos e Carrie plantava mudinhas que criara desde as sementes, tendo a seu lado os minúsculos potes com os brotos de petúnia. Chris veio do interior da casa e me jogou o jornal vespertino.

— Traz um artigo que talvez lhe interesse — disse com ar indiferente. — Cheguei a pensar em não mostrá-lo a você, mas mudei de idéia.

“O casal de bailarinos Julian Marquet e Catherine Dahl, nossas celebridades locais, aparentemente separou-se. Pela primeira vez, Julian Marquet se apresentará com outra bailarina que não sua esposa, dançando Giselle num grande especial de TV. Correm rumores de que a Srta. Dahl está doente e há quem diga que a famosa dupla do balé está prestes a desfazer-se.”

O artigo ia mais além, informando que Yolanda Lange deveria substituir-me! Aquela era a nossa grande oportunidade, dentre muitas outras, de atingirmos o estrelato com que sonhávamos e Julian colocava Yolanda em meu lugar! Maldito! Jamais cresceria? Estragava todas as oportunidades que nos apareciam. Não poderia erguer Yolanda com facilidade; não com sua espinha machucada.

Chris lançou-me um prolongado olhar esquisito antes de indagar:

— O que pretende fazer a respeito?

Berrei em resposta:

— Nada!

Meu irmão ficou calado por um momento. Então:

— Cathy, ele não queria que você comparecesse à minha formatura, não é mesmo? E foi por isso que colocou Yolanda no seu lugar. Eu a preveni no sentido de não permitir que ele fosse seu empresário. Madame Zolta a trataria com mais justiça.

Levantei-me para caminhar de um lado para outro na varanda. Nosso contrato original com Madame Zolta expirara dois anos antes e tudo que lhe devíamos atualmente eram doze apresentações por ano. No resto do tempo, Julian e eu éramos *free lancers* e podíamos dançar com a companhia de balé que bem entendêssemos.

Que Julian ficasse com Yolanda. Que fizesse papel de tolo. Do fundo do coração eu esperava que ele a deixasse cair no palco! Que continuasse a usar garotinhas colegiais em suas orgias sexuais... Não me importava. Então corri para dentro de casa, subi ao meu quarto, enterrei o rosto no travesseiro e chorei como uma criança.

Tudo se tornava ainda pior pelo fato de eu ter feito uma consulta secreta ao ginecologista na tarde anterior. A ausência de dois períodos menstruais nada significavam para uma mulher do meu tipo, cujas regras eram tão irregulares. Talvez não estivesse grávida; poderia ser apenas mais um alarme falso... e caso não fosse, eu rezava para ter forças que me permitissem fazer um aborto! Não precisava de um filho em minha vida. Sabia que se tivesse um bebê este se tornaria o centro do mundo e, mais uma vez, o amor estragaria uma bailarina que poderia ter sido a melhor dentre todas.

Com música de balé na cabeça, dirigi o carro de Chris para visitar Madame Marisha num dia quente de primavera, em que o mundo inteiro parecia sonolento e preguiçoso, com exceção das crianças idiotas que recebiam instruções de uma mulherzinha de voz esganiçada, vestida de preto, como sempre. Sentei-me nas sombras junto à parede dos fundos de um amplo auditório e observei a grande turma de alunos dançando. Dava medo pensar que dentro em breve aquelas meninas cresceriam para substituir as estrelas do presente. Então, eu também me transformaria em mais uma Madame Marisha e os anos passariam a correr como segundos, até que eu me tornasse uma Madame Zolta e toda a minha beleza ficasse preservada apenas em velhas fotos desbotadas.

— Catherine! — exclamou alegremente Madame Marisha ao avistar-me.

Encaminhou-se para mim, rápida e graciosa.

— Por que se esconde nas sombras? — indagou. — Como é bom rever seu lindo rosto. E não pense que eu não sei por que motivo parece tão triste! É uma grande idiota por deixar Julian! Ele é um menino grande; você bem sabe que não pode ser deixado sozinho, pois faz coisas que o magoam e quando isso acontece, ele magoa você também! Por que permitiu que ele tomasse as rédeas dos negócios? Por que deixa que ele queime todo o dinheiro de vocês antes mesmo de recebê-lo? Vou-lhe dizer uma coisa: em seu lugar, eu nunca, nunca, deixaria que ele colocasse outra bailarina no meu papel de Giselle!

Oh! Deus, como Julian era boquirroto!

— Não se preocupe comigo, Madame — repliquei com muita calma. — Se meu marido já não me quer como par, tenho certeza de que outros me desejarão.

Ela fez uma carranca, avançando para mim. Agarrou-me com as mãos ossudas e sacudiu-me como se quisesse despertar-me. De perto, percebi que envelhecera terrivelmente após a morte de Georges. Os cabelos negros estavam agora quase brancos, com algumas mechas escuras. Então, ela rosnou, mostrando dentes mais alvos que antes, perfeitos como nunca tinham sido.

— Vai permitir que meu filho a faça de tola? Vai deixá-lo colocar outra bailarina em seu lugar? Eu julgava que você tivesse mais fibra! Agora trate de voltar depressa para Nova York e expulse essa tal Yolanda da vida dele! O casamento é sagrado e os votos conjugais são feitos para serem cumpridos!

Em seguida suavizou-se e acrescentou:

— Agora, venha, Catherine.

Conduziu-me a seu pequeno e abarrotado escritório.

— Agora, conte-me a respeito dessa tolice que está acontecendo entre você e seu marido!

— Na verdade, não é da sua conta!

Madame Marisha puxou uma cadeira de espaldar reto, colocando-a de modo a poder cavalgá-la. Apoiando os braços no espaldar, golpeou-me com seu olhar penetrante.

— Toda e qualquer coisa relacionada com meu filho é da minha conta! — replicou com rispidez. — Agora, trate de ficar caladinha aí na cadeira, enquanto lhe contarei algo que não sabe a respeito de meu marido.

Sua voz assumiu um tom mais bondoso:

— Eu era mais velha que Georges quando nos casamos, mas mesmo assim atrevi-me a adiar o nascimento de um filho até acreditar que o melhor de minha carreira já ficara para trás. Então fiquei grávida. Georges jamais quis um filho que o prendesse a algum lugar e impedisse seu progresso. Portanto, desde o início, Julian significou dois golpes contra Georges. Digo a mim mesma que não obrigamos nosso filho a ser bailarino, mas sempre o mantivemos conosco, de modo que o balé se tornou parte do seu mundo: a parte mais importante — disse ela suspirando fundamente e passando a mão magra pela testa franzida de preocupação. — Fomos rígidos com ele, isto eu admito. Esforçamo-nos ao máximo para fazer dele o que era perfeito sob nosso ponto de vista; todavia, quanto mais tentávamos, mais ele procurava ser tudo o que não desejávamos que fosse. Tentamos ensinar-lhe dicção perfeita e ele reagiu, zombando de nós com a pior espécie de linguagem baixa, que Georges costumava chamar de “*linguagem de sarjeta*”.

— Sabe, — continuou, com expressão tristonha e sonhadora — só depois que meu marido estava morto e enterrado dei-me conta de que nunca dirigi a palavra a nosso filho exceto para proibi-lo de fazer alguma coisa ou para melhorar sua técnica de dança. Nunca me passou pela cabeça que Georges pudesse sentir ciúmes do filho, percebendo que este era melhor bailarino que ele e alcançaria maior fama. Não foi fácil para mim transformar-me numa simples professora de balé e para Georges ser apenas um instrutor. Passamos muitas noites abraçados na cama, ansiosos pelos aplausos, pela adulação... Uma ânsia que só poderia ser saciada ao escutarmos os aplausos para nosso filho.

Fez outra pausa e virou a cabeça, como um passarinho, para observar-me melhor e verificar se eu lhe prestava toda a atenção. Oh! Sim, eu lhe dava toda a minha atenção, pois ela me contava tanta coisa que eu precisava saber.

— Julian tentava magoar Georges e este se magoava porque Julian não dava importância à reputação do pai. Um dia chegou até mesmo a chamá-lo de bailarino de segunda classe. Georges passou mais de um mês sem falar com o filho! Depois disso nunca mais voltaram às boas. Pai e filho afastaram-se cada vez mais um do outro... até um belo dia de Natal, quando outro prodígio apareceu em nossas vidas, oferecendo-se. Você! Julian viera de Nova York visitar-nos, só porque eu lhe implorara que tentasse fazer as pazes com o pai... Então, Julian viu você!

— Temos a responsabilidade de transmitir às gerações mais jovens nossas habilidades técnicas, de modo que ainda me senti um pouco apreensiva ao aceitar você, principalmente por pensar que magoaria meu filho. Não sei por que motivo tive essa impressão, mas pareceu-me óbvio desde o início que você amava aquele médico mais idoso. Então percebi que você possuía algo muito raro: uma paixão pela dança como dificilmente encontramos. A seu próprio modo, você era igual a Julian; juntos foram tão sensacionais que mal pude acreditar em meus próprios olhos. Meu filho também sentiu a existência desse elo entre vocês dois. Depois que você fixou nele esses grandes olhos azuis, cheios de suavidade e admiração, Julian veio dizer-me que era uma gatinha sensual, que se deixaria dominar facilmente por seus

encantos e logo cairia nos braços dele. Julian e eu sempre mantivemos um relacionamento estreito e ele me confessava coisas que outros rapazes manteriam em segredo.

Parou mais uma vez, fitou-me dos pés à cabeça e prosseguiu, quase sem fôlego:

— Você chegou, admirou-o, amou-o quando dançava com ele; entretanto, quando não estavam dançando, você era indiferente. Quanto mais decidida você estava a vencer, mais determinado ele estava a possuí-la. Considerei-a inteligente, fazendo um jogo de mulher astuciosa, quando, na verdade, não passava de uma criança! E agora, você... você o abandonou num país estrangeiro, cujo idioma ele não sabe falar, quando já deveria saber que ele tem fraquezas, muitas delas, e que não suporta ficar sozinho!

Levantou-se de um salto, como um gato de rua arrepiado, postando-se diante de mim:

— Sem Julian para dar-lhe inspiração e realçar-lhe o talento, onde estaria você? Sem ele, por acaso você estaria em Nova York, dançando numa companhia de balé que depressa se vem transformando numa das principais do país? Não! Você estaria aqui, criando os filhos daquele médico. Só Deus sabe que motivo a levou a aceitar o casamento com Julian e como consegue não o amar! A mim, ele diz que você não o ama, que nunca o amou! Portanto, ministra-lhe drogas e fuge. Abandona-o. Vai assistir ao irmão receber o diploma de médico quando sabe muito bem que seu lugar é ao lado do marido, fazendo-o feliz e cuidando de suas necessidades!

— Sim! Sim! — berrou com voz esganiçada. — Ele me telefonou da Espanha e me contou tudo! Agora, julga que odeia você! Agora, quer esquecê-la! E quando o conseguir, não lhe restará o coração para mantê-lo vivo! Pois há anos ele deu seu coração a você!

Ergui-me vagarosamente, com as pernas fracas e trêmulas. Passei a mão pela testa dolorida e contive as lágrimas cansadas. De repente a verdade me atingiu como um raio: eu amava Julian! Agora percebia o quanto éramos semelhantes: ele com seu ódio pelo pai que o renegara como filho; eu com meu ódio por minha mãe, que me obrigava a cometer loucuras, tais como enviar-lhe cartas odientas e cartões de Natal destinados a entristecer-lhe a vida e a não permitir que tivesse um só minuto de paz e tranqüilidade. Julian competindo com o pai, sem entender que vencera e era o melhor... e eu competindo com minha mãe, mas ainda precisando comprovar meu valor.

— Madame, vou dizer-lhe algo que Julian talvez não saiba e que eu realmente não sabia até hoje: amo seu filho. Talvez sempre o tenha amado; apenas não conseguia aceitar o fato.

Ela sacudiu a cabeça e depois disparou as palavras como se as sílabas fossem balas de revólver:

— Se o ama, por que o abandonou? Responda-me isso! Abandonou-o porque descobriu que ele tem um fraco por garotinhas? Idiota! Todos os homens têm um fraco por mulheres jovens, mas, ainda assim, continuam a amar as esposas! Se você permitir que o desejo de Julian por carne jovem a afaste dele, está louca! Bata-lhe na cara, chute-lhe o traseiro, diga-lhe para afastar-se das garotinhas ou você pedirá o divórcio! Diga tudo isso e ele será como você quer. Todavia, se ficar calada, agindo como se não ligasse, estará dizendo claramente que não o ama, não o quer, não precisa dele!

— Não sou mãe dele, nem padre, nem Deus — repliquei fatigada, farta da paixão e veemência de Madame Marisha. Recuei em direção à porta, procurando ir embora. — Não sei se conseguirei manter Julian afastado das garotinhas, mas estou disposta a voltar e tentar. Prometo agir melhor. Prometo ser mais compreensiva e demonstrar que o amo tanto, mas não me conformo com a idéia de que ele faça amor com outra pessoa senão comigo.

Madame Marisha aproximou-se para abraçar-me. Disse em tom consolador:

— Pobre criança, se fui dura com você, é para seu próprio bem. Você precisa evitar que meu filho se destrua. Quando conseguir salvá-lo, salvar-se-á também, pois menti ao dizer que sem Julian você nada seria. Ele não seria nada sem você! Julian tem uma tendência à

autodestruição; eu sempre soube. Acha que não é suficientemente bom para continuar vivendo porque seu pai jamais conseguiu convencê-lo do contrário. E eu também tive culpa, como Georges, Julian esperou anos a fio que o pai o encarasse como filho, digno de ser amado pelo que era como pessoa. Aguardou por tempo igualmente longo que Georges lhe dissesse: “*Sim, você será melhor bailarino que eu; orgulho-me do que você é como artista e como pessoa*”. Mas Georges se manteve em silêncio. Agora, volte e diga a Julian que Georges o amava. A mim, ele o disse muitas vezes. Diga também a Julian que o pai se orgulhava dele. Diga-lhe, Catherine. Volte e convença-o do quanto você o ama e necessita dele. Diga-lhe que se arrepende de tê-lo deixado sozinho. Vá depressa, antes que ele cometa algo terrível contra si mesmo!

Chegou a hora de despedir-me mais uma vez de Carrie, Paul e Henny. Só que desta vez não precisei dizer adeus a Chris, pois este fincou pé:

— Nada disso! Irei com você! Não permitirei que volte para aquele louco. Só sairei de lá quando você tiver feito as pazes com ele e eu tiver certeza de que tudo está bem.

Carrie chorou, como sempre. Paul se manteve afastado, deixando apenas que seus olhos me dissessem que eu poderia voltar a ocupar um lugar em seu coração. Olhei para baixo quando o avião começou a subir e avistei Paul segurando a minúscula mão de Carrie; esta ergueu a cabeça para olhar o avião e continuou a acenar até não conseguirmos mais enxergá-la. Ajeitei-me numa posição confortável, apoiei a cabeça no ombro de Chris e disse-lhe que me acordasse quando chegássemos a Nova York.

— Você é mesmo uma ótima companheira de viagem — resmungou ele. Mas logo encostou o rosto em meu cabelo e começou a cochilar.

— Chris — indaguei sonolenta. — Lembra-se daquele livro a respeito de Raymond e Lily, em que estavam sempre à procura do lugar mágico onde havia grama roxa, no qual poderiam satisfazer todos os seus desejos? Não seria maravilhoso olharmos para baixo e avistarmos grama roxa?

— Sim — respondeu ele, tão sonolento quanto eu. — Também estou procurando.

O avião pousou no aeroporto de La Guardia por volta de três horas de um dia quente e abafado. O sol brincava de esconder entre as nuvens carregadas de chuva que se acumulavam no céu. Estávamos ambos cansados.

— A esta hora, Julian deve estar ensaiando no teatro. Aproveitarão os ensaios para um filme promocional de espetáculo. Teremos que ensaiar muitas vezes; nunca dançamos antes neste teatro e é importante termos a noção exata do espaço disponível.

Chris carregava minhas duas malas pesadas, enquanto eu levava a sua, muito mais leve. Ri, achando graça no seu jeito, satisfeita de tê-lo perto de mim, embora soubesse que Julian ficaria furioso.

— Agora mantenha-se à distância... e nem mesmo permita que ele o veja, caso as coisas corram bem. Na verdade, Chris, tenho certeza de que ele ficará feliz por rever-me. Não é perigoso.

— Claro — replicou Chris num tom sombrio.

Entramos na platéia escura. O palco estava brilhantemente iluminado, as câmeras de TV em posição, prontas para focalizar o aquecimento dos bailarinos. O diretor, o produtor e alguns outros homens ocupavam poltronas na primeira fila. O calor do dia era contrabalançado pela frieza do imenso espaço. Chris abriu uma de minhas malas e colocou-me um suéter sobre os ombros depois que nos sentamos perto do corredor, na metade posterior da platéia. Num gesto automático, ergui ambas as pernas e estiquei-as sobre as costas da poltrona logo à minha frente. Embora eu tremesse de frio, os componentes do *corps de ballet* transpiravam sob o forte calor dos refletores, apesar de ainda não haverem ligado a iluminação total. Procurei por Julian, mas não o avistei.

Bastou-me pensar em Julian para que este surgisse das coxias, atravessando o palco numa série de *jetés* rodopiantes. Oh! Estava maravilhoso na justa malha branca, com agasalhos de lã vermelha nas pernas.

— Puxa! — exclamou-me Chris ao ouvido. — Às vezes me esqueço do quanto ele é sensacional no palco. Não é de espantar que todos os críticos de balé julguem que ele será o astro desta década quando aprender um pouco de disciplina. Que seja muito em breve... e refiro-me a você também, Cathy.

Sorri, pois eu também precisava de disciplina.

— Sim — concordei. — Eu também, é claro.

Mal Julian terminou sua apresentação em solo e Yolanda Lange veio piruetando das coxias, usando uma malha vermelha. Estava mais linda que nunca! Dançava extraordinariamente bem para uma moça tão alta. Ou melhor, dançava bem até que Julian se apresentava para dançar com ela. Então tudo dava errado. Julian estendia as mãos para pegá-lhe a cintura e segurava-lhe as nádegas; aí precisava mudar rapidamente a posição das mãos. Yolanda escorregava e quase caía; Julian tinha que ajustar novamente a pegada para salvá-la do tombo. Um bailarino que deixasse uma bailarina cair, em breve ficaria sem par. Tornaram a repetir a mesma seqüência: um salto, Julian erguia Yolanda e esta se deixava tombar no alto. Desta vez, o resultado foi igualmente desajeitado, fazendo Yolanda parecer desgraciosa e Julian inábil.

Mesmo eu, sentada quase no fundo da platéia, pude escutar as imprecensões de Yolanda.

— Maldito! — berrou ela. — Faz-me parecer desajeitada... se me deixar cair, providenciarei para que nunca mais torne a pisar num palco!

— Corta! — berrou o diretor, pondo-se de pé e olhando, impaciente, de um para o outro.

O *corps de ballet* movimentava-se encabuladamente, resmungando e lançando olhares irritados ao par no centro do palco, que fazia todo mundo perder tanto tempo. Obviamente, pelo aspecto suado e olhares raivosos de todos eles, aquilo já vinha ocorrendo há algum tempo, sempre com maus resultados.

— Marquet! — chamou o diretor, famoso por sua impaciência com artistas que exibiam duas ou mais fornadas de uma mesma cena. — Que diabo há de errado com o seu ritmo? Pensei que você tinha afirmado já conhecer este balé. Não me lembro de uma só coisa que você tenha feito corretamente nos últimos três dias!

— Eu! — esbravejou Julian. — Não sou eu... é ela! Sempre salta antes da hora!

— Está bem — disse o diretor, sarcástico. — é sempre culpa dela, nunca sua!

Tentou controlar a impaciência, sabendo que Julian sairia logo do palco se sofresse muitas críticas.

— Quando sua esposa ficará em estado de voltar ao palco?

Foi a vez de Yolanda berrar:

— Ei, esperem um minuto! Fizem-me vir de Los Angeles e agora parece que me pretendem substituir por Catherine! Não admitirei tal coisa! Agora faço parte daquele contrato! Moverei uma ação judicial!

— Srta. Lange — disse o diretor, procurando acalmá-la. — É apenas a cobertura da Srta. Dahl. Enquanto isso, vamos tentar mais uma vez. Marquet, preste atenção a sua deixa. Lange, apronte-se... Deus permita que desta vez saia algo digno de exibir a um público que tem o direito de esperar um desempenho melhor por parte de profissionais!

Sorri ao saber que Yolanda era apenas minha cobertura; até então, julgara que fora definitivamente excluída do elenco. Perversamente, diverti-me observando Julian fazer papel de palhaço e arrastar consigo Yolanda. Não obstante, quando os bailarinos gemeram no palco eu também gemi, sentindo-me tão exausta quanto eles. A despeito de mim mesma, comecei a

ter pena de Julian, que se esforçava diligentemente para equilibrar Yolanda. A qualquer momento o diretor suspenderia o ensaio para dez minutos de descanso e, então, eu entraria em ação.

Lá na frente, na primeira fila, Madame Zolta virou repentinamente o pescoço sulcado de rugas para olhar na minha direção. Os olhos negros me viram sentada, tensa, observando a cena como uma águia.

— Ei, você, Catherine! — chamou ela com grande entusiasmo.

Gesticulando, indicou: “*Venha! Sente-se perto de mim!*”

— Com licença, um minuto, Chris — sussurrei — Preciso ir até lá e salvar Julian antes que ele estrague ambas as nossas carreiras. Tudo estará bem. Ele nada poderá fazer diante de uma platéia, não é mesmo?

Quando me sentei ao lado de Madame Zolta, ela sibilou:

— Então, você não estava tão doente, afinal! Graças a Deus por este pequeno favor! Lá está seu marido, arruinando-me a reputação junto com a sua e com a dele. Eu deveria ter suficiente juízo para não permitir que ele dançasse apenas com você. Agora, é incapaz de dançar com qualquer outra bailarina!

— Madame — indaguei — quem providenciou para que Yolanda fosse minha substituta?

— Seu marido, meu amor — replicou ela cruelmente. — Você foi uma idiota quando permitiu que ele assumisse o controle. Julian é impossível! É um furacão, um demônio, não sabe ser razoável! Logo ficará louco, se não tornar a ver seu rosto. Ou melhor: logo nós ficaremos loucos. Agora vá correndo vestir uma malha de dança e salve-me da extinção total!

Foi apenas questão de segundos vestir uma malha de ensaio e, tão logo terminei de enrolar e prender bem os cabelos, calcei as sapatilhas. Aqueci-me rapidamente na barra existente no camarim, fazendo *pliés* e *ronds de jambes* para bombear o sangue nos membros. Em breve estava pronta, pois não se passara um só dia sem que eu fizesse várias horas de exercícios. Hesitei nas coxias escuras. Refleti que estava preparada para quase tudo quando Julian me avistasse... Que faria ele? Enquanto eu observava Julian fazer um solo no palco, senti-me repentinamente empurrada com força por detrás!

— Você foi substituída — sibilou-me ao ouvido Yolanda Lange. — Portanto, caia fora e fique por lá! Teve sua oportunidade e a jogou fora: agora, Julian é meu! Ouviu bem? Meu! Já dormi em sua cama, utilizei-me de seus cosméticos e usei suas jóias; tomei seu lugar em tudo!

Eu desejava ignorá-la e não acreditar em nada do que ela dizia. Quando veio a deixa para a entrada em cena de Giselle, Yolanda tentou deter-me. Foi quando me virei sobre ela como uma selvagem, empurrando-a com tanta força que ela caiu. Empalideceu de dor, enquanto eu me coloquei *en pointe* e deslizei para o palco, fazendo um perfeito “colar de pérolas”... Cada passo minúsculo podia ser medido e teria a mesma distância. Eu era a tímida jovem aldeã que se apaixonava doce e verdadeiramente por Loys. Os outros no palco prenderam a respiração ao me reconhecerem. O alívio brilhou nos olhos negros de Julian, mas apenas por breve instante.

— Olá — disse ele com grande frieza, quando me aproximei batendo as pálpebras para encantá-lo ainda mais. — Por que voltou? Seus médicos a expulsaram de lá? Já enjoaram de você?

— Você é um bruto maldoso e sem consideração, Julian! Substituir-me por Yolanda quando sabe que eu a detesto!

De costas para os espectadores, ele exibiu um sorriso malévolo, sem parar de acompanhar o ritmo da música.

— Sim, sei que você a detesta; por isso a escolhi.

Franziu os belos lábios vermelhos até ficarem feios.

— Escute bem uma coisa, boneca bailarina: ninguém me abandona, especialmente minha esposa, e volta pensando que ainda pode ocupar um lugar em minha vida. Meu amor, meu coração querido, agora eu não a quero mais! Não preciso mais de você. E você pode ir bancar a puta para o homem que quiser! Cai fora da minha vida!

— Não está dizendo a verdade — repliquei, enquanto ambos fazíamos uma seqüência perfeita e ninguém mandou cortar a tomada. Como poderiam cortar a cena, se fizemos tudo com tanta perfeição?

— Você não me ama — disse Julian com amargura. — Nunca me amou. Por mais que eu fizesse ou dissesse, nunca me amou. Agora já não faz diferença para mim! Dei-lhe o melhor de que fui capaz, mas não bastou. Portanto, minha amada Catherine... dou-lhe isto!

Com aquelas repentinas palavras, Julian interrompeu a seqüência do balé, pulou muito alto e desceu com toda força, diretamente sobre meus pés. Todo o seu peso se abateu como um bate-estaca sobre meus artelhos!

Soltei uma exclamação de dor. Então, Julian girou nos calcanhares e debruçou-se para acariciar-me o queixo.

— Agora, amor, você verá quem dançará Giselle comigo. Certamente não será você, heim?

— Intervalo! — berrou o diretor, tarde demais para salvar-me.

Julian agarrou-me os ombros e sacudiu-me como uma boneca de trapos. Estonteada, tentei focalizá-lo, esperando tudo dele. Então, de repente, ele fez um rodopio e me abandonou no centro do palco, sozinha, apoiando-me nos pés que doíam tanto a ponto de eu ter vontade de berrar. Ao invés disso, deixei-me cair no palco, olhando para os pés que inchavam rapidamente.

Chris correu do auditório escuro para socorrer-me.

— Maldito seja ele por fazer isto! — vociferou meu irmão, ajoelhando-se para descalçar-me as sapatilhas e examinar os pés.

Com extremo cuidado, tentou mover-me os dedos, mas gritei ao sentir a dor terrível. Então Chris me pegou no colo com facilidade e estreitou-me contra o peito.

— Ficará boa, Cathy. Cuidarei para que seus dedos soldem corretamente. Temo que alguns artelhos de cada pé estejam fraturados. Você vai precisar de um ortopedista.

— Leve Catherine para o nosso ortopedista — ordenou Madame Zolta, que avançara para observar meus pés inchados e roxos.

Olhou de perto para Chris, pois vira-o apenas algumas vezes anteriormente.

— Você é o irmão de Catherine, causador de toda essa encrenca? — quis saber ela. — Leve-a depressa para o médico. Temos seguro contra acidentes. Mas aquele marido imbecil... basta! Está despedido!

O décimo-terceiro bailarino

Ambos os meus pés foram radiografados, revelando três artelhos fraturados no pé esquerdo e o dedo mínimo fraturado no direito. Graças a Deus, os dedos maiores foram poupados, do contrário talvez eu nunca mais voltasse a dançar! Uma hora mais tarde, Chris carregou-me para fora da sala do ortopedista, com um aparelho de gesso ainda fresco no pé, chegando-me até o joelho, enquanto o dedinho quebrado estava apenas protegido com esparadrapo e deixado para soldar-se sem o gesso. Cada um dos artelhos no aparelho de gesso se encontrava seguramente aninhado em seu próprio compartimento acolchoado e devidamente imobilizado, deixado à mostra para que todos pudessem admirar as belas variações de preto, azul e roxo que ostentavam. Em meus pensamentos, as últimas palavras agridoce do médico eram insuficientes para animar as perspectivas futuras:

— Você poderá ou não voltar a dançar; tudo depende.

Mas não disse do que dependia. Portanto, perguntei a Chris.

— Claro que voltará a dançar — replicou ele, confiante. — Às vezes, os médicos preferem ser exageradamente pessimistas, para que o cliente o julgue o maior quando tudo dá certo graças à sua perícia incomum.

Desajeitadamente tentou amparar-me enquanto usava a chave para abrir a porta do apartamento onde eu morava com Julian. Depois tornou a pegar-me cuidadosamente no colo, entrou no apartamento e fechou a porta com um empurrão do calcanhar. Tentou ajeitar-me da maneira mais confortável possível num dos macios sofás. Mantive os olhos fechados com força, procurando suprimir a dor que sentia a cada movimento. Chris ergueu-me ternamente ambas as pernas, a fim de colocar sobre elas almofadas que as manteriam elevadas e reduziram a inchação. Outra grande e macia almofada foi-me colocada sob os ombros e a cabeça... E Chris não pronunciou uma palavra... nem uma só palavra... Já que ele se mostrava tão calado, abri os olhos para examinar-lhe a expressão do rosto. Meu irmão tentava mostrar-se profissional, distante, mas não conseguia. Revelava-se chocado cada vez que seus olhos passavam de um objeto para outro. Atemorizada, olhei em volta. Esbugalhei os olhos, boquiaberta. Nossa sala! Que desastre! Oh! Deus, que coisa horrível!

Nosso apartamento estava destruído! Cada quadro que Julian e eu tínhamos escolhido com tanto esmero fora arrancado da parede, rasgado da moldura, atirado no chão. Até mesmo as duas aquarelas que Chris pintara especialmente para mim: retratos meus em trajes de balé. Todos os valiosos adornos de louça e cristal estavam quebrados na lareira. Os abajures espalhados pelo chão, as cúpulas rasgadas em tiras, as armações de arame retorcidas. Almofadas bordadas por mim durante as maçantes viagens de um lugar para outro em nossas excursões estavam cortadas, destruídas! As plantas caseiras tinham sido arrancadas dos vasos e deixadas à morte com as raízes expostas. Um par de jarras que Paul nos dera como presente de casamento também tivera o mesmo fim. Tudo que era bom e caro, muito querido, objetos que Julian e eu planejávamos guardar pelo resto da vida e deixar para nossos filhos, tudo destruído além de qualquer possibilidade de restauração!

— Vândalos — disse Chris em voz baixa. — Simplesmente vândalos.

Sorriu, beijou-me a testa e apertou-me a mão quando as lágrimas me saltaram aos olhos.

— Tenha calma — aconselhou, afastando-se para examinar os outros cômodos, enquanto eu me derreei sobre as almofadas, soluçando e fungando.

Oh! Como Julian devia odiar-me, para fazer tal coisa! Chris voltou pouco depois, com o rosto muito composto, usando aquela mesma expressão de “olho de furacão” que eu lhe vira poucas vezes na fisionomia.

— Cathy — começou ele, sentando-se cautelosamente na beirada do sofá e estendendo a mão para pegar a minha. — Não sei o que pensar. Todas as suas roupas e sapatos foram estragados. Suas jóias estão espalhadas pelo chão do quarto, os colares arrebentados, os anéis esmagados, as pulseiras deformadas. Parece que alguém resolveu destruir deliberadamente tudo que era seu, deixando intactas as coisas de Julian.

Lançou-me um olhar confuso e preocupado; tive a impressão de que as lágrimas que eu procurava conter passaram para seus olhos. E foi com os olhos azuis marejados de lágrimas que ele estendeu a mão espalmada para mostrar-me o aro de um anel de noivado outrora exótico: o presente de Paul. O aro de platina estava transformado num oval disforme. O engaste fora quebrado para soltar o límpido e perfeito brilhante de dois quilates. Haviam-me injetado sedativos, de modo a diminuir a dor nos artelhos fraturados. Sentia-me zozza, desorientada e um tanto indiferente. Alguém dentro de mim gritava incessantemente, o ódio estava próximo, mais uma vez, o vento uivava. Fechando os olhos, vi-me cercada de montanhas encobertas de névoa azul que tapavam o sol como no sótão.

— Julian — murmurei com voz sumida. — Deve ter sido ele. Voltou para cá e desabafou a raiva em meus pertences. Veja os objetos que ficaram inteiros: são coisas que ele escolheu sozinho.

— Maldito seja ele! — exclamou Chris. — Quantas vezes desabafou a raiva sobre você? Quantos olhos inchados? Eu vi um... mas quantos foram?

— Não fique assim, por favor — pedi em voz sonolenta e preguiçosa. — Ele nunca me bateu sem chorar depois, declarando-se arrependido. Sim... “*Sinto muito, minha querida, meu único amor... não sei o que me leva agir assim quando a amo tanto!*”

— Cathy — disse Chris, hesitante, guardando no bolso o aro de platina. — Você está bem? Parece prestes a desmaiar. Vou arrumar a cama e você poderá descansar no quarto. Logo adormecerá e esquecerá tudo isto; quando acordar, eu a levarei embora daqui. Não se lamente pelas roupas e coisas que ele lhe deu, pois eu lhe darei mais e melhores. Quanto ao anel que foi presente de Paul, passarei uma revista no quarto até encontrar o brilhante.

Chris procurou, mas não encontrou o brilhante. E quando adormeci, ele deve ter-me carregado para a cama, na qual colocara lençóis limpos. Quando acordei, estava coberta por um lençol e uma manta fina. Chris, sentado na beira da cama, estudava-me o rosto. Olhei para as janelas e percebi que já anoitecia. A qualquer momento, Julian voltaria para casa e encontraria Chris comigo; ia ser o diabo!

— Chris, você me tirou as roupas e vestiu esta camisola? — perguntei, quase indiferente, ao ver a manga azul de uma das minhas camisolas prediletas.

— Sim. Julguei que seria mais confortável que aquele terninho com a calça descosturada até acima do joelho. E sou médico, lembra-se? Estou acostumado a ver de tudo. Além disso, fiz questão de não olhar.

A escuridão do crepúsculo invadia o quarto, tornando as sombras suaves e arroxeadas. Ainda zonzá, vi Chris como outrora, quando o ambiente no sótão assumia aquele aspecto sombrio, amedrontador, e ficávamos sozinhos à espera de algum horror que estivesse por acontecer. Chris sempre fora capaz de reconfortar-me quando nada mais poderia fazê-lo. Estava sempre presente quando eu necessitava dele, dizendo e fazendo o que era mais adequado.

— Lembra-se do dia em que Mamãe recebeu aquela carta da avó, dizendo que poderíamos ficar em sua casa? Na ocasião, julgamos que um futuro maravilhoso nos esperava; mais tarde, pensávamos que toda a alegria ficara no passado. Nunca, jamais, no presente.

— Sim — disse ele, baixinho. — Lembro-me. Acreditamos que seríamos ricos como Midas e que tudo em que tocássemos se transformaria em ouro. Apenas seríamos mais controlados e teríamos o cuidado de manter em carne e osso as pessoas que amávamos. Naquela época, éramos pequenos, tolos e confiantes demais.

— Tolos? Não acho que fôssemos tolos, mas apenas normais. Você atingiu sua meta e é médico. Eu, porém, ainda não sou uma *prima ballerina* — acrescentei com amargura.

— Cathy, não se menospreze. Ainda será uma *prima ballerina*! — afirmou Chris calorosamente. — Já seria, há muito tempo, se Julian controlasse os ataques de nervos que atemorizam todos os gerentes de companhia de balé e evitam que vocês tenham melhores contratos. Na verdade, você está presa a uma companhia de balé sem importância porque se recusa a abandonar Julian.

Suspirei, desejando que meu irmão não tivesse dito aquelas palavras. Era bem verdade que os ferozes ataques de nervos de Julian afastaram de nós mais de uma oferta para fazermos parte de companhias de balé muito famosas.

— Você precisa ir embora, Chris. Não quero que Julian chegue e o encontre aqui. Ele não me quer perto de você. E não posso abandoná-lo. À sua maneira, Julian me ama e necessita de mim. Sem minha presença para controlá-lo, seria dez vezes mais violento. Além

disso, eu o amo. Se ele me bateu algumas vezes, foi apenas para fazer-me entender isso. E agora eu entendo.

— Entende? — exclamou Chris. — Você não está entendendo! Está permitindo que a pena que sente de Julian lhe roube todo o bom senso! Olhe em volta, Cathy! Só um louco seria capaz de fazer isso! Não vou deixá-la enfrentar sozinha um louco! Ficarei aqui para protegê-la. Diga-me o que poderá fazer sozinha se ele resolver castigá-la novamente por tê-lo abandonado na Espanha! Pode levantar-se e correr? Não! E não vou deixá-la aqui desprotegida, quando ele pode chegar em casa bêbado, ou drogado...

— Ele não toma tóxicos! — protestei, defendendo o que havia de bom em Julian e, não sei por que motivo desejando esquecer tudo o que ele tinha de ruim.

— Ele pulou em seus pés quando sabe que você precisa deles para dançar. Portanto, não me venha dizer que está lidando com um homem mentalmente são. Quando você foi trocar de roupa no camarim, escutei alguém comentar que Julian ficou muito diferente desde que começou a andar com Yolanda. Todos desconfiam que ele está usando tóxicos e só por isso mencionei o assunto.

Fez uma pausa antes de acrescentar:

— Além disso, sei por experiência própria que Yolanda toma tudo que estiver ao seu alcance.

Eu estava sonolenta, dolorida e preocupada com Julian, que àquela hora já deveria estar em casa. Além disso, havia um bebê cujo destino eu precisava decidir.

— Então fique, Chris. Mas, quando Julian chegar, fique à distância e deixe as palavras por minha conta, está bem?

Ele assentiu com a cabeça e comecei a adormecer outra vez, como se a única realidade fosse a cama e o sono de que eu tanto necessitava. Preguiçosamente, sem prestar atenção, tentei virar-me de lado e as pernas escorregaram das almofadas, fazendo-me soltar um grito de dor.

— Cathy... não se mova — disse Chris, apressando-se a endireitar as almofadas e ajeitar-me as pernas sobre elas. — Deixe-me deitar a seu lado e abraçá-la, enquanto ele não chega. Prometo não dormir e, tão logo ele abrir a porta, levantarei e não me meterei na conversa.

Sorrii para animar-me. Meneei a cabeça em afirmativa e aninhei-me nos braços cálidos e fortes que me envolveram. Tentei mais uma vez encontrar alívio no sono. Como num sonho, senti lábios suaves se moverem sobre meu rosto, beijando-me os cabelos, as pálpebras, a face e, finalmente, a boca.

— Eu a amo muito. Oh! meu Deus, eu a amo tanto! — escutei-o dizer.

Desorientada, julguei por um instante que se tratasse de Julian, de volta à nossa casa, pedindo desculpas por humilhar-me e machucar-me... pois costumava agir assim, causando-me dor e depois desculpando-se, fazendo-me amor com um abandono selvagem. Portanto, virei-me um pouco para o lado e correspon-di-lhe os beijos, abraçando-o e enfiando os dedos entre seus cabelos fortes e escuros... Só então percebi. Os cabelos não eram fortes e crespos, mas sedosos e finos, como os meus.

— Chris! — exclamei. — Pare!

Mas ele perdera o controle, cobrindo de beijos ardentes meu rosto, pescoço e o busto que desnudara-se.

— Não me mande parar — murmurou ele, acariciando-me. — A vida inteira só tive frustrações. Tento amar outras, mas é sempre você... você, que nunca poderei possuir! Cathy... largue Julian! Venha embora comigo! Iremos para algum lugar distante, onde ninguém nos conheça, e viveremos juntos como marido e mulher. Não teremos filhos... cuidarei disso. Podemos adotar crianças. Você sabe que seremos bons pais... sabe que nos amamos, que nos amaremos para sempre! Nada poderá alterar isso! Fuja de mim e case-se

com uma dúzia de outros homens, mas terá sempre o coração nos olhos quando me fitar... é a mim que você quer, como eu a quero!

Deixando-se levar pelos próprios argumentos, recusava-se a escutar meus débeis protestos.

— Cathy... só abraça-la, tê-la outra vez! Agora saberei dar-lhe o prazer que não consegui proporcionar antes... por favor, se algum dia me amou... abandone Julian antes que ele nos destrua!

Sacudi a cabeça, tentando focalizar a atenção no que ele dizia e fazia. Seus cabelos louros estavam-me abaixo do queixo e ele passava o nariz nos bicos de meus seios; embora não visse minha expressão de recusa, escutou-me a voz.

— Christopher, estou esperando um filho de Julian. Consultei um ginecologista quando estive em Clairmont; por esse motivo, demorei-me lá mais do que pretendia. Julian e eu vamos ter um filho.

Pela maneira como ele recuou, parecia que eu o esbofeteara. Interrompeu o doce êxtase de beijar partes secretas que me excitavam. Sentou-se na beira da cama, curvando-se e escondendo o rosto nas mãos. Então, começou a chorar.

— Você sempre me derrota, Cathy! Primeiro Paul, depois Julian... agora um bebê.

De repente, ergueu o rosto para encarar-me.

— Venha comigo e deixe-me ser o pai da criança! Julian não merece! Mesmo que jamais me permita tocá-la, deixe-me viver o bastante perto de você para vê-la e escutar-lhe a voz todos os dias. Às vezes, desejo que tudo voltasse a ser como antes... apenas você e eu, e nossos gêmeos.

O silêncio, que ambos conhecíamos bem, envolveu-nos, encerrando-nos em nosso mundo secreto particular, onde havia o pecado e moravam os maus pensamentos. E nós pagaríamos se algum dia... Mas não! Não haveria “*se algum dia*”...

— Chris, vou ter um filho com Julian — declarei com uma firme decisão que me surpreendeu. — Quero o filho de Julian porque o amo, Chris e fracasei com ele sob muitos aspectos. Falhei porque você e Paul encheram-me os olhos e o pensamento, não permitindo que eu apreciasse o que poderia encontrar em Julian. Deveria ter sido melhor esposa; então, ele não teria necessidade daquelas garotinhas. Eu sempre amarei você, mas é um amor sem perspectivas e, portanto, desisto dele. Desista também! Esqueça o passado de uma Catherine Doll que já não existe.

— Você perdoa Julian ter-lhe fraturado os antebraços? — indagou Chris, espantado.

— Julian sempre me implorava para dizer que o amava e eu nunca disse. Mantive-me sob um guarda-sol enganador, a fim de afastar as dúvidas sombrias de minha mente, recusando-me a ver tudo o que Julian tinha de bom e belo fora do balé. Portanto, Chris, liberte-me. Mesmo que eu nunca mais volte a dançar, terei o filho de Julian... e este seguirá sozinho o caminho da fama.

Chris saiu batendo a porta e me deixou sozinha. Logo adormeci e comecei a sonhar com Bart Winslow, o segundo marido de minha mãe. Dançávamos uma valsa no imenso salão de bailes de Foxworth Hall e, lá em cima, perto da balaustrada do balcão, duas crianças se escondiam no interior da maciça cômoda com o fundo de tela de arame. A árvore de Natal no canto do salão parecia atingir o céu e centenas de pessoas dançavam conosco, mas eram pessoas de celofane transparente, sem a beleza saudável de carne e osso que Bart e eu possuíamos. De repente, Bart parou de dançar, pegou-me no colo para subir a larga escadaria e depositou-me na suntuosa cama com formato de cisne. Meu lindo vestido de veludo verde com adornos de gaze verde-claro dissolveu-se ao toque de suas mãos ardentes e o poderoso membro masculino que me penetrou e se movimentou em minhas entranhas fez-me gritar e berrar. Cada grito agudo soava exatamente como um toque do telefone.

Acordei sobressaltada... Por que um telefone que toca na calada da noite tem sempre um som tão ameaçador? Sonolenta, estendi a mão para atender.

— Alô?

— Sra. Julian Marquet?

Despertei um pouco mais, esfregando os olhos.

— Sim. Sou eu.

A mulher disse o nome de um hospital no outro lado da cidade.

— Poderia vir o mais rápido possível, Sra. Marquet? Veja se consegue alguém que lhe dê uma carona. Seu marido sofreu um acidente de automóvel e ainda está na sala de cirurgia. Traga consigo seus documentos de seguro, carteira de identidade e quaisquer dados médicos disponíveis... Sra. Marquet?... Ainda está no aparelho?

Não. Eu não estava no aparelho. Encontrava-me de volta a Gladstone, na Pensilvânia, e tinha onze anos de idade. Dois patrulheiros rodoviários estavam com o carro da polícia estacionado à nossa porta... e interromperam rapidamente uma festa de aniversário para informar-nos de que Papai estava morto. Sofrera um acidente na Rodovia Greenfield.

— Chris! Chris! — berrei, aterrorizada pela possibilidade de meu irmão ter-se ido.

— Estou aqui. Sabia que você precisaria de mim.

Naquela hora obscura e solitária que precede o amanhecer, Chris e eu chegamos ao hospital. Sentamo-nos em uma das estéreis salas de espera para aguardar notícias e sabermos se Julian sobreviveria ao acidente e à cirurgia. Afinal, por volta de meio-dia, após horas a fio na sala de recuperação, Julian foi trazido para baixo.

Tinham-no colocado no que chamavam de “cama de fraturas”, um aparelho que parecia um instrumento de tortura, que erguia sua perna direita engessada da ponta do pé até o quadril. O braço esquerdo fraturado, também engessado, estava colocado numa posição peculiar. O rosto pálido apresentava cortes e equimoses. Os lábios, normalmente tão cheios e vermelhos, pareciam tão pálidos quanto o rosto. Mas tudo isto era nada em comparação com a cabeça de Julian! Estremeci ao vê-la! Fora raspada em vários lugares e trazia as marcas dos furos feitos para a introdução de instrumentos metálicos destinados à manipulação do crânio! Uma coleira de couro forrada com lã envolvia-lhe o pescoço. Fratura de vértebras do pescoço! Além de uma fratura na perna e uma fratura exposta no antebraço, sem falar nos ferimentos internos que o haviam mantido na mesa de operações durante três horas!

Exclamei:

— Ele vai viver?

— Seu estado é crítico, Sra. Marquet — responderam com a maior calma. — Se ele tem outros parentes, sugerimos que sejam avisados.

Chris telefonou para Madame Marisha, pois eu temia que Julian morresse a qualquer momento e não queria perder a única oportunidade de dizer que o amava. E se isso acontecesse, eu me sentiria amaldiçoada e perseguida pelo remorso pelo resto da vida.

Os dias se passaram. Julian recobrava a consciência e tornava a perdê-la. Olhava-me com olhos sem brilho, fora de foco. Falava, mas sua voz era tão pastosa, arrastada e ininteligível que eu não conseguia entendê-lo. Desculpei-lhe todos os pequenos pecados e os grandes também, como costuma acontecer quando a morte está tão perto. Aluguei um quarto ao lado do dele, no hospital, onde podia cochilar a intervalos. Todavia, não tive uma só noite completa de descanso. Precisava estar ao lado de Julian quando ele voltasse a si, onde poderia ver-me e reconhecer-me, a fim de implorar-lhe que lutasse para viver e, sobretudo, dizer-lhe todas as palavras que lhe negara de modo tão avarento.

— Julian — sussurrava-lhe, rouca de tanto repetir a frase. — Não morra, por favor!

Nossos colegas de balé e músicos vinham em grupos ao hospital, oferecerem o consolo possível. O quarto de Julian estava cheio de flores enviadas por centenas de admiradores. Madame Marisha veio da Carolina do Sul e rondava o quarto usando um

horrível vestido negro. Fitava sem a menor expressão de tristeza o rosto inconsciente de seu único filho.

— É melhor ele morrer agora — declarava, aparentemente insensível — É melhor do que voltar a si e verificar que ficou aleijado para o resto da vida.

Então, seu olhar assumia uma expressão de pena e incredulidade e ela chorava. Ela, que se gabava de nunca chorar ou demonstrar tristeza, chorava em meus braços.

— Diga-me outra vez que ele voltará a dançar... Oh! não minta, ele tem que voltar a dançar!

Passaram-se cinco dias tenebrosos antes que Julian conseguisse focalizar suficientemente os olhos para enxergar. Incapaz de virar a cabeça, voltou para mim os olhos negros.

— Olá.

— Olá, sonhador. Pensei que nunca mais acordaria — respondi.

Ele exibiu um leve sorriso irônico.

— Você não teria tamanha sorte, Cathy querida — disse ele, baixando os olhos para a perna sob tração. — Preferia morrer a estar assim.

Levantei-me e fui até a cama ortopédica feita com duas largas faixas de lona presas a duas fortes barras, tendo por baixo um colchão que podia ser baixado e erguido para permitir a colocação de uma comadre sob Julian sem lhe alterar a posição do corpo. A cama era dura e não permitia movimento do doente. Não obstante, estendi-me cautelosamente ao lado de Julian e enfiei-lhe os dedos nos cabelos em desalinho, ou melhor, no que restava deles. Com a mão livre, acariciei-lhe o peito.

— Jule, você não está paralisado. A medula não foi rompida, esmagada ou mesmo afetada. Encontra-se apenas em estado de choque, por assim dizer.

Julian tinha um braço são, que poderia estender para abraçar-me. Todavia, permaneceu estendido ao longo do corpo.

— Está mentindo — disse com amargura. — Não sinto absolutamente nada da cintura para baixo. Nem sua mão em meu peito. Portanto, caia fora daqui! Você não me ama! Esperou até pensar que estou morrendo para vir com essas frases melosas! Não quero nem preciso de sua piedade... portanto caia fora daqui e não volte!

Saí da cama e peguei minha bolsa. Chorei, da mesma forma como ele estava chorando com o olhar fixo no teto.

— Maldito seja por destruir nosso apartamento! — vociferei quando consegui falar. — Rasgou minhas roupas!

Andei de um lado para outro, furiosa, sentindo ímpetos de esbofetear aquele rosto já ferido e inchado.

— Maldito seja por quebrar todas as nossas lindas coisas! Sabia com que esmero escolhemos todos os objetos, que nos custaram uma fortuna! Sabe que desejamos deixá-los como herança para nossos filhos! Agora, nada nos resta para deixarmos para ninguém!

Ele sorriu, satisfeito.

— Sim, não resta nada para ninguém.

Bocejou, dispensando-me, mas eu não estava disposta a ser dispensada.

— Graças a Deus, não temos filhos! — disse Julian. — Nem teremos. Você pode requerer o divórcio. Case-se com algum filho da puta e faça-o infeliz também.

— Julian — disse eu, sentindo todo o peso da tristeza. — Eu o fiz infeliz?

Ele piscou, como se não quisesse responder, mas insistiu até forçá-lo a dizer:

— Não totalmente infeliz... Tivemos alguns bons momentos.

— Só alguns?

— Bem... talvez mais que apenas alguns. Mas não precisa continuar ao meu lado só para cuidar de um inválido. Caia fora enquanto pode. Eu não presto, você sabe. Tenho sido infiel repetidas vezes.

— Se tornar a sê-lo, arranco-lhe o coração!

— Vá embora, Cathy. Estou cansado — disse com voz aparentemente sonolenta por causa de todos os sedativos que lhe ministravam. — De todo modo, filhos não servem para gente como nós.

— Gente como nós?

— Sim, gente como nós.

— Em que somos diferentes dos outros?

O riso de Julian foi a um só tempo zombeteiro, sonolento e amargo.

— Não somos reais. Não pertencemos à raça humana.

— O que somos, então?

— Bonecos que dançam, nada mais. Idiotas que dançam, têm medo de serem gente de verdade e viverem no mundo real. Por isso, preferimos a fantasia. Você não sabia?

— Não, eu não sabia. Sempre pensei que fôssemos pessoas de verdade.

— Não fui eu quem estragou suas coisas; foi Yolanda. Mas eu assisti.

Senti-me doente, temendo que ele falasse a verdade. Seria eu apenas uma boneca que dançava? Incapaz de viver no mundo real fora do teatro? Era possível que fosse tão inepta quanto mamãe para enfrentar a realidade?

— Julian... eu o amo, palavra de honra. Pensava amar outra pessoa, pois me parecia pouco natural pular de repente de um amor para outro. Quando eu era criança, acreditava que o amor só acontece uma vez na vida de cada pessoa e depois de se amar alguém era impossível amar-se outra pessoa. Mas estava enganada.

— Saia e deixe-me em paz. Não quero ouvir o que você tem a dizer, não agora. Na verdade, agora pouco me importa.

As lágrimas me corriam pelo rosto, pingando em Julian. Este fechou os olhos, recusando-se a ver ou escutar. Debrucei-me para beijar-lhe os lábios, que se mantiveram duros, contraídos, sem reação. Em seguida, ele praticamente cuspiu as palavras:

— Pare! Você me enoja!

— Eu o amo, Julian — soluzei. — E sinto muito só ter compreendido e dito isto tarde demais. Por favor, não permita que seja tarde demais. Estou esperando um filho seu, o décimo-quarto de uma longa linhagem de bailarinos... e vale muito a pena viver por esse filho, mesmo que você não me ame mais. Não feche os olhos, fingindo não escutar, porque vai ser pai, queira ou não queira!

Rolou os olhos negros e brilhantes para mim e percebi por que motivo brilhavam: estavam cheios de lágrimas. Se eram lágrimas de autocomiseração ou frustração, eu não sabia. Mas a voz de Julian se tornou mais branda e assumiu um leve tom amoroso.

— Aconselho-a a livrar-se desse bebê, Cathy. O número quatorze não dá mais sorte que o treze.

No quarto ao lado, Chris passou a noite inteira abraçado a mim. Acordei bem cedo na manhã seguinte. Yolanda fora atirada para fora do carro no acidente e seria enterrada naquela manhã. Libertei-me cuidadosamente dos braços de Chris e ajeitei-lhe a cabeça adormecida numa posição mais confortável antes de esgueirar-me para dar uma espiadela no quarto de Julian. Uma enfermeira ficava de plantão a seu lado a noite inteira. Estava profundamente adormecida ao lado da cama ortopédica. Parei junto à porta e observei Julian à difusa luz esverdeada do abajur coberto com uma toalha verde. Dormia profundamente. O tubo intravenoso em seu braço passava por baixo do lençol até chegar à veia. Não sei por que razão, olhei para o frasco pendente, contendo um líquido levemente amarelado que mais

parecia água que qualquer outra substância. O nível do líquido baixava depressa. Voltei para sacudir Chris e acordá-lo.

— Chris — disse-lhe eu, enquanto ele tentava orientar-se. — O soro não deve pingar devagar na veia de Julian? Está passando muito depressa... Rápido demais, em minha opinião.

Mal terminei de falar e Chris já pulara da cama e corria para o quarto de Julian. Ao entrar, acendeu a luz do teto e depois acordou a enfermeira.

— Maldita! Como pôde adormecer? Está aqui para cuidar do doente!

Enquanto falava Chris puxou os lençóis e lá estava o aparelho de gesso no braço de Julian, com uma abertura para a agulha chegar à veia. A agulha ainda estava inserida na veia e presa com esparadrapo na posição adequada... mas o tubo fora cortado!

— Oh! Deus! — suspirou Chris. — Uma bolha de ar deve ter chegado ao coração...

Aturdida, fitei a tesoura frouxamente segura pela relaxada mão direita de Julian.

— Ele próprio cortou o tubo — murmurei. — Ele próprio... e agora está morto, morto...

— Onde ele conseguiu a tesoura? — perguntou rispidamente Chris à enfermeira, que começava a tremer.

Era a tesourinha que ela usava para cortar a linha do bordado.

— Deve ter caído do meu bolso — disse ela com voz sumida. — Juro que não me lembro de a ter perdido... Ou talvez ele a tenha apanhado quando me debrucei sobre a cama...

— Está certo — atalhei, indiferente. — Se não fosse dessa maneira, ele arranjaría outra. Eu devia ter previsto e prevenido. A vida nada valia para ele se não pudesse voltar a dançar. Nada.

Julian foi sepultado ao lado do pai. Após certificar-me junto a Madame Marisha de que ela aprovaria o nome, mandei gravar na lápide: *“Julian Marquet Rosencoff, amado esposo de Catherine e décimo-terceiro de uma longa linhagem de astros russos do balé”*. Talvez fosse um epitáfio ostensivo e revelasse meu fracasso em amá-lo o suficiente enquanto viveu, mas senti-me obrigada a fazer o que ele queria, ou o que eu julgava que ele queria.

Chris, Paul, Carrie e eu paramos também diante do túmulo de Georges e curvei a cabeça para demonstrar meu respeito para com o pai de Julian. O mesmo respeito que eu também deveria ter dado a Julian.

Cemitérios, com suas estátuas de santos e anjos de mármore, todos sorrindo docemente, tão piedosos e tão sóbrios; como eu os odiava! Condescendiam conosco, que vivíamos; nós, de frágil carne e osso, que nos podíamos enlutar e chorar, enquanto eles ali permaneceriam durante séculos, sorrindo piedosamente para todos. E lá estava eu, de volta exatamente ao ponto inicial.

— Catherine — disse Paul, quando estávamos todos sentados na comprida limusine preta. — Seu quarto está exatamente como antes, todo seu. Venha para casa e more comigo e Carrie até seu bebê nascer. Chris também estará lá, como interno no Hospital Clairmont.

Olhei para Chris, sentado no banquinho escamoteável, sabendo que ele tivera uma oferta para ocupar uma posição muito melhor num hospital deveras importante e preferira trabalhar como interno num pequeno e insignificante hospital do interior.

— Duke fica tão longe, Cathy — disse ele, evitando-me o olhar. — Já era ruim viajar tanto quando estava cursando a escola preparatória e a universidade... portanto, caso não se importe, permita-me ficar num lugar mais próximo, de modo a poder estar presente no dia em que meu sobrinho, ou sobrinha, vier ao mundo.

Madame Marisha mexeu-se tão bruscamente que quase bateu com a cabeça no teto do carro.

— Está esperando um filho de Julian? — exclamou. — Por que não me contou antes? Que maravilha!

Ficou radiante; a tristeza desapareceu como se Madame tivesse despedido um manto escuro.

— Agora, Julian não está morto, pois terá um filho que será exatamente como ele!

— Talvez seja uma menina, Madame — disse Paul suavemente, estendendo a mão para pegar a minha. — Sei que a senhora está louca por um menino como seu filho, mas eu gostaria de uma garotinha como Cathy e Carrie... Todavia, se for um menino não farei objeções.

— Objeções? — exclamou Madame Marisha. — Deus, em sua infinita sabedoria e bondade, mandará para Catherine uma cópia exata de Julian! Será bailarino e alcançará a fama que esperava em breve pelo filho do meu Georges!

À meia-noite, eu estava sozinha na varanda dos fundos, balançando-me na cadeira predileta de Paul. Minha cabeça pululava de pensamentos para o futuro. Lembranças do passado causavam conflitos e quase me afogavam. As tábuas do assoalho rangiam de leve; eram velhas e tinham conhecido sofrimentos como os meus. Compreendiam-me. A lua e as estrelas brilhavam no céu e até mesmo alguns vaga-lumes piscavam na escuridão do jardim.

A porta às minhas costas se abriu e fechou quase silenciosamente. Não olhei para verificar quem era, pois já sabia. Ele se sentou na cadeira ao lado da minha e passou a balançar-se no mesmo ritmo que eu.

— Cathy — disse baixinho — detesto vê-la aí sentada, com essa expressão tão perdida e desanimada. Não pense que todas as boas coisas de sua vida já passaram e nada lhe resta agora. Ainda é muito jovem, muito bela; depois que seu bebê nascer, poderá recuperar depressa a forma e dançar até sentir que chegou a hora de abandonar o palco e ser professora de balé.

Não virei a cabeça. Voltar a dançar? Como poderia eu dançar, quando Julian estava enterrado? Tudo que eu tinha era o bebê. Transformaria aquela criança no centro de minha vida, ensinando-o a dançar. Menino ou menina, alcançaria a fama que deveria ser de Julian e minha. Tudo que Mamãe não nos dera eu derramaria sobre meu filho, que jamais seria negligenciado. Quando precisasse de mim, eu estaria a seu lado. Quando chamasse por sua mãe, não seria obrigado a contentar-se com uma irmã mais velha. Não... Eu seria como Mamãe fora quando Papai estava vivo. Era isso que mais magoava: o fato de Mamãe ter-se transformado de uma mulher amorosa e boa no que era atualmente: um monstro. Nunca, jamais eu trataria meu filho como ela nos tratara!

— Boa noite, Paul — respondi, levantando-me para entrar em casa. — Não se demore muito aqui fora. Precisa levantar-se cedo e parecia cansado na hora do jantar.

— Catherine...?

— Agora não. Mais tarde. Preciso de tempo.

Subi lentamente a escada, pensando na criança em meu útero. Precisava cuidar-me e não comer certas coisas; tinha que tomar muito leite e vitaminas. E ter pensamentos positivos... não vingativos. A partir de agora, eu ouviria música de balé todos os dias. Dentro de mim, meu filho escutaria e mesmo antes de nascer sua alma seria doutrinada no sentido da dança. Sorri, pensando nos belos trajes de bailarina que compraria para minha filhinha. Sorri ainda mais ao pensar num menino como o pai, com rebeldes cabelos negros. Chamar-se-ia Julian Janus Marquet. Janus para significar que conseguia ver em ambos os sentidos, à frente e atrás.

Passei por Chris, que se preparava para descer a escada. Ele me tocou. Estremeci, sabendo o que meu irmão desejava. Ele não precisava pronunciar as palavras: eu já as conhecia pela frente e por detrás, por dentro e por fora, de cabeça para baixo e na posição normal. Eu as conhecia... tão bem quanto conhecia Chris.

Embora eu procurasse com a maior diligência pensar apenas na criança inocente que crescia dentro de mim, meus pensamentos insistiam em dirigir-se a Mamãe, enchendo-me de

ódio e de planos involuntários de vingança. Pois, de algum modo, ela também causara a morte de Julian. Se nunca tivéssemos sido prisioneiros e precisado fugir, eu jamais teria amado Chris ou Paul talvez Julian e eu nos tivéssemos conhecido inevitavelmente em Nova York. Então, eu poderia amá-lo como precisava e queria ser amado. Eu poderia ter chegado às suas mãos “*virgem e pura, novinha em folha*”. E perguntava-me repetidamente se isto teria feito alguma diferença... Sim! Sim! Convenci-me de que teria feito toda a diferença.

Interlúdio pra três

À medida que a criança se desenvolvia dentro de mim, comecei a reencontrar a identidade que perdera, pois o balé sempre mantivera minha verdadeira personalidade num estado embrionário envolvido pelo desejo de dançar e alcançar o sucesso. Agora, eu estava com os pés firmes no chão, a fantasia da vida encantadora do palco relegada a segundo plano. Não que eu ocasionalmente deixasse de ansiar pelo palco e pelos aplausos. Oh! Tive meus momentos de nostalgia, mas possuía um meio infalível para eliminá-los: pensava em Mamãe e no mal que ela nos causara. Mais outra morte em sua ficha, Mamãe!

Cara Sra. Winslow,

Continua a fugir de mim? Ainda não sabe que jamais conseguirá ir bastante depressa ou suficientemente longe para escapar? Algum dia eu a alcançarei e voltaremos a encontrarnos. Talvez desta feita a senhora sofra como me fez sofrer e, espero, três vezes mais que isso.

Meu marido acaba de morrer num acidente de automóvel, exatamente como morreu seu marido há tantos anos. Estou esperando um filho dele, mas não tomarei medidas tão desesperadas como a senhora fez. Darei um jeito de sustentá-lo, mesmo que sejam trigêmeos... ou quádruplos!

Enderecei a carta à casa dela em Greenglenna, mas pouco depois os jornais informaram que se encontrava no Japão. Japão! Puxa, como ela viajava!

Aos poucos transformava-me numa mulher que não conhecera antes. Os espelhos mostravam que já não era esbelta e ágil, o que me aterrorizava. Vi os seios ficarem mais cheios e arredondados, enquanto a barriga crescia. Detestava movimentar-me desgraciosamente, mas minhas mãos adoravam acariciar o volume feito pelo bebê.

Um dia, dei-me conta de que tinha mais sorte que a maioria das viúvas, pois havia dois homens que necessitavam de mim. Homens que, por meios sutis, deixavam bem claro estarem prontos a ocupar o lugar de Julian. E tinha Carrie, a pequenina Carrie que me considerava um modelo pelo qual poderia pautar sua própria vida. Querida, pequena e doce Carrie, agora com dezesseis anos, nunca saíra com rapazes, tivera namorado ou fora a um baile. E bem poderia fazê-lo, se decidisse esquecer sua pequenez física. Chris convencia os amigos a saírem com sua irmã mais moça, que definhava por falta de romance. Carrie queixou-se comigo:

— Chris não precisa arranjar encontros para você! Aquele rapaz da escola preparatória não quer sair comigo; vem apenas para poder ficar perto de você.

Ri, declarando que aquilo era ridículo. Ninguém me desejaria naquelas condições: grávida, viúva e velha demais para um estudante. Carrie escutou-me, mas permaneceu emburrada perto da janela.

— Desde que você voltou, o Dr. Paul já não sai comigo para o cinema ou para jantar, como antigamente. Eu fazia de conta que ele não era meu tutor, mas meu namorado e isso me alegrava, porque todas as mulheres olham para ele, Cathy. O Dr. Paul é bonito, apesar de velho.

Suspirei, pois para mim Paul jamais seria velho. Parecia maravilhosamente jovem para sua idade: quarenta e oito anos. Tomei Carrie nos braços e consolei-a, dizendo que o amor estava à sua espera logo ao dobrar a esquina.

— Será jovem também, Carrie, quase da sua idade. Depois que a vir e souber como você realmente é, não precisará ser coagido, pois estará mais que disposto a amá-la.

Calada, ela se ergueu e foi para seu quarto, sem se deixar convencer por meus argumentos.

Madame Marisha vinha freqüentemente verificar minhas condições e enchia-me de conselhos autoritários:

— Trate de continuar seus exercícios; toque música de balé para ensinar o filho de Julian a amar o que é belo antes mesmo de nascer; dentro de você ele saberá que a dança o espera aqui fora.

Olhou para meus pés, que finalmente estavam curados.

— Como sente os dedos, agora?

— Muito bem — respondi indiferente, embora me doessem quando chovia.

Henny estava sempre atenta para cuidar de mim como uma mucama quando Carrie se ausentava. Envelhecia com uma rapidez espantosa. Preocupava-me com ela. Embora Henny se esforçasse para fazer a rígida dieta recomendada por ambos os seus “filhos-doutores”, comia o que tinha vontade, sem dar importância a calorias ou colesterol.

Os longos dias de luto passaram mais depressa porque eu esperava o filho de Julian, uma parte dele que eu poderia guardar comigo. Logo chegou o Natal e eu estava tão grande com a gravidez que achei melhor não aparecer em público. Contudo, Chris, apoiado por Paul, insistiu que seria boa terapia sair para as compras natalinas. Comprei um medalhão antigo de ouro para enviar à Madame Zolta e anexei ao presente duas pequenas fotos de Julian e eu em nossos trajes de Romeu e Julieta. Pouco depois do Natal, recebi seu bilhete de agradecimento:

Querida Catherine, meu amor,

O seu presente foi o melhor de todos. Choro seu belo marido. Choro principalmente por você, caso decida não mais dançar só porque espera um filho! Há muito tempo já seria uma prima ballerina se seu marido demonstrasse menos arrogância e mais respeito pelas pessoas investidas de autoridade. Mantenha-se em forma, exercite-se, traga seu bebê consigo e todos nós moraremos juntos em minha casa até você encontrar outro danseur para amar. A vida nos oferece muitas oportunidades, não apenas uma. Volte.

O bilhete de Madame Zolta colocou-me no rosto um sorriso tristonho e sonhador. Ela ainda falava em amor...

— Por que sorri assim? — quis saber Paul, deixando de lado a revista médica à qual devia estar dedicando apenas parte de seu interesse.

Desajeitadamente, debrucei-me para entregar-lhe o bilhete. Ele leu e depois estendeu os braços para mim, convidando-me a aninhar-me em seu colo e proteger-me em seu abraço. Aceitei pressurosamente o convite, pois estava sedenta de afeição. A vida sem um homem parecia nada significar para mim.

— Poderia prosseguir em sua carreira — disse mansamente. — Muito embora eu peça a Deus que você não volte a Nova York e me abandone outra vez.

Comecei:

— Era uma vez um casal de lindos pais louros que tiveram quatro filhos que jamais deveriam ter nascido. E os adoravam de modo quase irracional. Então, certo dia o pai morreu e a mãe se transformou, esquecendo-se por completo do amor, afeto e atenção que as quatro crianças necessitavam tão desesperadamente. Portanto, agora que outro belo marido morreu,

não permitirei que meu filho se sinta negligenciado, órfão, desnecessário ou indesejável. Quando meu filho chorar, estarei a seu lado. Lá estarei sempre, a fim de fazê-lo sentir-se seguro e muito querido. Lerei e cantarei para ele, que nunca se sentirá abandonado ou traído, como Chris se sentiu traído pela pessoa que mais amava neste mundo.

— Ele? Parece que você conhece também esse tipo de sofrimento — disse Paul, cujos olhos brilhantes mostravam tristeza. — Vai ser mãe e pai para essa criança? Pretende fechar a porta a qualquer homem que porventura desejar compartilhar de sua vida? Catherine, espero que não seja uma dessas mulheres que se deixam azedar porque a vida nem sempre lhe faz todas as vontades.

Movi a cabeça para encará-lo nos olhos.

— Você ainda me ama, não é mesmo?

— Não é mesmo?

— Isso não é resposta.

— Não creio que seja necessário responder. Pensei que você soubesse. Pensei também, pelo jeito como você me olha, que um dia voltaria para mim. Eu a amo, Catherine... Amei-a desde o primeiro dia em que subiu os degraus de minha varanda. Amo seu jeito de sorrir, de falar, de nadar... isto é, até de ficar grávida e passar a curvar-se para trás, com as mãos nas costas. Dói tanto?

— Oh! — respondi, desgostosa. — Por que parou de dizer todas aquelas coisas lindas para perguntar se minhas costas me incomodam? Naturalmente que incomodam. Não estou acostumada a carregar nove quilos extras na barriga... Prossiga o que estava dizendo antes de lembrar-se de que é médico.

Ele baixou vagarosamente a cabeça para roçar os lábios nos meus, bem de leve, antes de deixar-se dominar pela paixão e beijar-me com ardor. Meus braços lhe envolveram o pescoço e retribuí apaixonadamente o beijo. A porta da frente se abriu e logo se fechou com estrondo. Afastei-me depressa de Paul e tentei levantar-me antes que Chris chegasse à sala, mas não fui bastante rápida. Meu irmão entrou, usando um sobretudo por cima do uniforme branco de interno. Trazia um saco com um litro de sorvete que eu declarara ter vontade de comer quando estávamos jantando.

— Pensei que você estivesse de plantão esta noite — comentei depressa demais, para ocultar o embaraço e surpresa que me dominavam.

Chris praticamente jogou-me o sorvete nos braços, encarando-me com frieza.

— Estou de plantão, mas é uma noite tranquila no hospital, de modo que pensei em tirar alguns minutos de folga para trazer o sorvete que você tanto desejava.

Lançou um rápido olhar de esguelha a Paul.

— Sinto muito haver chegado numa hora imprópria. Prossigam o que estavam fazendo.

Girou nos calcanhares e saiu da sala. A porta da frente bateu com estrondo pela segunda vez.

— Cathy — disse Paul, que se levantara para pegar o sorvete de minhas mãos. — Precisamos fazer algo quanto a Chris. O que ele deseja é impossível. Já tentei discutir o assunto, mas recusa-se a escutar. Tapa os ouvidos e se afasta. Você tem que fazê-lo compreender que está arruinando a própria vida ao não permitir que outra mulher o conquiste.

Foi à cozinha e voltou poucos minutos depois com duas taças de sorvete que eu já não queria mais. Paul tinha razão. Era preciso tomar uma providência quanto a Chris. Mas que providência? Eu não podia magoá-lo; também não podia magoar Paul. Era como se eu assistisse a uma batalha, desejando que ambos os lados vencessem.

— Catherine — disse Paul em voz baixa, como se observasse minha reação. — Você nada me deve. Lembre-se disso, se não me ama. Dê um basta em Chris; faça-o entender que precisa esquecê-la e tratar de procurar outra pessoa. Qualquer pessoa, menos você...

— Para mim, é muito difícil dizer isso a ele — declarei com voz sumida, envergonhada de admitir que não desejava que Chris encontrasse outra pessoa.

Queria-o sempre comigo, só a confiança que sua presença me dava, nada mais. Tentava equilibrar meu tempo entre Chris e Paul, dando o bastante a cada um deles, mas não demais. Vi o ciúme crescer entre os dois e senti que a culpa não era minha, só de Mamãe! Como tudo de errado em minha vida era culpa dela.

Senti a primeira contração numa noite fria de fevereiro. Prendi a respiração por causa da dor aguda. Tinha conhecimento de que doeria, mas nunca imaginei que doesse tanto! Olhei para o relógio: duas da manhã do dia de S. Valentino, o Dia dos Namorados. Oh! Que maravilha! Meu bebê nasceria no que teria sido o dia de nosso sexto aniversário de casamento! Exclamei, como se ele pudesse escutar-me:

— Julian, você está prestes a ser pai!

Levantei-me, vestindo-me o mais depressa possível antes de atravessar o corredor e bater à porta do quarto de Paul. Ele resmungou algo à guisa de pergunta. E eu repliquei:

— Paul, acabo de sentir a primeira contração.

— Graças a Deus! — exclamou ele, no outro lado da porta fechada, despertando imediatamente. — Já está pronta para irmos?

— Naturalmente. Faz um mês que estou pronta.

— Vou telefonar para seu médico e depois alertar Chris. Sente-se e tenha calma!

— Posso entrar?

Ele abriu a porta, despido da cintura para cima.

— Você é a parturiente mais calma que já vi — comentou, ajudando-me a sentar.

Em seguida, apressou-se a usar o barbeador elétrico sem se mirar no espelho e correu para vestir uma camisa e pegar uma gravata.

— Teve outras contrações?

Comecei a dizer que não, quando senti a segunda dor. Dobrei-me para a frente.

— Quinze minutos depois da outra — murmurei, engasgada de dor.

Paul parecia pálido ao vestir o paletó e depois vir ajudar-me.

— Muito bem. Primeiro vou colocá-la no carro; depois, pegarei a mala. Fique calma, não se preocupe. Essa criança terá três médicos dedicando o máximo de atenção...

— Para se atrapalharem — concluí.

— Para que você conte com a melhor assistência profissional possível — corrigiu ele, gritando em seguida na direção da cozinha: — Henny, vou levar Catherine para o hospital! Avise Carrie quando ela acordar. Depois telefone para Madame Marisha e coloque no telefone aquela gravação que preparamos para ela.

Pensáramos em tudo. Quando Paul tornou a abrir a porta da frente, depois de me deixar no carro, escutei a gravação tocando para Madame Marisha. Minha própria voz, gravada duas semanas antes, dizia: “*Madame, seu neto está chegando*”.

Pareceu-me uma eternidade até avistar o hospital. Sob o toldo que protegia a entrada de emergência, um interno solitário andava nervosamente de um lado para outro: Chris.

— Graças a Deus vocês chegaram! — exclamou. — Eu já estava imaginando todo tipo de calamidades.

Ajudou-me a sair do carro enquanto alguém chegava correndo com uma cadeira de rodas e, sem quaisquer das preliminares a que tinham de sujeitar-se as outras pacientes, logo me vi acomodada na cama sentindo mais uma contração.

Meu filho nasceu três horas depois. Chris e Paul lá estavam, ambos com lágrimas nos olhos, mas foi Chris quem pegou meu menino, sujo e ensangüentado, ainda com o cordão umbilical. Colocou-o sobre minha barriga e segurou-o ali enquanto outro médico lhe prestava os devidos cuidados.

— Cathy... consegue vê-lo?

— É lindo!— sussurrei encantada, vendo o cabelo escuro e ondulado, o perfeito corpinho vermelho.

Com uma raiva feroz tão semelhante à do pai, o menino sacudia os minúsculos punhos e as pernas finas, berrando contra todas as indignidades a que o sujeitavam e toda a luz pareceu brilhar-lhe subitamente nos olhos, colocando-o no centro do palco, por assim dizer.

— Seu nome é Julian Janus Marquet, mas eu o chamarei de Jory.

Tanto Chris como Paul escutaram meu sussurro. Eu me sentia tão fatigada e sonolenta...

— Por que vai chamá-lo de Jory? — quis saber Paul.

Não tive forças para responder, mas Chris, que entendeu meu raciocínio, explicou:

— Se ele fosse louro, teria o nome de Cory. Sendo moreno, o "J" será por Julian e o resto por Cory.

Nossos olhares se encontraram e eu sorri. Como era maravilhoso ser compreendida e nunca precisar explicar!

QUARTA PARTE

Meu doce Pequeno Príncipe

Se algum dia uma criança nasceu num palácio cheio de pessoas que a idolatravam, certamente foi o meu Jory, com seus anelados cabelos negros, pele clara e macia, olhos azuis escuros. Era uma cópia perfeita de Julian e pude dedicar-lhe todo o afeto que fui incapaz de dar a seu pai. Desde o início, Jory deu a impressão de saber que eu era sua mãe. Parecia conhecer-me a voz, o toque e até mesmo o som dos passos. Não obstante, demonstrava um amor quase tão grande à Carrie, que todas as noites voltava às pressas do consultório de Paul para tomá-lo nos braços e brincar com ele durante horas a fio.

— Devemos procurar nossa própria casa — disse Chris, que desejava estabelecer-se firmemente como pai de Jory, o que não era possível em casa de Paul.

Eu não sabia o que responder a isso. Gostava da grande casa de Paul, de estar com ele e Henny. Queria que Jory tivesse as alamedas dos jardins, pelas quais eu podia empurrar-lhe o carrinho e onde ele estaria rodeado de beleza. E de forma nenhuma Chris poderia dar-lhe tanto. Meu irmão não tinha conhecimento de meus débitos astronômicos.

Paul instalara no andar superior um quarto de criança, completamente remodelado e equipado com um berço, um cercado para Jory brincar, um carrinho de criança e dúzias de bichinhos macios com os quais meu filho podia brincar à vontade sem risco de machucar-se. Havia ocasiões em que tanto Chris como Paul chegavam em casa trazendo brinquedos iguais. Entreolhavam-se e ambos exibiam um sorriso forçado, a fim de esconder o embaraço. Então eu era obrigada a intervir, exclamando:

— Dois homens com a mesma idéia!

E um dos brinquedos tinha que ser devolvido. Todavia, tive o cuidado de jamais permitir que um deles soubesse qual presente eu devolvera.

Carrie completou o ginásio em junho do ano em que completou dezessete anos. Não quis continuar os estudos; estava perfeitamente satisfeita com o trabalho de secretária particular de Paul. Seus pequenos dedos pareciam voar sobre o teclado da máquina de escrever; ela tomava ditados com notável rapidez e precisão, mas continuava desejando que alguém a amasse a despeito de seu tamanho franzino. Vê-la infeliz deixava-me mais uma vez furiosa com minha mãe! Comecei a refletir sobre o que faria tão logo surgisse a oportunidade. Agora eu estava livre, sem um marido para tolher-me. Livre para fazê-la pagar, como Carrie estava pagando!

Diariamente, minha irmã via Paul e Chris batalharem por minha atenção, ambos desejando-me, cada um começando a encarar o outro com inimizade. Eu precisava resolver definitivamente um problema que deveria estar solucionado há muito tempo. Se ao menos Julian não se tivesse interposto, eu seria agora esposa de Paul e Jory seu filho. Ainda assim... eu amava Jory por ele mesmo e, pensando melhor, sentia-me satisfeita por ter possuído Julian durante algum tempo. Já não era uma doce virgem inocente; dois homens haviam-me ensinado bem. Eu já tinha o conhecimento necessário para cuidar de mim mesma quando chegasse o momento de roubar de minha mãe seu segundo marido. Portar-me-ia como ela se portava com Papai. Lançaria a Bart Winslow rápidos olhares tímidos e, alternadamente, prolongados olhares significativos. Estenderia a mão para acariciar-lhe o rosto... E meu maior trunfo era parecer-me tanto com ela e, todavia, ser muito mais jovem! Como poderia ele resistir? Eu engordaria alguns quilos, para tomar formas mais arredondadas como ela.

Chegou o Natal e Jory, com menos de um ano de idade, ficou sentado entre seus presentes, confuso e de olhos arregalados, sem saber o que fazer ou que brinquedo pegar em primeiro lugar. Três máquinas fotográficas disparavam simultaneamente, mas a máquina de filmar estava com Paul e não com Chris, Carrie ou comigo. Carrie tomou meu filho nos braços, embalando-o para dormir na noite de Natal, cantando baixinho uma cantiga de ninar. Não contive as lágrimas ao vê-la, tão parecida com uma criança e, contudo, ansiosa por ter um filho só para si. Chris aproximou-se por detrás e abraçou-me pela cintura. Recostei-me nele.

— Eu devia correr para pegar a máquina — sussurrou ele. — Os dois ficam tão lindos juntos, mas não quero quebrar o encanto. Carrie é muito parecida com você, Cathy, exceto no tamanho.

Uma palavrinha: “exceto”. Apenas uma palavrinha impedia que Carrie se sentisse realmente feliz. Soaram passos na escada. Rapidamente, liberei-me dos braços de Chris e fui arrumar meu filho no berço. Senti a presença de Paul junto à porta, agora que Chris se retirara para seu quarto.

— Cathy — disse Carrie num sussurro, a fim de não acordar Jory. — Acha que algum dia terei um filho?

— Sim, claro que terá.

— Eu não acredito — disse ela.

Então, retirou-se devagar, deixando-me a observar sua saída.

Paul entrou no quarto, deu um beijo de boa noite em Jory e depois virou-se como se pretendesse abraçar-me.

— Não — protestei em voz sumida. — Não enquanto Chris estiver em casa.

Paul meneou rigidamente a cabeça e deu-me boa noite. Fui para a cama e fiquei acordada até quase amanhecer, tentando encontrar um meio para solucionar o dilema em que me encontrava.

Jory parecia muito satisfeito com sua situação; não era mimado, não fazia manha; não chorava ou fazia exigências desnecessárias. Simplesmente aceitava. Era capaz de levar minutos seguidos olhando de um de nós para o outro, como se nos avaliasse e examinasse nosso relacionamento com ele. Tinha a paciência de Chris, a tranquilidade e introspecção de Cory, e só ocasionalmente revelava a impetuosidade e petulância do pai e da mãe. Contudo, nada em Jory me fazia lembrar Carrie; ele sorria muito mais que ela. Não obstante, quando Carrie passeava pelos jardins de Paul com Jory no colo, apontava as diferenças entre esta e aquela planta, dando explicações incessantes e obrigando Jory a imitar a fala muito antes do que ele teria feito normalmente.

— Veja esta folha de carvalho — disse Carrie certo dia, quando Jory já aprendera a andar e as brisas primaveris movimentavam o ar. — A folha de cada árvore tem sua própria forma, textura e odor. Todas as flores se abrem facilmente para permitir a entrada das abelhas, exceto a rosa. Entretanto, as margaridas não possuem o aroma gostoso das rosas, de modo que

as abelhas passam direto por elas e procuram as rosas, que são tão avarentas com seu néctar e mantêm-se orgulhosamente eretas em longos talos.

Apontou para uma rosa e lançou-me um rápido olhar de esguelha. Em seguida, mostrou a Jory as margaridas e os amores perfeitos.

— Ora, se eu fosse uma abelha, pode apostar que eu iria direto às violetas e aos amores-perfeitos também, embora não sejam tão altos.

Ergueu a cabeça para encarar-me e disse numa voz estranha, tensa e sumida:

— Você é como uma rosa, Cathy. Todas as abelhas vão direto a você e nem me enxergam aqui embaixo. Por favor, não se case novamente antes de eu ter uma oportunidade. Por favor, não esteja por perto se algum dia um homem olhar para mim... Não sorria para ele, por favor...

Oh! Como o tempo voa quando se tem um bebê para encher todas as horas! Todos nós fotografávamos como loucos: o primeiro sorriso de Jory, seu primeiro dente, seu primeiro engatinhar de mim até Chris e, depois, até Paul e Carrie. Paul iniciou sua corte a mim, que duraria dois anos, os mesmos dois anos que Chris trabalhou como interno no Hospital Clairmont. Não podiam magoar-se mutuamente quando cada um gostava do outro e o respeitava. Nem mesmo conseguiam falar na barreira que os separava, exceto por meu intermédio.

— É esta cidade — disse Chris. — Creio que Carrie dar-se ia muito melhor em outro lugar. Nós todos, juntos.

A obscuridade do crepúsculo começava a invadir os jardins; era nossa hora preferida de percorrê-los. Paul saía para fazer a ronda dos doentes em três hospitais e Carrie brincava com Jory antes de levá-lo para a cama. Henny batia as panelas na cozinha, para mostrar-nos que ainda estava acordada e ocupada. Chris completara o período obrigatório de dois anos como interno e passara a ser médico-residente, o que lhe tomaria mais três anos. Quando me revelou que estava pensando em ir para outro hospital, muito mais famoso, para completar o período de treinamento, fiquei chocada. Chris ia abandonar-me!

— Sinto muito, Cathy, mas a Clínica Mayo me aceitou como residente, o que é uma grande honra. Ficarei lá por nove meses e depois voltarei para completar o período de residência aqui em Clairmont. Por que você e Jory não me acompanham? — seus olhos brilhavam intensamente ao fazer a sugestão. — Carrie poderá ficar para fazer companhia a Paul.

— Chris! Você não pode fazer isso!

— Pretende permanecer aqui depois que eu partir? — indagou ele, amargurado.

— Se a companhia de seguros de Julian me pagasse, eu teria o suficiente para comprar minha própria casa e instalar uma escola de balé. Contudo continuam a insistir que a morte dele foi suicídio. Sei que a apólice tem uma cláusula de suicídio com carência de dois anos. Pagamos os prêmios desde o dia de nosso casamento; portanto, a cláusula já caducara quando ele morreu. Apesar disso, recusam-se a pagar.

— O que você precisa é de um bom advogado.

Meu coração deu um salto.

— Sim. É o que preciso, Chris. Vá sem mim para a Clínica Mayo. Eu ficarei bem e prometo-lhe não me casar até que você volte e me dê sua aprovação. Trate de arranjar uma namorada. Afinal, não sou a única mulher que se parece com nossa mãe.

Chris ficou furioso.

— Por que diabo coloca as coisas nesses termos? É você, não ela! É tudo o que você tem de diferente dela que me faz necessitar de você e amá-la!

— Chris, quero um homem com quem eu possa ir para a cama, que me abrace quando eu sentir medo, que me beije e faça-me sentir que não sou má ou indigna — declarei, interrompendo-me um momento quando as lágrimas começaram a correr. — Eu desejava

mostrar a Mamãe o que sou capaz de realizar e ser a melhor *prima ballerina* do mundo, mas agora que Julian se foi, só tenho vontade de chorar quando ouço música de balé. Sinto tanta falta dele, Chris!

Apoiei a cabeça no peito de meu irmão e soluzei.

— Eu poderia tê-lo tratado melhor... então, ele não agrediria por raiva. Julian precisava de mim e eu fracasei. Você não precisa de mim, pois é mais forte que ele. Paul também não precisa de mim, do contrário insistiria em casar-se comigo imediatamente...

— Poderíamos morar juntos e... e...

As palavras lhe faltaram e ele ficou muito vermelho. Eu concluí seu argumento:

— Não! Será que não entende que não dará certo?

— Não, creio que não daria certo para você — replicou ele, empertigando-se. — Mas sou um idiota; sempre fui um idiota, desejando o impossível. Sou até mesmo bastante idiota para desejar ver-nos trancados novamente, como antes, quando eu era o único homem disponível para você!

— Não está falando sério!

Chris me abraçou com força.

— Não estou? Deus me perdoe, mas falo sério! Naquela época, você me pertencia e, a seu modo peculiar, nossa vida juntos tornou-me melhor do que eu realmente era... E você me fez desejá-la, Cathy. Poderia ter-me feito odiá-la, mas ao contrário, fez-me amá-la.

Sacudi a cabeça, negando; eu fizera apenas o que me vinha naturalmente em resultado de observar o procedimento de minha mãe com os homens. Fitei Chris, tremendo quando ele me largou. Tropecei ao virar-me para correr de volta à casa. E deparei com Paul! Espantada, invadida por um sentimento de culpa, cambaleei ao vê-lo dar uma brusca meia-volta e caminhar na direção oposta. Oh! Paul estivera observando e escutando tudo! Girei nos calcanhares e corri de volta até onde Chris apoiava a cabeça no tronco do mais velho carvalho do parque.

— Veja o que fez! — exclamei. — Esqueça-me, Chris! Não sou a única mulher neste mundo!

Ele parecia um cego ao virar a cabeça e replicar:

— Para mim, você é a única mulher no mundo.

Outubro chegou e, com ele, a época de Chris partir. Vê-lo arrumar as malas, saber que se ia, despedir-me como se não me importasse quanto tempo ele levaria para voltar, tudo aquilo me deixou doente. Mas obriguei-me a sorrir. Chorei no roseiral. Agora seria mais fácil. Eu não mais teria que manter Paul à distância a fim de não magoar Chris. Já não precisava pesar cuidadosamente cada um de meus sorrisos e equilibrá-lo com o que exibira ao outro. Agora meu caminho estava limpo, aberto e reto até Paul, mas algo se interpôs em meu campo visual: minha mãe, desembarcando do avião, acompanhada pelo marido. Estava de volta a Greenglenna! Recortei a fotografia e a notícia do jornal, colocando-as em meu álbum. Talvez, se Mamãe permanecesse longe, eu tivesse casado com Paul imediatamente. Na realidade, porém, fiz algo completamente fora de meus planos.

Madame Marisha “ia levando” e precisava de uma assistente. Assim, tratei de convencê-la de que eu era a pessoa indicada para cuidar da escola de balé; até quando... bem, nunca se podia dizer com certeza.

— Não pretendo morrer — replicou ela com rispidez. Então, meneou a cabeça com evidente relutância, os olhos negros cheios de desconfiança. — Sim, suponho que você me considera velha, embora eu nunca pense nisso. Todavia, não procure assumir o controle e mandar em mim. Ainda sou a patroa e assim continuarei a ser até ir para a cova!

Em meados de novembro, compreendi que era impossível trabalhar para Madame Marisha, que tinha idéias fixas a respeito de tudo, enquanto eu possuía algumas idéias próprias. Contudo, precisava de dinheiro, de uma casa só para mim. Ainda não estava pronta

para casar-me com Paul e isto certamente aconteceria se eu continuasse lá. Eu já passara muitos anos imaginando esquemas e fazendo planos. Era tempo de entrar em ação. O primeiro peão a mover seria o Dr. Advogado. Não daria certo se eu permanecesse na casa de Paul e, embora este protestasse e alegasse que se tratava de uma despesa desnecessária, expliquei-lhe que eu precisava de uma oportunidade para ser independente e ter uma casa própria onde pudesse descobrir o que realmente desejava. Paul olhou-me intrigado e, depois, assumiu uma expressão mais perspicaz.

— Muito bem, Catherine; faça como quiser. Acabará fazendo, de qualquer maneira.

— É apenas porque Chris insistiu para que eu não me casasse novamente antes de Carrie ter uma oportunidade. E Chris tem objeções a que eu more aqui com você... quando ele está noutra cidade...

Interrompi-me, embaraçada. Oh, que mentira!

— Compreendo — replicou Paul com um sorriso irônico. — Desde o dia em que Julian morreu, ficou bem claro que estou competindo com seu irmão pela sua afeição. Tentei conversar com Chris a respeito, mas ele se recusa a escutar. Tento conversar com você a respeito, mas também se recusa a escutar. Portanto, vá morar em sua própria casa, seja independente, encontre-se a si mesma. E quando se sentir bastante adulta para agir como um adulto, volte para mim.

Jogada de abertura

Tão logo me instalei num pequeno chalé alugado a meia distância entre Clairmont e Greenglenna, sentei-me para minutar uma carta de chantagem à Mamãe. Eu estava muito endividada, tinha um filho e, além disso, também precisava cuidar de Carrie. As enormes contas feitas por Julian nas lojas de Nova York ainda estavam por pagar; havia também suas contas de hospital e as despesas do funeral, sem falar nas minhas contas de hospital referentes ao parto de Jory. Os cartões de crédito não resolviam o problema. Nem por um segundo passou-me pela cabeça aceitar mais dinheiro de Paul. Este já fizera mais que o suficiente. Eu precisava provar que era melhor que Mamãe, mais capaz, mais inteligente e esperta... Contudo, o que fiz senão escrever-lhe uma carta, exatamente como ela fizera à sua mãe quando Papai morreu? Por que não lhe pedir um mísero milhão de dólares? Por que não? Ela nos devia! O dinheiro também era nosso! Com ele, eu poderia saldar todas as minhas dívidas, liquidar nosso débito para com Paul e fazer algo para tornar Carrie mais feliz. E se, de certo modo, eu me sentia envergonhada de fazer o mesmo que ela fizera, raciocinei que a culpa era dela! Mamãe merecia! Jory não passaria necessidades quando ela possuía tanta coisa!

Afinal, após muitas tentativas fracassadas, redigi o que me pareceu uma carta perfeita de extorsão:

Cara Sra. Winslow:

Era uma vez, em Gladstone, na Pensilvânia, um homem e uma mulher que tinham quatro filhos a quem todos chamavam de “Bonecas de Dresden”. Agora, uma das bonecas jaz num túmulo solitário e outra delas não atingiu o tamanho normal que teria caso lhe tivessem proporcionado sol, ar livre e o amor que a mãe lhe devia demonstrar quando ela mais necessitava.

Agora, a boneca bailarina tem um filho pequeno e está sem dinheiro. Sei, Sra. Winslow, que não tem muita compaixão por filhos que poderiam causar uma sombra em seus dias ensolarados, de modo que irei diretamente ao assunto. A boneca bailarina exige o pagamento de um milhão de dólares, se a senhora pretende continuar a possuir algo dos seus milhões... ou bilhões. Poderá enviar a mencionada quantia à caixa postal discriminada em

anexo. E esteja certa, Sra. Winslow, de que se o dinheiro não for devidamente remetido, os ouvidos do Sr. Bartholomew Winslow, Bacharel em Direito, escutarão fatos horríveis que a senhora, tenho certeza, prefere que ele jamais venha a conhecer.

Cordialmente, a boneca bailarina,

Catherine Dollanganger Marquet”.

Todos os dias, eu aguardava que o cheque chegasse pelo correio. Todos os dias, ficava desapontada. Escrevi outra carta, depois outra, e ainda outra. A cada sete dias, com a raiva aumentando no peito, eu enviava uma nova carta. O que significava um mísero milhão para quem possuía tantos? Eu não estava pedindo muito. De toda forma, parte daquele dinheiro nos pertencia.

Então, depois de passarem meses infrutíferos, deixando para trás o Natal e o Ano Novo, decidi que já aguardara o suficiente. Minha mãe pretendia ignorar-me. Portanto, procurei um número na lista telefônica de Greenglenna e, num piscar de olhos, marquei hora para uma entrevista com Bartholomew Winslow, advogado.

Estávamos em fevereiro e Jory tinha três anos. Passaria a tarde com Henny e Carrie enquanto eu, em minhas melhores roupas e com o cabelo penteado de modo deveras atraente, entrava no luxuoso escritório para falar com o segundo marido de minha mãe. Afinal, vi-o de perto e, desta feita, ele tinha os olhos bem abertos. Levantou-se devagar, exibindo uma expressão bestificada, como se já me tivesse visto antes e não conseguisse recordar onde. Meus pensamentos recuaram até a noite em que eu penetrara às escondidas nos luxuosos aposentos de Mamãe em Foxworth Hall e deparara com Bart Winslow adormecido na poltrona. Na época, ele usava um grande bigode escuro e eu me atrevera a beijá-lo enquanto ele dormia. Acreditando que estava profundamente adormecido... quando isto não era verdade! Bart me vira e julgara-me parte de um sonho. Por causa de um beijo roubado, do qual Chris tomara conhecimento posteriormente, as repercussões tinham-nos empurrado, meu irmão e eu, por um caminho que decidíamos jamais tomar. Agora, pagávamos o preço disso e por culpa dela Chris e eu estávamos separados, tentando renegar o que ela começara. Eu não podia aceitar Paul como marido até obrigá-la a pagar e não apenas em dinheiro.

Então, o másculo e belo marido de minha mãe sorriu para mim e, pela primeira vez, senti a força de seu carisma. Um brilho de reconhecimento surgiu-lhe nos olhos castanhos escuros.

— Quero morrer cego se não for a Srta. Catherine Dahl, a linda bailarina que sempre me tira o fôlego, antes mesmo de começar a dançar! Sinto-me encantado porque precisa de um advogado e me escolheu, embora seja incapaz de imaginar o motivo de sua presença.

— Viu-me dançar? — indaguei, aturdida ao ouvir aquilo.

Se ele me vira dançar, Mamãe também vira! Oh, e eu nunca soube! Nunca soube! Fiquei eufórica, fui murchando, entristecendo-me, até sentir-me confusa. Em algum lugar bem no fundo de mim, a despeito de toda a camada externa de ódio, eu ainda sentia um pouco do amor que sentira por ela quando era jovem e confiante.

— Minha esposa é fanática por balé — acrescentou ele. — Na verdade, eu não gostava muito quando ela começou a me levar quase à força a cada uma de suas apresentações. Mas logo aprendi a apreciar, em especial quando você e seu marido dançavam os papéis principais. Com efeito, minha esposa parecia não dar a mínima importância ao balé senão quando você e seu marido se apresentavam. Cheguei a temer que ela estivesse apaixonada por seu marido, que se parece um pouco comigo.

Tomou-me a mão e levou-a aos lábios, lançando-me um olhar e sorrindo com o encanto natural de um homem que sabe o que é: um conquistador acostumado a fazer marcas na coroa do revólver.

— É ainda mais bela fora do palco. Contudo, o que faz nesta região?

— Moro aqui.

Ele puxou uma cadeira para mim, colocando-a tão perto que pôde ver minhas pernas quando as cruzei. Sentou-se na beirada da mesa de trabalho e ofereceu-me um cigarro, que recusei. Ele acendeu um para si e indagou:

— Está de férias? Ou visitando sua sogra?

Percebi que nada sabia a respeito da morte de Julian.

— Sr. Winslow, meu marido morreu em consequência de ferimentos sofridos num acidente de automóvel há mais de três anos. O senhor não sabia?

Ele pareceu chocado e um pouco embaraçado.

— Não, eu não sabia. Sinto muito. Por favor, aceite minhas tardias condolências.

Suspirou e apagou o cigarro quase inteiro.

— Vocês dois eram sensacionais no palco. É uma pena. Vi minha esposa chorar de emoção ao vê-los dançar juntos. Ficava realmente impressionada.

Sim! Sou capaz de apostar que ficava impressionada. Esquivei-me de outras perguntas e fui direto ao objetivo de minha visita, entregando-lhe a apólice de seguros de Julian.

— Julian fez o seguro logo que nos casamos e agora a companhia se recusa a pagar porque julga que ele cortou o tubo do soro através do qual recebia alimentação intravenosa. Todavia, como o senhor pode ver, a cláusula de suicídio perde o efeito após dois anos.

Ele se sentou para ler meticulosamente a apólice e depois encarou-me outra vez.

— Verei o que é possível fazer. Tem necessidade imediata do dinheiro?

— Quem não tem necessidade de dinheiro, Sr. Winslow, a menos que seja milionário? — repliquei sorrindo, tombando a cabeça de lado à moda de minha mãe. — Tenho centenas de contas a pagar e um filho pequeno para sustentar.

Ele indagou a idade de meu filho e eu respondi. Bart Winslow parecia intrigado e confuso por vários motivos enquanto eu o observava com olhos sonolentos e semicerrados, a cabeça jogada ligeiramente para trás e para um lado, uma atitude que minha mãe adotava ao olhar para um homem. Agora, Bart era muito mais bonito. O rosto maduro era comprido e magro, os ossos muito salientes, mas de uma notável beleza viril, masculina. Algo nele sugeria uma sensualidade exagerada. E não era de espantar que minha mãe não me tivesse enviado um cheque. Provavelmente, todas as minhas cartas de chantagem ainda a seguiam de um lugar para outro, sem alcançá-la.

Bart Winslow fez mais uma dúzia de perguntas e declarou que veria o que era possível fazer por mim.

— Sou um bom advogado quando minha esposa me permite ficar na cidade e trabalhar.

— Sua esposa é muito rica, não é?

A indagação pareceu aborrecê-lo.

— Suponho que se pode dizer que sim — respondeu com ar abespinhado, deixando bem claro que não gostava de falar no assunto.

Levantei-me para sair.

— Aposto que sua esposa o leva como um poodle de estimação com uma coleira incrustada de pedras preciosas, Sr. Winslow. As mulheres ricas são assim: nada sabem a respeito de ter que trabalhar para ganhar a vida. E duvido que o senhor saiba.

— Ora, por Deus! — exclamou ele, erguendo-se da mesa num salto e postando-se com os pés afastados um do outro. — Por que veio aqui se acha isso? Procure outro advogado, Srta. Dahl. Não quero uma cliente que me insulta e não tem o menor respeito pela minha capacidade profissional.

— Não, Sr. Winslow: quero o senhor. Desejo que o senhor prove conhecer a profissão tanto quanto alega. Talvez, sob certo aspecto, consiga também provar algo a si mesmo: o fato de que, afinal, não é apenas um brinquedo dispendioso comprado por uma mulher rica.

— Srta. Dahl, possuí o rosto de um anjo e a língua de uma prostituta! Farei com que a companhia pague o seguro de vida de seu marido. Intimá-los-ei a comparecer ao tribunal e ameaçarei processá-los. Aposto dez contra um como pagarão num prazo de dez dias.

— Ótimo! — repliquei. — Faça o favor de avisar-me, pois pretendo mudar-me tão logo receba o dinheiro.

— Para onde? — indagou ele, dando um passo à frente para pegar-me o braço.

Ri, encarando-o e usando os artifícios que uma mulher possui para provocar o interesse dos homens.

— Dar-lhe-ei o endereço quando escolher o lugar, para a eventualidade de que deseje entrar em contato comigo.

Dez dias mais tarde, fiel à sua palavra, Bartholomew Winslow compareceu à escola de balé para entregar-me um cheque de cem mil dólares.

— E seus honorários? — perguntei, dispensando com um aceno de mão os rapazes e moças que corriam para rodear-me.

Eu usava uma malha justa de ensaiar e Bart Winslow não conseguia tirar os olhos de mim.

— Jantar às oito, na próxima terça-feira. Use um vestido azul para combinar com seus olhos e, então, discutiremos meus honorários — respondeu, dando meia volta para sair sem esperar minha resposta.

Depois que ele se foi, virei-me e fitei os alunos que faziam exercícios de aquecimento e, de algum modo, senti-me observando a cena do alto, menosprezando-me e apiedando-me daqueles inocentes que tanto me admiravam. Senti-me triste por mim e por eles.

— Quem é aquele homem que lhe trouxe um cheque? — quis saber Madame Marisha quando a aula terminou.

— Um advogado que contratei para obrigar a companhia a pagar o seguro de vida de Julian. E ela pagou.

— Ah!... — disse ela, deixando-se cair na velha poltrona giratória. — Agora, que tem dinheiro e pode pagar as dívidas... creio que deixará de trabalhar para mim e irá para algum outro lugar, não é mesmo?

— Ainda não tenho certeza do que farei, mas sou forçada a admitir que a senhora e eu não nos damos muito bem no trabalho, não é, Madame?

— Você tem muitas idéias que não me agradam. Julga que sabe mais que eu! Acha que agora, que trabalhou aqui alguns meses, pode ir embora e fundar sua própria escola! — sorriu maldosamente quando me sobressaltei de surpresa e confirmei a verdade da qual ela apenas desconfiava. — Então... julga que também sou estúpida! Pode procurar a vida inteira, mas não encontrará alguém mais esperta que eu. Leio seus pensamentos, Catherine. Não gosta de mim, jamais gostou, nem gostará... não obstante, veio trabalhar para mim a fim de aprender sobre o negócio. Não estou certa mais uma vez? Pois não me importa. Escolas de balé surgem e desaparecem, mas a Escola de Balé Rosencoff continuará a existir para sempre! Antes, eu pensava que a deixaria para Julian ao morrer, mas quem morreu foi ele; depois, resolvi que a deixaria para você, mas não o farei se levar seu filho embora e não permitir que eu o ensine a dançar!

— Madame, a escolha é sua, mas levarei Jory comigo.

— Por quê? Julga-se capaz de ensiná-lo tão bem quanto eu?

— Não sei ao certo, mas acho que posso. Meu filho talvez prefira não ser bailarino — prossegui, ignorando-lhe o olhar duro e penetrante. — Se algum dia ele se decidir a dançar, creio que serei uma professora capacitada, tanto quanto qualquer outra.

— Se ele se decidir a dançar! — trovejou ela, como um canhão. — Que outra escolha pode ter o filho de Julian senão dançar? Está em seu sangue, em seu cérebro e, acima de tudo, em seu coração! Se ele não dançar, morrerá!

Levantei-me para sair. Minha intenção era ser bondosa com ela, permitindo que tomasse parte na vida de Jory... mas a maldade em seus olhos duros me fez mudar de idéia. Madame Marisha tomaria meu filho e faria dele o que fizera de Julian: alguém que jamais poderia ser feliz e realizar-se, pois a vida que lhe ofereciam só permitia uma única escolha.

— Eu não poderia dizer isto hoje, Madame, mas a senhora me obriga. Fez com que Julian acreditasse que, caso não pudesse dançar, a vida nada significava e não oferecia alternativa. Ele ficaria curado da fratura no pescoço e dos ferimentos internos, mas a senhora declarou que ele jamais voltaria a dançar e Julian escutou, pois não estava dormindo. Portanto, preferiu a morte! O próprio fato de conseguir movimentar o braço o suficiente para roubar a tesoura da bolsa da enfermeira é prova de que ele estava em recuperação; contudo, só conseguia ver diante de si um deserto desolado, onde o balé não existia! Bem, Madame... a senhora não fará isso ao meu filho! Jory terá oportunidade de escolher sozinho o tipo de vida que desejar e peço a Deus que não seja o balé!

— Idiota! — exclamou ela, cuspiendo as sílabas. Levantou-se bruscamente para andar de um lado a outro diante da velha escrivaninha. — Não existe nada melhor que a adulação dos fãs, o barulho ensurdecedor dos aplausos, a sensação das rosas nos braços! E você logo descobrirá isto por si mesma! Pretende levar o neto de meu marido para longe e escondê-lo do palco? Jory será bailarino e antes de morrer hei de vê-lo no palco, fazendo o que tem que fazer... ou, então, ele também morrerá!

Tomou fôlego e prosseguiu desdenhosamente, franzindo os lábios numa expressão de zombaria:

— Quer bancar a “mamãezinha”, ou talvez a “esposa ideal” para aquele médico bonito, hem? E dar-lhe outro filho, hem? Bem, se isso é tudo que deseja da vida... vá para o inferno, Catherine!

Interrompeu-se e começou a chorar. Os soluços pareciam vir-lhe do âmago da alma. Quando tornou a falar, tinha a voz áspera e rouca, em vez de alta e aguda como antes:

— Sim... vá em frente... case-se com aquele médico pelo qual sempre teve uma queda, desde quando me foi trazida como uma menina sonhadora e de fisionomia infantil, e arruíne a vida dele, também!

— Arruinar a vida dele, também? — repeti, aturdida.

Ela deu meia-volta.

— Existe algo que a rói por dentro, Catherine! Algo que lhe devora as entranhas. Algo tão amargo que lhe ferve no olhar e a obriga a trincar os dentes! Conheço bem o seu tipo. Arruína todos os que entram em sua vida e Deus tenha piedade do próximo homem que a amar tanto quanto meu filho a amou!

Inesperadamente, um manto invisível e enigmático desceu sobre mim, envolvendo-me na pose fria e distante de minha mãe. Nunca antes eu me sentira tão intocável.

— Muito obrigada por esclarecer-me, Madame. Adeus e felicidades. Nunca mais me verá ou a Jory.

Virei-me e saí. Para sempre.

Na noite de terça-feira, Bart Winslow bateu à porta de meu chalé. Estava trajado com apuro e eu usava um vestido azul. Ele sorriu, satisfeito por eu ter atendido a sua sugestão. Levou-me a um restaurante chinês, onde comemos com pauzinhos e toda a decoração era em preto e vermelho.

— Você é a mulher mais linda que já vi, com exceção de minha esposa — disse ele, enquanto eu lia meu bilhete da sorte: “*Precavenha-se contra atitudes impulsivas*”.

— A maioria dos homens não mencionam as esposas quando saem com outra mulher...

Ele interrompeu:

— Não sou um homem comum. Estou apenas fazendo-a saber que não é a mulher mais linda que conheci.

Sorri docemente, observando-lhe atentamente os olhos. Percebi que o irritava, encantava e, sobretudo, intrigava. Quando dançamos, descobri também que o excitava.

— De que vale a beleza sem inteligência? — indaguei, dançando nas pontas dos pés para roçar os lábios em sua orelha. — De que vale a beleza quando se está envelhecendo, engordando e já não se constitui um desafio?

— Você é a mulher mais estranha que já encontrei! — exclamou ele, com os olhos escuros faiscando. — Como ousa insinuar que minha esposa é burra, velha e gorda? Pois fique sabendo que parece muito jovem para a idade que tem!

— Você também — repliquei com um risinho de mofa. Ele ficou rubro. — Não se preocupe, porém, Sr. Advogado... não pretendo competir com ela; não quero um poodle de estimação.

— Não o terá, minha senhora — retrucou ele friamente. — Pelo menos, não em mim. Mudar-me-ei daqui em breve, para abrir um escritório na Virgínia. A mãe de minha mulher não está bem de saúde e necessita de companhia e assistência. Tão logo acertar as contas comigo, a senhora poderá despedir-se de um homem que, obviamente, traz à tona o que a senhora tem de pior.

— Ainda não mencionou seus honorários.

— Ainda não decidi a respeito.

Agora eu já sabia para onde me mudaria: de volta à Virgínia, a fim de morar em algum lugar próximo a Foxworth Hall. Então, eu poderia iniciar minha verdadeira vingança.

— Cathy! — lamentou-se Carrie, chorosa, muito perturbada porque deixaríamos Paul e Henny. — Não quero ir embora! Amo o Dr. Paul e Henny! Vá para onde quiser, mas deixe-me aqui! Não percebe que o Dr. Paul não deseja que nos mudemos daqui? Não se importa de magoá-lo? Você o magoa sempre! Eu não pretendo fazer o mesmo!

— Gosto muito do Dr. Paul, Carrie, e não quero magoá-lo. Entretanto, existem certas coisas que devo fazer, e imediatamente. Além disso, Carrie, seu lugar é comigo e Jory. Paul precisa de uma oportunidade para arranjar uma esposa sem tantos dependentes. Não entende que o estamos atrapalhando?

Ela recuou, fitando-me raivosamente.

— Cathy, ele quer você como esposa!

— Há muito, muito tempo não me diz isso.

— Porque você está tão decidida a mudar-se e fazer outras coisas. Ele me disse que deseja que você faça o que quiser. Ele a ama muito. Se eu fosse ele, obrigaria você a ficar, pouco me importando se quisesse ou não!

Então, começou a soluçar, correu para longe de mim e fechou a porta de seu quarto com violência.

Procurei Paul e lhe disse para onde ia e por que razão. Sua expressão alegre se tornou triste e o olhar brilhante ficou vago.

— Sim, durante todo o tempo tive o pressentimento de que você julgaria necessário voltar para lá e defrontar-se pessoalmente com sua mãe. Vi-a elaborar planos e esperei que me convidasse a acompanhá-la.

— É uma coisa que preciso resolver sozinha — repliquei, tomando-lhe ambas as mãos nas minhas. — Compreenda, por favor, que eu ainda o amo e sempre o amarei.

— Compreendo — afirmou ele. — Desejo-lhe boa sorte, Catherine, e muita felicidade. Que todos os seus dias sejam lindos e alegres; que você consiga tudo que almeja, quer eu esteja ou não incluído em seus planos para o futuro. Quando e se precisar de mim, estarei pronto, esperando para fazer o que me for possível. A cada minuto, eu a amarei e sentirei sua falta... Lembre-se apenas disso: quando me quiser, estarei à disposição.

Eu não o merecia. Era bom demais para gente da minha laia.

Não quis que Carrie ou Chris soubessem para que região da Virgínia eu pretendia ir. Chris escrevia-me uma ou duas vezes por semana e eu respondia todas as suas cartas, mas não mencionei o assunto... Ele tomaria conhecimento quando visse o novo endereço.

Foi no mês de maio, no dia seguinte ao aniversário de Carrie, festejado sem a presença de Chris. Partimos em meu carro, Carrie, Jory e eu, após passarmos pela casa de Paul a fim de nos despedirmos. Paul fez um último aceno e quando olhei pelo retrovisor vi-o tirar o lenço do bolso e enxugar os cantos dos olhos. Henny nos observava. Tive a impressão de ler em seus expressivos olhos castanhos: *“Idiota! Vai embora, abandonando um homem bom!”*

Nada constituiu prova mais cabal de minha idiotice que o dia ensolarado em que parti de volta às montanhas da Virgínia com minha irmã menor e meu filho a meu lado, no banco dianteiro do carro. Contudo, eu precisava agir assim, compelida por minha própria natureza a procurar vingança no local onde estivéramos encarcerados.

O canto de sereia das montanhas

No último instante, decidi que não podia arriscar-me a ver Bart Winslow por um só momento, de modo que deixei numa caixa do correio um envelope contendo um cheque de duzentos dólares, considerando a quantia suficiente, mesmo que não fosse.

Com Carrie sentada a meu lado e Jory em seu colo, segui diretamente para as Montanhas Blue Ridge. Agora que estávamos a caminho, Carrie ficou muito excitada, os grandes olhos azuis muito abertos, comentando tudo que víamos.

— Oh, adoro viajar! — declarou alegremente.

Quando Jory adormeceu, ela arrumou cuidadosamente uma cama para ele no banco traseiro e sentou-se ao lado, a fim de evitar que o menino rolasse e caísse do banco.

— Ele é tão lindo, Cathy. Terei ao menos seis filhos, talvez mais. Quero que alguns se pareçam com Jory, outros com você e Chris, e um ou dois com o Dr. Paul.

— Eu a amo, Carrie, e tenho pena de você: deseja ter uma dúzia de filhos, não apenas seis.

— Não se preocupe — replicou ela, ajeitando-se para tirar também um cochilo. — Ninguém vai querer casar comigo, de modo que não terei filhos para amar, com exceção dos seus.

— Não é verdade. Tenho o palpite que, após nos instalarmos em nossa nova residência, a Srta. Carrie Dollanganger Sheffield vai arranjar um namorado. Sou até capaz de apostar cinco dólares... topa?

Carrie sorriu e não aceitou a aposta.

À medida que avançávamos para noroeste, a noite começou a cair e Carrie ficou muito calada. Olhava pela janela e depois me fitava, os grandes olhos azuis cheios de temor.

— Cathy, estamos voltando para lá?

— Não; não exatamente.

Foi tudo o que eu disse antes de encontrarmos um hotel onde passarmos a noite.

Logo de manhã cedo, uma corretora com quem eu entrara em contato previamente, veio buscar-nos em seu carro para examinarmos as “propriedades à venda”. Era grandalhona e masculinizada, só falando em negócios.

— Vocês precisam de algo compacto, funcional e não muito dispendioso. Nesta zona, todas as casas custam muito caro. Contudo, existem alguns chalés menores, que os ricos costumavam usar como casas de hóspedes ou de empregados. Uma delas é deveras bonita, com um lindo jardim.

A primeira casa que nos mostrou foi um chalé de cinco cômodos e fiquei imediatamente encantada. Creio que Carrie também ficou, mas eu a prevenira para não se mostrar entusiasmada. Escolhi pequenos detalhes para despistar a corretora.

— A chaminé dá a impressão de não funcionar.

— É ótima, escoando bem a fumaça.

— A caldeira... é a óleo ou gás?

— Gás natural, instalada há cinco anos. O banheiro e a cozinha também foram reformados. Aqui morava um casal que trabalhava para os Foxworth, cuja mansão fica na montanha, mas resolveram vender a casa e morar na Flórida. Contudo, é fácil ver que adoravam a casa.

Claro que sim! Só uma casa muito amada pelos donos teria todos os pequenos e bem cuidados detalhes que a tornavam excepcional. Comprei-a e assinei todos os documentos sem o auxílio de advogado, embora tivesse lido sobre o assunto e mandado verificar a legalidade da escritura.

— Mandaremos instalar um forno embutido na parede, com porta de vidro — disse eu a Carrie, que adorava cozinhar, graças a Deus, pois não me sobrava tempo para isso! — E pintaremos nós mesmas todo o interior da casa, economizando a despesa de mão-de-obra.

Àquela altura, eu já começava a perceber que os cem mil dólares não durariam muito depois do pagamento de todos os meus débitos e do sinal de compra da casa. Entretanto, não me atirara àquela aventura de olhos vendados. Enquanto Carrie permaneceu com Jory num motel, fui procurar a professora de balé que colocara a escola à venda e ia aposentar-se. Era loura, muito miúda, e tinha cerca de noventa anos. Deu a impressão de ficar satisfeita ao verme. Trocamos um aperto de mãos e fechamos o negócio pela quantia que ela desejava.

— Vi-a dançar Com seu marido. Na verdade, Srta. Dahl, embora me sinta muito contente porque deseja comprar minha escola de balé, tenho pena de que abandone o palco ainda tão jovem. Eu jamais conseguiria parar de dançar aos vinte e sete anos! Nunca!

Ela não era eu; não tivera meu passado ou meu tipo de infância. Quando verificou que eu estava mesmo decidida a fechar o negócio, forneceu-me uma lista dos alunos.

— A maior parte dessas crianças pertence às famílias ricas que residem nas redondezas e não acredito que nenhuma delas tencione seriamente tornar-se profissional de balé. Frequentam as aulas por vontade dos pais, que gostam de vê-las bonitinhas em traje de dança durante os recitais. Jamais consegui formar aqui uma bailarina verdadeiramente talentosa.

Todos os três dormitórios de nosso chalé eram muito pequenos, mas a sala era em forma de "L", de proporções razoáveis, com uma lareira ladeada por estantes. A perna mais curta do "L" podia ser utilizada como sala de jantar. Carrie e eu empunhamos as brochas e dentro de uma semana pintamos todos os cômodos de um verde bem suave. Com o madeirame pintado de branco, o resultado foi delicioso. O espaço aumentou e tudo parecia maior. Carrie, naturalmente, precisaria ter acessórios roxos e vermelhos no "seu" quarto.

Em três semanas tínhamos entrado numa nova rotina. Eu dava aulas na escola de balé, situada acima da farmácia local, enquanto Carrie cuidava da casa e da cozinha, ao mesmo tempo em que tomava conta de Jory. Sempre que possível, eu levava Jory comigo para a escola de balé, não só para aliviar a responsabilidade de Carrie, como também para tê-lo perto de mim. Lembrava-me das palavras de Madame Marisha a respeito de deixá-lo observar, ouvir e ter a sensação da dança.

Em certa manhã de sábado, no início de junho, eu olhava pelas janelas para as montanhas encobertas de névoa azulada, que jamais mudavam de aparência. A mansão dos Foxworth continuava como sempre. Eu poderia atrasar o relógio até 1957 e, naquela noite, tomar Carrie e Jory pela mão, seguindo as trilhas sinuosas que vinham da parada de trem. Seria exatamente como na noite em que Mamãe levava quatro filhos para a prisão da

esperança e, depois, do desespero, deixando-os lá para serem torturados, espancados e mortos de fome. Relembrei repetidamente tudo o que acontecera: a chave de madeira que fizemos para fugir da prisão, o dinheiro que roubáramos do luxuoso quarto de nossa mãe, a noite em que encontramos o volumoso livro sobre prazeres sexuais na mesinha de cabeceira. Talvez, se nunca tivéssemos visto aquele livro... talvez, então as coisas transcorressem de modo diferente.

— Em que está pensando? — quis saber Carrie. — Acha que devemos voltar para visitar o Dr. Paul e Henny?... Espero que pense nisso.

— Na verdade, Carrie, sabe que não podemos fazê-lo. É época de recital e meus alunos precisam ensaiar diariamente. Os pais pagam as aulas para assistirem aos recitais. Contudo, podemos pedir a Paul e Henny que venham visitar-nos.

Carrie emburrou-se, mas de repente animou-se por algum motivo.

— Sabe, Cathy, no dia em que aquele homem veio instalar o fogão, um jovem bonito, viu-me com Jory e perguntou se era meu filho. Soltei uma risadinha e ele também sorriu. Chama-se Theodore Alexandre Rockingham, mas pediu-me que o tratasse por Alex.

Fez uma pausa, fitando-me temerosa e tremendo de esperança.

— Cathy, ele me convidou para um encontro.

— Você aceitou?

— Não.

— Por que não?

— Não o conheço o suficiente. Ele disse que está fazendo o curso preparatório para a universidade e trabalha parte do tempo como eletricitista para custear os estudos. Declarou que pretende ser engenheiro eletrônico, ou talvez pastor protestante... Ainda não se decidiu.

Com um leve sorriso a um só tempo orgulhoso e encabulado, acrescentou:

— Cathy, ele nem notou que sou tão pequena.

O modo como ela pronunciou a frase fez-me sorrir também.

— Carrie... você ficou ruborizada! Começa por declarar que mal conhece o rapaz, mas logo em seguida dá todas as informações importantes a seu respeito. Vamos convidá-lo para jantar. Então, poderei verificar se ele serve para minha irmã.

— Mas... mas... — gaguejou ela, muito vermelha. — Alex convidou-me para passar um fim-de-semana em sua casa, em Maryland. Já falou com os pais a meu respeito... mas, Cathy, ainda não estou pronta para enfrentar seus pais!

Seus olhos azuis demonstravam pânico. Só então me dei conta de que Carrie devia ter-se encontrado muitas vezes com o rapaz enquanto eu dava aulas de balé.

— Ouça, querida: convide Alex para jantar aqui conosco e deixe-o ir para casa sozinho. Creio que devo conhecê-lo melhor antes de deixá-la viajar sozinha com ele.

Ela me fitou demoradamente, com uma expressão estranha. Depois, baixou os olhos.

— Você estará aqui se ele vier jantar?

— Ora, claro que estarei.

Só então entendi. Oh! Deus! Tomei-a nos braços.

— Escute, querida: convidarei Paul para vir este fim-de-semana, de modo que quando Alex perceber que gosto de homens mais velhos nem olhará para mim. Além disso, vocês se viram antes. Ele não vai querer uma mulher mais velha, viúva, com um filho.

Cheia de felicidade, Carrie enlaçou-me o pescoço com os braços.

— Oh! Cathy, eu a amo! E Alex sabe consertar torradeiras e ferros de engomar. Alex conserta tudo!

Uma semana mais tarde, Alex e Paul sentaram-se à nossa mesa de jantar. Alex era um rapaz bem apessoado, de vinte e três anos, que elogiou minha comida. Apressei-me em declarar que Carrie preparara a maior parte da refeição.

— Não — protestou ela, modesta. — Cathy preparou quase tudo. Eu só recheei a galinha, preparei o molho, amassei as batatas, fiz os pães quentes e os suspiros. Cathy cuidou do resto.

De repente, senti-me como se apenas tivesse arrumado a mesa. Paul piscou um olho para mim, mostrando que compreendia.

Quando Alex levou Carrie ao cinema e Jory estava acomodado na cama com seus brinquedos prediletos, Paul e eu sentamo-nos diante da lareira, como se fôssemos casados há muitos anos.

— Então, já viu sua mãe? — indagou ele.

— Estão aqui, ela e o marido — respondi em voz baixa. — Moram em Foxworth Hall. O jornal local noticia-lhes todos os movimentos. Parece que a minha querida avó dos olhos de pedra sofreu um leve ataque cardíaco, de modo que Bartholomew Winslow e Sra. residirão com ela... até que morra.

Paul ficou calado durante longo tempo, em frente à lareira, observando os carvões vermelhos se transformarem em cinzas escuras.

— Gosto do modo como arrumou a casa — comentou ele, afinal. — É muito acolhedora.

Levantou-se e veio sentar-se junto de mim, no sofá. Abraçou-me ternamente e assim ficamos, encarando-nos nos olhos.

— Onde me encaixo eu? — murmurou. — Ou não me encaixo em lugar nenhum agora?

Apertei-o em meus braços. Jamais deixara de amá-lo, mesmo quando era casada com Julian. Parecia que não existia um homem que me pudesse dar tudo o que eu queria.

— Quero fazer amor com você, Catherine, antes que Carrie volte para casa.

Despimo-nos rapidamente. Nossa paixão mútua em nada diminuía durante todos os anos que se haviam passado desde que tivéramos pela primeira vez um contato tão íntimo. Não me parecia errado, pelo menos quando ele era capaz de sussurrar:

— Oh! Catherine, se há algo que desejo é possuí-la por toda a minha vida e, quando morrer, que seja após fazermos amor, tendo-a em meus braços, com você me abraçando e fitando como faz agora.

— Que belo e poético — repliquei. — Mas você completará cinquenta e dois anos em novembro e sei que viverá até os oitenta, ou noventa. E quando tiver essa idade, espero que a paixão ainda nos governe, como agora.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não quero chegar aos oitenta sem você a meu lado e ainda me amando. Prefiro morrer quando você deixar de me amar.

Fiquei sem saber o que responder, mas deixei que meus braços falassem por mim, estreitando-o ainda mais para que eu pudesse beijá-lo repetidamente. Então, o telefone começou a tocar. Estendi preguiçosamente o braço para atender... então sentei-me bruscamente na cama.

— Minha Lady Catherine! — era a voz de Chris. — Henny estava com uma amiga quando telefonei para Paul. A amiga deu-me o número de seu telefone. Cathy, que diabo está fazendo você na Virgínia? Sei que Paul está aí... e rezo para que ele consiga dissuadi-la de fazer o que diabo você tem em mente!

— Paul é muito mais compreensivo que você. E, Chris, você é a pessoa que melhor deveria saber o que estou fazendo aqui!

Meu irmão produziu um ruído de contrariedade.

— O pior de tudo é que compreendo. Mas tenho certeza de que se magoará, Cathy. Além disso, há o problema de Mamãe. Não quero que você a machuque mais do que ela já está machucada, como você sabe que está. Entretanto, acima de tudo, não quero que você se

magoe outra vez e sei que isto acontecerá. Está sempre fugindo de mim, Cathy, mas nunca poderá ir bastante longe ou com suficiente pressa para escapar-me, porque estarei sempre em seus calcanhares, amando-a. Sempre que algo de bom me acontece, sinto-a ao meu lado, segurando-me a mão, amando-me como eu a amo, mas recusando-se a reconhecer o fato por pensar que é pecado. Se for pecado, então o céu deve ser perto de você.

Tive uma terrível sensação de pânico. Despedi-me rapidamente e desliguei. Em seguida, virei-me para aninhar-me nos braços de Paul, esperando que ele não desconfiasse do motivo que me fazia tremer.

Na calada da noite, com Paul profundamente adormecido no terceiro quartinho do chalé, acordei repentinamente. Tive a impressão de escutar as montanhas chamarem: “*Filha do Diabo!*” O vento uivava lá fora, acrescentando sua voz às que me chamavam de pecaminosa, má, diabólica e tudo mais que a avó dizia de nós. Levantei-me e fui à janela olhar para os picos sombrios à distância. Os mesmos picos que eu costumava observar das janelas do sótão. Sim, exatamente como Cory, eu podia escutar o vento soprando e uivando como um lobo à minha procura, querendo arrastar-me também, da mesma forma como arrastara Cory e o transformara apenas em pó.

Corri ao quarto de Carrie e agachei-me ao lado de sua cama, desejando protegê-la, pois tinha a impressão, no estado de pesadelo em que me encontrava, que era mais provável que o vento a arrastasse antes de mim.

O romance agriçoce de Carrie

Carrie tinha vinte anos, eu vinte e sete, Chris completaria trinta em novembro. Parecia-me uma idade impossível para ele, mas quando olhava o meu Jory eu ficava abismada com a rapidez com que o tempo corre à medida que envelhecemos. O tempo que antes parecia arrastar-se ganhava impulso, acelerando-se, pois nossa Carrie estava apaixonada por Alex! O amor brilhava-lhe nos olhos azuis e dançava-lhe nos pés miúdos enquanto ela percorria a casa limpando os móveis, manipulando o aspirador, lavando a louça ou planejando o cardápio para o dia seguinte.

— Ele não é lindo, Cathy? — indagava ela.

E eu concordava, embora, na realidade, Alex fosse apenas um jovem comum, com cerca de um metro e sessenta e oito de estatura, boa aparência, cabelos castanhos claros que se despenteavam com facilidade e lhe davam um ar relativamente atraente de cãozinho arrepiado, pois era tão meticuloso e bem arrumado em todos os outros sentidos! Tinha olhos azuis esverdeados e a expressão de alguém por cuja mente jamais passara um pensamento feio ou maldoso.

Carrie eletrizava-se ao escutar o toque do telefone, pois freqüentemente o chamado era para ela. Chegava a borbulhar de excitação. Redigia para Alex, longos e apaixonados poemas de amor, obrigando-me a lê-los e depois guardando-os sem enviá-los a quem realmente deveria vê-los. Sentia-me feliz por ela e por mim também, pois a escola de balé ia de vento em popa e Chris viria para casa a qualquer momento!

— Você é capaz de acreditar, Carrie? O curso de especialização de Chris está quase terminando!

Ela riu e correu para mim, como costumava fazer quando criança. Estendi os braços e Carrie se atirou neles.

— Eu sei! — exclamou. — Em breve, voltaremos a ser uma família completa! Como éramos antes, Cathy. Se eu tiver um filhinho louro de olhos azuis, adivinhe que nome lhe darei.

Eu não precisava adivinhar, pois já sabia. O primogênito de Carrie, louro e de olhos azuis, teria o nome de Cory.

Era puro encantamento observar Carrie apaixonada. Parou de falar em seu raquitismo e até mesmo começou a sentir-se normal. Pela primeira vez na vida, passou a maquilar-se. Tinha o cabelo naturalmente ondulado, como o meu, mas cortou-o à altura dos ombros, onde as pontas se curvavam para cima num atraente abandono.

— Veja, Cathy! — exclamou ao voltar do salão de beleza com o novo corte de cabelo, mais elegante. — Agora, minha cabeça já não parece tão grande, hem? E notou como fiquei mais alta?

Ri. Carrie usava sapatos com salto sete e meio e solas tipo tamanco, com cinco centímetros de altura! Mas tinha razão: o cabelo mais curto dava a impressão de diminuir-lhe o tamanho da cabeça.

Sua juventude, beleza e alegria comoveram-me tanto que o coração me doeu de apreensão. Rezei para que não acontecesse alguma coisa que estragasse tudo para minha irmã.

— Oh! Cathy, se Alex não me amar eu prefiro morrer! — declarou Carrie. — Quero ser para ele a melhor esposa possível. Mantereí a casa tão limpa que nem haverá poeira no ar. Todas as noites ele jantará comida de *gourmet* preparada por mim, nada dessas porcarias que já vêm prontas do supermercado. Farei minhas roupas, as dele e as das crianças. Economizarei muito dinheiro de todas as maneiras possíveis. Ele não fala muito; limita-se a ficar sentado, olhando-me daquele modo suave e especial. Portanto, contentar-me-ei com isso, sem precisar de palavras, pois ele raramente as pronuncia.

Ri, abraçando-a. Oh, como queria que Carrie fosse feliz!

— Os homens não falam tanto de amor quanto as mulheres, Carrie. Alguns gostam de provocar-nos e isso constitui uma boa indicação de que estão interessados e de que o interesse pode transformar-se em algo mais profundo. E o jeito de descobrirmos o quanto gostam de nós é fitá-los nos olhos: o olhar nunca aprende a mentir.

Era fácil perceber que Alex se encantava com Carrie. Ainda trabalhava parte do tempo como eletricitista para uma loja local de aparelhos elétricos enquanto fazia cursos de férias na universidade, mas passava cada minuto de tempo livre em companhia de Carrie. Eu desconfiara que ele já propusera ou estava prestes a propor casamento a ela.

Uma semana mais tarde, acordei de repente para deparar com Carrie em frente à janela, olhando para as montanhas escuras. Carrie, que nunca tinha insônia freqüente, como eu. Carrie, que conseguia continuar dormindo durante trovoadas, com o telefone tocando a meio metro de seus ouvidos, ou com um incêndio no outro lado da rua. Portanto, como é natural, alarmei-me ao vê-la ali. Levantei-me e me aproximei dela.

— Está passando bem, querida? Por que não dorme?

— Queria ficar perto de você — sussurrou ela, com o olhar ainda pregado nas montanhas distantes, escuras e misteriosas dentro da noite. Cercava-nos por todos os lados, encurralando-nos como outrora. — Alex pediu-me em casamento esta noite — acrescentou num tom inexpressivo.

Exclamei:

— Que maravilha! Sinto-me feliz por você, Carrie! E por ele também.

— Ele me contou uma coisa, Cathy: resolveu ser pastor.

Sua voz tinha um tom de sofrimento e tristeza que não consegui entender.

— Não quer ser esposa de um ministro de Deus? — indaguei.

No fundo, sentia-me temerosa, pois Carrie se mostrava tão distante e desanimada!

— Os pastores esperam que as pessoas sejam perfeitas — disse ela, num tom que me causou um medo mortal. — Em especial, suas esposas. Lembro-me de tudo que a avó costumava dizer a respeito de nós. Éramos filhos do Demônio, cheios de maldade e pecado. Eu não entendia direito o que ela queria dizer, mas lembro-me bem das palavras. E ela dizia sempre que éramos crianças ruins e pecaminosas, que nunca deveriam ter nascido. Deveríamos ter nascido, Cathy?

Engasguei-me, horivelmente amedrontada. Engoli em seco, a fim de livrar-me do nó que me apertava a garganta.

— Carrie, se Deus não quisesse que nascêssemos, nunca teria permitido que isso acontecesse.

— Mas, Cathy... Alex deseja uma mulher perfeita e eu não sou perfeita.

— Ninguém é, Carrie. Absolutamente ninguém é perfeito. Só os mortos.

— Alex é perfeito. Jamais fez alguma coisa ruim ou errada.

— Como pode ter certeza? Ele lhe contaria, se tivesse feito?

Seu lindo rosto jovem mostrava-se sombrio. Vacilante, explicou:

— Tenho a impressão de que Alex e eu nos conhecemos já há muito, muito tempo, mas até recentemente ele pouco me falou a respeito de si mesmo. E eu falei pelos cotovelos, mas nunca lhe contei a respeito de nosso passado, exceto que passamos à tutela do Dr. Paul quando nossos pais morreram num acidente de automóvel. E isto é mentira, Cathy. Não somos órfãos. Nossa mãe ainda está viva.

— Mentiras não são pecados mortais, Carrie. Todos contam uma mentirinha de vez em quando.

— Alex não mente. Sempre se sentiu atraído para Deus e a religião. Quando era mais jovem, queria converter-se ao catolicismo para poder ser padre. Ficou mais velho e descobriu que os padres são obrigados ao celibato, de modo que desistiu do catolicismo, pois deseja uma esposa e filhos. Disse-me que jamais teve uma experiência sexual porque passou toda a vida adulta à procura da garota certa com quem se casar: alguém perfeito, como eu.

Começou a chorar de dar pena.

— Cathy! Não sou perfeita! Sou pecadora! Como a avó sempre nos dizia, sou má e pecaminosa, também! Tenho maus pensamentos! Odiei aquelas meninas que me colocaram no telhado e disseram que eu era uma coruja! Desejei que todas elas morressem! E Sissy Towers, odiei-a mais que as outras! Cathy, sabe que Sissy Towers morreu afogada quando tinha doze anos? Nunca escrevi nem nunca lhe contei, mas senti que a culpa foi minha, por odiá-la tanto! Também odiei Julian, por roubar você de Paul e ele também morreu! Será que não compreende? Como posso contar tudo isto a Alex e, ainda por cima dizer-lhe que nossa mãe se casou com seu meio-tio? Alex me detestaria, Cathy. Não me quereria mais; tenho certeza, Cathy. Alex pensaria que eu lhe daria filhos deformados, como eu... E eu o amo tanto!

Ajoelhei-me ao lado da cadeira e abracei Carrie, como faria uma mãe. Não sabia o que dizer, ou como dizer. Ansiava pela presença e apoio de Chris. E também por Paul, que sempre sabia dizer as coisas certas no momento adequado. Lembrando-me disso, tomei por empréstimo as palavras que ele me dissera e repeti-as para Carrie, embora sentisse uma fúria terrível contra a avó que implantara todas aquelas noções malucas na mente de uma criança de cinco anos:

— Querida, não sei como dizer tudo da maneira correta, mas tentarei. Quero que você entenda que aquilo que é preto para uma pessoa pode ser branco para outra. E nada neste mundo é tão perfeito a ponto de ser branco ou tão ruim a ponto de ser preto. Tudo o que se refere aos seres humanos tem as mais variadas tonalidades de cinza, Carrie. Nenhum de nós é perfeito, sem nenhum defeito. Eu mesma já senti as mesmas dúvidas que você.

Seus olhos lacrimosos se arregalaram quando ela escutou isto, como se me considerasse, entre todas as pessoas neste mundo, perfeita.

— Foi o nosso Dr. Paul quem me esclareceu, Carrie. Há muito tempo, ele me explicou que se houve pecado quando nossos pais se casaram e conceberam filhos, esse pecado foi deles e não nosso. O Dr. Paul afirmou que Deus não pretende fazer com que nós paguemos pelo erro cometido por nossos pais. Além disto, eles não eram parentes próximos, Carrie. Sabe que no antigo Egito os faraós só permitiam que seus filhos e filhas se casassem com uma

irmã ou irmão? Portanto, como você pode ver, a sociedade estabelece as regras. Além disso, nunca se esqueça de que nossos pais tiveram quatro filhos e nenhum de nós é excepcional. Portanto, Deus não os puniu, nem a nós.

Carrie grudou em meu rosto os grandes olhos azuis, querendo desesperadamente acreditar em mim. E eu nunca, jamais deveria ter usado o termo “excepcional”.

— Cathy, talvez Deus tenha punido a mim. Não cresço. Isto é um castigo.

Soltei um riso trêmulo e puxei-a ainda mais para mim.

— Olhe ao seu redor, Carrie. Existem muitas pessoas menores que você. Sabe que não é anã. Mesmo que fosse, e não é, ainda teria que aceitar o fato da melhor maneira possível, como faz tanta gente que se considera demasiadamente alta, gorda, magra, ou lá o que seja. Você possui um rosto lindo, um cabelo sensacional, uma pele maravilhosa, num corpo adorável e bem conformado. Tem uma voz bonita e sonora, uma inteligência brilhante. Veja como é capaz de datilografar e taquigrafar depressa e corretamente, manter em dia a escrituração de Paul, cozinhar duas vezes melhor que eu. Ademais, é muito melhor dona de casa e dá gosto ver os vestidos que faz. São muito mais bonitos e melhores que os das lojas. Somando tudo isto, Carrie, como é capaz de não se julgar suficientemente boa para casar-se com Alex ou qualquer outro homem?

Ela continuou a chorar, sem se tranquilizar com minha argumentação.

— Mas, Cathy, você não o conhece como eu! Passamos por um cinema que exhibe filmes imorais e Alex disse que qualquer pessoa que fizesse aquilo era pecadora e pervertida! Entretanto, você e o Dr. Paul me disseram que sexo e fazer bebês é uma parte natural da vida, cheia de amor. E sou pecadora, Cathy. Uma vez, fiz algo muito ruim.

Arregalei os olhos, apanhada de surpresa. Com quem? Foi como se Carrie me lesse os pensamentos, pois sacudiu a cabeça enquanto as lágrimas continuavam a escorrer-lhe pelo rosto.

— Não... eu nunca tive... tive... relações sexuais, com ninguém. Mas fiz outras coisas que são pecados. Alex pensaria assim. E eu devia saber que era errado...

— O que fez de tão terrível, querida?

Ela engoliu em seco e baixou a cabeça, envergonhada.

— Foi Julian. Um dia, quando eu estava de visita e você se ausentou de casa, ele quis fazer... alguma coisa comigo. Disse que seria gostoso e não se tratava realmente de sexo, do tipo que produz bebês. Portanto, fiz o que ele queria; Julian me beijou e disse que, depois de você, eu era a pessoa de quem ele mais gostava. Eu não sabia que era errado fazer apenas o que fiz.

Lutei para livrar-me do doloroso nó na garganta, beijei os cabelos de Carrie, afastei-os de sua testa febril e enxuguei-lhe as lágrimas.

— Não chore nem fique envergonhada, querida. Há muitos tipos de amor e modos de expressá-los. Você ama o Dr. Paul, Jory e Chris de três modos diferentes e a mim de outro. E se Julian convenceu-a a fazer algo que agora você acha pecaminoso, o pecado foi dele e não seu. E meu também, pois deveria tê-la prevenido quanto ao que ele poderia desejar de você. Julian prometeu-me jamais tocar num fio de seus cabelos ou alimentar desejos sexuais em relação a você e acreditei nele. Mas se você fez alguma coisa, não mais precisa envergonhar-se. E Alex não precisa tomar conhecimento. Ninguém contará a ele.

Carrie levantou a cabeça muito devagar e a lua que surgiu de repente de trás das nuvens escuras lhe brilhou nos olhos cheios de remorso.

— Mas eu saberei.

Começou a soluçar histericamente.

— Isso não é o pior, Cathy! — berrou. — Gostei de fazer aquilo! Gostei que ele me pedisse para fazer... tentei evitar que meu rosto demonstrasse prazer, pois Deus poderia estar

observando!... Agora, não consegue perceber que Alex não entenderá? Ele me detestaria se soubesse! E mesmo que nunca venha a saber, eu ainda me detestarei por ter feito e gostado!

— Por favor, pare de chorar. Na verdade, o que fez não foi tão terrível. Esqueça-se da avó, que vivia falando em nosso sangue amaldiçoado. É uma hipócrita preconceituosa que não sabe distinguir o certo do errado e fez as coisas mais horríveis em nome de uma falsa santidade, mas nada em nome do amor. Você não é má, Carrie. Desejava apenas que Julian a amasse; se o que fizeram deu prazer a ambos, isso é muito normal. As pessoas são feitas para terem prazer sensual e gostarem de sexo. Julian errou, pois não deveria ter induzido você; mas o pecado foi dele, não seu.

— Lembro-me de muitas coisas que você não imagina que eu faça — sussurrou ela. — Lembro-me do modo esquisito pelo qual Cory e eu costumávamos conversar, a fim de que você e Chris não entendessem. Sabíamos que éramos filhos do Demônio. Escutávamos a avó falar. Sabíamos que estávamos trancados porque não merecíamos ser livres no mundo, entre gente melhor que nós.

— Pare! — gritei. — Não se lembre! Esqueça! Saímos de lá, não é mesmo? Éramos quatro crianças que não tinham responsabilidade pelos atos dos pais. Aquela velha detestável tentou destruir nossa confiança e orgulho; não permita que ela consiga! Olhe para Chris, não se orgulha dele? Não se orgulhava de mim, quando eu estava no palco dançando? E um dia, depois que você e Alex se casarem, ele mudará de idéia a respeito do que é ou não pervertido, pois isso aconteceu comigo. Alex amadurecerá e deixará de ser exageradamente santo, pois ainda não conhece o prazer que o amor pode proporcionar.

Carrie libertou-se de mim e foi à janela olhar para as distantes montanhas escuras e para a lua minguante que parecia singrar o céu como a vela de um barco *viking*.

— Alex não mudará — declarou com desânimo. — Pretende tornar-se pastor. As pessoas religiosas acham que tudo é errado, como a avó. Quando ele revelou que desistira da idéia de ser engenheiro eletrônico, compreendi que estava tudo acabado entre nós.

— Todo mundo muda! Veja o mundo que nos rodeia, Carrie. Veja as revistas, os filmes que gente decente vai assistir e gosta, as peças teatrais com todos os atores despidos, o tipo de livros que são publicados. Não sei se a mudança é para melhor, mas o fato é que as pessoas não são estáticas. Todos nós mudamos a cada dia. Talvez daqui a vinte anos nossos filhos olhem para a nossa época atual e se sintam chocados, sorrissem e nos considerem ingênuos e inocentes. Ninguém sabe como o mundo mudará. Portanto, se o mundo é capaz de mudar, o mesmo acontece com um homem chamado Alex!

— Alex não mudará. Revolta-se contra a falta de moral que existe hoje em dia, com os tipos de livros que estão sendo publicados, com os filmes sujos e as revistas que trazem fotografias de pessoas fazendo coisas pecaminosas. Creio que também não aprove o tipo de dança que você costumava fazer com Julian.

Tive ímpetos de gritar: “*Ao diabo com Alex e seu puritanismo!*” Entretanto, não podia ir contra o único homem que Carrie encontrara para amar.

— Carrie, querida, vá deitar-se. Durma bem e lembre-se, quando acordar, que o mundo está cheio de homens que se deliciariam por amar alguém tão linda, suave e boa dona de casa como você. E se não der certo com você e Alex, dará certo com você e outra pessoa.

Ela me lançou um rápido olhar do mais profundo desespero.

— Não foi melhor quando Deus fez Cory morrer?

Oh, meu Deus, como responder uma pergunta como aquela?

— Foi melhor quando Papai morreu na estrada?

— Você nem se lembra daquele dia.

— Lembro-me, sim. Tenho boa memória.

— Carrie, absolutamente ninguém é perfeito. Nem eu, nem você, nem Chris, nem Alex. Ninguém.

— Eu sei — replicou ela, deitando-se como uma boa menina que obedece à mãe. — As pessoas que procedem mal, Deus vê e, mais tarde, aplica-lhes o castigo. Às vezes, utiliza-se de uma avó com uma chibata, como aquela velha espancou Chris e você. Não sou imbecil, Cathy. Sei que Chris e você se olham como Alex e eu nos olhamos. Julgo também, que você e o Dr. Paul foram amantes e talvez tenha sido por isso que Julian morreu: para castigá-los. Contudo, você é o tipo de mulher de quem os homens gostam e eu não. Não sou bailarina, não sei como fazer que todos gostem de mim. Só minha família me ama... e Alex. E quando eu contar a verdade a Alex, ele deixará de me amar; não me quererá mais.

— Você não vai contar a ele! — ordenei rispidamente.

Carrie deitou-se com os olhos fixos no teto até que, afinal, adormeceu. Então, fui a única a permanecer acordada, doendo interiormente, ainda abismada pelo efeito que uma única mulher surtia na vida de tanta gente. Odiava Mamãe por nos ter levado para Foxworth Hall. Mesmo sabendo como era a sua mãe, levava-nos para lá. Conhecia seus pais melhor que ninguém e, não obstante, casara-se pela segunda vez e deixara-nos sozinhos, de modo que se divertia enquanto éramos torturados. E éramos nós que continuávamos a sofrer enquanto ela se divertia!

Sua diversão não duraria muito, pois eu estava ali e Bart também; mais cedo ou mais tarde, nós nos encontraríamos. Contudo, só mais tarde vim a saber como ela conseguira evitar-me até então. Consolei-me pensando que em breve mamãe também estaria sofrendo como nós. Sofrimento por sofrimento, ela ficaria sabendo o que havíamos sentido, quando ela fosse abandonada, sozinha e sem amor. Não conseguiria suportar... não outra vez! Mais um só golpe seria sua ruína. De algum modo, eu tinha certeza disso, talvez por ser tão semelhante a ela...

— Tem certeza de que está passando bem? — perguntei a Carrie alguns dias mais tarde. — Não tem comido direito. Que fim levou seu apetite?

Mantendo o rosto inexpressivo, ela replicou em voz baixa:

— Estou muito bem. Apenas não sinto muita vontade de comer. Não leve Jory hoje para a escola de balé. Deixe-me ficar com ele o dia inteiro. Sinto falta quando você o leva.

Fiquei temerosa de deixá-la o dia inteiro com Jory, que às vezes dava muito trabalho. Afinal, Carrie não estava com muito boa aparência.

— Carrie, seja franca comigo, por favor. Se não está passando bem, deixe-me levá-la ao médico.

— É o meu período mensal, nada mais — disse ela, com os olhos baixos. — Sinto muitas cólicas três ou quatro dias antes.

Apenas o incômodo mensal e, na idade dela, as cólicas eram mais fortes que na minha. Dei um beijo de despedida em meu filhinho, que abriu um berreiro ensurdecedor, querendo acompanhar-me para observar os bailarinos.

— Quero escutar a música, Mamãe! — protestou Jory, que sabia muito bem o que queria ou não. — Quero ver os dançarinos!

— Vamos passear no parque; empurrarei você no balanço e brincaremos na caixa de areia — disse Carrie apressadamente, pegando meu filho no colo e o abraçando com força. — Fique comigo, Jory. Gosto tanto de você e nunca o vejo bastante... Não gosta de sua Tia Carrie?

Ele sorriu, enlaçando-a pelo pescoço. Sim, Jory amava todo mundo.

Foi um dia terrivelmente longo. Telefonei várias vezes, a fim de verificar se Carrie estava bem.

— Estou ótima, Cathy. Jory e eu nos divertimos a valer no parque. Agora, vou deitar-me para um cochilo. Portanto, não telefone porque não quero acordar.

O relógio bateu quatro horas. Era a última aula do dia e os alunos de seis e sete anos postaram-se no centro do salão. Enquanto a música tocava, eu contava:

— *Un, deux, pliés, un, deux, pliés*, e agora, *un, deux, tendu*, fechem as pernas, *un, deux, tendu*, fechem as pernas, *un, deux, tendu*...

E a aula prosseguia, quando, de repente, senti um arrepio na nuca a indicar que alguém me olhava fixamente. Girei nos calcanhares e avistei um homem de pé bem no fundo do salão: Bart Winslow, o marido de minha mãe! Tão logo percebeu que eu o reconhecera, encaminhou-se para mim.

— Fica sensacional com essa malha roxa, Srta. Dahl. Pode ceder-me um minuto do seu tempo?

— Estou ocupada! — repliquei com rispidez, aborrecida por ele me interpelar quando eu tinha que cuidar de uma dúzia de pequenos bailarinos dos quais não podia afastar os olhos. — Minhas aulas terminam às cinco. Se quiser, pode sentar-se ali e esperar.

— Srta. Dahl, eu tive um trabalho dos diabos para encontrá-la e você estava aqui durante todo o tempo, bem diante do meu nariz.

— Sr. Winslow — repliquei friamente. — Se o cheque que lhe enviei pelo correio não foi suficiente, poderia escrever-me e o correio me faria chegar às mãos a sua carta.

Ele franziu as sobrancelhas escuras e grossas.

— Não estou aqui para tratar de honorários, embora não tenha recebido o preço que tinha em mente.

Sorridente e seguro de si, enfiou a mão no paletó e puxou uma carta do bolso interno. Prendi a respiração ao reconhecer no envelope minha própria caligrafia, além de todos os carimbos e marcas de cancelamento na carta que acompanhara o trajeto de minha mãe por toda a Europa!

— Percebo que reconhece esta carta — comentou, os penetrantes olhos castanhos observando minhas mínimas reações faciais.

— Escute, Sr. Winslow — respondi em estado de total confusão. — Minha irmã não está passando bem hoje e tem a seus cuidados meu filhinho, que ainda é quase um bebê. E, como o senhor mesmo pode ver, estou ocupadíssima aqui. Podemos tratar deste assunto em outra ocasião?

— Quando melhor lhe convier, Srta. Dahl — disse ele, fazendo uma breve reverência e entregando-me um cartão de visitas. — O mais breve possível, por favor. Tenho muitas perguntas a lhe fazer, e não tente esquivar-se. Desta vez, tratarei de vigiá-la de perto. Não julga que um encontro para jantar foi suficiente, não é?

Perturbou-me tanto o fato de vê-lo com aquela carta nas mãos que, tão logo ele se retirou, dispensei os alunos e fui para meu pequeno escritório. Sentei-me para examinar o livro de escrituração contábil, verificando que ainda estava em débito. Quando comprei a escola, fui informada de que teria pelo menos quarenta alunos, mas ninguém me revelou que a maior parte deles viajava no início do verão e só regressava no outono. Além disso, havia as mimadas crianças ricas no inverno e as das classes intermediárias no verão, que só vinham às aulas uma ou duas vezes por semana. Por mais que eu esticasse o dinheiro que ganhava, não conseguia cobrir as despesas que fizera com a nova decoração da escola e a instalação de espelhos novos atrás da comprida barra de exercícios.

Então, consultei o relógio e verifiquei que eram quase seis horas. Troquei de roupa e corri os dois quarteirões que separavam a escola de meu pequeno chalé. Carrie deveria estar na cozinha preparando o jantar enquanto Jory brincava no jardim cercado. Contudo, não vi Jory e Carrie não estava na cozinha!

— Carrie! — chamei. — Já cheguei. Onde se esconderam Jory e você?

— Estou aqui — respondeu ela num mero sussurro.

Corri até o quarto e a encontrei ainda deitada. Com voz fraca, explicou que Jory estava na casa ao lado, com os vizinhos.

— Cathy... realmente não me sinto bem... Vomitei quatro ou cinco vezes; não me lembro com certeza. — Sinto tantas cólicas... Estou esquisita, muito esquisita...

Levei-lhe a mão à testa, constatando-a estranhamente fria, embora fosse um dia bastante quente.

— Vou chamar um médico.

Mal as palavras me saíram dos lábios tive que rir amargamente de mim mesma. Naquela cidadezinha não havia um médico que atendesse a domicílio. Corri de volta a Carrie e enfiei-lhe um termômetro na boca. Então, perdi o fôlego ao ler o resultado.

— Carrie, vou buscar Jory e depois a levarei ao hospital mais próximo. Está com quarenta e um graus de febre!

Carrie meneou debilmente a cabeça e tornou a adormecer. Corri à casa vizinha para verificar como estava meu filho, que brincava alegremente com uma menininha um mês mais velha que ele.

— Ouça, Sra. Marquet — disse a Sra. Townsend, uma mulher bondosa e maternal com pouco mais de quarenta anos, que tomava conta da netinha. — Se Carrie está doente, deixe-me cuidar de Jory até a senhora voltar para casa. Espero que Carrie não tenha alguma coisa grave, pois é tão boazinha! Mesmo assim, notei que está muito pálida e abatida há cerca de dois dias.

Eu também notara a mesma coisa, mas atribuíra tudo ao fato de seu romance com Alex estar causando problemas. Como me enganei!

No dia seguinte, telefonei para Paul.

— Catherine, o que há de errado? — quis saber ele, percebendo o pânico em minha voz.

Desembuchei tudo de uma só vez: Carrie estava internada no hospital, onde já haviam realizado vários exames e ainda não sabiam o que havia com ela.

— Paul, ela está com uma aparência terrível! E perdendo peso depressa, incrivelmente depressa! Vomita, não consegue manter a comida no estômago e também sofre de diarreia! Não pára de chamar por você e por Chris.

— Arranjarei outro médico para substituir-me aqui e irei imediatamente, de avião — disse ele sem qualquer hesitação. — Mas espere antes de tentar entrar em contato com Chris. Os sintomas que você mencionou são comuns a uma série de distúrbios.

Tomei-lhe as palavras ao pé da letra e não tentei entrar em contato com Chris, que aproveitava uma folga para fazer uma viagem de duas semanas pela Costa Oeste antes de voltar para casa e prosseguir seu período de residência médica. Dentro de três horas Paul estava comigo no hospital, observando Carrie. Esta sorriu debilmente ao vê-lo no quarto e estendeu os braços magros.

— Olá — sussurrou com voz sumida. — Aposto que não imaginou encontrar-me num leito de hospital, não é mesmo?

Paul abraçou-a e começou de imediato a fazer perguntas. Quais foram os primeiros sinais de que havia algo errado?

— Há cerca de uma semana, comecei a sentir muito cansaço. Não mencionei a Cathy porque ela sempre se preocupa demais comigo, de qualquer maneira. Depois, passei a ter dores de cabeça e ficar sonolenta o tempo todo. Apareceram marcas, como equimoses, e não sei como foram causadas. Em seguida, o pente vinha cheio de cabelos sempre que me penteava e comecei a vomitar... Então outras coisas que os médicos já perguntaram e contei a eles.

Seu sussurro tornou-se cada vez mais sumido.

— Eu gostaria de ver Chris... — murmurou, antes de fechar os olhos e adormecer outra vez.

Paul já examinara a ficha médica de Carrie e confabulara com os médicos que cuidavam dela. Agora, virou-se para mim com aquele rosto inexpressivo que me enchia o coração de medo... pois me parecia tão significativo!

— Acho melhor você mandar chamar Chris.

— Paul! Quer dizer...?

— Não, não quero dizer isso. Mas se Carrie deseja vê-lo, o lugar dele é aqui, perto dela.

Eu estava no corredor, esperando que os médicos fizessem alguns exames em Carrie. Haviam-me retirado do quarto. Andando de um lado para outro em frente à porta fechada do quarto, senti-lhe a presença antes de avistá-lo. Dei meia-volta e prendi a respiração ao deparar com Chris aproximando-se pelo corredor, passando pelas enfermeiras que carregadas de bandejas com remédios, viravam-se para observá-lo em toda a sua esplêndida glória.

Recuei no tempo e vi Papai, do jeito como mais me lembrava dele, usando trajes de jogar tênis. Não consegui falar quando Chris me tomou nos braços e enfiou o rosto queimado de sol em meus cabelos. Ouvi-lhe as batidas fortes e regulares do coração. Solucei, à beira de um dilúvio de lágrimas.

— Não demorou a chegar.

Ele continuou com o rosto enfiado em meus cabelos e tinha a voz rouca de emoção.

— Cathy — perguntou, erguendo a cabeça para fitar-me nos olhos: — o que há de errado com Carrie?

A pergunta me aturdiu, pois ele deveria saber!

— Não consegue adivinhar? É aquele maldito arsênico, tenho certeza! Que mais poderia ser? Ela estava ótima há uma semana. De repente, adoeceu assim!

Interrompi-me e comecei a chorar.

— Ela quer ver você.

Entretanto, antes de levá-lo ao pequeno quarto de Carrie, coloquei na mão de meu irmão o bilhete que encontrara entre as páginas do diário que Carrie iniciara no dia em que conhecera Alex.

— Chris, há muito tempo Carrie sabe que algo estava errado, mas manteve segredo. Leia isto e diga-me o que acha.

Enquanto ele lia, mantive os olhos pregados em seu rosto.

Queridos Cathy e Chris,

Às vezes, chego a pensar que vocês são meus pais de verdade; então, lembro-me de Mamãe e Papai e tenho a impressão de que se trata de um sonho que jamais aconteceu. Sou incapaz de imaginar a fisionomia de Papai a menos que tenha nas mãos sua fotografia, embora me recorde de Cory exatamente como ele era.

Estive ocultando algo. Por isso, caso eu não escreva estas linhas, vocês se julgarão culpados. Há muito tempo venho sentindo que morrerei em breve e já não me importo com o fato. Não posso ser esposa de um pastor. Não teria sobrevivido até hoje se vocês dois, Jory, o Dr. Paul e Henny não me tivessem dedicado tanto amor. Sem todos vocês para segurar-me neste mundo, eu já teria ido ao encontro de Cory há muito tempo. Todo mundo tem alguém especial para amar, menos eu. Todo mundo tem algo especial para fazer, menos eu. Sempre tive certeza de que nunca me casaria. Sabia que enganava a mim mesma quanto a ter filhos, pois meus quadris são estreitos demais e também acho que sou raquítica demais para tornar-me uma boa esposa. Eu jamais seria alguém especial, como você, Cathy, que pode dançar, ter filhos e tudo o mais. Não posso ser médica, como Chris. Portanto, eu nunca seria muita coisa, mas apenas alguém para atrapalhar e preocupar todo mundo por ser infeliz.

Portanto, neste momento, antes que prossigam a leitura, prometam-me não permitir que os médicos façam alguma coisa para prolongar minha existência. Deixem-me apenas morrer e não chorem por mim. Não fiquem tristes nem tenham saudades de mim depois que eu for sepultada. Nada correu bem para mim desde que Cory se foi, deixando-me sozinha. O que mais lamento é não estar presente para ver Jory dançar no palco, como Julian fazia. Agora, preciso confessar uma coisa: eu amava Julian do mesmo modo que amo Alex. Julian nunca me julgou pequena demais e foi o único homem que me fez sentir como uma mulher normal, embora por curto espaço de tempo. Mesmo assim, foi pecado. Apesar de você dizer que não, Cathy, sei que foi pecado.

Na semana passada, comecei a pensar na avó e no que ela costumava dizer a respeito de sermos filhos do Demônio. Quanto mais eu pensava no assunto, mais certeza tinha de que ela estava com a razão: eu nunca deveria ter nascido! Não presto! Quando Cory morreu por causa do arsênico nas rosquinhas que a avó nos dava, eu também devia ter morrido! Nem imaginavam que eu sabia, não é mesmo? Pensavam que durante todo o tempo em que permaneci sentada no chão, no canto do quarto, eu não escutava nem prestava atenção, mas eu estava vendo e ouvindo, embora naquela época não acreditasse. Agora, acredito.

Obrigada, Cathy, por fazer o papel de minha mãe e ser a melhor irmã do mundo. E muito obrigada, Chris, por ser o substituto de Papai e o melhor irmão do mundo. Muito obrigada, também, Dr. Paul, por gostar tanto de mim apesar de eu não crescer. Obrigada a todos vocês por não se envergonharem de serem vistos em minha companhia e digam a Henny que eu a amo. Penso que Deus também não me vai querer até que eu cresça mais, mas nesses momentos lembro-me de Alex, que afirma que Deus ama todo mundo, mesmo que não sejam de estatura normal.

Carrie assinou a carta com caligrafia bem grande, a fim de compensar seu tamanho diminutivo.

— Oh, meu bom Deus! — exclamou Chris. — Cathy, o que significa isto?

Só então pude abrir a bolsa e dela retirar algo que encontrara escondido bem no fundo do armário de Carrie. Os olhos azuis de Chris se esbugalharam quando ele viu o vidro de veneno contra ratos e depois o pacote de rosquinhas açucaradas, das quais restavam apenas uma. Só uma. Trazia uma marca de dentada. As lágrimas começaram a correr pelo rosto de Chris e, de repente, ele começou a soluçar no meu ombro.

— Oh! Deus!... ela colocou arsênico nas rosquinhas para morrer da mesma maneira que Cory!

Libertei-me dos braços de Chris, que estava muito pálido, e recuei alguns passos, sentindo-me como se já não houvesse sangue em minhas veias.

— Chris! Leia novamente a carta! Não reparou que ela escreveu que antes não acreditava, mas que agora passara a acreditar? Por que não acreditava antes e agora acreditava? Algo aconteceu! Ocorreu alguma coisa que a fez acreditar que nossa mãe era capaz de envenenar-nos!

Ele sacudiu a cabeça, atônito, as lágrimas ainda brotando dos olhos.

— Mas se ela sempre soube, como poderia acontecer algo mais para convencê-la? Bastaria ter escutado nossas conversas naquela época e ter visto o camundongo envenenado!

— Como posso explicar-lhe? — exclamei, desesperada. — Mas as rosquinhas foram fartamente recobertas com arsênico! Paul mandou analisá-las. Carrie comeu-as, sabendo que elas a matariam. Não entende que se trata de outro assassinato cometido por nossa mãe?

— Carrie ainda não morreu! — bradou Chris. — Nós a salvaremos! Não permitiremos que morra. Falaremos com ela, diremos que precisa continuar viva!

Corri para segurá-la, temendo que fosse tarde demais e esperando desesperadamente que não fosse. Enquanto estávamos abraçados, transformados novamente em pais pelo

sofrimento comum, Paul saiu do quarto de Carrie. A expressão solene em sua fisionomia abatida revelou-me tudo.

— Chris — disse ele em tom calmo. — muito bom revê-lo. Pena que as circunstâncias sejam tão tristes.

— Há esperança, não há? — exclamou Chris.

— Sempre há esperança. Estamos fazendo o possível. Você parece tão moreno e vibrante. Vá ao quarto de sua irmã e tente transferir para ela parte de sua vitalidade. Catherine e eu já dissemos tudo o que conseguimos imaginar para tentar fazer Carrie resistir e recuperar a vontade de viver, mas ela desistiu da vida. Alex está lá dentro, ajoelhado ao lado da cama, rezando para que Carrie sobreviva, mas ela mantém o rosto virado para a janela. Não acredito que compreenda o que está sendo dito ou feito. Carrie se colocou fora de nosso alcance.

Paul e eu seguimos devagar os passos de Chris, que correu para junto de Carrie. Esta jazia, magra como um palito, sob uma pesada camada de cobertores, apesar de ainda ser verão. Parecia impossível que minha irmã menor envelhecesse tão depressa. Todas as formas redondas, firmes e rosadas da juventude tinham desaparecido, deixando-lhe o rostinho magro e encovado. Os olhos afundados nas órbitas tornavam-lhe as maçãs do rosto muito salientes. Parecia até mesmo ter perdido mais peso. Chris não conteve uma exclamação ao vê-la. Debruçou-se para abraçá-la, chamando-lhe repetidamente o nome, acariciando-lhe os cabelos. Para horror de meu irmão, centenas de fios de cabelos louros vieram em seus dedos quando ele os retirou.

— Meu Deus do céu... que estão fazendo por ela?

Quando ele procurou soltar os cabelos dos dedos, apressei-me em ajudá-lo, colocando os fios louros numa caixinha plástica. A eletricidade estática do plástico mantinha-os na caixinha. Era uma noção idiota, mas eu não suportaria ver os lindos cabelos de Carrie caírem e serem jogados fora. Os fios louros brilhavam nos travesseiros, na colcha e na renda branca da camisola que ela usava. Como num transe de pesadelos infundáveis, juntei os fios dourados para guardá-los na caixinha, enquanto Alex continuava rezando sem parar. Até mesmo quando foi apresentado a Chris, interrompeu-se apenas o tempo suficiente para fazer um aceno de cabeça.

— Responda-me, Paul! O que está sendo feito por Carrie?

— Tudo o que sabemos fazer — respondeu Paul num tom baixo e suave, que as pessoas costumam usar quando a morte está por perto. — Uma equipe de ótimos médicos trabalha vinte e quatro horas por dia para salvá-la, mas os glóbulos vermelhos do sangue estão sendo destruídos mais depressa do que conseguimos substituí-los por meio de transfusões.

Durante três dias e três noites, todos nós permanecemos junto ao leito de Carrie, enquanto minha vizinha cuidava de Jory. Cada um de nós, que a amávamos, rezava para que ela vivesse. Telefonei para Henny e pedi-lhe que fosse à igreja, levando a família e todos os membros da irmandade para orarem por Carrie. Ela tamborilou no telefone seu sinal que significava: “*Sim, sim!*”

Todos os dias chegavam flores para encher o quarto. Eu não olhava os bilhetes para ver quem as enviava. Sentava-me ao lado de Chris ou Paul, ou entre ambos, segurando-lhes as mãos e rezando silenciosamente. Olhava com antipatia para Alex, que eu julgava responsável por grande parte do que havia de errado com Carrie. Afinal, não consegui mais conter-me; levantei-me, aproximei-me de Alex e encurralei-o num canto.

— Alex, por que motivo Carrie desejaria morrer na época mais feliz de sua vida?

Ele voltou para mim o rosto aturdido, mal barbeado, desfigurado pelo sofrimento.

— Que foi que disse? — replicou, os olhos avermelhados pela falta de sono.

Repeti a pergunta com um tom ainda mais ríspido. Alex sacudiu a cabeça, como se procurasse clarear as idéias. Parecia sonolento e magoado ao passar os dedos compridos pelos cabelos castanhos anelados e em desordem.

— Cathy, Deus é testemunha de que fiz todo o possível para convencer Carrie de que a amo! Mas ela se recusa a escutar-me. Vira o rosto para o outro lado e permanece calada. Pedi-lhe que se casasse comigo e ela respondeu que sim; abraçou-me pelo pescoço e repetiu que sim uma porção de vezes. Então, disse: “*Oh! Alex, não sirvo para você!*” Eu ri, replicando que ela era perfeita, exatamente o que eu desejava. O que fiz de errado, Cathy? O que fiz para voltá-la contra mim a ponto de agora nem se dignar a olhar em minha direção?

Alex possuía o tipo de fisionomia doce e piedosa que só esperamos encontrar em santos de mármore. Não obstante, ao vê-lo tão humilde, combalido de sofrimento e dilacerado pelo amor que se voltava contra ele, estendi a mão para consolá-lo, pois ele realmente amava Carrie. A seu próprio modo, ele a amava.

— Sinto muito se lhe pareci áspera, Alex. Perdoe-me. Mas Carrie lhe confessou alguma coisa?

Mais uma vez, seus olhos se anuviaram.

— Uma semana atrás, telefonei para Carrie e pedi que se encontrasse comigo. Sua voz parecia esquisita, como se algo horrível tivesse acontecido e ela não pudesse falar no assunto. Peguei o carro e fui para lá o mais depressa possível, a fim de estar junto dela. Mas Carrie não me deixou entrar! Eu a amo, Cathy! Ela afirmava que tinha o corpo pequeno demais e a cabeça enorme, mas para mim, suas proporções são perfeitas. Para mim, Carrie era uma bonequinha elegante que ignorava a própria beleza. E se Deus deixar que ela morra, nunca mais na vida recuperarei a fé!

Então escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar.

Era a quarta noite após a chegada de Chris. Eu cochilava ao lado da cama de Carrie. Os outros tentavam dormir um pouco a fim de não adoecerem também e Alex cochilava numa maca no corredor, quando escutei Carrie chamar meu nome. Ajoelhei-me ao lado do leito e peguei-lhe a mão minúscula por baixo das cobertas. Agora, não passava de uma mão esquelética, com a pele tão transparente que era possível verem-se as artérias e veias.

— Querida, eu estava esperando que você acordasse — declarei num sussurro rouco. — Alex está no corredor. Chris e Paul estão cochilando na sala dos médicos. Devo chamá-los?

— Não — murmurou Carrie. — Quero falar apenas com você. Vou morrer, Cathy.

Fez a declaração com a maior calma, como se não fizesse diferença; aceitava a morte e estava satisfeita.

— Não! — protestei energicamente. — Você não vai morrer! Não deixarei que morra! Eu a amo como minha própria filha. Muita gente a ama e precisa de você, Carrie! Alex a ama tanto, quer casar-se com você e desistiu de ser pastor, Carrie; conversei com ele, explicando que isto a preocupa. Alex não se importa realmente com a profissão que seguirá, desde que você continue viva e o ame. Não quer saber se você é franzina ou se pode ter filhos. Vou chamá-lo para que ele lhe diga pessoalmente...

— Não... — sussurrou ela com voz sumida. — Tenho um segredo para lhe contar.

Sua voz tão sumida parecia vir de muito longe, passando por centenas de colinas arredondadas.

— Vi uma mulher na rua — disse tão baixinho que precisei debruçar-me para ouvir. — Parecia tanto com Mamãe que não pude deixar de correr atrás dela. Segurei-lhe a mão. Ela se libertou num arranco e me encarou com olhar duro e frio, dizendo: “Não a conheço”. Era nossa mãe, Cathy! Está quase como era antes, apenas um pouco mais velha. Até mesmo usava o colar de pérolas e o broche em forma de borboleta dos quais me recordo tão bem. E, Cathy, quando nossa própria mãe não nos quer, significa que nenhuma outra pessoa pode nos querer, não é mesmo? Ela olhou para mim e me reconheceu; percebi em sua expressão. Mesmo assim, não me quis porque sabe que não presto. Foi por isso que me disse aquilo: que não

tinha filhos. Ela também não quer saber de você ou de Chris, Cathy. E todas as mães amam e querem seus filhos, a menos que sejam pecaminosos e não prestem... como nós.

— Oh! Carrie, não permita que ela lhe faça isto! Foi o apego ao dinheiro que a levou a renegar você... não o fato de sermos ruins, pecaminosos ou não prestarmos. Você nada fez de errado! O que interessa a ela é o dinheiro, Carrie, não nós. Mas não precisamos dela, pois você tem Alex e Chris, Paul e a mim... e também Jory... e Henny... Não nos parta o coração! Carrie, resista o bastante para permitir que os médicos a auxiliem. Não se entregue. Jory quer a tia de volta; todos os dias, pergunta onde você está. O que vou dizer a ele; que você não o ama o bastante para importar-se em viver?

— Jory não precisa de mim — replicou ela no mesmo tom que usava quando criança. — Jory tem muita gente, além de mim, para amá-lo e cuidar dele... Mas Cory está a minha espera, Cathy. Posso vê-lo neste momento. Olhe ali, atrás de seu ombro: Cory está junto de Papai e ambos me querem mais que qualquer outra pessoa neste mundo.

— Não, Carrie!

— O lugar para onde vou é ótimo, Cathy: flores por toda parte, pássaros lindos, e quase me posso sentir crescendo... Veja, estou quase tão alta quanto Mamãe, como sempre desejei. E quando eu chegar lá, ninguém me dirá que tenho olhos enormes e assustadores como uma coruja. Ninguém tornará a chamar-me de “anã” e me aconselhará a usar uma máquina de esticar... porque serei tão alta quanto desejo.

A voz fraca e trêmula foi diminuindo até sumir. Os olhos se voltaram para o céu e permaneceram abertos, sem piscar. Os lábios ficaram entreabertos, como se tivessem mais alguma coisa para dizer-me. Oh, meu Deus, ela morreu! Mamãe começara tudo aquilo. Mamãe, que escapara livre como um pássaro! Ilesa e sem cicatrizes! E rica, rica, rica! Tudo o que precisou fazer foi derramar algumas lágrimas de autocomiseração ao voltar para casa. Foi então que eu gritei! Sei que gritei. Chorei e tive ímpetos de arrancar os cabelos e a pele do rosto, pois parecia-me demais com a mulher que precisava pagar, pagar, pagar... e pagar ainda mais!

Num dia quente de agosto, sepultamos Carrie no cemitério da família Sheffield, poucos quilômetros fora do limite urbano de Clairmont. Desta vez, não choveu nem havia neve no solo. Agora a morte tomara para si todas as estações menos o inverno, deixando-me apenas aquela época fria e movimentada livre de lembranças amargas e dolorosas. Cobrimos Carrie com flores vermelhas e roxas de que ela tanto gostava. O sol tinha uma rica coloração de açafrão, quase alaranjada, antes de assumir um tom vermelho ao baixar no horizonte e tingir o céu de cor-de-rosa. Meus pensamentos eram como as folhas secas sopradas pelo forte vento do ódio quando permaneci sentada, embora o banco de mármore fosse duro e incômodo. Depois de juntar e torcer aquelas folhas secas, transformei-as numa vara de feiticeira cruel, num instrumento para remexer o esquecido caldeirão de vingança! Das quatro bonecas de porcelana de Dresden, restavam apenas duas. E uma nada faria. Jurara solenemente fazer o possível para preservar a saúde e a vida, mesmo de quem não merecia viver.

Detestei ter que deixar Carrie sozinha à noite, a primeira que ela passaria sob a terra. Sentia-me na obrigação de passar aquela noite com ela e reconfortá-la de algum modo que eu ignorava. Lancei um olhar aos túmulos onde descansavam também Júlia e Scotty, perto dos pais de Paul e de um irmão mais velho que morrera antes mesmo do nascimento de Amanda. Imaginei o que nós, Foxworth, fazíamos no cemitério da família Sheffield. Que significado haveria em tudo aquilo? Se Alex não tivesse surgido na vida de Carrie para lhe dar amor, ela estaria melhor? Se Carrie não tivesse avistado Mamãe na rua e corrido ao seu encontro, bastante feliz para tomar-lhe a mão e chamá-la de “*Mamãe*”, teria feito alguma diferença? Deveria ter feito toda a diferença! Tinha que fazer! Após ser renegada pela mãe, Carrie fora diretamente comprar o veneno para ratos porque não se achava digna de viver quando a

própria mãe a renegara. E o veneno em suas rosquinhas não fora apenas uma pequena dose, mas uma grande quantidade de arsênico puro!

Alguém chamou meu nome em voz baixa. Alguém pegou-me suavemente os cotovelos para levantar-me. Com o braço passado em minha cintura, amparando-me, conduziu-me para fora do cemitério onde eu teria permanecido a noite inteira, até o amanhecer.

— Não, querida — disse Chris. — Carrie não precisa de você agora, mas outras pessoas precisam. Cathy, deve esquecer o passado e os planos de vingança. Vejo a expressão em seu rosto e leio-lhe os pensamentos. Compartilharei com você meu segredo para encontrar a paz. Já tentei revelá-lo muitas vezes, mas você se recusa a escutar. Desta vez escute e acredite! Faça como eu e obrigue-se a esquecer tudo o que lhe causa sofrimento; lembre-se apenas do que lhe dá satisfação. Eis aí todo o segredo para viver feliz, Cathy: esquecer e perdoar.

Fitei-o com amargura e desânimo, replicando desdenhosamente:

— Você é realmente perito em questão de perdoar, Christopher. Quanto a esquecer, o caso é bem diferente!

Meu irmão ficou tão vermelho quanto o sol poente.

— Por favor, Cathy! Perdoar não é a parte melhor? Só me recordo das coisas mais agradáveis.

— Não! Não!

Mas agarrei-me a ele como alguém que se aproxima do inferno agarra-se à salvação. Embora não tenha certeza, julguei ver uma mulher vestida de negro, com a cabeça e o rosto ocultos por um véu preto, esconder-se atrás de uma árvore quando nos aproximamos da rua onde o carro se encontrava estacionado. Escondeu-se para que não conseguíssemos vê-la. Mas vi-a de relance; o suficiente para perceber as lustrosas pérolas de seu colar. Pérolas que uma mão fina e branca ergueu nervosamente, por força de um velho hábito, para torcer e destorcer. Eu conhecia apenas uma mulher que costumava fazer aquilo e era a mulher perfeita para usar roupas negras e correr a esconder-se! Sempre esconder-se! Que todos os seus dias fossem negros! Cada um deles! Eu providenciaria para que todos os dias que lhe restavam na terra fossem negros. Mais negros que o piche derramado em meus cabelos. Mais negros que qualquer coisa naquele quarto trancado ou nas mais escuras sombras do sótão onde fôramos prisioneiros quando jovens, temerosos e tão necessitados de amor. Mais negros que a fenda mais profunda do inferno! Eu já esperara bastante para fazer o que devia. Mais que o suficiente. E mesmo que Chris estivesse presente para tentar deter-me, nem ele conseguiria evitar o que eu tinha que fazer!

QUINTA PARTE

A hora da vingança

A extemporânea morte de Carrie deixou uma lacuna nas vidas de todos nós que a amávamos. Agora, as bonequinhas de porcelana eram minhas para guardar como recordação. Chris partiu para um período de residência médica no hospital da Universidade da Virgínia, a fim de não ficar muito afastado de mim.

— Fique, Catherine — pediu-me Paul quando lhe revelei minha disposição de voltar à minha casa nas montanhas da Virgínia e reassumir minha atividade como professora de balé.

— Não me abandone outra vez! Jory precisa de um pai; eu preciso de uma esposa; ele precisa de um homem que o oriente. Já estou cansado de poder amá-la apenas a longos intervalos.

— Mais tarde — repliquei com inabalável determinação, afastando-me de seus braços.
— Um dia, voltarei para você e nos casaremos. Antes, porém, tenho alguns negócios a liquidar.

Logo retomei minha rotina de trabalho, não muito longe da residência dos Foxworth. Dediquei-me a elaborar planos. Jory passara a constituir-se num problema, agora que eu não tinha Carrie. Cansava-se da escola de balé e queria brincar com crianças de sua idade. Matriculei-o numa escola pré-primária especial e contratei uma empregada para ajudar nos trabalhos domésticos e ficar com Jory quando eu saía. À noite eu saía à caça, procurando, naturalmente, um determinado homem. Até então não conseguira localizá-lo. Mais cedo ou mais tarde, porém, o destino faria com que nossos caminhos se cruzassem; então, Deus tivesse piedade de Mamãe!

O jornal local dedicou grande espaço à notícia de que Bart Winslow abria um segundo escritório de advocacia em Hillendale, enquanto seu sócio minoritário cuidaria do primeiro, em Greenglenna. “*Dois escritórios*”, pensei com meus botões; “*o que o dinheiro não conseguia comprar?*” Meu plano não incluía ser atrevida a ponto de procurá-lo diretamente; nosso encontro teria que ser “acidental”. Deixando Jory aos cuidados de Emma Lindstrom, brincando com dois amiguinhos de sua idade em nosso jardim cercado, peguei meu carro e fui aos bosques não muito afastados de Foxworth Hall.

Bart Winslow era uma espécie de celebridade, com todos os seus movimentos divulgados pela imprensa, de modo que eu soubera através dos jornais que ele costumava correr diariamente alguns quilômetros antes do café da manhã. Na verdade, precisaria de um coração forte para enfrentar o que o futuro próximo lhe reservava. Passei a correr diariamente, usando as sinuosas trilhas que atravessavam os bosques, o solo forrado de folhas mortas e secas, que estalavam sob meus pés. Era setembro e fazia um mês que Carrie morrera. Pensamentos tristes enchiam-me a cabeça quando eu sentia o aroma pungente das fogueiras e escutava o barulho dos machados rachando lenha, sons e odores que Carrie deveria estar aproveitando... “*Eles pagarão caro, Carrie! Farei que pagueem muito caro!*” Não sei como, esquecia-me de que Bart Winslow não tinha culpa nenhuma no caso. Ele não, só ela!

O tempo passava depressa e eu não progredia em meu intento! Onde estaria Bart Winslow? Eu não podia frequentar os bares onde homens entravam sozinhos, seria por demais vulgar e óbvio. Quando nos encontrássemos, como era forçoso acontecer algum dia, ele diria algum clichê, ou eu o faria. Aquilo seria o final ou o início do plano que eu arquitetara e tinha em mente desde a primeira vez em que vira Bartholomew Winslow dançar com minha mãe na noite de Natal.

Ao contrário do que esperava, não o encontrei correndo nos bosques. Num sábado ao meio-dia, encontrava-me num café elegante quando Bart Winslow entrou despreocupadamente! Olhou em volta, avistou-me sentada perto das janelas e se encaminhou para mim com seu terno e colete de advogado, que deveria ter custado uma fortuna. Trazendo na mão uma pasta de documentos, chegou mesmo a adotar um andar meio reboado de galã de cinema! Exibia um largo sorriso e seu rosto magro, tisonado de sol, parecia ligeiramente sinistro ou talvez fosse apenas impressão minha.

— Bem — disse com arrastado sotaque sulino — se não é Catherine Dahl, a mulher que há muitos meses venho querendo encontrar!

Deixou a pasta numa cadeira, sentou-se à minha frente sem ser convidado e apoiou-se nos cotovelos para estudar-me o rosto com intenso interesse.

— Onde, diabo, se escondeu? — indagou, usando o pé para puxar a outra cadeira para mais perto de si, a fim de vigiar a pasta.

— Não me escondi — repliquei, sentindo-me nervosa e esperando não demonstrar.

Ele riu enquanto os olhos castanhos observavam-me a blusa e saia justas, e meu pé que se balançava com indisfarçável nervosismo. Então, sua fisionomia assumiu uma expressão solene.

— Li nos jornais a notícia da morte de sua irmã. Sinto muito. É sempre triste lermos a notícia da morte de alguém tão jovem. Se não a ofendo, permite-me indagar de que ela morreu? Foi doença ou acidente?

Esbugalhei os olhos. O que matara Carrie? Oh! Eu poderia escrever um livro a respeito!

— Por que não pergunta à sua esposa o que matou minha irmã? — redargüi rigidamente.

Bart pareceu espantado. Em seguida, perguntou bruscamente:

— Como pode minha esposa saber isso, se não conhece você ou sua irmã? Não obstante, vi-a com o recorte do obituário nas mãos e estava chorando quando lhe tomei o papel. Exigi uma explicação, mas ela correu para trancar-se no quarto. E continua a recusar-se a responder minhas perguntas sobre o assunto. Diga-me, afinal, quem diabo é você?

Mordi meu sanduíche de presunto, alface e tomate e mastiguei de modo vagaroso e irritante, só para observar-lhe o vexame.

— Por que não pergunta isso a ela? — retruquei afinal.

— Detesto pessoas que respondem perguntas com outras perguntas — declarou ele ríspidamente.

Em seguida, fez sinal para uma garçonete ruiva que se encontrava nas proximidades e pediu-lhe que trouxesse um sanduíche igual ao meu.

— Agora — prosseguiu, puxando a cadeira para mais perto da mesa, — faz algum tempo que entrei na escola de balé e lhe mostrei uma daquelas cartas de extorsão que tem enviado à minha esposa.

Enfiou a mão no bolso e retirou três cartas que eu escrevera anos atrás. Pelo aspecto manuseado do papel, bem como o grande número de selos e carimbos nos envelopes, as cartas tinham acompanhado minha mãe ao redor do mundo e agora me voltavam às mãos, com Bartholomew Winslow quase gritando:

— Quem, diabo, é você?

Sorri para encantá-lo. O sorriso de Mamãe. Tomei a cabeça ligeiramente para o lado, como ela costumava fazer, e ergui a mão para brincar com um imaginário colar de pérolas.

— Precisa mesmo perguntar? Não é capaz de adivinhar?

— Não banque a sabidinha comigo! Quem é você, realmente? Que relação tem com minha esposa? Sei que se parece com ela: o mesmo cabelo, os mesmos olhos e até mesmo alguns cacoetes iguais. Deve ter algum parentesco...?

— Sim. Pode-se dizer.

— Então, por que não a conheci antes? É prima? Sobrinha, talvez?

Bart Winslow possuía um forte magnetismo animal que me amedrontava de fazer o tipo de jogo que eu tinha em mente. Não se tratava de um adolescente facilmente impressionável por uma ex-bailarina. Seu tipo moreno exercia uma forte atração que quase me dominava. Oh, deveria ser um amante sensacional! Eu seria capaz de afogar-me em seus olhos ao fazer amor com ele, ficando perdida para qualquer outro homem. Era por demais confiante, masculino, seguro de si. Tinha a capacidade de sorrir e manter-se calmo enquanto eu me sentia nervosa e tinha vontade de fugir antes que ele me arrastasse pela senda que, até aquele momento, eu julgara pretender seguir.

— Ora, vamos — disse ele, estendendo a mão para segurar-me com força, impedindo-me de partir quando me levantei para sair. — Deixe de parecer amedrontada e faça o jogo que tem em mente há algum tempo.

Pegou as cartas e exibiu-as ante meus olhos. Desviei o rosto, insatisfeita comigo mesma.

— Não desvie o olhar. Recebemos cinco ou seis cartas suas enquanto estávamos na Europa; minha esposa as lia e ficava muito pálida. Engolia em seco, nervosa, como você está fazendo agora. Levantava a mão para brincar com as pérolas, exatamente como você está brincando agora. Por duas vezes, vi-a escrever no envelope: “*Destinatário desconhecido*”. Então, certo dia abri a correspondência e encontrei estas três cartas que você escreveu para ela. Abri-as. Li-as.

Fez uma pausa, debruçando-se sobre a mesa de modo que seus lábios ficaram a poucos centímetros dos meus. Sua voz soou dura, fria, completamente controlada, sem demonstrar qualquer fúria que ele pudesse estar sentindo:

— Que direito tem você de tentar fazer chantagem com minha esposa?

Tenho certeza de que o sangue me fugiu do rosto. Sei que me senti doente, fraca, ansiosa para fugir do local e esconder-me de Bart. Imaginei a voz de Chris dizendo: “*Deixe o passado descansar em paz. Esqueça-o, Cathy. Deus, à sua maneira, providenciará a vingança que você tanto deseja. A seu próprio modo e no devido tempo, Deus lhe tirará dos ombros essa responsabilidade*”.

Ali estava minha oportunidade de revelar tudo! De deixar que Bart soubesse o tipo de mulher com quem se casara! Por que meus lábios não abriam para que minha língua dissesse a verdade?

— Por que não pergunta à sua esposa quem sou eu? Por que vem a mim, quando ela tem todas as respostas?

Bart recostou-se no berrante encosto da cadeira, forrado de plástico alaranjado brilhante, e tirou do bolso uma cigarreira de prata com o monograma em brilhantes. Tinha que ser presente de minha mãe, era o tipo que ela adorava. Ofereceu-me um cigarro. Recusei. Ele bateu a ponta de um cigarro para compactar o fumo solto e acendeu-o com um isqueiro de prata com monograma também de brilhantes. Durante todo o tempo, seus olhos escuros, semicerrados, observavam os meus e, como uma mosca presa numa teia de aranha, esperei ser devorada.

— Cada carta que você escreveu declara que precisa desesperadamente de um milhão de dólares — declarou Bart num tom monótono, inexpressivo.

Depois, soprou-me a fumaça no rosto. Tossi, abanando o ar. Em todas as paredes havia avisos “É PROIBIDO FUMAR”.

— Por que precisa de um milhão?

Observei a fumaça que fazia um círculo e vinha diretamente sobre mim, envolvendo-me num halo a cabeça e o pescoço.

— Ouça — respondi, lutando para recuperar o controle. — Sabe que meu marido morreu. Eu esperava um filho e estava afogada de dívidas que não poderia pagar; mesmo depois que recebi o dinheiro do seguro, graças à sua intervenção, continuei a afundar-me. Minha escola de balé dá prejuízo. Tenho um filho para criar, preciso de coisas para ele, de economias para custear-lhe os estudos e sua esposa possui tantos milhões... Pensei que pudesse dispensar apenas um deles.

Bart exibiu um leve sorriso cínico. Soprou anéis de fumaça para me obrigar a tossir e esquivar-me outra vez.

— Por que motivo uma mulher inteligente como você presumiria que minha esposa seria bastante generosa para dar um mísero centavo a uma parenta que ela alega nem conhecer?

— Pergunte a ela por que!

— Já perguntei. Peguei estas cartas e enfiei-as sob o nariz, exigindo que ela me explicasse tudo. Já indaguei uma dúzia de vezes quem é você e que ligação tem com ela. E

todas as vezes ela respondeu que você não passa de uma bailarina que ela viu no palco. Desta vez, quero as respostas certas de você!

A fim de certificar-se de que eu não viraria o rosto para esconder o olhar, ele estendeu a mão, segurando-me o queixo com firmeza para imobilizar-me a cabeça.

— Quem, diabo, é você? Que ligação tem com minha esposa? Por que julga que ela lhe pagaria chantagem? Por que suas cartas fazem-na subir correndo para o quarto e abrir um álbum de fotografias que mantém trancado na gaveta da escrivaninha ou num cofre? Um álbum que ela se apressa a esconder e trancar sempre que entro no quarto?

— Ela ficou com o álbum? O álbum azul, com uma águia dourada na capa de couro? — murmurei, chocada por saber que ela o guardara.

— Aonde quer que vamos, o álbum a acompanha numa das malas trancadas — replicou ele, apertando ameaçadoramente os olhos. — Você descreveu com exatidão aquele álbum azul e dourado, embora já esteja gasto pelo manuseio. Enquanto minha mulher vê as fotos do álbum, minha sogra lê a Bíblia a ponto de gastá-la. Às vezes, surpreendo minha esposa chorando ao ver as fotografias contidas naquele álbum azul, que, presumo, tenha fotos do seu primeiro marido.

Suspirei pesadamente e fechei os olhos. Não queria saber que ela chorava!

— Responda-me, Cathy: quem é você?

Tive certeza de que ele me seguraria ali, pelo queixo, o resto da vida se eu não dissesse alguma coisa; por algum motivo estúpido, menti:

— Henrietta Beech era meia-irmã de seu marido. Entenda: Malcolm Foxworth teve um caso extraconjugal do qual resultaram três filhos. Sou um deles. Sua esposa é minha meia-tia.

— Ahhh! — suspirou ele, largando-me o queixo e recostando-se na cadeira, como se convencido de que eu dissera a verdade. — Malcolm teve um caso com Henrietta Beech, que lhe deu três filhos ilegítimos. Que informação extraordinária! — comentou com um risinho de mofa. — Nunca pensei que o velho demônio fosse desse tipo, especialmente após o ataque cardíaco que sofreu logo depois que minha mulher se casou pela primeira vez. É uma verdadeira inspiração tomar conhecimento do fato.

De repente, ficou muito sério, fitando-me de modo prolongado e penetrante.

— Onde se encontra sua mãe, agora? Eu gostaria de vê-la e conversar com ela.

— Morreu — respondi, ocultando as mãos sob a mesa e mantendo os dedos cruzados como uma criança tola e supersticiosa. — Faz muito tempo.

— Está certo. Já percebi tudo. Três jovens, filhos ilegítimos da família Foxworth, tentando conseguir dinheiro à custa do parentesco através da chantagem contra minha esposa. Certo?

— Errado! Apenas eu. Nem meu irmão, nem minha irmã. Eu só queria receber o que temos direito! Na ocasião em que escrevi aquelas cartas, encontrava-me numa situação desesperadora e hoje em dia não estou muito melhor. Os cem mil dólares do seguro não duraram muito. Meu marido tinha dívidas enormes e estávamos atrasados no pagamento do aluguel e das prestações do carro; além disso, eu devia as contas dele no hospital, as despesas com seu funeral e os custos do parto. Poderia passar a noite inteira relatando os problemas de minha escola de balé e como fui iludida, induzida a acreditar que se tratava de um negócio rentável.

— E não é?

— Não quando o grosso dos alunos consiste de meninas mimadas que viajam de férias duas ou três vezes por ano e, de qualquer maneira, não levam a sério o balé. Só querem parecer bonitas e se sentirem graciosas. Se eu tivesse ao menos uma boa aluna talentosa, todo o esforço valeria a pena. Mas não tenho, nem mesmo uma.

Ele tamborilou com dedos fortes na toalha, parecendo absorto em reflexões. Em seguida, acendeu outro cigarro, não como se gostasse realmente de fumar, mas a fim de ter algo com que ocupar os dedos inquietos. Inalou profundamente a fumaça e depois fitou-me nos olhos.

— Vou lhe falar com muita franqueza, Catherine Dahl. Em primeiro lugar, não sei se mente ou diz a verdade, mas parece pertencer ao clã dos Foxworth. Em segundo lugar, não me agrada que faça chantagem com minha esposa. Em terceiro, não gosto de ver minha mulher infeliz a ponto de chorar. Quarto: acontece que estou muito apaixonado por ela, embora confesse que em certas ocasiões tenho ímpetos de estrangulá-la e forçá-la a desabafar todo o passado. Ela jamais fala no assunto; é cheia de segredos que meus ouvidos jamais escutarão. E um grande segredo do qual nunca tomei conhecimento anteriormente é que Malcolm Neal Foxworth, o cavalheiro bondoso, piedoso e santo, teve um caso amoroso após sofrer um ataque cardíaco. Por acaso, sei que ele teve um caso de amor antes do infarto, mas apenas um.

Oh! Ele sabia mais que eu! Eu dera um tiro no escuro sem imaginar que acertaria na mosca!

Bart Winslow correu os olhos pelo café. Famílias chegavam para jantar cedo e suponho que Bart temia que alguém o reconhecesse e contasse à sua esposa minha mãe.

— Venha, Cathy. Vamos cair fora daqui — disse num tom urgente, levantando-se e estendendo a mão para ajudar-me. — Você pode convidar-me a tomar um drinque em sua casa, aonde nos sentaremos e conversaremos melhor. Então poderá fornecer-me maiores detalhes.

O crepúsculo desceu sobre as montanhas como uma cortina fechada às pressas. Anoitecera de repente e fazia horas que estávamos no café. Estávamos na calçada quando Bart segurou meu suéter *cardigan* para que eu enfiasse os braços nas mangas, embora o ar estivesse tão frio que senti necessidade de um casaco ou capote.

— Onde fica sua casa?

Expliquei e ele pareceu desconcertado.

— Acho melhor não irmos lá... muita gente poderia ver-me entrar.

É claro que na ocasião ele ainda não sabia que eu escolhera o chalé principalmente porque ficava recuado numa área cheia de árvores, proporcionando bastante privacidade para que um homem entrasse e saísse sem ser avistado.

— Minha fisionomia aparece com tanta frequência nos jornais que sou capaz de apostar que seus vizinhos me reconheceriam — prosseguiu ele. — Não pode telefonar para a babá do menino e pedir que permaneça com ele mais um pouco?

Foi o que fiz, falando primeiro com Emma Lindstrom e depois com Jory, recomendando-lhe que se portasse como um bom menino até Mamãe voltar para casa. O carro de Bart era preto e luxuoso: um Mercedes. Fazia pouco barulho, como os carros de luxo de Julian, tão pesado e bem acabado que não produzia ruídos que os outros automóveis costumam fazer, mantendo-se firme nas curvas da sinuosa estrada das montanhas.

— Aonde pretende levar-me, Sr. Winslow?

— A um local onde poderemos conversar sem sermos vistos ou ouvidos — replicou ele com um sorriso e lançando-me um rápido olhar. — Esteve estudando meu perfil. Que nota mereço?

Uma onda quente de sangue me subiu ao rosto. Saber que estava ruborizada fez-me ficar ainda mais vermelha, até sentir o rosto úmido. Minha vida fora cheia de homens bonitos, mas este era muito diferente de todos os outros que eu conhecera: folgazão, sensual, tipo bandido, que me provocava sinais de alarme: vá devagar com este! Era a advertência que me fazia o instinto, enquanto eu lhe estudava a fisionomia, reparando em cada detalhe. Suas roupas caras, magnificamente bem cortadas... Tudo nele proclamava ostensivamente que era tão decidido quanto eu a conseguir o que queria, quando queria.

— Bem — repliquei, imitando seu arrastado sotaque sulino. — Sua aparência me aconselha a fugir depressa para casa e trancar a porta do quarto!

Ele tornou a sorrir maliciosamente, parecendo satisfeito.

— Portanto, julga-me excitante e um tanto perigoso. Ótimo. Ser bonito e maçante seria pior que feio e encantador, não acha?

— Não sei. Quando um homem é bastante encantador e inteligente, costumo ignorar-lhe a aparência e achá-lo bonito, a despeito de tudo.

— Então deve satisfazer-se com facilidade.

Desviei o olhar e empertiguei-me com ar pudico.

— Na verdade, Sr. Winslow...

— Bart — corrigiu ele.

— Na verdade, Bart, sou muito difícil de contentar. Sinto-me inclinada a colocar os homens num pedestal e pensar que são perfeitos. Tão logo percebo neles o mínimo defeito, deixo de gostar deles e me torno indiferente.

— Poucas mulheres se conhecem tão bem — comentou ele. — A grande maioria anda por aí sem saber o que há por detrás de sua fachada. Pelo menos sei a quantas ando: sou um símbolo sexual, sem pedestal de santo.

Nãããooo! Eu jamais o colocaria num pedestal. Conhecia-o pelo que realmente era: um conquistador, sempre atrás de um rabo-de-saia, cheio de vento e fogo, o bastante para levar à loucura uma esposa ciumenta! Certamente, minha mãe não comprara aquele manual de práticas sexuais para ensinar-lhe como, quando e onde! Bart devia saber tudo a respeito.

Parou bruscamente o carro e voltou-se para encarar-me. O branco de seus olhos brilhava mesmo na escuridão. Era viril e vibrante demais para um homem que já deveria dar sinais de envelhecimento. Bart tinha oito anos menos que minha mãe, o que significava que estava com quarenta, a idade em que o homem é mais atraente, torna-se mais vulnerável e começa a pensar que sua juventude se aproxima do fim. Agora, teria que fazer suas novas conquistas antes que o doce e esquivo pássaro da juventude voasse para longe, levando consigo todas as jovens bonitas que ele gostaria de possuir. E devia estar cansado de uma esposa a quem já conhecia tão bem, embora alegasse amá-la. Por que, então, seus olhos brilhavam tanto, desafiando-me? Oh! Mamãe, onde quer que esteja, deveria ajoelhar-se e rezar! Pois não pretendo dar-lhe nenhuma piedade, não mais do que você nos deu! Não obstante, enquanto eu permanecia sentada no carro, avaliando Bart Winslow, compreendi que não era um homem tranquilo e disposto a sacrificar-se, como Paul. Não seria necessário seduzi-lo. Ele mesmo o faria, em ritmo de *staccato*. Caçaria como uma pantera negra até conseguir apanhar a presa desejada; então, sumiria, abandonando-me, e tudo estaria terminado. Bart jamais abriria mão da oportunidade de herdar milhões de dólares e os prazeres que tais milhões lhe proporcionariam, trocando-os por uma amante que lhe surgira fortuitamente no caminho. Sinais vermelhos piscavam-me na mente... Proceda com calma... faça tudo certo, pois correrá perigo se cometer algum engano!

E, enquanto eu o aquilatava, ele me avaliava da mesma maneira. Eu lhe lembraria tanto a esposa, a ponto de não haver uma diferença real? Ou minha semelhança com ela constituía uma vantagem? Afinal os homens não se apaixonam sempre pelo mesmo tipo de mulher?

— Noite linda — comentou ele. — É a minha estação predileta. O outono é tão cheio de paixão — mais ainda que a primavera. Venha andar um pouco comigo, Cathy. Este local me proporciona uma estranha sensação de melancolia, como se eu precisasse correr para alcançar a melhor coisa de minha vida, que até hoje tem se esquivado de mim.

— Parece poético — repliquei.

Saltei do carro e Bart me tomou a mão. Começamos a caminhar, com ele me guiando habilmente ao longo, acreditem se quiserem, de uma linha férrea que atravessava os campos!

Parecia-me familiar. Contudo, não poderia ser, não é mesmo? Não era a mesma linha férrea que nos trouxera, quando crianças, há quinze anos, para Foxworth Hall! Na época em que eu tinha apenas doze anos!

— Bart, não sei se o mesmo ocorre com você, mas tenho a sensação esquisita de que já trilhei este caminho antes, em sua companhia, numa outra noite.

— *Déjà vu* — replicou ele. — Sinto a mesma coisa, como se outrora estivéssemos muito apaixonados um pelo outro e atravessássemos aquele bosque. Sentamo-nos naquele banco verde ao lado desta linha de trem. Senti-me impelido a trazê-la aqui, embora nem soubesse em que direção guiava o automóvel.

Aquelas palavras obrigaram-me a erguer o rosto para fitá-lo e verificar se falava sério. Por sua expressão espantada e levemente embaraçada, creio que ele estava surpreso.

— Gosto de ponderar tudo o que é considerado impossível ou implausível — declarei. — Quero que tudo impossível se torne possível e tudo implausível se transforme em realidade. Então, quando tudo fica explicável, desejo confrontar-me com novos mistérios, de modo a ter sempre algo inexplicável em que pensar.

— Você é uma romântica.

— Você não é?

— Não sei. Costumava ser, quando rapaz.

— Por que mudou?

— É impossível continuar sendo um rapaz com idéias românticas quando se frequenta uma faculdade de direito e se depara com as duras realidades do assassinato, roubo, estupro e corrupção. E professores que martelam na mente dos alunos idéias dogmáticas que expulsam o romantismo. Ingressamos na faculdade, jovens e idealistas; dela saímos céticos e empedernidos, sabendo que é preciso lutar para galgar cada degrau do caminho futuro e lutar muito, se quisermos prestar para alguma coisa. Logo aprendemos que não somos os melhores e que a concorrência é assustadora.

Virou-se para sorrir com um encanto jovial.

— Entretanto, Catherine Dahl, tenho a impressão de que você e eu possuímos muita coisa em comum. Eu também já senti essa necessidade de mistérios, de enfrentar coisas confusas, de ter alguém a quem idolatrar. É verdade que me apaixonei por uma herdeira de milhões de dólares, mas os milhões que ela desejava herdar interpunham-se em meu caminho. Afastavam-me dela e me amedrontavam. Eu sabia que todos julgavam que me casaria com ela só pelo dinheiro. Creio que ela também pensava assim, até que consegui convencê-la do contrário. Apaixonei-me realmente antes de saber quem ela era. Na realidade, julguei que fosse como você.

— Como pôde pensar assim? — indaguei, sentindo-me tensa ao escutar aquelas revelações.

— Porque ela era como você, Cathy; por algum tempo, pelo menos. Então herdou todos aqueles milhões e, em verdadeiras orgias de compras, adquiria tudo que lhe vinha à mente. Em breve, nada mais tínhamos para desejar, exceto um filho. E ela não podia ter filhos. Você nem pode imaginar quanto tempo passamos olhando as vitrines de lojas de roupas, brinquedos e móveis infantis. Quando me casei com ela, sabia que não poderíamos ter filhos e julguei que não me importaria. Em breve, comecei a importar-me demais. Aquelas lojas de artigos infantis me fascinavam também.

A estreita trilha que seguimos levava diretamente ao banco verde entre dois dos quatro velhos postes que sustentavam o enferrujado telhado de zinco da parada de trem. Sentamo-nos ali, respirando o ar frio das montanhas, a lua brilhando e as estrelas cintilando no céu. Os insetos zumbiam como o sangue que me corria nas veias.

— Isto aqui servia de parada de trem para deixar e pegar a mala postal, Cathy — explicou Bart, acendendo outro cigarro. — Os trens já não passam por esta linha. Finalmente,

os ricos que moram nas redondezas ganharam uma ação judicial contra a ferrovia e acabaram com os trens que, com tanta falta de consideração, apitavam durante a noite, perturbando-lhes o sono. Eu gostava muito de escutar os trens apitando à noite. Na época, porém, tinha apenas vinte e sete anos; era recém-casado e morava em Foxworth Hall. Deitava-me ao lado de minha mulher numa cama com um cisne acima de minha cabeça... consegue acreditar numa coisa dessas? Ela dormia com a cabeça no meu ombro ou passávamos a noite inteira de mãos dadas. Tomava pílulas para dormir, de modo que ressonava profundamente. Tanto que jamais escutou a linda música que vinha de cima. Aquela música me intrigava e, quando a mencionei, minha mulher replicou que era produto de minha imaginação. Então um dia a música cessou definitivamente e cheguei à conclusão de que ela estava certa e era apenas imaginação minha. Quando a música parou de tocar, senti falta. Ansiava por tornar a escutá-la. Era uma música que emprestava algum encanto à velha e insípida mansão. Eu costumava adormecer e sonhar com uma bela jovem que dançava lá em cima. Julguei que sonhasse com minha mulher quando ela era jovem. Ela me contou que, freqüentemente, à guisa de castigo, seus pais a mandavam para a sala de aulas existente no sótão e a obrigavam a permanecer lá o dia inteiro, até mesmo no verão, quando a temperatura devia passar de quarenta graus. E também a mandavam para lá no inverno; ela disse que fazia um frio de gelar e seus dedos chegavam a ficar azulados. Então passava o tempo todo agachada no chão, perto da janela, chorando porque perdia algo divertido que seus pais consideravam pecaminoso.

— Alguma vez você subiu para ver o sótão?

— Não. Tive vontade, mas as portas duplas no topo da escada estavam sempre trancadas. Além disso, todos os sótãos são iguais; basta ver um para conhecer todos — respondeu Bart, lançando-me um rápido sorriso malicioso. — E agora, que lhe revelei tanto a meu respeito, fale-me um pouco de você. Onde nasceu? Que escolas freqüentou? O que a levou a escolher o balé? E por que razão jamais compareceu a um daqueles bailes que os Foxworth costumam promover na noite de Natal?

Suei, embora sentisse frio.

— Por que eu lhe contaria tudo a meu respeito? Só porque ficou aí sentado, revelando-me um pouco de sua vida? Não me contou nada de importante. Onde você nasceu? Por que resolveu estudar direito? Como conheceu sua esposa? No verão ou no inverno, de que ano? Sabia que ela já fora casada, ou ela só lhe contou depois de casar-se com você?

— Você é bem abelhuda, hem? Que diferença faz onde nasci? Não tive uma vida excitante como a sua. Nasci numa insignificante cidadezinha do interior, chamada Greenglenna, na Carolina do Sul. A Guerra Civil pôs um ponto final nos dias de prosperidade de meus ancestrais e a família escorregou por uma rampa descendente, como todos os nossos amigos. Mas trata-se de uma velha estória, repetida milhares de vezes. Então casei-me com uma dama da família Foxworth e a prosperidade voltou a reinar no Sul. Minha esposa pegou a casa de meus antepassados e praticamente reconstruiu-a e redecorou-a, gastando muito mais do que se comprasse uma casa nova. E o que fiz durante todo esse tempo? Um dos primeiros alunos de sua turma na Universidade Harvard, percorrendo o mundo com a esposa. Aproveitei muito pouco minha formação profissional: tornei-me uma borboleta da alta sociedade. Defendi alguns casos no tribunal e ajudei você a cobrar o seguro de vida de seu marido. A propósito, você nunca me pagou os honorários que eu tinha em mente.

— Enviei-lhe pelo correio um cheque de duzentos dólares! — protestei acaloradamente. — Se não for suficiente, faça-me o favor de não dizer agora; não tenho mais duzentos para dar-lhe.

— Por acaso falei em dinheiro? Dinheiro pouco significa para mim, agora que tenho tanto à minha disposição. Em seu caso particular, eu tinha em mente outro tipo de honorários.

— Ora, pare com isso, Bart Winslow! Trouxe-me para o meio do mato. Pretende, agora, fazer amor comigo no capim? Será a grande ambição de sua vida fazer amor com uma ex-bailarina? Não distribuo sexo a esmo e não costumo pagar minhas dívidas dessa maneira. E o que tem você de tão atraente: um cãozinho de estimação de uma mulher mimada, bajulada e milionária que pode comprar tudo o que deseja, inclusive um marido muito mais moço que ela? Ora, é mesmo espantoso que ela não lhe tenha passado uma argola pelo nariz, para levá-lo aonde quiser e obrigá-lo a sentar-se para implorar tudo o que quer!

Então, Bart agarrou-me com força e brutalidade, espremendo os lábios contra os meus com uma violência que me doeu! Tentei resistir-lhe com os punhos, esmurçando-lhe os braços e tentando virar o rosto para o lado, mas, para onde quer que voltasse a cabeça, para a direita ou esquerda, para cima ou para baixo, ele prosseguiu o beijo, exigindo que meus lábios se entreabrissem para cederem à pressão de sua língua! Compreendendo que não poderia escapar aos braços de aço que me envolviam, moldando meu corpo ao seu, contra a minha vontade, abracei-lhe o pescoço. Meus dedos descontrolados traíram-me, enfiando-se em seus bastos cabelos escuros. O beijo durou, durou, durou muito, até ficarmos ambos acalorados e ofegantes e, então, Bart afastou-me de si com tanta violência que quase caí do banco.

— Bem, pequena Srta. Pedante... que tipo de cãozinho de estimação me julga agora? Ou Chapeuzinho Vermelho acaba de encontrar o Lobo Mau?

— Leve-me para casa.

— Vou levá-la para casa, mas só depois de aproveitar mais um pouco o que você acaba de me dar.

Avançou para abraçar-me outra vez, mas levantei-me e corri em direção ao carro, a fim de alcançar minha bolsa para que, quando ele lá chegasse, eu estivesse armada com minha tesourinha de unhas, pronta para cravá-la nele. Bart chegou, sorriu, estendeu a mão e tirou-me a tesoura.

— Isso pode causar um feio arranhão — zombou. — E não gosto de arranhões, exceto quando feitos por unhas femininas nas minhas costas. Quando você saltar do carro à porta de casa, devolver-lhe-ei a tesourinha.

Diante do meu chalé, ele me devolveu a tesoura.

— Agora, faça o pior que puder: fure-me os olhos, apunhale-me no coração... Será melhor assim. Aquele beijo já começou, mas ainda exigirei o pagamento total de meus honorários.

Segurar um tigre pelo rabo

Alguns dias depois, num domingo de manhã cedo, eu fazia exercícios de aquecimento na barra em meu quarto. Meu filhinho tentava entusiasticamente imitar tudo o que eu fazia. Era tão gostoso observá-lo pelo espelho que eu mudara da penteadeira para a barra!

— Estou dançando? — indagou Jory.

— Sim, Jory. Você está dançando!

— Sou bom bailarino?

— Sim, Jory. Você é maravilhoso!

Jory riu, abraçou-me as pernas e fitou-me com aquela expressão de entusiasmo e êxtase de que só as crianças pequenas são capazes: seus olhos exprimiam todo o encanto de estar vivo e aprender algo novo todos os dias.

— Eu amo você, mamãe! — disse, como costumávamos dizer um ao outro mais de uma dúzia de vezes por dia. — Mary tem um papai. Por que não tenho um papai?

Aquilo me doeu.

— Você tinha um papai, Jory, mas ele foi embora para o céu. E talvez algum dia Mamãe encontre um novo papai para você.

Ele sorriu, satisfeito. Os papais eram importantes no seu mundo, pois todas as crianças da escola maternal tinham um; todas menos Jory.

Naquele instante escutei a porta da frente fechar-se com estrondo e uma voz familiar chamou meu nome. Chris! Meu irmão andou através do pequeno chalé e me apressei a ir ao seu encontro em minhas malhas azuis e sapatilhas de balé. Nossos olhares se cruzaram demoradamente. Sem dizer uma palavra, Chris estendeu os braços e corri para ele sem a menor hesitação. Embora ele procurasse beijar-me os lábios, só conseguiu encontrar-me o rosto. Jory puxava-lhe as calças de flanela cinzenta, ansioso por ser acolhido nos braços fortes e másculos.

— Como está o meu Jory? — indagou Chris, após beijar-lhe ambas as bochechas rosadas.

Os olhos de meu filho se esbugalharam ao fitar Chris.

— Você é meu papai, Tio Chris?

— Não — replicou severamente Chris, recolocando Jory no chão. — Mas certamente gostaria de ter um filho como você.

Aquelas palavras provocaram em mim um movimento nervoso. Virei-me para o outro lado, a fim de evitar que Chris me visse os olhos. Então, perguntei-lhe o que estava fazendo em minha casa quando devia cuidar de seus pacientes.

— Tirei folga no fim-de-semana, a fim de passá-lo com você; isto é, se me permitir.

Meneei levemente a cabeça, pensando em outra pessoa que também deveria vir naquele fim-de-semana.

— Fui o melhor médico residente no hospital e, como recompensa, ganhei um fim de semana de folga — explicou ele, com o mais cativante dos sorrisos.

— Tem recebido notícias de Paul? — indaguei. — Ele não tem vindo com a antiga frequência e também não escreve muito.

— Viajou para outro congresso médico. Julguei que sempre se mantivesse em contato com você.

Colocou uma ligeira ênfase na palavra “você”.

— Chris, estou preocupada com Paul. Antes ele fazia questão de responder cada uma de minhas cartas.

Meu irmão riu, deixando-se cair numa poltrona e pegando Jory no colo.

— Talvez, minha querida irmã, você tenha encontrado finalmente um homem capaz de deixar de amá-la.

Fiquei sem saber o que dizer ou o que fazer com as mãos. Sentei-me com o olhar fixo no chão, sentindo os penetrantes olhos de Chris procurarem ler-me os pensamentos.

— Cathy, o que faz você aqui nas montanhas? Que anda planejando? Tenciona roubar Bart Winslow de nossa mãe?

Levantei vivamente a cabeça, enfrentando-lhe os semicerrados olhos azuis e sentindo a onda de calor que me subia do coração.

— Não me interrogue como se eu fosse uma desmiolada criança de dez anos. Farei o que preciso fazer, exatamente como você.

— Claro que fará. Eu nem precisava perguntar, pois já sei. Não é preciso uma bola de cristal para ler suas intenções. Sei como você funciona e o que pensa, mas deixe Bart Winslow em paz! Ele nunca a deixará em troca de você! Ela possui milhões de dólares e você tem apenas juventude. Existem milhares de mulheres mais moças entre as quais ele pode escolher à vontade; por que haveria de escolher você?

Não respondi, limitando-me a enfrentar-lhe o rosto carrancudo com um sorriso confiante, obrigando-o a corar e desviar o rosto para o lado. Senti-me mesquinha, cruel e envergonhada.

— Não vamos brigar, Chris. Sejam amigos e aliados. De quatro, restamos apenas nós dois.

Seus olhos azuis assumiram uma expressão mais suave ao me estudarem.

— Eu estava apenas tentando, como sempre — disse ele, olhando em volta e tornando a encarar-me. — No hospital, divido um quarto com outro residente. Seria ótimo poder morar aqui, com você e Jory. Só nós, como outrora.

Empertiguei-me ante a sugestão.

— Você teria que fazer uma longa viagem todas as manhãs e não estaria disponível no hospital em caso de urgência.

— Eu sei... e nos fins-de-semana? Tenho folga em fins-de-semana alternados. Isto a incomodaria muito?

— Sim, incomodar-me-ia demais. Tenho minha própria vida, Christopher.

Observei-o morder o lábio inferior antes de forçar um sorriso.

— Está certo. Seja como você prefere... ou acha que deve ser. Peço a Deus que não se arrependa.

— Quer fazer o favor de mudar de assunto? — repliquei sorrindo, aproximando-me para abraçá-lo. — Seja bonzinho e aceite-me como sou; obstinada como Carrie. Agora, o que gostaria de almoçar?

— Ainda não tomei o café da manhã.

— Então, faremos uma só refeição que valerá pelas duas.

Daí em diante, o dia passou depressa. Chris sentou-se à mesa pronto para comer o omelete de queijo de que tanto gostava. Jory, graças a Deus, comia de tudo. A despeito de mim mesma, imaginei Chris como um pai para Jory. Parecia-me tão bom tê-lo à mesa, como costumava acontecer antes... quando ele e eu fazíamos papel de pais. Fazendo o melhor possível, tudo o que estava ao nosso alcance quando éramos apenas crianças, também.

Após a refeição, passeamos pelos bosques, percorrendo as trilhas que eu utilizava em minhas corridas diárias. Jory foi montado nos ombros de Chris. Observamos o mundo nas redondezas de Foxworth Hall e todos os lugares que não conseguíamos avistar quando estávamos no telhado ou trancados no quarto. Paramos juntos, a fim de olharmos para a imensa mansão.

— Mamãe está lá? — indagou Chris, com voz embargada.

— Não. Ouvi dizer que se encontra no Texas, num daqueles balneários para tratamento de beleza freqüentados por mulheres muito ricas, tentando perder um excesso de sete ou oito quilos.

Alertado, ele virou vivamente a cabeça.

— Quem lhe contou?

— Quem você julga que foi?

Chris sacudiu violentamente a cabeça. Em seguida, ergueu Jory dos ombros, pousando-o no chão.

— Maldita seja, Cathy, por envolver-se com ele! Eu o conheço de vista. É perigoso, afaste-se dele. Volte para Paul e case-se com ele, se tem necessidade de um homem em sua vida. Deixe nossa mãe levar a vida dela em paz. Não me diga que não acredita que ela está sofrendo! Julga que ela pode ser feliz sabendo o que fez? Nem todo dinheiro deste mundo poderá devolver o que ela perdeu: nós! Que isto seja vingança suficiente, Cathy.

— Não é suficiente. Quero confrontá-la com a verdade, diante de Bart. E você pode ficar aqui cem anos, ajoelhar-se e implorar até que sua língua role pelo chão, mas irei em frente e farei o que preciso fazer!

Quando Chris ficou em meu chalé, dormiu no quarto que fora de Carrie. Conversávamos muito pouco, embora ele me observasse os mínimos movimentos. Parecia exausto, confuso... e, acima de tudo, magoado. Tive vontade de dizer-lhe que, ao terminar o

que tinha que fazer, eu voltaria para Paul e levaria uma vida segura com ele, dando a Jory o pai que precisava. Mas permaneci calada.

As noites nas montanhas eram frias, mesmo em setembro, quando os dias ainda eram quentes. Naquele sótão, quase nos derretíamos com o calor abrasador e creio que ambos nos lembrávamos disto sentados diante da lareira na noite em que Chris tinha que partir. Meu filho já estava na cama havia horas quando me ergui da poltrona, bocejei, espreguicei-me e olhei para o relógio sobre o aparador da lareira, que marcava onze horas.

— Já é hora de dormir, Chris. Especialmente para você, que precisa acordar tão cedo amanhã.

Sem falar, ele me acompanhou ao quarto de Jory, onde olhamos para o menino adormecido, deitado de lado, os cachos escuros úmidos e o rosto corado. Abraçava um cavalinho macio e peludo semelhante ao que desejava ganhar, de verdade, quando completasse quatro anos.

— Quando está dormindo, ele se parece mais com você do que com Julian — sussurrou Chris.

Paul dissera o mesmo.

— Boa-noite, Christopher Doll — disse eu ao pararmos junto à porta do quarto de Carrie. — Durma bem e não seja mordido pelos percevejos.

Aquelas palavras lhe provocaram uma careta de dor. Dando-me as costas, abriu a porta do quarto. Em seguida, deu meia-volta para encarar-me.

— Era assim que costumávamos dizer boa-noite quando dormíamos no mesmo quarto — comentou.

Então tornou a virar-se e fechou a porta atrás de si.

Quando acordei, às sete horas, Chris já se fora. Chorei um pouco. Jory fitou-me com os olhos muito abertos de espanto.

— Mamãe... — indagou, amedrontado.

— Tudo bem, Jory. Mamãe sente saudades de seu tio Chris. E Mamãe não irá trabalhar hoje.

Por que iria? Apenas três alunas compareceriam e eu poderia ensinar tudo no dia seguinte, quando a turma inteira estivesse reunida. Meus planos caminhavam devagar demais. A fim de acelerá-los, pedi a Emma que viesse tomar conta de Jory enquanto eu corria pelos bosques.

— Não devo demorar mais que uma hora. Deixe-o brincar lá fora até a hora do almoço e, a essa altura, já deverei estar de volta.

Usando um agasalho de ginástica azul-brilhante com as costuras arrematadas com listras brancas, parti correndo pelas trilhas. Desta feita, tomei uma bifurcação à direita, que nunca usara antes, penetrando num pinheiral mais denso. A trilha mal era visível e muito sinuosa, obrigando-me a prestar atenção ao solo, a fim de evitar raízes que me fizessem tropeçar. As árvores de região montanhosa que cresciam entre os pinheiros tinham o brilhante colorido vermelho do outono, destacando-se como labaredas em contraste com o verde-esmeralda dos pinheiros, abetos e *espruces*. Como eu pensava desde criança, o último e apaixonado caso de amor do ano chegava ao fim antes que ele envelhecesse e morresse fatigado pelo frio do inverno...

Alguém corria atrás de mim. Não me virei para olhar. O estalar das folhas mortas era um ruído agradável a meus ouvidos, de modo que aumentei a velocidade, deixando que o vento me soprasse os cabelos soltos enquanto a beleza do dia afastava de mim o sofrimento, o remorso e a vergonha, transformando-os em sombras transparentes que não resistiam à luz do sol.

— Espere, Cathy! — chamou uma forte voz masculina. — Corre depressa demais!

Era Bart Winslow, naturalmente. Como teria de ser, mais cedo ou mais tarde. O destino não me poderia iludir para sempre; minha mãe não podia vencer invariavelmente. Lancei um rápido olhar por cima do ombro e sorri ao vê-lo ofegante, usando um elegante traje de ginástica cor de caramelo, arrematado com listras amarelas e cor de laranja, e tendo punhos, cintura e gola sanfonados. Duas listras verticais, uma amarela e outra laranja, desciam ao longo das costuras laterais das calças. Exatamente o que um ginasta local usaria ao caçar uma mulher no mato.

— Olá, Sr. Winslow — respondi, apertando ainda mais o passo. — Um homem incapaz de alcançar uma mulher não é homem!

Ele aceitou o desafio e imprimiu maior velocidade às pernas compridas; fui obrigada a correr de verdade para manter a dianteira! Eu praticamente voava ao longo da trilha, com os cabelos longos esvoaçando atrás de mim. Os esquilos que catavam nozes pelo chão tinham que fugir às pressas de meu caminho. Ri com o poder que sentia possuir e abri os braços, fazendo uma pirueta, tendo a impressão que dançava meu melhor papel no palco. Então, como se brotasse do solo, uma raiz nodosa pegou-me por baixo da ponta do tênis sujo e caí de bruços. Felizmente, as folhas mortas amaciaram-me a queda. Levantei-me de imediato e continuei a correr, mas o tombo dera a Bart oportunidade de chegar mais perto. Ofegante, engasgando-se, indicando claramente que não tinha resistência para competir comigo a despeito da vantagem que lhe davam as pernas mais compridas, ele gritou:

— Pare de correr, Cathy! Tenha pena de mim! Estou quase morto! Há outros meios de provar a minha masculinidade!

Não tive pena! Pensei: agarre-me se puder, do contrário não chegará perto de mim. Gritei-lhe isso e prossegui a corrida, deleitando-me com minhas robustas pernas de bailarina, os músculos longos e ágeis, o treinamento de dança que me fazia sentir veloz como um raio. Mal tais pensamentos jactanciosos me passaram pela cabeça, torci o joelho, que cedeu sob o peso do corpo, e tornei a cair com o rosto nas folhas mortas. Só que desta vez estava machucada de verdade, sentindo muita dor. Teria sofrido uma fratura? Torcido o tornozelo, esgarçado um tendão outra vez? Dentro de poucos segundos Bart me alcançou, ajoelhando-se a meu lado, virando-me de modo a ver-me o rosto antes de indagar com evidente preocupação:

— Machucou-se? Parece tão pálida... Onde sente dor?

Eu quis responder que, naturalmente, estava bem, pois as bailarinas sabem cair, exceto quando se trata de um tombo inesperado. Entretanto, por que o joelho me doía tanto? Fitei o local dolorido, sentindo-me traída pelo mesmo joelho que sempre me causava problemas, magoando-me de muitas maneiras.

— Foi o maldito joelho. Se bato com o cotovelo na parede do chuveiro, meu joelho direito dói! Quando sinto dor de cabeça, ele também dói, em solidariedade. Uma vez fui obturar um dente e o dentista deixou a broca escapar, cortando-me a gengiva; pois meu joelho direito reagiu imediatamente, esticando-se e desferindo um pontapé na barriga do dentista!

— Está brincando!

— Estou falando sério. Você não tem algo de peculiar sob o ponto de vista físico?

— Nada que eu goste de mencionar.

Ele sorriu, com um brilho de malícia no olhar, depois ajudou-me a ficar em pé. Apalpou-me o joelho com ar de quem sabia o que estava fazendo.

— Tenho a impressão de que se trata de um bom joelho, perfeitamente funcional.

— Como pode saber?

— Meus joelhos também funcionam bem, de modo que posso distinguir só pelo tato. Contudo, se pudesse ver seu joelho, poderia julgar melhor.

— Vá para casa e olhe para os joelhos funcionais de sua esposa.

— Por que se porta de modo tão detestável comigo? — indagou ele, apertando as pálpebras. — Aqui estava eu, feliz por revê-la, e você demonstra tanto antagonismo.

— A dor sempre me causa antagonismo. Não lhe acontece o mesmo?

— Quando sofro, o que é muito raro, mostro-me delicado e humilde. Agindo assim, recebemos mais atenção. E lembre-se de que não fui eu quem lançou o desafio; foi você.

— E você não precisava aceitar. Poderia ter seguido tranquilamente seu caminho, deixando-me seguir o meu.

— Agora, estamos discutindo — disse ele, desapontado. — Você quer brigar quando desejo ser amistoso. Seja boazinha comigo. Diga que se sente alegre por rever-me. Diga-me o quanto fiquei mais bonito desde a última vez em que me viu e como você me acha excitante. Embora não seja capaz de correr como o vento, também tenho minha pequena coleção de truques.

— Aposto que tem.

— Minha esposa continua naquele balneário e faz longos meses que estou sozinho em casa, morto de tédio por morar com uma velha senhora que não consegue falar ou andar, mas dá um jeito de ficar carrancuda sempre que olha para mim. Uma noite encontrava-me tranquilamente sentado em frente à lareira, desejando que alguém das redondezas resolvesse cometer um assassinato, de modo que eu pudesse defender um caso interessante, para variar. É de causar uma frustração deveras desesperadora ser advogado e viver cercado de gente normal e feliz, desprovida de emoções reprimidas que entrem bruscamente em erupção.

— Parabéns, Bart! Tem diante de si uma pessoa cheia de ressentimento agressivo e ódio reprimido que entrará em erupção numa vingança implacável; pode contar com isso!

Bart julgou que eu estivesse pilheriando, brincando de gato-e-rato, num jogo entre homem e mulher, e se ergueu disposto a aceitar o desafio, sem a menor desconfiança quanto ao meu verdadeiro propósito. Olhou-me detidamente, como se despisse meu agasalho de ginástica com os olhos sensuais de um homem ávido de desejo por aquilo que eu lhe podia dar.

— Por que veio morar aqui, perto de mim?

Eu ri.

— Arrogante, hem? Vim tomar posse de uma escola de balé.

— Claro que sim... Tem Nova York e sua cidade natal, que eu não tenho a menor idéia de qual seja, mas veio para cá a fim de aproveitar também os esportes de inverno?

Seu olhar insinuava o tipo de “esporte caseiro” que ele tinha em mente, caso eu também quisesse.

— Sim, gosto de todas as espécies de esportes, dentro de casa e ao ar livre — respondi com ar inocente.

Ele soltou uma risadinha confiante, presumindo, como todos os homens cheios de convencimento, que já marcara um tento no único jogo íntimo que um homem realmente deseja fazer com uma mulher.

— A tal velha que não consegue falar pode movimentar-se pela casa? — indaguei.

— Um pouco. Minha sogra tenta falar, mas as sílabas saem misturadas e ininteligíveis para qualquer pessoa exceto minha mulher.

— E você a deixa sozinha... É seguro?

— Não fica sozinha. Tem uma enfermeira particular de plantão a seu lado o tempo todo, além de uma equipe de empregados — respondeu ele, franzindo a testa como se minhas perguntas não lhe agradassem; não obstante, insisti:

— Então por que permanece aqui e não trata de ir divertir-se longe de casa enquanto a gata não volta?

— Às vezes, você parece uma megera. Embora eu jamais tenha gostado de minha sogra, tenho pena de vê-la no estado atual. E, meramente por pertencer à natureza humana,

não confio que os empregados lhe dispensem os cuidados necessários se não houver um membro da família para verificar o que eles fazem para proporcionar maior conforto à enferma. Minha sogra é inválida: não pode levantar-se da cadeira de rodas sem ser ajudada nem sair da cama sem que alguém a carregue. Portanto, até que minha mulher volte para casa, estou encarregado de verificar que a Sra. Malcolm Foxworth não seja maltratada, negligenciada ou roubada.

Uma curiosidade avassaladora me invadiu. Quis saber o nome da avó, pois nunca o escutara.

— Você a chama de Sra. Foxworth?

Bart não entendia meu interesse por uma velha inválida e tentou desviar o assunto, mas persisti.

— Chamo-a de Olívia! — replicou afinal, lacônico. — Logo que me casei, evitava dirigir-lhe a palavra e tentava esquecer-lhe a existência. Agora, trato-a pelo nome de batismo; creio que isto lhe dá satisfação, mas não posso ter certeza. Seu rosto parece feito de pedra, fixo numa expressão fria como gelo.

Pude imaginar a avó imóvel, a não ser pelos olhos duros e malvados, cinzentos como granito. Bart já me dissera tudo o que eu queria saber. Agora, eu podia estabelecer os planos definitivos, tão logo tivesse mais uma pequena informação:

— Quando voltará sua esposa?

— Por que quer saber?

— Fico muito solitária, Bart... Depois que Emma, a babá, vai para casa, tenho apenas a companhia de meu filhinho. Portanto... imaginei que talvez uma noite você poderia gostar de jantar comigo...

— Irei hoje — replicou ele de imediato, os olhos escuros faiscando.

— Nosso horário gira em torno do menino. No verão, jantamos por volta de cinco e meia, mas agora que os dias são mais curtos, nosso horário de jantar é às cinco.

— Ótimo. Dê o jantar a seu filho às cinco horas e ponha-o na cama. Chegarei às sete e meia para um drinque. Depois do jantar poderemos conhecer-nos melhor.

Fiquei pensativa e ele me encarou com solene intensidade, como cabia bem a um bom advogado. Então, porque o olhar que trocamos foi muito demorado, ambos rimos simultaneamente.

— A propósito, Sr. Winslow, se atravessar o bosque nos fundos de sua casa, poderá chegar ao meu chalé sem que alguém o veja. A menos, é claro, que faça questão de mostrar-se.

Bart ergueu a mão espalmada e meneou a cabeça, como se arquitetássemos uma conspiração.

— A senha é descrição, Srta. Dahl.

A aranha e a mosca

A campainha da porta soou exatamente às sete e meia, acionada por um dedo impaciente e obrigando-me a correr para evitar que Jory acordasse. Meu filho detestava ir para a cama tão cedo. Eu me esforçara para apresentar-me com a melhor aparência possível e Bart procedera da mesma forma. Entrou como se já fosse o dono da casa e de mim, deixando atrás de si um perfume de loção de barba com aroma de pinho silvestre. Tinha os cabelos meticulosamente penteados, cada fio no devido lugar, o que fez imaginar que talvez já apresentasse os primeiros sinais de calvície... o que eu descobriria por mim mesma, mais cedo ou mais tarde. Tomei-lhe o casaco e pendurei-o no armário embutido no vestibulo. Em seguida, fui ao bar, onde me ocupei com a preparação das bebidas, enquanto Bart se sentava diante do fogo que ardia na lareira (nada fora esquecido; até o som de música suave enchia o

ambiente). A essa altura, eu já conhecia o suficiente os homens e as maneiras de melhor agradá-los. Não existia homem no mundo que não se deixasse encantar com a proximidade física de uma mulher bonita ansiosa por servi-lo, mimá-lo, jantar e tomar vinho com ele.

— Qual é sua fraqueza, Bart?

— Uísque.

— Com gelo?

— Puro.

Bart observava-me cada movimento, que era deliberadamente gracioso e eficiente. Então, dando-lhe as costas, preparei para mim um leve coquetel de frutas, adicionando uma pequena dose de vodca. E, com os dois pequenos copos de pés curtos numa bandeja de prata, encaminhei-me sedutoramente para ele, debruçando-me a fim de exhibir-lhe o atraente colo sem *soutien*. Sentei-me em frente a Bart, cruzando as pernas para permitir que a comprida abertura lateral de meu vestido cor-de-rosa se abrisse e deixasse à mostra minha perna, desde a sandália prateada até a metade da coxa. Bart não conseguiu despregar os olhos de minha carne.

— Desculpe-me quanto aos copos — disse eu num tom suave, satisfeita com a expressão de seu rosto. — Não tenho lugar neste chalé para desencaixotar todas as minhas coisas. A maior parte dos cristais continua guardada e só tenho aqui copos para vinho e água.

— Uísque é uísque, não importa como seja servido. O que está tomando?

A essa altura, seu olhar passara para o pronunciado decote em V do meu vestido.

— Bem, é feito com laranja recém-espremida, um pouco de suco de limão, uma dose de vodca e um pouco de leite de coco. Adiciona-se uma cereja para ter-se o prazer de pescá-la depois. Batizei-o de “Deleite de Donzela”.

Após conversarmos alguns minutos, encaminhamo-nos à mesa de jantar arrumada não muito longe da lareira, a fim de jantarmos à luz de velas. A intervalos, Bart deixava cair a colher ou o garfo; ambos nos curvávamos para pegar o talher e, rindo, verificávamos quem era o mais rápido. Ganhei dele todas as vezes. Bart estava por demais distraído para localizar uma colher ou um garfo no chão, quando tinha diante dos olhos um decote que se abria com tanta generosidade.

— A galinha está deliciosa — declarou, após demolir em dez minutos o resultado de um trabalho insano de cinco horas. — Em geral, não gosto de galinha... Onde aprendeu a preparar este prato?

Respondi a verdade:

— Uma bailarina russa me ensinou, quando veio fazer uma temporada nesta região e nos tornamos amigas. Ela e o marido se hospedaram com Julian e eu. Cozinhá-vamos juntas sempre que não estávamos dançando, passeando ou fazendo compras. Era preciso quatro galinhas para satisfazer o apetite de quatro pessoas. Agora, você já conhece a feia verdade sobre as bailarinas: em questão de comida, nada temos de delicadas ou elegantes. Isto é, após um espetáculo. Antes de nos apresentarmos no palco, temos que comer muito pouco.

Ele sorriu, debruçando-se sobre a pequena mesa console. A luz das velas refletia-se em seus olhos, fazendo-os brilhar diabolicamente.

— Cathy, diga-me francamente por que motivo veio morar nesta cidadezinha caipira e está tão decidida a ter-me como amante?

— Não comece a imaginar coisa, homem convencido — repliquei no meu tom mais altaneiro.

Imaginava-me muito bem sucedida em aparentar frieza exterior quando, interiormente, sentia um emaranhado de emoções conflitantes. Era como o nervosismo de uma bailarina esperando nas coxias o momento de enfrentar o público numa noite de estréia. E aquela seria a apresentação mais importante da minha vida. Então, como num passe de mágica, senti-me no palco. Não precisei pensar em como deveria agir ou no que precisava dizer para encantá-lo

e conquistá-lo para sempre. O roteiro fora escrito há muitos anos, quando eu ainda era uma menina-moça de quinze anos, trancada num quarto. Sim, Mamãe, chegou a hora de iniciar o primeiro ato! Uma peça escrita com perícia por um autor que conhecia Bart muito bem, por causa das respostas que ele dera a tantas perguntas. Como poderia eu fracassar?

Após o jantar, desafiei Bart para uma partida de xadrez e ele aceitou. Apressei-me em trazer o tabuleiro tão logo terminei de tirar a mesa e empilhar a louça na pia. Começamos a arrumar os dois exércitos de guerreiros medievais.

— Exatamente o motivo pelo qual vim aqui: jogar xadrez! — exclamou Bart, lançando-me um olhar duro. — Tomei banho, fiz a barba, vesti meu melhor terno... para jogar xadrez!

Em seguida, exibiu um sorriso atraente, devastador.

— Se eu ganhar... qual a recompensa?

— Uma segunda partida.

— Quando eu ganhar a segunda partida... qual será a recompensa?

— Se você ganhar duas partidas, jogaremos a “negra”. E não fique aí, sorrindo com tanta confiança. Quem me ensinou a jogar foi um mestre.

Chris, é claro.

— Depois que eu ganhar a “negra”... qual a recompensa? — insistiu Bart.

— Poderá voltar para casa e dormir muito satisfeito consigo mesmo.

Com estudada deliberação, ele pegou o tabuleiro e o colocou em cima da geladeira, tendo o cuidado de equilibrar as peças esculpidas em marfim. Tomando-me pela mão, levou-me à sala de visitas.

— Ligue a música, bailarina — disse baixinho. — Vamos dançar. Nada de passos complicados. Alguma coisa fácil e romântica.

Eu só conseguia ouvir música popular no rádio do carro, para alegrar uma viagem longa e solitária; contudo, quando se tratava de gastar meu dinheiro com discos, só comprava música clássica ou de balé. Naquele dia, porém, comprara especialmente um disco intitulado “A Noite Foi Feita para os Namorados”. Enquanto dançávamos na obscuridade da sala de visitas iluminada apenas pelo fogo da lareira, lembrei-me do sótão empoeirado e de Chris.

— Por que está chorando, Cathy? — indagou Bart suavemente.

Então, fez-me virar a cabeça, de modo que ficou com o rosto molhado por minhas lágrimas.

— Não sei... — soluzei.

E, realmente, não sabia...

— Claro que sabe — replicou Bart, roçando o rosto escanhado no meu, enquanto continuávamos dançando. — Você constitui uma mescla que me deixa intrigado: um pouco de criança, um pouco de mulher sedutora, um pouco de anjo.

Soltei um riso curto e amargo.

— Isso é o que todos os homens gostam de pensar a respeito das mulheres. Garotinhas de quem eles precisam cuidar, quando sei que, na verdade, é o sexo masculino que é mais menino que adulto.

— Então, diga “alô” ao primeiro homem adulto em sua vida.

— Você não é o primeiro homem arrogante e convencido que encontrei.

— Mas serei o último e o mais importante; aquele que você jamais esquecerá.

Oh! Chris estava certo: com Bart, eu fora além de minhas possibilidades.

— Cathy, julga realmente que conseguiria chantagear minha mulher?

— Não, mas resolvi tentar. Sou idiota! Espero demais e, depois, fico furiosa porque nada acontece do modo que planejei. Quando eu era jovem, cheia de esperanças e aspirações, não imaginava que me magoaria com tanta frequência. Creio que me tornarei empedernida e deixarei de magoar-me; então minha frágil proteção se esfacela e, mais uma vez,

simbolicamente, meu sangue escorre com as lágrimas que derramo. Torno a recompor-me, prossigo, convenço-me de que existe uma razão para tudo, que me será revelada em algum ponto de minha vida. E quando consigo alguma coisa que desejo, espero em Deus que dure o bastante para me permitir saber que a possuo, que não sofra ao perdê-la, pois já não acredito que dure muito tempo, pelo menos atualmente. Sou como uma rosca, sempre sendo furada no centro; e vivo à procura do pedaço que ficou faltando. E tudo continua assim, nunca terminando, apenas começando...

— Não está sendo honesta consigo mesma — declarou suavemente Bart. — Sabe melhor que ninguém onde está o pedaço que ficou faltando. Do contrário, eu não estaria aqui, agora.

Sua voz foi tão suave e sedutora que apoiei a cabeça em seu ombro enquanto continuamos a dançar.

— Engana-se, Bart, pois não sei por que motivo você está aqui. Não sei como encher os meus dias. Vivo quando estou dando aulas de balé ou fico na companhia de meu filho. Entretanto, quando ele vai dormir e estou sozinha, não sei o que fazer de mim mesma. Sei que Jory precisa de um pai e quando me recordo do pai dele compreendo que sempre consegui fazer a coisa errada. Li as críticas que falam com tanto entusiasmo de meu potencial como grande bailarina... na minha vida pessoal, porém, só cometi erros que anulam tudo o que realizei profissionalmente.

Parei de mexer os pés e funguei, tentando ocultar o rosto, mas Bart obrigou-me a erguer a cabeça, enxugou-me as lágrimas e ofereceu-me o lenço para assoar o nariz.

Então veio o silêncio. Um prolongado, infundável silêncio. Nossos olhares se encontraram demoradamente e o coração começou a bater-me mais depressa.

— Todos os seus problemas são muito simples, Cathy — começou Bart. — Só precisa de alguém como eu, que necessita de alguém como você. Se Jory precisa de um pai, eu necessito de um filho. Está vendo como todas as coisas complicadas podem resolver-se com facilidade?

Com facilidade demais, refleti, quando ele era casado e eu possuía uma dose suficiente de cinismo e discernimento para saber que ele não poderia gostar o bastante de mim.

— Você tem uma esposa a quem ama — repliquei amargurada.

Afastei-o bruscamente de mim. Não desejava conquistá-lo com tanta facilidade, mas só depois de longas e difíceis batalhas contra minha mãe. E esta não estava presente para tomar conhecimento dos fatos.

— Os homens também mentem — declarou Bart incisivamente, perdendo parte do entusiasmo que lhe faiscara nos olhos. — Tenho uma esposa e, ocasionalmente, dormimos juntos, mas o fogo se apagou. Não a conheço. E não acredito que alguém realmente a conheça. Ela é uma trouxinha de segredos, bem amarrada, e não me permite verificar o que há lá dentro. Isso já durou tanto tempo que nem desejo mais ter acesso, agora. Ela que fique com seus segredos e lágrimas, que se morda interiormente com as suas ansiedades, ou seja lá o que a faz acordar no meio da noite para olhar aquele maldito álbum de capa azul! Agora, está com excesso de peso e me escreveu que fez plástica no rosto; afirma que nem a conhecerei quando ela voltar, como se eu realmente a conhecesse!

Entrei em pânico! Ele precisava gostar dela! Como poderia eu desfazer um casamento que já se esfacelava? Tinha necessidade de sentir que conseguira meu intento contra probabilidades esmagadoras!

— Vá para casa! — bradei, empurrando Bart. — Saia de minha casa! Não o conheço bastante para escutar-lhe os problemas pessoais... e não acredito em você! Não confio em você!

Ele riu, zombando de mim, excitado por meus ridículos esforços para empurrá-lo. Sua libido inflamou-se... Chamejava-lhe nos olhos quando me agarrou os antebraços, puxando-me com força de encontro a si.

— Agora pare com isso! Veja de que modo está vestida. Convidou-me para jantar por um motivo. Portanto, aqui estou, disposto e pronto para ser seduzido. Seduziu-me na primeira vez em que a vi e, por Deus, tenho a impressão de conhecê-la a muito mais tempo do que na verdade a conheço. Ninguém joga comigo e interrompe a partida para declarar um empate. Um dos dois ganha o jogo. Entretanto, se formos juntos para a cama, talvez acordemos na manhã seguinte e verifiquemos que saímos ambos vencedores.

As luzes vermelhas de advertência começaram a piscar. Pare! Resista! Lute! Mas não fiz nada disto. Esmurrei-lhe o peito com pequenos punhos ineficazes enquanto ele ria, erguendo-me e carregando-me sobre o ombro. Usou uma das mãos para prender-me as pernas e evitar que esperneasse. Com a mão livre, apagou as luzes. No escuro, enquanto eu ainda lhe esmurrava as costas, carregou-me até meu quarto e jogou-me em cima da colcha que cobria a cama. Lutei para levantar-me, mas ele avançou rápido! Houve uma oportunidade para usar o joelho que eu mantinha preparado. Sentindo que minha agilidade de bailarina poderia derrotá-lo, Bart jogou-se para a frente, pegando-me pela cintura, de modo que rolamos ambos para o chão! Abri a boca para gritar, mas ele a tampou com uma das mãos. Em seguida, prendeu-me os braços com sua força de aço e sentou-se nas pernas que eu utilizava para tentar libertar-me.

— Cathy, minha linda sedutora, teve tanto trabalho! Seduziu-me há muito tempo, bailarina. Agora, será minha até uma semana antes do Natal. Então minha mulher voltará para casa e não precisarei mais de você.

Afastou a mão de minha boca e pensei em gritar. Todavia, limitei-me a vociferar:

— Pelo menos, eu não precisei comprá-lo com os milhões de meu pai!

Aquilo foi a gota que fez o vaso transbordar. Bart esmagou brutalmente os lábios contra os meus antes que me percebesse do que acontecia. Não era exatamente o que eu desejava! Queria tentá-lo, inflamá-lo, obrigá-lo a perseguir-me e, ceder apenas depois de uma longa e árdua caçada a que minha mãe pudesse assistir e sofrer, sabendo que nada poderia dizer em protesto, do contrário eu daria com a língua nos dentes! Não obstante, Bart possuía-me sem usar o coração, de forma tão brutal quanto Julian em seus piores momentos! Agia como um selvagem. Movimentava-se para penetrar-me, até mesmo enquanto suas mãos rasgavam em pedaços meu colante vestido cor-de-rosa. A essa altura, fiquei apenas com a meia-calça, que ele puxou por minhas pernas abaixo, de modo que as sandálias prateadas me saíram dos pés e ficaram presas dentro da peça de roupa.

Com os lábios ainda brutalmente espremidos contra os meus, Bart guiou-me a mão até o fecho de suas calças, apertando-me os dedos até estalarem. Ou eu lhe abria o fecho ou ele me quebrava os dedos! Jamais entenderei como ele conseguiu livrar-se de suas roupas ao mesmo tempo em que me prendia, nua, sob o peso de seu corpo. Quando ficou despido, usando apenas as meias, continuei a debater-me, retorcer-me, dar-lhe cabeçadas e tentando arranhar ou morder, mas ele me beijava, acariciava, explorava-me o corpo. Por várias vezes, tive oportunidade de gritar, mas também ofegava, forçando o corpo para cima a fim de livrar-me. Contudo, Bart interpretou o movimento como um arquear convidativo de minha espinha. Penetrou-me, satisfez-se com demasiada rapidez e afastou-se antes que eu tivesse algum prazer!

— Suma daqui!— berrei. — Vou chamar a polícia! Mandarei prendê-lo, sob acusação de agressão e estupro!

Bart riu desdenhosamente, deu-me um beliscão brincalhão no queixo e depois colocou-se de pé para vestir-se.

— Oh! — disse, zombeteiro, imitando minha voz. — Estou tremendo de medo!

Em seguida, assumiu uma atitude séria.

— Não se sente feliz, não é mesmo? A coisa não funcionou como você queria. Não faz mal, porém; estarei de volta amanhã à noite e então talvez você consiga agradar-me o suficiente para que eu resolva demorar o bastante para satisfazê-la.

— Tenho uma arma! — (era mentira). — Se você ousar apresentar-se outra vez nesta casa, é um homem morto! Aliás, nem mesmo é um homem; não passa de um brutamontes, mais animal que humano!

— Minha esposa diz freqüentemente o mesmo — respondeu ele, com ar indiferente, fechando desavergonhadamente a braguilha, sem ter a decência de ao menos virar-se de costas para mim. — Mas ela gosta, exatamente como você gostou. Amanhã, prepare o bife à Wellington com uma salada mista; e *mousse* de chocolate para sobremesa. Se me der muitas calorias, poderei queimá-las da maneira mais agradável possível e não me refiro a correr pelos bosques...

Sorriu, bateu-me uma continência, deu uma perfeita meia-volta ao estilo militar e depois parou junto à porta. Sentei-me no chão e procurei cobrir os seios com o que restava de meu vestido rasgado.

— Amanhã, à mesma hora. E passarei a noite aqui... isto é, se você me tratar bem.

Saiu, batendo a porta da frente com força. Ao diabo com ele! Comecei a chorar, mas não foi por pena de mim. Era uma frustração tão intensa que eu seria capaz de esquartejar Bart aos pouquinhos! Bife à Wellington! Eu temperaria a carne com arsênico!

Um som leve e tímido veio do lado de fora da porta do quarto.

— Mamãe... estou com medo... Você está chorando, Mamãe?

Vesti rapidamente um roupão e mandei Jory entrar, aninhando-o em meus braços.

— Querido... querido, Mamãe está bem. Você teve um pesadelo. Mamãe não está chorando... veja só!

Eu enxugara as lágrimas, pois iria à forra!

Três dúzias de rosas vermelhas chegaram quando Jory e eu tomávamos o café da manhã. Do tipo de talo comprido, vinham numa embalagem da loja de flores. Um cartãozinho dizia:

“Envio-lhe um grande buquê de rosas: Uma para cada noite em que será dona de meu coração”.

Sem assinatura. E que diabo faria eu com três dúzias de rosas numa casa tão pequena que parecia feita para bonecas? Não podia enviá-las a uma enfermaria infantil, pois o hospital mais próximo ficava a muitos quilômetros de distância. Jory tomou a decisão por mim:

— Oh! Mamãe, que beleza! Rosas do Tio Paul!

Por causa de Jory, fiquei com as rosas em vez de jogá-las fora. Arrumei-as em muitas jaras que espalhei pela casa inteira. Jory adorou; quando o levei comigo para a escola de balé, fez questão de dizer a todos os meus alunos que sua casa estava cheia de rosas até mesmo no banheiro.

Depois do almoço, levei Jory de carro à escola maternal que ele tanto adorava. Era um estabelecimento que usava o método Montessori, inspirando-o a querer aprender através de apelos aos seus sentidos. Já era capaz de escrever o próprio nome em letras de forma e tinha apenas três anos! Eu dizia com meus botões que Jory era como Chris: bonito, de uma inteligência brilhante, cheio de talento. Oh! O meu Jory tinha tudo, menos um pai. Seus brilhantes olhos castanhos irradiavam a inteligência e rapidez de raciocínio de alguém que teria toda uma vida de curiosidade a respeito de tudo.

— Jory, eu o amo.

— Eu sei, Mamãe — respondeu ele, acenando quando me afastei no carro.

Fui esperá-lo à saída da escola. Jory tinha o rostinho corado e uma expressão perturbada.

— Mamãe — disse ele, logo que se acomodou a meu lado no carro. — Johnny Stoneman contou que a mãe dele lhe bateu quando ele pegou nela... aí — apontou timidamente para meu seio. — Você não bate quando pego aí.

— Mas você não me pega aqui desde que era bebê e eu o amamentei durante algum tempo.

— Você me batia, naquela época? — indagou ele, parecendo deveras preocupado.

— Não, claro que não. Os bebês costumam mamar nos seios das mães... e eu jamais bateria em você por tocar-me aqui... Portanto, se quer tentar, fique à vontade: vá em frente e pegue.

Jory esticou a mãozinha, hesitante, estudando-me o rosto para verificar se eu ficaria chocada. Oh, como as crianças aprendem depressa os tabus! E quando me tocou o seio sem ser atingido por um raio lançado dos céus, Jory sorriu, muito aliviado.

— Oh, apenas um lugar macio!

Fizera uma descoberta agradável e abraçou-me o pescoço.

— Eu também a amo, Mamãe. Porque você me ama mesmo quando sou mau.

— Eu sempre o amarei, Jory. E se às vezes você for mau, tentarei compreender.

Sim, eu não seria como a avó ou minha mãe. Seria a mãe perfeita e, algum dia, Jory teria também um pai. Como se explicava que crianças, ainda tão pequenas, já falassem em pecado e apanhassem por tocar as próprias mães? Seria por estarem numa região muito elevada, mais perto de Deus que o resto do mundo? Então, todos viviam cheios de medo, sob a influência de Deus, bancando os santinhos do pau oco enquanto cometiam todos os tipos possíveis de pecados? Honra teu pai e tua mãe. Faze com os outros o que farias contigo. Olho por olho... Sim... olho por olho, eis o motivo pelo qual eu ali estava.

A caminho do chalé, parei no posto dos correios para comprar selos e deixei Jory cochilando no banco dianteiro do carro. Ele estava na agência postal, cujas dimensões não excediam as de minha sala de visitas, e também comprava selos. Exibiu-me um sorriso encantador, como se nada desagradável tivesse ocorrido entre nós na noite anterior. Atreveu-se até mesmo a acompanhar-me ao carro, a fim de indagar se eu gostara das rosas.

— Não gosto do seu tipo de rosas — repliquei rispidamente.

Em seguida, entrei pudicamente no carro e bati-lhe a porta na cara. Parti, deixando-o a observar-me, parecendo um tanto triste e desapontado.

Às cinco e meia, um mensageiro especial veio ao chalé entregar um pequeno pacote. A encomenda era registrada, de modo que precisei assinar um recibo. O pacote continha uma caixa, dentro da qual havia outra caixa menor. No interior desta, um estojo de jóias forrado por fora de veludo. Apressei-me a abri-lo sob a atenta observação de Jory, cujos olhos estavam esbugalhados. Sobre o fundo de veludo negro estava uma rosa feita de inúmeros brilhantes. O bilhete no cartão dizia: *“Talvez este tipo de rosas lhe agrade mais”*. Larguei a jóia de lado como uma quinquilharia adquirida com o dinheiro dela; portanto, não constituía um presente dele. Nem as rosas naturais.

Bart teve a ousadia de vir naquela noite, às sete e meia, como prometera. Não obstante, convidei-o a entrar e conduzi-o, calada, à mesa do jantar. Nada de coquetéis ou conversas amáveis. A mesa fora posta com esmero ainda maior que na véspera. Eu abrira alguns caixotes e desempacotara algumas de minhas coisas, de modo que sobre a mesa estavam minha melhor toalha e guardanapos de renda, bem como travessas de prata. Nenhum de nós dois dissera uma palavra. Eu reunira todas as rosas que recebera pela manhã; agora, estavam na caixa ao lado do prato dele. No prato vazio, o estojo de veludo contendo o broche de brilhantes em forma de uma rosa. Sentei-me para observar a expressão de Bart, que colocou de lado com a maior naturalidade o estojo da jóia e afastou de si a caixa com as rosas vermelhas. Em seguida, tirou do bolso do paletó um bilhete dobrado, entregando-o a mim. Escrevera com caligrafia grande e ousada: *“Amo-a por motivos que não têm princípio ou fim.”*

Amei-a antes mesmo de conhecê-la, portanto meu amor não tem motivos ou intenções. Mande-me embora e obedecerei. Saiba porém, antes de mandar-me embora, que relembrarei pelo resto da vida o amor que deveria existir entre nós. E quando estiver rígido e frio numa sepultura, amá-la-ei ainda mais depois de morto”.

Ergui a cabeça para fitá-lo nos olhos pela primeira vez desde que ele chegara.

— Sua poesia tem algo que me é familiar, mas com um toque um pouco estranho.

— Eu a compus há apenas alguns minutos... como é possível que lhe pareça familiar? — disse ele, estendendo a mão para pegar a tampa de prata que, ostensivamente, ocultava o filé à Wellington. — Preveni-a de que sou advogado e não poeta, o que explica o toque um tanto estranho. Poesia não foi minha matéria predileta na escola.

— Isso é evidente — repliquei, muito interessada em sua expressão facial. — Elizabeth Barrett Browning é ótima poetisa, mas certamente você não o é.

— Fiz o possível — admitiu ele com um sorriso travesso, fitando-me os olhos com ar desafiador, antes de voltar a atenção para a grande travessa de prata que continha apenas um cachorro-quente com um pouco de ervilhas em lata frias.

A descrença em seu olhar, sua expressão de ter sofrido um grande choque e ofensa, o ar de desapontamento, tudo isso me causou tanta satisfação que quase cheguei a gostar dele naquele instante.

— Agora você está vendo o cardápio predileto de Jory — declarei em tom de gozação. — É exatamente o mesmo que comemos no jantar desta noite e, desde que suficientemente bom para nós, guardei um pouco para você. E levando em consideração que já jantei, tudo é seu. Sirva-se à vontade.

Carrancudo, Bart lançou-me um olhar duro e faiscante; então deu uma violenta dentada no cachorro-quente, que eu tinha certeza de estar tão frio quanto as ervilhas. Contudo, Bart comeu tudo e tomou seu copo de leite. Como sobremesa, servi-lhe biscoitinhos com formato de animais. Primeiro ele olhou para a caixa com outra expressão de espanto e incredulidade; depois, abriu-a com um puxão, escolheu um biscoito com forma de leão e arrancou-lhe a cabeça numa única dentada. Só quando terminou de comer todos os biscoitos da caixa e catar cada farelo, incomodou-se em me olhar com tanta desaprovação que eu deveria encolher-me até ficar do tamanho de uma formiga.

— Presumo que seja uma dessas desprezíveis mulheres liberadas, que se recusam a fazer qualquer coisa capaz de agradar um homem!

— Engana-se. Sou liberada apenas em relação a alguns homens. Existem outros a quem sou capaz de adorar, idolatrar e servir como uma escrava.

— Você me obrigou a fazer o que fiz! — protestou ele, eloquente. — Acha que planejei tudo daquela maneira? Queria que tivéssemos um relacionamento na base da igualdade. Por que usou aquele tipo de vestido?

— É o tipo preferido por todos os homens chauvinistas!

— Não sou chauvinista e detesto aquele tipo de vestido!

— Gosta mais do que estou usando agora?

Empertiguei-me na cadeira a fim de permitir-lhe ver melhor o velho suéter largo que eu usava com calças jeans desbotadas, tênis sujos, os cabelos puxados para trás e amarrados num coque à moda antiga. Eu soltara propositalmente algumas mechas compridas, deixando-as cair ao longo do rosto, desalinhadas, a fim de tornar-me mais atraente. A ausência de maquilagem embelezava-me o rosto. Bart estava trajado com extrema elegância.

— Ao menos, parece-me honesta e disposta a permitir-me tomar a iniciativa. Se existe algo que desprezo são mulheres que atacam os homens, como você fez ontem. Esperava tudo de você, menos aquela espécie de vestido colante que mostrava tudo, roubando-me a sensação de descobrir por mim mesmo.

Franzindo o cenho, murmurou:

— De um maldito vestido vermelho de prostituta a jeans desbotadas... Em vinte e quatro horas, ela se transformara numa colegial adolescente!

— Não era vermelho, mas cor-de-rosa! Além disso, Bart, homens fortes como você sempre adoram mulheres fracas, passivas e estúpidas, porque eles próprios são tímidos, medrosos e temem uma mulher agressiva!

— Não sou tímido, medroso, ou coisa nenhuma semelhante, mas um homem que gosta de sentir-se másculo e não se deixa usar pelas mulheres. Quanto às mulheres passivas, desprezo-as tanto quanto as agressivas. Simplesmente não me agrada a sensação de ser vítima de uma caçadora que me atrai para uma armadilha. Que diabo está procurando fazer comigo? Envio-lhe rosas, jóias, poemas imitados e você nem mesmo penteia os cabelos ou passa um pouco de pó-de-arroz no rosto!

— Você me está vendo como sou ao natural. E agora que já viu, pode ir embora — repliquei, erguendo-me da mesa, caminhando até a porta de entrada e abrindo-a para ele. — Não servimos um para o outro. Volte para sua mulher. Ela que fique com você, pois eu não o quero.

Bart veio depressa em direção à porta, como se pretendesse sair. Então, tomou-me nos braços e fechou a porta com o pé.

— Eu a amo. Deus é testemunha de que tenho a impressão de sempre a ter amado.

Fitei-lhe o rosto, não acreditando em suas palavras, mesmo quando ele retirou os grampos que me prendiam o cabelo, deixando-o cair naturalmente. Por força de um velho hábito, sacudi a cabeça, balançando-os para que se ajeitassem sozinhos. Com um leve sorriso, Bart fez-me erguer o rosto para o seu.

— Permite-me beijar-lhe os lábios naturais? São muito lindos.

Sem aguardar a permissão, roçou de leve os lábios nos meus. Oh!... que sensação me provocou aquele beijo leve como uma pluma! Por que todos os homens não entendiam que aquele era o modo certo de começar? Que mulher desejaria ser devorada viva, sufocada por uma língua insistente? Eu não; meu desejo era ser tocada como um violino, dedilhada em pianíssimo em andamento largo, depois em legato, passando a um crescendo. Desejava encaminhar-me deleitada às alturas do êxtase que só poderiam ser alcançadas por mim ao escutar as palavras certas e receber o tipo adequado de beijos antes que as mãos dele comessem a agir. Se Bart fizera muito pouco por mim na véspera, esta noite pôs em prática toda a sua perícia. Desta feita, levou-me às estrelas, onde ambos explodimos e continuamos muito agarrados um ao outro, tornando a explodir mais uma e, ainda, outra vez. Bart tinha o corpo inteiro cabeludo. Julian quase não tinha cabelos no corpo, excetuando uma linha fina que lhe subia até o umbigo. E Julian nunca me beijara os pés, que agora cheiravam a rosas por causa do prolongado banho de imersão perfumado que eu tomara antes de vestir as velhas roupas de trabalho. Bart beijou-me os artelhos, um por um, antes de começar a subir vagarosamente. Senti-me como se a avó nos observasse, as chamas em seus duros olhos cinzentos condenando-nos eternamente ao inferno. Desliguei a mente, esquecendo-me dela e entregando todos os meus sentidos àquele homem que, agora, me tratava como um verdadeiro amante.

Contudo, eu sabia que ele não me amava. Bart se utilizava de mim como substituta de sua esposa; quando ela regressasse, eu nunca mais o veria. Eu sabia, tinha certeza e, não obstante, recebi e dei até adormecermos abraçados. Quando dormi sonhei com Julian, que estava no interior da caixinha de música que meu pai me dera de presente quando eu tinha apenas seis anos. Girava sem parar, acusando-me com os olhos negros. Então deixou crescer o bigode e transformou-se em Paul, que apenas parecia muito triste. Corri para libertá-lo da morte numa caixinha de música que se tornava um túmulo, então vi Chris no interior da caixinha, os olhos fechados, as mãos cruzadas sobre o peito... morto. Chris! Acordei e

verifiquei que Bart se fora. O travesseiro estava molhado de lágrimas. Mamãe, por que você começou isto? Por quê?

Segurando com força a mão de meu filhinho, saí com ele para o ar frio da manhã, a caminho do trabalho. De leve, a grande distância, escutei alguém chamando por mim; com a voz, vinha o aroma de rosas naturais. Por que você não vem, Paul, e me salva de mim mesma? Por que só me chama no pensamento? O primeiro ato terminara. O segundo começaria quando minha mãe soubesse que eu esperava um filho de Bart. Além disso, havia a avó, que também tinha que pagar. E quando ergui os olhos, tive a impressão de que as montanhas se curvavam para cima num sorriso zombeteiro e satisfeito. Finalmente eu lhes atendera o chamado. Escutara-lhes o lamento vingativo e atormentado.

Revisitando a avó

Foxworth Hall situava-se no final de um *cul-de-sac*, a maior e mais impressionante dentre muitas residências enormes e bonitas, a única que ficava bem alto na encosta da montanha, dominando todas as demais como um castelo medieval. Dias a fio eu ia observá-la, arquitetando meus planos.

Bart e eu não tínhamos necessidade de esgueirar-nos furtivamente para nossos encontros. Nossas residências eram muito afastadas entre si e ninguém o avistaria se ele saísse de casa pela porta dos fundos, que se abria para um jardim cercado. Atrás do jardim, existia uma alameda ladeada por arbustos e ocultada por muitas árvores. Ocasionalmente, encontrávamo-nos numa cidade distante e nosso amor no quarto de um motel era doce, selvagem, terno, erótico e totalmente satisfatório. Não obstante, gelei quando ele anunciou um dia, na hora do almoço:

— Ela telefonou hoje de manhã, Cathy. Voltará antes do Natal.

— Ótimo! — respondi.

E continuei a comer minha salada, na expectativa do Bife à Wellington que logo seria trazido. Bart franziu a testa e o garfo cheio de salada hesitou um momento a caminho de sua boca.

— Significa que não poderemos estar juntos com tanta frequência. Não se incomoda com isso?

— Daremos um jeito.

— Você é mesmo uma mulher incrível!

— Não faça tempestade num copo d'água. Todas as mulheres são monstros para os homens e, talvez, para elas mesmas. Somos nossas piores inimigas. Você não tem necessidade de divorciar-se dela e abrir mão da oportunidade de herdar-lhe a fortuna, embora ela talvez viva mais tempo que você e ainda tenha outra chance de comprar mais um marido jovem.

— Às vezes, você é tão megera quanto ela! Ela não me comprou! Eu a amava! E ela me amava! Eu era louco por ela; tão louco quanto sou agora por você. Todavia, ela mudou. Quando a conheci, era uma mulher delicada, encantadora, tudo que um homem pode desejar numa mulher e numa esposa, mas mudou.

Enfiou raivosamente na boca o garfo com a salada, mastigando com violência. Depois, acrescentou:

— Sempre foi um mistério para mim, como você.

— Bart, meu amor — respondi. — Em breve, todas as muralhas misteriosas ruirão.

Ele prosseguiu, sem dar atenção à minha interrupção:

— Aquele pai dela também era um mistério; ao vê-lo, tinha-se a impressão de um excelente cavalheiro idoso, mas sob a aparência havia um coração de pedra. Julguei que eu fosse seu único advogado, mas ele possuía outros seis, cada um de nós encarregado de uma função específica. A minha era redigir seus testamentos. Alterou-os dúzias de vezes, incluindo

um membro da família, retirando outro, adicionando codicilos como um possessor, embora conservasse a sanidade mental até morrer. O último codicilo foi o pior de todos.

Claro: nada de filhos para Bartholomew Winslow. Nunca.

— Então você realmente trabalhava como advogado?

Ele sorriu com amargura antes de replicar:

— Naturalmente que era advogado praticante. E agora sou novamente. Um homem precisa fazer algo útil, que tenha um significado. Quantas vezes alguém consegue viajar pela Europa antes de enjoar disto? Faz-se sempre a mesma coisa, encontra-se sempre a mesma pessoa. Ri-se sempre das mesmas piadas. O *jet set*, a “gente charmosa”, que pilhéria! O dinheiro em grandes quantidades pode comprar tudo, menos saúde. Portanto, aquela gente não tem mais sonhos a comprar, perde as inspirações, termina simplesmente entediada.

— Por que não se divorcia e faz algo útil na vida?

— Ela me ama.

Foi esta a resposta clara, sucinta, delicada. Ele ficava porque ela o amava, obrigando-o a permanecer.

— Logo que me conheceu, você disse que a amava. Agora, afirma o contrário. Qual é a verdade?

Bart refletiu durante longo tempo.

— Falando francamente, bailarina, sou ambivalente e tenho ressentimentos. Eu a amo e a odeio. Portanto, faça o favor de ocultar sua faceta de megera, que me faz lembrar dela, e não tente fazer comigo o que ela fez. Você está erguendo um muro entre nós porque sabe algo que eu ignoro. Não me apaixono com facilidade e gostaria de não amar você.

De repente, Bart pareceu-me um menino tristonho, cujo cãozinho de estimação o tivesse traído e a vida nunca mais voltasse a ser agradável. Tocada, atrevi-me a dizer:

— Bart, juro-lhe que chegará o dia em que você conhecerá todos os meus segredos e os dela também; até lá, porém, diga que me ama, mesmo que não seja verdade, porque não conseguirei ter prazer de estar a seu lado se não sentir que você me ama pelo menos um pouquinho.

— Um pouquinho? Tenho a impressão de tê-la amado minha vida inteira. Mesmo quando a beijei pela primeira vez, pareceu-me que já a beijara antes. Por quê?

— Carma.

Sorri ante sua expressão de espanto.

Havia algo que eu precisava fazer antes que minha mãe voltasse para casa. Um dia, quando não tive que dar aulas de balé e Jory estava na escola maternal, esgueirei-me até Foxworth Hall, utilizando-me de todos os caminhos ocultos. Chegando à porta dos fundos, usei a velha chave de madeira que Chris modelara tantos anos atrás. Era quinta-feira. Todos os criados estariam na cidade, pois era o dia de folga. Já que Bart relatara-me detalhadamente sua rotina de vida, revelara-me simultaneamente muita coisa sobre a vida cotidiana da avó. Eu sabia que àquela hora a enfermeira estaria repousando, aproveitando-se do período em que a avó cochilava na parte da tarde, usando o pequeno quarto nos fundos da biblioteca; o mesmo quarto onde nosso avô ficara confinado em seus últimos dias de vida enquanto nós quatro, ainda crianças, aguardávamos que ele passasse deste mundo para o outro, o que significaria sermos libertados de nossa prisão no sótão.

Atravessei todos os grandiosos salões luxuosamente decorados, observando avidamente os belos móveis antigos, e vi as duas escadas curvas que subiam do vestíbulo cujas dimensões permitiam que fosse utilizado como salão de baile. Onde as duas escadas curvas se encontravam, havia um balcão no segundo pavimento, do qual partia outro lance de degraus que levava diretamente ao sótão. Avistei o maciço móvel em que Chris e eu nos escondêramos para assistirmos a uma festa de Natal no andar térreo. Fazia muitos anos, mas minha máquina do tempo recuou depressa: voltei a ter apenas doze anos, uma menina

assustada, com medo que a gigantesca mansão me engolissem caso eu me atrevesse a movimentar-me ou a falar mais alto que um leve sussurro. Mais uma vez, maravilhei-me com os três enormes lustres de cristal pendentes do teto que ficava a quase quinze metros do piso. E já que este era uma pista de dança feita com mosaicos especiais, tive que ceder ao impulso automático de ensaiar alguns passos de dança, para verificar qual era a sensação.

Continuei a avançar sem pressa, admirando os quadros a óleo, os bustos de mármore, os enormes lampiões, as fabulosas tapeçarias e objetos de arte que só os super ricos, capazes de avareza em pequenas coisas, podiam adquirir. Imaginem só! Minha avó comprando peças de tafetá por preços de atacado, apenas para economizar alguns míseros dólares, quando podiam comprar tudo o que existia de melhor para decorar a casa e possuíam milhões de dólares! Foi fácil encontrar a biblioteca. Lições aprendidas em idade tenra e condições miseráveis não se esquecem com facilidade. Oh! Que biblioteca! A cidade de Clairmont não possuía uma biblioteca com tantos livros bons, raros e bem encadernados! Havia um retrato de Bart sobre a magnífica mesa de trabalho que pertencera a meu avô. Muitos detalhes indicavam que Bart usava freqüentemente a sala como escritório e, também, para fazer companhia à sogra. Seus macios chinelos de couro marrom estavam sob uma confortável poltrona perto da imensa lareira de pedra, cujo aparador tinha pelo menos seis metros de comprimento. Portas duplas envidraçadas se abriam para um terraço de frente para um jardim formal, com uma fonte jorrando água num bebedouro de pássaros formado por degraus de pedra, pelos quais a água escorria aos poucos até um pequeno lago. Um local gostoso e ensolarado onde um inválido poderia sentar-se abrigado contra o vento.

Afinal vi o bastante para satisfazer minha curiosidade alimentada durante anos. Encaminhei-me para a maciça porta na parede dos fundos da biblioteca. Além daquela porta fechada, estava a avó-bruxa. Rápidas lembranças dela passaram-me de relance pela mente. Vi-a mais uma vez como na primeira em que chegamos, erguendo-se sobre nós como uma torre, o corpo grosso, robusto, poderoso, os olhos duros e cruéis que nos estudaram sem o menor vestígio de simpatia ou compaixão para quatro órfãos de pai, que tanto haviam perdido; ela nem mesmo nos dirigiu um sorriso de boas vindas ou acariciou os rostos rechonchudos dos gêmeos, tão lindos aos cinco anos de idade. Vi também a segunda noite, quando a avó obrigou nossa mãe a exhibir-nos as costas nuas, marcadas por vergões vermelhos e sangrentos. Antes mesmo de nos mostrar o horrível espetáculo, ela agarrara Carrie pelos cabelos e Cory se jogara contra ela, tentando infligir-lhe alguma dor com o pequeno sapato branco que desferia caneladas e com dentes que procuravam mordê-la. Mas a avó o jogara longe com um único e poderoso tapa. Tudo porque o menino tentara defender a sua querida irmã gêmea, que chorava e berrava.

Então, revi-me diante do espelho, totalmente despida, e o castigo aplicado pela avó fora o mais impiedoso e desalmado: tentar despojar-me daquilo que eu mais admirava, os meus cabelos. Chris passara um dia inteiro lutando para livrar-me do piche que ela derramara em meus cabelos e evitar que eu fosse obrigada a cortá-los. Em seguida, duas semanas inteiras sem alimentos ou leite! Sim! A avó merecia rever-me! Exatamente como eu jurara, no dia em que ela me surrara, que ainda surgiria uma ocasião, no futuro, em que ela fosse a indefesa e eu a que empunhava a chibata e estaria em condições de privá-la de alimentos! Oh, que doce ironia! Ela se deleitara ao ver o marido morto e agora jazia na mesma cama que ele, ainda mais indefesa e sozinha!

Despi meu pesado capote de inverno, sentei-me para descalçar as botas e, depois, calcei às sapatilhas de cetim branco. Usava malha branca, o bastante transparente para mostrar minha pele rosada. Soltei os cabelos, que me caíram ao longo das costas numa luxuriante cascata de ondas douradas. Agora ela admiraria e invejaria os cabelos que o piche, afinal, não conseguira estragar. Apronte-se, Avó! Aqui vou eu!

Silenciosamente, com grande cautela, aproximei-me da porta. Então abri-a com todo o cuidado. A avó jazia, de olhos fechados, na alta cama de hospital. O sol que penetrava pela janela incidia-lhe no rosado e brilhante couro cabeludo, revelando que ela era quase totalmente calva. Oh, como parecia envelhecida! Magra, abatida, tão menor que antes! Onde estava a mulher gigantesca que eu conhecera? Por que não usava um vestido de tafetá cinzento e proferia ameaças? Por que tinha que me causar pena? Endureci o coração, expulsando dele a piedade, pois ela jamais tivera pena de nós. Aparentemente, estava à beira do sono; entretanto, quando a porta se abriu, seus olhos também se abriram lentamente. Então, esbugalharam-se. A avó me reconheceu. Seus lábios finos e enrugados estremeceram. Estava com medo! Glória, aleluia! Minha vez chegara! Não obstante, parei junto à porta, abismada. Viera exercer vingança, mas o tempo me pregara uma peça! Por que a avó não era o monstro de que eu lembrava? Eu a queria como fora antes, não o que era agora: uma velha doente e calva, com o couro cabeludo à mostra, os poucos cabelos que ainda lhe restavam puxados para cima e atados no topo da cabeça com um laço de cetim cor-de-rosa. O laço dava-lhe uma aparência simultânea de ogro e criança; mesmo reunidos como estavam, os fios de cabelo restantes formavam uma mecha mais fina que meu dedo mínimo; apenas um pequeno tufo, como os pelos de um gasto pincel para pintura em aquarela.

O outrora, a avó tinha um metro e oitenta de estatura, pesava mais de cem quilos e seus enormes seios pareciam montes de concreto. Agora aqueles mesmos seios pendiam como meias vazias e murchas, chegando-lhe ao abdômen inchado. Os braços pareciam secos como gravetos velhos, as mãos esqueléticas com os tendões aparecendo, os dedos ossudos e nodosos. Ainda assim, enquanto nos encarávamos em total silêncio e o pequeno despertador marcava com seu tique-taque o correr dos segundos, a velha e desprezível personalidade da avó inflamou-se para revelar-me sua fúria. Tentou falar para expulsar-me. Se pudesse, ela gritaria: “*Saia de minha casa, filha do Demônio! Fora, fora! Fora, filha do Demônio!*” Mas ela não conseguiu pronunciar uma só palavra. Eu, pelo contrário, pude cumprimentá-la com amabilidade:

— Boa-tarde, querida Avó. Que prazer tenho em revê-la! Lembra-se de mim? Sou Cathy, um dos netos que você ajudou a ocultar e todos os dias nos levava comida numa cesta de piquenique. Chegava lá todos os dias, às seis e meia da manhã, com uma enorme garrafa térmica de leite e outra menor com sopa morna, e sopa de lata, ainda por cima. Por que não nos levou ao menos uma vez um pouco de sopa quente? Era de propósito que só esquentava a sopa até ficar morna?

Entreí no quarto e fechei a porta. Só então ela viu a vara de salgueiro que eu tivera o cuidado de esconder às costas. Com a maior naturalidade, bati com a vara na palma da outra mão, dizendo baixinho:

— Avó, lembra-se do dia em que surrou nossa mãe? E de como a obrigou a despir-se diante do pai e deu-lhe uma surra de vara? E ela adulta, mãe de quatro filhos... Um ato vergonhoso, maldoso, pecaminoso, não concorda?

Os olhos aterrorizados da velha estavam grudados à vara. Travava-se em seu cérebro uma luta terrível... e eu me sentia satisfeita, muito satisfeita, por Bart haver-me informado de que ela não estava senil. Olhos cinzentos, desbotados e úmidos, avermelhados e cercados por pés-de-galinha, parecendo cortes que jamais cicatrizavam nem sangravam. Lábios finos e retorcidos, agora murchos e miúdos, semelhantes a uma pequena casa de botão da qual se irradiavam profundas rugas sob o nariz comprido e adunco, numa teia de linhas que se cruzavam. E, por incrível que pareça, a gola alta e severa da camisola amarela de algodão estava fechada com o mesmo broche de brilhantes! Eu jamais vira a avó sem o broche na gola de seus vestidos de tafetá cinzento, com golas debruadas de crochê branco.

Prossigui num tom de cântico religioso:

— Avó, lembra-se dos gêmeos? As queridas crianças de apenas cinco anos que você atraiu a esta casa e nunca lhes pronunciou os nomes enquanto aqui permaneceram? Nem os deles, nem os nossos. Cory morreu e você sabe; por acaso, porém, minha mãe não lhe contou a respeito de Carrie? Pois Carrie também morreu. Não cresceu até a altura normal porque foi privada de sol e ar livre durante os anos que deles mais necessitava para desenvolver-se de modo saudável. Chris e eu subíamos ao telhado, onde nos sentávamos para tomar sol, mas os gêmeos tinham pavor da altura. Você sabia que eu e Chris saíamos para lá e ficávamos horas seguidas ao sol?... Não; percebo que ainda não sabia disso.

Ela se mexeu um pouco, dando a impressão de querer afundar-se no colchão fino. Deliciei-me observando-lhe o medo; alegrei-me por notar que podia mover-se um pouco. Agora seus olhos eram como os meus tinham sido naquela época remota: vidraças que revelavam todas as emoções e terrores que lhe ferviam no íntimo e ela não podia gritar por socorro! Estava à minha mercê.

— Lembra-se da segunda noite, querida, amável e carinhosa Avó? Você levantou Carrie do chão pelos cabelos, sabendo que aquilo doía. Mesmo assim, foi o que fez. Depois, atirou Cory longe com um tapa, sabendo que aquilo também doía e que ele estava apenas querendo proteger a irmã gêmea. Pobre Carrie, como sofreu por causa de Cory! Jamais se recobrou da morte do irmão; nunca deixou de sentir-lhe a falta. Conheceu um bom rapaz chamado Alex. Apaixonaram-se e iam casar-se, quando ela descobriu que ele pretendia ser pastor protestante. Carrie ficou abalada. Compreenda: você incutiu em nós o medo de gente religiosa. Um medo profundo. No dia em que Alex anunciou a intenção de tornar-se pastor, Carrie mergulhou numa depressão desesperada, pois aprendeu a lição que você nos ensinou tão bem. Você nos convenceu de que ninguém jamais consegue ser bastante perfeito para satisfazer a Deus. Algo adormecido despertou no dia em que Carrie ficou enfraquecida pelo choque, depressão e falta de coragem para prosseguir. Agora, ouça bem o que ela fez por causa de você! Porque você incutiu no seu cérebro infantil a idéia de que ela nasceria má e seria pecaminosa por mais que se esforçasse para ser boa! Carrie acreditava em você! Cory morrera. Carrie sabia que ele tinha morrido por causa do arsênico colocado nas roscas açucaradas... Portanto, quando Carrie se sentiu incapaz de enfrentar a vida e encarar todas as pessoas que exigem perfeição, comprou veneno para ratos! E comprou também um pacote de roscas açucaradas, enchendo-as de arsênico do veneno de ratos! Comeu todas as roscas, menos uma e até mesmo esta tinha uma marca de dentada. Agora... afunde-se nesse colchão e tente fugir da culpa que lhe cabe! Você e minha mãe mataram Carrie tanto quanto mataram Cory! Eu a odeio e desprezo, velha!

Não lhe disse que odiava ainda mais minha mãe. A avó jamais gostara de nós; portanto, qualquer coisa que ela nos fizesse já era de se esperar. Nossa mãe, porém, nos dera à luz, cuidara de nós, amara-nos enquanto nosso pai era vivo; era um caso muito diferente: uma verdadeira história de horror! E sua vez também chegaria!

— Sim, Avó, Carrie também está morta, porque desejava morrer do mesmo modo que ele e encontrá-lo no céu!

Ela apertou as pálpebras e um leve tremor agitou as cobertas. Deleitei-me. Retirei de trás das costas minha caixinha preta contendo longos fios de cabelo de Carrie, que eu levava horas para arrumar e escovar até formarem uma comprida e brilhante mecha dourada. Amarrara uma das pontas com um laço de cetim vermelho e a outra com um laço roxo.

— Veja bem, velha: isto aqui é parte dos cabelos de Carrie. Tenho outra caixa cheia de fios soltos e embaraçados, pois não consigo suportar a idéia de perdê-los. Guardei-os não apenas para mim e Chris, como também para mostrá-los a você e nossa mãe... pois vocês duas mataram Carrie, com tanta certeza quanto mataram Cory!

Oh, eu estava quase louca de ódio! A vingança me brilhava nos olhos, na raiva, fazendo-me tremer as mãos. Revi Carrie em seu leito de morte, envelhecendo, murchando,

com os ossos salientes até ficar reduzida a um pequeno esqueleto coberto por pele solta e pálida, tão transparente que permitia ver as veias, e os restos mortais que precisaram ser rapidamente lacrados num caixão metálico para evitar o cheiro de apodrecimento.

Aproximei-me mais da cama e exibi a mecha de cabelos dourados com as fitas de cores berrantes diante dos olhos muito abertos e amedrontados da velha.

— Não são lindos cabelos, velha? Alguma vez teve cabelos tão belos e fartos? Não! Eu sei que não! Nada em você poderia ser lindo algum dia! Nem mesmo em sua juventude! Eis o motivo pelo qual tinha tanto ciúme da madrasta de seu marido — declarei, rindo ao vê-la tentar esquivar-se. — Sim, querida Avó, hoje sei muito mais a seu respeito do que sabia outrora. Seu genro me revelou todos os segredos de família que a esposa lhe contou. A esposa dele: minha mãe. O seu marido, Malcolm, apaixonou-se pela esposa mais moça do pai, dez vezes mais bonita e bondosa do que você! Portanto, quando Alicia teve um filho, você desconfiou que o pai era seu próprio marido e por isso odiava a criança, que veio a ser nosso pai. Por isso mandou buscá-lo, induzindo-o a acreditar que aqui encontraria um bom lar. Educou-o, deu-lhe tudo do melhor, a fim de que ele tomasse o gosto de uma vida boa e rica, desapontando-se ainda mais quando você o enxotasse daqui e não lhe legasse um mísero centavo. Mas, em vez disso, meu pai lhe passou a perna, não foi? Roubou-lhe sua filha única, a quem você também detestava, porque o pai gostava mais dela do que de você. Assim, o meio-tio se casou com a meia-sobrinha. Não obstante, você estava enganada quanto a Malcolm e Alicia, pois a mãe de meu pai desprezava Malcolm! Afastou-o de si repetidas vezes; portanto, o bebê que ela teve não era filho de Malcolm, o seu marido! Embora tivesse sido, se Malcolm conseguisse fazer prevalecer sua vontade!

A avó fitou-me inexpressivamente, como se o passado já não importasse, agora. Só o presente interessava... e a vara em minha mão.

— Agora, velha, vou dizer-lhe uma coisa que você precisa saber: jamais nasceu um homem tão bom como meu pai ou existiu uma mulher tão honrada como a mãe dele. Contudo, não fique aí deitada pensando que herdei alguma das boas qualidades de Alicia ou de meu pai, pois sou igual a você! Desalmada! Nunca esqueço, nunca perdôo! Odeio-a por ter matado Cory e Carrie! Odeio-a por fazer de mim o que sou!

Gritei as últimas frases, descontrolada, esquecendo-me da enfermeira que cochilava no corredor. Tive vontade de obrigar a velha a engolir punhados de arsênico e sentar-me para vê-la morrer e apodrecer diante de meus olhos, como ocorrera com Carrie. Fiz piruetas pelo quarto para aliviar minha tensão e frustrações, erguendo bem as pernas, exibindo o corpo bem conformado e jovem. Depois parei diante da velha e vociferei:

— Durante todos aqueles anos em que nos manteve prisioneiros, você nunca pronunciou nossos nomes, nunca olhou para Chris porque este era a imagem viva de nosso pai e também do seu marido quando jovem, antes de você torná-lo tão mau quanto você mesma. Joga a culpa de tudo que está errado sobre os ombros de seres humanos com almas ruins e ignora a verdade. Dinheiro é o rei que impera nesta casa! É o dinheiro que faz as piores coisas acontecerem! Malcolm casou-se com você por dinheiro e você sabe! E foi a ambição que nos trouxe a esta casa, trancou-nos lá em cima e roubou-nos três anos e quatro meses de nossas vidas, colocando-nos à sua mercê. Contudo, você jamais teve piedade de nós, seus únicos netos. Nunca a emocionamos, não é mesmo? Embora tenhamos tentado, no começo. Lembra-se?

Pulei para cima da cama, batendo nela com a mecha de cabelos de Carrie. Um chicote macio, que não machucava e, mesmo assim, ela fez um esforço para encolher-se. Então, joguei os preciosos cabelos de Carrie na mesinha de cabeceira e brandi a vara diante de seus olhos. Dancei e rodopiei em cima da cama, sobre o corpo rígido da velha, exibindo-lhe minha grande agilidade, meu cabelo comprido e solto abrindo-se num círculo dourado.

— Lembra-se de como castigou nossa mãe antes de passarmos a detestá-la também? É um débito que precisamos liquidar — declarei, postando-me de pernas abertas sobre o corpo escondido pelas cobertas. — Devo-lhe isso, da nuca aos calcanhares, sem falar nas chibatadas que você aplicou em Chris e em mim. Também isso eu lhe devo. E todas as outras coisas, pois trago cada uma delas gravada na lembrança. Não lhe jurei que ainda chegaria o dia em que eu empunharia a vara e haveria na cozinha alimentos que você jamais provaria? Bem... esse dia chegou, Avó!

Os olhos cinzentos afundados no rosto abatido faiscavam de ódio, maliciosos e implacáveis, desafiando-me a agredi-la... desafiando-me.

— O que farei primeiro? — indaguei, como se falasse comigo mesma. — Será a vara ou piche derretido em seu cabelo? Que prefere, velha? Sempre tive a curiosidade de saber onde você conseguiu o piche. Planejou tudo com antecedência e aguardou a oportunidade de usá-lo? Confessarei agora algo que você ignora: Chris nunca me cortou o cabelo todo, mas apenas a franja, a fim de iludi-la e levá-la a pensar que eu tinha raspado completamente a cabeça. Por baixo daquela toalha, enrolada em minha cabeça, estava todo o cabelo comprido que ele salvou. Sim, velha, o amor evitou que meus cabelos fossem cortados. Chris me amava o bastante para passar muitas horas a fio salvando o máximo possível de meu cabelo. Isso é mais amor do que você já conheceu. E de um irmão!

Ela produziu um som estrangulado no fundo da garganta. O quanto desejei que conseguisse falar!

— Querida Avó — provoquei, com as mãos nos quadris, debruçando-me para observá-la melhor — por que não me conta onde arranjou o piche? Não consegui encontrar vestígios. Não havia por perto obras de construção ou reparos de estradas. Como não há no momento. Portanto, creio que serei obrigada a usar cera derretida. Você poderia ter usado cera quente, pois surtiria o mesmo resultado. Não pensou em derreter algumas de suas inúmeras velas? — indaguei com um sorriso que eu esperava parecer ameaçador. — Oh! Querida Avó, como você e eu nos divertiremos! E ninguém saberá, pois você não pode falar nem escrever. Só pode permanecer deitada e sofrer.

Não gostei de mim mesma, do que dizia nem do que fazia ou sentia. Minha consciência pairava perto do teto, observando envergonhada a explosão de fúria que eu constituía metida na justa malha branca de balé. Espantada, sentia piedade daquela velha que já sofrera dois derrames cerebrais; contudo, a mulher em pé sobre a cama era uma segunda versão de mim mesma: uma Foxworth má, violenta e vingativa, com olhos azuis tão frios e duros quanto os cinzentos olhos da velha, estendida a meus pés. De repente, abaixei-me cruelmente, arrancando o cobertor e o lençol que a protegiam, deixando-a descoberta. Ela usava um tipo de camisolão de hospital, aberto apenas nas costas. Um traje esquisito, com o incongruente broche de brilhantes no pescoço. Sem dúvida, o broche seria pregado à roupa com que ela iria para a sepultura.

Nua. Tinha que ficar nua, como obrigara Mamãe, Chris e eu também. Tinha que passar pela humilhação de ficar despida enquanto olhos cheios de desprezo obrigá-la-iam a encolher-se, a tornar-se ainda menor. Sem a menor piedade, agarrei a bainha do ordinário traje de algodão barato e, livre de qualquer escrúpulo, empurrei-o para cima, até as axilas. Tive o cuidado de afastar as dobras amarrotadas que lhe cobriam parcialmente o rosto, pois não queria perder a oportunidade de ver o mais leve sinal de expressão que ela pudesse mostrar. Em seguida, estudei-lhe o corpo com o mesmo ar de zombaria e repulsa que ela imprimira aos olhos maus e lábios finos quando eu tinha apenas quatorze anos e ela me apanhara de surpresa fitando-me no espelho, admirando a beleza de um corpo que eu nunca antes vira despido. O corpo jovem é uma coisa bela... agradável de olhar: os contornos suaves e firmes, a pele imaculada, os músculos ágeis e rijos. Oh, mas a velhice! O que antes foram dois cones de concreto eram agora dois úberes flácidos que caíam até a barriga, os bicos bem embaixo,

grandes, escuros, manchados e encaroçados. As veias azuis dos seios destacavam-se como cordas finas sob uma capa transparente. A brancura pastosa da pele era enrugada, marcada pelas estrias da gravidez; uma longa cicatriz do umbigo até o monte de Vênus quase desprovido de pelos revelava que ela fora submetida a uma histerectomia ou a uma cesariana. Uma cicatriz antiga, pálida e mais brilhante que a pele branca, flácida e enrugada que a cercava. As pernas compridas e magras pareciam velhos galhos retorcidos de uma árvore cansada. Suspirei... Algum dia eu ficaria assim?

Impiedosa, sem preocupação com delicadeza, rolei-a de bruços e puxei-a para o meio da cama. Durante o tempo todo, eu tagarelava a respeito dos comentários que Chris e eu trocávamos quanto a ela pregar ou colar a roupa ao corpo e, naturalmente, jamais despir as roupas de baixo a menos que se trancasse num armário com a luz apagada. As costas da velha apresentavam menos desgaste que a frente, embora suas nádegas fossem chatas, flácidas e brancas demais.

— Agora, Avó, vou açoita-la — declarei em tom inexpressivo, tendo perdido o gosto da vingança. — Há muitos anos prometi que o faria caso tivesse oportunidade e hoje cumprirei a promessa!

Fechando os olhos e rogando a Deus que me perdoasse o que estava prestes a fazer, levantei o braço e depois baixeí a vara de salgueiro com toda a força nas nádegas nuas da velha! Ela estremeceu, deixando escapar um som da garganta. Então deu a impressão de mergulhar na inconsciência. Relaxou-se tanto que esvaziou a bexiga. Comecei a chorar, emitindo soluços terríveis ao correr para o banheiro anexo à procura de um pano e sabão. Voltei correndo, com papel higiênico para limpá-la. Em seguida, lavei-a e apliquei uma pomada no feio vergão deixado pela vara. Virei-a na cama, ajeitando o camisolão de modo a cobri-la decentemente. Só então preocupei-me em verificar se estava viva ou morta. Seus olhos cinzentos, abertos, fitavam-me sem expressão, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Depois, lentamente, enquanto eu continuava a soluçar, os olhos dela começaram a brilhar numa muda expressão de triunfo! Sem emitir um som, ela dizia: *“Covarde! Eu sabia que você não passava de uma moleirona fraquejante! Falta-lhe decisão, coragem! Mate-me. Vamos, mate-me! Eu a desafio: vamos logo, mate-me de uma vez!”*

Pulei da cama e corri para a biblioteca, passando para a primeira sala de visitas que encontrei. Num frenesi de fúria, agarrei o primeiro castiçal ao meu alcance, mas não achei fósforos! Voltei à biblioteca, procurando na mesa de trabalho usada por Bart. Ele fumava; portanto, deveria ter fósforos ou isqueiro. Encontrei fósforos de propaganda distribuídos por uma discoteca local. As velas tinham cor de marfim, distintas e elegantes como a mansão. Agora, os olhos de aço da velha exprimiam terror. Ela queria aquele tufo de cabelos ralos atados com a fita cor-de-rosa. Acendi uma vela, deixei-a queimar um pouco e, depois, segurei-a obliquamente sobre a cabeça da avó, de modo que a cera quente e derretida escorreu, gota a gota, em seu cabelo e couro cabeludo. Deixei cair seis ou sete gotas, antes de não conseguir mais suportar aquilo. Ela estava certa: eu era covarde, não conseguia fazer com ela o que fora feito por ela conosco. Eu era uma Foxworth de pai e mãe; não obstante, Deus alterara o molde e eu não cabia nele.

Apaguei com um sopro a vela cor de marfim e recoloquei-a no castiçal. Só quando cheguei ao salão de bailes lembrei-me da mecha de cabelos de Carrie. Voltei correndo para apanhá-la. Encontrei a avó na mesma posição em que a deixara, só que ela virara a cabeça e duas grandes lágrimas brilhantes apareciam em seus olhos, que fitavam a mecha dos belos cabelos de Carrie. Ah! Agora eu estava realmente vingada!

Bart passava mais tempo em meu pequeno chalé que em sua imensa mansão. Cobria-me de presentes e fazia o mesmo com meu filho. Quando não passava o dia no escritório, que eu desconfiava tratar-se mais de uma fachada para aparentar utilidade do que realmente um escritório de advocacia, ele tomava café da manhã, almoçava e jantava conosco. Minha escola

de balé sofria financeiramente o resultado de tais atenções, mas não fazia diferença. Agora eu era uma mulher sustentada, paga para ser amante de Bart.

Jory adorou as botinhas de couro que Bart lhe deu.

— Você é meu papai? — indagou meu filhinho, que completaria quatro anos em fevereiro.

— Não, mas bem gostaria de ser... ou poder ser.

Tão logo Jory saiu para o jardim, pisando com força e fitando os pés, que agora o fascinavam por causa das botas de *cowboy*, Bart virou-se para mim e se deixou cair fatigadamente numa poltrona.

— Você nem poderia imaginar o que aconteceu lá em casa. Algum sádico idiota derramou cera derretida no cabelo de minha sogra, além de lhe deixar nas nádegas um feio vergão que não cicatriza. A enfermeira não sabe explicar. Interroguei Olívia, a fim de saber se foi alguém que ela conhece, ou algum dos criados, mas ela piscou os olhos duas vezes, querendo dizer não. Piscar uma vez significa sim. Estou furioso! Deve ter sido um dos criados, embora eu não consiga entender por que motivo alguém seria tão cruel a ponto de torturar uma velha indefesa, incapaz de fazer o menor movimento para proteger-se; contudo, Olívia se recusa a confirmar o nome de qualquer pessoa que lhe mencionei. Prometi a Corrine cuidar bem de sua mãe e agora esta tem as nádegas em carne viva, de modo que é obrigada a permanecer deitada de bruços duas a quatro horas por dia e ser virada na cama durante a noite.

— Oh! — exclamei, sentindo-me um pouco doente. — Que horror! Por que a ferida não cicatriza?

— A circulação é deficiente. Teria que ser, não é mesmo, já que ela não pode movimentar-se normalmente?

De repente, Bart exibiu-me um sorriso brilhante, como o sol surgindo após uma tempestade.

— Não se preocupe, querida. O problema não é seu; é meu, e dela, naturalmente.

Estendeu os braços para mim e apressei-me a aninhar-me neles. Bart beijou-me ardentemente antes de carregar-me para o meu quarto. Depositou-me na cama e começou a despir-me.

— Eu seria capaz de torcer o pescoço do maldito que fez aquilo com Olívia! — exclamou.

Permanecemos abraçados após fazermos amor, escutando o vento mesclar-se ao riso agudo de Jory que corria atrás do poodle de brinquedo que Bart lhe dera. Os primeiros flocos de neve começavam a cair. Eu sabia que teria que levantar-me logo, para que Jory não entrasse de repente e nos surpreendesse na cama, só para informar-nos de que estava nevando. O menino não se recordava de ter visto neve anteriormente e mal o solo ficasse recoberto de branco, desejaria construir um boneco de neve. Primeiro suspirei, depois beijei Bart e, afinal, libertei-me com relutância de seu abraço. Dei-lhe as costas numa atitude recatada, a fim de vestir as calcinhas tipo biquíni, enquanto ele se apoiava num cotovelo a fim de observar-me.

— Você possui um lindo traseiro — comentou.

Agradei o elogio, acrescentando:

— Que tal minha parte da frente?

Bart replicou que não era das piores. Atirei-lhe um sapato.

— Cathy, por que nunca diz que me ama?

Girei nos calcanhares, espantada.

— Você alguma vez me disse a mesma coisa a sério? — retruquei, abotoando um minúsculo *soutien*.

— Como pode saber se não falo sério? — indagou ele, zangado.

— Permita-me explicar como sei. Quando a gente ama, quer a pessoa amada ao nosso lado durante todo o tempo. Quando você evita o assunto de divórcio, isto constitui, por si, uma indicação do quanto você me ama e do que significo em sua vida.

— Já foi muito magoada, não é mesmo, Cathy? Não quero que sofra ainda mais. Você brinca comigo; sei disso. Que diferença faz tratar-se apenas de sexo e não de amor? E ensine-me a distinguir onde um acaba e o outro começa.

Suas palavras zombeteiras foram como uma faca em meu coração, pois, de algum modo, sem desejar que isto acontecesse, eu me apaixonara loucamente por ele, como uma idiota.

Segundo o entusiástico relato de Bart, sua esposa, ausente havia tanto tempo, regressara da longa viagem de rejuvenescimento parecendo devastadoramente jovem e bela.

— Perdeu dez quilos! Juro que aquela plástica no rosto surtiu resultados sensacionais, maravilhosos! Ela está linda e, que diabo!, incrivelmente parecida com você!

Era fácil ver o quanto ele se impressionara com a nova esposa, de aparência mais jovem; e se tencionava apenas tirar o vento de minhas velas por demais enfunadas, não dei a perceber que conseguia fazê-lo. Em seguida, afirmou que tinha tanta necessidade de mim como antes, num tom que desmentia o sentido das palavras.

— Cathy, ela mudou enquanto estive no Texas. Voltou a ser como outrora: a mulher suave, carinhosa, com quem me casei.

Homens! Como eram crédulos! Era evidente que minha mãe seria mais delicada e carinhosa com Bart, agora que sabia que ele possuía uma amante facilmente acessível e que esta era a própria filha dela. Tinha que saber, pois os mexericos corriam pela cidade. Todo mundo sabia.

— Neste caso, por que você está aqui comigo, quando sua esposa regressou tão semelhante a mim? Por que não se veste, diz adeus e nunca mais volta à minha casa? Diga que foi bom enquanto durou, mas agora está terminado; então eu lhe agradecerei os maravilhosos momentos que me proporcionou, antes de lhe dar um último beijo de despedida.

— Bem — disse Bart, arrastando ainda mais o sotaque sulino, enquanto me puxava ainda mais de encontro ao seu corpo despido. — Eu não disse que ela está tão sensacional. Além disso, você possui algo de especial que não consigo definir nem compreender o que seja. Mas o fato é que não sei se poderei viver sem você de agora em diante.

Falou sério, com a verdade estampada nos olhos escuros. Eu vencera! Vencera!

Por mero acaso, certo dia minha mãe e eu nos encontramos na agência postal. Ela me avistou e estremeceu. Sua bela cabeça ergueu-se ainda mais quando ela se virou um pouco para o outro lado, fingindo não me conhecer. Renegar-me-ia como renegara Carrie, muito embora fosse tão óbvio sermos mãe e filha, não duas desconhecidas. Mas eu não era Carrie. Portanto, tratei-a como ela me tratou: com indiferença, como se ela nunca tivesse sido para mim uma pessoa especial e nunca mais pudesse voltar a sê-lo. Não obstante, enquanto eu esperava impaciente pela minha folha de selos, percebi que os olhos de minha mãe lançavam olhares para acompanhar os incessantes movimentos de meu filhinho, que sentia necessidade de olhar para tudo e para todos. Era um menino lindo, gracioso e encantador, que atraía a atenção de todas as pessoas; estas paravam para admirá-lo e acariciar-lhe os cabelos. Virando-se, ele notou o prolongado olhar de minha mãe e sorriu para ela.

— Olá — cumprimentou-a. — Você é bonita... como minha mamãe.

Oh, as coisas que as crianças diziam! Que conhecimento instintivo possuíam, percebendo prontamente o que as pessoas tentavam instintivamente não admitir. Jory aproximou-se hesitante de minha mãe e estendeu o braço para tocar-lhe o casaco de peles.

— Minha mamãe tem um casaco de peles. Ela é bailarina. Você também dança?

Ela suspirou; prendi a respiração. *“Veja, Mamãe: eis aí o neto que seus braços jamais segurarão. Você nunca o ouvirá pronunciar seu nome... Nunca!”*

— Não — sussurrou ela. — Não sou bailarina.

Tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Minha mamãe pode ensinar você a dançar.

— Já sou velha demais para aprender — murmurou ela, recuando.

— Não é, não — insistiu Jory, tentando pegar-lhe a mão como se quisesse mostrar o caminho.

Mas ela recuou a mão, lançou-me um olhar, ficou muito vermelha e depois abriu a bolsa para pegar um lenço.

— Você tem um filho pequeno para brincar comigo? — quis saber Jory, preocupado ao ver-lhe as lágrimas, como se o fato de ter um filho compensasse não ser bailarina.

— Não — replicou ela num sussurro trêmulo. — Não tenho filhos.

Foi então que me interpus para declarar em tom áspero:

— Determinadas mulheres não merecem ter filhos.

Peguei meus selos e guardei-os na bolsa.

— Algumas mulheres como a senhora, Sra. Winslow, preferem ter dinheiro ao incômodo causado por filhos que podem atrapalhar muitos momentos de diversão. O próprio tempo lhe mostrará, mais cedo ou mais tarde, se a sua decisão foi correta.

Ela me voltou às costas e tornou a estremecer, como se todos aqueles agasalhos de pele fossem insuficientes para protegê-la do frio. Então saiu da agência postal e se encaminhou para uma grande limusine preta dirigida por um chofer. Partiu como uma rainha, de cabeça erguida. Jory perguntou:

— Mamãe, por que você não gosta daquela moça linda? Gosto muito dela. É parecida com você... mas não tão linda.

Preferi não fazer comentários, embora tivesse na ponta da língua algo tão feio que ele jamais esqueceria.

No crepúsculo daquela tarde, sentei-me perto das janelas, olhando para Foxworth Hall e imaginando o que Bart e minha mãe estariam fazendo. Cruzei as mãos sobre a barriga ainda chata, mas que logo começaria a dilatar-se com a criança que talvez tivéssemos gerado. A ausência de um período menstrual nada provava, exceto que eu desejava um filho de Bart e procurava ter certeza, através de pequenos detalhes, de que realmente estava grávida. Permiti que a depressão viesse apoderar-se de mim. Bart jamais abandonaria minha mãe e sua fortuna para casar-se comigo e eu teria outro filho sem pai. Que tola eu fora ao iniciar tudo aquilo... Mas, de todo modo, eu sempre fora uma tola. Então avistei um homem que se esgueirava através do bosque, vindo em minha direção, Sorri e recobrei a confiança em mim mesma, Ele me amava! De verdade!... E tão logo eu tivesse certeza absoluta de seu amor, contar-lhe-ia que estava por ser pai.

O vento entrou no chalé quando Bart abriu a porta, derrubando a jarra de flores de cima da mesa. Levantei-me e fiquei olhando para os cacos de cristal e pétalas soltas espalhados pelo chão. Por que o vento estava sempre querendo dizer-me alguma coisa? Algo que eu não desejava escutar!

Preparando o baralho

— Cathy, você disse que não precisávamos tomar precauções.

— E não havia necessidade. Quero ter um filho seu.

— Quer um filho meu? Que diabo pensa que poderei fazer, casar-me com você?

— Não. Fiz minhas próprias previsões. Presumi que você se divertiria à vontade comigo e, quando tudo terminasse, voltaria à sua esposa para ter outra parceira em suas brincadeiras. Nesse caso, eu teria exatamente o que sempre desejei desde o início: um filho

seu. Agora posso cair fora. Dê-me um beijo de despedida, Bart, considerando-me apenas outra dentre suas muitas aventuras extraconjugais.

Ele pareceu furioso. Estávamos na minha sala de visitas e uma violenta tempestade uivava lá fora. A neve empilhava-se em montes que atingiam a altura dos peitoris das janelas e eu me acomodara diante da lareira, tricotando um agasalho de bebê. Estava prestes a terminar um ponto de tricô quando Bart arrancou-me tudo das mãos e jogou num canto da sala.

— Vai desfiar! — protestei, desanimada.

— Que diabo está querendo fazer comigo, Cathy? Sabe que não posso me casar com você! Nunca lhe menti e disse o contrário. Você está fazendo algum jogo comigo!

Engasgou-se, cobriu o rosto com as mãos, depois recompôs-se e implorou:

— Eu a amo. Deus me perdoe, mas é verdade. Quero você sempre perto de mim. E meu filho também. Que tipo de jogo você faz agora?

— Apenas o jogo de uma mulher: o único jogo que ela pode fazer e ter certeza de vencer.

— Ouça — ponderou Bart, procurando reassumir o controle da situação. — Explique exatamente o que quer dizer; não me venha com frases de duplo sentido. Nada precisa mudar porque minha mulher regressou. Você ocupará sempre um lugar em minha vida e...

— Em sua vida? Não se refere, mais corretamente, à periferia da sua vida?

Pela primeira vez, escutei um tom de humildade na voz de Bart:

— Seja razoável, Cathy. Eu a amo e também amo minha esposa. Às vezes, sinto-me incapaz de separar as duas. Como já lhe contei, ela voltou diferente e, atualmente, é como costumava ser quando a conheci. Talvez o corpo e rosto de aparência mais jovem lhe tenham restituído a confiança que ela perdera e, por isso, tornou-se capaz de ser mais delicada. Seja qual for o motivo, sinto-me grato. Mesmo quando eu tinha raiva dela, continuava a amá-la. Quando ela se mostrava detestável, eu tentava desforrar-me procurando outras mulheres, mas não deixava de amar a ela. O único motivo importante pelo qual brigamos é sua recusa em ter filhos ou mesmo adotar uma criança. Naturalmente, agora já passou da idade de ser mãe. Por favor, Cathy, fique! Não vá embora! Não leve meu filho para longe, de modo que nunca saberei o que acontece com ele... ou ela... e com você!

Fui peremptória:

— Muito bem. Ficarei, mas com uma condição: só divorciando-se dela e casando-se comigo você terá o filho que sempre desejou. Do contrário, irei embora para muito longe, o que significa que seu filho irá comigo. Talvez eu lhe escreva para informar se nasceu um menino ou menina, talvez não. De todo modo, depois que eu me for, você estará definitivamente excluído de minha vida.

Pensei com meus botões: *“Veja como ele se comporta! Como se o testamento não incluísse aquele codicilo que proíbe sua esposa de ter filhos! Protege-a! Exatamente como Chris, quando, na realidade, tem que saber de tudo. Foi ele quem redigiu o testamento. Portanto, tem que saber!”*

Bart postou-se junto à lareira, com o braço apoiado no aparador. Em seguida, descansou a testa no braço e ficou olhando para o fogo. Mantinha a mão livre às costas, com o punho cerrado. Seus pensamentos eram tão confusos e profundos que me deixaram emocionada de pena. Então, virou-se para mim, fitando-me nos olhos.

— Meu Deus! — exclamou, chocado pela descoberta. — Você planejou tudo isto desde o início, não foi? Veio para cá a fim de cumprir um objetivo, mas qual é ele? Por que escolheu a mim para magoar? O que lhe fiz de mal, Cathy, senão amá-la? É bem verdade que começou com sexo e eu não queria que passasse disso, mas cresceu e transformou-se em algo muito maior e profundo. Gosto de estar a seu lado, apenas sentado e conversando, ou caminhando pelos bosques. Sinto-me bem na sua companhia. Gosto do jeito como você me

trata, tocando-me o rosto ao passar por mim, despenteando-me os cabelos ou beijando-me o pescoço. Gosto do modo suave e tímido como acorda e sorri ao ver-me a seu lado. Gosto dos jogos inteligentes que põe em prática, sempre me mantendo na expectativa, sempre divertido. Tenho a impressão de possuir dez mulheres reunidas numa só e, agora, sinto que não posso mais viver sem você. Mas não posso abandonar minha esposa e me casar com você. Ela precisa de mim!

— Você deveria ser ator, Bart. Suas palavras me provocam lágrimas.

— Maldita seja por levar-me na brincadeira! — explodiu ele. — Colocou-me num aparelho de tortura e está apertando os parafusos! Não me faça odiá-la, destruindo os melhores meses de minha vida!

Com isso, saiu do chalé num rompante de fúria. Fiquei sozinha, tristonha, lamentando o fato de sempre falar demais, pois permaneceria ali enquanto Bart necessitasse de mim.

Emma, Jory e eu achamos maravilhosa a idéia de fazermos uma excursão a Richmond para as compras de Natal. Jory não se lembrava de ter visto Papai Noel e se aproximou muito temerosamente do homem de barbas brancas e roupas vermelhas que estendia os braços para encorajá-lo. Hesitante, meu filho sentou-se no colo do Papai Noel da loja de Departamentos Thalhimers e fitou, incrédulo, os brilhantes olhos azuis do velho, enquanto eu batia fotografias de todos os ângulos, até mesmo engatinhando pelo chão para alcançar a posição desejada.

Em seguida visitamos uma loja de modas da qual eu ouvira falar, onde entreguei o desenho de um modelo criado por mim mesma. Escolhi o tom exato de veludo verde e depois o *chiffon* verde mais claro para a saia.

— E façam os cordões do corpete com brilhantes de imitação... Não se esqueçam: as partes esvoaçantes devem atingir a altura da bainha.

Enquanto Emma e Jory assistiam a um filme da Walt Disney, cortei o cabelo e mandei penteá-lo num estilo diferente. Não só o aparei, como de costume, mas pedi que cortassem mais curto do que eu jamais usara. O penteado caiu-me muito bem, da mesma forma que ficara muito bem em minha mãe quando ela o usara, havia quinze anos.

— Oh! Mamãe! — exclamou Jory, contristado. — Seu cabelo caiu.

Começou a chorar.

— Pegue outra vez seu cabelo comprido! — implorou. — Agora, você nem parece minha mamãe!

Não parecia; era exatamente esse meu objetivo. Não desejava parecer comigo mesma naquele Natal; não naquele Natal especial, em que eu precisava constituir uma duplicata exata de minha mãe quando eu a vira dançar pela primeira vez com Bart. Agora, finalmente, minha oportunidade se apresentava: num vestido igual, com penteado igual e rosto mais jovem, eu me defrontaria com minha mãe em sua própria casa e nos termos ditados por mim! Mulher a mulher, e que vencesse a melhor! Ela estaria com quarenta e oito e uma recente plástica no rosto. Eu sabia que ela ainda era muito bonita. Mas não poderia competir com a própria filha, vinte e um anos mais jovem! Ri quando me observei no espelho após vestir a nova roupa verde. Oh, sim! Transformara-me no que ela fora: o tipo de mulher a que homem nenhum conseguiria resistir. Tinha a mesma força e beleza que ela e dez vezes mais inteligência. Portanto, como poderia perder para ela?

Três dias antes do Natal, telefonei para Chris e lhe indaguei se gostaria de acompanhar-me até Richmond, pois eu esquecera algumas pequenas coisas que as lojas locais não tinham à venda.

— Cathy — respondeu ele num tom frio e carregado de hostilidade. — Quando você desistir de Bart Winslow, tornarei a vê-la. Antes disso, porém, nem quero passar por perto de você!

— Está bem! — explodi — Fique onde está! Pode perder a oportunidade de vingança, mas não deixarei escapar a minha! Adeus, Christopher Doll, e espero que os percevejos o devorem durante a noite!

Desliguei!

Eu já não dava aulas de balé com a mesma frequência que antes, mas na época dos recitais sempre voltava ao trabalho. Meus pequenos bailarinos adoravam vestir as elegantes roupas de espetáculo e se exhibir diante dos pais, avós e amigos. Ficavam adoráveis nas roupas apropriadas para o Quebra-Nozes. Até mesmo Jory tinha dois pequenos papéis para dançar: o de um floco de neve e o de um bombom. Na minha opinião, não existia maneira mais cheia de magia para passar ao menos uma véspera de Natal que reunir a família para assistir a uma apresentação do Quebra-Nozes. E a ocasião se tornava mil vezes mais maravilhosa quando uma daquelas talentosas crianças pequenas e graciosas era o nosso próprio filhinho, que completaria quatro anos dentro de um mês e meio. A doce infantilidade de Jory, dançando no palco com tanto entusiasmo, arrancou repetidos aplausos da platéia, que se ergueu para ovacioná-lo de pé ao final do solo que eu coreografara especialmente para ele. O melhor de tudo: eu forcara Bart a jurar que obrigaria minha mãe a assistir ao espetáculo e eles compareceram. Fiz questão de verificar, espiando por detrás da cortina: no centro da primeira fila, o Sr. e Sra. Bartholomew Winslow. Bart parecia feliz; minha mãe, carrancuda. Portanto, eu exercia algum controle sobre Bart. O que ficou provado pelo enorme buquê de rosas recebido pela professora de balé e a enorme caixa recebida pelo minúsculo bailarino que fizera o solo como floco de neve.

— O que será? — indagou Jory, muito corado, radiante de felicidade. — Posso abrir agora?

— Claro, logo que chegarmos em casa. E amanhã Papai Noel deixará uma centena de presentes para você.

— Por quê?

— Porque ama você.

— Por quê? — quis saber Jory.

— Porque não poderia deixar de amá-lo, eis aí o motivo.

— Oh!...

Antes das cinco da manhã, Jory já se levantara para brincar com o trem elétrico que Bart lhe enviara. Espalhados por toda a sala, os magníficos papéis que haviam embrulhado centenas de presentes mandados por Paul, Henny, Chris, Bart e Papai Noel. Emma deu a Jory uma caixa de doces feitos em casa, que ele devorou enquanto abria os outros pacotes.

— Puxa, Mamãe! — exclamou. — Pensei que ficaria solitário sem meus tios. Mas não fiquei. Estou me divertindo muito.

Ele não ficou solitário, mas eu fiquei. Queria Bart a meu lado, não com ela, na mansão. Desejava que ele inventasse alguma desculpa para ir à farmácia e escapulir-se a fim de vir à minha casa. Mas tudo o que vi de Bart naquela manhã de Natal foi a pulseira de brilhantes, com cinco centímetros de largura, que ele enviou junto a uma dúzia de rosas vermelhas e um bilhete: *“Eu a amo, bailarina.”*

Se já existiu alguma mulher que se vestiu com mais apuro que eu naquela noite, deve ter sido Maria Antonieta. Emma chegou a reclamar que eu estava demorando uma eternidade. Maquilei-me como se fosse tirar uma foto do rosto para a capa de uma revista importante. Emma penteou-me o cabelo exatamente como minha mãe se penteara tantos anos atrás.

— Ondule-os suavemente, afastando-os do rosto, Emma. Depois junte-os em cachos no alto da cabeça, certificando-se de que alguns caiam até roçar-me os ombros.

Quando ela terminou, quase perdi o fôlego ao verificar que eu me tornara uma duplicata quase exata do que fora minha mãe quando eu tinha apenas doze anos! As maçãs do rosto eram realçadas, como acontecera com as dela, pelo estilo do penteado. Como num sonho

que eu nunca acreditara realmente tornar-se realidade, vesti o traje de gala com o corpete de veludo e a saia de *chiffon*. Tratava-se de um modelo que jamais sairia da moda. Girei diante do espelho, experimentando a sensação de ser minha mãe, com o poder que ela exercia sobre os homens, enquanto Emma observava de um canto, cobrindo-me de elogios. Até mesmo o perfume era o mesmo, almiscarado, com um aroma de jardim do Oriente. As sandálias eram finas correias prateadas, com saltos de dez centímetros, combinando com a bolsinha de prata. Só me faltavam agora as jóias de esmeraldas e brilhantes que ela usara. Em breve eu também as possuiria. Indubitavelmente, o destino não permitiria que ela se vestisse de verde naquela noite. Em algum ponto de minha vida o destino teria que estar do meu lado. Eu julgava que fosse naquela noite. Hoje eu faria as surpresas e desferiria os golpes. Ela sentiria a dor de perder! Era uma pena que Chris não viesse assistir ao final de uma longa peça, que se iniciara no dia em que nosso pai morrera na estrada.

Lancei ao espelho um derradeiro olhar cheio de admiração, peguei a estola de peles que Bart me dera, reuni toda a minha hesitante coragem, dei uma última espiada em Jory, que dormia encolhido de lado, como um anjo. Debrucei-me para beijar-lhe com ternura o rostinho corado e redondo.

— Eu o amo, Jory — sussurrei.

Ele despertou parcialmente de um sonho nebuloso, fitando-me como se eu fizesse parte do sonho.

— Oh! Mamãe... está tão linda!

Seus olhos castanhos escuros brilharam com admiração infantil e ele indagou com grande seriedade:

— Vai a uma festa para me arranjar um novo papai?

Sorri, tornei a beijá-lo e disse que sim, sob certo aspecto era o que eu faria.

— Obrigada, querido, por achar-me linda. Agora durma outra vez e sonhe com coisas boas. Amanhã faremos um boneco de neve.

— Traga um papai para ajudar-nos.

Na mesa perto da porta de entrada havia um bilhete de Paul: “*Henny está muito doente. É uma pena que você não possa abrir mão de seus planos para visitá-la antes que seja tarde demais. Desejo-lhe felicidades, Catherine*”.

Larguei com um suspiro o bilhete de Paul e peguei o de Henny, que viera no mesmo envelope. Fora escrito num festivo papel vermelho, com letras de forma entortadas pela dolorosa artrite que deformava as articulações de Henny.

Querida Filha-Fada,

Henny está velha; Henny está cansada; Henny está contente de ter por perto seu filho-doutor, mas infeliz porque outros filhos muito longe de casa.

Digo-lhe agora, antes de ir para um lugar melhor, o segredo simples para viver feliz. Tudo que tem a fazer é dizer adeus aos amores antigos e alô ao novo amor. Olhe em volta, veja quem precisa mais de você e não poderá errar. Esqueça quem precisou de você ontem. Você escreve para dizer que tem na barriga novo bebê feito pelo marido de sua mãe. Alegre-se com o bebê, mesmo que o marido de sua mãe continue casado com ela. Perdoe sua mãe, mesmo se um dia ela lhe fez mal. Ninguém é errado em tudo e muito do que os filhos têm de bom deve ter vindo dela. Quando você conseguir perdoar e esquecer o passado, a paz e o amor voltarão para você. Desta vez, ficarão. E se você não tornar a ver Henny neste mundo, lembre-se de que Henny lhe quis bem, como se fosse sua própria filha, da mesma maneira que amou sua irmã-anjo, a quem espero encontrar dentro de pouco tempo.

De quem logo estará no céu,

Henny.

Larguei a carta de Henny com uma pesada sensação de tristeza no peito. Então, sacudi os ombros. Tinha que fazer o que precisava ser feito. Enveredara por aquela senda havia muitos anos e haveria de segui-la até o final, não importava o que acontecesse.

Como era estranho o vento ter parado de soprar quando saí do chalé e me virei para fazer um aceno a Emma, que passaria a noite com Jory. Com os pés calçados de sandálias protegidos por galochas, encaminhei-me para meu carro. Macia como plumas, a neve começou a cair. Olhei para o céu cinzento e ameaçador, tão semelhante aos olhos da avó. Sentindo-me novamente resoluto, girei a chave na ignição e parti para Foxworth Hall, embora não tivesse recebido convite para a festa. Brigara violentamente com Bart por causa disso.

— Por que não insistiu e a obrigou a convidar-me?

— Ora, Cathy, não acha que realmente seria pedir demais? Posso insultar minha esposa, pedindo-lhe que convide minha amante para sua festa? Talvez eu seja idiota, Cathy, mas não sou tão cruel.

Naquele primeiro Natal que passamos prisioneiros, quando eu tinha doze anos, eu me deitara com a cabeça apoiada no peito adolescente de Chris, triste e sonhadora, desejando ser adulta e ter curvas tão perfeitas quanto as de minha mãe, um rosto tão belo e roupas tão sensacionais. E, acima de tudo, desejei controlar minha própria vida. Alguns dos desejos daquele Natal se tornaram realidade.

Revelações

Pouco depois das dez horas, utilizei a chave de madeira confeccionada por Chris tantos anos antes para esgueirar-me, sem ser observada, por uma porta dos fundos de Foxworth Hall. Muitos dos convidados já estavam lá e outros mais chegavam. A orquestra tocava uma melodia de Natal, que me chegava de leve aos ouvidos. Uma música tão docemente cheia de recordações que me levou de volta aos tempos de infância; só que desta feita eu estava sozinha em território inimigo, sem ter quem me apoiasse, quando me esgueirei silenciosamente pela escada dos fundos, mantendo-me nas sombras, pronta para ocultar-me depressa em caso de necessidade. Segui meu caminho solitário até a grandiosa rotunda central, postando-me perto do armário no qual Chris e eu nos escondêramos para observar uma outra festa de Natal, quinze anos atrás. Olhei para o salão e avistei Bart Winslow de pé ao lado da esposa, que usava um vestido elegante de lamê vermelho. A voz forte de Bart ressoava com sinceridade ao cumprimentar calorosamente os convidados que chegavam, apertando mãos e beijando rostos, fazendo com perfeição o papel de anfitrião. Minha mãe dava a impressão de uma figura secundária ao lado do marido, quase desnecessária naquela imensa mansão que em breve lhe pertenceria.

Sorrindo amargamente com meus botões, encaminhei-me furtivamente aos grandiosos aposentos particulares de minha mãe. Recuei no tempo! Oh, meu Deus! Tive vontade de soltar uma exclamação infantil de deleite, surpresa, espanto ou frustração, embora dispusesse agora de um vocabulário bem mais vasto e adequado. Naquela noite não sentia frustração, mas uma leve sensação de justificativa: o que quer que acontecesse seria por culpa dela. “*Veja bem*”, disse comigo mesma. Lá estava a esplêndida cama em forma de cisne, com a caminha menor, também no mesmo formato, aos pés. Olhei em volta, verificando que tudo continuava como antes, exceto o tecido de brocado que forrava as paredes; fora trocado por outro, diferente. Agora, já não era rosa-morango, mas de um leve tom de ameixa. Havia também um cabide metálico destinado a manter um terno masculino arrumado e sem dobras até que o dono o vestisse; era novo. Corri ao quarto de vestir de minha mãe. Ajoelhando-me, abri o fundo especial de uma gaveta e tateei à procura do pequeno botão que precisava ser acionado numa determinada combinação de números até abrir o complicado trinco de

segredo. E, por incrível que pudesse parecer, ela ainda usava a mesma combinação: os números do mês, dia e ano de seu nascimento! Oh! Deus! Era mesmo uma mulher confiante!

Em poucos segundos, coloquei no chão, diante de mim, a grande prateleira forrada de veludo verde, de modo a poder servir-me à vontade das jóias de esmeraldas e brilhantes que minha mãe usara naquela festa de Natal em que Chris e eu a víamos pela primeira vez com Bart Winslow. Naquela ocasião, nós a amávamos muito e ficamos ressentidos contra ele. Ainda lamentávamos a morte de papai e não queríamos que Mamãe se casasse outra vez, nunca mais. Como num sonho, coloquei em mim as jóias que tão bem combinavam com meu vestido de veludo e *chiffon* verde. Mirei-me no espelho, a fim de verificar se parecia tão jovem quanto ela naquela época. Eu dava a impressão de ser alguns anos mais moça, mas não havia dúvida de que me parecia muito com ela. Não exatamente igual, mas quase, assim como duas folhas da mesma árvore nunca são exatamente iguais. Recoloquei no lugar a bandeja de jóias e gaveta, deixando tudo como antes. Só que agora eu usava algumas centenas de milhares de dólares em jóias que não me pertenciam. Consultei novamente o relógio. Dez e meia. Cedo demais. Queria fazer minha grandiosa entrada no salão à meia-noite, justamente como uma Cinderela ao inverso.

Com a maior cautela, percorri sorrateiramente os compridos corredores que levavam à ala norte e encontrei aquele último quarto, com a porta trancada. A chave de madeira ainda servia na fechadura, mas meu coração parecia não me caber no peito. Batia depressa demais, com uma ferocidade exagerada, um barulho excessivo, pulsando com inusitada excitação. Precisava manter-me calma, controlada, fazer tudo corretamente e não me deixar intimidar por aquela espantosa mansão que fizera o possível para destruir-nos.

Ao entrar naquele quarto com duas camas de casal, penetrei de volta em minha infância. As colchas douradas com franjas de cetim continuavam sobre as camas, perfeitamente arrumadas, sem apresentarem a mínima dobra. O aparelho de TV de dez polegadas ainda estava no canto. A casa de bonecas, com seus habitantes de porcelana e móveis de estilo antigo feitos em escala, esperava que as mãos de Carrie viessem revivê-la. A velha cadeira de balanço que Chris trouxera do sótão ainda estava no mesmo lugar. Ora, era como se o tempo ali tivesse parado e nunca houvéssemos fugido do local! Até mesmo o inferno continuava nas paredes, representado pelas três reproduções de obras-primas de mestres renascentistas. Oh, meu Deus! Eu jamais imaginara que aquele quarto me deixasse tão despedaçada interiormente. Não podia me dar ao luxo de chorar, o que estragaria a maquiagem. Não obstante, minha vontade era chorar como uma criança. A meu redor volteavam os fantasmas de Carrie e Cory, então com apenas cinco anos, rindo, chorando, querendo sair dali, ansiando por sol e ar livre, mas podendo apenas empurrar pelo chão pequenos caminhões ao longo de uma estrada imaginária entre Nova York e São Francisco ou Los Angeles. E havia as antigas linhas de trem elétrico que percorriam o quarto inteiro, passando até por debaixo da mobília. Oh! Que fora feito da ferrovia, dos minúsculos vagões e locomotivas? Tirei da pequena bolsa de prata um lenço de papel e enxuguei cuidadosamente os cantos dos olhos. Debrucei-me para observar o interior da casa de bonecas. As criadas de porcelana ainda preparavam comida na cozinha; o mordomo estava postado junto à porta para receber os convidados que chegavam numa carruagem puxada por uma parelha de cavalos; e, no quarto da criança, o bercinho vazio! O bercinho que desaparecera! Passáramos semanas a procurá-lo, com medo que a avó desse por sua falta e castigasse Carrie e ali estava ele, no seu devido lugar! Mas faltava o bebê, assim como os pais que costumavam ficar na sala de visitas: o Sr. e Sra. Parkins, bem como Clara, o bebê, agora me pertenciam e jamais voltariam a morar naquela casa.

Seria possível que a própria avó tivesse escondido o berço, a fim de poder notar a sua falta e, quando não conseguíssemos apresentá-lo, ter um bom motivo para castigar Carrie? E Cory também, pois ele correria automaticamente para defender sua irmã gêmea, sem qualquer

temor das conseqüências que tal gesto poderia causar-lhe. A avó era perfeitamente capaz de arquitetar algo tão mesquinho e cruel. Contudo, se agira assim, por que motivo não aplicara o castigo e não levava seu intento até o fim? Ri amargamente comigo mesma. Ela levava seu intento até o fim, não apenas uma surra com a vara de salgueiro, mas algo muito melhor... ou pior! Veneno. Arsênico em quatro rosquinhas açucaradas.

Sobressaltei-me. Tive a impressão de escutar um riso infantil. Minha imaginação, naturalmente. Então, quando deveria ter pensado melhor, encaminhei-me ao armário embutido, à porta estreita e alta situada no fundo do quarto, que se abria para a escada íngreme, estreita e escura. Eu galgara aquela escada um milhão de vezes. Um milhão de vezes, no escuro, sem vela ou lanterna para iluminar o caminho. Subi ao sótão gigantesco, escuro, fantasmagórico. Só quando cheguei lá em cima tateei em busca do local que Chris e eu usávamos para esconder nossas velas e fósforos. Ainda estavam lá. O tempo parara naquele local. Tínhamos vários castiçais, todos eles de estanho, com pequenas asas para a pessoa segurá-los. Foram encontrados por nós num velho baú, junto com inúmeras caixas de velas grossas, curtas e mal acabadas. Sempre presumimos que fossem velas de fabricação caseira, pois exalavam um cheiro desagradável, de coisa velha, quando queimavam. Prendi a respiração! Oh! Era o mesmo! As flores de papel continuavam penduradas, móveis que se moviam nas correntes de ar; e as flores gigantes nas paredes. Só que todas as cores se haviam desbotado num indistinto tom cinzento: flores fantasmas. Os centros brilhantes que havíamos colado nelas tinham-se soltado e agora só algumas margaridas ainda possuíam centros brilhantes. A gigantesca minhoca roxa de Carrie lá permanecia, embora também estivesse cinzenta e desbotada. A lesma epilética de Cory já não parecia uma brilhante e deformada bola de praia, mas uma laranja descorada e meio apodrecida. Os avisos de CUIDADO que Chris e eu havíamos pintado em vermelho nas paredes ainda lá estavam, como os balanços que pendiam das vigas do telhado. Perto do toca-discos, estava a barra que Chris fabricara e pregara à parede, para que eu pudesse ensaiar minhas posições de balé. Até mesmo meus velhos trajes de bailarina pendiam murchos dos pregos, dúzias deles, acompanhados por malhas das mesmas cores e gastas sapatilhas de dança, tudo desbotado, empoeirado, com cheiro de podre.

Como se me movesse num pesadelo ao qual fora condenada, andei até a distante sala de aulas à luz bruxuleante da vela. Os fantasmas despertaram; lembranças e espectros acompanhavam-me à medida que os objetos pareciam acordar, sonolentos e bocejantes. Não, refleti com meus botões, são apenas as sombras de minha esvoaçante roupa de *chiffon*... só isso. O cavalinho malhado de balanço surgiu diante de mim, espantoso e ameaçador. Levei a mão à garganta para sufocar uma exclamação de susto e medo. A enferrujada carroça vermelha parecia mover-se, empurrada por mãos invisíveis. Meu olhar fugiu em direção ao quadro-negro onde eu escrevera minha enigmática mensagem aos que ali viessem no futuro. Como poderia imaginar que eu seria a primeira?

*Vivemos no sótão,
Christopher, Cory, Carrie e eu...
Agora, somos apenas três.*

Sentei-me à pequena escrivaninha que pertencera a Cory, tentando enfiar as pernas sob ela. Desejava mergulhar num profundo devaneio para chamar o espírito de Cory, a fim de que ele me dissesse onde se encontrava. Enquanto eu aguardava sentada, o vento começou a soprar lá fora, aumentando até uivar e fazer a neve cair obliquamente. Desabava outra tempestade violenta. Com ela, vieram as correntes de ar que apagaram minha vela! A escuridão parecia gritar e tive que fugir correndo! Fugir depressa... fugir... fugir antes de transformar-me num deles!

A hora seguinte fora coreografada por mim nos mínimos detalhes. Quando o grande relógio de pêndulo começou a bater a meia-noite, postei-me no centro do balcão do segundo andar. Nada fiz de espetacular senão ficar ali parada, com a pele iluminada pelas jóias faiscantes. Em seu vestido de lamê vermelho, de frente tão alta que a gola chegava a tocar o grosso colar de brilhantes, minha mãe virou-se ligeiramente. Vi que o vestido que lhe deixava as costas nuas compensava a frente severa e não decotada, deixando à mostra o início da depressão que lhe separava as nádegas. Seus cabelos louros, curtos como eu jamais os vira antes, estavam penteados num estilo solto em volta do rosto, embelezando-a ainda mais. À distância, parecia muito jovem e linda, longe de demonstrar sua verdadeira idade.

Ahhh!... Soou a última badalada da meia-noite... Algum sexto sentido deve tê-la prevenido, pois voltou-se lentamente para olhar em minha direção. Comecei a descer a escadaria. Os olhos de minha mãe se esbugalharam e anuviaram; a mão que segurava um copo de bebida tremeu tanto que parte do líquido se derramou e escorreu para o chão. Como ela olhava fixamente para mim, Bart acompanhou-lhe a direção do olhar. Ficou boquiaberto como se eu fosse uma aparição. Agora, tanto o anfitrião como a anfitriã estavam mesmerizados e todos os convidados se sentiram obrigados a olhar também na direção onde, certamente, esperavam avistar Papai Noel, mas era apenas eu. Apenas eu, como fora minha mãe tantos anos antes, usando o mesmo vestido de gala e, tenho certeza, ante os olhares de muitos daqueles mesmos convidados, que haviam comparecido àquela festa de Natal. Até mesmo reconheci alguns deles, mais velhos, agora, mas eu os reconheci! Oh, quanto prazer tê-los ali!

Foi o meu momento de triunfo! Movimentando-me como só uma bailarina é capaz de fazer, dispus-me a representar meu papel com o máximo de minha capacidade dramática. Enquanto os convidados olhavam para cima, nitidamente enfeitiçados pelo recuo no tempo, senti a imensa satisfação de ver minha mãe empalidecer. E tive ainda mais prazer em observar os olhos de Bart esbugalharem-se ainda mais ao saltarem de mim para ela e, depois, de volta a mim. Lentamente, num silêncio mortal, pois a música parara de tocar, desci o lado esquerdo da dupla escadaria curva, pensando que era a feiticeira má que lançara sobre Aurora a praga da morte; em seguida imaginei-me como a Fada Lilás, que roubou o Príncipe Encantado de Aurora enquanto esta dormia o seu sono de um século. (Foi muito inteligente de minha parte não me lembrar de que era a filha de minha mãe e que dentro em breve a destruiria. Muita esperteza fazer de tudo aquilo uma produção teatral, quando lidava com realidade e não com fantasia, e talvez houvesse derramamento de sangue).

Corri graciosamente os dedos faiscantes de jóias ao longo do corrimão de madeira-de-lei, sentindo minhas esvoaçantes saias de *chiffon* verde balançarem a cada passo. E a cada segundo eu mais me aproximava do local onde minha mãe e Bart permaneciam em pé, muito juntos. Ela tremia da cabeça aos pés, mas conseguia não perder a pose. Julguei divisar um relance de pânico em seus olhos azuis de boneca de porcelana. Mimoseei-a caridosamente com o mais gracioso de meus sorrisos, quando cheguei ao penúltimo degrau. Ali, estaquei. Desta maneira, aproveitava-me da vantagem de ficar mais alta que qualquer dos presentes à cena. Todos eles viam-se obrigados a erguer os olhos para ver-me, pois eu usava saltos de dez centímetros e solas tipo tamanco, semelhantes às de Carrie, com o propósito de ficar da mesma estatura que minha mãe quando nos enfrentássemos de perto. Assim, poderia observar melhor seu espanto, embaraço e colapso total!

— Feliz Natal! — disse eu para todos em voz alta e clara, que ecoou como a trombeta de um arauto, atraindo os que se encontravam em outros salões e que acorreram às dúzias, aparecendo mais atraídos pelo silêncio profundo que pelo som de minha voz.

— Sr. Winslow — convidei — venha dançar comigo, exatamente como dançou com minha mãe há quinze anos, quando eu tinha apenas doze de idade e estava escondida no balcão, lá em cima, e ela usava um vestido igual ao que uso no momento.

Bart ficou visivelmente abalado. O choque aturdiu-o, anuviando-lhe o olhar, mas ele se recusou a sair de perto de minha mãe! Assim, forçou-me a proceder como fiz em seguida. Enquanto todos aguardavam, imóveis e calados, com a respiração presa na expectativa de outras revelações explosivas, resolvi dar-lhes o que desejavam.

— Gostaria de apresentar-me — declarei num tom agudo, a fim de fazer-me escutar perfeitamente. — Sou Catherine Leigh Foxworth, filha mais velha da Sra. Bartholomew Winslow que, como a maioria de vocês se recorda, foi anteriormente casada com meu pai, Christopher Foxworth. Lembrem-se também de que ele era meio-tio de minha mãe, irmão mais moço de Malcolm Neal Foxworth. Este deserdou a filha, a única herdeira que lhe restava, por cometer a pecaminosa temeridade de casar-se com o meio-irmão dele! Além disso, tenho também um irmão mais velho, igualmente chamado Christopher, que hoje é médico. Outrora, tive um irmão e uma irmã mais moços, gêmeos, que nasceram quando eu tinha sete anos. Entretanto, Cory e Carrie estão mortos, porque foram...

Não sei por que motivo, interrompi-me. Em seguida, continuei:

— Naquela festa de Natal, há quinze anos, Chris e eu nos escondemos na arca que ainda hoje está no balcão, enquanto os gêmeos dormiam no último quarto da ala norte. Nosso local de brincar era o sótão e nunca, nunca, nunca descíamos. Éramos ratos de sótão, indesejáveis e detestados desde que o dinheiro entrara em jogo.

E eu estava prestes a berrar todo o resto da estória, nos menores detalhes, mas Bart se encaminhou para mim.

— Bravos, Cathy! — exclamou. — Representou seu papel com perfeição! Parabéns!

Passou-me o braço pelos ombros, sorrindo encantadoramente e depois voltou-se para os convidados, que pareciam não saber o que pensar, em quem acreditar e, muito menos, como reagir.

— Minhas senhoras e cavalheiros — acrescentou Bart. — Permitam que lhes apresente Catherine Dahl, que muitos de vocês tiveram oportunidade de ver no palco quando ela dançava com o falecido marido, Julian Marquet. E, como acabam de verificar por si mesmos, é também uma atriz de enorme talento. Cathy é parenta distante de minha esposa e, caso consigam perceber a semelhança física entre as duas, está tudo explicado. Na verdade, a Sra. Marquet é atualmente uma de nossas vizinhas, como talvez vocês já saibam. Já que se parece de modo tão extraordinário com minha esposa, arquitetamos esta pequena farsa e fizemos o possível para que nossa pilhéria animasse a festa, tornando-a um pouco diferente.

Beliscou-me impiedosamente o antebraço antes de tomar-me pela mão, passar o outro braço por minha cintura e convidar-me para dançar.

— Venha, Cathy. Decerto deseja mostrar seus dotes de dançarina, após tão sensacional apresentação dramática.

Quando a música recomeçou, ele praticamente me obrigou a dançar! Virei a cabeça e vi minha mãe derreada sobre uma amiga, o rosto tão pálido que a maquilagem se realçava como manchas esquisitas. Mesmo assim, não conseguia despregar os olhos de mim nos braços de seu marido.

— Sua putinha atrevida! — sibilou Bart. — Como ousa entrar aqui e fazer tal escândalo? Julguei que a amava. Detesto mulheres que se portam como gatas de unhas afiadas. Não permitirei que arruíne minha esposa! Sua pequena idiota, por que inventou tantas mentiras?

— Idiota é você, Bart — respondi com a maior calma, embora estivesse em pânico interiormente: e se ele se recusasse a acreditar em mim? — Olhe bem para mim. Como poderia eu saber que ela usou um vestido igual ao meu se não a tivesse visto com ele? Como poderia eu saber que você a acompanhou para ver o quarto com a cama em forma de cisne, se meu irmão Chris não se tivesse escondido para ver e ouvir tudo que vocês dois fizeram na rotunda do segundo andar?

Bart olhou-me bem, parecendo tão estranho, distante e esquisito.

— Sim, querido Bart, sou filha de sua esposa e sei que se uma certa firma de advocacia, na qual você trabalha, descobrir que sua esposa teve quatro filhos resultantes da união de seu primeiro casamento, você e ela perderão tudo. Todo o dinheiro e investimentos. Serão obrigados a devolver tudo o que compraram. Ora, tenho tanta pena que me dá vontade de chorar!

Continuamos a dançar, o rosto dele bem perto do meu. Seus lábios exibiam um sorriso fixo.

— Esse vestido que você está usando... como diabo descobriu que ela usava um exatamente igual na primeira vez em que entrei nesta casa para uma festa?

Ri, simulando achar graça.

— Meu caro Bart, você é tão estúpido! Como julga que sei? Vi-a usando um vestido igual. Ela foi ao nosso quarto para nos mostrar o quanto estava linda; invejei-lhe as curvas do corpo e o jeito de Chris fitá-la com tanta admiração. Seus cabelos estavam penteados como os meus estão agora. E acabo de tirar estas jóias do cofre existente em sua gaveta na mesinha de cabeceira.

— É mentira! — disse ele, mas sua voz tinha um tom de dúvida.

— Conheço a combinação do segredo — prossegui suavemente. — Os números da data em que ela nasceu. Foi ela mesma quem me contou, quando eu tinha doze anos. Ela é minha mãe. Manteve-nos trancados à espera da morte do pai, a fim de herdar toda a fortuna. E você sabe por que motivo ela foi obrigada a fazer um grande segredo de nossa existência. Foi você quem redigiu o testamento, não é mesmo? Recue no tempo e lembre-se de uma certa noite, em que adormeceu nos grandiosos aposentos particulares que vocês dois usavam. Então sonhou que uma jovem usando uma curta camisola azul entrou sorrateiramente e o beijou. Você não estava sonhando, Bart. Quem o beijou fui eu. Na ocasião, tinha quinze anos e entrava em seu quarto para roubar dinheiro. Lembra-se como dava pela falta de trocados? Você e ela julgavam que os criados roubassem, mas era Chris. E, uma vez, fui eu... que nada encontrei porque você estava lá para me amedrontar.

— Nãoooo... suspirou ele. — Não! Ela não seria capaz de fazer isso com os próprios filhos!

— Não seria capaz? Pois foi! Aquela grande arca perto da balaustrada do segundo andar tem o fundo de tela metálica, através do qual Chris e eu pudemos observar muito bem. Vimos os funcionários do bufê prepararem os *crepes suzettes*, os garçons trajados de preto e vermelho, uma fonte de onde jorrava champanha... e duas imensas poncheiras de prata. Chris e eu sentíamos o aroma das iguarias e chegamos a babar de vontade de provar o que serviam aqui nos salões. Nossas refeições eram enjoativas, sempre frias ou apenas mornas. Os gêmeos quase não se alimentavam. Você compareceu ao jantar do Dia de Ação de Graças, quando ela subiu e desceu tantas vezes? Quer saber o motivo? Preparava bandejas de comida para levar-nos sempre que John, o mordomo, não estava na copa.

Bart sacudiu a cabeça, os olhos esgazeados.

— Sim, Bart, a mulher com quem você se casou tinha quatro filhos que ela manteve escondidos e trancados durante três anos e quase cinco meses. Nosso *playground* era o sótão. Por acaso você brincou num sótão durante o verão? Ou no inverno? Imagina que seja agradável? Faz idéia de como nos sentíamos, ano após ano, esperando que um velho morresse para que nossas vidas pudessem ter início? Conhece o trauma que sofremos ao saber que ela dava mais importância ao dinheiro que a nós, seus próprios filhos? E os gêmeos não se desenvolveram fisicamente. Ficaram tão pequenos, raquíticos, com enormes olhos assustados, mas ela entrava no quarto e nunca olhava para eles! Ela fingia não ver o precário estado de saúde em que se encontravam!

— Cathy, por favor! Se está mentindo, pare! Não me faça odiar minha mulher!

— Por que não odiá-la? Ela merece — prossegui, enquanto minha mãe ia recostar-se numa parede, parecendo doente e prestes a vomitar. — Certa vez, deitei-me naquela imensa cama de cisne, com a caminha igual aos pés. Na gaveta da mesinha de cabeceira vocês tinham um livro sobre sexo, disfarçado por uma capa cujo título era “Como criar seus próprios pontos de bordar”, ou algo semelhante.

— “Como criar seus próprios bordados” — corrigiu ele, parecendo tão pálido e doente quanto minha mãe, embora continuasse a exibir aquele sorriso detestável. — Está inventando tudo isso — declarou, num tom esquisito e desprovido de sinceridade. — Detesta-a porque me deseja e trama para iludir-me e destruí-la.

Sorri e rocei de leve os lábios no rosto dele.

— Então permita-me convencê-lo melhor. Nossa avó sempre usava vestidos de tafetá cinzento com gola de crochê feitas à mão e nunca sem um broche de brilhantes com dezessete pedras preciosas prendendo a gola na altura da garganta. Todas as manhãs bem cedo, antes das seis e meia, levava comida e leite para nós numa cesta de piquenique feita de vime. A princípio, alimentava-nos razoavelmente bem; contudo, à medida que seu ressentimento contra nós aumentou, nossas refeições se tornaram cada vez piores, até que passamos a comer apenas sanduíches de creme de amendoim e geléia, recebendo ocasionalmente uma ração de galinha frita e salada de batatas. Ela estabeleceu uma longa série de normas segundo as quais nos devíamos comportar, sendo que uma delas nos proibia de abrir as cortinas para deixarmos entrar luz no quarto. Vivemos ano após ano num quarto escuro, sem receber luz solar. Se você ao menos soubesse o que é viver trancado, sem luz, sentindo-se negligenciado, indesejável e detestado...! E também havia uma outra regra, extremamente difícil de obedecermos: não devíamos olhar-nos mutuamente, em especial os sexos opostos.

— Oh! Deus! — exclamou ele, com um pesado suspiro. — Isso é bem do tipo dela. Você disse que ficaram trancados mais de três anos?

— Três anos e quase cinco meses. E se isso lhe parece muito tempo, o quanto julga que foi para duas criancinhas de cinco anos, uma de doze e outra de quatorze? Naquela época, cinco minutos levavam cinco horas para se escoarem, os dias eram como meses e os meses pareciam anos.

Tornou-se evidente que a dúvida invadia sua mente de advogado, que via todas as ramificações, se minhas palavras fossem verdadeiras.

— Cathy, seja franca, totalmente franca. Você tinha uma irmã e dois irmãos e durante todo aquele tempo, inclusive quando eu já morava aqui, viveram trancados lá em cima?

— No início, acreditamos em nossa mãe, em cada palavra que ela pronunciava, porque a amávamos e confiávamos nela: era a nossa única esperança de salvação. E queríamos que ela herdasse todo aquele dinheiro do pai. Concordamos em permanecer trancados até que nosso avô morresse, embora nossa mãe, ao dizer-nos que moraríamos em Foxworth Hall, deixasse de mencionar que ficaríamos trancados e escondidos. A princípio, pensamos que fosse apenas por um ou dois dias, mas aquilo continuou interminavelmente. Ocupávamos o tempo jogando... rezávamos muito, dormíamos um bocado. Fomos ficando magros, doentios, subnutridos e passamos fome durante duas semanas enquanto você e nossa mãe viajavam pela Europa em lua-de-mel. E, depois, quando vocês foram visitar sua irmã em Vermont, onde nossa mãe comprou um quilo de balas de açúcar de bordo. A essa altura, porém, já estávamos comendo rosquinhas com arsênico misturado ao açúcar.

Bart lançou-me um olhar ameaçador, carregado de uma raiva terrível.

— Sim, compramos um quilo daquelas balas em Vermont. Contudo, Cathy, não importa qualquer outra coisa que você me diga, jamais acreditarei que minha esposa decidiu deliberadamente envenenar seus próprios filhos!

Seu olhar cheio de desprezo percorreu-me de alto a baixo e voltou ao meu rosto.

— Sim, você se parece com ela! Talvez seja sua filha, admito! Mas dizer que Corrine seria capaz de matar os próprios filhos... não posso acreditar!

Empurrei-o com força para longe de mim e girei nos calcanhares.

— Ouçam todos! — berrei. — Sou filha de Corrine Foxworth Winslow! Ela realmente trancou os quatro filhos no último quarto da ala norte desta mansão! Nossa avó tomou parte no plano e cedeu-nos o sótão como *playground*. Decoramos o local com flores de papel, a fim de o alegrarmos para os gêmeos. E tudo isso porque nossa mãe precisava herdar a fortuna do pai. Ela nos dizia que tínhamos que permanecer escondidos, caso contrário nosso avô jamais a incluiria no testamento. Todos vocês sabem o quanto ele a desprezava por ter-se casado com o meio-irmão dele. Nossa mãe persuadiu-nos a irmos para cá e vivermos lá em cima, quietos como ratos de sótão; obedecemos, confiando nela e acreditando que manteria a promessa e nos libertaria no dia em que seu pai morresse. Mas ela não o fez! Nada disso! Deixou-nos sofrendo lá em cima durante nove meses depois que seu pai morreu e foi sepultado!

Eu tinha muito mais a dizer, mas minha mãe soltou um grito agudo:

— Pare!

Cambaleou alguns passos, com os braços estendidos para a frente, como se estivesse cega.

— É mentira! — berrou. — Nunca vi você antes! Saia de minha casa! Saia antes que eu chame a polícia para expulsá-la daqui! Agora, caia fora e nunca mais volte!

Agora todos olhavam para ela, não mais para mim. Ela, sempre cheia de pose e arrogância, se descontrolara, ficando trêmula, o rosto lívido, as unhas em riste tentando arrancar-me os olhos! Não acredito que um só dentre os presentes duvidasse de mim; parecia-me demais com ela e sabia de muitas verdades para estar mentindo!

Bart afastou-se de mim e foi até a esposa, murmurando-lhe alguma coisa ao ouvido. Abraçou-a com ar consolador e beijou-lhe o rosto. Minha mãe se agarrou a ele, indefesa, as mãos pálidas e trêmulas de desespero, implorando-lhe auxílio com olhos grandes e lacrimosos de um azul cerúleo, iguais aos meus, aos de Chris, aos dos gêmeos.

— Mais uma vez, muito grato pela sensacional apresentação, Cathy. Acompanhe-me à biblioteca para receber seu cachê — disse Bart, correndo o olhar pelos convidados que nos cercavam e acrescentando com voz calma: — Sinto muito, mas minha esposa esteve doente e esta pequena brincadeira foi preparada por mim num momento pouco adequado. Eu jamais deveria ter planejado um espetáculo como este. Portanto, se fizerem o favor de perdoar-me, continuem a festa; comam, bebam e divirtam-se à vontade. Podem ficar até quando quiserem. A Srta. Catherine Dahl talvez lhes reserve outras surpresas.

Como o odiei naquele momento!

Enquanto os convidados se moviam por perto, trocando sussurros e olhando para nós, Bart pegou minha mãe, ergueu-a no colo e se encaminhou para a biblioteca. Ela estava mais pesada do que antes, mas parecia uma pluma nos braços dele. Bart me lançou um olhar por cima do ombro e fez-me um sinal com a cabeça para acompanhá-lo. Obedeci. Eu desejava que Chris estivesse ali a meu lado, como deveria. Não me cabia a total responsabilidade de confrontar nossa mãe com a verdade. Sentia-me estranhamente solitária, na defensiva, como se no final Bart fosse acreditar nela e não em mim, a despeito de tudo que eu afirmasse, sem se importar com todas as provas que eu apresentasse. E eu possuía muitas provas para confirmar minhas declarações. Poderia descrever as flores no sótão, a lesma deformada, a minhoca, a enigmática mensagem que eu escrevera no quadro-negro e, sobretudo, exibir a chave de madeira feita por Chris.

Bart chegou à biblioteca e depositou cuidadosamente minha mãe numa das poltronas de couro. Deu-me uma ordem ríspida:

— Cathy, quer fazer o favor de fechar a porta?

Só então percebi quem mais se encontrava na biblioteca! Minha avó, sentada na mesma cadeira de rodas que pertencera ao marido. Normalmente é quase impossível distinguir uma cadeira de rodas de outra, mas aquela fora fabricada sob encomenda e muito mais valiosa que as comuns. A velha usava um roupão azul sobre o camisolão de hospital e uma manta protegendo as pernas. A cadeira fora colocada perto da lareira, de modo que ela pudesse aproveitar o calor do fogo que ali crepitava. Sua calva brilhou quando ela virou a cabeça para me olhar. Seus duros olhos cinzentos faiscaram maliciosamente. Uma enfermeira lhe fazia companhia. Não me dei ao trabalho de notar-lhe o rosto.

— Sra. Mallory — disse Bart. — Faça o favor de deixar a sala e a Sra. Foxworth ficará conosco.

Não era um pedido, mas uma ordem.

— Sim, senhor — disse a enfermeira, erguendo-se depressa e tratando de retirar-se o mais rápido possível. — Basta tocar a campainha quando a Sra. Foxworth quiser deitar-se, senhor — disse ao chegar à porta, saindo em seguida.

Bart parecia prestes a explodir ao caminhar de um lado para outro. A fúria que sentia agora parecia dirigir-se não só contra mim, como também contra a esposa.

— Muito bem! — declarou, tão logo a enfermeira fechou a porta. — Vamos terminar isto de uma vez por todas, Corrine. Tudo isto. Sempre desconfiei de que você ocultava um segredo, um grande segredo. Ocorreu-me muitas vezes a idéia de que não me amava realmente, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse ter quatro filhos, os quais manteve prisioneiros, escondidos no sótão. Por quê? Por que não me procurou para contar toda a verdade? — rugiu ele, totalmente descontrolado. — Como pôde ser tão egoísta, cruel, desalmada e brutal, a ponto de manter seus quatro filhos numa prisão e depois tentar envenená-los com arsênico?

Derreada, inerte numa poltrona de couro, minha mãe fechou os olhos. Parecia já não ter um pinga de sangue nas veias ao indagar com voz sumida e inexpressiva:

— Então, vai acreditar nela e não em mim? Bem sabe que eu seria incapaz de envenenar alguém, por mais que viesse a ganhar com isso. E também sabe que não tenho filhos!

Fiquei aturdida ao saber que Bart acreditava em mim e não nela. Mas logo raciocinei que ele não acreditava realmente em mim e usava um truque de advogado, atacando e esperando pegá-la com a guarda baixa para, talvez, descobrir a verdade. Contudo, ela treinara durante tempo demais para permitir que alguém a pegasse de surpresa. Avancei para fitá-la furiosamente e indagar com meu tom mais ríspido:

— Por que não conta a Bart o que aconteceu a Cory, Mamãe? Vamos, conte-lhe como você e sua mãe entraram em nosso quarto durante a noite e o embrulharam num cobertor verde, afirmando que o levariam para o hospital. Conte-lhe como voltaram no dia seguinte, dizendo que Cory morrera de pneumonia. Mentira! Tudo mentira! Chris desceu às escondidas e ouviu aquele mordomo, John Amos Jackson, contar a uma das criadas que a avó levava arsênico para o sótão, a fim de matar os camundongos. Nós éramos os camundongos que comiam as rosquinhas açucaradas contendo arsênico, Mãe! E conseguimos provar que as roscas estavam envenenadas. Lembra-se do camundongo de estimação de Cory, que você costumava ignorar? Demos-lhe apenas um pedacinho de rosca açucarada e ele morreu! Agora, você fica aí sentada, chorando e dizendo que nunca me viu, negando a existência de Chris e também de Cory e Carrie, que já morreram!

— Nunca vi você em minha vida — disse ela com voz forte, empertigando-se na poltrona e encarando-me nos olhos. — Exceto quando assisti ao balé, em Nova York.

Bart apertou as pálpebras, olhando primeiro para ela e depois para mim. Então, tornou a fitar a esposa, com os olhos ainda mais apertados e ladinos.

— Cathy — disse ele, ainda olhando para a esposa. — Você está fazendo graves acusações contra minha esposa. Alega que ela é culpada de homicídio, de assassinato premeditado. Se você conseguir provar tais afirmações, ela irá a julgamento por homicídio doloso; é isso que você deseja?

— Quero apenas justiça, nada mais. Não, não quero vê-la na cadeia ou condenada à morte na cadeira elétrica... se isso é o que ainda fazem neste Estado.

— Está mentindo — sussurrou minha mãe. — Mentindo, mentindo, mentindo...

Eu viera preparada para enfrentar acusações daquele tipo e, com a maior calma, tirei da bolsinha de prata as cópias autenticadas de quatro certidões de nascimento. Entreguei-as a Bart, que as levou para perto de uma lâmpada e se debruçou para examiná-las. Com crueldade e grande satisfação, sorri para minha mãe.

— Querida mãe, cometeu uma grande tolice ao costurar aquelas certidões de nascimento no forro de nossas malas velhas. Sem aqueles documentos, eu não disporia da menor prova para mostrar a seu marido e, sem dúvida, ele continuaria a acreditar em você, pois sou atriz e, portanto, acostumada a representar diversos papéis.

Após breve pausa, acrescentei:

— É uma pena ele não saber que você é ainda melhor atriz que eu. Pode encolher-se, Mamãe, mas eu tenho as provas!

Ri desvairadamente, quase chorando ao ver as lágrimas que lhe começaram a brilhar nos olhos, pois outrora eu a amara e sob todo o ódio e animosidade que sentia por ela ainda existia uma pontinha daquele amor. Magoava-me realmente vê-la chorar. Não obstante, ela merecia. E eu repetia comigo mesmo que ela merecia!

— Sabe mais uma coisa, Mamãe? Carrie me contou que você a encontrou na rua e a renegou. Pouco depois, ficou tão doente que morreu; portanto, você também contribuiu para matá-la! E sem as certidões de nascimento, você teria escapado de todo e qualquer castigo, pois aquele cartório em Gladstone, na Pensilvânia, foi destruído num incêndio, há dez anos. Está vendo como o destino foi bondoso para com você? Contudo, Mamãe, você nunca soube fazer nada direito. Por que não queimou os documentos? Por que os conservou?... Foi muito descuido de sua parte, querida e amantíssima Mãe, preservar aquelas provas. Entretanto, você sempre foi estouvada, descuidada, extravagante em relação a tudo. Julgou que se matasse seus quatro filhos poderia ter outros, mas seu pai lhe passou a perna, não é mesmo?

— Cathy! Sente-se e deixe-me cuidar disto! — ordenou Bart. — Minha esposa sofreu recentemente uma cirurgia e não permitirei que sua saúde seja colocada em risco por você. Agora, sente-se antes que eu a empurre!

Obedeci. Bart olhou para a esposa e depois para a mãe dela.

— Corrine, se algum dia você me amou, se gostou um pouquinho de mim, responda-me: alguma coisa do que afirma essa mulher é verdade? Ela é sua filha?

Com voz muito sumida, minha mãe sussurrou:

—... Sim.

Suspirei. Tive a impressão de ouvir a casa inteira suspirar. E Bart também. Ergui os olhos e notei que minha avó me fitava com a mais estranha das expressões.

— Sim — prosseguiu minha mãe num tom inexpressivo, os olhos fixos em Bart. — Eu não lhe podia contar, Bart. Queria fazê-lo, mas tinha medo de você não me aceitar com quatro filhos e sem vintém, e eu o amava tanto. Torturei-me à procura de uma solução que me permitisse ficar com você, com meus filhos e, também, com o dinheiro.

Empertigou-se de tal maneira que a espinha ficou ereta, com a cabeça majestosamente erguida.

— E encontrei a solução! Encontrei! Levei muitas semanas pensando, planejando, arquitetando, mas achei uma solução!

— Corrine — disse Bart num tom gelado, postando-se diante dela como uma torre sólida e inexpugnável. — Homicídio nunca é solução para nada! Você só precisava contar-me a verdade e, juntos, imaginariamos um meio de salvar seus filhos e, ao mesmo tempo, a herança.

— Será que não compreende? — exclamou ela, excitada. — Eu encontrei sozinha uma solução! Queria você, meus filhos e o dinheiro também. Julgava que meu pai me devia aquele dinheiro!

Riu histericamente, recomeçando a descontrolar-se, como se tivesse o inferno em seu encalço e precisasse falar depressa a fim de escapar às queimaduras.

— Todos me achavam estúpida, uma linda loura desprovida de cérebro. Pois eu a enganei, Mamãe — disse ela à velha na cadeira de rodas. Depois, virou-se para o retrato a óleo acima da lareira: — Enganei-o também, Malcolm Foxworth!

Em seguida voltou-se furiosamente contra mim:

— E você também, Catherine! Achou que sofreu muito trancada lá em cima, privada de sua vida escolar normal e de seus colegas e amigos, mas não imagina como isso foi bom em comparação com o que meu pai me fez! Você... e suas constantes acusações contra mim, quando eu não podia libertá-los! Quando, aqui embaixo, meu pai me ordenava que fizesse isto ou aquilo, caso contrário não herdaria um vintém e meu namorado, depois marido, seria informado da existência de meus quatro filhos!

Prendi a respiração. Então, ergui-me de um salto.

— Ele sabia a respeito de nós? O avô sabia?

Ela tornou a rir, um som duro como diamante cortando vidro.

— Sim, claro que ele sabia, mas quem contou não fui eu! No dia em que Chris e eu fugimos desta casa horrível, meu pai contratou detetives para seguir-nos e mantê-lo informado a nosso respeito. Então, quando meu marido morreu naquele acidente, meu advogado aconselhou-me a pedir a ajuda de minha família. Como meu pai se alegrou com isso! Será que não entende, Cathy? — prosseguiu ela, tão depressa que as palavras pareciam querer atropelar-se. — Ele queria que eu e meus filhos ficássemos nesta casa, sob seu controle, à sua mercê! Planejou, junto com minha mãe, iludir-me e levar-me a pensar que ele não tinha conhecimento de que vocês estavam escondidos lá em cima. Mas sabia durante todo o tempo! Tencionava mantê-los prisioneiros pelo resto de suas vidas!

Fiquei sem respirar, encarando-a. Duvidava de suas palavras; como poderia acreditar numa só de suas afirmações, após tudo o que ela já fizera?

— A avó aceitou o plano? — indaguei, invadida por uma sensação de dormência que me subia das pontas dos pés.

— Ela? — replicou Mamãe, lançando um olhar furioso à avó. — Ela fazia tudo que ele mandasse, porque me odiava. Sempre me odiou! Ele me amou demais quando fui criança, não gostando dos filhos, a quem ela favorecia mais que a mim. E depois que aqui chegamos, atraídos à armadilha, ele adorou manter os filhos de seu meio-irmão capturados como animais numa jaula, a fim de mantê-los no cativeiro até morrerem. Portanto, enquanto vocês ficavam lá em cima, jogando, brincando e decorando o sótão, meu pai não me deixava em paz aqui embaixo, nem por um segundo, dia após dia. *“Eles nunca deviam ter nascido, não é mesmo?”*, indagava maliciosamente. Então, com ar muito astucioso, insinuava que seria muito melhor vocês morrerem logo que serem prisioneiros até envelhecerem ou adoecerem e morrerem. No início, não acreditei que ele falasse sério, julgando que se tratasse de mais um de seus estratagemas para torturar-me. A cada dia, ele me dizia que vocês eram crianças malévolas, taradas, filhas do Demônio, que mereciam ser destruídas. Eu chorava, implorava, ajoelhava-me para suplicar... e ele ria. Certa noite, disse-me raivosamente: *“Idiota! Foi bastante estúpida para acreditar que algum dia eu a perdoasse por haver dormido com seu meio-tio, o mais ultrajante pecado contra Deus? E ter filhos com ele?”* E continuou a

vociferar, chegando às vezes a gritar comigo. Então, desferia bengaladas, atingindo o que lhe estivesse ao alcance. Minha mãe ficava sentada por perto, assistindo a tudo aquilo com uma careta de zombaria, de prazer. Mesmo assim, ele passou várias semanas sem permitir que eu percebesse que ele sabia que vocês estavam presos lá em cima... e, a essa altura, eu já estava irremediavelmente capturada na armadilha.

Passou a implorar-me piedade:

— Será que consegue entender como foi? Eu não sabia para onde me voltar! Não tinha dinheiro e julgava que meu pai morreria durante um daqueles terríveis ataques de fúria. Portanto, passei a provocá-los, a fim de lhe causar a morte. Entretanto, ele continuou vivo, vociferando contra mim e meus filhos. E cada vez que eu ia a seu quarto, vocês me imploravam liberdade. Especialmente você, Cathy, especialmente você!

— E que mais ele fez para manter-nos prisioneiros? — indaguei, sarcástica. — Além de gritar e lhe bater com a bengala? Não poderiam ser pancadas dolorosas, porque ele estava muito debilitado e, ademais, nunca vimos marcas de pancadas em você após aquela primeira surra com a vara de salgueiro. Você tinha liberdade de sair e entrar quando entendesse. Poderia ter arquitetado algum plano para tirar-nos daqui sem o conhecimento de seu pai. Queria a herança e pouco se importava com o que tivesse que fazer para consegui-la! Desejava aquele dinheiro mais do que queria seus quatro filhos!

Ante meus próprios olhos incrédulos, seu rosto delicado e lindo, recém restaurado, assumiu a aparência envelhecida da sua mãe. Deu a impressão de murchar e abater-se ante a perspectiva dos incontáveis anos que ainda seria obrigada a viver cheia de remorsos. Desviou desesperadamente o olhar, procurando refugiar-se num local seguro onde pudesse ficar oculta para sempre, não só de mim como também da fúria que ardia no olhar de seu marido.

— Cathy — implorou ela. — Sei que me odeia, mas...

— Sim, Mãe, eu a odeio.

— Não odiaria se compreendesse...

Emiti um riso duro e cheio de amargura.

— Querida Mãe, não existe nada que você possa dizer para me fazer compreender.

— Corrine — interpôs Bart num tom estéril, como se lhe tivessem removido o coração. — Sua filha tem razão. Pode ficar aí sentada, chorando e relatando como seu pai a obrigou a envenenar seus próprios filhos, mas como poderei acreditar se jamais o vi lançar um olhar mais severo em sua direção? Ele a fitava com amor e orgulho. Você gozava de total liberdade para fazer o que bem entendesse. Seu pai lhe dava todo o dinheiro para comprar roupas novas e tudo mais que pudesse desejar. Agora você vem com essa ridícula estória de ter sido torturada por ele e obrigada a matar os filhos que mantinha escondidos. Oh! Deus! Você me enoja!

Os olhos de minha mãe ficaram vidrados, fixos. Suas mãos pálidas e elegantes tremiam ao passar do colo para o pescoço, onde apalpavam o colar de brilhantes que certamente segurava no lugar, a frente alta do vestido de gala.

— Bart, por favor... não estou mentindo... Confesso que lhe menti no passado, enganando-o quanto a meus filhos, mas não estou mentindo agora. Por que não acredita em mim?

Bart estava de pé com os pés afastados, como um marinheiro que procura equilibrar-se num barco agitado pelas ondas. Mantinha as mãos às costas, os punhos cerrados.

— Que tipo de homem julga que sou... ou era? — indagou com amargura. — Poderia ter-me contado tudo na ocasião e eu entenderia. Eu a amava, Corrine. Faria tudo que fosse legalmente possível para impedir as maldades de seu pai e ajudá-la a receber a herança, ao mesmo tempo em que manteríamos seus filhos vivos, livres para levarem uma vida normal. Não sou um monstro, Corrine, e não me casei com você por dinheiro. Ter-me-ia casado mesmo que você não tivesse um vintém!

— Não conseguiria ser mais esperto que meu pai! — bradou ela, erguendo-se de um pulo e começando a andar de um lado para outro.

Naquele brilhante vestido vermelho, minha mãe parecia uma labareda viva e a cor do tecido tornava-lhe os olhos roxos. Olhou alternadamente para cada um de nós. Então, afinal, quando eu já não podia mais suportar vê-la naquele estado, derrotada e alquebrada, despida de toda a antiga pose majestosa, virou-se para sua mãe, a velha derreada na cadeira de rodas, como se não possuísse mais o esqueleto. Os dedos ossudos e retorcidos alisavam de leve a manta que lhe protegia as pernas, mas os fanáticos olhos cinzentos faiscavam com um fogo forte e malévolos. Observei os olhares de mãe e filha se enfrentarem. Aqueles imutáveis olhos cinzentos, que não se atenuavam com a idade ou o temor do inferno que devia estar à sua espera. E, para meu espanto e surpresa, minha mãe saiu do confronto empertigada e altaneira, a vencedora daquela batalha entre duas vontades de aço. Começou a falar num tom desapaixonado, como se discutisse uma terceira pessoa. Era como ouvir as palavras de uma mulher que sabia estar-se matando com cada sílaba e, apesar disso, já não se importava com isso, pois a verdadeira vencedora era eu. E foi para mim, sua mais severa juíza, que minha mãe dirigiu o apelo final.

— Muito bem, Cathy. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde seria forçada a enfrentá-la. Tinha certeza de que seria você quem me arrancaria a verdade. Sempre teve o dom de ver através de mim, de adivinhar que não fui sempre o que desejava que vocês acreditassem que eu era. Christopher me amava, confiava em mim. Você, porém, nunca. Não obstante, no início, logo que seu pai morreu, tentei fazer o melhor possível por vocês. Disse-lhes o que acreditava ser verdade, quando lhes pedi que viessem viver escondidos aqui até que eu recuperasse as boas graças de meu pai. Na verdade, não acreditava que pudesse demorar mais que um ou dois dias.

Fiquei petrificada, olhando para ela, cujos olhos imploravam mudamente: *“Tenha piedade, Cathy, acredite em mim! Falo a verdade!”*

Desviou-se de mim e, muito combatida, apelou para Bart, falando do primeiro encontro que tiveram, em casa de um amigo comum.

— Bart, eu não queria amá-lo e envolvê-lo na encrenca em que me encontrava. Desejava falar-lhe a respeito de meus filhos e da ameaça que meu pai representava contra eles. Contudo, sempre que me resolvia a fazê-lo, ele piorava e dava a impressão de estar às portas da morte, de modo que eu adiava a decisão e mantinha segredo. Rezava para que, quando eu finalmente lhe revelasse tudo, você me compreendesse e aceitasse. Fui estúpida, pois um segredo guardado durante tempo demasiado torna-se impossível de explicar. Você queria casar-se comigo. Meu pai insistia em negar seu consentimento. Meus filhos suplicavam-me diariamente serem postos em liberdade. Embora eu soubesse que tinham todo o direito de reclamar, comecei a ressentir-me contra eles, contra o modo pelo qual instavam comigo, causando-me remorso e vergonha quando, na verdade, eu tentava fazer por eles o melhor possível. E era Cathy, sempre Cathy, quem mais insistia comigo, não importava quantos presentes eu lhe desse.

Lançou-me outro de seus olhares demorados e angustiados, como se eu a houvesse torturado além de qualquer resistência humana.

— Cathy — murmurou ela em seguida, o olhar úmido e angustiado animando-se um pouco ao pousar novamente em mim. — Fiz o melhor possível! Disse a meus pais que todos vocês estavam doentes, especialmente Cory. Como eles queriam pensar que Deus punira meus filhos, acreditaram facilmente. E Cory tinha resfriados sucessivos, além da alergia. Será que não entende o que tentei fazer? Procurei torná-los um pouco doentes, a fim de poder levá-los, um a um, para o hospital e depois dizer a meus pais que haviam morrido lá. Utilizei um pouco de arsênico, mas não o bastante para causar a morte! Tudo o que desejava era fazê-los ficar um pouco doentes, apenas o suficiente para tirá-los desta casa!

Fiquei abismada por sua estupidez em arquitetar um plano tão perigoso. Então calculei que tudo era mentira, não passando de uma desculpa para apaziguar Bart, que a encarava de modo muito esquisito. Embora me sentisse magoada por dentro a ponto de quase chorar, consegui sorrir para ela.

— Mamãe — interrompi suavemente suas súplicas. — Já se esqueceu de que seu pai morreu antes de começarmos a receber as rosquinhas açucaradas?

Ela voltou o olhar atormentado para a avó, que a fitava de forma severa implacável.

— Sim! — exclamou minha mãe. — Eu sabia! Se não fosse aquele codicilo no testamento, eu jamais teria necessidade de usar o arsênico! Todavia, meu pai revelou nosso segredo a John, o mordomo, que continuou vivo para verificar se eu obedecia as instruções e mantinha vocês presos lá em cima até morrerem todos! E se John não o fizesse, minha mãe estava encarregada de tomar providências para que ele não herdasse os cinquenta mil dólares que papai lhe prometera. Portanto, havia também minha mãe, que desejava que John recebesse toda a herança!

Um terrível silêncio pairou no ambiente enquanto eu tentava digerir tais afirmações. O avô soubera de tudo desde o início e queria manter-nos prisioneiros até morrermos? E, como se isto não fosse castigo suficiente, até mesmo tentara obrigá-la a matar-nos? Oh! Ele deveria ser muito pior do que eu imaginara! Não era um ser humano! Então, observando minha mãe, notando-lhe os olhos azuis que aguardavam ansiosamente uma resposta, vendo as mãos que tentavam torcer um imaginário colar de pérolas, compreendi que ela mentia. Olhei para a avó e percebi que franzia a testa, esforçando-se por falar. Seus olhos expressavam feroz indignação, como se negassem todas as alegações de minha mãe. Por outro lado, ela odiava Mamãe. Desejaria que eu acreditasse no pior... Oh! Deus! Como poderia eu descobrir a verdade?

Olhei para Bart, que estava em pé diante do fogo, os olhos escuros fitando a esposa como se nunca a tivesse visto antes e estivesse assustado com o que via agora.

— Mamãe — indaguei em voz baixa. — O que você fez realmente com o corpo de Cory? Procuramos em todos os cemitérios da região, examinamos os registros, e nenhum menino de oito anos morreu naquela última semana de outubro de 1960.

Primeiro ela engoliu em seco. Depois torceu as mãos uma na outra, fazendo faiscar todos os brilhantes e outras jóias.

— Eu não sabia o que fazer com ele — sussurrou. — Morreu antes de chegarmos ao hospital. De repente parou de respirar. Quando olhei para o banco traseiro, percebi que estava morto.

Soluçou com a lembrança, acrescentando:

— Odiei a mim mesma, então. Sabia que poderia ser acusada de homicídio e não desejara matá-lo! Apenas deixá-lo um pouco doente! Portanto, joguei o corpo numa profunda ravina e o cobri com folhas mortas, galhos e pedras...

Seus olhos enormes imploravam-me que acreditasse.

Fui também obrigada a engolir em seco ao pensar em Cory, jogado no fundo de uma ravina escura, abandonado lá para apodrecer.

— Não, Mamãe, você não fez isso — minha voz baixa deu a impressão de cortar a atmosfera gelada da imensa biblioteca. — Antes de descer ao salão, visitei o último quarto da ala norte.

Fiz uma pausa a fim de conseguir maior efeito e dei um tom dramático ao declarar em seguida:

— Antes de descer a escadaria principal para me confrontar com você, usei a escada que leva diretamente ao último andar e, depois, a escadinha do sótão, no armário embutido do quarto que nos serviu de prisão. Chris e eu sempre desconfiamos que devia existir outro acesso ao sótão e presumimos corretamente, que tinha de haver uma porta escondida atrás dos

gigantescos e pesados armários que nunca conseguimos afastar, por mais força que empregássemos ao empurrá-los. Mamãe... encontrei um quartinho que nunca tínhamos visto antes. E ele exalava um odor muito peculiar, um cheiro de algo morto e apodrecido.

Por um instante, ela foi incapaz de mover-se. O rosto ficou totalmente inexpressivo. Fitou-me com olhar vago e movimentou os lábios, mas não emitiu o menor som. Tentou mas não conseguiu falar. Bart fez menção de dizer algo, mas ela tapou os ouvidos com as mãos espalmadas, para evitar escutar qualquer coisa que alguém dissesse.

A porta da biblioteca se abriu repentinamente. Girei nos calcanhares, furiosa. Como num pesadelo, minha mãe virou a cabeça para verificar por que motivo eu me mantinha imóvel, com o olhar fixo na direção da porta. Chris estacou bruscamente e olhou para ela. Mamãe teve um sobressalto, como se terrivelmente assustada. Então, ergueu as mãos num gesto que parecia querer afastar Chris. Estaria vendo o fantasma de nosso pai?

— Chris...? — perguntou ela. — Chris, eu não queria, juro que não queria! Não me olhe assim, Chris! Eu os amava! Não queria usar o arsênico, mas meu pai me obrigou! Disse-me que eles nunca deviam ter nascido! Tentou convencer-me de que eram tão pecaminosos que mereciam morrer e este seria o único modo de eu ser perdoada do pecado que cometi ao me casar com você!

As lágrimas lhe escorreram pelo rosto e ela continuou a falar, embora Chris insistisse em menear negativamente a cabeça.

— Eu amava meus filhos! Nossos filhos! Mas o que poderia fazer? Eu só queria que ficassem um pouco doentes, apenas o suficiente para salvá-los... nada mais... Não me olhe assim, Chris! Sabe que eu jamais mataria nossos filhos!

Os olhos azuis de Chris se tornaram gelados ao fitá-la.

— Então, você nos ministrou deliberadamente o arsênico? — indagou ele. — Nunca consegui acreditar realmente nisso depois que escapamos daqui e tive tempo para refletir melhor. Mas você o fez!

Então ela gritou. Nunca em minha vida eu escutei um grito como aquele, que aumentava e diminuía histericamente. Gritos que pareciam uivos de um demente! Ainda gritando, ela girou nos calcanhares e correu para uma porta cuja existência eu ignorava e pela qual ela desapareceu.

— Cathy — disse Chris, obrigando-se a afastar os olhos da porta e examinando a biblioteca para notar a presença de Bart e da avó. — Vim buscá-la. Tenho más notícias. Precisamos ir imediatamente para Clairmont!

Antes que eu pudesse responder Bart indagou:

— Você é Chris, irmão de Cathy?

— Sim, naturalmente. Vim buscar Cathy. A presença dela é necessária em outro lugar. Estendeu a mão e me encaminhei para ele.

— Espere um momento — disse Bart. — Preciso fazer-lhe algumas perguntas. Tenho necessidade de conhecer toda a verdade. Aquela mulher de vestido vermelho é sua mãe?

Primeiro Chris olhou para mim. Meneei a cabeça para indicar que Bart já sabia. Só então Chris encarou Bart, com certa hostilidade.

— Sim. É minha mãe, mãe de Cathy e foi mãe de dois gêmeos chamados Cory e Carrie.

— E manteve vocês quatro trancados num quarto durante mais de três anos? — quis saber Bart, como se ainda não quisesse acreditar.

— Sim: três anos, quatro meses e dezesseis dias. E quando levou Cory consigo certa noite, voltou depois para dizer-nos que ele morrera de pneumonia. E se deseja maiores detalhes, terá que esperar, pois há outras pessoas de quem precisamos cuidar agora. Venha, Cathy — acrescentou, estendendo outra vez a mão para mim. — Precisamos ir depressa!

Olhando para a avó, lançou-lhe um sorriso irônico.

— Feliz Natal, Avó. Eu esperava jamais tornar a vê-la, mas estou percebendo que o tempo exerceu sua própria vingança.

Virou-se novamente para mim:

— Vamos depressa, Cathy! Onde está seu casaco? Jory e a Sra. Lindstrom estão esperando em meu carro.

— Por quê? — quis saber eu.

Entrei em pânico. O que acontecera?

— Não! — protestou Bart. — Cathy não pode partir: espera um filho meu e quero que fique comigo!

Bart avançou para abraçar-me carinhosamente e fitar-me com os olhos cheios de amor.

— Tirou-me a venda dos olhos, Cathy. Tinha razão. Eu certamente fui feito para coisas melhores que isto aqui. Talvez consiga redimir minha existência fazendo algo útil, para variar.

Lancei um olhar triunfante à avó e evitei fitar Chris. Com o braço de Bart passado em meus ombros, abandonamos a biblioteca e a avó, atravessando todos os outros salões até chegarmos ao grandioso salão de bailes.

O tumulto explodira! Todos gritavam, corriam, procuravam uma esposa ou um marido. Fumaça! Senti cheiro de fumaça!

— Meu Deus! A casa está em chamas! — exclamou Bart, empurrando-me na direção de Chris. — Leve-a para fora e trate de mantê-la em segurança! Preciso encontrar minha esposa!

Olhou desesperadamente em volta, chamando:

— Corrine! Corrine! Onde está você?

A multidão apavorada procurava simultaneamente a mesma porta de saída. Grandes rolos de fumaça negra desciam pelas escadas. Pessoas caíam e eram pisadas pelas outras. Os alegres participantes da festa lutavam agora para fugir dali e pobre de quem não tivesse forças para abrir caminho até a porta. Frenética, tentei acompanhar Bart com os olhos. Vi-o pegar um telefone, sem dúvida para chamar os bombeiros. Em seguida, subiu correndo o lado direito da dupla escadaria, indo diretamente para o fogo!

— Não! — gritei. — Bart... não suba! Morrerá aí em cima! Não, Bart! Volte!

Creio que ele me escutou, pois fez uma pausa no meio da escada e sorriu para mim, que acenei em desespero. Li-lhe nos lábios as palavras “*eu a amo*”! Então ele apontou para o leste. Não compreendi o gesto, mas Chris presumiu que Bart nos apontava outro caminho de saída.

Engasgados, tossindo, Chris e eu corremos através de outro salão e, afinal, tive oportunidade de avistar o grandioso salão de jantar, que também estava cheio de fumaça.

— Veja! — exclamou Chris, puxando-me pela mão. — Idiotas! Devem existir ao menos uma dúzia de saídas no andar térreo, mas todos correm para a porta principal! Veja as portas do terraço!

Conseguimos sair da casa e, afinal, chegamos ao carro de Chris, do qual Emma, com Jory no colo, observava a mansão incendiar-se. Chris enfiou o braço pela janela do carro e pegou um agasalho para colocar em meus ombros. Então abraçou-me quando me apoiei contra ele, chorando por Bart. Onde ele estaria? Por que não saía da casa? Escutei as sirenas dos carros dos bombeiros nas estradas da montanha, gemendo na noite já tumultuada pelo vento e a neve. Esta caía sobre a casa em chamas, formando bolotas vermelhas que se derretiam, fervendo ao calor do fogo. Jory estendeu os braços, querendo o meu colo. Peguei-o e Chris passou o braço em torno de mim, protegendo-nos.

— Não se preocupe, Cathy — disse ele, tentando reconfortar-me. — Bart deve conhecer todas as saídas.

Então avistei minha mãe em seu vestido vermelho como o fogo, sendo contida por dois homens. Não parava de gritar o nome do marido e depois o de sua mãe.

— Minha mãe! Está lá dentro! É paralítica! Bart já chegara aos degraus do pórtico quando escutou os gritos de minha mãe. Girou nos calcanhares e tornou a entrar na casa incendiada.

Oh! Meu Deus! Ele voltava para salvar a avó, que não merecia viver! Arriscava a própria vida, fazendo todo o possível para provar que, afinal, não era apenas um cãozinho de estimação.

Aquele era o incêndio de meus pesadelos na infância! Era o que eu mais temia, acima de tudo! Era o motivo pelo qual eu insistira em que fizéssemos a escada com lençóis rasgados em tiras, a fim de podermos escapar e chegar ao solo, caso necessário. Foi mais que horrível ver a imensa mansão consumir-se em chamas, quando outrora eu ficaria alegre ao assistir a tal espetáculo. O vento soprava implacavelmente, aumentando as labaredas até que estas iluminavam a noite e davam a impressão de incendiarem o céu. Com que facilidade a madeira antiga queimava, junto com os genuínos móveis de estilo e os objetos de valor inestimável, impossíveis de substituir. Seria um milagre sobrar alguma coisa, a despeito dos heróicos bombeiros que lutavam como loucos, manipulando mangueiras que lançavam jatos de espuma contra o fogo! Alguém gritou:

— Há pessoas presas lá dentro! Salvem-nas!

Creio que fui eu. Os bombeiros agiam com rapidez e agilidade sobre humanas para salvar quem estava lá dentro, enquanto eu gritava, desvairada e frenética:

— Bart! Não quero matá-lo! Quero apenas que me ame! Não morra, Bart! Não morra, por favor!

Minha mãe me escutou e correu para o local onde Chris continuava a me abraçar.

— Você! — berrou ela, com a expressão selvagem de uma louca. — Acha que Bart a amava? Que se casaria com você? Idiota! Você me traiu! Como sempre! E agora Bart morrerá por sua causa!

— Não, mãe — replicou Chris, ainda me abraçando e falando num tom frio como gelo. — Não foi Cathy quem gritou para lembrar a Bart de que a avó ainda estava lá dentro. Foi você. E deve ter percebido que ele não poderia voltar ao interior da casa e sobreviver. Talvez preferisse ver seu marido morto que casado com sua filha.

Ela esbugalhou os olhos, movendo nervosamente as mãos. Seus olhos azuis como o céu apresentavam manchas escuras de maquiagem derretida. Enquanto Chris e eu observávamos, algo em seus olhos cedeu, algo que lhes emprestava clareza e inteligência dissolveu-se. E ela pareceu murchar.

— Christopher, meu filho, meu amor, sou sua mãe. Não me ama mais, Christopher? Por quê? Não lhe trago tudo que precisa ou que me pede? Novos livros, jogos e roupas? O que lhe falta? Diga-me, para que possa ir comprar para você. Por favor, diga-me o que deseja, Christopher. Farei tudo, trarei tudo para compensar o que você está perdendo. Será recompensado mil vezes quando meu pai morrer. E ele deve morrer a qualquer dia, qualquer hora, qualquer minuto, tenho certeza! Juro-lhe que não precisará permanecer aqui muito mais tempo! Não muito tempo, não muito tempo, não muito tempo...

E não parou de dizer aquilo, até que tive ímpetos de gritar. Em vez disso, tapei os ouvidos com as mãos e apertei o rosto de encontro ao peito largo de Chris. Meu irmão fez algum sinal para um dos motoristas da ambulância. Os enfermeiros se aproximaram cautelosamente de minha mãe, que os avistou, soltou um berro e tentou fugir correndo. Ela tropeçou quando o salto do sapato se prendeu na bainha do vestido vermelho brilhante. Caiu de bruços na neve, esperneando, gritando, esmurando o solo. Levaram-na embora numa camisa-de-força, ainda berrando que eu a traíra, enquanto Chris e eu permanecíamos abraçados, observando-a com os olhos esbugalhados. Sentíamos-nos crianças outra vez,

indefesos ante o luto recente e a vergonha que se abatera sobre nós. Acompanhei Chris enquanto ele fazia o possível para aliviar os sofrimentos das pessoas queimadas. Embora só conseguisse atrapalhá-lo, não permiti que se afastasse de minha vista.

O corpo de Bart Winslow foi encontrado no chão da biblioteca, com a esquelética avó ainda em seus braços; ambos morreram sufocados pela fumaça, sem serem tocados pelo fogo. Aos tropeções, cambaleando, fui até lá puxar o cobertor verde para fitar-lhe o rosto e convencer-me de que, mais uma vez, a morte interferia em minha vida. Estava sempre interferindo! Beije o rosto de Bart e chorei sobre seu peito inerte. Ergui a cabeça e percebi que ele me fitava, sem ver mais nada, tendo partido para onde eu jamais poderia alcançá-lo e confessar-lhe que o amara desde o princípio, quinze anos atrás.

— Cathy, por favor — disse Chris, puxando-me. Chorei quando a mão de Bart me escapou dos dedos. — Precisamos ir! Não temos motivos para ficar, agora que tudo terminou.

Tudo terminou, terminou; estava acabado. Meus olhos acompanharam a ambulância que levou o corpo de Bart, junto com o de minha avó. Não sofri por ela, pois levava da vida aquilo que a ela trouxera. Voltei-me para Chris e chorei novamente em seus braços, pois quem viveria tempo bastante para me permitir manter o amor de que eu necessitava? Quem? Horas e horas se passaram enquanto Chris me implorava que abandonasse aquele lugar que nada nos trouxera senão sofrimento e infelicidade. Por que não me lembrara disso? Tristemente, abaixei-me para pegar pedaços de cartolina que outrora tinham sido roxos e alaranjados. Outras peças de nossa decoração do sótão eram sopradas pelo vento: pétalas rasgadas, folhas arrancadas dos talos.

Amanheceu antes que o incêndio fosse controlado. A essa altura, a imensa grandiosidade que antes fora Foxworth Hall estava reduzida a ruínas fumegantes. As oito chaminés permaneciam eretas em seus robustos alicerces de pedra e, por mais estranho que pudesse parecer, a dupla escadaria curva continuava no lugar, subindo para o nada. Chris estava ansioso por partir, mas tive que sentar-me e observar até a última nesga de fumaça ser soprada para longe, desaparecendo para sempre. Foi minha saudação final a Bartholomew Winslow, que eu vira pela primeira vez aos doze anos de idade. E dera-lhe meu coração à primeira vista. A tal ponto que convencera Paul a deixar crescer o bigode, a fim de parecer-se mais com Bart. E de me casar com Julian porque seus olhos eram escuros, como os de Bart... Oh! Deus! Como poderia eu continuar vivendo com o conhecimento de que matara o homem a quem mais amara?

— Por favor, Cathy, a avó já se foi e não posso dizer que me entristeça com isso, embora sinta muito a respeito de Bart. Deve ter sido nossa mãe quem iniciou o incêndio. Pelo que diz a polícia, o fogo começou no sótão, naquele quartinho junto à escada.

A voz de Chris parecia vir de muito longe, pois eu me mantinha isolada como numa concha. Sacudi a cabeça, tentando clarear as idéias. Quem era eu? Quem era o homem a meu lado? Quem era o menino que dormia no banco traseiro do carro, no colo de uma mulher mais idosa?

— O que há com você, Cathy? — indagou Chris, impaciente. — Ouça: Henny sofreu um grave infarto, hoje! Ao tentar ajudá-la, Paul também teve um ataque cardíaco! Ele precisa de nós! Você pretende ficar sentada aí o dia inteiro, também, lamentando-se por causa de um homem do qual jamais se deveria ter aproximado e permitir que morra o único homem que fez alguma coisa de bom por nós?

A avó dissera muitas coisas certas. Eu era má, nascera cheia de pecado. Tudo ocorrera por minha culpa! Tudo! Se eu nunca tivesse vindo, se eu nunca tivesse vindo... A frase se repetia em meu cérebro enquanto eu chorava lágrimas amargas por ter perdido Bart.

Colhendo o que foi plantado

Estávamos novamente em outubro, o mês das paixões. Naquele ano as árvores pareciam labaredas vermelhas, tocadas pelo frio precoce. Eu me encontrava na varanda dos fundos da grande casa branca de Paul, descascando ervilhas e observando o pequenino filho de Bart correr atrás de seu meio-irmão mais velho, Jory. Déramos ao filho de Bart o mesmo nome do pai, julgando que seria o mais certo, embora seu sobrenome fosse Sheffield e não Winslow. Eu agora era esposa de Paul. Dentro de poucos meses, Jory completaria sete anos e, embora a princípio tivesse um pouco de ciúmes, agora mostrava-se deleitado por ter um irmão mais moço com o qual compartilhar a vida; alguém a quem ele podia dar ordens, ensinar, ser condescendente. Embora ainda pequeno, Bart não era do tipo ao qual se dão ordens. Sempre teve muita personalidade e foi independente desde o início.

— Catherine — chamou a voz fraca de Paul.

Deixei de lado a vasilha de ervilhas verdes e corri para o quarto dele, no andar térreo. Agora Paul conseguia ficar sentado algumas horas por dia numa poltrona, embora no dia de nosso casamento estivesse de cama. Passamos a noite de núpcias abraçados e nada mais que isto. Paul perdera muito peso; estava magro e abatido. Toda sua juventude e vitalidade, às quais ele se apegara tão corajosamente, haviam desaparecido quase da noite para o dia. Não obstante, jamais me comovera tanto como quando sorriu para mim, estendendo-me os braços.

— Chamei apenas para verificar se você atenderia. Ordenei-lhe que saísse de casa, para variar.

— Está falando demais — adverti. — Sabe que não deve falar muito.

Era difícil para ele escutar as conversas sem tomar parte, mas tentava aceitar o fato. Suas palavras seguintes pegaram-me totalmente de surpresa e só consegui fitá-lo, calada e boquiaberta, com os olhos esbugalhados.

— Paul, não pode estar falando sério!

Ele meneou solenemente a cabeça, os olhos ainda lindos e iridescentes fixos nos meus.

— Catherine, meu amor, já faz quase três anos que você vem sendo uma escrava para mim, esforçando-se ao máximo para alegrar meus últimos dias de vida. Todavia, jamais ficarei bom. Talvez continue vivendo assim durante anos e anos, como seu avô, enquanto você fica cada vez mais velha e jogando fora os melhores anos de sua vida.

— Não estou jogando nada fora — repliquei, sufocando um soluço na garganta.

Ele me sorriu docemente e estendeu os braços. Pressurosamente, aninhei-me em seu colo, embora os braços que me envolveram já não tivessem força. Beijou-me. Prendi a respiração. Oh! Ser amada outra vez... Mas não permitiria – não podia permitir!

— Pense bem no assunto, querida. Seus filhos precisam de um pai; o tipo de pai que já não poderei ser agora.

— A culpa é minha! — exclamei. — Se me tivesse casado com você há muitos anos, em vez de Julian, poderia ter cuidado bem de você e impedido que trabalhasse tanto, esforçando-se sem descanso dia e noite. Paul, se Chris, Carrie e eu não tivéssemos entrado em sua vida, você não teria necessidade de ganhar tanto dinheiro para custear os estudos de Medicina de Chris e minhas aulas de balé...

Ele me tapou os lábios com a mão e replicou que, se não fosse por nós já teria morrido há muitos anos por excesso de trabalho.

— Três anos, Catherine — repetiu. — E se você refletir bem, constatará que é tão prisioneira nesta casa quanto foi em Foxworth Hall, esperando que seu avô morresse. Não quero que Chris e você terminem odiando-me... Portanto, reflita bastante e converse com ele a esse respeito. Então, tome uma decisão.

— Paul, Chris é médico! Você sabe que ele não concordaria!

— O tempo está correndo, Catherine, não apenas para mim, mas para você e Chris também. Em breve Jory completará sete anos. Passará a lembrar-se mais nitidamente de tudo. Saberá que Chris é seu tio. Contudo, se vocês partirem agora e me esquecerem, Jory considerará Chris seu padrasto e não tio.

Comecei a soluçar.

— Não! E Chris não concordaria!

— Escute-me, Catherine: não seria errado! De agora em diante, você não poderá gerar outros filhos. Embora eu sofresse muito quando você deu à luz seu filho mais novo, talvez tenha sido uma bênção disfarçada. Sou impotente; não sou um marido de verdade. E logo você ficará viúva outra vez. Além disso, Chris já esperou tanto tempo. Será que não consegue pensar nele e esquecer essa estória de pecado?

E assim, como mamãe, nós também escrevemos nossos roteiros, Chris e eu. E talvez os nossos não fossem melhores que o dela, embora eu jamais tivesse planejado assassinar alguém, nem tivesse a intenção de empurrá-la para além dos limites da sanidade mental, de modo que o resto de seus dias se passariam numa instituição para “convalescentes”. E, ironia das ironias: tudo que ela herdara do pai lhe fora tirado, revertera à sua mãe. O testamento da avó foi aberto e toda a sua fortuna, incluindo o que restava de Foxworth Hall, pertencia agora a uma mulher que só conseguia permanecer numa instituição para doentes mentais, sentada e olhando para quatro paredes. Oh! Mamãe, se ao menos você conseguisse prever o futuro quando pensou em levar seus quatro filhos de volta a Foxworth Hall! Amaldiçoada por todos os seus milhões de dólares e incapaz de gastar um mísero centavo! E nem um só vintém nos caberia. Quando nossa mãe morresse, o dinheiro seria distribuído entre diversas instituições de caridade.

Na primavera do ano seguinte, sentamo-nos perto do riacho para onde Júlia levara Scotty e o segurara sob a superfície, de modo que ele se afogasse na água rasa e esverdeada em que meus dois filhinhos brincavam com veleiros e vadeavam num local onde a água lhes chegava apenas aos tornozelos.

— Chris — comecei, hesitante, embaraçada, mas, ao mesmo tempo, feliz. — Paul fez amor comigo esta noite, pela primeira vez. Ficamos ambos tão felizes que chegamos a chorar. Não é perigoso, é?

Meu irmão baixou a cabeça para ocultar a expressão do rosto e o sol lhe iluminou os cabelos dourados.

— Sinto-me feliz por ambos. Ora, o sexo não é perigoso agora, desde que você não o conduza a um grau muito elevado de excitação.

— Tivemos cuidado.

Após quatro graves ataques cardíacos, o sexo tinha que ser feito com muito cuidado.

— Ótimo!

Naquele instante Jory gritou que fagara um peixe. Era pequeno demais? Seria obrigado a devolver mais um peixe ao riacho?

— Sim — respondeu Chris. — É apenas um bebê. Não comemos peixes bebês, só os grandes.

— Venham! — chamei. — Vamos voltar para casa. Está quase na hora do jantar.

Meus dois filhos vieram correndo, tão parecidos que davam a impressão de irmãos inteiros, não apenas pela metade. E ainda não lhes contáramos a verdade. Jory não perguntara e Bart ainda era pequeno demais para indagar tais coisas. Contudo, quando quisessem saber, revelaríamos a verdade, por mais difícil que isso fosse para nós.

— Temos dois papais! — gritou Jory, atirando-se nos braços de Chris enquanto eu pegava Bart no colo. — Ninguém na escola tem dois papais e não compreendem quando eu digo... mas talvez eu não saiba explicar direito.

— Tenho certeza de que você não explica direito — disse Chris com um leve sorriso.

No novo carro azul de Chris, voltamos à grande casa branca que tanto nos dera. Como na primeira vez em que ali chegamos, vimos um homem na varanda da frente, com os sapatos brancos apoiados na balaustrada. Enquanto Chris levava meus filhos para o interior da casa, fui até Paul e sorri ao vê-lo cochilar com um sorriso de satisfação nos lábios. O jornal que ele estivera lendo escapara-lhe dos dedos relaxados e caíra no chão da varanda.

— Subirei para dar banho nos meninos — sussurrou Chris. — E você pode pegar os jornais antes que o vento os arraste para os jardins dos vizinhos.

Por mais silenciosamente que se tente apanhar folhas de jornal e dobrá-las, sempre se produz algum barulho. Paul entreabriu os olhos e sorriu para mim.

— Olá — disse ele, sonolento. — Divertiram-se? Fisgaram algum peixe?

— Apanhamos dois, na linha de Jory, mas ele teve que devolvê-los à água, porque eram muito pequenos. Com o que sonhava antes de acordar? — indaguei, debruçando-me para beijá-lo. — Parecia tão feliz... foi um sonho libidinoso?

Ele tornou a sorrir, desta vez com um ar levemente tristonho.

— Estava sonhando com Júlia — respondeu. — Scotty estava com ela e ambos sorriam para mim. Sabe, ela pouco sorriu para mim depois que nos casamos.

— Pobre Júlia! — comentei, tornando a beijá-lo. — Perdeu tanta coisa. Prometo-lhe que meus sorrisos compensarão todos os que ela lhe negou.

— Já compensaram — replicou ele, estendendo o braço para acariciar-me o rosto e os cabelos. — Foi o meu dia de sorte quando você galgou os degraus de minha varanda naquele domingo...

— Naquele maldito domingo — corrigi.

Ele sorriu.

— Dê-me dez minutos antes de me chamar para o jantar. Eu gostaria de encontrar aquele motorista de ônibus e lhe dizer que nenhum domingo é maldito quando você estiver no ônibus.

Entrei para ajudar Chris a cuidar dos meninos e, enquanto ele abotoava o pijama de Jory, vesti um pijama amarelo em Bart Scott Winslow Sheffield. Comíamos cedo, a fim de podermos fazer companhia às crianças. Logo os dez minutos se escoaram e tornei a voltar à varanda, a fim de acordar Paul. Chamei-o baixinho por três vezes, acariciando-lhe o rosto. Afinal soprei-lhe a orelha. Ele continuou a dormir. Comecei a chamá-lo novamente, em voz mais alta, quando ele produziu um som gutural semelhante ao meu nome. Já trêmula e cheia de medo, olhei-o com mais atenção. Só o modo estranho como ele falara foi suficiente para encher-me de um terrível pavor.

— Chris — chamei com voz sumida. — Venha depressa examinar Paul!

Meu irmão devia estar no *hall*, enviado por Emma para verificar o motivo de nossa demora, pois saiu imediatamente da casa e correu para junto de Paul. Pegou-lhe a mão, tomou-lhe as pulsações e, logo em seguida, tombou-lhe a cabeça para trás, tapando-lhe o nariz e fazendo respiração boca a boca. Quando isto não deu resultado, desferiu várias pancadas fortes no peito de Paul. Corri ao telefone para chamar uma ambulância. Mas, naturalmente, tudo foi inútil. Nosso benfeitor, nosso salvador, meu marido, estava morto. Chris passou o braço por meus ombros e me puxou para si.

— Ele se foi, Cathy, do modo que mais gostaria, e eu também. Dormindo, sentindo-se bem e feliz. É um ótimo modo de morrer, sem dor ou sofrimento. Portanto, não fique assim, a culpa não é sua!

Nunca nada era minha culpa. Havia às minhas costas um rastro de homens mortos. Mas eu não era responsável pela morte de um só dentre eles, era? Não, claro que não. Era de espantar que Chris tivesse coragem de embarcar no carro e sentar-se a meu lado, dirigindo na direção oeste. Engatado ao carro de Chris, vinha um reboque alugado contendo todas as nossas coisas. Íamos para o Oeste, como os antigos pioneiros à procura de um novo futuro, de

um tipo diferente de vida. Paul me legara tudo o que possuía, inclusive a casa de sua família. No testamento, declarava que, caso eu desejasse vender a casa, ele gostaria que Amanda tivesse prioridade para adquiri-la. Assim, finalmente a irmã de Paul tomou posse da residência de seus antepassados, que ela tanto desejava e tantos esquemas armara para possuí-la. Contudo, certifiquei-me de que o preço foi bastante elevado.

Chris e eu alugamos uma casa na Califórnia até podermos construir uma residência térrea, no estilo de rancho, segundo nossas especificações: quatro dormitórios, dois banheiros completos e um menor. Além disso, haveria um quarto com banheiro anexo para nossa empregada, Emma Lindstrom. Meus filhos chamam meu irmão de Papai. Ambos sabem que tiveram pais diferentes, que foram para o céu antes que eles nascessem. Até o momento ainda não sabem que Chris é apenas seu tio. Jory já se esqueceu disso há muito tempo. Talvez as crianças também consigam esquecer o que desejam ignorar e não façam perguntas embaraçosas de responder.

Ao menos uma vez por ano fazemos uma viagem ao Leste para visitar amigos, inclusive Madame Marisha e Madame Zolta. Ambas fazem grande estardalhaço quanto ao talento de bailarino de Jory e tentam ardorosamente transformar também Bart em bailarino. Até o momento, porém, a única inclinação demonstrada por Bart é a Medicina. Visitamos todos os túmulos dos entes queridos que já se foram, lá depositando flores. Sempre flores vermelhas e roxas para Carrie; rosas de qualquer tonalidade para Paul e Henny. Até mesmo encontramos o túmulo de nosso pai, em Gladstone, e também lhe apresentamos nosso respeito por meio de flores. Além disso, nunca esquecemos Julian, nem Georges.

Por fim, visitamos Mamãe. Ela vive num lugar imenso, a que tentam inutilmente dar um aspecto acolhedor. Geralmente começa a berrar quando me avista. Em seguida ergue-se de um salto e tenta arrancar-me os cabelos. Quando é contida, volta toda a fúria contra si mesma, procurando repetidamente mutilar o próprio rosto e livrar-se para sempre de qualquer semelhança física comigo. Como se já não se olhasse nos espelhos, que podem mostrar nitidamente que já não nos parecemos atualmente. O remorso transformou-a em algo horrível de se ver. E outrora ela foi tão linda! Os médicos permitem que apenas Chris a visite durante cerca de uma hora, enquanto espero lá fora com os meus filhos. Chris afirma que ela não terá que enfrentar uma acusação de homicídio, pois mesmo que se recupere, ele e eu já negamos a existência de um quarto irmão chamado Cory. Entretanto, ela não confia plenamente em Chris, sentindo que este sofre a minha influência maligna e temendo que, se deixar desmoronar a fachada de demente por detrás da qual se protege, seja condenada à morte na cadeira elétrica. Portanto, os anos transcorrem enquanto ela se apegava à calculada farsa como meio de escapar também de um futuro sem ter ninguém que goste dela. Ou, talvez, mais verdadeiramente, procure atormentar-se através de Chris e da piedade que este insiste em ter por ela. De fato, ela constituiu o único ponto que impede nosso relacionamento de ser perfeito.

Portanto, deixei de lado os sonhos de perfeição, fama, fortuna, amor imorredouro e sem defeitos; tornei-me adulta demais para eles, da mesma forma que ocorreu em relação aos brinquedos da infância e às fantasias da juventude.

Freqüentemente, olho para Chris e imagino o que ele vê em mim, o que o une a mim de forma tão permanente? Procuro adivinhar também o motivo pelo qual ele não teme o futuro ou a duração que este venha ter, pois é certo que sei cuidar melhor da sobrevivência de mascotes do que de maridos. Entretanto, ele sempre volta para casa com um andar animado, um sorriso feliz, aceitando alegremente os braços que estendo para recebê-lo com a mesma frase de costume:

— Beije-me se me ama!

Sua clientela é grande, mas não demais, de modo que ele dispõe de tempo para cuidar de nossos dois hectares de jardins, enfeitados com as estátuas de mármore que trouxemos dos

jardins de Paul. Na medida do possível, copiamos os jardins de Paul, exceto pelo musgo espanhol; o belo parasita que se agarra às árvores até conseguir matá-las. Emma Lindstrom, nossa governanta, cozinheira e amiga, mora conosco como Henny morava com Paul. Sua família somos nós; ela nos é leal e não se intromete em nossos assuntos particulares.

Pragmático, jovial, o eterno otimista, Chris canta quando trabalha nos jardins. Ao barbear-se pela manhã, cantarola melodias de balé, sem trepidações ou lamentos, como se há muitos anos fosse ele o homem que dançava comigo nas sombras do sótão e jamais permitia que eu lhe visse o rosto. Saberia desde o início que, da mesma forma como me vencera em todos os tipos de jogos, acabaria vencendo o mais importante dentre todos? Por que eu não soubera? Quem me tapara os olhos? Deve ter sido Mamãe quem me disse um dia:

— Case-se com um homem de olhos escuros, Cathy. Olhos escuros sentem tudo com terrível intensidade.

Que piada! Como se olhos azuis não possuíssem profundidade e firmeza. Ela deveria ter aprendido... E eu também deveria ter aprendido. Preocupo-me porque ontem subi ao nosso sótão. Numa pequena alcova lateral, encontrei duas camas de solteiro, com suficiente comprimento para dois meninos se utilizarem delas até a idade adulta. “*Oh! Meu Deus!*” pensei comigo mesma, “*Quem fez isto?*” Eu jamais trancaria meus filhos, mesmo que Jory se lembrasse algum dia de que Chris não é seu pai, mas tio. Eu não os trancaria mesmo que Bart, o menor dos dois, fosse informado da verdade pelo irmão. Eu seria capaz de enfrentar a vergonha, o embaraço e a publicidade que arruinariam Chris profissionalmente. Não obstante... não obstante, comprei hoje uma cesta de piquenique, do tipo com tampa dupla que se abre nas pontas: exatamente a mesma espécie de cesta que a avó usava para levar-nos comida.

Portanto, deito-me nervosa e permaneço acordada, temendo o que existe de pior em mim e esforçando-me para agarrar-me ao que tenho de melhor. Tenho a impressão, ao virar-me na cama para aconchegar-me ao homem que amo, de poder escutar o vento frio soprando das montanhas azuladas tão distantes. É o passado que jamais consigo esquecer, que lança sombras sobre todos os meus dias e se esconde furtivamente pelos cantos quando Chris está em casa. Esforço-me realmente para ser como Chris, sempre otimista, quando estou muito longe de ser o tipo capaz de esquecer o azeitado no reverso da mais brilhante das moedas.

Mas... não sou como ela! Posso parecer-me fisicamente com ela, mas, por dentro, sou honrada! Sou mais forte e mais decidida! No final de tudo, vencerá o que tenho de melhor. Tenho certeza. O melhor tem que vencer, às vezes... não é mesmo?

FIM

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>